John Carter Brown
Library
Brown University

The John Carter Brown Library
Brown University
Purchased from the
Louisa D. Sharpe Metcalf Fund

VIRIDARIO EUANGELICO,

EM QUE AS FLORES DA VIRTUDE

ſe illuſtraõ com diſcurſos Moraes, e os fructos da Santidade ſe exornaõ com Panegyricos, em varios Sermoens.

PARTE III.

DEDICADA, E OFFERECIDA

A' GLORIOSA VIRGEM

SANTA GERTRUDES A MAGNA,

Da Sereniſſima, e Antiquiſſima Caſa dos Condes de Mansfeld, em Alemanha: Abbadeſſa do Moſteiro de Rodardes, e Fundadora do de Helpede em Saxonia, da Ordem de S. Bento.

POR SEU AUTHOR

Fr. MATTHEUS DA INCARNAÇAM PINNA,
Monge de S Bento do Brazil, Jubilado em Theologia, Provincial que foy da meſma Provincia, e ſegunda vez D. Abbade do Moſteiro do Rio de Janeiro.

LISBOA:
Na Officina de FRANCISCO DA SILVA

MDCCXLVII.
Com todas as licenças neceſſarias.

RPUCB

LICENÇAS.

Do Santo Officio.

Approvaçaõ do M. R. P. Meſtre Fr. Thomaz de S. Jozé, da Ordem da Sãtiſſima Trindade, Qualificador do Santo Officio, &c.

EMINENTISSIMO SENHOR.

POr ordem de V. Eminencia via terceira parte de Sermoens, que prégou, e com titulo de *Viridario Evangelico* intenta imprimir o Reverendiſſimo P. Meſtre Doutor Fr. Mattheus da Incarnaçaõ Pinna, Jubilado em Theologia, Monge, e Ex-Provincial da Congregaçaõ Ultramarina do Grande Patriarca S. Bento, eme parecem merecedores da meſma luz publica, e geral acceitaçaõ, de que gozaõ os mais Sermoens do meſmo Author, que já correm impreſſos; porque todos, como eſtes, formaõ hum delicioſo, e ameno jardim, em que ſe vem flores, e fructos de ſingular erudiçaõ, e fecundidade: e ſendo as flores, e fructos do talento deſte Author taõ admiraveis, era juſto que naõ ſó na America lograſſem os nacionaes da ſua ſuavidade, e fragrancia, mas tambem que por meyo da eſtampa ſe trouxeſſem para Portugal, ou tam-

bem se admirassem, e apparecessem na nossa terra os fructos, e flores de taõ delicioso jardim: *Flores apparuerunt in terra nostra.* Cant. cap. 2.

Neste jardim florîdo, ou Viridario Evangelico achará o leitor advertido tal singularidade, que em cada flor, que vir, colherá remedios saudaveis para se livrar do contagio da culpa, e da enfermidade do peccado. Discreto Orador, que ás flores, e boninas de hum jardim, que recreaõ, e suavizaõ os sentidos do corpo, soube com nunicar virtude para despertar, e arguir os descuidos da alma, podendo-se accommodar aqui o que a outro intento disse Plinio l. 2. cap. 6. *Pinxit remedia in floribus, visuque ipso animos incitavit, etiam delitiis auxilia permiscens!* E sendo este livro de hum Author, ou de hum Mestre taõ versado na Theologia Escholastica, Expositiva, e Dogmatica, como testimunhaõ os seus escritos, cheyos todos das doutrinas mais solidas dos Santos Padres, de opinioens mais bem fũdadas dos Doutores, e de expoſiçoens mais claras dos Sagrados Interpretes; sendo este livro, torno a dizer, de hum Author, que todo o seu intento he dissipar vicios, facilitar a virtude, e arrancar heresias, quem duvîda que nelle naõ póde haver cousa, que seja opposta á observancia dos bons costumes, e artigos da nossa Santa Fé; assim o julgo, e por muitos titulos digniſſimo de se imprimir. Lisboa, Trindade 8. de Novembro de 1745.

Fr. Thomaz de S. Jozé.

Approva-

Approvaçaõ do M. R. P. Meſtre Fr. Manoel do Eſpirito Santo, Qualificador do Santo Officio, &c.

EMINENTISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR.

ESte triunfo da Primavera, ou ſingular hoſpicio de Flora, que pertende fazer publico aos olhos de todos, neſte terceiro tomo de ſuas Oraçoens Sagradas, o M. R. P. Meſtre Fr. Mattheus da Incarnaçaõ Pinna, Jubilado na Sagrada Theologia, Provincial que foy na ſua Provincia Beneditina no Eſtado da America Portugueza, e ſegunda vez D. Abbade no Moſteiro do Rio de Janeiro, exhala na variedade de ſuas flores a fragrancia para o recreyo do eſpirito, ſem que neſte Viridario Evangelico ſe deſcubra a menor imperfeiçaõ na boa repartiçaõ das primoroſas plantas, que o reveſtem, e na artificioſa compoſiçaõ com que ſe adorna. As verdades Catholicas, que eſtes Sermoens manifeſtaõ, eſtaõ cõvidando a huma particular liſonja para os ſentidos, e a huma eſpecial conſolaçaõ ás eſpirituaes potencias para ſe empregarem no deſprezo do mundo, e ſeguirem o verdadeiro deſengano na ley de Deos. A iſto excita hum perfeito Viridario; porque na fertil amenidade com que ſe acredita, bem moſtra o decoro da auſteridade Chriſtaã a que convida. Na firmeza de ſuas vegetantes eſtrellas collocadas na eſféra de odoriferos Aſtros perſuade aos peccadores profigaõ no perenne ſentimento de ſuas culpas, para que ſe naõ affaſtem da perſeverança na emenda da vida. A melhor galla, e luſtroſo enfeite, que nelle ſe admira, he a purpura da roſa, Rainha das flores, defendida por penetrantes, e agudiſſimos eſpinhos: mas no meſmo tempo em que eſtes lhe ſervem de indefectivel guarda, tambem ſaõ ſeveros caſtigadores de ſua vaidoſa pompa demonſtrativa da pouca du-

raçaõ da vida humana. A iſto perſuade todo o Viridario terreſtre com a multiplicidade das melhores flores de que ſe reveſte, empenhando-ſe ſeu Author na cultura de varias, e exquiſitas plantas. Mas com mayor excellencia ſe admira neſte ſagrado Viridario, quando o Evangelico cultor, que ſe empenhou na ſua compoſiçaõ, o plantou no campo da Igreja Catholica, ſem algum defeito, repartindo com ſingular erudiçaõ as plantas, de que brotaõ as mimoſas flores da melhor eloquencia. Como ſaõ a mageſtade da Religiaõ Chriſtaã exaltada; a ſantidade da Ley do verdadeiro Deos manifeſta; a profundidade dos Divinos myſterios, ainda que altiſſimos, explicada; a gravidade da culpa reprehendida, e o rigor do caſtigo eterno ameaçado. E Viridario aonde ſe deſcobrem taõ eſpirituaes flores juſtamente he todo Evangelico, e digniſſimo de ſe admirar plantado no mundo Chriſtaõ, e naõ menos para iſſo da licença de V. Eminencia, por naõ ſe encontrar nelle couſa offenſiva das regras da Fé Orthodoxa, e rectidaõ dos bons coſtumes. V. Eminencia mandará o que for ſervido. Real Convento de S. Franciſco da Cidade de Lisboa, 10. de Janeiro de 1746.

Fr. Manoel do Eſpirito Santo.

VIſtas as informaçoens, póde-ſe imprimir o terceiro tomo do *Viridario Evangelico*, Author o P.M.Fr. Mattheus da Incarnaçaõ Pinna, e depois de impreſſo tornará para ſe conferir, e dar licença que corra, ſem a qual naõ correrá. Lisboa, 11. de Janeiro de 1746.

Fr. R. Alancaſtre. Silva. Soares. Abreu. Almeida. Trigoſo.

Do

Do Ordinario.

Approvaçaõ do M. R. P. Meſtre Fr. Franciſco Auguſto, Religioſo de N. Senhora do Carmo, &c.

EXCELLENTIS. E REVEREND. SENHOR.

ESta terceira parte do *Viridario Evangelico*, que compôs, e quer communicar ao publico por beneficio da eſtampa, o M. R. P. Meſtre Doutor Fr. Mattheus da Incarnaçaõ Pinna, Monge da ſempre illuſtre Congregaçaõ do Grande Patriarca S. Bento do Braſil, contêm treze Sermoens, todos partos legitimos do talento fecundiſſimo do ſeu Author; porque a naturalidade dos diſcurſos he taõ igual em todos, que ſó o ſeu grande engenho podia unir em hum volume treze Sermoens com idêas ſingulares: nelles ſe vê deſempenhado inteiramẽte o titulo, que dá a eſte ſeu *Viridario*; porque nos diſcurſos Moraes ſe achaõ as flores da virtude exhalando oloroſas fragrancias, com que eſtá attrahindo os animos dos Fieis para o exercicio de virtuoſas obras, e nos Panegyricos ſe encontraõ os fructos da ſantidade taõ bem ſazonados, que a meſma doçura, com que os exorna, excita as vontades para que goſtem a ſuavidade, que nellas acháraõ aquelles ſantos exemplares, que melhor ſouberaõ tomar-lhe o goſto, quando as praticaraõ nas vidas; procurando aſſim por eſte meyo, que aos vicios ſe tome tédio de ſorte que na emenda dos coſtumes veja o Author deſte livro bem logrado o fructo do ſeu trabalho literario.

He gloria naõ vulgar deſta antiquiſſima Congrega-

çaõ, e Religioſa Familia, que os ſeus filhos doutiſſimos trabalhem com zelo taõ incançavel para o bem eſpiritual dos proximos, conſervando ſempre aquelle recolhimento, e retiro do ſeculo, que tanto lhes recõmenda o ſeu Santo Patriarcha; porque ſem ſahirem dos ſeus Religioſos Moſteiros illuſtraõ a Igreja, enſinaõ a perfeiçaõ Religioſa, e fructificaõ tanto para o Ceo, que me naõ ſey determinar ſe he mayor o fructo, que tiraõ da penitencia, e mortificaçaõ, que obſervaõ dentro dos clauſtros, adonde praticaõ as virtudes em ſilencio, ou ſe ſe excedem a ſi meſmos nas doutrînas, que nos ſeus eſcritos enſinaõ aos proximos, quando ſahem á luz com as obras, em que ſantamente empregaraõ o tempo, que lhes reſtou dos ſeus Monaſticos exercicios.

Seguindo pois o exemplo dos ſeus mayores, quiz o Author deſte livro augmentar a gloria da ſua Religiaõ Sagrada, procurando que, de terras taõ diſtantes, ſe fizeſſe publico neſte Reyno o ſeu talento relevante na continuaçaõ da obra deſte ſeu *Viridario*, no qual entendo que as duas partes antecedentes ſeraõ em tudo ſimilhantes a eſta terceira parte, a qual eſtá taõ abundante de flores de virtudes, e eloquencia ſagrada, quanto chea de fructos de ſantidade heroica, exornada de ſingulares conceitos, provas genuinas, e Eſcrituras bem applicadas ſem offenſa da noſſa Santa Fé, nem oppoſiçaõ aos bons coſtumes: iſto he o que entendo. Carmo de Lisboa, 16. de Abril de 1746.

Fr. Franciſco Auguſto.

Viſta

Vista a informaçaõ, podem-se imprimir os Sermoens de que trata a petiçaõ, e depois de impressos tornem, para se dar licença para correr. Lisboa, 17. de Abril de 1746.

D. Jozé Arcebispo de Lacedemonia.

Do Paço.

Approvaçaõ do M. R. P. Mestre Fr. Antonio de Nazareth, Religioso de Santo Antonio dos Capuchos, &c.

SENHOR.

ESte Florilegio delicioso, ou Viridario Evangelico, que o Muyto R. P. M. Doutor Fr. Mattheus da Incarnaçaõ Pinna, Monge, e filho do Inclito, e Preexcelso Patriarcha S. Bento, Jubilado na Sagrada Theologia, Provincial que foy no Estado Brasilico, e segunda vez D. Abbade do Convento do Rio de Janeiro, pertende com licença de Vossa Magestade dar ao prélo, he o terceiro tomo: e quem ler o segundo, e primeiro, sem duvida se verá naquelle aprazivel engano, e agradavel erro, que elevava o entendimento daquelles pays, de quem diz Virgilio naõ sabiaõ distinguir os filhos, huns com outros equivocados: *Indiscreta suis, gratusque parentibus error*; Æn. 10. 292. Os tres tomos, que este grande Oraculo tem escrito, todos saõ filhos do mesmo parto, e taõ parecidos, que só se podem distinguir pelo numero: assim os encheo de

de discursos elevados, assim os enriqueceo de pensamentos subidos, que o ornato de hum, parece composiçaõ de todos; em taes termos, que sendo todos tres irmãos, todos para a estimaçaõ se devem reputar como primos: mas quem fizer reflexaõ neste terceiro tomo, naõ poderá negar à razaõ que este tem para se dizer sem mysterio, ou trino e uno, ou primeiro sem segundo.

He proverbio Aristotelico, e axioma Pitagorico, que o numero ternario he taõ cabalmente perfeito, que he o compendio, e epilogo de todos: *Tria sunt omnia, ipsum omne, & omnia in tribus sunt determinata*; este terceiro tomo he taõ singular, e unico, que he o epilogo do segundo, e do primeiro: tanto se esmerou em este o Author, e apurou o seu engenho, que nos outros ideou o modello, e neste pôs o complemento; nos outros fez o ensayo, e neste mostrou o desempenho; porque em este se achaõ os assumptos mais curiosos, os conceitos mais agudos, os Textos mais ajustados, as provas mais genuinas, as palavras mais limadas, todas selectas, e em nada affectadas, antes compostas, e taõ bem dispostas, que nos mesmos periodos florecem primaveras na fragrancia do estilo, e fructificaõ outonos na substancia do discurso. Treze Sermoens contêm este Sermonario, o numero treze lá tem sua correlaçaõ com o numero ternario, e a singularidade deste terceiro tomo bem mostra que o Author deste Florilegio ainda está nos seus treze: na variedade de figuras com que os adorna, se inculcaõ as maximas da sua singularidade; nas engraçadas flores da Rhetorica com que os enfeita, se gostaõ os mesmos fructos da eloquencia: cada Panegyrico se equivoca com a arvore da Sabedoria, que a Providencia Divina plantou no Paraiso, naõ pintada com os rasgos

de

de penna, mas felizmente naſcida neſte Viridario, a impulſos da natureza; porque os aſſumptos naturalmente naſcem da raiz do Texto, e deſte ſe dilataõ em ramos, que ſendo agradavelmente viſtoſos, lhes cortou todas as folhagens, deixando-lhe ſó a delicia das flores para o recreyo, e a madureza dos fructos para o eſpirito; porque ſem perder o credito de Orador Optimo, logra o applauſo de Prégador Apoſtolico: enſina, abranda, e deleita, que ſaõ as prendas, que em outro Viridario affirma o Doutiſſimo Mendonça ha de ter a rhetorica do Prégador, e Orador, para preſtar, e ſe as naõ tem, naõ preſta a ſua eloquencia: *Optimus Orator ille eſt, qui docet, qui flectit, qui delectat: hæc tria niſi præſtet, non præſtat eloquentia:* Mendonc. in Virid. de floribus Rhetoricæ ſchol. 4. n. 95. Todas eſtas prerogativas ſoube conciliar o Author neſte Viridario em tudo Optimo, na affluencia com que enſina aos neſcios, na eloquencia com que deleita os entendidos, e na efficacia com que abranda os obſtinados, merecendo juſtamente o titulo de Evangelico, florido, ameno, e fructuoſo; fazendo-ſe aſſim naõ ſó acredor da licença, que pede, mas de que V. Mageſtade lhe ordene, para noſſa utilidade, que eſcreva, e continue, como lá mandou ao amado Evangeliſta o Anjo do Apocalypſe: *Scribe, quia hæc verba fideliſſima ſunt, & vera.* cap. 21. n. 5.; ou como lê Aretas: *Sermones iſti fideles ſunt, & veri*; em tudo ſaõ eſtes Sermoens fieis, conformes, e uteis: uteis aos Fieis, conformes ás leys, e bons coſtumes, e nada tem de infieis ao Real ſerviço de V. Mageſtade, que ordenará o que for ſervido. Lisboa, em o Convento de Santo Antonio dos Capuchos, aos 9. de Mayo de 1746.

Fr. Antonio de Nazareth.

Que

QUe se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará a esta Mesa para se conferir, e taxar, e dar licença para correr, sem a qual naõ correrá. Lisboa, 16. de Mayo de 1746.

Vaz de Carvalho. *Almeida.* *Carvalho.*

DO

DO SANTO OFFICIO.

VIsto eſtar confórme com o original, póde correr. Lisboa, 16. de Mayo de 1747.

Fr. R. de Alencaſtr. Silva. Abreu. Amaral. Almeida.

DO ORDINARIO.

PO'de correr. Lisboa, 19. de Mayo de 1747.

D. Jozé Arcebiſpo de Lacedemonia.

DO PAÇO.

QUe poſſa correr, e taxaõ em quinhentos e cincoenta reis. Lisboa, 19. de Mayo de 1747.

Coſta. Almeida.

TABOA
DOS SERMOENS,

Que se contém nesta terceira parte.

SERMAM I. Da Conceiçaõ purissima da Mãy de Deos.

SERMAM II. Nas Exequias do Excellẽtissimo Bispo do Rio de Janeiro.

SERMAM III. De N. Senhora do Pilar.

SERMAM IV. Do Glorioso Principe dos Patriarcas.

SERMAM V. Da Soledade.

SERMAM VI. Do Santissimo Rosario.

SERMAM VII. Do Santissimo Sacramento.

SERMAM VIII. De N. Senhora da Graça.

CINCO

CINCO SERMOENS NAS TARDES das cinco Domingas da Quareſma.

SERMAM IX. Na Tarde da primeira Dominga.

SERMAM X. Na Tarde da ſegũda Dominga.

SERMAM XI. Na Tarde da terceira Dominga.

SERMAM XII. Na Tarde da quarta Dominga.

SERMAM XIII. Na Tarde da quinta Dominga.

SERMAÕ I.
DA
CONCEIÇAÕ
PURISSIMA
DA MÃY DE DEOS.

Em dia do Apoſtolo S. Thomé, na Igreja da Candelaria do Rio de Janeiro, eſtando expoſto o Santiſſimo Sacramento. Anno de 1711.

Liber generationis Jeſu Chriſti. Matth. 1. 1.
Affer manum tuam, & mitte in latus meum.
Joan. 20. 27.

§. I.

1 A INCREDULIDADE, e a Fé, a obſtinaçaõ, e a piedade, vemos em competencia hoje, ſahindo ao theatro da ſolemnidade preſente. (Senhor, que neſſe Throno oſtentando o voſſo amor, apurais a noſſa Fé.) O dia, e a devoçaõ uniraõ na preſente hora a incredulidade, e obſtinaçaõ de Thomé com a

noſſa Fé, e a noſſa piedade. Thomé obſtinado, ſem ſe deliberar a crer o myſterio da Reſurreiçaõ de
Joan.20.25. Chriſto: *Non credam.* Nós crendo já, com Fé pia, o myſterio da Immaculada Conceiçaõ de Maria, ainda o deſejamos confeſſar, como artigo definido, e augmentar com eſte os da noſſa Fé, rogando a Deos neſta parte, como a Chriſto em outro
Luc. 17. 5. tempo os Apoſtolos: *Adauge nobis fidem.* Taõ retardada eſteve a Fé no Apoſtolo, para confeſſar; como em nós prevenida, e prompta a devoçaõ para crer. O Apoſtolo, depois de incredulo, ſe deo por convencido; porque confeſſou finalmente o myſterio da Reſurreiçaõ, em que duvidava. Nós, que temos por indubitavel que a Mãy de Deos foy iſenta da culpa original, eſcuſamos já de ſer convencidos neſte ponto; mas para mayor credito de noſſa devoçaõ, e piedade, o que foy argumento para ſe render a obſtinaçaõ de Thomé, ſerá meyo para ſe exaltar o myſterio da Conceiçaõ de Maria; porque o meſmo lado, que ſegunda vez ſe fez aberto, e patente para prova da Reſurreiçaõ de Chriſto: *Affer manum, & mitte in latus meum, & noli eſſe incredulus*; hoje ſe abrirá tambem (ou veremos que já na primeira vez ſe abrio) para que a Mãy de Deos em ſua Conceiçaõ foſſe preſervada da culpa original. Entremos pelos Evangelhos, da ſolemnidade, e do preſente dia.

2 *Liber generationis Jeſu Chriſti.* Livro da geraçaõ de Jeſu Chriſto. E qual ſerá a propriedade, com que, celebrando a Igreja a Conceiçaõ de Maria Santiſſima, nos traz á memoria a geraçaõ temporal de Chriſto? O meu Santo Anſelmo a deo muy propria; porque diz que a Conceiçaõ da Mãy Puriſ-

Puriſſima foy talhada pela geraçaõ do Filho: *Conceptio Matris generatio eſt Filii*; de tal ſorte, que naõ chegaremos a penetrar o myſterio daquella Conceiçaõ, ſem que nos recordemos deſta geraçaõ: *Dominicæ Matris Conceptionem colere, Chriſti generationem eſt commemorare.* Atéqui o Santo Doutor. Mas em que conſiſtirá a proporçaõ, e conreſpondencia entre a Conceiçaõ de Maria, e a geraçaõ de Chriſto?

D. Anſelm. Epiſt. ad Epiſc. & Orthod. Angl. ſive tract. de Concept. B. Mar. in fine.

3 Para deſcobrirmos nós a razaõ, e propriedade deſta ſimilhança, já que a naõ declarou Santo Anſelmo, devemos notar que na Conceiçaõ da Senhora, e no myſterio della, naõ celebramos a obra da natureza, mas ſim o prodigio da graça. Naõ feſtejamos que Maria Santiſſima foſſe concebida em Santa Anna por geraçaõ natural: ſolemnizamos ſim, que pelos merecimentos de Chriſto, já previſtos, foſſe preſervada da culpa original, e della remida antes que a contrahiſſe. Com eſta clareza, e advertencia, compararemos agora o myſterio da Conceiçaõ da Mãy com o myſterio da geraçaõ do Filho. Para eſta, como enſina a Fé, naõ houve conſorcio de Varaõ. Maria Santiſſima encendida em amor de Deos diſtillou de ſeu coraçaõ humas gottas de ſangue puriſſimo, do qual ſe formou o corpo, em que o Divino Verbo incarnou. Aſſim o entende a Theologia Myſtica, e a Eſcholaſtica com S. Boaventura, Santo Alberto Magno, e muitos outros Doutores: *Guttæ ſanguinis puriſſimi ex corde defluxerunt in locum, ubi conceptio fit... & corpus perfectiſſimum efformatum eſt ex illo ſanguine.* Paſſando agora da geraçaõ do Filho ao myſterio da Conceiçaõ da Mãy,

D. Bonav. B. Alb. M. Bonher. t. 2. Conc. pro die Vener. S. n. 8. Aguil. orat. 11. n. 6. Myſtic. Ciudad. de Dios part. 2.

isto he, á sua redempçaõ, e preservaçaõ; qual vos parece foy o preço especial da preservaçaõ, e anticipada redempçaõ de Maria Santissima? Que merecimento vos parece offereceria Christo ao Eterno Padre, especialmente applicado pela preservaçaõ de sua Mãy Santissima, a quem especialmente remia, preservando-a de toda a culpa?

4 Para resolvermos esta questaõ cabalmente, havemos abrir o Evangelho do presente dia, e entrar pelo lado de Christo aberto: *Affer manum tuam, & mitte in latus meum.* A circunstancia do dia, e concurrencia deste Evangelho me faz descobrir agora, o que já d'antes me tinha persuadido, e he: que o preço, com que Christo remio a sua Mãy Santissima, e o merecimento especial, que offereceo ao Eterno Padre, para a preservar do contagio de Adaõ, foy o Sangue do coraçaõ, que lhe emanaria do lado, quando a lança cruel, que lho abrio, lhe traspassasse tambem o coraçaõ, como foy revelado a Santa Brigida: e eis-aqui o como se descobre o mysterio da Conceiçaõ da Mãy, no mysterio da geraçaõ do Filho. Concorreo a Mãy com o sangue mais puro de seu coraçaõ para gerar o Filho: e este, com o Sangue puriſſimo de seu coraçaõ, concorreo para remir, e preservar a Mãy. Na geraçaõ de Christo se empenhou Maria: e pelos mesmos lances se tinha desempenhado Christo na Conceiçaõ de Maria. Na geraçaõ de Christo deo a Mãy o sangue do coraçaõ para o Filho: e na Conceiçaõ da Mãy offereceo o Filho o Sangue do coraçaõ pela Mãy. Naõ seja só pensamento meu, o que tambem foy conceito do mesmo Illustrissimo Zerda: *Sanguis, qui miro fonte, ex cæso enecti corporis*

Revelat. lib. 2. c. 21.

Zerd. de B. V. Acad. 1. sect. 8. subsect. un.

ris latere fluxit, adsono concentu ad immaculatum sanguinem, ex quo compactum fuerat Domini corpus, alludit. Este he o fino, e admiravel primor, por onde a Conceiçaõ de Maria se mostra na geraçaõ de Christo naõ escuramente expressada: *Dominicæ Matris Conceptionem colere, Christi generationem est commemorare.* Esta he tambem a propriedade, que nos offerece a (talvez mysteriosa) occurrencia dos Evangelhos: dando-nos o segundo luz para se descobrir o assumpto no primeiro: *Liber generationis Jesu Christi. Affer manum tuam, & mitte in latus meum.* Maria Santissima remida, e preservada da culpa original por virtude do sangue do coraçaõ de Christo, que lhe emanou pela Chaga do lado, he toda a novidade do assumpto, mas naõ da materia. Entremos a desempenhar em taõ antiga materia taõ novo assumpto, e imploremos o auxilio da Divina graça.

AVE MARIA.

§. II.

Liber generationis Jesu Christi.
Affer manum tuam, & mitte in latus meum.

5 NA geraçaõ de Christo vemos hum empenho da Conceiçaõ de Maria: e no mysterio da Conceiçaõ desta Senhora hum desempenho da mysteriosa geraçaõ de Christo. De seu coraçaõ distillou a Mãy de Deos o mais puro sangue, para se formar o corpo, que na Incarnaçaõ unio a si o Divino Verbo. Este, para que sua Mãy Santissima

foſſe preſervada da culpa, quando ſe concebeſſe; offereceo o Sangue do coraçaõ, que previo lhe ſahiria pela Chaga, e porta do lado, quando lho abriſſem na Cruz. Naõ ſou muy amigo de novidades. Mais quero ſahir com o que diſſeraõ os antigos Padres, do que inventar aſſumptos, que lhes naõ paſſáraõ pelo entendimento; e o que agora me ouvís, muito antes o diſſeraõ elles, e primeiro que todos o Grande Tertulliano, que começou a florecer em doutrina, quando acabava o ſegundo ſeculo da Igreja.

6 Notou pois que Adaõ entregue áquelle taõ grave ſomno, como profundo, e extatico, em que eſteve no Paraiſo, figurava a Chriſto morto na Cruz; e elevando o conceito, diſſe, dilatando mais o diſcurſo, que aſſim como do lado de Adaõ adormecido ſahio a triſte Eva, mãy dos viventes, aſſim do lado de Chriſto morto ſahio aquella ditoſa, e melhor Mãy dos viventes, que em Eva ſe figurou: *Si enim Adam de Chriſto figurabat, ſomnus Adæ mors erat Chriſti, dormituri in mortem, ut de injuria perinde lateris ejus, vera mater viventium figuraretur.* Ninguem ignora que em Eva ſe figurou Maria Santiſſima, aſſim como Chriſto em Adaõ. Eva foy concebida, ou formada em graça original: Maria Santiſſima tambem concebida em graça, porque preſervada já da culpa original. Eva foy tirada do lado do primeiro Adaõ; porque delle ſahio a materia para ſer formada a que havia de ſer mãy dos viventes. Maria Santiſſima foy preſervada da culpa no lado do ſegundo Adaõ; porque do lado de Chriſto morto ſahio o preço da redempçaõ, e preſervaçaõ da que ſe concebia para ſegunda,

Tertull. libro de Anima. c. 43.

da, e melhor Mãy dos viventes. Esta he a propriedade, e profundissimo conceito, que o mesmo Tertulliano (sempre sentencioso) comprehendeo nas palavras do seu ultimo periodo, que ouvistes: *Ut de injuria perinde lateris ejus, vera mater viventium figuraretur.* Notavel sentença! O merecimento do Sangue, e Chaga do lado consistio na injuria, que com ella se fez a Christo, como dizem os Doutores com S. Joaõ Chrysostomo, e Euthymio; porque como se executou morto Christo, offendia só pelo que injuriava; mas desta injuria resultava para Maria Santissima ser a segunda Eva, concebida em graça, para segunda Mãy dos viventes; porque no merecimento desta injuria, ou no Sangue desta injuriosa Chaga esteve o preço de sua redempçaõ, e preservaçaõ.

D. Chrysost. Euthym. & Sylv. tom. 5. in Evang. lib. 8. c. 20. q. 40. n. 18.

7 Quasi que disse o mesmo Moysés Barcepha, Bispo da Syria, e famoso entre os grandes Padres, e Escritores do decimo seculo da Igreja; porque disse que Christo fora ferido no lado para redempçaõ, e remedio da culpa daquella mulher, que nasceo do lado de Adaõ: *Lanceâ latus Christi percussum est, ut lueret, & expiaret fœminæ illius scelus, quæ ex latere viri per costam fuerat enata.* Ferio o ponto, mas naõ o mysterio; porque apontando bem a ferida, naõ applicou bem o mysterio della. Ferio-se o lado de Christo, sim, para remedio, e especial redempçaõ de huma mulher; mas naõ ha razaõ para que se diga que a mulher, especialmente remida com o Sangue, e Chaga do lado de Christo, fosse a primeira Eva. Assim como Christo, para remir a Adaõ, naõ applicou particularmente por elle algum especial merecimen-

Barcepha Orat. de Oper. sex dier.

to; assim o naõ fez na redempçaõ da primeira Eva; mas sim na redempçaõ, e preservaçaõ da segunda, que para a vida da graça foy gerada, ou formada no lado de Christo, segundo Adaõ, como nos insinúa o Texto dos Proverbios na Versaõ Chaldaica: *Eram in latere ejus.* Duas vezes foy a Mãy de Deos concebida: huma desde a eternidade, na mente Divina: *Nondum erant abyssi, & ego jam concepta eram:* outra em Santa Anna, ao tempo de existir, e apparecer neste mundo. E se a primeira Conceiçaõ, de que falla o Texto, foy no entendimento Divino, em cuja idéa se concebem todas as creaturas; como diz a Senhora que no lado estava concebida *ab æterno? Ego jam concepta; eram in latere ejus?* Porque na idéa, e mente Divina, o ser que tinha a Mãy de Deos só era representado; e lá se representava pura, e preservada da culpa, quando se concebia, por virtude do lado de Christo aberto, para sua especial redempçaõ, e preservaçaõ; assim como para Eva se abrio o lado de Adaõ.

Prov. 8. 30.

Ibid.

8 Parece que logo no principio do mundo, e entre as obras da creaçaõ delle, quiz Deos se visse em figura o que depois havia de obrar nos mysterios da redempçaõ; porèm Eusebio Emisleno, ainda sem olhar para taõ expressa figura, reconheceo o mysterio da especial redempçaõ de Maria Santissima, quando entendeo que do Sangue desta Puriſſima, e Immaculada Mãy recebêra Christo o Sangue, que offereceo por ella: *Sanguinem, quem etiam pro Matre obtulit, de sanguine Matris accepit.* E do Sangue de sua Mãy Santissima qual foy o Sangue, que recebeo Christo? Foy, como

Emisen. Homil. de Nativ. Dom.

mo eſtá dito, o Sangue do coraçaõ : *Guttæ ſanguinis puriſſimi ex corde defluxerunt, & corpus perfectiſſimum efformatum eſt ex illo ſanguine.* Pois eſſe meſmo Sangue do coraçaõ foy tambem o preço, e a redempçaõ, que offereceo por ella : *Sanguinem, quem etiam pro Matre obtulit.*

9 Agora ſe deſcobre o myſterioſo fim de aſſiſtir Maria Santiſſima junto á Cruz, em que eſtava crucificado Chriſto : *Stabat juxta Crucem Jeſu Mater ejus* ; e foy, porque ſahindo-lhe com impeto o Sangue do coraçaõ pelo lado, ſe encaminhaſſe para ella, a quem buſcava como eſpecial preço de ſua redempçaõ. Os rios, em ſeu perenne curſo, buſcaõ continuamente o mar, donde ſahíraõ ; para que diſpendendo com elle o cabedal de ſuas agoas, ſe poſſaõ deſempenhar da divida, que contrahíraõ, quando as recebêraõ. Aſſim aquelle rio de Sangue, que ſahio da fonte do coraçaõ de Chriſto, buſcava a Maria Santiſſima, como querendo recolher-ſe, e tornar para o principio, e virginal ventre, donde havia ſahido, ſegundo diſcorre S. Gregorio Nazianzeno : *Quaſi geſtiviſſet in virgineum uterum redire* ; e bem ; porque ſe dirigia eſſe Sangue, como preço, e deſempenho daquella Mãy, que o diſpendeo para Chriſto.

Joan. 19. 25.

D. Gregor. Naz. apud Zerd. de B. M. Acad. 1. ſect. 8. ſubſect. un.

10 O Sangue, que Chriſto derramou no Horto a impulſo de ſuas agonias, diz o Texto que ſahia buſcando a terra apreſſadamente : *Guttæ ſanguinis decurrentis in terram.* Tambem ſobre a meſma terra ſe derramou o Sangue, que á violencia dos açoutes, eſpinhos, e cravos lhe ſahio das veas ; porque como eſſe Sangue indiſtinctamente era offerecido por Adaõ, e toda a ſua poſteridade,

Luc. 22. 44.

de, buſcava na terra, como na propria origem, toda a natureza humana. Ou na terra buſcava a Adaõ ſepultado já, para que nas cinzas deſte toda a ſua deſcendencia ſe purificaſſe da culpa, que contrahio. Diſſe-o, depois de Tertulliano, Santo Agoſtinho: *Vt ſanguis ille pretioſus, etiam corporaliter, pulverem antiqui peccatoris, dum dignatur ſtillando contingere, redemiſſe credatur.* Mas como o Sangue do coraçaõ de Chriſto era eſpecial redempçaõ, e preſervaçaõ de Maria Santiſſima, em correſpondencia do Sangue, que a Chriſto déra na Incarnaçaõ; para ella eſpecialmente ſe encaminhava: *Sanguis, qui miro fonte, ex cæſo enecti corporis latere fluxit, adſono concentu ad immaculatum ſanguinem, ex quo compactum fuerat Domini corpus, alludit. Quaſi geſtiviſſet in virgineum uterum redire.*

Tertullian. lib. 2. contra Marcian. D. Auguſt. Serm. 71. de Temp.

11 E ſe bem attendermos para as myſterioſas circunſtancias da meſma Chaga do lado, diremos que eſtaõ efficazmente perſuadindo a ſua eſpecial applicaçaõ para remedio preſervativo da May de Deos. Notay. Já tinha Chriſto eſpirado, quando a lança cruel com violencia taõ grande lhe rompeo o lado, que tambem lhe traſpaſſou o coraçaõ. Já naõ podia ſervir; nem merecer, quando recebeo eſſa ferida. E por ventura haveria Chaga no Sacroſanto corpo de Chriſto, que para nós naõ foſſe meritoria? Certo he que naõ. Foy tambem eſſa Chaga meritoria; mas (como enſinaõ os Theologos, e dizem os Interpretes) naõ ao tempo, em que ſe executou. Teve o ſeu merecimento, quando ſe previo. Em vida previo Chriſto, que depois da morte com ſumma injuria lhe abririaõ o peito, e traſ-

Theol. cõmuniter cũ Lugo de Incarn. diſp. 27. ſect. 4. n. 60. Interp. cum A. Lapid. in Joan. 19. v. 33. §. Dicas.

e traſpaſſariaõ o coraçaõ: acceitou a Chaga, e a injuria, e a ſeu Eterno Padre a offereceo; e neſta previſaõ eſteve o merecimento da Chaga. Attendey agora para a Conceiçaõ de Maria Santiſſima, e achareis que a culpa nella ſó foy previſta. Previo o Filho de Deos, que Maria Santiſſima, como filha de Adaõ, incorreria na culpa original; mas como a havia eſcolhido para Mãy, movido do amor de Filho, e tal Filho, decretou remí-la, e preſervá-la deſſa culpa, que previo. Pois com que merecimento a havia de preſervar, e remir eſpecialmente, ſenaõ com o merecimento daquella Chaga, e daquelle Sangue, que ſó foy meritorio, quando foy previſto? As mais Chagas, que ao tempo de ſua execuçaõ foraõ meritorias, derramem o Sangue, com que propriamente ſe haõ de remir culpas contrahidas, e executadas; mas para eſpecial redempçaõ de huma culpa, que pela Mãy de Deos nem foy executada, nem contrahida, (porque foy previſta ſómente) haja tambem huma Chaga, que, naõ ſendo meritoria, quando ſe executou, ſó foy meritoria, quando foy previſta.

12 Todas as mais Chagas foraõ para Chriſto de ſentimento, e dor, quando as recebia; ſó a Chaga do lado naõ, como ſabemos: e a razaõ, ou o myſterio he; porque as mais Chagas geralmente ſe applicavaõ para remedio de culpas, que o aggraváraõ, e offendêraõ: a do lado eſpecialmente ſe offerecia para redempçaõ de huma culpa, em quem o naõ chegou a offender, porque a naõ commetteo, nem contrahio; qual foy a culpa original em ſua Mãy Santiſſima. Nas Chagas, que recebeo o Salvador do mundo, ſe repreſentaõ os

pecca-

peccados, que tomou ſobre ſi, para ſatisfazer pe-
Iſai. 53. 5. los homens: *Vulneratus eſt propter iniquitates noſtras*; e, como enſina o Angelico Meſtre S. Thomaz, diſpôs o rigor da Juſtiça Divina, que na qualidade das chagas ſe viſſe a qualidade das culpas, conforme ao diſpoſto na antiga Ley, em que ſe mandava, que com os delictos ſe menſuraſſem, e
Deuter. 25. 3. proporcionaſſem as chagas: *Pro menſura delicti erit plagarum modus.* Seriaõ humas culpas mais enormes, e mais aggravantes, que outras: por iſſo tambem humas Chagas foraõ em Chriſto mais crueis, e mais penetrantes, que outras. Mas porque na Immaculada Virgem a culpa ſó havia de ſer previſta, e por iſſo naõ chegaria a cauſar dor, ou ſentimento a Chriſto; houve tambem huma Chaga em ſeu Sacratiſſimo corpo, recebida ſem dor, e ſem ſentimento, ſó meritoria, quando previſta, para que com o Sangue della foſſe a Mãy de Deos remida, e preſervada da culpa, que ſó foy previſta, e naõ chegou a ſe contrahir.

§. III.

13 DIſcorri atéqui, fundado na Doutrina dos Padres, e attendendo ás circunſtancias da Chaga, e Sangue do lado. Paſſemos agora ao Sagrado Texto, em que Deos ſe dignou de revelar os ſeus myſterios; porque entendo que entre os do Apocalypſe acharemos alguma figura do preſente. Diz S. Joaõ, que víra abrir-ſe o Templo de Deos no Ceo, e apparecêra logo a Arca
Apoc. 11. 9. do Teſtamento: *Apertum eſt templum Dei in Cœlo, & viſa eſt Arca teſtamenti.* Notavel viſaõ!

Diffi

Difficultoſo Texto! Se o Evangeliſta Profeta no livro do Apocalypſe eſcreve que na Celeſtial Cidade da Jeruſalem Triunfante naõ víra Templo algum: *Templum non vidi in ea*; como nos diz, e perſuade agora que no Ceo ſe abríra o Templo de Deos, e que nelle fora viſta a Arca do Teſtamento: *Apertum eſt Templum Dei in Cœlo, & viſa eſt Arca Teſtamenti?* Que Templo he eſte, que ſe abrio no Ceo, onde naõ ha Templo? Apoc. 21. 22.

14 Naõ he difficultoſa a repoſta, porque he patente o myſterio, naõ menos do que a difficuldade. O Templo, que S. Joaõ vio no Ceo, era o Sacroſanto Corpo de Chriſto na Militante Igreja. Para eſta interpretaçaõ tenho naõ menos authoridade, em que me fúnde, que huma expoſiçaõ do meſmo Chriſto, referida naõ por outro, mas pelo meſmo Evangeliſta; ainda que em outro lugar: *Ille autem dicebat de Templo corporis ſui.* Joan. 2. 21.

Seguio S. Joaõ no Apocalypſe a doutrina, que deixou eſcrita no Evangelho. Neſte, conformandoſe com o entender de Chriſto, diſſe que o ſeu Corpo era Templo; e no Apocalypſe, vendo que ſe abria o Corpo de Chriſto, diſſe que ſe abria o Templo de Deos: *Apertum eſt Templum Dei.* Abrioſe eſte Templo, que he Chriſto, e a Chaga do lado foy a porta, que ſe abrio nelle. Ouçamos a Ruperto Abbade: *Oſtium lateris Templi vulnus eſt in latere lanceato dominici pectoris.* Em proprios termos diz o meſmo Evangeliſta que hum Soldado com a lança abríra o lado de Chriſto: *Lanceâ latus ejus aperuit.* Naõ diz que lhe ferio, ou traſpaſſou o lado; mas ſim que lho abrio: *Aperuit*; porque como aquelle Corpo era Templo de Rupert. in lib. 3. Reg. c. 10. Joan. 19. 34.

Deos,

Deos, e o lado a porta, ferí-lo, e traſpaſſá-lo era abrí-lo; e entaõ o abríraõ, quando lho raſgáraõ com a lança: *Apertum eſt Templum Dei. Lanceâ latus ejus aperuit.*

15 Agora novo reparo. Pois no lado de Chriſto aberto podia ſer viſta a Arca do Teſtamento? Sim; porque aſſim o affirma o Texto: *Viſa eſt Arca Teſtamenti.* Mas que Arca do Teſtamento ſeria eſta, que o Evangeliſta vio no lado de Chriſto aberto? Seguindo a Fabro Celeſtino, era Maria Santiſſima, no myſterio de ſua Conceiçaõ Immaculada: *Arca divini, humanique fœderis ab initio ſui eſſe, & immaculatæ Conceptionis.* Parece que prevío o noſſo penſamento, para o authorizar. Abrio-ſe o lado de Chriſto, e o que particularmente ſe vio, foy Maria Santiſſima, Immaculada, e Puriſſima em ſua Conceiçaõ; porque o lado de Chriſto eſpecialmente ſe abrio para que Maria Santiſſima ſe viſſe pura, e limpa, quando ſe concebeo: *Apertum eſt Templum Dei in Cœlo. Lanceâ latus ejus aperuit. Viſa eſt Arca Teſtamenti. Maria eſt arca divini, humanique fœderis, ab initio ſui eſſe, & immaculatæ Conceptionis.* Hum Texto dos Canticos ſervirá de letra ao preſente Symbolo do Apocalypſe.

Fabr. Cœleſtin. tract. 1. de Conception. B. V.

16 Nos Cantares expreſſamente declarou Chriſto, Eſpoſo Divino, que ſua May Santiſſima era immaculada, e livre de toda a culpa: *Tota pulchra es, & macula non eſt in te.* Tres vezes a chamou para a coroar com tres coroas, como triunfante da culpa original, mortal, e venial: *Veni de Libano Sponſa mea, veni de Libano, veni: coronaberis de capite Amana, de vertice Sanir, & Her-*

Cant. 4. 7.

Verſ. 8.

Hermon. E he muito para ſe notar, que acabando Chriſto de fazer tanta expreſlaõ da immaculada pureza de ſua Mãy Santiſſima, e das coroas, que merecêra pelos triunfos, que conſeguio da culpa, logo paſlou a lhe dizer aſſim: *Vulneraſti cor meum, ſoror mea ſponſa, vulneraſti cor meum.* Feriſte-me o coraçaõ; feriſte-me o coraçaõ, naõ ſó com a ſetta do voſſo amor, mas tambem com a lança cruel, que me traſpaſſou, e abrio o lado na Cruz: *Per carnale vulnus, quod Chriſtus in Cruce accepit in latere*; commentou admiravelmente S. Bernardo. E que dependencia tem a pureza ſempre immaculada da Mãy de Deos deſta ferida do coraçaõ, e Chaga do lado de Chriſto, para della ſe fazer memoria, logo que ſe declarou ſer Maria Santiſſima izenta de toda a culpa, e immaculada? Muita, e naõ menos que a do effeito com a ſua cauſa; porque eſta Chaga foy a cauſa eſpecialmente meritoria daquella immaculada pureza. O Sangue do coraçaõ traſpaſſado, que emanou, e ſahio por ella, era o preço, com que a Mãy de Deos foy preſervada da culpa: por eſſa razaõ, quando Chriſto declara a pureza immaculada de ſua Mãy Santiſſima, faz logo expreſſaõ, e memoria da Chaga do lado, e ferida do coraçaõ, para que ſe entenda que com o Sangue delle foy eſta Senhora remida de toda a culpa: *Tota pulchra es, & macula non eſt in te. Vulneraſti cor meum, vulneraſti cor meum. Per carnale vulnus, quod Chriſtus in Cruce accepit in latere.*

Verſ. 9.

D. Bern. ſive Author lib. de Paſſ. Domin.

§. IV.

§. IV.

17 NOtay agora eſta notavel ampliaçaõ do noſſo aſſumpto, que dará tambem a diviſaõ delle. O Sangue, que ſahio pelo lado de Chriſto, eſpecialmente era, ou figurava o Sangue do Sacramento Euchariſtico, como dizem os Expoſitores, ſeguindo a S. Joaõ Chryſoſtomo, Santo Ambroſio, e a Santo Agoſtinho. Pois ſe Maria Santiſſima foy remida, e preſervada da culpa original, pelo merecimento, e preço daquelle Sangue, que emanou do lado de Chriſto; tambem foy eſpecialmente preſervada, e remida com o Sangue do Sacramento Euchariſtico. De ſorte que, como eſte Sangue Euchariſtico (além de ſahir do coraçaõ de Chriſto, onde tinha a fonte) trazia ſua origem do ſangue do coraçaõ da Senhora; tambem ſe applicava eſpecialmente por ella, *como en retorno*, (deixay-me uſar das meſmas palavras, com que ſe explica a Veneravel Sor Maria de Jeſus na ſua Myſtica Ciudad de Dios) *como en retorno de la Sangre, que dió en la Incarnacion del Verbo, para que de ella ſe formaſſe aquella Humanidad Santiſſima, con quien ſe unió hypoſtaticamente.* E eſta he a razaõ de dizer Chriſto, que ſua Immaculada Mãy lhe feríra o coraçaõ duas vezes: *Vulneraſti cor meum: Vulneraſti cor meum.* Naõ recebeo Chriſto mais de huma Chaga no coraçaõ; pois como duas vezes foy nelle ferido por eſta Immaculada Senhora? Porque ſe bem a Chaga ſó era huma, no effeito eraõ duas Chagas, pois duas vezes ſe derramou o Sangue

Myſtic. Ciudad. part. 3. lib. 7. cap. 8. num. 124.

do

do coraçaõ de Chriſto. No Sacramento huma vez: *Vulneraſti cor meum*; e outra vez na Cruz: *Vulneraſti cor meum*; para que a preço de hum, e outro Sangue, eſpecialmente applicado, foſſe a Mãy de Deos preſervada de toda a culpa: *Tota pulchra es, & macula non eſt in te.*

18 E ſem duvida myſterioſamente convinha que o Sangue do Sacramento Euchariſtico, e Sacrificio incruento, foſſe eſpecialmente applicado para remedio deſta Immaculada Senhora, naõ menos que o do coraçaõ, e lado de Chriſto. Porque a preſervaçaõ da culpa em Maria Santiſſima foy huma redempçaõ anticipada, na qual Chriſto ſe anticipou a offerecer a ſeu Eterno Padre o preço da redempçaõ de ſua Mãy Santiſſima, para que ella naõ chegaſſe a contrahir a culpa. E qual foy o Sangue, que Chriſto offereceo anticipadamente? Certo he que foy o do Sacramento; porque antes que lho tiraſſem com violencia, elle ſe anticipou com divina, e amoroſa traça a derramá-lo, e a offerecê-lo no Sacrificio, que inſtituio na ultima Cea. Pois eſſe foy o que eſpecialmente ſe appliçou para anticipada redempçaõ deſta Immaculada Senhora. De ſorte que o Sangue do lado, e o Sangue do Sacramento, aſſim como eraõ ambos o meſmo Sangue, aſſim eraõ duas partes do meſmo preço, com que a Mãy de Deos foy remida, e preſervada de toda a culpa. Concorreo a Chaga do lado, ſó meritoria quando foy previſta; porque na Senhora a culpa original naõ foy contrahida, foy ſó previſta. Concorreo anticipandoſe o Sangue do Sacramento; porque em Maria Santiſſima a redempçaõ ſe anticipou à culpa. Hum,

e outro Sangue emanava do coraçaõ de Chriſto: por iſſo huma, e outra vez lhe ferio eſta Senhora o coraçaõ para ſer Immaculada : *Tota pulchra es, & macula non eſt in te. Vulneraſti cor meum, vulneraſti cor meum.*

19 O livro dos Cantares de Salomaõ he todo myſtico ; mas neſte ponto parece que hiſtorica, e literalmente ſe naõ explicaria com mais clareza a favor do noſſo aſſumpto. E com tudo, bem advirto que me he preciſo naõ paſſar adiante , ſem ſatisfazer a hum reparo, que em vós eſtou percebendo. He eſte: O Sangue do Sacramento, e o que emanou do lado de Chriſto foy , e he a redempçaõ , e remedio de todos os homens : pois como podia hum , e outro ſer applicado para eſpecial preſervaçaõ da Immaculada Senhora? Porque eſſa he a virtude infinita do amor de Chriſto , e do infinito valor deſuas acçoens meritorias. Nem hum merecimento, e nem huma acçaõ ordenava Chriſto , ou dirigia eſpecialmente por algum dos homens , que naõ foſſe meritoria para todos ; porque ſe offereciaõ por todos os homens, ainda quando ſe applicavaõ eſpecialmente por alguns.

20 A jornada , em que Chriſto tanto ſe fatigou , ſahindo de Judéa , e caminhando para Galiléa , ſe ordenava , e dirigia a converter em Samaria huma mulher , que da Cidade de Sicar havia de ſahir à fonte , em que deſcançaſſe Chriſto. Em Capharnaúm, Emporio celebre de Judéa, fazia repetidos milagres; em Betzaida prégava, para com as ſuas prégações, e milagres converter os moradores de huma, e outra Cidade. Mas neſſes milagres, e prégaçoens , como naquella jornada, mere-

merecia Chriſto para todo o mundo. No Cenaculo orou pelos Apoſtolos: na Cruz orou pelos que o crucificavaõ. Mas eſſa oraçaõ applicada no Cenaculo pelos Apoſtolos era meritoria para os homens todos; e eſſa oraçaõ, que na Cruz ſe applicava pelos inimigos, para todos os homens era meritoria. Aſſim tambem o Sangue do Sacramento, e do lado era de redempçaõ para todos os homens; porque o merecimento delle era por todos offerecido, mas era eſpecialmente de preſervaçaõ para Maria Santiſſima, porque para eſte fim eſpecialmente applicou Chriſto o Sangue, que Sacramentou na Cea, e o que do lado derramou na Cruz. Satisfeito aſſim o reparo, que ſe nos propunha, entremos a ponderar agora com diſtinçaõ as duas partes deſte preço da preſervaçaõ de Maria Santiſſima, e vejamos em particular o que eſtá inſinuado em commum.

§. V.

21 RAſgou hum Soldado o peito de Chriſto com lança taõ violenta, que lhe traſpaſſou o coraçaõ de parte a parte, como já ouvimos fora revelado a Santa Brigida, além de ſer commum ſentir dos Padres, e Expoſitores; e logo deſta ferida manou Sangue: *Unus militum lanceâ latus ejus aperuit, & continuo exivit Sanguis.* E por quem mais eſpecialmente que pela Mãy, applicaria o Filho o Sangue, que do coraçaõ lhe ſahia? Bem ſey eu que offerecendo Chriſto pelos homens, ſem excepçaõ alguma, todo o Sangue, que derramou, naõ excluhio da partici- Joãn. 19. 34.

paçaõ delle a ſua Mãy Santiſſima, nem fez diviſivel o preço de ſeu Sangue, com diſtinçaõ entre os que remia. Mas para conreſponder inteiramente ao intenſo amor, com que Maria Santiſſima para o conceber, e elle incarnar, havia diſtillado o ſangue do coraçaõ proprio; pedia a razaõ, e o primor, que tambem Chriſto déſſe, e offereceſſe por ella com muita eſpecialidade o Sangue do coraçaõ: para que naõ faltaſſe no perfeitiſſimo amor do Filho hum quilate, que ſingularmente acriſolou o amor da Mãy.

22 Quiz Deos provar o amor, que lhe tinha o Patriarca Abrahaõ, e lhe mandou que ſacrificaſſe o ſeu unigenito filho Iſaac. Obedeceo Abrahaõ, tirou de ſi o filho, que tinha, para o dar, e offerecer a Deos. Com tal fortaleza, e conſtancia armou o golpe para ao filho tirar a vida, que ſuppoſto o braço lhe ficou ſuſpenſo, o meſmo Deos julgou por executada a acçaõ, e por completo o ſacrificio. Neſte caſo entra Deos a premiar o merecimento de Abrahaõ, e a conreſponder a eſta ſem igual fineza de ſeu amor, e lhe faz duas grandioſas mercês. Promette-lhe a ſua bençaõ: e além deſta, que lhe dará tantos filhos, quantas ſaõ as Eſtrellas, que eſmaltaõ o Firmamento, e as arêas, em que bate o mar: *Benedicam tibi, & multiplicabo ſemen tuum ſicut Stellas Cœli, & velut arena, quæ eſt in littore maris.* E por ventura ficaria ſatisfeito Abrahaõ? Sim; e com muito menos pedia a razaõ, e a juſtiça, que ſe contentaſſe. Mas Deos ainda ſe naõ dava por ſatisfeito; porque ainda ſe naõ julgava deſempenhado. Ainda prometteo a Abrahaõ que lhe daria o ſeu pro-

Geneſ. 22. 17.

prio,

prio, e Unigenito Filho para delle naſcer incarnando na ſua deſcendencia: *Et benedicentur in ſemine tuo omnes gentes terræ*; continuou o Texto: *Quod eſt Chriſtus*, commenta S. Jeronymo. Difficulto agora. Ibid. 18. D. Hier. in Matth. 1.

23 He certo que na ſua bençaõ dava Deos a Abrahaõ muito mais do que elle lhe tinha offerecido em Iſaac. Além de que, ſe Abrahaõ tirava de ſi hum filho, Deos o premiava, e lhe conreſpondia com innumeraveis filhos. Pois como ſe naõ dá por deſempenhado, como ſe naõ aquieta o amor de Deos, ſe taõ grandemente eſtá premiado o amor de Abrahaõ, e conreſpondida a fineza, que havia obrado? Porque julgava Deos que em quanto lhe naõ déſſe tambem o ſeu Unigenito Filho, ainda podia requerer Abrahaõ que com outras mercês, poſto que grandioſas, ſe naõ achavaõ bem conreſpondidos quantos quilates moſtrou o ſeu amor naquelle ſacrificio, em que lhe offerecia o ſeu unigenito Iſaac. Podia allegar o Patriarcha neſta fórma. Sem duvida (Senhor) muito he o que me dais, quando me prometteis a voſſa bençaõ; mas naõ tirais de vós para mim, como eu, que ſacrificando-vos o filho unico, que tinha, de mim o tirava para vós. Eu vos dava o meu filho unigenito; vós porém, ſuppoſto me prometteis tantos filhos como as Eſtrellas, e arêas, ainda me naõ dais o Unigenito Filho, que tendes. Quando me mandaveis que ſacrificaſſe Iſaac, me advertieis que era Iſaac o meu filho, a quem amo: *Tolle filium tuum unigenitum, quem diligis Iſaac*; pois como me quereis agora ſatisfazer com innumeraveis filhos, ſe nenhum delles Geneſ. 22. 2.

he o voſſo Filho, a quem amais? Todas eſtas razoens da parte de Abrahaõ eſtava Deos vendo, e pezando: e como queria premiá-lo, conreſpondendo-lhe a todos os quilates, e circunſtancias de ſeu amor, ſe deliberou a dar-lhe tambem o ſeu Unigenito Filho, para ſatisfaçaõ, e deſempenho cabal de ſua gratificaçaõ: *Benedicentur in ſemine tuo omnes gentes terræ; quod eſt Chriſtus.*

24 Ajuſtadamente para o noſſo caſo. Tinha Chriſto derramado já o Sangue de todo o ſeu corpo para redempçaõ de ſua Mãy Santiſſima, quando o derramou por todos os homens, ſem deſta generalidade exceptuar algum; mas parece que reflectindo em que ſua Mãy Santiſſima, para lhe dar a humanidade, diſtillou o ſangue, que tinha no coraçaõ: julgou que para conreſponder cabalmente ao que recebêra da Mãy, devia por ella dar com eſpecialidade o Sangue, que ainda lhe ficára no coraçaõ. Como ſe diſcorrêra que naõ eſpecializando elle a ſua Mãy Santiſſima na circunſtancia deſta dadiva, naõ ficaria o ſeu amor perfeitamente deſempenhado daquella ardentiſſima charidade, na qual incendido o coraçaõ de Maria Santiſſima, deo o proprio Sangue para a Incarnaçaõ. Com eſte amoroſo impulſo abrio o peito, e dando entrada em ſeu coraçaõ á lança, derramou pelo lado copioſo Sangue. E eſte ſeria o ſingular myſterio, com que ferido o lado, e coraçaõ de Chriſto emanou Sangue, e juntamente agoa: *Exivit Sanguis, & aqua.* O Sangue era o preço da redempçaõ: *Habemus redemptionem per Sanguinem ejus*; a agoa era ſymbolo da Mãy de Deos Puriſſima de toda a mancha, e de toda a culpa: *Ma-*

Joan. 19 34.

Ad Coloſſ. 1. 14.

Maria eſt aqua puriſſima, diz Richardo de S. Lourenço: e ſó eſta Chaga (notay) deo Sangue, e agoa; porque reſolvendo-ſe o Redemptor do mundo a derramar o Sangue do coraçaõ, quiz que com elle ſahiſſe na agoa hum expreſſivo de ſua Mãy Santiſſima, para revelar aſſim que aquelle Sangue era o preço eſpecial da redempçaõ della. Parece que ſahio eſta agoa milagroſa para fazer indubitavel o noſſo aſſumpto, e lhe tirar toda a contradiçaõ: *Aqua egreſſa omnem controverſiam miraculo tollit*, diſſe Theofilato, como ſe fallára para o noſſo ponto. Era Sangue applicado á agoa o que ſahio do lado; porque era Sangue, que eſpecialmente ſe applicava para preſervaçaõ de Maria Santiſſima, em deſempenho do ſangue do coraçaõ, com que ella concorreo na geraçaõ de Chriſto.

Richard à S. Laur. de Zaud. V. lib. 5.

Theophil in c. 19. Joan.

25 Perguntaõ os Expoſitores ſe do lado de Chriſto ſahiraõ juntos o Sangue, e agoa? Reſolvem muitos, e de grave nota, que ſucceſſivamente: primeiro o Sangue, e depois a agoa; e aſſim parece mais conforme ao Texto: *Exivit Sanguis, & aqua.* Até neſta circunſtancia achamos confirmaçaõ para o que dizemos. O prodigio da Conceiçaõ da Senhora conſiſtio em que primeiro foſſe ella preſervada da culpa, e concebida depois. Antes que a Senhora ſahiſſe da mente Divina a ſe conceber em Santa Anna, já eſtava remida por Chriſto; porque já o Filho de Deos tinha offerecido a ſeu Eterno Padre o previſto merecimento de ſeu Sangue para a preſervar da contracçaõ da culpa. Pois eis-ahi o que nos inſinúa a fonte, que ſe abrio no lado de Chriſto. Sahe a agoa, em que Maria

Joan. 19. 34.

Santiſſima eſtava ſignificada, e o Sangue como preço de ſua redempçaõ, e preſervaçaõ: *Sanguis in pretium, aqua in ſignum*, diz Pinciano; mas primeiro o Sangue, que era a preſervaçaõ, e depois a agoa, que he Maria, para que com eſta circunſtancia, à viſta de olhos ſe manifeſte que eſſe era o Sangue anticipadamente applicado á Mãy de Deos, em preço de ſua redempçaõ, ou preſervaçaõ. Segundo a ordem da natureza, a agoa havia de ſahir primeiro, e depois o Sangue, por ſer mais intimo ao coraçaõ; mas, ſegundo a ordem do myſterio, primeiro ſahio o Sangue, e depois a agoa; porque ſe na providencia commum primeiro he a conceiçaõ em peccado, e depois a redempçaõ delle: na providencia eſpecial a preſervaçaõ de Maria foy antes, e a ſua Conceiçaõ depois. Iſto ſó na Chaga do lado ſe figurou: *Exivit Sanguis, & aqua*; porque com o Sangue, e agoa, que por ella emanáraõ do coraçaõ, queria Chriſto revelar ao mundo, que eſſe Sangue era eſpecialmente o preço da redempçaõ de ſua Mãy Santiſſima, a quem por virtude della preſervou da culpa.

Villar. Pint. tom. 4. T. 5. Did. 1. n. 10.

26 Bem deſejey confirmar eſta intelligencia com a authoridade de algum dos Padres antigos, ou dos Expoſitores de mayor nota, até que a fuy deſcobrir, naõ menos que canonica, em hum Padre mais antigo que todos os Padres da Igreja. Simeaõ, por muitos titulos venerando Padre da antiga Igreja, na Profecia, que fez a Maria Santiſſima, quando no Templo apreſentava o Filho, diſſe eſtas palavras cheyas de myſterio quaſi incomprehenſivel: *Tuam ipſius animam pertranſibit gla-*

Luc. 2. 35.

gladius. Ou como lê a verſaõ Arabica: *Pertranſibit lancea.* Huma lança diz que traſpaſſaria a alma da Senhora. Já aqui fraquêa a noſſa comprehenſaõ para intelligencia deſte vaticinio; porque he certo que a Mãy de Deos, em todo o tempo que viveo, naõ foy ferida de inſtrumento algum. Mas S. Bernardo, dando a verdadeira intelligencia ao Texto, diſſe que fallára Simeaõ da lança, que ferio o coraçaõ de Chriſto; porque a meſma lança, que a Chriſto abrio o lado, traſpaſſou tambem, naõ o corpo, mas a alma da Senhora, que ſe naõ podia apartar do coraçaõ de Chriſto: *Ipſius planè non attigit animam crudelis lancea, quæ ipſius aperuit latus; ſed tuam utique animam pertranſivit. Ipſius nimirum anima jam ibi non erat, ſed tua planè inde nequibat avelli.* Proſeguindo mais Simeaõ com a ſua profecia, accreſcentou, que com eſta lançada no coraçaõ de Chriſto, onde aſſiſtia a alma da Senhora, ſe revelariaõ as ponderaçoens, e diſcurſos naſcidos de muitos coraçoens: *Ut revelentur ex multis cordibus cogitationes.* D. Bern. Ser. de 12. Stellis. Luc. 2. 35.

27 Eſta ſegunda parte da profecia de Simeaõ naõ ſey ſe algum dos Sagrados Expoſitores a entendeo até agora cabalmente: ſey que, como elles confeſſaõ, he eſte hum dos mais imperceptiveis lugares do Sagrado Texto. Que diſcurſos ſaõ eſtes, naſcidos do coraçaõ, acerca da Mãy de Deos, que ainda eſtaõ por ſe revelar? Eisaqui o ponto da difficuldade toda. Neſte dia facilmente direis que fallava o antigo Sacerdote do myſterio da Conceiçaõ de Maria Santiſſima. Eu digo o meſmo com muita ventura, e grande felicidade.

cidade. Os mais myſterios da Mãy de Deos na Eſcritura eſtaõ revelados á Igreja, e por eſta definidos para a noſſa Fé. O myſterio da Conceiçaõ Immaculada deixou a Eſcritura de o revelar expreſſamente, e a Igreja de o definir até o preſente; naõ obſtante que concorrendo as ſupplicas de muitos Principes, e de innumeraveis Prelados, ſe propôs o ponto, e a materia delle ao Concilio Lateranenſe em tempo do Papa Leaõ X. porém naõ pareceo conveniente additar, ſem neceſſidade, hum artigo mais aos da noſſa Fé: e mais que tudo he o certo que ſobre o ponto de ſua Conceiçaõ quer a Mãy de Deos mais o ſacrificio de noſſa piedade, que o da noſſa Fé. Mais quer dever aos noſſos corações, que aos noſſos entendimentos. E eſta he a razaõ, porque ás ponderaçoens do myſterio da Conceiçaõ chamou Simeaõ diſcurſos naſcidos, naõ do entendimento, onde ſaõ formados, mas ſim do coraçaõ, onde tem a origem: *Ut revelentur ex multis cordibus cogitationes.* Porque a confiſſaõ, que fazemos já do myſterio da Conceiçaõ Immaculada, os fundamentos, com que o provamos, as ſoluções, que damos aos argumentos contrarios, (ainda que ſe fundem nas Eſcrituras, e authoridades dos Santos Padres) tem a ſua origem no amor, e cordial devoçaõ, com que veneramos a Mãy de Deos. Agora mayor duvida, e mais principal reparo.

Vide Caietan. in Opuſc. tom. 2. tract. 1.

28 Pois eſte myſterio taõ occulto da Conceiçaõ de Maria Puriſſima, e Immaculada; eſtes diſcurſos, em que ſe funda a piedade, e devoçaõ Catholica para ſuſtentar, e confeſſar por todo o mundo, que a Mãy de Deos foy preſervada da cul-

culpa original, primeiro remida, e concebida depois, podem de alguma ſorte julgar-ſe revelados na Chaga, que a lança abrio no peito, e coraçaõ de Chriſto, onde aſſiſtia a alma da Senhora: *Tuam ipſius animam pertranſibit lancea, ut revelentur ex multis cordibus cogitationes?* Sim; porque no Sangue, que por aquella Chaga ſahio primeiro, ſe via huma ſingular, e anticipada redempçaõ: na agoa, que ſahio depois, ſe revelava a alma da Senhora, que até eſſe ponto aſſiſtia no coraçaõ de Chriſto: *Maria eſt aqua puriſſima. Anima tua inde nequibat avelli.* E com eſte ſymbolo parece queria Chriſto dizer-nos que ſua Mãy Santiſſima ſahio a ſe conceber pura, e limpa, como he a agoa mais cryſtalina, por virtude do Sangue de ſeu lado, eſpecialmente offerecido, e applicado d'antes para ſua eſpecial, e ſingular redempçaõ, e preſervaçaõ de toda a culpa. Naõ quero fiar ſó de mim eſte conceito, ainda que achado com tanta naturalidade no Texto; tambem o quero acreditar, e abonar com a graviſſima authoridade do famoſo Portuguez Macedo, credito da naçaõ propria, e admiraçaõ das eſtranhas: *Exivit Sanguis, & aqua, quo apparuit fuiſſe ſingularis redemptionis, nullo præſuppoſito peccato.* Parece que à viſta de ſinaes, e ſymbolos taõ notaveis, e evidentes eſcuſamos de diſcorrer mais; e podemos concluir que com elles ſe empenhava Chriſto a moſtrar-nos que na Conceiçaõ de ſua Mãy Santiſſima quiz ter hum deſempenho daquelle ſangue, que recebeo della na geraçaõ. E póde ſer que em confirmaçaõ deſte myſterio ſe nos offereça ainda hoje aberto o meſmo lado de Chriſto: *Liber generationis*

Franciſc. à S. Auguſtin. Macedo in Collat. doctr. Div. Thom. & Scoti, ubi de Concept. B. V.

tionis Jesu Christi. Dominicæ Matris Conceptionem colere, Christi generationem est commemorare. Affer manum tuam, & mitte in latus meum.

§. VI.

29 A Segunda parte do preço, com que a Mãy de Deos foy remida, e preservada da culpa original, foy o Sangue, que Christo, como prenda singular de seu amor, deixou á sua Igreja no Sacramento Eucharistico. Parece-me que foy pensamento de Santo Ambrosio, como ouvireis agora: *Dominus redempturus mundum, operationem suam inchoavit à Matre.* Diz que, havendo Christo de remir o mundo, principiára por sua Mãy Santissima a obra da redempçaõ. Ninguem duvida que Christo deo principio á obra de nossa redempçaõ, instituindo o Sacramento do Altar; porque este foy o termo, e a divisaõ entre os dous Testamentos, antigo, e novo. Com elle se acabáraõ as sombras, e as figuras do primeiro Testamento, como diz S. Thomaz: *Figurarum veterum impletivum*; porque desde sua instituiçaõ começou a apparecer a luz, e a realidade do segundo, que nas sombras do primeiro estava figurado. Nelle se terminou felizmente o Testamento velho; porque no Sangue de Christo Sacramentado teve seu principio o Testamento novo, como taõ expressamente disseraõ tres Evangelistas, e S. Paulo: *Hic Calix novum testamentum est in meo Sanguine.* E quando com este Sangue do novo Testamento dava Christo principio á redempçaõ do mundo, especialmente principiava

D. Ambros. in Luc. 2.

D. Thom. Opusc. 57. Vide Sylv. in Evang. tom. 5. lib. 7. c. 7. q. 12. num. 89.

1. ad Corinth. 11.

piava pela redempçaõ de ſua Mãy Santiſſima; porque principalmente o offerecia ao Eterno Padre em preço da preſervaçaõ della: *Dominus redempturus mundum, operationem ſuam inchoavit à Matre.* Matth. 26. 28. Marc. 14. 24. Luc. 22. 20.

30 Nem deſte conceito vaõ longe S. Cyrillo Alexandrino, Santo Agoſtinho, e com elles muitos Doutores, os quaes tem por certo que Chriſto levado do amor de ſua Mãy Santiſſima inſtituíra eſte Sacramento. Diſcorrem profundamente; porque ao Sacramento do Altar chamaõ os Doutores, com Santo Agoſtinho, continua, e repetida Incarnaçaõ: *Incarnatio perpetua:* e aſſim como por amor de Maria Santiſſima ſe reſolveo Deos a incarnar, e a remir os homens; aſſim por ſeu amor ſe dignou a perpetuar a meſma Incarnaçaõ no Sacramento. O amor da Mãy o tirou do Seyo do Padre para della receber a humanidade: *Propter hanc homo redemptus eſt, propter hanc Deus homo factus eſt,* diz S. Bernardo: e o amor da meſma fez que ſe deixaſſe no Sacramento. A Fé enſina que Chriſto incarnou, e morreo para redempçaõ de todos os homens, e iſſo meſmo dizem os Santos Padres; accreſcentaõ porém, que eſpecialmente o fizera para remir a ſua Mãy Santiſſima: *Aſſumpſit carnem potius propter ſalvare virginem ſingularem, quam omnes alias creaturas*; diſſe Santo Ildefonſo, primeiro que S. Bernardino de Sena, e o ſeguíraõ outros. Aſſim tambem: O Sangue, que Chriſto no Sacramento offereceo ao Eterno Padre, era para remiſſaõ das culpas de todos os homens, ſem excepçaõ alguma de ſua parte; mas principal, e eſpecialmente applicava

Div. Cyrill. Div. Auguſtin. Salazar in c. 9. Prov v. 4. Sylv. in Evang. tom. 3. c. 35. q. 19.

D. Aug. in Pſalm. 36. Serm. 4. Ennarrat.

D. Bernard. Serm. 3. de Salve Reg.

Div. Ildeph. L. de V. M. c. 12. D. Bernard. t. 4. Serm. 8. & 61. Suar. in 3. part. t. 2. d. 18. ſ. 4.

cava o preço deſſe Sangue Euchariſtico pela redempçaõ, e preſervaçaõ de ſua Immaculada Máy. Muitos o diſſeraõ, porém com mais clareza Caſtilho, Biſpo de Truxilho: *Sanguinem Chriſti ſub Euchariſtia, relationem dicere ad Immaculatam Virginem Mariam, & præſertim ad miram ejus Conceptionem.*

Caſtilh. Alphab. V. Altare Holocauſt. §. 67.

31 Taõ eſpecialmente ſe ordenava, e dirigia eſſe Sangue Euchariſtico á preſervaçaõ da Senhora, e á ſua Immaculada Conceiçaõ, que talvez foy eſſa a razaõ de advertir Chriſto, e expreſſar que o meſmo Sangue era offerecido tambem por nós todos: *Hic eſt Sanguis meus, novi Teſtamenti, qui pro multis effundetur*; prevenindo aſſim naõ ſe diſcorreſſe que ſó para preſervaçaõ de Maria Santiſſima fora aquelle Sangue applicado, e naõ para remedio de todos os homens. Deixando porém o que talvez ſeria, vamos á prova do que dizemos que foy. Diz o Livro dos Proverbios que Chriſto, Incarnada Sabedoria do Eterno Padre, edificou huma caſa para ſi: *Sapientia ædificavit ſibi domum.* Já ſabeis que a Máy de Deos he a caſa, que o Verbo Divino edificou para ſi, e para morada ſua. Aſſim o entendem Santo Ildefonſo, S. Bernardo, e S. Pedro Damiaõ. E quando ſe edificou eſta caſa? Quando ſe concebeo; porque a conceiçaõ humana he a propria, e verdadeira edificaçaõ do homem. Tanto que ſe edificou eſſa admiravel caſa da Sabedoria, ſe inſtituio huma meza com o Sangue de Chriſto Sacramentado: *Miſcuit vinum, & propoſuit menſam ſuam.* E com que myſterio, ſenaõ para que por virtude do meſmo Sangue foſſe a Máy de Deos preſervada da culpa,

Marc. 14. 24.

Prov. 9. 1.

Verſ. 2.

pa, quando ſe concebia, ou edificava? Haverá quem nos exponha que eſſe foy o myſterio? Sim: o meſmo Texto, que he o interprete de ſi meſmo.

32 *Miſit ancillas ſuas, ut vocarent ad arcem,* Verſ. 3.
& ad mœnia civitatis. Preparada a meza com o Sangue Euchariſtico, mandou Chriſto convocar, para que entraſſem naquella fortaleza, e ſuas muralhas. Pois ſe Chriſto edificava em Maria Santiſſima huma caſa: *Ædificavit ſibi domum*, como lhe ſahio no fim da obra huma fortaleza: *Ut vocarent ad arcem?* Se antes de ſe conſiderar o Sangue de Chriſto Sacramentado, Maria Santiſſima ſe concebia caſa: *Ædificavit ſibi domum*; como ſe concebe já fortaleza, tanto que ſe applicou o Sangue Euchariſtico: *Miſcuit vinum*; *miſit ancillas ſuas, ut vocarent ad arcem, & ad mœnia civitatis?* Porque a virtude deſſe meſmo Sangue fez que a caſa ficaſſe taõ reparada, e taõ defendida, como huma fortaleza inexpugnavel. Notay, e acabareis de entender-me. Póde huma caſa ſer facilmente invadida dos inimigos, por naõ ter defenſa. Naõ aſſim huma fortaleza, porque a defendem as muralhas, e as baterías. Tal foy a Mãy de Deos em ſua Conceiçaõ. Concebendo-ſe caſa para Chriſto, que nella havia de morar nove mezes: *Sapientia ædificavit ſibi domum*; para os inimigos (iſto he, para o demonio, e para a culpa) ſe concebia fortaleza inexpugnavel, ſem lhes permittir entrada: *Ad arcem, & ad mœnia*; iſſo porém por virtude do Sangue de Chriſto Sacramentado, que eſpecialmente ſe applicou á Conceiçaõ da Senhora, para que nella naõ entraſſe a culpa: *Sanguinem Chriſti ſub Euchariſtia, relationem dicere ad*

Imma-

Immaculatam Virginem Mariam, & præsertim ad miram ejus Conceptionem.

33 Ainda nos incita a mais reflexaõ o Texto. Falla no Sangue Eucharistico, trazendo-nos á memoria o mixto de vinho, e agoa, de que usou Christo na consagraçaõ desta especie: *Miscuit vinum, ideſt, dedit nobis Sanguinem suum, qui conficitur in vino aquâ mixto*, diz Lyra. Consultay os Theologos mais insignes, e vos diraõ que na instituiçaõ do Sacrificio do Altar ao vinho ajuntou Christo agoa, como a Igreja usa, em memoria do Sangue, que juntamente com a agoa lhe sahio do lado; e que a isto alludem as palavras do nosso Texto: *Miscuit vinum, & proposuit mensam.* E se perguntares aos mesmos Theologos: com que mysterio, aberto o lado de Christo, sahio Sangue, e com elle agoa? Hum por todos vos respondeo já: que aquella agoa era demonstrativo de ser o Sangue do lado preço, e preservaçaõ da culpa naõ contrahida pela Mãy de Deos: *Exivit Sanguis, & aqua, quo apparuit, fuisse singularis redemptionis, nullo præsuppoſito peccato.* Pois tambem assim; ao vinho do Sacrificio do Altar quiz Christo ajuntar a agoa, quando o instituia, para nesta circunstancia mostrar que o seu Sangue neste Sacrificio era remedio singularmente applicado, e especialmente offerecido para preservaçaõ de sua Immaculada Mãy: *Miscuit vinum: quo apparuit fuisse singularis redemptionis, nullo præsuppoſito peccato.*

Lyra in c 9. Prov. Scholastici apud Suar. tom. 1. de Sacr. disput. 45. sect. 2.

Maced. supr. rel.

34 E a que fim tanto se ha de especializar a preservaçaõ de Maria Santissima com o preço do Sangue do Sacramento, se para especial redemp-

çaõ

çaõ da meſma Senhora ſe havia de offerecer na Cruz o Sangue, que Chriſto reſervava no coraçaõ? Se no Altar, e na Cruz hum, e outro Sacrificio he o meſmo; ſe hum, e outro he o meſmo Sangue, com que myſterio offerece Chriſto amoroſamente no Altar por ſua Mãy Santiſſima o meſmo preço, que depois havia de offerecer por ella no ſacrificio da Cruz? Para que com o Sangue do Sacrificio do Altar moſtraſſe Chriſto no preço da preſervaçaõ de Maria Santiſſima a ſua immaculada pureza, melhor ainda do que ſe podia moſtrar no preço de ſua preſervaçaõ na Cruz. Quero dizer (por me explicar melhor) que aquelle meſmo Sangue, que, aberto o lado de Chriſto, ſahio para redempçaõ eſpecial da Mãy de Deos, ainda naõ repreſentava taõ propriamente ſer a ſua Conceiçaõ iſenta de toda a culpa, quanto eſtá inculcando offerecido no Sacrificio do Altar.

35 A razaõ he; porque o Sangue do lado manava de huma Chaga aberta com lança taõ cruel, como ſacrilega, precedendo a culpa, e a injuria, com que ſe abrio a Chaga, ao preço, e remedio, que manou della. Deſorte que ſendo a Chaga do lado, pelo merecimento de Chriſto, de infinito preço, e agrado para Deos; a acçaõ, que a abrio, foy perniciosa, e abominavel: *Paſſio fuit grata, ſed fuit actio odioſa*; dizem os Doutores com Santo Alberto Magno. No Sacramento porém, o amor de Chriſto foy o que, ſem cooperar a culpa, deo o Sangue para remiſſaõ de todos os peccados do mundo. E como a redempçaõ, e preſervaçaõ de Maria Santiſſima naõ ſuppunha nella alguma ſombra da culpa; quiz Chriſ-

B. Albert. M. apud Bonher. 2 part. Serm. in die Vener. in Mart. n. 11. Villarr. t. 3. Taut. 12 Didaſc. 4. n. 13.

to que além do preço, que havia de offerecer na Cruz, ao qual precederia a offenſa, e o ſacrilegio, com que o odio lhe havia de traſpaſſar o lado, houveſſe tambem outro modo de redempçaõ, e preſervaçaõ de ſua Immaculada Mãy, no qual o odio naõ tiveſſe parte, nem cooperaçaõ a culpa; mas totalmente foſſe puriſſimo dictame, e induſtria de ſeu amor: e o executou aſſim no Sangue, que offereceo Sacramentado.

36 Obrou no Sacramento o amor de Chriſto por ſua Mãy Puriſſima, como no Horto obrou depois o meſmo amor pelos homens. Padeceo Chriſto no Horto os meſmos tormentos, que no diſcurſo de ſua Paixaõ havia de padecer, e por todos os poros de ſeu corpo derramou Sangue: Luc. 22. 44. *Factus eſt ſudor ejus ſicut guttæ Sanguinis*; porque já entaõ voluntariamente quiz padecer em ſua apprehenſaõ intenſa o tormento crueliſſimo dos açoutes, a violencia dos eſpinhos, a tyrannia dos Caſſian. cravos, e a impiedade da lança: *Voluntariè illum ſcaturiens, fundendum Sanguinem ex verberibus, clavis, lanceâ præfiguranſ*, diz Caſſiano. E porque lhe naõ faltaſſe a morte, padeceo as Ibid. v. 43. agonias della no Horto: *Factus in agonia*. E a que fim ſe anticiparia Chriſto a dar voluntariamente no Horto o Sangue, que no diſcurſo de ſua Paixaõ lhe haviaõ de tirar com violencia? Para que obraſſe anticipadamente o amor, o que depois havia de executar o odio: A' Lapid. in Luc. 22. *Vehementia amoris fecit, ut ex corpore Chriſti Sanguis ſtillaret*, diz o A' Lapide. O amor, e o odio foraõ dous executores da Paixaõ de Chriſto. O odio dos Judeos lhe tirou o Sangue com a violencia dos tor-

tormentos : e o amor de Chriſto voluntariamente dava o meſmo Sangue, antes que lho tiraſſem. E bem; porque ſe Chriſto ſó á força dos tormentos déſſe por nós o Sangue, parecêra que em ſua Paixaõ ſó era executor o odio, naõ ſe manifeſtando o amor, que com mais forte impulſo o incitava a padecer. Pois para que eſte ſe manifeſte, diſpôs Chriſto dar por nós duas vezes o proprio Sangue: Huma vez á força de ſeu amor; outra á violencia de ſeus tormentos. Na primeira obrou puramente o amor, ſem cooperar a culpa: na ſegunda cooperou a culpa, porque obrou o odio. Em huma triunfou a tyrannia: em outra ſe oſtentou victorioſo o amor: *Vehementia amoris fecit, ut ex corpore Chriſti Sanguis ſtillaret.*

37 Aſſim tambem (e com motivo tanto mais urgente, quanto mais amoroſo) para redempçaõ, e preſervaçaõ de ſua Immaculada Mãy, duas vezes offereceo Chriſto o precioſiſſimo Sangue de ſeu lado; huma no Sacrificio do Altar, outra no Sacrificio da Cruz. De huma vez concorreo a impiedade da lança, movida a impulſo do odio: de outra vez obrou puramente o amor, ſem que cooperaſſe a culpa. Corrigio o amor no Sacrificio do Altar o ſacrilegio, com que a lança faria ſahir o Sangue do lado de Chriſto Crucificado; para que o meſmo preço da redempçaõ de Maria Santiſſima, ao qual precedeo a culpa, com que ſe raſgou, e abrio o lado de Chriſto, foſſe (quando offerecido no Sacramento) puramente obra de amor, ſem concurrencia, e ſem nota da menor culpa: pois aſſim ſe proporcionava com mais eſta propriedade ao ſeu fim eſpecial, e particular effeito da re-

dempçaõ preſervativa da Immaculada Mãy. Naõ ſe podia eſperar menos daquelle coraçaõ amoroſo, e daquelle taõ generoſo, como agradecido peito, que derramando pela fonte do lado o proprio Sangue, pertendia finamente conreſponder a quem lhe deo para incarnar o Sangue de ſeu amantiſſimo coraçaõ. *Liber generationis Jeſu Chriſti. Dominicæ Matris Conceptionem colere, Chriſti generationem eſt commemorare. Affer manum tuam, & mitte in latus meum.*

§. VII.

38 DEſtes diſcurſos, e deſta materia, que devemos dar por concluida, eſtá eſperando a attençaõ, com que me ouviſtes, ſaber qual ſeja a concluſaõ, que tiramos, para gloria, e credito da Mãy de Deos, e do myſterio puriſſimo de ſua Conceiçaõ Immaculada. Que mais importa a eſta Senhora (me direis) ſer eſpecialmente remida, e preſervada com o precioſo Sangue do coraçaõ, que com o de outra parte do Sacroſanto corpo de Chriſto? Se todo elle ſe unio á Divindade, que mais tinha ſahir do lado o preço deſta redempçaõ, ou que menos ſahir por alguma das outras Chagas?

39 Eſtá bem notado; mas com outro reparo ſatisfarey ao voſſo. Diz S. Marcos, que ſubindo Chriſto aos Ceos, ſe aſſentou á maõ direita de Deos: *Sedet à dextris Dei.* He certo que em Deos naõ ha maõ direita, ou eſquerda, nem differença de lado mais, ou menos eſtimavel; porque além de ſer incorporeo, he Immenſo, e Individual. Mas he ſem duvida, que com eſta ex-

Marc. 16. 19.

preſſaõ

preſſaõ nos declarou o Evangeliſta o Throno excellentiſſimo, e a honra incomparavel a que a humanidade de Chriſto foy exaltada na Gloria. Tambem aſſim: qualquer porçaõ minima do Sangue de Chriſto he de eſtimaçaõ, e preço infinito; mas em eſcolher Chriſto eſpecialmente o Sangue de ſeu coraçaõ, para com elle remir, e preſervar da culpa a ſua Mãy Santiſſima, moſtrou a ſingular excellencia de ſua preſervaçaõ.

40 Na admiravel fabrica da organizaçaõ humana naõ obrou o Artifice da natureza peça mais nobre, e mais neceſſaria, que o coraçaõ. Por iſſo no meyo do corpo humano, como no centro do abbreviado Mundo, lhe deſtinou lugar taõ principal, como reſguardado: *Cor eſt principale in animâ, & certo in corporis receſſu conſecratum*, diſſe Tertulliano. Para elle ſe diſtribue o ſangue mais puro, e mais precioſo: e eſte diſpôs Chriſto, foſſe o preço da redempçaõ, e preſervaçaõ de ſua Mãy Puriſſima. Pelo que mais ſe eſtima, ſe diſpende o mais precioſo; e diſpendendo Chriſto por Maria Santiſſima o Sangue mais precioſo, moſtrou a incomparavel eſtimaçaõ, que faz della. He o coraçaõ a primeira parte, que no homem vive, e a ultima, que nelle morre, como dizem os Filoſofos com Ariſtoteles: *Primum vivens, & ultimum moriens.* Do coraçaõ de Chriſto ſahio o preço deſta Immaculada Senhora, que era principio, e fim das operaçoens de Chriſto. Por ella principiou a remir, e dar vida ao mundo: *Dominus poſſedit me in initio viarum ſuarum*, ſe diz no Livro dos Proverbios. *Initium ſalutis noſtræ, & ſecundæ formationis*, lhe chamou S. Germano Patriar-

Tertull. lib. de Anima 15.

Prov. 8. 22.

D. Germanus Conſtant. Serm. in Nativ. B. V.

triarcha de Conſtantinopla. E, como diz S. Bernardo, eſta meſma Senhora foy tambem o fim de incarnar o Filho de Deos, e remir o homem : *Propter hanc homo redemptus eſt, propter hanc Deus homo factus eſt.* Queria Chriſto que a ſua vida, do primeiro até o ultimo alento, ſe empregaſſe toda em preço da preſervaçaõ deſua Immaculada Mãy; e traçou dar por ella o Sangue, com que o coraçaõ era a primeira parte para viver, e a ultima para morrer. Traçou offerecer em redempçaõ della o Sangue, que depois de morto derramou do lado, e o que ainda eſtá conſervando vivo no Sacramento. Eſta he a gloria, eſta he a honra, que reſultou a Maria Santiſſima de ſer remida, e preſervada da culpa, a preço do Sangue do coraçaõ de Chriſto. Gozem-ſe os devotos deſta Immaculada Senhora, e de ſua Conceiçaõ Puriſſima no reconhecimento de taõ apreciavel myſterio. Offereçaõ a Deos a gloria, que tem, por haver incarnado em huma Mãy taõ pura, e taõ limpa de toda a culpa. Rendaõ-lhe as graças por ſe dignar de a remir á cuſta de taõ precioſo, e incomparavel diſpendio : por cujo merecimento, e pela interceſſaõ da meſma Senhora, ſeremos participantes da eterna Gloria.

D. Bernard. ſupra cit.

SER-

SERMAÕ II.

NAS EXEQUIAS

Do Excellentiſſimo, e Reverendiſſimo Senhor Biſpo do Rio de Janeiro

D. Fr. ANTONIO DE GUADALUPE,

Da Ordem de S. Franciſco da Provincia do Reino de Portugal, falleceo em Lisboa, no Convento de S. Franciſco da Cidade, para onde voltou eleito Biſpo de Vizeu.

Prégado na Sé do Rio de Janeiro, em 26. deſſe mez, no anno de 1741.

Pater eram pauperum, & cauſam, quam neſciebam, diligentiſſimè inveſtigabam: conterebam molas iniqui...: dicebamque, in nidulo meo moriar, & ſicut palma multiplicabo dies. Ex lib. Job c. 29.

§. I.

AQUELLA noticia taõ triſte, como inſperada, que (quando menos) emmudeceo a todos os que a ouvíraõ: aquella infauſta nova, que tanto ſe apreſſou para nos certificar da morte, ſempre lamentavel, do Excellentiſſimo, e Reverendiſſimo Senhor D. Fr. Antonio de Guadalupe, Digniſſimo

Biſpo deſta Dioceſe, eleito para a de Viſeu, depois de hum profundo, e largo ſilencio, com que nos ſuſpendeo, agora me obriga a trocar o ſilencio em vozes, e a ſuſpenſaõ em diſcurſos: ou para aſſim expreſſar a noſſa pena, ou para aſſim encarecer a noſſa perda.

2 Excellentiſſimo, e Reverendiſſimo Senhor. Naõ permittio a rara modeſtia de V. Excellencia Reverendiſſima, que em ſuas exequias houveſſe Oraçaõ Funebre, e aſſim o recommendou; porque nem para depois da morte quiz dar permiſſaõ ao louvor proprio. Talvez que em cumprimento deſta ultima vontade de V. Excellencia Reverendiſſima, duvidaſſe eu enxugar ſegunda vez as lagrimas, com que eſte Biſpado, em menos de vinte annos, chora a perda de dous Prelados taõ inſignes. Mas por dar algum deſaffogo á grande pena, em que ſubmergidos ſe opprimem os noſſos coraçoens; ſem faltar ás diſpoſiçoens de V. Excellencia Reverendiſſima, que ſempre obſervey com ſumma veneraçaõ, ſerey agora ouvido, naõ como Orador de ſuas raras virtudes, mas como relator do que V. Excellencia Reverendiſſima algumas vezes repetiria, antes que troçaſſe o ſerviço pelo premio, o deſterro pela patria, e a terra pelo Ceo, onde todos o ſuppomos deſcançando já.

3 Quando a dor, ou o ſentimento he grande, brota em diverſos, e bem contrarios effeitos. Já emmudece, porque tira a falla: já a reſtitue, porque faz dar vozes. Eſta he preciſamente a razaõ, com que neſta hora ſe converte o ſilencio em vozes demonſtrativas daquella grande magoa, que nos emmudeceo atégora. Muy pouco ſe rendeo á

pena,

pena, quem promptamente deo mostras do sentimento. Mas naõ deixará de se mostrar alguma vez sentido, quem se vê penetrado de alguma grave pena; porque o mesmo sentimento, que emmudeceo a lingua, soltará as vozes para se manifestar, naõ podendo reprimir-se mais.

4 Morto infelizmente o General Abnér, bem desejou David que antes de se lhe fazerem as Exequias, principiassem os clamores, e lagrimas de todo o Exercito: *Plangite ante exequias Abnér.* 2.Reg. 3. 31. Porém se advertidamente lermos o Sagrado Texto, acharemos que antes de o darem á sepultura naõ se vio huma só lagrima em todo o Exercito, nem se ouvíraõ lastimosas queixas, em que para desaffogo brotassem tantos coraçoens afflictos. Depois de sepultado Abnér, David rompeo o silencio, e soltou as lagrimas, honrando-lhe o tumulo com as que derramou sobre elle: e o mais povo á imitaçaõ do Rey fez o mesmo: *Cumque sepelissent Abnér in Hebron, levavit Rex David vocem suam, & flevit super tumultum Abnér, flevit autem & omnis populus.* Já estais notando, e admirando em huma mesma causa dous taõ contrarios effeitos. Que occulto impedimento foy o que antes deteve as lagrimas, e reprimio as vozes a todo o povo? Que secreto impulso foy o que depois lhe expedio as vozes, e lhe soltou as lagrimas? Tudo era natural effeito de huma só causa. A noticia taõ sensivel de ser morto Abnér, quando mais lhe desejavaõ a vida, tanto penetrou os coraçoens a todos, que os deixou quasi mortos para as expressoens, com que próvida a natureza se desopprime em similhantes casos. Mas cobrando

brando depois alentos em vozes, e lagrimas, deraõ moſtras do ſentimento, que a todos teve quaſi deſanimados. A' viſta do tumulo de Abnér terminou David o ſilencio, principiando hum Funebre Panegyrico. Tambem á viſta deſte Mauſoléo taõ triſte, ſerá juſto fique ſepultado o ſilencio, em que atégora eſtivemos, principiando o diſcurſo, e a lingua a expreſſar na noſſa perda os motivos da noſſa pena. Mas para que o faça, obſervando a inviolavel diſpoſiçaõ do noſſo Digniſſimo, e Veneravel Prelado, ſerá elle meſmo o que mais viva, e efficazmente nos dê a conhecer quanto perdemos com a ſua morte.

5 Se ouviſtes com attençaõ as palavras, que me occorrêraõ, buſcando as que para thema foſſem proprias, talvez entenderieis que applicadas a ſi as proferio o Excellentiſſimo, e Reverendiſſimo Senhor Biſpo, quando vivo. Ide reflectindo nellas: *Pater eram pauperum:* eu era o pay dos pobres: *Et cauſam, quam neſciebam, diligentiſſime inveſtigabam:* com exactiſſimo cuidado examinava quantas cauſas pendiaõ de minha providencia, por naõ tomar nellas deliberaçaõ, ſem pleno conhecimento da verdade: *Conterebam molas iniqui:* per eguia, e caſtigava ſeveramente aos máos. E attendendo para o bom ſerviço, que niſto fazia a Deos, com muita confiança em ſua Piedade, e na retribuiçaõ de ſua Juſtiça, dizia: Hey de acabar no meu ninho, e morrendo nelle, multiplicarey os meus dias, como a Feniz, que morrendo multiplicava os ſeus: *Dicebamque, in nidulo meo moriar, & ſicut Phenix* (ſegundo o Texto Grego, e algumas verſoẽs) *multiplicabo dies.*

Sic in Textu Græc. & in Verſ. Rab. Salomon. & Pagnin.

6 Se

6 Se eu encontrára eſte Texto fóra do Livro de Job, naõ diſſera que eſtas palavras eraõ delle. Tivera para mim que o Excellentiſſimo, e Reverendiſſimo Senhor Biſpo as eſcreveo, e accommodou a ſi. As lagrimas, com que tantos pobres choraõ o ſeu deſamparo, na falta deſte Prelado, bem o eſtaõ acclamando pay dos pobres: *Pater eram pauperum.* A total comprehenſaõ, que Sua Excellencia Reverendiſſima tinha de todo o ſeu Biſpado; o acerto, com que reparava qualquer accidente, que ſe lhe offerecia na adminiſtraçaõ delle; a rectidaõ, com que occorria ás deſordens, que aconteciaõ; qualificaõ as diligencias, com que examinava quantas cauſas pertenciaõ ao ſeu Paſtoral Officio: *Cauſam, quam neſciebam, diligentiſſime inveſtigabam.* Os vicios, que eſte grande Prelado extirpou em todo o Biſpado: os coſtumes, que nelle reformou: o caſtigo, que ſempre teve prompto para os delinquentes; teſtimunhaõ agora o muito que elle abominava aos que eraõ máos: *Conterebam molas iniqui.* O premio de tantos ſerviços feitos a Deos, e a eſte Biſpado, foy o recolher-ſe S. Excellencia Reverendiſſima ao ſeu ninho, iſto he, á ſua Religiaõ, para (como deſejava) morrer nella: *Dicebamque, in nidulo meo moriar:* e depois da feliz morte, que teve, eſtar já na Gloria (aſſim o ſuppomos todos) multiplicando na Eternidade os ſeus dias: *Et ſicut Phœnix multiplicabo dies.*

7 Permitta-me agora V. Excellencia Reverendiſſima que, pois me ha impoſſibilitado a offertar-lhe hum Funebre Panegyrico, entre ao menos a ponderar o que nos oferecem os periodos

do

do thema, como proferidos por V. Excellencia Reverendiſſima, e como taõ ajuſtados ás acçoens de ſua vida, ſempre digna de noſſa memoria, e naõ menos de noſſa ſaudade: e concederá por eſte meyo huma grande conſolaçaõ á noſſa pena, e hum grande alivio á noſſa magoa, quando piamente concluirmos que tem renaſcido na Gloria hum Prelado, que acabou taõ cheyo de merecimentos para com Deos.

§. II.

Paper eram pauperum.

ERa S. Excellencia Reverendiſſima o pay dos pobres; e porque neſte mundo mais ſaõ os pobres de bens eſpirituaes, que os de bens temporaes, de huns, e outros entende a Gloſſa o Texto do noſſo thema. Aos pobres eſpirituaes acodia S. Excellencia Reverendiſſima, como pay, nos muitos Sermoens, que prégava: ſendo nelles igualmente admiraveis a doutrina, e o eſpirito, com que a perſuadia. O eſpirito era aquelle com que em Portugal, no exercicio de Miſſionario, converteo tantas almas para Deos, quantas tirou do caminho da perdiçaõ. Com eſſe fez no Biſpado grande fructo; porque com elle animava a doutrina dos ſeus Sermoens, em tudo proprios do Officio, e Dignidade de Biſpo. Meu grande Padre Santo Iſidoro, Arcebiſpo de Sevilha, e luz clariſſima naõ ſó de toda Heſpanha, mas de toda a Igreja, eſcrevendo a ſeu irmaõ S. Fulgencio, Biſpo de Carthagena, o como deve prégar hum Biſ-

ſpo,

po, lhe dizia aſſim: *Hujus Sermo debet eſſe purus, ſimplex, apertus.* Os Sermoens do Biſpo devem conter huma doutrina pura, ſimplez, e clara: *Unumquemque admonens diverſâ exhortatione, juxta profeſſionem, morumque qualitatem.* De tal ſorte ha de prégar o Biſpo, (dizia o Santo Doutor) que a ſua doutrina, ſendo para todos, ſirva de exhortaçaõ particular a cada hum, ſegundo o particular eſtado, e coſtumes de qualquer delles. Difficultoſo empenho, e por ventura impoſſivel! Mas naõ prégava de outra ſorte S. Excellencia Reverendiſſima.

D. Iſidor. ad Fulgent. lib. 2. Offic. c. 2.

9 A ſua doutrina era pura; porque era ajuſtada aos preceitos, e conſelhos de Chriſto: e era conforme aos dictames dos Santos Padres, e Varoens eſpirituaes. Era huma doutrina ſimplez; porque era ſem ornato de diſcriçoens inuteis, deſpida de conceitos curioſos, que divertem o entendimento ſem o convencer, e recreaõ a vontade, quando a deviaõ reprehender. Era clara; porque ainda contendo penſamentos muy altos, eſtes eraõ expoſtos com tanta luz, que ſe faziaõ comprehenſiveis á intelligencia de todos os ouvintes. As razões, com que perſuadia, e convencia, além de efficazes, eraõ taõ evidentes, que ſe ajuſtavaõ á capacidade de quantos o ouviaõ. Achavaõ-ſe na doutrina deſte Prelado exhortações para todos; porque era regulada com muita propriedade, e conveniencia ás varias condiçoens, e empregos dos ouvintes: e ſempre dirigida á correcçaõ dos vicios mais predominantes em cada huma das peſſoas de taõ differentes eſtados.

10 Naõ podia S. Excellencia Reverendiſſima dou-

doutrinar, e inſtruir peſſoalmente a todos os ſeus ſubditos; porque naõ podia prégar em tantos povos, e taõ diſtantes, quantos ha neſta dilatadiſſima Dioceſe; mas como verdadeiro pay, que ſe naõ eſquece dos filhos, que tem auſentes, a toda a parte enviava Miſſionarios, nos quaes multiplicado, ou reproduzido, pudeſſe eſtar em todo o ſeu Biſpado prégando, e doutrinando, poſto que naõ eſtiveſſe preſente em todo o Biſpado: *Beati, qui ſeminatis ſuper omnes aquas immittentes pedem bovis*, diſſe Iſaías. Bemaventurados os que prégaõ a palavra de Deos em todos os povos, mandando a elles Miſſionarios. Ouvi a expoſiçaõ do A' Lapide, e commum dos Interpretes neſte lugar: *Super omnes populos, immittentes prædicatores, & operarios Evangelicæ, & ſalutiferæ meſſis.* Parece que ſe confunde, ou ſe contradiz o Profeta. Se falla dos que mandaõ Miſſionarios, que vaõ prégar aos povos: *Immittentes pedem bovis*; como diz, que em todos os povos eſtaõ prégando: *Seminatis ſuper omnes aquas?* Porque quem manda Prégadores, e Miſſionarios, quando naõ póde ir peſſoalmente prégar, neſſes meſmos Prégadores, neſſes meſmos Miſſionarios vay, como reproduzido, a prégar em todos os povos: e em tantas partes ſe acha preſente para a prégaçaõ, e doutrina, em quantas ſe achaõ os ſeus Miſſionarios prégando: *Seminatis ſuper omnes aquas, immittentes pedem bovis.*

Iſai. 32. 20.

A' Lap. hic.

11 Naõ menos acodia S. Excellencia Reverendiſſima, como pay, aos pobres de bens temporaes. Notoriamente o moſtrou aſſim na providencia, com que para os meninos orfaons fundou hum

hum Recolhimento, e para outros hum Seminario. Verdadeiramente era pay quem á porta do seu Palacio dispendia huma multidaõ de esmólas quotidianas, além das muitas que fazia distribuir pelo Bispado, as quaes sendo, além de muitas, grandiosas; sempre lhe pareciaõ limitadas, e diminutas: porque ainda quando excediaõ a necessidade dos que pediaõ, naõ igualavaõ ao desejo, que S. Excellencia Reverendissima tinha de os soccorrer mais copiosamente.

12 Certa pessoa, com quem a natureza, e a sorte se mostráraõ liberaes na honra, e aváras nos cabedaes, achando-se opprimida, e necessitada, recorreo ao pay dos pobres para o remedio. Expôs-lhe a sua oppressaõ, e ouvindo-a S. Excellencia Reverendissima, entrou a affligir-se, mais que se fora propria: porque dizia naõ ter nessa occasiaõ com que a remediasse na fórma, que lhe dictava a sua commiseraçaõ. Recolhendo-se porém voltou logo com trinta dobras, que offereceo com huma encarecida satisfaçaõ de dar taõ pouco. Vio-se provîdo o necessitado, e o pobre remediado com mais do que podia pertender, e esperar; e cheyo de pasmo, expunha o caso, dizendo: Dá o Senhor Bispo esta esmóla taõ grandiosa, e se affligè porque dá taõ pouco! O certo he, que sendo para o necessitado muito o que recebeo; porque naquella occasiaõ lhe bastaria menos: para a commiseraçaõ de S. Excellencia Reverendissima o que dava era muy pouco; porque a qualquer pobre, por muito que désse, desejava dar muito mais.

13 Quando Elcana repartia dos sacrificios, que

que tinha offerecido em Silo, com as ſuas duas mulheres, e filhos, diz a Sagrada Hiſtoria que cheyo de triſteza dava a ſua mulher Anna a parte, que lhe tocava: *Annæ autem dedit partem unam triſtis.* Se neſte lugar examinarmos a propriedade do Texto original Hebraico, a porçaõ de Anna era ſempre a melhor, e a mayor, porque valia por duas; e ſegundo eſta intelligencia, expuzeraõ huns: *Partem unam, ideſt præcipuam.* Outros interpretáraõ: *Partem duplicem.* Comeſtor, inſigne Meſtre da Hiſtoria Eſcholaſtica, explicou aſſim: *Unam æquipollentem duabus.* A razaõ o eſtá perſuadindo tambem; porque como Elcana amava com exceſſo a Anna, o amor o fazia mais liberal com ella: *Annæ autem dedit partem unam præcipuam, æquipollentem duabus; quia diligebat eam.* Pois como ſe entriſtece Elcana, quando taõ largamente diſpende com quem ama? Por ventura, taõ miſero ſeria Elcana, que choraſſe o que deo a quem tanto amava? Naõ, mas antes pelo contrario; porque lhe naõ naſcia a triſteza do que dava, ſim de que dava muy pouco: *Non quidem de donatione, ſed de exiguitate donationis*, diz Mendoça. Porém aqui mayor duvida, porque creſce agora a difficuldade. Dá Elcana em dobro mais do que Anna podia eſperar, e ainda ſe moſtra que ficava triſte, porque lhe dava muy pouco? Sim; porque Elcana ainda quizera dar muito mais a Anna: *Quia voluiſſet dare plures partes Annæ*; concluhe aqui o Grande Abulenſe: e quem deſeja dar mais, ſe afflige quando dá menos, poſto que chegue a dar muito: *Annæ vero dedit partem unam præcipuam, æquipollentem*

1. Reg. 1. 5.

Ibid.

Mendoç. in hunc loc.

Abulenſ. hic.

tem duabus ; triſtis ; quia voluiſſet dare plures partes Annæ.

14 Deſta natureza era a afflicçaõ de S. Excellencia Reverendiſſima , quando taõ liberalmente ſe havia em ſoccorrer a pobreza. Dava trinta dobras a hum neceſſitado , que talvez era em dobro mais do que lhe baſtaria para remediar a neceſſidade , com que chegou a pedir , e ainda ſe affligia , como ſe déra muy pouco ; porque dando tanto , ainda deſejáva dar aos pobres muito mais: *Triſtis non quidem de donatione , ſed de exiguitate donationis. Quia voluiſſet dare plures partes.*

15 Oh ſe eu pudéra tambem dizer com individuaçaõ , e clareza a multidaõ de eſmolas ſecretas , com que o Excellentiſſimo , e Reverendiſſimo Senhor Biſpo acodia a tantas neceſſidades occultas, e a tantas caſas pobres, e honradas, ſendo igualmente grandes a deſpeza, e o recato, com que eſta ſe encobria ! Para certa caſa ſey eu (e naõ ſó eu) que foraõ de huma vez cem mil reis para luto das filhas , quando lhes morreo a mãy. E confeſſa o pay que recebeo eſta eſmola , ſem que alguma vez houveſſe tratado, ou fallado com o Excellentiſſimo , e Reverendiſſimo Senhor Biſpo. Tambem ſe ſabe de outro, que em repetidas eſmolas chegou a receber mil cruzados para alimentos de ſuas filhas , que pobremente vivem recolhidas. Nem ignoramos que muitas caſas neſta Cidade , e fóra della paſſavaõ com as mezadas, que recebiaõ de S. Excellencia Reverendiſſima, quando menos eſperavaõ eſta providencia.

16 Em fim: Sabe-ſe que o Excellentiſſimo, e Reverendiſſimo Senhor Biſpo diſpendio muito ca-

bedal em esmolas secretas: e as mesmas razoens, a que elle attendia, para as naõ fazer publicamente a taes pessoas, me obrigaõ a passar em silencio o mais que aqui se póde dizer, ou que se naõ póde dizer aqui. Nem he necessario que se diga, para confessarmos que S. Excellencia Reverendissima era o pay dos pobres; porque nem Job nos declarou as esmolas, que dava, e com tudo dizia que era o pay dos pobres: *Pater eram pauperum.* Eu reflectindo nas circunstancias, com que S. Excellencia Reverendissima fazia estas esmolas secretas, acho que justamente merecia nomear-se pay dos pobres, pela razaõ especial de acodir a muitas pessoas com esmolas, sem que ellas tivessem o incommodo de lhe representar a propria necessidade occulta; ou a difficuldade de vencer o pejo natural de pedir. O ponto era saber S. Excellencia Reverendissima a necessidade de pessoas pobres, que com honestidade viviaõ recolhidas; porque isso bastava para tomar o remedio dellas à conta de sua providencia, pois era pay dos necessitados, e pobres.

17 Querendo Christo socegar o desvélo, que tinhaõ seus Discipulos em solicitar o preciso para passar a vida, lhes disse estas palavras: *Nolite soliciti esse dicentes, quid manducabimus, aut quid bibemus .... scit enim Pater vester Cœlestis, quia his omnibus indigetis.* Naõ vos dê cuidado (lhes dizia) a falta de sustento, ou de vestido; porque no Ceo tendes hum Pay, que bem sabe as vossas necessidades. Ainda lhes disse mais; porque tambem lhes disse que nem gastassem muitas palavras em pedir a Deos que os remediasse; porque

Matth. 6. 31. 32.

que este Pay Celestial, antes que elles pedissem, já sabia o de que elles careciaõ: *Orantes autem nolite multum loqui;.... scit enim Pater vester, quid opus sit vobis, antequam petatis eum.* Eu naõ sey se esta razaõ de Christo era sufficiente para tirar o cuidado aos seus Discipulos. Se lhes disera que no Ceo tinhaõ a Deos, que lhes promettia soccorrer nas necessidades em que se viaõ, poderia aquietar-se o desvélo dos Discipulos; porque na promessa de Deos naõ tinhaõ que duvidar. Mas o dizer-lhes sómente que Deos sabia as suas indigencias, podia bastar para os consolar, ou para que elles deixassem de pedir, huma, e outra vez, o de que necessitavaõ? Se o remedio dos que padecem pendêra só de que Deos visse as suas necessidades, nem huma estivera já sem remedio; porque Deos está vendo todas. Mas se Deos vê o que todos os pobres padecem, e nem por isso saõ todos os pobres remediados; como queria Christo que os Discipulos ficassem socegados, só com lhes dizer, que Deos sabia no Ceo o de que elles na terra careciaõ: *Scit enim Pater vester, quid opus sit vobis, antequam petatis eum?* Ibid. 7. 8.

18 Porque na mesma occasiaõ advertio Christo aos Discipulos, que Deos se mostrava especialmente para elles como Pay, e naõ menos que duas vezes, lhes fez esta advertencia: *Scit enim Pater vester. Scit enim Pater vester Cœlestis.* Estejaõ pois os Discipulos descançados, e sem cuidado: *Nolite soliciti esse*; nem gastem muitas deprecaçoens em pedir a Deos que os remedee: *Orantes autem, nolite multum loqui*; porque para hum pay acodir á pobreza, e necessidade dos

que tem por filhos, basta-lhe saber que os taes filhos estaõ necessitados: *Scit enim Pater vester Cœlestis, quia his omnibus indigetis.*

19 O fundamento desta razaõ, e com que se ella faz infallivel, he; porque a natureza ternamẽte unio as entranhas dos pays com vinculo taõ estreito aos filhos, que naõ podem estes padecer, sem que aquellas se compadeçaõ. Morto á fome, se falto de vestido, buscou o Prodigo a casa de seu pay, para lhe pedir por esmola o que a titulo de herança já naõ tinha. De longe o vio o pay, e apenas o vio, quando se lhe commoveraõ as entranhas, para buscar o filho: *Vidit illum pater ipsius, & misericordia motus est.* Ou como lemos no Texto Grego: *Intimis visceribus motus est.* Logo o mandou prover de vestidos: *Cito proferte stolam primam, & induite illum*: Logo dispôs que se preparasse boa mesa para o filho, que vinha taõ faminto: *Adducite vitulum saginatum, & occidite, & manducemus, & epulemur.* Todos os Santos Padres, e Expositores reparaõ em que o pay usasse com o Prodigo taõ excessiva piedade. Até o irmaõ do Prodigo se queixou, vendo que o pay com aquelle filho se fazia tambem prodigo. Sem primeiro o reprehender, pelo estado vil em que veyo a parar: sem lhe ouvir a confissaõ de seus erros, com que o Prodigo se prevenia para fallar ao pay: e sobre tudo, sem que o Prodigo chegue a pedir o de que necessita, já o pay o remedêa de tudo? Sim. Daõ os Santos Padres a razaõ, e o Texto tambem a dá taõ propria, como natural, dizendo: *Vidit illum Pater ipsius.* Vio o pay aquelle seu filho taõ necessitado, e taõ miseravel. Bas-

Luc. 15. 20.

ta

ta que era pay: *Pater ipsius?* Pois bastará tambem que veja necessitado o filho: *Vidit illum.* Nem era necessario mais, para que a misericordia lhe commovesse as entranhas a remediá-lo com o vestido, e com o sustento: *Misericordia motus est; induite illum. Manducemus, & epulemur.*

20 Naõ sey se o caso do Prodigo foy só parábola para nossa doutrina, ou se tambem foy em parte literal historia, da qual se valeo Christo, para instrucçaõ nossa. Porém sey, que nelle se retratou a propensaõ mais forte, com que a natureza commove as entranhas de quem he pay á commiseraçaõ de seus filhos, para os soccorrer, tantoque os vê necessitados; porque o commover-se, e enternecer-se, para acodir á necessidade com o remedio, sómente porque se chegou a ver o necessitado, parece que he proprio só de paternaes entranhas.

21 O sagrado Texto chamou aos filhos de Jacob filhos tambem de Jozé: *Filios Jacob, & Joseph.* Se Jozé era filho de Jacob, como podiaõ ser filhos tambem de Jozé os que eraõ seus irmãos, por serem tambem filhos de Jacob? Na mesma historia de Jozé descobrimos a propriedade, que observou, e com que fallou o sagrado Texto neste caso. Subdito a seu imperio, e a seu mando tinha Jozé todo o Egypto, quando vio a seus irmãos taõ pobres, e taõ necessitados, que nessa regiaõ estranha buscavaõ remedio á sua necessidade, e meyos de conservar a vida. Esta vista foy o que bastou para commover as entranhas de Jozé a se compadecer da pobreza, e miseria de seus irmãos: *Commota fuerant viscera ejus.* Sem ser rogado Genes. 43. 30.

acodio á neceſſidade de todos elles com veſtidos, e com o ſuſtento; porque huma natural commiſeraçaõ entranhavelmente o enternecia para os ſoccorrer, tantoque os vio em neceſſidade. Lede o capitulo 45. do Geneſis, e achareis nelle o que digo. Bem; pois naõ buſquemos razaõ mais propria de ſer Jozé reputado pay de ſeus irmãos, e taõ pay como Jacob: *Filios Jacob, & Joſeph.* Diſſeramos todos, que para eſta natural commiſeraçaõ baſtaria em Jozé o ſer irmaõ; mas o Sagrado Texto o nomêa pay, porque julgou que quem aſſim ſe compadecia, para ſoccorrer a neceſſidade, tantoque a vio, naõ moſtrava ſó que era irmaõ, provava efficazmente que tambem era pay:

Pſ. 76, 16 *Filios Jacob, & Joſeph.*

22 Applicay vós hum, e outro caſo para o noſſo intento, em quanto eu fallo ao noſſo memoravel pay da pobreza. Glorie-ſe V. Excellencia Reverendiſſima lá no Ceo; ou, para melhor dizer, glorifique lá no Ceo a Deos, que o fez neſte Biſpado o pay dos pobres: e allegue com tantas eſmolas ſecretas, feitas a peſſoas, que nem a pedir ſe deliberavaõ; porque já ellas eſtaõ publicando cá, que para V. Excellencia Reverendiſſima remediar ſuas neceſſidades, baſtava que tiveſſe noticia dellas: pois commovendo-ſe de miſericordia ſuas paternaes entranhas, ſoccorria logo eſſas meſmas neceſſidades, como pay que era dos pobres: *Pater eram pauperum.*

§. III.

Causam, quam nesciebam, diligentissimè investigabam.

23 EXaminava S. Excellencia Reverendissima com summo cuidado as causas do seu Bispado, em quanto lhe faltava dellas a certeza da verdade. Se este artigo carecera de prova, qualquer de nós pudéra ser testimunha. Occasiaõ houve, em que S. Excellencia Reverendissima para averiguar certo caso, acontecido nas Minas, se naõ deo por satisfeito com as informaçoens de dous Ministros, a quem commetteo o exame delle. Expedio para a mesma diligencia dous Missionarios, que pudessem investigar inteiramẽte a verdade, sempre mais facil de se descobrir a quem mais disfarçadamente a busca. E para bem explicar o meu conceito acerca da incançavel diligencia, com que S. Excellencia Reverendissima examinava as materias pendentes do seu cuidado, direy que o empenho todo de S. Excellencia Reverendissima era que naõ chegasse a ignorar nas causas, e negocios, que lhe pertenciaõ em toda a sua Diocese. Inquirir os factos, que ignora, isso faz quem he bom Prelado: mas naõ ignorar cousa que depois seja necessario inquirirse; isso foy excellencia deste raro Prelado, pela singular disposiçaõ com que ordenou as importancias todas de hum Bispado taõ vasto, e taõ dilatado. Aqui a ouvireis em parte, ou por mayor.

24 No que particularmente respeita aos subditos de sua Ecclesiastica jurisdiçaõ, quasi ocularmẽ-

te oestava S. Excellencia Reverendissima vendo sempre, e observando todas as suas acçoens, empregos, e costumes; porque conhecia de vista, e por seus nomes, quantos Clerigos havia no Bispado: sabia as Parochias em que viviaõ, e nellas tinha inspectores, que de cada hum davaõ informaçaõ. E porque na vastidaõ, e communicaçaõ das Minas, naõ pudesse hum Clerigo evadir-se desta comprehensaõ, e noticia, mudando á manhaã o domicilio, que teve hoje; lhes precludio S. Excellencia Reverendissima esta liberdade, e facilidade, naõ permittindo a algum, que tivesse uso de suas Ordens fóra da Parochia destinada para sua residencia. Esta disposiçaõ se fazia penosa aos interesses, e dependencias de muitos; mas he certo foy muy util ao bom regimen do Bispado; e naõ se duvída que para ella houvesse algum fundamento nos Concilios Chalcedonense, e Tridentino, quando recõmendaõ aos Bispos, consignem a cada huma das Igrejas competente numero de Ministros. Desta boa ordem nascia, que apparecendo hum Clerigo do Bispado a S. Excellencia Reverendissima, ainda que chegasse de partes muy remotas, já o achava taõ comprehensivamente noticiado acerca de sua vida, e acçoens, como se nem hum só dia passára ausente de sua vista. Nem menor vigilancia sobre seus subditos se podia esperar de hum Prelado, que sabia o encargo, que tomou sobre seus hombros.

Conc. Trid. sess. 23. de Refor. c. 16 & ibi citat. Cõc. Chalc.

25 Quando Deos no Testamento Velho dispunha as riquissimas vestimentas, para ornato do Summo Sacerdote, mandou que em ouro se engastassem duas pedras preciosas, e nellas fossem gravados os nomes dos filhos de Israel: e que estas joyas

joyas trouxesse o Sūmo Sacerdote sobre seus hombros: *Sumes duos lapides onychinos, & sculpes in eis nomina filiorum Israel.... Portabitque Aaron nomina eorum coram Domino, super utrumque humerum.* Exod. 28. 9. 12. Tambem mandou, que em huma lamina de ouro se cravassem doze pedras, e nellas os mesmos nomes, cada nome em sua pedra, e com esta joya se ornava o peito do Sacerdote: *Portabit que Aaron nomina filiorum Israel in rationali judicii super pectus suum.* Vers. 29. Porém se elle já trazia esses nomes sobre seus hombros, para que os ha de trazer tambem sobre seu peito? Por essa mesma razaõ. He Summo Sacerdote? He Pastor, com obrigaçaõ de trazer as ovelhas sobre seus hombros: *Super utrumque humerum*? Pois tambem as trará diante dos olhos, da sorte que lhe for possivel: no peito as trará, onde as possa continuamente ver: *Super pectus suum.* Reparay agora (porque muito faz para o nosso caso) que aquellas preciosas pedras, com os nomes dos filhos de Israel, por sua ordem estavaõ cravadas no ouro: desorte que huma pedra, ou hum filho de Israel, naõ podia sahir fóra do lugar que lhe coube: *Inclusi auro erunt per ordines suos*, V. 20. diz o Texto; porque para aquelle Prelado trazer os seus subditos sempre á vista, e saber suas acçoens, devia consignar-lhes lugar fixo, e taõ certo, que naõ sahissem fóra delle: *Inclusi per ordines suos.*

36 Bem póde ser que aquelles nomes, que o Summo Sacerdote trazia sobre seus hombros, representassem os nomes dos Reverendos Ecclesiasticos das Mi. as desse Bipado, que estaõ postos, e tem seu domicilio sobre ouro, e entre pedras taõ pre-

preciosas, como saõ os Diamantes, os Rubins, as Esmeraldas, os Topazios, as Safiras, e outras, que lá se achaõ em taõ grande copia, que só a experiencia lhe pode conciliar credito. Pois tenhaõ tambem esses Ecclesiasticos a sua habitaçaõ, segundo a ordem em que os puzer o Prelado: *Inclusi auro erunt per ordines suos*; porque só assim podem estar sempre na noticia, e quasi á vista do Prelado, que os traz sobre seus hombros: *Super pectus suum; super utrumque humerum.*

27 Desta vigilancia, e circunspecçaõ com que S. Excellencia Reverendissima tinha os subditos sempre á vista, naõ sómente se fazia escusado inquirir de suas acçoens, e procedimentos, mas tambem (que isto ainda he mais) procedia naõ haver nos subditos cousa digna de se inquirir; porque sabendo elles que os seus particulares todos eraõ levados á presença do Prelado, necessariamente se continhaõ com hum viver taõ conforme ao seu estado, que nem materia davaõ de inquiriçaõ.

28 O meyo admiravel, disposto pela Providencia Eterna, para a conversaõ do Principe dos Apostolos, foy que Christo olhasse para elle: *Conversus Dominus respexit Petrum, & recordatus est Petrus verbi Domini, sicut dixerat, quia priusquam gallus cantet, ter me negabis, & egressus foràs, flevit amarè.* Entrando Pedro a negar a Christo, segunda, e terceira vez o negou, sem que para deixar de o fazer, bastasse a advertencia, com que Christo o havia prevenido; nem o canto do gallo, para se lembrar da fidelidade, que prometera a seu Mestre, ainda que lhe custasse a vida. Bastou porém que Christo olhasse para Pedro; porque

Luc. 22. 61. 62.

que com esta vista se converteo, chorou a culpa, e emendou a vida. Naquelle fictar de olhos naõ diria Christo a Pedro mais do que lhe tinha dito, quando o prevenia para que o naõ chegasse a negar, nem lhe traria á memoria mais do que lhe podia lembrar o canto do gallo, que elle tinha ouvido muy bem. Pois se com as admoestaçoens precedentes ainda se obstina Pedro em negar a Christo; se ouvida a primeira voz do gallo, se naõ converte; como se arrepende, tanto que Christo põem nelle os olhos? Oh efficacia da vista de Christo para converter! E a esta imitaçaõ tambem: Oh efficacia da vista do Prelado, para que o subdito se contenha! Para ser perguntado Christo, o levaraõ á sála em que o esperava Caiphaz com os do seu Conselho; e Pedro, que seguia a Christo de longe, ficou no atrio da casa do Pontifice, onde teve a deliberaçaõ de negar a seu Mestre. Deo Caiphaz a causa de Christo por examinada, despedio os Ministros do Conselho, e a Christo levaraõ para o atrio: alli reparando com os olhos, pós a vista em Pedro: *Conversus Dominus, respexit Petrum*: e o mesmo foy considerar-se Pedro na presença de Christo, que arrepender-se. Logo advertio na voz do gallo, na qual d'antes naõ havia reparado: logo se lembrou do que Christo lhe havia dito, e do que elle se naõ lembrava já: *Cantavit gallus, conversus Dominus respexit Petrum, & recordatus est Petrus verbi Domini.* Logo se emendou, e se converteo: *Et egressus foràs flevit amarè.* Ainda naõ disse tudo. Naquelle fictar de olhos em Pedro, lhe fez Christo huma intimaçaõ, de q̃ nem por estar ausente se lhe escondiaõ as suas negaçoens; porque na

Matth. 26. 57. 58.

Petrus ter Christũ negat, neque illud in domo, sed foris in atrio: & quanvis gallus cãtasset, casum suum nõ sẽsit, sed Magistri, admonitione indiguit, cujus inspectio, quasi vox Dñi corrigentis auribus Petri insonuit.

D. Chrysost. in Caten. Græc.

na fálalhe foy preſente o que elle obrara no atrio. Pois como ſe naõ correria Pedro! Como ſe naõ emendaria, e converteria: *Egreſſus foràs flevit amarè*! Mas naõ hé iſto já o que pergunto. Paſſo ao noſſo intento, e perguntarey para o concluir: Se pela vigilancia de S. Excellencia Reverendiſſima lhe eraõ preſentes as acçoens todas de ſeus ſubditos, qual deſtes ſe atreveria a viver livre, e licencioſamente? A reformaçaõ do Clero deſte Biſpado reſponde, que nenhum; e que delles naõ havia que inquirir; que louvar ſim.

29 Atéqui, quanto aos ſubditos de ſua Eccleſiaſtica juriſdiçaõ. Quanto aos ſubditos da juriſdiçaõ Real, como S. Excellencia Reverendiſſima lhes naõ podia diſpor as acçoens, na forma neceſſaria, para a comprehenſaõ de ſeus procedimentos; com ſumma diligencia inquiria nas viſitas o como elles viviaõ: e deſtas inquiriçoens taõ exactas ſe colhia o fructo de muitos uſurarios punidos; de muitas incontinencias habituaes corrigidas, ou com o remedio do Matrimonio, que contrahiaõ os delinquentes, ou com a total ſeparaçaõ, e caſtigo dos culpados. Finalmente, á cuſta de ſuas exactiſſimas diligencias, pôs S. Excellencia Reverendiſſima eſte Biſpado taõ limpo de todo o eſcandalo, que póde ſer eſta a melhor prova do ſummo cuidado, com que examinava o que naõ podia ſaber de outra ſorte.

30 Tendo Saul a certeza de que Samuel Profeta aſſiſtia na Cidade de Ramatha, entra nella para o conſultar; e perto de huma fonte, vendo certas moças, que hiaõ a encher ſeus cantaros, lhes fez eſta pergunta, ou rompeo neſta admiraçaõ: *Num hic*

hic est videns? Esta he a Cidade onde reside o Profeta, que vê as cousas? Boa pergunta! E porque foy Saul a Ramatha, senaõ porque sabia que nella estava o Profeta? Naõ foy pergunta ociosa, respondе Rabbi Salomaõ, e com elle os Hebreos Interpretes do Testamento Velho: foy admiraçaõ. Vio Saul naquellas moças huma liviandade (porque certamente naõ passava de liviandade) e admirando-se do que via, arguîo ao Profeta de naõ pôr os olhos em taes desmanchos: *Num hîc est videns?* Como dizendo: Se Samuel fizéra diligencia por ver, e por saber o que passa neste seu povo, naõ seriaõ taõ livianas estas moças; porque oserem sisudas, ou desconcertadas, he o mais claro testimunho de que o superior vê, ou naõ vê o como ellas vivem.

1.Reg.9.11.

Rabbi Sal. apud Abulens. in hũc loc.

31 Oh se Saul entrara nesta Cidade, e vira no aljube as comprehendidas: as denunciadas livrando-se; e tantas outras pessoas corrigidas! Que diria? Certamente diria, mas por outro modo, o que lá disse em Ramatha: *Hîc est videns.* Aqui sim, ha Prelado, que vê: Prelado, que põem os olhos no que tem a seu cargo; porque naõ passa impunido, o que póde escandalizar. Mas disseste Saul o que disseste, digamos nós que o Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Bispo punha todo o cuidado em examinar o que naõ via, ou naõ podia saber: *Causam, quam nesciebam, diligentissimè investigabam.*

§. IV.

§. IV.

Conterebam molas iniqui.

32 PErſeguia, e caſtigava aos que eraõ máos. Hè o que vem a dizer eſta parte do noſſo thema; e antes que a appliquemos a S. Excellencia Reverendiſſima, conſideremos as palavras deſte periodo em ſeu proprio, e literal ſentido, proferidas pelo Santo Job. He poſſivel que aquelle Santo taõ grande, exemplo da paciencia, e varaõ que de ſua infancia começou logo a ſer compaſſivo, creſcendo igualmente na idade, e na compaixaõ: *Ab infantia mea crevit mecum miſeratio*: He poſſivel (digo) venha a gloriar-ſe huma vez, que, poſto no governo, era punitivo: *Conterebam molas iniqui*! Sim; porque iſſo meſmo era virtude: iſſo meſmo era compaixaõ. Caſtigar ao máo he virtude; porque he acto de juſtiça, que Deos tanto preza, eſtima, e tanto recõmenda. He acto de compaixaõ do proximo; porque caſtigado naõ reincidirá no delicto. Huma paciencia de Job he muy boa para ſoffrer as proprias calamidades; diſſimular porém crimes alheyos, naõ he paciencia; he froxidaõ: naõ he virtude de tolerancia; he vicio de poſilanimidade: e ſe naõ dizey-me:

Job. 31. 18.

33 Qual de dous Prelados mais agrada a Deos: hum, em quem os crimes achaõ diſſimulaçaõ, ou outro, em quem os delictos achaõ o caſtigo prõpto? Commetto a deciſaõ ao juizo dos que me ouvem. Parece-me, que a diſſimulaçaõ do caſtigo he permiſſaõ para a culpa: e ſey, que na morte fará grave

ve pezo á consciencia do Prelado, deixar impunido o delicto, e sem castigo o reo. Sirva-nos de exemplo David. Estando para morrer, chamou a seu filho Salomaõ, que lhe succedia no Reyno, e naquella hora, em que os Reys, por ultima prenda de seu amor, tiraõ do thesouro de sua experiencia, para deixar aos filhos, os conselhos mais pios, e mais prudentes para o governo; e lhes fazem as recõmendaçoens mais importantes para o acerto: lhe encarregou com encarecimento duas cousas. Huma foy, que tirasse a vida a Joab, por crimes, que nessa hora lhe relatou. Outra, que désse a morte a Semei. E accrescentou David, que isto lhe naõ fizera elle em vida; porque em certa occasiaõ lhe promettera com juramento, que o naõ havia de matar: *Juravi enim per Dominum dicens non te interficiam gladio.* Valha-me Deos, com taes recõmendaçoens de David, para a hora da morte! Se David passa toda a vida sem castigar a Joab, como na morte o condemna! Isso naõ era accusar-se a si mesmo, e fazer-se culpado por froxo, e omisso na sua obrigaçaõ? Lembra-se do juramento, que fez, de naõ matar a Semei, e ordena a seu successor que o mate! Que mais importava a Semei que o matasse David, ou que o mandasse matar? Tudo era o mesmo para Semei, porém David em hum, e outro caso hia a livrar-se do insoffrivel remorso, que sentia na consciencia, por haver faltado a estes delinquentes com a pena, que de justiça mereciaõ. 3. Reg. 2. 8.

34 Passemos agora do literal ao nosso caso, pois lhe vem mais accomodado. Tenho por certo, Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor, que na

na morte nenhum gravame lhe fez a consciencia, haver dissimulado algum crime sem castigo; porque, naõ menos que Job, castigava, e perseguia V. Excellencia Reverendissima os delinquentes: *Conterebam molas iniqui.* Parece-me que está V. Excellencia Reverendissima repetindo lá no Ceo aquellas palavras que escreveo o Apostolo: *Reposita est mihi corona justitiæ*: porque já estará logrando a coroa da justiça, que fazia.

2. Ad Tim. 4. 8.

35 Se no Ceo ha coroa especial para os Apostolos, para os Martyres, para os Doutores, e para as Virgens; porque a naõ haverá tambem para os que tiveraõ grande zelo da justiça, como resplendeceo em S. Excellencia Reverendissima? Cuidaõ muitos que no Prelado só assenta bem a piedade, e brandura: e se lhe naõ condemnaõ a justiça, reprovaõ ao menos a aspereza, em que brota o zelo de alguns grandes Prelados, quando reprehendem. Oh juizo dos homens! Oh prudencia humana, como procedes erradamente! A Escritura Sagrada muitas vezes compara o zelo com o fogo: e bem; porque nem o fogo póde arrebentar com moderaçaõ, nem o ardente zelo tem cordura quando brota. Quem reprehende sem aspereza, ordinariamente faz a reprehensaõ inutil, porque a faz insensivel a quem a ouve. Os Prelados naõ obraõ em causa propria: saõ de Deos as causas em que elles obraõ, e, por reverencia do mesmo Deos, devem reprehendê-las, e estranhá-las com tanta aspereza, quanta pede a honra de Deos injuriado, o qual tanto cargo fará no seu Juizo ao Prelado, que naõ reprehende, como ao que reprehende sem aspereza.

36 Até o preſente anda, e ſempre andará em opinioens o fim daquelle Veneravel Pontifice Heli; poſtoque, como diz S. Joaõ Chryſoſtomo, foſſe de vida inculpavel: *Heli dico, cujus cùm vita eſſet irreprehenſibilis.* S. Baſilio Magno, S. Gregorio Nazianzeno, Santo Efrem, o meſmo S. Joaõ Chryſoſtomo, e S. Bento no ſegundo capitulo de ſua Regra, e muitos outros Padres entendem que ſe perdeo; porque faltou com a reprehenſaõ a ſeus filhos, ſendo tal, que, por naõ moleſtar aos filhos com a reprehenſaõ, faltou á honra que devia a Deos. *Magis honoraſti filios tuos quam me*, lhe diſſe Deos quando o arguio. Porém no Texto he bem claro que Heli reprehendia a ſeus filhos, e os admoeſtava a que naõ peccaſſem, propondo-lhes a enormidade de ſuas culpas, o eſcandalo, que cauſavaõ, e a reverencia que ſe deve a Deos: *Quare feciſtis res hujuſcemodi, quas ego audio, res peſſimas ab omni populo?* dizia Heli a ſeus filhos: e ainda lhes dizia mais: *Nolite filii mei: non enim eſt bona fama, quam ego audio. Si peccaverit vir in virum, placari ei poteſt Deus: ſi autem in Deum peccaverit vir, quis orabit pro eo?* Iſto naõ era reprehender, e eſtranhar Heli as acçoens de ſeus filhos? Sim era, reſpondem os Santos Padres: mas naõ era como devêra ſer; porque os reprehendia ſem ſe indignar contra elles: *Neque enim eo modo, quo æquum erat, adverſus ipſos indignatus fuerat*, diz S. Baſilio. Devia Heli reprehender os filhos com palavras aſperas, e reprehendia-os com brandura: *Cum acriùs coercére debuiſſet, verbis tantùm lenibus monuit*, diz S. Joaõ Chryſoſtomo. Devia reprehendê-los com authoridade, e ſeveridade de

D. Chryſoſt. Hom. 17.

1. Reg. 2. 29.

Ibid. v. 23. 24. 25.

D Baſil. in Reg. Brevior. interrog. 47.

D. Chryſoſt. Hom. 9. in 1. ad Timot. 3.

Biſpo, e naõ com docilidade de pay, como fazia: *Redarguit, & corripuit; ſed lenitate, & manſuetudine Patris: non ſeveritate, & authoritate Pontificis*: diſſe, explicando-ſe melhor que todos, o meu S. Pedro Damiaõ.

D. Petr. Dam. Epiſt. 12. ad Nicol. Pont. in tom. 3. Bibliot. editionis ſecundæ.

37 Que exemplo deixáraõ neſta parte aquelles grandes Prelados, poſtos por Deos na ſua Igreja, para exemplo dos que o forem? No antigo Teſtamento houve hum Sacerdote Phinees de taõ ardente zelo na obſervancia da ley, e taõ arrebatado contra os violadores della, que de huma punhalada tirou por ſuas mãos a vida a dous complices de hum delicto. Quantos diriaõ que ſe fazia indigno do Sacerdocio, e do Officio de Prelado, quem era taõ falto de brandura! Porém Deos tanto ſe agradou daquella acçaõ de Phinees, que em premio della lhe fez o Sacerdocio perpetuo, e hereditario em ſua caſa, e deſcendencia. S. Pedro, que em tudo foy o primeiro Prelado da Igreja, arguio com tanta ſeveridade a Ananias, que o fez cahir morto: e ſem deſmayar o Santo Pontifice, á viſta de taõ formidavel caſo, chamou logo a Saphira, e arguindo-a da meſma ſorte a deixou ſem vida. O Papa Bonifacio VIII. apreſentando-ſe-lhe hum Arcebiſpo de Genova, para de ſua maõ receber a cinza, em huma quarta feira deſta ceremonia, publicamente ſe lhe moſtrou indignado, e aproveitando-ſe das palavras de que a Igreja uſa em tal dia lhe fez a ameaça de o reduzir a cinzas. S. Joaõ Chryſoſtomo com taõ aſpera liberdade reprehendia ao Imperador, á Imperatriz, e á nobreza de Conſtantinopla, que pareceo queria excitar contra ſi meſmo a furia, e conſpiraçaõ, que delles experimentou.

Numer. 23.

Actor. 5.

Gautruche Hiſt. Eccleſ. in vita hujus Pontificis.

38 Com

38 Com taõ qualificados exemplos ninguem deve estranhar que S. Excellencia Reverendissima algumas vezes revestisse as suas reprehensoens de aspereza; porque indignando-se, reprehendia como Bispo, zeloso da emenda dos vicios: reprehendia como quem, no exemplo de Heli, temia a condemnaçaõ: finalmente, como quem até com a reprehensaõ castigava aos máos: *Conterebam molas iniqui.*

§. V.

Dicebamque, in nidulo meo moriar, & sicut Phœnix multiplicabo dies.

39 NO exercicio das virtudes que ponderámos, e de muitas outras, que (como sabemos) ornavaõ a S. Excellencia Reverendissima, suspirava elle pela sua Religiaõ, desejoso de acabar nella os seus dias. Lembra-me agora o Papa Benedicto XIII. de veneravel memoria, que entrando nos Conventos de sua Dominicana Religiaõ, costumava dizer: *In nidulo meo moriar.* Como se dissesse: Esta Religiaõ foy o meu ninho, em que nasci, quando no estado Religioso renasci para Deos: nella hey de morrer para eternizar a vida na Gloria. Naõ quiz Deos cumprir-lhe os seus desejos; quiz porém conresponder aos do Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Bispo. Sendo eleito para o Bispado de Viseo, com grave desprazer se transportou para Portugal, e chegando mortalmente enfermo a Lisboa, se recolheo ao seu Convento de S. Francisco da Cidade, onde vestira o

habito de Noviço da meſma Ordem, onde profeſſou: finalmente ao ſeu ninho ſe recolheo para eternizar na Gloria os ſeus dias: *In nidulo meo moriar, & ſicut Phœnix multiplicabo dies.*

40 E quem naõ dirá que a preſente mudança de todos os Biſpos da Aſia, America, e Ilhas adjacentes de Portugal, para os Biſpados do meſmo Reyno, ſeria talvez meyo diſpoſto pela Providencia Eterna (bem que pareceo acaſo) para que S. Excellencia Reverendiſſima tiveſſe a conſolaçaõ de acabar na ſua Ordem, e no meſmo Convento de ſua profiſſaõ: *In nidulo meo moriar!* No anno em que Chriſto havia de naſcer, ſahio hum edicto do Imperador Romano, para que todos os ſeus vaſſallos, e ſubditos foſſem peſſoalmente matricularſe ás terras de que eraõ, por ſeus aſcendentes, oriundos. Naõ foy acaſo eſte edicto, mas ſim meyo diſpoſto pela Providencia, para que Chriſto fóra de Nazareth, fóra da caſa de ſua Mãy Santiſſima, no mayor deſamparo, e deſabrigo do inverno, foſſe naſcer em Belem. Talvez ſeria ſimilhante a diſpoſiçaõ, com que a meſma Providencia ſempre incomprehenſivel ordenou que S. Excellencia Reverendiſſima ſahiſſe deſta Dioceſe para morrer na ſua Religiaõ. Parece que Deos ſe dava por bem ſervido, e muy pago daquella repugnancia, que teve S. Excellencia Reverendiſſima em deixar a ſua Religiaõ por aceitar eſte Biſpado; e por iſſo lhe dava meyos de ſahir do Biſpado, e tornar para a Religiaõ, que eſcolheo para morrer. Empregou-ſe a vida no ſerviço da Igreja, e do Biſpado; porque aſſim o diſpunha Deos: mas á conta da ſua Providencia ficou dar os meyos, para que naõ foſſe a morte fóra da Religiaõ.

41 Ser

41 Ser Biſpo, e ir acabar na Religiaõ, em que profeſſou! Grande felicidade! porque era deixar antes da morte os cuidados do Biſpado, que na ultima hora tanto affligem. Em vida, ſocegadamente ſem urgencias, e perturbações da morte, ordenou S. Excellencia Reverendiſſima todas as couſas do Biſpado: entregou o governo delle, e ſahio para morrer onde deſejava. Saõ Pedro Celeſtino com reſoluçaõ atégora naõ imitada, largou o Sũmo Pontificado da Igreja, e retirando-ſe para a ſua, e minha Religiaõ, foy nella eſperar a morte. Saõ Pedro Chryſologo ſabendo que lhe reſtavaõ poucos dias de vida, deixou o ſeu Arcebiſpado de Ravena; e feitas as recommendaçoens, que devia, ſe retirou para a ſua patria a morrer onde naſceo. Saõ Carlos Cardeal Borrhomeo, e Arcebiſpo de Milaõ, pouco antes de ſua morte, ſe apartou para Monte Varalle a eſperar a hora de ſe apartar deſte mundo. Queriaõ todos eſtes Prelados achar-ſe na morte ſem o cuidado de ſuas Dioceſes. Aſſim aconteceo tambem a S. Excellencia Reverendiſſima, por Divina piedade, e altiſſima diſpoſiçaõ de Deos. Oh que morte taõ feliz para quem tinha o governo de hum Biſpado taõ extenſo! Oh que morte taõ digna de que a deſejem todos os que governaõ!

42 Eſcrevem os Rabbinos mais doutos, e mais verſados nas Hiſtorias do Teſtamento Velho, que Moyſés deſejára ter tal morte como a de Aaram: *Moyſes hoc videns deſideravit talem modum mortis.* E Moyſés, que tanto privava com Deos; Moyſés, que era como outro Deos, por delegaçaõ delle, tinha que invejar a morte de alguem? Foy

Rab. Salom. apud Lyr. in c. 20. Num.

a morte deſte grande ſervo, e amigo de Deos, como hum ſõno muy quieto, entre os doces oſculos do meſmo Deos, que tomou á ſua conta mettê-lo na ſepultura por mãos dos Anjos: *Mortuusque eſt ibi Moyſes ſervus Domini in terra Moab, jubente Domino, & ſepelivit eum.* No original Hebraico ſe eſcreve aſſim: *In terra Moab, ad os Domini.* Outros vertem: *In oſculo Domini.* E bem ſoube Moyſés, antes de ſe partir deſte mundo, a morte que Deos lhe preparava; porque no ultimo capitulo dos ſeus livros do Pentateuco a achamos eſcrita com todas as circunſtancias, e naõ por outro, ſenaõ pelo meſmo Moyſés com eſpirito profetico, e revelaçaõ que teve da ſua morte, e ſepultura, ſegundo o entender de Joſepho, a quem ſegue Philo. Pois que obſervaria Moyſés na morte de Aaram, para a appetecer ſimilhante? O meſmo que nós iremos obſervando agora. Obſervou que, para morrer eſte Summo Sacerdote, lhe ordenou Deos ſe retiraſſe do ſeu povo, e acompanhado ſó de ſeu irmaõ Moyſés, e de ſeu filho Eleazaro, ſubiſſe ao monte Hor, e morreſſe nelle: *Tolle Aaron, & filium ejus cum eo, & duces in montem Hor.... & morietur ibi.* Notou mais, diſpôr Deos que no monte ſe deſpiſſe Aaram das veſtiduras Pontificaes, antes que morreſſe. Havia caminhar aquelle Pontifice em habitos Pontificaes até o monte, e ahi ſe havia deſpir delles, e acabar a vida: *Cumque nudaveris Patrem veſte ſua... Aaron colligetur, & morietur.* Oh quantos myſterios aqui ſe encerraõ!

Deuter. 34. 5. 6.

Vieg. in Apoc. 14. Comment. 2. lect. 3.

Num. 20. 25, 26.

43 Naõ ha de ter aquelle Pontifice a conſolaçaõ de morrer entre os ſeus? Antes da morte ha

de

de ser privado da companhia delles? De mais. No Exodo só permittia Deos que o Summo Sacerdote usasse da tunica Pontifical dentro do Santuario, exercendo o seu ministerio: *Vestietur eâ Aaron in officio ministerii, ut audiatur sonitus quando ingreditur Sanctuarium.* Pois como agora ha de sahir com ella até o monte Hor? Se ahi a deve despir antes que morra; porque a naõ despe onde costumava? Já vedes que em tudo isto se continhaõ mysterios. Vamo-los declarando. Na tunica diz Hugo Cardeal que se representaõ os cuydados temporaes: *Tunica est temporalium cura*; e quiz Deos que alguma vez vestisse Aaram a tunica Pontifical fóra do Santuario, para assim mostrar que os cuidados do seu Officio em toda a parte o acompanhavaõ. Mas para significar tambem que antes da morte o pôs livre de todos esses cuidados, ordenou a Moysés que despisse ao Pontifice Aaram antes de morrer: *Cumque nudaveris patrem veste sua; .. Aaron colligetur, & morietur.* Esse (da mesma sorte) era o fim, de Aaram ser conduzido a morrer ausente do seu povo, como quem o naõ tinha já a seu cargo, e a seu cuidado: *Duces eum in montem Hor, & morietur ibi.* Moysés tinha tambem a seu cuidado o governo daquelle povo: e appeteceo ter a morte de Aaram; porque desejou morrer apartado, e retirado do mesmo povo, livre dos cuidados, que lhe causava o governo delle: *Moysés hoc videns desideravit talem modum mortis.*

Exod. 28. 35.

Hug. Card. in cant. 5. 3.

Num. 20. 26.

44 Morreo o Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Bispo, como desejava morrer Moysés; porque morreo como Aaram. Retirado da sua Dio-

ceſe, livre dos cuidados della, na companhia de ſeus irmãos (os Religioſos do ſeu Convento) e de alguns poucos da ſua familia, que como filhos o acompanhavaõ: qual outro Aaram na companhia de ſeu irmaõ Moyſés, e de ſeu filho Eleazaro. Deixay-me notar mais alguma circunſtancia, em que a morte de S. Excellencia Reverendiſſima ſe aſſimilhou á de Aaram. Ordenou Deos a Moyſés naõ ſó que no monte Hor foſſe Aaram deſpido de ſuas veſtimentas; mas tambem que com ellas foſſe no meſmo lugar veſtido Eleazaro, que lhe ſuccedia no Sacerdocio, e Pontificado: *Cumque nudaveris patrem veſte ſua, indues eâ Eleazarum.* A Ley dada por Deos no Exodo, e no Levitico, diſpunha que a creaçaõ, ou inveſtidura do novo Pontifice ſe fizeſſe ás portas do Tabernaculo: mas entrou neſta parte a diſpenſaçaõ Divina, para que Aaram (dizem os Expoſitores) ſe conſolaſſe na morte com a viſta do ſucceſſor que tinha. Nem eſta conſolaçaõ faltou ao Excellentiſſimo, e Reverendiſſimo Senhor Biſpo. Depois que deſembarcou em Lisboa, poſtoque mortalmente enfermo, ainda teve tempo ſufficiente para ſaber o ſucceſſor, que lhe eſtava deſtinado; e para ſe conſolar, ſabendo que deixava o Biſpado, e o ſeu povo provído de hum Prelado, que terá todas as circunſtancias de benemerito, ſegundo com experiencia provada confiamos no acerto de quem cuidadoſamente o elegeo.

Ibid.

Exod 29. Levit. 8.

45 No gozo de tantas conſolaçoens mandou Deos ultimamente que Aaram, qual outro Jacob, ſe encolheſſe para morrer: *Aaron colligetur, & morietur.* Parece que para morrer ſe encolhia, quem

Genes. 49 32. Num. 20

quem eſtando para eſpirar, ſe deſpia de toda a pompa, e ornato Pontifical: *Cumque Aaron ſpoliaſſet veſtibus ſuis.* Tambem o Excellentiſſimo, e Reverendiſſimo Senhor Biſpo, para em todas as circunſtancias ter huma morte qual outro Aaram, quiz, á imitaçaõ delle, encolher-ſe para morrer; porque diſpôs que o enterraſſem como a hum Frade da ſua Ordem, ſem aquelle ornato, e pompa, que ſe deve a hum Biſpo. Qualquer peſſoa encolhendo ſe parece menor do que he: S. Excellencia Reverendiſſima tanto ſe encolheo na morte, que ficaſſe parecendo hum Frade Menor. As aves encolhem as azas para que poſſaõ entrar em ſeus ninhos: e porque S. Excellencia Reverendiſſima queria morrer na ſua Religiaõ, como a ave Feniz morre em ſeu ninho: *In nidulo meo moriar, & ſicut Phœnix*: por eſte modo ſe encolheo para morrer: *Colligetur, & morietur.* Ibid. v. 28.

46 Mas ſe morreo como Feniz, tambem renaſceo já como Feniz; porque, como eſperamos em Deos, já eſtá multiplicando os ſeus dias lá no Ceo: *Sicut Phœnix multiplicabo dies*; para noſſa conſolaçaõ, e coroa de ſeus merecimentos. Por todos os dias da Eternidade goze V. Excellencia Reverendiſſima da viſta de Deos na Gloria, em premio daquella doutrina admiravel, com que a tantos peccadores tirou do caminho da perdiçaõ, e a todos deſejava metter no Ceo. Em premio das eſmolas ſem numero, com que alimentou a immenſa pobreza deſte ſeu Biſpado. Em premio daquelle incomprehenſivel cuidado, e paſtoral vigilancia, com que o governou, caſtigando culpas, e extirpando vicios. Em premio de tantas, e taõ heroicas

roicas virtudes, com que Deos o quiz fazer dig
no de ſua Gloria: e no gozo della, naõ ceſſe V.
Excellencia Reverendiſſima de rogar por nós,
para que alguma vez nos ajuntemos a louvar a
Deos, e a lograr de ſua viſta, e eterna Bemaven-
turança.

SER-

SERMAÕ III.
DE N. SENHORA DO
PILAR,
EM DIA DE REYS,
ESTANDO EXPOSTO O SS. SACRAMENTO, no Mosteiro de S. Bento do Rio de Janeiro, anno de 1741.

Ecce stella, quam viderant in Oriente, antecedebat eos, usque dum veniens staret suprà ubi erat puer. Matth. 2.

§. I.

NASCE Christo em Belem, e no Oriente apparece huma nova Estrella. (Divina, e Humana Magestade, a quem adoraõ os Reys na terra, os Thronos, as Potestades, as Dominaçoens, e os Principados no Ceo.) Nasce Christo em Belem, e no Oriente apparece huma nova Estrella, indicando o nas-

o naſcimento do novo Rey. Com illuſtraçaõ interior obſervaraõ os Magos a materia, o corpo, o tempo, o lugar, e curſo da Eſtrella: e ſeguindo-a, por Divina inſpiraçaõ, chegáraõ a Belem, acharaõ o Rey de Mageſtade Immenſa, e Eterna, naſcido menino, e recolhido em hum humilde Preſepio. Ahi o adoraraõ, e nas offertas, que lhe apreſentaraõ, o reconhecéraõ mortal, o acclamáraõ Rey, e o confeſſáraõ Deos. Eſta he a materia do Evangelho, taõ impropria (ao que parece) da preſente ſolemnidade, que ainda a faz mais difficultoſa para os Oradores. Mas a Eſtrella, que aos Magos ſervio de guia, tambem eſpero me ſervirá de norte; porque ſe aos Magos moſtrou o Rey naſcido, me moſtrará a mim o aſſumpto, que, na feſta de hoje, nunca ſe deſcobrio ajuſtado ſem Eſtrella.

2 Ouvida a Hiſtoria do Evangelho, entraõ a examinar, e diſputar os Sagrados Expoſitores, como poderiaõ os Magos, ou Reys do Oriente, á viſta da nova Eſtrella, vir em conhecimento de Chriſto, naſcido para reynar em Iſrael? Saõ Baſilio Magno, Saõ Jeronymo, Origines, Saõ Leaõ Papa, e com elles os mais dos Santos Padres, e Expoſitores, aſſentaõ que nos povos Orientaes era memoravel, e muy ſabido aquelle vaticinio de Balaam: *Orietur Stella ex Jacob, & conſurget virga de Iſrael.* Naſcerá (dizia) a Eſtrella de Jacob, e apparecerá o Rey, que ha de empunhar o Cetro de Iſrael. E como eſtes Reys do Oriente, ou felices Magos, viraõ apparecer a Eſtrella de Jacob, naõ podiaõ duvidar foſſe naſcido o deſejado Rey de Iſrael. Atéqui bem; mas ſuppoſto naõ

Num. 24. 17.

po-

podiaõ os Magos duvidar do naſcimento de Chriſto neſte caſo, quem os podia certificar no conhecimento da Eſtrella? Que informaçoens, que ſinaes tinhaõ elles da Eſtrella de Jacob, para julgarem ſem duvida ſer eſſa a Eſtrella, que viraõ no Oriente?

3 Quando eu com mais cuidado ſolicitava ſahirme deſta duvida, entrey noutra mayor; porque entrey a inquirir a razaõ de ſe nomear Eſtrella de Jacob, eſſa que os Magos viraõ no Oriente. Em ſentido hiſtorico naõ ſe decide facilmente eſta difficuldade: ſó me occorre para ſoluçaõ o que ouvireis. Em huma noite deſcançando Jacob na jornada que fazia de Meſopotamia para Canaan, acorda, e ſe acha com hum deſconhecido varaõ junto a ſi, que logo entrou a lutar com elle. Eis-que, já no fim da noite, apparece huma Eſtrella, (a que o Texto chamou Aurora, porque appareceo neſſe tempo, e Tertuliano lhe chama Eſtrella d'Alva) e o deſconhecido lutador ſe dá logo por vencido, e trata de ſe retirar: *Dimitte me, jam enim aſcendit Aurora.* Tertuliano verte: *Aſcendit enim Lucifer.* Eſta em todo o Texto Sagrado he a unica Eſtrella, com que ſe aſſignalou Jacob: e porque eſta unicamente ſe podia chamar Eſtrella de Jacob; vem a concluir, que eſta foy a vaticinada, e promettida para indicar aos Magos o naſcimento de Chriſto Rey de Iſrael, quando ſegunda vez foſſe viſta: *Orietur Stella ex Jacob, & conſurget virga de Iſrael.*

Geneſ. 32. v. 26.

4 O lutador deſconhecido, dizem alguns Padres com Santo Hilario, e S. Juſtino, que era o Filho de Deos em figura humana, tentando as forças,

ças, ou experimentando o esforço de Jacob, para lhe communicar os mysterios que obraria incarnando; e como o achou forte, e constante, lhos communicou: *Et quia insuperabilis erat fides ejus, atque devotio, secreta ei mysteria revelabat*, disse Santo Ambrosio. O mysterio, que com mais clareza revelou Deos a Jacob na luta, direy que foy o do presente dia de sua manifestaçaõ aos Reys; porque esta se vio propriamente symbolizada nas circunstancias, que occorreraõ naquella luta. Ora notay. Falla Deos a Jacob depois de lutar com elle, e lhe muda o nome, dando-lhe d'alli em diante o de Israel: *Nequaquam Jacob appellabitur nomen tuum, sed Israel.* E que mais tem este, que aquelle nome, para se chamar Israel, o que d'antes se nomeava Jacob? Os Santos Padres, fazendo o mesmo reparo, daõ varias interpretaçoens ao nome de Israel, deduzidas de sua hebraica etymologia. Diz S. Jeronymo que Israel he o mesmo que Principe: *Israel idem est, quod Princeps.* Santo Agostinho o interpreta: *Videns Deum*; o que vê a Deos. Tudo era Jacob; porque era Principe, que vio a Deos em figura humana representado. Tambem os Magos foraõ Principes, que viraõ a Deos temporalmente nascido, e feito Homem; e já por esta concordia, em Jacob se representavaõ os Magos. Sahiraõ estes de Mesopotamia, dizem muitos Authores com o grande Abulense. Tambem Jacob tinha sahido de lá. Sobre tudo, para que a taõ expressa figura do mysterio da Epiphania de Christo naõ faltasse a Estrella destinada para guiar os Magos, appareceo a Jacob aquella Estrella, que depois havia de apparecer aos Reys no Orien-

D. Ambros. lib 2. de Jacob. c.6.

Genes. 32. 28.

D. Hier. in Tradit. Hebr. D. Aug. de Civit. lib. 16. c.39.

Abul. in c. 24. Num. Barrad. in c.2. Matth.

Oriente: *Aſcendit enim Lucifer. Orietur Stella ex Jacob.*

5 E porque ſe naõ entenda carecer de fundamento o juizo, que faço ſobre a identidade da Eſtrella de Jacob, e dos Magos; notay com admiraçaõ o que nella obſervaraõ os Interpretes do Sagrado Texto. A Paraphraze Chaldaica, ou Targum Jeroſolymitano (que he a de mais authoridade entre os Doutores Hebreos, porque igualmente he Verſaõ, e Expoſiçaõ dos ſeus mais famoſos Rabbinos) dá o nome de Pilar á Eſtrella de Jacob. Naõ lhe chama Aurora, como o noſſo Texto; nem como Tertuliano Eſtrella d'Alva; chama-lhe Pilar da Aurora; porque verte, e lê aſſim: *Jam enim aſcendit columna Auroræ*; enſinuando-nos que a Jacob apparecera taõ myſteriosa Eſtrella com figura de Pilar. Da Eſtrella dos Magos tambem diz o meſmo, naõ menos que o Villarroel; (cuja vaſtiſſima erudiçaõ, e doutrina ſerve de eſpanto aos mais Doutos do preſente ſeculo) porque affirma que acabando a Eſtrella o ſeu curſo, parára ſobre o Preſepio, tornando-ſe como hum reſplendecente Pilar de luz, que com toda a clareza perſuadia eſtar nelle o Omnipotente Rey, que ſolicitavaõ adorar: *Stella ducit inquirentes, perducit adoratores, & nè vagarentur inquiſitione, conſulentes orbis felicitati, ignea ſplendens columna lucis (quæ erat ut ſublimis deſuper) perſtitit, uſque dum veniens ſtaret ſuprà ubi erat puer.* Naõ me admira eſſa metamorphoſe, ou variada figura; porque, como referem Santo Agoſtinho, e outros, a Eſtrella d'Alva, em tal dia como eſte, muito d'antes tinha feito o meſmo. Mudou a cor, a grandeza,

Paraphr. à Judæis dicta Targum Jeroſolymitanum.

Villar. Pinſia, tom. 1. Taut. 5. Did. 2. n. 10.

D. Aug. 21. de Civit. c. 8. Tornielli ad ann. 2258. Perer. lib. 13 de Hist. Dilu. disp. 13. n. 19.

deza, o curso, e a figura, quando nasceo Jozé; por indicar ao mundo, que nesse dia tivera seu assignalado nascimento aquelle grande Vice-Rey do Egypto: *In Cœlo mirabile extitit portentum, ut Stella Veneris nobilissima mutaret colorem, magnitudinem, figuram, cursum.* E porque se naõ veria, com o mesmo portento, variar de aspecto a Estrella, que indicava a Jacob, e mostrava aos Magos o nascido Rey do Ceo, e de toda a terra? Se pois na Estrella de Jacob, e dos Magos vemos taõ uniformes aspectos, ainda quando lhe observamos mais variada a figura, porque naõ diremos que huma, e outra era huma só Estrella?

6 Nem ha que descobrir congruencias, e propor razoens, quando a solemnidade presente naquelle Altar, e naquelle Pilar nos propõem á vista o que intentava persuadir. Alli tendes a Estrella, que Jacob, e os Magos viraõ: *Ecce Stella, quam viderant.* A Estrella de Jacob, diz S. Joaõ Damasceno, era Maria Santissima: *Stella fulgens ex Jacob*; e ella tambem era a Estrella dos Magos, no entender do Doutissimo Idiota: *Stella Magos ad Christum adducens.* A Jacob, e aos Magos apparecia huma mesma Estrella, como Pilar; porque em huma, e outra occasiaõ se representava a mesma Senhora, e Mãy de Deos, dando-se já a conhecer em seu milagroso Pilar. Ao Patriarca Jacob apparecia o Pilar da Estrella: *Columna Auroræ*; porque depois ao Apostolo S. Jacob havia de apparecer a Divina Aurora, e Mãy de Deos collocada sobre hum Pilar. Tambem aos Magos apparecia a mesma Estrella, e o mesmo Pilar; para que a Estrella, que lhes deo a ver o Filho de Deos

Damasc in Octoec: Græc.

Idiot. p. 14. cõtempl. 1.

nas-

naſcido, nos déſſe a conhecer o prodigio do Pilar da Mãy de Deos. Ao myſterio, que hoje celebra a Igreja, dá o nome de Epiphania, ou manifeſtaçaõ do Filho de Deos: e eu acho que a meſma Eſtrella, que manifeſtou o myſterio do dia, tambem nos declara o deſta ſolemnidade. Deſſa Eſtrella diz Santo Agoſtinho, que lá do Ceo dava a conhecer quanto Chriſto occultava no Preſepio: *Abſcondebatur in ſtabulo, & agnoſcebatur in Cœlo.* O meſmo veyo a dizer S. Bernardo: *Abſconditur in Præſepio, ſed proditur radiante Stella de Cœlo.* Porém eu direy, que naõ menos eſtá moſtrando em Maria Santiſſima com titulo do Pilar (de quem a Eſtrella era ſymbolo) o meſmo que em Chriſto no Preſepio eſtava occulto. Para mais declarar, e dividir o aſſumpto, imploremos a Divina Graça.

D. Aug. S. 2. de Epiph.

D. Ber. S. 1. de Circũciſ.

AVE MARIA.

§. II.

Ecce Stella, quam viderant in Oriente antecedebat eos, uſque dum veniens ſtaret ſuprà ubi erat puer.

7 AQuella Eſtrella, que do Oriente guiou os Magos até Belem, parou ſobre o Preſepio, que ſervia de throno ao Rey naſcido. Iſto he o que ſe diz nas palavras do thema. E qual ſeria a confuſaõ dos Magos, quando lhes foſſe revelado que eſſe menino era o verdadeiro Deos, a quem adora a maquina deſte Univerſo viſivel, e a nobreza de todo o inviſivel creado! Como a hum Deos

Eterno (diriaõ os Magos) vemos nós menino de taõ poucos dias? Hum Deos Immenſo, para cuja grandeza o mundo todo he limitado eſpaço, póde caber em taõ eſtreito lugar, como he o Preſepio? O Eterno, temporal; o Immenſo, limitado; he o que com myſterioſa advertencia notou S. Mattheus naquellas palavras: *Vbi erat puer.* Deos Eterno feito menino: *Puer*; Deos Immenſo recolhido a hum lugar: *Vbi erat*; vinhaõ a ſer os dous aſſombros, que aquella Eſtrella indicava: porque eſſa Eternidade disfarçada em Chriſto, e eſſa Immenſidade nelle occulta, eſtava aquella Eſtrella indicando, e manifeſtando aos Magos: *Abſcondebatur in ſtabulo, & agnoſcebatur in Cœlo.* O meſmo Santo Agoſtinho fez huma notavel comparaçaõ da Eſtrella dos Magos com os Apoſtolos. A' Eſtrella chamou lingua dos Ceos, e diſſe que aos Magos declarava a Eſtrella o meſmo que depois nos prégou a lingua dos Apoſtolos: *Nobis hoc nuntiavit lingua Apoſtolorum, Stella illis tanquam lingua Cœlorum.* A lingua dos Apoſtolos diſſe que o Eterno ſe encobrira com a puericia, e que ſe occultara o Immenſo quando appareceo em hum lugar: *Vbi erat puer.* A Eſtrella tambem indicava a Eternidade encuberta, e a Immenſidade occulta; mas o como podia a Eſtrella moſtrar eſſa Eternidade, e eſſa Immenſidade, eu o naõ percebera, ſe naõ houvera entendido neſte dia, que a Eſtrella dos Magos ſymboliſava a Maria Santiſſima com o titulo do Pilar; porque nella vejo reſplendecer a Eternidade, e a Immenſidade, que o Filho de Deos encobria temporalmente naſcido, e collocado no Preſepio.

D. Aug. ſup. citatus.

8 Foy penſamento de S. Pedro Chryſologo, que humanado o Divino Verbo deo os attributos da Divindade, e tomou para ſi os naturaes defeitos da humanidade: *Chriſtus venit ſuſcipere infirmitates noſtras, & ſuas nobis conferre virtutes: humana quærere, præſtare divina.* Tomou para ſi a puericia, e a reſtricçaõ a hum lugar, que ſaõ naturaes defeitos, ou imperfeiçoens da humanidade; mas deo a Eternidade, e a Immenſidade, que ſaõ attributos de Divindade. E a quem communicou o Filho de Deos eſtes attributos? A Maria Santiſſima; porque lhe participou quanto ſe comprehende, e encerra na Divindade: *Quidquid igitur unus trinuſque Deus poſſidet per naturam, Maria poſſidet per gratiam*: diſſe o agudiſſimo Bonherba; e para que na Mãy de Deos viſſemos de alguma ſórte reſplendecer a Eternidade, e a Immenſidade, a exaltou o Filho ſobre hum Pilar, como querendo gravar naquelle marmore eſtes dous attributos, que elle no Preſepio occultava.

D. Chryſolog. Serm. 5.

Bonher. tom. 1. Problem. in Sabb. Dom. 5. Quadr. n. 2.

9 Já diſſe a voz de Tertulliano, que no Sacramento Euchariſtico fizera Chriſto hum depoſito da Eternidade, e da Immenſidade. Naõ podendo, como verdadeiro Homem, reſidir naturalmente em muitos lugares; nem viver para ſempre, quem para morrer naſcera; inſtituio hum Sacramento, por cuja virtude, em toda a parte pudeſſe eſtar, como ſe fora de alguma ſorte Immenſo: e pudeſſe ficar para ſempre na ſua Igreja, como ſe fora de algum modo Eterno: *Chriſtus quandam æternitatis, & immenſitatis ſpeciem largitus eſt in Sacramento: & ubique, & ſemper.* S. Gregorio Nyſſeno, e Santo Ambroſio chamaõ ao Sacramento Pilar;

Vivien tom. 2. V. Euchar. cõc. 1. p. 3.

D. Greg. Nyſ. Hom 4 D. Ambroſ. in Exod. 13

porque nelle ſe firma, eſtabelece a Igreja: *Columna quæ ſtabilit.* E depois de gravar Chriſto, em memoria ſua, a Eternidade, e Immenſidade no Pilar do Sacramento; quiz que em honra de ſua Mãy Santiſſima ſe erigiſſe outro Pilar, em que tambem ſe eſcreveſſe a Eternidade, e a Immenſidade. Duas columnas muy celebres levantou o famoſo Hercules, querendo duplicar as memorias de ſuas acçoens heroicas; e porque naõ fora juſto que ſe contentaſſe Chriſto com menos padroens ás ſuas glorias; ſe para ſi erigio hum Pilar no Sacramento, para ſua Mãy Santiſſima levantou outro Pilar. Mas porque, ſendo Filho de tal Mãy, naõ deixava de ſer Deos; imprimio como Deos no Pilar de ſua Mãy a Eternidade, e a Immenſidade, que para gloria ſua eſculpio no Pilar do Sacramento: porque ambos eſtes attributos communicou a ſua Mãy Santiſſima, com o glorioſo titulo do Pilar. Vamos por partes, e procederemos com mais clareza.

§. III.

1o PRimeiramente, a ſua Mãy Santiſſima, com a invocaçaõ do Pilar, communicou o Filho de Deos aquella Eternidade, que elle em Belem occultava, moſtrando-ſe menino de poucos dias naſcido. Parece-vos incomprehenſivel, ou encarecimento; porque direis, que o Eterno nem principiou, nem acabará; mas iſſo meſmo digo eu, ou diz a Mãy de Deos, fallando do ſeu titulo do Pilar. Nem teve principio, nem chegará a ter fim. Ouçamos o que de ſi meſma diz eſta Senhora

no

no capitulo vinte e quatro do Ecclesiastico, segundo o interpretaõ S. Pedro Damiaõ, e S. Boaventura. *Ab initio, & ante sæcula creata sum, & usque ad futurum sæculum non desinam.* Eu tive o meu principio (diz a May de Deos) lá nesse principio, ou sem principio da Eternidade, antes que os seculos principiassem: e naõ hey de ter fim, por mais que os seculos se multipliquem. Quem ha de comprehender esta verdade taõ repugnante, e taõ fugitiva á razaõ? Vamos-lhe difficultando a primeira parte, e se a podermos vencer, entraremos a ventilar a segunda. Eccl. 24. 14.

11 Maria Santissima he creatura: logo principiou em algum tempo; porque para existir *ab æterno*, ha impossibilidade nas creaturas. He esta Senhora descendente do primeiro homem: logo principiou a viver depois, quando de seus progenitores nasceo. Na sexta idade do mundo, veyo a elle esta perfeitissima creatura: logo antes dos seculos naõ existia no mundo. Tudo confesso, e tudo concedo: porém neste dia temos luz para salvarmos o Texto, em que a nossa conclusaõ se funda, sem aggravo, e sem injuria de taõ fortes, como bem fundadas razoens em contrario. Se advertirmos na propriedade do Texto, diremos finalmente que fallou a Divina Sabedoria, celebrando já a Maria Santissima com o titulo do Pilar: *Ego in altissimis habitavi, & thronus meus in columna*: eis-ahi pois a razaõ de se considerar sem principio: *Ab initio, & ante sæcula creata sum*; porque Maria Santissima, como Senhora do Pilar, existio antes dos seculos, e antes de todo o principio principiou nella o titulo do Pilar. Houve já quem disse, Ibid. v. 7.

Villar. tom. 1. Taut. 3. Did. 12. n. 18.

disse, que a Mãy de Deos teve ser antes de ser: *Habet esse antequam sit*: e disse bem. Se nesta Senhora não houvera mais ser, que o participado de Adam; sem duvida havia principiar como creatura, quando nasceo, e principiou a viver: mas como tambem era Senhora do Pilar: *Thronus meus in columna*, podia debaixo deste titulo considerar-se *ab æterno*; e ser Senhora do Pilar, antes de ser, e antes de todos os seculos: *Habet esse antequam sit*: *Ab initio*, & *ante sæcula creata sum*, & *thronus meus in columna.*

12 Em Maria Santissima houve hum ser participado de Adam, qual foy o da natureza: e houve em Adam hum ser naõ participado por ella, e este foy o da culpa. Mas tambem houve na Senhora hum ser, que se naõ podia participar de Adam; porque nelle o naõ havia: e tal foy o de Senhora do Pilar. E como este ser, e titulo de Senhora do Pilar teve a Mãy de Deos sem dependencia do seu principio da natureza, bem podia nella ser eterno, e sem principio. Em quanto creatura, e descendente de Adam, he certo que principiou Maria Santissima nascendo; mas em quanto Senhora do Pilar, naõ se lhe descobre, nem se lhe acha principio; porque lograva este titulo antes que principiasse a viver: nem era ainda nascida, quando já era invocada por Senhora do Pilar.

13 Desde a Eternidade bradava o Divino Verbo por Maria Santissima, para que viesse ao mundo, e pelo desejo que tinha de nella incarnar, a despertava para nascer. He intelligencia de Ruperto Abbade com muitos Padres, expondo aquelle Texto dos Cantares: *Surge amica mea, speciosa mea,*

Cant. 2. 13. 14. Complut. Reg. Rup. Abb. apud Ghisl. in hũc loc.

& ve-

& *veni, columba mea in foraminibus petræ*; ou como lê outra verſaõ: *Petræ inhærens.* Ouvi a expoſiçaõ de Ruperto: *Me jubebat ſurgere, & properare, id eſt, naſci.* Levanta-te, Eſpoſa minha, (dizia o Divino Verbo á Senhora, que eſcolheo para Mãy) apreſſa-te para naſcer, oh Pomba minha, tu que eſtás collocada em huma pedra. Tambem a duvida vem naſcendo. Se a Senhora ainda naõ era naſcida: *Me jubebat ſurgere, & properare, ideſt, naſci*; como em huma pedra já eſtava collocada: *Petræ inhærens?* Se ainda naõ tinha ſer, como tinha já a empreza, ou o diſtinctivo de pomba: *Columba mea?*

14 Antes de ſolver a difficuldade, notay que o Texto quaſi literalmente ſe eſtá entendendo da Senhora do Pilar. Temos no Texto a Senhora collocada ſobre huma pedra: *Petræ inhærens*; e na pedra daquelle Pilar aſſim vemos a imagem da Senhora, em cujos braços eſtá o Bendito Filho com huma pomba na maõ; talvez para que por eſte final entendamos, que a pomba, por quem o Divino Verbo bradava, era a Mãy de Deos com o titulo, e invocaçaõ do Pilar. Temos já facil repoſta á noſſa duvida. Maria Santiſſima naõ tinha ainda ſer, quando o Filho de Deos por ella bradava, para incarnar, e naſcer della: *Surge amica mea, ſpecioſa mea, & veni*; e com tudo já eſtava collocada, ou exaltada em huma pedra: *Petræ inhærens*; já tinha por diviſa huma pomba: *Columba mea*; porque ſe iſto he o que hoje vemos na imagem da Senhora do Pilar, tambem antes de naſcer, antes dos ſeculos, e deſde a Eternidade, já a Mãy de Deos ſe exaltava com o prodigioſo, e admiravel titulo do Pilar: *Ab*

initio, & ante ſæcula creata ſum, & thronus meus in columna. Pois naõ ſerá de admirar que antes de naſcida foſſe já invocada como Senhora do Pilar, ou lograſſe eſte titulo antes que principiaſſe a viver: *Surge amica mea, ſpecioſa mea, & veni, columba mea in foraminibus petræ. Petræ inhærens.*

15 O paſſado melhor ſe prova com a memoria, do que ſe alcança com o diſcurſo. Eſtendamos pois a memoria por tantos ſeculos, que precederaõ á milagroſa appariçaõ do Pilar, e acharemos que ſahindo o povo de Deos do Egygto, mil quatrocentos noventa e ſeis annos antes que Maria Santiſſima vieſſe ao mundo, já era guiado por hum Pilar, que lhe moſtrava o caminho, e huma nuvem unida a eſſe Pilar o defendia do ardente Sol: *Nubes tua protegat illos, & in columna nubis præcedat eos.* A nuvem (diz o meu Damaſceno com outros Padres) era Maria Santiſſima: e já entaõ no Pilar moſtrava o titulo com que he feſtejada neſte dia. Recorrendo a factos mais antigos, já vemos a Senhora do Pilar, naquelle, que appareceo a Jacob indo para Canaân: *Jam enim aſcendit columna Auroræ.* Retrocedendo mais pelos annos que a eſſas idades precederaõ, deſcobrimos hum Pilar ſobre o monte Moria, ou monte da viſaõ, quando para elle caminhava Abraham a ſacrificar o ſeu unigenito Iſaac. Aſſim o refere o Abulenſe: *Super montem illum, in quo futura erat immolatio, vidit quandam columnam.* O monte ſymbolizava a Maria, diz Richardo de S. Lourenço: *Maria mons viſionis, ubi Abraham voluit filium immolare*; e ſe bem pelo naſcimento deſta Senhora ainda tinha o mundo

Num. 14. v. 14.

Abul. in Gen. 22.

Richard. à S. Laur. de Laud. V. lib. 2.

do

do que esperar mais de dezoito seculos; já com tudo naquella figura, ou symbolo da Mãy de Deos, se lhe divisava taõ anticipadamente o titulo do Pilar. Nem temos necessidade de examinar tantos seculos, que passaraõ, se antes de todos os seculos já em Maria Santissima havia o titulo do Pilar: *Ab initio, & ante sæcula creata sum; & thronus meus in columna.*

§. IV.

16 SE quereis agora com fundamento, e propriedade comprehender a razaõ de se gravar naquelle Pilar o attributo de huma Eternidade sem principio, haveis de saber o mysterio, que a antiguidade observava na erecçaõ de seus pilares. Pierio Valeriano diz que se levantavaõ pilares aos Heróes, cuja gloria se exaltava sobre todos os mortaes: *Ut cujus nomini dicatæ essent, gloria super cæteros mortales attolleretur.* He pois o Pilar, em que a Mãy de Deos se exalta, hum symbolo daquella gloria em que se elevou superior a todos os mortaes; pois para que na terra vissem os homens hum testimunho perenne dessa gloria, ordenou Deos que do Ceo trouxessem os Anjos huma imagem da Senhora, collocada sobre o seu Pilar glorioso. E qual será a gloria, em que mais se exaltou Maria Santissima sobre todas as creaturas, naõ só mortaes, mas immortaes tambem? Diremos todos, com razaõ, e sem duvida, que he a gloria de ser Mãy de Deos: e daqui infiro, que no Pilar consagrado a tanta gloria se devia gravar huma Eternidade sem principio; porque naõ menos he sem prin-

Pier. de Col.

principio a gloria, que esse Pilar symboliza na Senhora.

17 Fallando Isaias da Maternidade sempre admiravel daquella Virgem fecunda, e Mãy do seu mesmo Creador, diz que antes do parto já era Mãy; porque teve Filho antes de o dar á luz: *Antequam parturiret peperit, antequam veniret partus ejus peperit masculum.* Notavel difficuldade! Quem tal ouvio, ou quem vio similhante maravilha, perguntava admirado o mesmo Profeta, que a vaticinava: *Quis audivit unquam tale, & quis vidit huic simile?* Como podia ser Mãy, e ter Filho antes do parto, se antes deste nem havia nascimento, nem Filho? Naõ ha para que mais suspendamos a razaõ, e o discurso neste ponto. Naõ vedes que esse Filho era Deos Eterno, e sem principio? Logo tambem a Mãy devia sem principio ser Eterna. He taõ repugnante á razaõ, que seja Mãy quem naõ teve Filho, como ser Filho quem naõ teve progenitores; pois se o Filho he Eterno, a Mãy como naõ seria Eterna, ou como principiaria em tempo? Bem advirto que esse Filho, em quanto Deos Eterno, naõ nasceo de Maria Santissima, nem teve Mãy; mas ninguem ignora que o Filho della gerado, e nascido, he Deos Eterno: pois quem negará que a Mãy de tal Filho he Mãy Eterna, posto que o naõ concebesse *ab æterno? Antequam parturiret peperit, antequam veniret partus ejus, peperit masculum.*

Isa. 66. v. 7.

Vers. 8.

Quãdo Maria non mater, quæ seculi generavit Authorem? D. Chrysolog. Serm. 246.

18 Commenta Ruperto Abbade o Texto, que ouvistes de Isaias, e diz assim: *Antequam tempus illud ei veniret, ut Filium visibilem ex ventre Virginis Sancta Sion ederet, peperit, & Mater ejusdem*

Rup. in Isa. c. 31.

ejuſdem Verbi effecta eſt. Profundiſſimo dizer, e com rara propriedade. Maria Santiſſima (diz Ruperto) antes do tempo teve Filho; porque antes do tempo foy Mãy. Notay agora. Só a Eternidade precedeo ao tempo: e como a Senhora deſde a Eternidade he Mãy de Deos; diſſe o Profeta que antes do tempo tivera Filho, e fora Mãy antes do tempo, para aſſim declarar aquella Maternidade ſem principio Eterna: *Antequam parturiret peperit. Antequam tempus ei veniret, &c.* Concluamos aqui o noſſo empenho, e o noſſo ponto. Para monumento da mayor gloria de Maria Santiſſima, diſpôs o meſmo Deos ſe lhe erigiſſe pelos Anjos aquelle prodigioſo Pilar; e porque a gloria mayor deſta Senhora he ſer antes de todo o principio Mãy de Deos Eterno, bem era ſe gravaſſe no meſmo Pilar a Eternidade, para que nelle ſe viſſe, que Maria Santiſſima aſſim como deſde a Eternidade foy elevada, e eſcolhida pela Providencia Eterna á dignidade de Mãy de Deos, aſſim deſde a Eternidade era exaltada, e invocada como Senhora do Pilar: *Ab initio, & ante ſæcula creata ſum; & thronus meus in columna.*

§. V.

19 NAõ baſta á Eternidade eſta antiquiſſima origem: tambem he preciſo que para ſempre exiſta o que for eterno. Iſſo meſmo admiramos no prodigioſo titulo do Pilar; porque ha de durar para ſempre: *Et uſque ad futurum ſæculum non deſinam.* Os mais titulos da Senhora, cu

de

de todo acabáraõ com o tempo; ou tendo acabado, com o tempo ſe renováraõ. Na invaſaõ dos Mouros em Heſpanha, acabáraõ nella todos os titulos, com que a Mãy de Deos era invocada; ainda que os mais delles pela devoçaõ, e piedade Catholica ſe renováraõ. Só o do Pilar ſe conſervou entre a barbaridade taõ permanente como d'antes. Tambem no meſmo tempo ſe conſerváraõ algumas outras imagens da Mãy de Deos, nas quaes era adorada com diverſas invocaçoens, e titulos; porém occultas, ſervindo-lhes talvez huma gruta mais de aſilo, que de Templo. Só as imagens da Senhora do Pilar, e os Templos, que lhe eraõ dedicados, permanecêraõ, e ſe conſerváraõ entre os Mouros ſem mudança; porque o eterno he iſento da juriſdiçaõ do tempo. Se fallaramos ſó daquelle Templo, que por ordem da Mãy de Deos lhe edificou Santiago Mayor em Caragoça, e da imagem da Senhora do Pilar feita pelos Anjos, para nelle ſe collocar, e ſer adorada; fôra menos de ſe admirar: mas que a furia de tantos barbaros guardaſſe inviolavel reſpeito, e immunidade, em quinhentos annos, aos mais Templos, e imagens, que com eſte titulo havia por toda a Heſpanha! Aſſim como he mais digno de admiraçaõ, aſſim fora difficil de ſe acreditar, ſe o naõ confirmára o milagre com que o Santo Rey Fernando Terceiro, quaſi no fim da expulſaõ dos Mouros, tendo a Sevilha em cerco, entrava nella inviſivel, e no Templo (que ainda ſe conſervava) de N. Senhora do Pilar, implorava o ſeu favor, e auxilio, para render a Cidade. Nem de outra ſorte era bem que foſſe o que participava da Eternidade.

V. Arbiol. Heſpanha feliz refl. 25. p. 324. Urquiola Sagrada coluna, l. 1. c. 18.

20 Da-

20 Daquelle Pilar de nuvem, que guiava os Iſraelitas, diz o Texto que nunca lhes faltára: *Nunquam defuit columna nubis.* Figura foy de Maria Santiſſima do Pilar, como já diſſemos, e nunca falta a duraçaõ do Pilar; porque eſte titulo da Mãy de Deos ſerá eterno na duraçaõ. Foraõ tambem figuras da Mãy de Deos o Arco Celeſte, a Eſcada de Jacob, a Carça de Horeb, a Vara de Aaram, a Arca do Teſtamento, a Torre de David, o Throno de Salomaõ, o Relogio de Achaz, a Porta fechada de Ezequiel, a Cidade Santa, a Mulher do Apocalypſe, e outros muitos ſymbolos achados nas Eſcrituras, em que Deos nos quiz revelar huma creatura taõ myſterioſa, como cheya da Divina Graça; mas todas eſſas figuras acabáraõ. Só do Pilar de nuvem diz o Texto que nunca faltou, acompanhando os Iſraelitas até o fim da peregrinaçaõ: *Nunquam defuit columna nubis*; porque neſte era ſymbolizada a Mãy de Deos, como Senhora do Pilar: e ſendo eſte titulo em ſua duraçaõ eterno, nem por toda a Eternidade poderá faltar: *Nunquam defuit columna nubis.* Exod. 13, 22.

21 Acabáraõ os mais ſymbolos, e figuras de Maria Santiſſima; porque repreſentavaõ invocaçoens, e titulos da Mãy de Deos, fundados em acçoens, e myſterios, que ſe conſummáraõ, e paſſáraõ com brevidade. O myſterio da Conceiçaõ perſiſtio ſó no inſtante, em que a Senhora ſe concebia immaculada, por anticipaçaõ da graça. O do Naſcimento ſó durou, em quanto ſahia á luz da vida a que naſcia para Mãy de todos os viventes. O da Aſſumpçaõ ſó ſe entendia permanecer, em quanto a Senhora ſubia glorioſa aos Ceos. Mas o do

o do Pilar ſe inſtituio permanente por toda a vida, e até na morte ſe conſervou ; porque depois que a Mãy de Deos nelle ſe exaltou em C,aragoça, por toda a vida ficou conſtante no ſeu Pilar, e até na morte conſervou para ſi eſte titulo ſingular.

Geneſ. 35. 20. Proc. apud Alap. in hũc loc. Abulẽſ. hic.

22 Morta Raquel, mogoado, e ſaudoſo Jacob lhe erigio hum titulo ſobre a ſepultura: *Erexit Jacob titulum ſuper ſepulchrum ejus.* Brocardo, e Abulenſe dizem que eſte titulo fora hum bem viſtoſo Pilar: *Titulum, ideſt, pyramidem perelegantem.* E para que eſte Pilar ſobre aquella ſepultura? Aquelle galhardo Principe Abſalaõ, poſtoque deſgraçado, tambem levantou para ſi hum titulo: *Erexit ſibi titulum*; e, como diſſe o meſmo Abulenſe, e antes delle Joſepho Hebreo, era eſte titulo huma eſtatua de marmore, effigie taõ propria de Abſalaõ, como ſe a beneficio da arte pertendera a natureza reproduzir-ſe: *Tanquam ſi natura parens eum effigiaret.* Em todo o Reyno de Iſrael era celebrada a gentileza de Abſalaõ: e parece a quiz elle defender da horroroſa deformidade, que a eſperava na ſepultura, quando intentou eternizá-la no marmore em que a eſculpio. Naõ foy menos admirada a formoſura de Raquel, cuja viſta foy baſtante para cativar a Jacob. Pois como para deſpertador de ſuá memoria, e para admiraçaõ da noſſa, naõ levanta Jacob huma eſtatua á formoſura de Raquel, quando nem a de Abſalaõ ſeria mais digna de merecer eſtatua? Se lhe ha de erigir hum titulo, porque eſcolhe mais hum Pilar que a propria effigie de Raquel? S. Jeronymo, no Epitapnio, que compôs a Santa Paula, me deo luz para intelligencia deſte titulo da ſepultura de Raquel.

2. Reg. 18. 18.

Abul. hic.

quel. Diz que Maria Santiſſima ſe repreſentava em Raquel. Bem: pois tenha hum Pilar por titulo na ſepultura: *Erexit titulum, id eſt, pyramidem perelegantem, ſuper ſepulchrum ejus*; para que myſterioſamente ſe veja, que nem com a morte acabava para a Mãy de Deos o titulo do Pilar. Eſtava o titulo ſobre a ſepultura; porque o Pilar de Maria Santiſſima he ſuperior á morte na duraçaõ. No eterno naõ tem juriſdiçaõ a morte, e a Eternidade que Deos quiz communicar á Senhora, quando no ſeu Pilar a exaltou, fez que ſe lhe erigiſſe o titulo do Pilar eminente ſobre huma ſepultura, para ſe moſtrar a ſua permanencia depois da morte: *Erexit titulum, ideſt, pyramidem perelegantem, ſuper ſepulchrum ejus.*

23 Nem podia acabar com a morte o titulo do Pilar para a Mãy de Deos, que ainda depois da morte tanto o quiz conſervar, que com eſſa diviſa, ou com eſſe titulo, foy viſta ſubir ao Ceo, para o immortalizar na Gloria. Tomo aos Anjos por teſtimunhas. Viraõ eſtes a Maria Santiſſima na hora em que da Igreja Militante ſe paſſou para a Triunfante, e lá deſcobriraõ, que no mayor appararo de ſua feſtival entrada tinha hum Pilar por diviſa: *Quæ eſt iſta, quæ aſcendit per deſertum, ſicut virgula fumi ex aromatibus?* Eſta he a letra do noſſo Texto; porém as verſoens de Rabbi Abraham, e Pagnino, leraõ aſſim: *Aſcendit ſicut columna fumi ex aromatibus.* As virtudes de Maria Santiſſima parece que exhalavaõ de ſi huns perfumes, de que ſe formava hum aromatico Pilar, em que a Mãy de Deos ſe exaltava, com tanta admiraçaõ dos Anjos, que os precizara a perguntar, que eſpirito ſeria aquel- Cant. 3. 6.

aquelle que com a empreza de hum Pilar fazia a sua entrada na Gloria: *Quæ est ista, quæ ascendit sicut columna fumi ex aromatibus?* Que espirito havia, ou podia ser esse, que admirava aos Anjos, senaõ o de Maria Santissima no throno do seu Pilar? *Maria Cœlum petens, cujus thronus in columna*, responde Martinho Burgense, e bem; porque até subindo aos Ceos quiz a Mãy de Deos conservar o titulo do Pilar, que para seu throno escolheo. Acabará para o mundo quanto ha na terra: e para que naõ acabe o titulo do Pilar, com elle obrou a Senhora o que obrará Christo com o Sacramento.

Mart. Burg. in Jahel. p. 2. illustr. 18.

24 No fim do mundo, antes que o entre Christo a julgar, faltará o Sacrificio admiravel da Ley da Graça, com que a Igreja se ampara, e o mundo se defende; porque só até o fim delle prometteõ Christo aos homens a sua assistencia no Sacramento: *Ecce ego vobiscum sum, omnibus diebus, usque ad consummationem sæculi*; nem se deve já nelle conservar, quando já o naõ ha de amparar, e defender. Mas porque Christo, Eterno Sacerdote, instituio este Sacrificio para eternamente durar: *Novi, & æterni Testamenti*; douta, e piamente se entende, que os Anjos, recolhendo-o de todas as partes do mundo, o trasladaráõ para o Ceo, onde seja adorado eternamente. Isto he o que se refere (postoque por enigmas, e figuras) no Livro do Apocalypse, segundo expõem o Veneravel Fr. Jozé de S. Bento, a quem o Espirito da Sabedoria infundio taõ grande luz, para intelligencia das Escrituras. *Advenit ira Dei, & tempus mortuorum judicari.* (Diz o Texto.) *Et apertum est templum*

Matth. 28. 20.

Joseph. à S. Bened. p. 2. in tract. super illa verba Danielis 12. Et a tempore cum ablatũ fuerit juge sacrificium.

Apoc. 11. v. 18. 19.

Dei

Dei in Cælo, & visa est Arca Testamenti ejus in templo ejus, & facta sunt fulgura, & voces, & terræmotus. Chegou (diz) o tempo de se mostrar Deos irado, e fazer o universal Juizo, e logo se abrio hum Templo de Deos no Ceo, em o qual foy vista a Arca do Testamento de Deos; porque chegado o dia ultimo da duraçaõ do mundo, em que Deos mostrará contra os reprobos desatada a torrente de sua ira, se consignará no Ceo hum lugar, como Templo, ou Altar, para nelle ser collocado o Sacramento Eucharistico, que he a Arca do Testamento de Deos. Seguirâõ-se logo os trovoens, os rayos, e os terremotos, que saõ os sinaes mais proximos, e os preludios mais immediatos da consummaçaõ do mundo, e do universal Juizo: ao qual precederá a trasladaçaõ do Sacramento Eucharistico para o Ceo; porque naõ seria bem que acabasse a obra mais excellente da Omnipotencia, e hum mysterio taõ digno de admiraçaõ eterna. A Mãy de Deos tambem para eternizar o titulo do seu Pilar, em que recebeo dos Anjos, e dos homens tanta adoraçaõ, e gloria, comsigo o trasladou para o Ceo. Voltará finalmente para o Ceo, o Paõ que delle desceo: *Panis, qui de Cælo descendit.* Joan. 6. 59.

O Pilar que do Ceo veyo, para nelle ser exaltada a Mãy de Deos, naõ devia ficar na terra, subindo ella a se exaltar na Gloria: devia acompanhá-la no seu triunfo: *Quæ est ista, quæ ascendit sicut columna fumi ex aromatibus? Maria Cœlum petens, cujus thronus in columna.*

25 Naõ he admiraçaõ que com este symbolo do seu Pilar subisse a Mãy de Deos aos Ceos, quando

do lá no Empyreo eſcolheo por toda a Eternidade hum Pilar para ſeu throno: *Ego in altiſſimis habitavi, & thronus meus in columna.* A Imagem, que os Anjos trouxeraõ do Ceo á terra, para ſe collocar no Templo, que Santiago havia de levantar em Heſpanha, já vinha ſobre hum Pilar; porque lhe deraõ o throno, que no Ceo ha para a Mãy de Deos. Lá tem o ſeu throno ſobre hum Pilar; e lá fizeraõ hum Pilar, em que enthronizáraõ a Imagem, que traziaõ do Ceo a ſer adorada na terra. Conſagraõ-ſe Pilares á Eternidade, quando para eterna, ou futura memoria ſe levantaõ: nós porém admiramos hoje, que a Eternidade ſe conſagraſſe ao Pilar da Mãy de Deos; porque quando o Pilar lhe ſerve de throno, naõ ſó na terra, mas tambem no Ceo, ſe eterniza glorioſamente, e ſe vê nelle gravada aquella Eternidade, que o Divino Verbo occultava em ſi, apparecendo menino: *Puer*; como ſe pertendera que para gloria da Mãy ſe viſſe o que ſe encobria no Filho, que naſcera della.

§. VI.

26 NAõ he razaõ que o diſcurſo ſeja tambem eterno. Paſſemos a ver na Senhora do Pilar o attributo da Immenſidade, que o Filho de Deos occultava, recolhendo-ſe á eſtreiteza de hum lugar, e de hum pequeno Preſepio. Mas apenas chego a reflectir ſobre o que intento moſtrar, quando ſe me oppõem logo huma grande difficuldade, e he eſta. O immenſo eſtá em toda a parte, e enche todo o lugar; porém a Senhora, que feſtejamos, eſtá collocada em hum Pilar, e fóra da ſua colum-

columna já naõ ha Senhora do Pilar: pois contra o que ſe eſtá vendo, como poderey eu perſuadir que eſta Senhora participa do attributo da Immenſidade? Ouvida eſta objecçaõ, pudéra eu (como em outro tempo Santo Agoſtinho) queixar-me de que os homens repugnem acreditar as maravilhas, tantoque as naõ chegaõ a ver: *In homine carnali tota regula intelligendi eſt conſuetudo cernendi*: e o certo he que, como ſentenciozamente diſſe o Seneca, os prodigios de Deos excedem muito a eſféra do viſivel: *Non enim Deus omnia humanis oculis nota fecit.* Eſte attributo, ou eſta Immenſidade taõ repugnante ao que vemos, he o prodigio, que mais ſe dá a conhecer na appariçaõ milagroſa da Senhora do Pilar aos que da hiſtoria della tem noticia; porque ſabem que no meſmo tempo ſe achava a Senhora no Ceo, em C,aragoça, e em Jeruſalem. No Ceo, porque lá formaraõ os Anjos a Imagem da Senhora do Pilar, que Santiago havia de collocar no Templo, que dedicaſſe á Mãy de Deos. Em C,aragoça, e em Jeruſalem; porque vivendo a Senhora em Jeruſalem (ſem que lá faltaſſe) foy pelos Anjos levada a C,aragoça no Reyno de Aragaõ, onde appareceo, e fallou ao Santo Apoſtolo. E porque naõ poderia a Senhora eſtar em outro qualquer lugar, da meſma ſorte que entaõ eſtava no Ceo, em Heſpanha, e na Paleſtina? Naõ he iſto eſcuſarme de reſponder á objecçaõ; porque, ſe bem he graviſſima, acho no Sagrado Texto hum, que a deſvanece, e prova o meu penſamento.

D. Aug. S. 147. de Tempore,

Sen. in Natur. qq. l. 7. c. 3.

27 *Thronus meus in columna.* Eu eſcolhi (diz Mãy de Deos) hum Pilar para meu throno. E

tantoque ſe deo a conhecer por Senhora do Pilar, entrou immediatamente a dizer aſſim: *Gyrum Cœli circuivi ſola, & profundum abyſſi penetravi: in fluctibus maris ambulavi, & in omni terra ſteti.* Eu ſou a unica creatura, que rodeey todo o Ceo, andey em todo o mar, eſtive em toda a terra, e penetrey todo o abyſmo. Eſtar no Ceo, e no abyſmo, no mar, e na terra, he encher, e occupar todo o lugar: mas ſe a Senhora diz que eſtava enthronizada em hum Pilar: *Thronus meus in columna*; como podia eſtar em todo o lugar? Como enchia com ſua preſença o abyſmo, e o Ceo, a terra, e o mar? Por iſſo meſmo; porque eſtando em hum Pilar enthronizada, participa o attributo da Immenſidade, e o que he immenſo occupa, e enche todo o lugar: *Thronus meus in columna: Gyrum Cœli circuivi ſola, & profundum abyſſi penetravi, in fluctibus maris ambulavi, & in omni terra ſteti.*

Eccl. 24. 8. 9.

28 Eſtá provado, mas ainda naõ póde eſtar percebido; porque confeſſo que naõ he facil de ſe comprehender o como eſtará em todo o mundo a meſma Senhora, que em hum Pilar vemos collocada. O Templo deſta Senhora edificado por Santiago cabe em pouco terreno da Cidade de Caragoça, e naõ occupa mais mundo. O Pilar cabe em hum Altar deſſe Templo, e a Imagem da Senhora cabe na eminencia do Pilar: pois ſe em taõ breve eſpaço cabe a Senhora do Pilar, como he immenſa? Como póde encher todo o mundo? Iſto he o que naõ cabe em noſſos olhos; mas póde caber em noſſo entendimento, ſe devotamente o quizermos cativar em obſequio da Mãy de Deos.

Se

Se attendermos para aquelle Sacramento, confeſſaremos que Chriſto cabe em circunferencia taõ breve como a de huma Hoſtia, e ao meſmo tempo ſe acha em tantos lugares pelo mundo, que naõ duvidou S. Cyrillo Alexandrino dizer, que Chriſto Sacramentado eſtá em toda a parte, e em todo o lugar: *Cum unus ubique ſit.* He hum, e o meſmo em todas as Hoſtias: *Unus*; e ſem ſer por immenſa extenſaõ do proprio Corpo, porque eſſe foy o erro dos Ubiquiſtas, podemos dizer, que Chriſto no Sacramento eſtá em todo o lugar, e em toda a parte: *Ubique*; porque em toda a parte ſe poderá Chriſto pôr Sacramentado, como ſe fora de alguma ſorte immenſo. Com eſte exemplo diſcorrey na Immenſidade participada pela Senhora do Pilar. E ſe naõ aſſentis á comparaçaõ, porque neſta Senhora naõ conſideramos a reproduçaõ, que ſuppomos em Chriſto Sacramentado: eu recorro á doutrina de S. Paulo, que falla de Chriſto, independente de que o conſideremos no Sacramento.

D. Cyrill. lib. 12. in Joan. c. 32.

29 Diz o Apoſtolo que Chriſto deſceo, e ſubio para encher todas as couſas: *Qui deſcendit, ipſe eſt & qui aſcendit ſupra omnes Cœlos, ut impleret omnia.* Deſceo Chriſto do Ceo á terra: *Deſcendit de Cœlis:* da terra ſubio depois ſobre todos os Ceos: *Aſcendit ſupra omnes Cœlos.* Deſceo tambem a Senhora do Pilar do Ceo á terra; porque do Ceo trouxeraõ os Anjos a Imagem da Senhora do Pilar, que por Santiago foy collocada no ſeu Templo de Caragoça: e da terra ſubio ao Ceo a meſma Senhora; porque com a empreza de hum Pilar ſubio a ſe collocar na celeſte Gloria, ſuperior a todos os coros dos Anjos: *Aſcendit ſicut columna.*

Ad Epheſ. 4. 10.

na. E a que fim? Com que myſterio deſceria a Mãy de Deos do Ceo á terra ſobre hum Pilar, e ſubiria da meſma ſorte ao Ceo, ſenaõ para moſtrar em ſi o attributo da Immenſidade, enchendo todo o eſpaço creado: *Ut impleret omnia*?

30 Ainda temos que notar, e que examinar no Texto do Apoſtolo, para cabal intelligencia delle. He ſem duvida que Chriſto com a ſua corporal preſença naõ podia encher todo o mundo, em cuja dilatadiſſima vaſtidaõ cabem innumeraveis homens. Pois como diz o Apoſtolo que com aquella ſubida, e deſcida enchera Chriſto todo eſſe eſpaço creado: *Ut impleret omnia*? Muito ao noſſo intento reſponderá Caietano, pela Purpura, e pela penna igualmente Eminentiſſimo: *Ut impleret omnia effectibus ſuis.* Por meyo de ſeus effeitos, e operaçoens ſobrenaturaes, eſtá Chriſto em todo o mundo, ainda que em todo elle naõ eſteja ſubſtancialmente; porque naõ ha parte do mundo, em que a ſua virtude, e a ſua graça naõ eſteja obrando prodigioſos effeitos: *Nec eſt qui ſe abſondat à calore ejus.* Tambem da meſma ſorte, naõ he a Senhora do Pilar immenſa em ſua propria ſubſtancia; porque naõ póde encher peſſoalmente o mundo: mas como ſe fora na virtude immenſa, do Pilar, em que a vemos, eſtá enchendo o mundo todo com milagroſos effeitos, como ſe para nos favorecer com prodigios eſtivera em toda a parte preſente. Teſtificaõ eſta verdade os continuos milagres da Senhora do Pilar no Ceo, no mar, e na terra. Qual foy o verdadeiro devoto da Senhora do Pilar, a quem ella naõ abriſſe as portas do Ceo, para o introduzir, e recolher na Gloria? Qual foy o navegante,

Caiet. in Epiſt. ad Epheſ. c. 4.

Pſ. 18. 6.

gante, que na mais horrivel tormenta naõ experimentaſſe tranquilidade, ſe para conſeguir a bonança implorou o patrocinio da Senhora do Pilar? Neſta, ou naquella regiaõ do mundo, qual foy o enfermo, que recorrendo a eſta Senhora com viva fé, naõ recuperaſſe a ſaude? Qual em todo o Univerſo foy o attribulado, que naõ achaſſe refugio na pedra daquelle milagroſo Pilar?

31 Falla David em ſeu nome, e dos que habitaõ as partes mais remotas de todo o mundo, e diz que, clamando em ſuas tribulaçoens, achara alivio, e conſolaçaõ em huma pedra: *A finibus terræ ad te clamavi, dum anxiaretur cor meum, in petra exaltaſti me.* Ou como verte o Syriaco: *In petra conſolatus es me.* A pedra, em que ſe achou a conſolaçaõ, he Maria Santiſſima, como dizem Richardo de S. Lourenço, e o Beato Alberto Magno: *Maria petra dura contra tribulationem.* Ninguem duvidará que Maria Santiſſima, exaltada ſobre huma pedra, ſeja a Mãy de Deos enthronizada no ſeu Pilar; porque ſobre a pedra do ſeu Pilar a enthronizaraõ os Anjos, quando nelle collocaraõ a ſua Imagem. Neſſe throno pois do ſeu Pilar, ou neſſa milagroſa pedra, he Maria Santiſſima a conſolaçaõ para todo o mundo: *A finibus terræ ad te clamavi: in petra conſolatus es me*; porque a Senhora, que em hum Pilar deſceo do Ceo á terra, e depois ſubio da terra ao Ceo em hum Pilar, enche com milagroſos effeitos o mundo todo, e em qualquer parte acode com remedio prompto aos que a ella recorrem attribulados: *Quæ deſcendit ipſa eſt & quæ aſcendit ſupra omnes Cœlos, ut impleret omnia effectibus ſuis.*

Pſ. 60. 3.

Richar. de Laud. V. l. 2. Albert. M. ſuper Miſſus eſt, c. 197.

32 Esta he a singular differença, que eu noto entre a Mãy de Deos invocada com o titulo do Pilar, ou invocada com outros titulos. Se a consideramos com outros titulos, e com outras invocaçoens, he milagrosa em certos lugares, e em certos Reynos: com a invocaçaõ do Pilar he igualmente milagrosa em toda a parte, e em todo o mundo. Com o titulo do Portico he milagrosa em Roma. Com o do Loreto he milagrosa na Italia: com o da Penha he milagrosa em França: com o de Atocha (ou de Antiochia) he milagrosa em Castella: com o de Monserrate he milagrosa em Catalunha: com o de Nazareth he milagrosa em Portugal; porém com o titulo do Pilar he todo o mundo a esféra de seus milagres. Esta he a razaõ, porque até a entrada dos Mouros naõ se edificava Templo em Hespanha, no qual se naõ esculpisse a Imagem, e appariçaõ da Senhora do Pilar; pois era bem fosse em toda a parte venerada, a que he milagrosa em todo o mundo: e se bem examinares, naõ achareis parte alguma da Christandade, onde a Senhora do Pilar naõ seja invocada, e festejada; porque tambem do mesmo Pilar se estende o patrocinio, e favor da Mãy de Deos a todos os habitadores do mundo, se a ella clamaõ, e recorrem: *A finibus terræ ad te clamavi dum anxiaretur cor meum: in petra consolatus es me.*

O Doutiss. P. D. Manoel Caetano de Sousa, Expedit. Hisp. tom. 2. sect. 1. Assert. 1. fol. 936. n. 2214.

33 Bem disse, que do Pilar estende Maria Santissima o seu patrocinio a todos os que a invocaõ: e parece que o temos expresso em huma figura do Antigo Testamento. Peregrinando o povo de Israel, hum Pilar lhe mostrava o caminho, e huma nuvem

nuvem interposta ao Sol, o defendia dos rayos delle: *Nubes tua protegat illos, & in columna nubis præcedas eos.* Quasi incrivel era o numero das pessoas, de que constava aquelle grande corpo de gente, posta em marcha do Egypto para Palestina; e muito se desvelaõ os Expositores para conciliar o como poderia essa nuvem cobrir, e defender taõ numerosa, e dilatada multidaõ. O Pilar era pequeno, como notaõ Caietano, e Abulense; e naõ podia ser grande a nuvem, que (como adverte Alapide) nascia delle. Pois como de huma nuvem pequena se podia cobrir tanto povo? Esse Pilar, e essa nuvem hiaõ adiante do povo, para o guiar: *Præcedebat eos ad ostendendam viam*; e parece que aos caminhantes naõ podia chegar a sombra com que a nuvem do Pilar os defendesse dos rayos do Sol taõ ardente naquella regiaõ. Porém o certo neste caso he, que, como diz Santo Ambrosio, nenhum prodigio aconteceo a esse povo, em que se naõ figurassem outros mayores, reservados pela Providencia Eterna para o tempo da Ley da Graça: *Vides omnem Legis veteris seriem, fuisse typum futuri.* Naquella nuvem, e naquelle Pilar (dissemos já) era symbolizada a Mãy de Deos com o titulo do Pilar. Cesse pois a admiraçaõ de que huma nuvem taõ pequena pudesse cobrir, e defender hum povo taõ dilatado, e taõ extenso. A nuvem, aindaque pequena, aindaque unida ao Pilar, se estendia, e se dilatava, como diz o Texto, para servir de reparo, e defender todo aquelle povo: *Expandit nubem in protectionem eorum*; porque lá viria tempo, em que outra melhor nuvem Maria Santissima exaltada no seu

Num. 14. v. 14. Alap. in Exod. c. 14. v. 21. & aliis in locis.

Caietan. Abulens. Alap. in Exod. 13. 21.

D. Ambros. lib 2. in c. 2. Luc.

Ps. 104. 39.

seu Pilar, estenderia a sua protecçaõ, e os seus prodigios ás regioens mais remotas, e distantes de todo o mundo, como se em qualquer dellas estivera presente, para as encher todas com seus maravilhosos, e milagrosos effeitos: verificando-se desta Senhora o que se escreve daquella nuvem, que a outro Pilar estava unida: *Expandit nubem in protectionem.* Pois quem naõ dirá, que na Senhora do Pilar ostenta Deos de alguma sorte aquella Immensidade, que o Divino Verbo encobria, quando se manifestou aos Magos, recolhido em taõ estreito lugar, como o de hum Presepio: *Ubi erat puer.*

§. VII.

34 VImos manifesto na Senhora do Pilar, o que se encobria, e occultava em Christo no Presepio. A Estrella, que aos Magos mostrava a Christo nascido, tambem lhes dava luz para conhecerem a Eternidade na puericia, e no lugar a Immensidade: *Stella, quam viderant in Oriente antecedebat eos, usque dum veniens staret supra ubi erat puer.* Essa Eternidade, e essa Immensidade vimos communicada á May de Deos com o titulo do Pilar. A Estrella era lingua, que do Ceo fallava aos Magos: *Stella illis tanquam lingua Cœlorum.* O Pilar tambem he lingua (diz o famoso Portuguez Macedo) que em alta voz forma elogios da Senhora, a quem dá o titulo, e a invocaçaõ: *Illa celeberrima Cæsarauguſtæ columna, quam linguam vocalem dixero.* O mesmo que a lingua da Estrella diz de Christo, a lingua do Pilar

Maced. in Diatriba de Advent. S. Jacobi in Hisp.

Pilar diz de ſua Mãy Santiſſima ; porque o Pilar moſtra em Maria Santiſſima participada a Eternidade, e Immenſidade, que a Eſtrella indicava eſtarem occultas em Chriſto. Naõ ſegui tanto a ordem das palavras do thema, quanto obſervey a ordem da operaçaõ, e do myſterio. Primeiro foy em Deos naſcer menino, que eſtar no Preſepio reclinado; por eſſa razaõ tratey antes da Eternidade occulta, indicada na palavra *Puer*: e tratey depois da Immenſidade encuberta, ſignificada naquelle termo: *Ubi erat*. Cuido que, por occaſiaõ do myſterio deſte dia, vim a deſcobrir o egnima taõ ſecreto, com que Deos quiz naõ ſó collocar, mas tambem exaltar a ſua Mãy Santiſſima em hum Pilar; porque me parece que enthronizando Deos a eſta Senhora naquelle Pilar de marmore, nos expreſſou que a protecçaõ de Maria Santiſſima ſerá para nós, em todo o tempo, infallivel, como ſe fora eterna : e prompta em todo o lugar, como ſe fora immenſa. Nem duvido ſeja eſta a interpretaçaõ mais propria daquelle emblema do Pilar, ou da Mãy de Deos exaltada nelle.

35 No Pilar, que por ſua eminente, e alta figura de longa diſtancia pode ſer viſto, enſinou Deos que a Senhora exaltada no Pilar, como ſe fora immenſa, em toda a parte ſe acha prompta para nos ſoccorrer: e na duraçaõ do marmore ſignificou, que a Senhora do Pilar, como ſe fora eterna, em todo o tempo nos favorece. Fernando Terceiro, Piiſſimo Imperador de Alemanha, reconhecendo que a Mãy de Deos em todo o lugar, e tempo o ajudára, lhe erigio em o anno de 1647, na praça mais celebre de Viena de Auſtria, huma

huma Imagem da meſma Senhora, collocada ſobre hum Pilar de bronze, cuja altura immenſa fazia ſer a Imagem viſta de qualquer parte daquella famoſa Corte. Preſumia eſſe Pilar competir com a Eternidade, e com a Immenſidade, pela eminencia da figura, e pela duraçaõ do bronze. O que foy gratificaçaõ no Ceſar, em Deos era Providencia; porque para entendermos que a protecçaõ de ſua Mãy Santiſſima ſerá para nós eterna, quiz que em marmore ſe gravaſſe: e a exaltou em hum Pilar, que podendo ſer viſto de toda a parte, nos perſuadiſſe que em todo o lugar, como ſe fora immenſa, eſtará prompta, ſendo invocada.

36 Bem me occorre inſtareis que o patrocinio, e protecçaõ da Mãy de Deos, nella eſtá, e naõ no Pilar. Ella he a Miſericordioſa, que em toda a parte nos favorece, aindaque fóra do ſeu Pilar; porque tambem fóra delle he Mãy de Deos, que he o que baſta para ſer milagroſa, muy pia, e liberal de ſuas graças, e beneficios comnoſco. Aſſim he; mas tambem he aſſim, que collocada no ſeu Pilar com mais razaõ, e quaſi por obrigaçaõ (ſe pode aſſim dizer-ſe) he milagroſa, e cheya de piedade comnoſco; porque eſſe Pilar he para a Senhora hum padraõ, ou deſpertador, que ſe a naõ obriga, a excita a ſe empenhar com Deos em patrocinar o mundo, e favorecer aos homens.

37 Quando eſta Senhora appareceo ao Apoſtolo Santiago, e lhe prometteo a ſua protecçaõ para os Catholicos, que a invocaſſem, tambem deixou a ſua imagem collocada ſobre o Pilar, como ſe na rica, e preciola pedra do meſmo Pilar

deixára

deixára hum penhor de sua palavra, e hum desempenho de sua irrefragavel promessa. Se pois recorrermos á Senhora com o titulo, e invocaçaõ do Pilar, a obrigaremos como empenhada. *Jacobe fili, aspice pilare hoc*, dizia a Senhora ao Santo Apostolo: Olha para este Pilar, põem nelle os olhos. No Pilar! Em vós, Senhora, porey eu os olhos; porque vós sois a saude dos enfermos, vós a consolaçaõ dos afflictos, vós o descanço dos perseguidos, vós o refugio dos peccadores, vós o remedio universal de toda a necessidade. Mas de huma pedra sem operaçaõ, de hum Pilar sem vitalidade, que podemos nós esperar? Muito; porque com este Pilar, e com essa pedra, poderemos obrigar a Mãy de Deos a que desempenhe o final, que nos deo, e o penhor que nos deixou de nos amparar em todo o tempo, e de nos defender em toda a parte.

38 Vendo o povo de Israel que sem remedio acabava no deserto a mordeduras de venenosas serpentes, por intercessaõ de Moysés recorreo a Deos, o qual ordenou lhe fizesse, e exaltasse huma serpente de metal; porque sarariaõ todos os que empregassem a vista nella: *Fac serpentem æneum, & pone eum pro signo, qui percussus aspexerit eum vivet.* Notavel serpente, e muy milagrosa! Podia por ventura aquelle metal, ou aquella figura ter virtude, para que só com a vista dos que em taõ nobre objecto empregavaõ os olhos, os curasse, e sarassem logo? Respondo que virtude natural naõ podia ter; mas tinha moral virtude, para taõ milagroso effeito. Era aquella serpente final, e instrumento milagroso da saude: *Fuit hic serpens signum mul, & instrumentum morale curationis*, diz Alapide: Num. 21. 9. Alap. in hunc. loc.

pide: porque empenhou Deos aquella ſerpente em ſinal de que daria ſaude aos que puzeſſem os olhos nella; e já naõ podia faltar Deos em taõ milagroſo effeito aos que olhando para a ſerpente o obrigavaõ pela palavra, e pela promeſſa, com que ſe quiz Deos obrigar; pois ſó da ſua promeſſa, e da ſua palavra ſe poderá Deos obrigar.

39 Aſſim a ſerpente do deſerto, e aſſim o Pilar de Caragoça; porque nelle tambem inſtituîo, ou empenhou Maria Santiſſima hum ſinal, e hum inſtrumento de todo o noſſo remedio, ſe recorrermos a elle. He o Pilar inſtrumento efficaz para remedio noſſo; porque daquelle Pilar eſtá a Senhora diſpendendo milagres, e beneficios a quantos afflictos empregaõ os olhos nelle com piedade. He tambem ſinal; porque a Mãy de Deos com elle ſe deſperta, e faz lembrada da promeſſa, que fez ao Apoſtolo, de amparar, e ſoccorrer daquelle Pilar a todos os que devotamente a ella recorrerem. Como na ſerpente do deſerto empenhou Deos a ſua palavra para o remedio na enfermidade do povo Iſraelitico, baſtava que nella ſe empregaſſe a viſta, para ſe conſeguir logo a ſaude. Como no Pilar empenhou a May de Deos a ſua promeſſa, para nos valer, baſtará que empreguemos os olhos no Pilar, em que ſe exalta a fonte da piedade, para conſeguirmos a ſua protecçaõ: *Aſpice pilare hoc.*

40 Recorramos pois a taõ milagroſo Pilar, levantemos a elle os olhos, e o affecto á Mãy de Deos enthronizada nelle, todos os que imploramos o ſeu patrocinio, e a acharemos prompta para nos ſoccorrer. O enfermo recorra áquelle Pilar, e conſeguirá a ſaude: recorra o afflicto, e experimentará conſolaçaõ:

laçaõ: recorra primeiro que todos o peccador, e alcançará a graça de Deos, por interceſſaõ de ſua Mãy Santiſſima, que aſſim quer exaltar o Pilar, em que pelos Anjos foy exaltada. Já a vós recorremos todos, oh Piiſſima, e Glorioſiſſima Senhora, repreſentando-vos com humilde affecto a voſſa meſma palavra, e lembrando-vos a meſma voſſa promeſſa, para que a deſempenheis, já que a firmaſtes com o teſtimunho deſſe veneravel Pilar. Nelle vos collocaſtes para em todo o tempo, e em todo o lugar nos ſoccorreres, como ſe fora eterno, e immenſo o voſſo patrocinio. Aqui, e agora, que o imploramos, o moſtray, e deſempenhay. Conſigaõ, os que vos buſcaõ afflictos, conſolaçaõ: ſaude, os que a vós recorrem enfermos: e os peccadores, que a vós clamamos, pondo os olhos neſſe Pilar, impetremos o perdaõ das culpas, com a graça de voſſo Filho, e por meyo della a eterna Gloria.

SER-

SERMAÕ IV.

DO

GLORIOSO PRINCIPE DOS PATRIARCAS

S. BENTO,

NO SEU MOSTEIRO DO RIO DE JANEIRO.

Anno de 1742.

Vitam æternam possidebit. Matth. 19.

§. I.

PROMESSAS de vida, entre execuçoens, e estragos da morte! Ou nas promessas haverá duvida, ou na morte engano. Aos que por seu amor deixaõ os bens temporaes promette Christo q̃ eternamente haõ de viver; e quando eu, fiado na promessa infallivel de Christo, esperava que meu Santissi-

Santiſſimo Patriarca viveſſe eternamente, em premio das honras, e opulencias temporaes, que por ſeu amor deixou, vejo que neſte dia celébra a Igreja a feliz morte, com que S. Bento conſolou a ſeus filhos, admirou a terra, e alegrou o Ceo. E o mais he, que ſe lhe renova a promeſſa de eterna vida, no meſmo dia em que acabou de viver: *Vitam æternam poſſidebit.*

2 Sobre o dia da morte de S. Bento moveraõ os Hiſtoriadores grandes duvidas. Sabe-ſe que morreo em Sabbado, vinte e hum de Março, aos ſeſſenta e tres annos de ſua idade, no de quinhentos quarenta e tres do Naſcimento de Chriſto. Mas porque S. Fauſto, hum dos primeiros diſcipulos de S. Bento, declarou tambem que no Sabbado aſſignalado com taõ ditoſa morte concorrera a Vigilia da Paſchoa neſſe anno; querendo os Hiſtoriadores conciliar, e ajuſtar todas eſtas circunſtancias em hum ſó dia, e no meſmo anno, acharaõ nellas huma quaſi invencivel repugnancia, e contradiçaõ, até que o incançavel eſtudo dos Douſſimos Mibillon, e Bollando, nas noticias da antiguidade acharaõ, e nos deſcobriraõ a propriedade com que neſſes tempos ſe nomeava tambem Vigilia da Paſchoa eſſe Sabbado, em que S. Bento acabou a vida, ſem que foſſe o immediato ao Domingo, e feita da Reſurreiçaõ de Chriſto. Eu porém, ſe me fora licito, outra queſtaõ excitára neſte ponto, e perguntára ſe em verdade morreo S. Bento? Attendo para o ſeu glorioſo tranſito, e deſcubro nelle circunſtancias taõ prodigioſas, como incompativeis com a morte. Deixadas porém eſtas para o diſcurſo, e fundado só no Evangelho;

Quia pro illius tẽporis more, etiam Dominicæ in Paſſione inditũ erat nomẽ Paſchatis; etiã Sabbatũ antecedẽs, vigilia Paſchæ dicebatur. Hinc Sabbatum primi Paſchatis, quod ſcilicet antegreditur Dominicã Paſſionis, fuit S. Benedicto victiæ ſupremũ. Ex Mabil. in Præf. ad ſec. 1. Bened. Boll. 21. Mart. in com. ad vit. S. B. Erhard. in vita S. Bened. num. 1161.

como poderia (dizey-me) acabar a vida hu Santo, que para viver eternamente podia alleg a Chriſto a ſua meſma promeſſa; e, ſe pode aſſi dizer-ſe, obrigá-lo pela palavra: *Qui reliqueri vitam æternam poſſidebit?*

3 Naõ nego que morreo S. Bento. He aſſi em verdade; mas em verdade tambem, e ſem e carecimento, morreo como ſe naõ morrera. Já qu naõ podia eximir-ſe deſte indiſpenſavel tributo privilegio foy, e muy grande, parecer ao menc que o naõ pagava. Por Sol do Occidente he conhe cido S. Bento; porque allumiou o Occidente co mo Sol: e no ſeu occaſo foy com propriedade So

Vorag. Ser. 1. de B. Bened. Juxta Bed. de rat. temp. c. 40. Perer. in Gen. Villar. tom. 3. taut. 8. n. 40. & 41. & in Ephemer. par. Hyem. ad diem 21. Mart. n. 10.

Sicut Sol occumbens, ... ſic Beatus Benedictus oc cumbens, diz Voragine. O Sol conſumma o ſe curſo neſte dia; porque teve a ſua formaçaõ n Equinocio Verno, ao quarto dia da creaçaõ d mundo, que conreſponde ao preſente, em que ſ acha no mais eminente Zenith do quarto Ceo: começando logo a gyrar deſſe ponto a ſua Ecli ptica, completa hoje o ſeu curſo, quando cheg ao meſmo ſitio donde ſahio, quando o principiou

Pſ. 18. 7.

A' ſummo Cælo egreſſio ejus, & occurſus ejus uſ que ad ſummum ejus, diſſe (melhor que todos o Authores deſta ſentença) o Real Profeta. Tam bem hoje conſummou S. Bento o curſo da ſua vi da, e contra a opiniaõ de todos direy eu que a naõ acabou como Sol. Vay a razaõ. Diz o Texto Sa grado que o Sol naſce, e morre: *Oritur Sol*

Eccl. 1. 5.

& occidit; mas aſſim como o Sol naõ mais qu na apparencia naſce, aſſim em verdade naõ mor re: ſó na apparencia morre. S. Bento pelo con trario. Em verdade morreo, e ſempre parecerá

que

ıe naõ morreo. S. Bruno diſſe que S. Bento naſ-
o para portento do mundo: *In portentum orbis*
tus eſt; e eu diſſera que para portento do mun-
) morreo S. Bento. Teve huma morte taõ por-
ntoſa, e taõ nunca viſta; taõ feliz, e taõ admi-
vel; que póde ſervir de paſmo, e admiraçaõ a
dos. Ouçamos a hum dos mais eminentes filhos
S. Bento, S. Pedro Damiaõ, como ſe fallara pa-
o noſſo intento: *Illa beata migrationis ejus no-*
tas mirabilis, quem non moveat? Quis felliciſ-
næ conſummationis gloriam, non obſtupeſcat?
xaminay bem qual foy a morte de S. Bento, e
hareis que morreo como ſe naõ morrera. A ſua
orte parece que naõ foy morte. Parece que foy
ma commutaçaõ de vida mortal por vida im-
ortal. A vida perſeverou ſempre a meſma; e ſó-
ente ſe variaraõ as circunſtancias della. Deixou
ſer vida mortal, e principiou a ſer immortal:
mo ſe em hum, e outro caſo perſeverara a meſ-
a vida, ſem mudança. He certo que naõ póde
orrer o que naõ vive; e por ventura viveo S.
ento neſte mundo? Sim; mas viveo como ſe naõ
vera; porque na flor de ſeus annos logo morreo
ra o mundo: *Flore qui mundo morieus juven-*
: em final do que, ſendo menino, ſahio de Ro-
a, e foy ſepultar-ſe na ſua cova de Sublaco. Pois
nbem havia morrer, como ſe naõ morrera: e
ſta ſorte havia eternizar a vida, poſtoque ſe naõ
ntaſſe da morte.

D. Brun. ſive qui Carthuſienſiũ Ordinis extitit Fundator, ſive qui fuit Epiſcopus Signinus.

D. Pet. Dam. S. 2. de S. Joan. Apoſt.

Ex offic. In feſto Trãſl. S. P. Bened.

4 O mais commum, e ordinario he, que a
orte conreſponda, e ſe aſſimilhe á vida: e quem
: huma vida taõ ſolitaria, taõ penitente, e taõ
ſtatica, que ſe repreſentava ſer morte, havia

ter huma morte taõ admiravel, que ſe julgaſſe po
vida: nem havia morrer como os mais homens
quem viveo como naõ vivem os mais. Parece-m
que aſſim o eſtou ouvindo dizer a S. Pedro Da
miaõ: *Quia mirabiliter vixit, mirabiliter obiit*
Supra citat. *& quia non communem cum hominibus vitam du*
xit, non communi hominum morte tranſivit. Co
S. Bento ſe vio a promeſſa de Chriſto anticipada
mente deſempenhada; porque a pezar da morte
já neſte mundo começou a ſua vida a ſer eterna
Vitam æternam poſſidebit: morrendo como ſ
naõ morrera, depois de viver como ſe naõ vivera
Eſta em ſumma he a materia, que tenho para o
elogios de meu grande Patriarca, neſte dia de ſu
precioſa morte. Para diſcorrer ſobre ella, ſaude
mos a May de Deos, e por interceſſaõ da que h
Benta entre as mulheres, imploremos auxilios d
Divina Graça.

AVE MARIA.

§. II.

Vitam æternam poſſidebit.

5 A Hum Santo que taõ cedo, e taõ antici
padamente buſcou a Chriſto, pois já n
ventre materno ſe dedicou a Deos, e o louvo
antes de naſcer, como ſe naõ anticiparia tambem
Chriſto para lhe dar o premio da vida eterna an
tes de morrer? Quando os Hiſtoriadores deſte
grande Principe dos Patriarcas chegaõ a eſcreve
a ſua morte, lhe daõ o nome de tranſito, talve
duvidando que foſſe morte. O certo he que quan
do

lo esta se lhe avisinhava, a esperou com tanto ani-
no, e a abraçou taõ cheyo de alegria, como se
ara elle naõ fora morte. Huma ardente febre
depois saberemos a causa della] o foy debilitan-
o por alguns dias: mas ao ponto de entregar o
spirito nas mãos de seu Creador, cobrou tanto
sforço, e tanto espirito, como se milagrosamen-
e se achara livre da enfermidade mortal. E ha-
emos dizer, que dessa enfermidade morreo S.
Bento!

6 Ainda assim hey de confessar que o mes-
no Patriarca Santissimo fortemente se oppõem ao
neu assumpto; porque o acho empenhado em nos
ersuadir, que em verdade, e notoriamente mor-
eo. A S. Bento muito antes de morrer foy reve-
ada a hora de sua morte, com noticia clara de to-
las as circunstancias della. Na vida era S. Bento
um Sol, com que mais se illustrava o mundo, do
ue com outro se clarifica o dia. Assim o disse o
apa S. Zacarias: *In toto mundo Sole clarius evi-*
avit. Bem era pois que como Sol chegasse a
onhecer o seu occaso, por meyo da revelaçaõ da
ua morte: *Sol cognovit occasum suum.* E quando
eviamos suppor da rara humildade, e insigne
rudencia de S. Bento, que conservasse em pro-
undissimo segredo este, que Deos lhe havia reve-
ado; elle o communicou naõ só aos Monges com
uem vivia, mas a outros tambem, que tinha au-
entes por Italia, e França, dando-lhes certos si-
aes, para que soubessem de sua morte, no mes-
no ponto, em que sua alma santissima se apartas-
e do corpo, e da terra para o Ceo.

Ex Bul. Zachar. apud Leon. Host. in Apend. Pf. 103. 19.

D. Greg. M. lib. 2. Dia: cap. 41.

7 Tambem Deos quiz certificar-nos tanto da

morte de S. Bento, que, para a fazer indisputavel ordenou que Santo Amaro, e dous Monges mais viſſem ir ſua alma por huma nova eſtrada, que da cella do Santiſſimo Patriarca chegava até o Ceo clara, e brilhante com innumeraveis luzes, e toda alcatifada de precioſiſſimas colchas. Ficáraõ abſortos neſta viſaõ os que a lográraõ: atéque do Ceo lhes foy dito, que Bento, o amado eſpecialmente de Deos, era quem na Gloria foy recebido com huma entrada de tanto luzimento, e mageſtade. E á viſta de verdades taõ authenticas ainda havemos queſtionar ſobre a morte de S. Bento? Sim; porque ainda ha fundamento para iſſo, e ainda ha lugar para a duvida, attendidas as prodigioſas circunſtancias de ſua morte.

D. Greg. citat. Fauſtus in vit. S. Mauri.

8 Morreo Moyſés: o Sagrado Texto expreſſamente o affirma, e refere com clareza a cauſa, o lugar, e mais circunſtancias de ſua morte: *Mortuusque eſt ibi Moyſes, ſervus Domini, in terra Moab, jubente Domino.* E que duvidas ſe naõ excitaraõ depois, acerca da morte de Moyſés! Deixadas as mais antigas, ainda Santo Hilario, S. Jeronymo, Santo Ambroſio, o Abbade Joaquim, com outros Authores graves, ſe perſuadiraõ, e diſſeraõ que naõ morreo Moyſés, e que eſtá vivo, e eſtará até o fim do mundo. Notavel ſentença! Notavel opiniaõ! Os Doutores commummente a reputaõ por indigna de Padres taõ Santos, e taõ Doutos. Naõ declara o Sagrado Texto bem expreſſamente que morreo Moyſés? Sim: *Mortuusque eſt ibi Moyſes.* Naõ conſta do meſmo Texto, que a Moyſés revelára Deos que havia de morrer na peregrinaçaõ do deſerto, antes

Deut. 4. 5.

D. Hilar. can. 20. in Matthæ. D. Hier. in Amos 9. 6. D. Ambr. lib 1. de Cain, & Abel. c. 2. Joach. Abb. in c. 11. Apoc. & alii apud Vieg. in Apoc. 11. com. 5. ſect. 7.

de

e ſe paſſar o Jordaõ? Tambem ſim; e duas ve-
es fez Moyſés ao ſeu povo participante deſta re-
elaçaõ. A primeira conſta do capitulo terceiro Deut. c. 3. v. 27 & c. 31. v. 2.
o Deuteronomio: a ſegunda do capitulo trinta
hum do meſmo Livro. E que ainda aſſim andaſ-
em duvidas, ſe morreo, ou naõ morreo Moy-
és! Que ainda o negaſſem os Padres mais expe-
aveis da Igreja! Sim; porque attendidas as ad-
iraveis circunſtancias da morte de Moyſés, di-
emos que morreo, como ſe naõ morrera. E iſto
e o que unicamente querem dizer aquelles Pa-
res, quando parecem negar que Moyſés morreſ-
e, como bem advirtio o Alapide: *Quodque mors* Alap. in cap. 34. Deut. v. 5
Moyſis ita in Scriptura narretur, ut ipſe non tam
mortuus, quàm translatus, & immortalis fuiſſe
videatur. Chamaõ á morte de Moyſés hum tran-
to deſta para a outra vida, por modo taõ prodi-
ioſo, e com circunſtancias taõ admiraveis, que
aõ parecia ſer morte: *Ut ipſe non tam mortuus,*
quàm translatus, & immortalis fuiſſe videatur.
9 Outro Moyſés foy S. Bento. Aſſim o diſſe
Chriſto a Santa Hildegarda: *Ipſe Benedictus eſt* D. Hildeg. lib. 2. v. 5. n. 21.
quaſi alter Moyſes; e naõ ſó na vida, mas tam-
em na morte foy S. Bento outro Moyſés. Na vi-
a foy outro Moyſés, que guiou hum povo im-
menſo para a melhor terra da Promiſſaõ: foy ou-
ro Moyſés no zelo da obſervancia da Ley, e pre-
eitos Divinos: foy outro Moyſés em deſtruir
dolos, e deſterrar a idolatria: foy outro Moyſés,
cujo imperio de huma penha brotaraõ chriſtali-
as agoas: foy outro Moyſés nos prodigios, e nos
milagres, que obrou: foy outro Moyſés, que teve
o privilegio de ver claramente a Deos neſta vida:

foy outro Moyſés, que ſe cobria de tantos reſplendores, como ſe na terra gozara já o ſeu corpo o dote da claridade. Na morte havia tambem ſer (e em verdade foy) como outro Moyſés, a quem Deos revelou o tempo, e lugar, em que havia de morrer. Qual outro Moyſés, duas vezes deo a ſaber a ſeus Monges a hora, e circunſtancias de ſua morte. Huma vez deo eſta noticia aos Monges que viviaõ em ſua companhia: outra vez aos q ſe achavaõ auſentes. De Moyſés nos quiz certificar o Eſpirito Santo, que morrera; porque aſſim o fez eſcrever no Sagrado Texto. De S. Bento diſſe lá do Ceo o Eterno Padre, que era morto; porque (ſegundo a repreſentaçaõ do que viraõ Santo Amaro, e dous Monges mais) o Eterno Padre foy o que declarou ſer S. Bento aquelle, cuja alma ditoſa ſubia aos Ceos por huma nova, e triunfal eſtrada: *Venerando habitu vir, de-*
D. Greg. & Fauſtus ſupra relati *ſuper clarus aſſiſtens.... ait, hæc eſt via, quâ dilectus Domini, Cœlum Benedictus aſcendit.* As circunſtancias da morte de Moyſés foraõ taõ prodigioſas, que a fizeraõ naõ parecer que era morte. Indicavaõ ſó que era hum tranſito deſta para outra vida, ſem ſe experimentar o tranſe da morte: *Ut ipſe non tam mortuus, quàm translatus, & immortalis fuiſſe videatur.* Tambem a morte precioſiſſima de S. Bento foy com circunſtancias taõ admiraveis, e taõ prodigioſas, que naõ parecia ſer morte. Parecia que, ſem ella, era hum tranſito de vida mortal, para immortal vida. S. Gregorio Magno a eſcreve com admiraçaõ, e diz que chegada a hora da morte de ſeu, e meu Patriarca S. Bento, eſte ſe puzera em pé, e que eſtando

aſſim,

ſſim, levantou as mãos ao Ceo, começou a orar, e entre as palavras, que orando proferia, exhalou o eſpirito: *Erectis in Cœlum manibus ſtetit, & ultimum ſpiritum inter verba orationis efflavit.* D. Greg. citat. c. 41.

Vamos notando em todas eſtas circunſtancias, que obſervou, e admirou o Santo Pontifice, e iremos deſempenhando o aſſumpto.

§. III.

DE pé eſtá S. Bento quando morre. Eu me perſuadi ſeria a razaõ, porque naõ podia a morte proſtrar a hum Santo, que paſſou toda a vida ſem cahir em huma ſó culpa. Ou talvez porque até na morte ſe moſtraſſe invencivel aquelle eſpirito, que pela Providencia foy dado á Igreja para a defender, quando mais combatida eſtava das hereſias: e ainda hoje a eſtá ſuſtentando na Religiaõ, que fundou para columna, em que deſcança todo o edificio da Igreja; como diſſe Chriſto a Santa Mechildes: *Medium Eccleſiæ eſt Ordo D. Benedicti ſuſtentans eam veluti columna, cui tota domus inititur.* D. Mechild. lib. 1. de B. Bened. Naõ ſó de pé, mas cobrando novos alentos, morre S. Bento. Desfallecendo todos quando a morte chega, cobrou S. Bento forças, com que ſe pôs de pé, eſtando para eſpirar. O meſmo Chriſto, a quem a Divindade eſforçava, ſe encheo de temor eſperando a morte: *Cœpit pavere, & tædere.* Mar. 14. 33. Pois como recebe meu Patriarca alentos, quando eſtá para eſpirar? Como ſe põem de pé a eſperar, ou a deſafiar a morte? Ora dêmos já de huma vez a razaõ de tudo. Digo ſer eſta: Porque Chriſto em prova de que verda-

verdadeiramente era mortal, queria ſe viſſe que verdadeiramente morria, advertindo ſe que temia a morte. Em S. Bento porém, queria Deos moſtrar que morria, como ſe naõ morrera; por iſſo naõ desfallece quando morre. Morrendo, ſe vio que era homem ſujeito á ſentença proferida
Geneſ.2.17. contra o primeiro homem: *Morte morieris.* Morrendo porém de pé, moſtrava que morria, como ſe fora immortal, ou como ſe naõ morrera.

11 No Apocalypſe vio S. Joaõ que o Divino
Apoc.5.6. Cordeiro eſtava em pé, e como ſe fora morto: *Agnum ſtantem tanquam occiſum.* Eſta viſaõ, ſem controverſia alguma, foy depois da Aſcenſaõ de Chriſto; porém ſe antes diſſo foy Chriſto em verdade morto, como naõ diz S. Joaõ que o vira morto, mas ſómente como ſe fora morto: *Tanquam occiſum?* Porque o vio em pé: *Agnum ſtantem.* Quem ſe ſuſtêm em pé eſtá vivo; o Cordeiro eſtava de pé: logo ainda eſtava eſſe Cordeiro vivo. Verdade he que o meſmo Cordeiro fora morto; mas eſtando em pé, ſó parecia eſtar morto, ou que era morto ſó na apparencia, como ſe na realidade naõ morrera: *Stantem tanquam occiſum.* S. Bento tambem eſtava na realidade morto; mas como ſe naõ morrera, porque morreu eſtando em pé, he morrer mais na apparencia, que na realidade: *Tanquam occiſum.*

12 Naõ baſtaõ, para maravilha taõ rara, as forças da natureza; porque á viſta da morte perde a natureza todo o ſeu esforço. He ſem duvida, que ſó as forças da ſantidade podiaõ ſuſter em pé a S. Bento, quando morria: porém naõ ſey que ſe poſſa deſcobrir final de mayor, e mais admiravel

rel ſantidade, da que moſtrou S. Bento, eſpirando
em pé. Julgay ſe me fundo bem. Diz S. Joaõ que
ira no Ceo hum ſinal grande, e admiravel: *Vi-* Apoc. 15. 1.
i aliud ſignum in Cœlo, magnum, & admirabile.
ra eſte ſinal hum mar de vidro, ſobre o qual eſ- Verſ. 2.
avaõ de pé os que venceraõ: *Mare vitreum, &*
ui vicerunt ſtantes ſuper mare. O mar de vidro
e o mundo (dizem os Expoſitores) ſempre flu-
ſtuante, ſempre perigoſo, e nunca firme. E que
grande ſinal, ou que maravilha he eſtar de pé ſo-
re o mundo quem o vence, ſe ſó vence o mun-
do quem o piza, e traz debaixo dos pés? Direy.
O mundo naõ ſe vence antes da morte; porque
em toda a vida com elle pelejamos, ſendo a victo-
ria indeciſa até a morte. No inſtante della ſe de-
clara o triunfo por parte do vencedor. Iſto poſ-
to: vencer o mundo eſtando de pé ſobre elle, he
morrer, e eſpirar em pé: *Vicerunt ſtantes ſuper*
mare; e iſſo para S. Joaõ foy ſinal grande, e ad-
miravel, porque foy ſinal de admiravel, e gran-
de ſantidade: *Signum magnum, & admirabile.*
A razaõ he; porque vencer o mundo eſpirando
em pé, naõ he ſó triunfar do mundo: he tambem
triunfar da morte; e juſtamente ſe admirava S.
Joaõ, vendo a quem a morte naõ proſtrou, nem
venceo: antes ſim quem vencia a morte, e triun-
fava della. Para hum homem vencer o mundo
baſta-lhe que ſeja Santo; mas para vencer tambem
a morte, naõ baſta que ſeja homem, nem baſta
que ſeja Santo; porque a morte tem diſpotica ju-
riſdiçaõ em todos os homens, ainda que ſejaõ muy
Santos. He neceſſario que ſeja mais que homem,
mais que Santo, o que houver de vencer a morte,
e triunfar della.

13 Com-

13 Comparay o Cordeiro Divino, viſto no Apocalypſe, a ſi meſmo viſto na Cruz. Morrendo na Cruz he acclamado por verdadeiro Homem, Luc. 23. 47. poſtoque Santo: *Verè hic homo juſtus erat.* No Apocalypſe porém, onde eſtava em pé, e ſó na repreſentaçaõ morto, he adorado por verdadeiro Deos: Apoc. 5. 12. *Dignus eſt agnus, qui occiſus eſt, accipere virtutem, & Divinitatem.* E a razaõ deſta differença he, porque na Cruz naõ vencia a morte, pois eſta lhe tirou a vida; ſó vencia o mundo: Joan. 12. 31. *Nunc Princeps hujus mundi ejicietur foras.* No Apocalypſe, além de vencer o mundo, vencia tambem a morte, como triunfante della: Apoc. 1. 18. *Fui mortuus, & ecce ſum vivens in ſæcula ſæculorum, & habeo claves mortis.* Para vencer o mundo, baſta que hum homem ſeja Santo: *Verè hic homo juſtus erat.* Para vencer a morte, que a todos vence, naõ baſta ſer homem Santo; he neceſſario ſer homem Deos: *Dignus eſt agnus, qui occiſus eſt, accipere virtutem, & Divinitatem.* E que eſperais agora que concluamos daqui? Como prégo a ouvintes Catholicos, o mais acertado ſerá naõ concluir, nem applicar eſte penſamento. Lá deixo a concluſaõ delle aos voſſos entendimentos; recommendada porém á voſſa Fé.

14 Oh Santiſſimo Patriarca meu! Triunfador da morte, e do mundo, vos applaudimos neſte dia, em que morrendo pizais o mundo, e a terra. Bem he que pizeis o mundo, pois deſprezaſtes o mais precioſo, e o mais eſtimavel delle, que, ou como herança, ou como tributo, offertava Roma á Auguſtiſſima Caſa, de que a Providencia vos fez hereditario Senhor. Mas que tambem pi-

zeis

eis a terra, quando triunfais da morte! Para em exprimir S. Gregorio Magno quam arrebado no Ceo vivia S. Bento, diſſe que as ſuas plans nunca ſe lhe pegaraõ na terra; porque dando s primeiros paſſos para entrar no mundo, retirou pé, por naõ tocar na terra, quem era todo do eo: *Eum, quem quaſi in ingreſſu mundi poſuerit, retraxit pedem.* Pois como piza com ambos pés a terra, quando della ſe aparta para o Ceo? ara triunfar da morte, e parecer immortal na da. Naõ pizou na terra vivendo, porque vivia omo ſe naõ vivera na terra. Porém pizava ſobre terra morrendo em pé; porque morrendo aſm, bem moſtrava que a terra nem com o ſeu ntacto lhe pode communicar a mortalidade. Quando Deos publicou contra o primeiro homem ſentença de morte, na qual pela culpa eſtava inurſo, os termos com que a proferio foraõ eſtes: *Donec revertaris in terram, de quâ ſumptus es: quia pulvis es, & in pulverem reverteris.* Torarás para a terra de que es formado. S. Bento orém morria em pé, com as mãos levantadas pa o Ceo: *Erectis in Cœlum manibus ſtetit*; coo querendo já abarcar o Ceo com as mãos, e aminhar, naõ para a terra, mas para o Ceo; porue naõ devia fazer o ſeu caminho para a terra um Santo, que morria, como ſe naõ morrera. Se morrer he tornar para a terra: *Donec revertaris terram: & in pulverem revertaris*; naõ paça que torna para a terra hum Santo, que pareque naõ morre.

D. Greg. Dialog. l. 2. in initio.

Geneſ. 3. 19.

§. III.

§. IV.

15 PAssemos a outra circunstancia, que, como impaciente, aqui se introduzio já para o discurso. Com as mãos levantadas ao Ceo morre S. Bento. Agora o acabamos de dizer: *Erectis in Cœlum manibus.* Mysterioſa acçaõ! Assim o julgaõ todos. Seis dias antes aõ de sua morte, esteve S. Bento com a sepultura aberta para o seu corpo, só para que a morte naõ temesse tirar-lhe a vida, vendo-o taõ desejoso de sepultar-se: *Nè mors vereatur ad ipsum accedere*, disse Erhardo. Mas porque temeroſa a morte naõ se atreveria a chegar-lhe, com aquella acçaõ (sigamos a intelligencia do mesmo Author) abraçava meu Santissimo Patriarca a morte, e lhe fazia aceno, para que sem temor chegasse: *Mortem amplexus .... non expectavit, sed vocavit.* Em terniſſimos colloquios estava S. Bento com Christo muitas vezes, e entre as expressoens, que lhe fazia de seu amor, costumava dizer-lhe, que por elle desejava dar cem, e mil vidas; e accrescentava: Se isto para vós he pouco, meu Jesus, tambem para mim naõ basta, porque tudo he nada, para o grande amor que vos tenho: *Centies, & millies, pro te mori vellim, Domine Jesu: si hoc non sufficit tibi, nec mihi sufficit, quia nihil sufficit animæ meæ.* Assim o refere S. Vicente Ferreira. Chegou pois a hora de sua morte, e entrou S. Bento a desempenhar os seus fortes desejos de morrer por Christo; porque sem temor começou a abraçar, e a chamar a morte: *Mortem amplexus non expectavit, sed vocavit.*

Erhard. in vit. S. Ben. lib. 1. p. 3. c. 36.

D. Vincent. Ferr. Serm. de S. Bened.

16 Os

16 Os mais Santos abraçaõ a morte quando hega; porque deſejaõ abraçar-ſe com Chriſto na Gloria eternamente; mas naõ chamaõ a morte, ara que chegue: ou porque a temem, ou porque a morte os naõ teme a elles, e por iſſo naõ eceſſita de ſer chamada. Santo Hilariaõ abraçando a morte, depois de ſervir a Deos ſettenta anos, ainda aſſim a temia, e reprehendia a ſua alma, vendo-a receoſa de ſahir do corpo: *Quid imes? Egredere anima mea.* Era homem, e, poſoque Santo, naõ podia deſpir-ſe do temor naural da morte. Pelo contrario a morte a nenhum omem teme, aindaque ſeja muy Santo; porque nenhum póde reſiſtir á ſua fouce. Em S. Bento ſe vio, e admirou trocada a condiçaõ deſte artido. Tanto naõ temeo a morte, que antes a norte o temeo a elle; porque ao imperio de S. Bento eſteve ſujeita a morte. Digaõ-no tantos nortos, que S. Bento reſuſcitou: e muito mais, melhor o diga o modo com que os reſuſcitava. Outros muitos Santos tambem reſuſcitaraõ mortos; mas rogando a Deos que lhes deſſe vida: . Bento reſuſcitava-os, mandando com impeio, e poteſtade de filho de Deos, como bem nou, e muito admirou S. Gregorio Magno. E orque S. Bento tinha ſobre a morte poteſtade e filho de Deos, por iſſo a morte o temia, nem lhe atrevia a chegar: por iſſo foy preciſo a S. ento chamá-la, para que ella pudeſſe tirar-lhe vida.

D. Greg. l. 2. Dialo. c. 30.

17 He muito de admirar, que naõ eſpiraſſe hriſto no tormento dos açoutes, nem acabaſſe a ida no tormento dos eſpinhos, com que imperi-

mente

mente o coroaraõ. O dos açoutes foy taõ cruel que lhe raſgou todo o corpo, e abrio até ſe lhe verem as entranhas, ſegundo foy revelado a Santa Brigida. O dos eſpinhos naõ era menos mortal porque, como diz S. Lourenço Juſtiniano, a grandeza delles penetrando a cabeça do Redemptor chegava a offender-lhe o cerebro. Os meſmos miniſtros, que conduziaõ a Chriſto para o patibulo, vendo que naõ ſe lhe dilataria a vida até a execuçaõ da ſentença, buſcaraõ quem o ajudaſſe a levar a Cruz, e já no Calvario lhe deraõ huma bebida, que o confortaſſe, Porém Chriſto com hum eſforço admiravel ſopportou que o crucificaſſem e eſteve por eſpaço de tres horas pendente na Cruz ſem eſpirar. Aqui paſma toda a ponderaçaõ Se Chriſto taõ ancioſo eſtava de morrer pelos homens, como naõ eſpirava quando tantas cauſas juntas conſpiravaõ a lhe tirar a vida? Porque temeroſa a morte naõ ſe lhe atrevia a chegar; reſponde Santo Athanaſio: *Quia mors, Chriſtum metuens, ad ipſum non audebat accedere.* Por iſſo tantoque Chriſto inclinou a cabeça, eſpirou logo: *Inclinato capite tradidit ſpiritum*; porque com aquella acçaõ chamava a morte para que lhe tiraſſe a vida: *Chriſtus autem, inclinato capite eam vocavit*, diz o meſmõ Santo Doutor, a quem ſeguio a Veneravel Abbadeſſa de Agreda. Antes de ſer chamada, temia a morte chegar-ſe a Chriſto; porque como era verdadeiro Filho de Deos tinha ſobre a morte o natural dominio, e poteſtade, com que a tantos reſuſcitou: por iſſo naõ podia a morte ſem permiſſaõ de Chriſto offendê-lo.

D. Athanaſ. q. 6. ad Antioc.

Joan. 19. 30.

Vener. Maria de Jeſus, Myſt. Ciud. de Dios 2 p. l. 6. c. 23. n. 1422.

18 O que

18 O que na morte, a reſpeito de Chriſto, oy temor, para com S. Bento ou foy temor, ou eſpeito. Por muitas vezes experimentou a mor- e a juriſdiçaõ, e dominio, que ſobre ella tinha . Bento; porque muitas vezes lhe fez repor os ortos á ſua antiga vida. Reconhecia em S. Ben- o poteſtade de Filho de Deos, e o reſpeitava qual utro Chriſto (que aſſim lhe chamou o ſempre eneravel S. Beda) *Velut Chriſtus.* Daqui diſ- orro, que ſe a Chriſto naõ ſe atreveo a morte, em ſer chamada: *Mors Chriſtum metuens, ad oſum non audebat accedere. Chriſtus autem, in- linato capite, eam vocavit*; tambem tîmida, e eceoſa naõ ſe atreveria a S. Bento: e para ſe che- ar elle, eſperava que o meſmo Santo lhe deſſe ermiſſaõ, ou algum final, como lhe deo, quan- o com as mãos erguidas a chamou, para que lhe raſſe a vida: *Erectis in Cœlum manibus, mor- em amplexus vocavit.* Aſſim como Chriſto, ue inclinando a cabeça, chamou a morte para e render a vida: *Inclinato capite, eam vocavit. radidit ſpiritum,*

D. Beda apud Sæcula 1. Bened. fol. 36.

§. V.

9 EStá entendido o myſterio, com que S. Ben- to para morrer eſtendia as mãos, e as le- ntava ao Ceo. Ponderemos agora, ſe em tal rcunſtancia expirando meu glorioſo Patriarca, de- mos dizer, ou entender que morreo? Parece- e que naõ; porque naõ ſe faz acreditavel, ſem rande admiraçaõ, que chegaſſe a morrer quem nha tanto dominio ſobre a morte. Naõ ſe per-

ſuade a razaõ ſem difficuldade, que morreſſe quem tinha a fouce da morte ſubmettida a ſeu arbitrio, e rendida a ſeu imperio. Daõ a Pilatos a noticia de que Chriſto tinha já expirado, e elle ſe admira de que taõ cedo, e taõ apreſſadamente morreſſe: *Pilatus autem mirabitur, ſi jam obiiſſet.* Os dous ladroens, que com Chriſto foraõ crucificados, eſtavaõ ainda vivos, e Chriſto tinha já expirado: e de que expiraſſe Chriſto antesque os ladrões, ſe admirou Pilatos. Ouvi ao Angelico Doutor Santo Thomaz: *Fuit etiam mirabile in Chriſti morte, quòd velocius mortuus fuit aliis, qui ſimili paſſione afficiebantur, unde dicitur, quòd Pilatus mirabatur, ſi jam obiiſſet.* Valha-me Deos com juizos taõ encontrados, e taõ oppoſtos! Os miniſtros da execuçaõ attendendo para o eſtado em que viaõ a Chriſto, receyaõ que expire antes que chegue ao Calvario: confortaõ-no para que naõ morra antesque o crucifiquem; e Pilatos ſe admira de que Chriſto depois de cravado com tanta violencia, e tyrannia na Cruz, naõ viveſſe mais de tres horas? Sim, e com diſcurſo bem ajuſtado, e bem prudente. Notay. Sabia Pilatos que Chriſto naõ podia naturalmente viver, depois do tormento dos açoutes, e da inſopportavel impiedade dos eſpinhos; vio porém que Chriſto conſervou a vida até ſer crucificado, e que pendente eſteve na Cruz vivo por eſpaço de tres horas: e daqui inferio que a morte eſtava ſujeita ao imperio, e diſpoſiçaõ de Chriſto; porque entendeo facilmente que Chriſto viveo em quanto quiz, e que morreo quando quiz dar para iſſo permiſſaõ á morte: *Dicitur quòd Pilatus mirabatur, ſi jam*

Marc. 15. 44.

D. Thom. 3. p. q. 47. à. 1. ad 2.

D. Th. ibid.

jam obiiſſet; ſicut enim ejus voluntate natura orporalis conſervata eſt in ſuo vigore, uſque ad xtremum; ſic etiam, quando voluit, ſubito ceſ-t. Conclue o meſmo Doutor Angelico. Com azaõ pois ſe admira Pilatos, quando ouvio dizer ue Chriſto tinha expirado: *Mirabatur ſi jam biiſſet*; porque naõ ſe pode facilmente perſuadir razaõ, que morreſſe quem tinha imperio, e juſdiçaõ ſobre a morte.

Oh como em proprios termos vejo retratado caſo de S. Bento! Sabia por Divina revelaçaõ hora em que havia de expirar, e mandou abrir ſepultura para ſeu corpo. Seis dias eſteve com la aberta eſperando a morte; eſta porém ſem negar. Que he iſto? Morte taõ deſejada, e taõ orrecida, que eſtorvo achas? Que te demora? Que ha de ſer, ſenaõ que a morte reverenciou, u temeo a S. Bento, pelo dominio, que ſobre el-tinha? Reconhecendo a ſubordinaçaõ, que a S. ento devia, ſe detinha irreſoluta, como eſpe-ndo que o meſmo Santo a chamaſſe, para lhe rar a vida: *Mortem vocavit.* Pois quem ſe ha e perſuadir que a morte levantou o braço, e eſcarregou o golpe em S. Bento? Parece incri-el. Ao menos, naõ ſe póde ouvir ſem admiraçaõ: *Mirabatur ſi jam obiiſſet.*

21 Ora por ſahirmos deſtas perplexidades, e eſtas oppoſtas, e encontradas circunſtancias, que zem taõ duvidoſa a morte de meu Santiſſimo atriarca, confeſſo que em verdade morreo, pois a homem; e ſempre nego foſſe a morte a que e tirou a vida; porque, a meu entender, acabou vida, ſem que padeceſſe a morte. Parece que

agora me implico mais. Morreo, e teve isença
da morte? Sim. Examinemos-lhe a enfermidad
mortal. Expirou S. Bento a doces violencias d
amor de Deos. Em desejos fortissimos de se ve
com Deos na Gloria, ardia S. Bento, e repeti
actos muy intensos de amor de Deos, até que rom
peo em hum taõ abrazado, e taõ forte, que naõ
podendo as forças da natureza conservar, e sos
ter a vida em taõ ardente, e heroico acto d
Erhard. in vit. S. Bened. lib. 1. p. 3. c. 35. amor, com elle juntamente exhalou o espirito,
acabou a vida. Refere-o assim Erhardo. Escreve
Santa Hildegarda que seu, e meu Patriarca S
D. Hildeg. in Expolit. Reg. Bento se abrazava em tanto incendio de amor d
Deos, como o ferro nas chammas da ardent
fragoa: *Ardore ignis flagravit Deo, eoque tan
vehementi, ut igníto ferro similis in amore De
rutilaret.* Tambem a Mãy de Deos, declarand
a Santa Brigida quanto ardia S. Bento em amo
Divino, lhe chamou Anjo; porque se os Anjo
saõ vivo fogo do Divino amor, que arde, e res
plendece nelles: *Facis Angelos tuos spiritus*
Psal. 103. 4. *ministros tuos ignem urentem*; S. Bento com
Anjo, e como fogo, despedia de si calor, e chã
D Brigit. lib 3. Revel. c. 21. mas de amor Divino: *Anima Divi Benedict*
(saõ palavras da Mãy de Deos) *erat quasi An
gelus, qui dedit ex se calorem magnum, & in
flammationem.* Pois que muito, se nestas cham-
mas, Mariposa do amor Divino, S. Bento arde
se! Que muito, se expirasse Fenix abrazado neste
incendio!

21 Tornando agora ao pensamento, em qu
estava; reparo, e pergunto assim. Se o amor Di
vino, em que consiste a vitalidade dos Justos, ti
rou

ou a vida a S. Bento, quem dirá que lhe deo a orte? O fogo, creſcendo as chammas, ſe incen- e mais: e ſe S. Bento era fogo, todo abrazado n amor de Deos, como podia extinguir-ſe, quan- o em amor de Deos mais ardia! A vontade, ianto mais ſe apura em amar, tanto mais apura- a tem a ſua vitalidade: logo o amor de Deos, n que S. Bento ſe apurava tanto, mais havia onſervar-lhe a vida, que dar-lhe a morte. Pare- e que precizamente havemos duvidar da ſua mor- , já que naõ ſerá bem duvidemos que o amor e Deos foſſe a ardente febre, que lhe tirou a da. Parece que conhecida a cauſa, que lhe tirou vida, ſe deſcobre a mais forte razaõ de du- dar da ſua morte.

23 Naõ conſentio Chriſto que em vida lhe riſſem o coraçaõ: *Ut viderunt eum jam mor- uum, ... unus militum lanceâ latus ejus aperuit.* Joan. 19 33. & 34. qual ſeria o myſterio, de reſervar Chriſto pa- depois da morte a Chaga mais principal de u corpo, que em ſi havia de encerrar tantos, taõ grandes Sacramentos? Huma Chaga de nto preço para Redempçaõ do mundo, dilata hriſto para o tempo, em que, por eſtar já mor- , naõ podia merecer? Sim, com razaõ, e com yſterio. Toda a chaga no coraçaõ he mortal: eſta do coraçaõ de Chriſto, além de ſer mortal, a eſpecialmente a Chaga do ſeu amor: *Vulnus rdis vehementiam deſignat amoris*, diz S. Ber- rdo. D. Bern. ſup. cant. S. 39. Naõ quiz pois Chriſto antes da morte re- ber em ſeu coraçaõ a mortal ferida do amor; orque naõ queria deixar em duvidas, e opi- oens a ſua morte. Se morrera ferido no cora-

çaõ, diriaõ alguns que Chriſto naõ morreo; po
que ferida de amor naõ mata: augmenta a vida
quem ama. Se Chriſto expiraſſe recebendo hum
Chaga do amor, a vida, e o amor viriaõ a ſer e
Chriſto dous contrarios muy oppoſtos: e qua
to mais quizeſſemos acreditar o ſeu amor, ta
to mais duvidariamos da ſua morte. Pois pa
que nem ſe duvide da ſua morte, nem do ſe
amor, quiz Chriſto que ſe lhe abriſſe a Chaga d
amor depois da morte. Ordenou que primeiro
lhe verificaſſe a morte: *Viderunt eum jam mo
tuum*: e depois a Chaga do amor, quando d
morte ſe naõ podia já duvidar: *Unus militu
lanceâ latus ejus aperuit.* Naõ foy preciza em S
Bento eſta precauçaõ; porque confeſſamos to
dos que morreo; e ſó dizemos que a enfermi
dade do amor, aindaque lhe tirou a vida, naõ lh
deo a morte. Morrer de morte, he pena, ou at
tributo a que nos obrigou a culpa, que todos co
Geneſ. 2. 17 trahimos: *Morte morieris*: e ſe o amor de Deo
tirou a vida a S. Bento, como lhe imporia o tri
buto da morte, introduzido pela culpa? Como
naõ aliviaria deſta pena, para morrer ſem morte
iſto he, para morrer como ſe naõ morrera? A
fim devemos entender ſem duvida, morria hu
Santo, que por ſe abraçar com Deos, em cuj
amor ſe abrazava, eſtendendo as mãos chamava
ou deſaffiava a morte, para lhe fazer entrega d
propria vida.

§. VI

§. VI.

E Muito mais diremos que S. Bento morreo como ſe naõ morrera, ſe bem notarmos na ultima, e mais admiravel circunſtancia ſua morte. Orando eſtava S. Bento quando exrou: e taõ prodigioſamente, que primeiro acabou de viver, do que acabaſſe de orar; porque nda depois de morto eſtava orando. Refere o ſo S. Gregorio Papa; ouvi-o novamente com flexaõ, que diz aſſim: *Ultimum ſpiritum inr verba orationis efflavit.* Exhalou S. Bento o timo eſpirito entre as palavras da oraçaõ, em que tava. Muito veyo a dizer-nos aqui o grande Ponfice. Entre as palavras da oraçaõ: *Inter verba orationis*; porque orava antes de expirar, e ndo já expirado, ainda continuava orando. O pirito, que exhalou, era o ultimo: *Ultimum ſpitum*, e as palavras da oraçaõ naõ eraõ as ultias; porque exhalado o eſpirito, que o anima, ainda foy S. Bento proferindo mais palavras, continuando a ſua oraçaõ: *Inter verba oranis.*

25 Que S. Bento oraſſe até a morte, eu o ppunha; porque naõ podia o ſeu eſpirito ceſſar oraçaõ, em quanto naõ ceſſaſſe de viver. Mas e acabando a vida, naõ acabaſſe de orar! Que Bento oraſſe em toda a vida, iſſo era proprio hum eſpirito taõ extatico, como o de S. Bera. Mas que exhalado o eſpirito, ainda oraſ- He ſinal de que no corpo já morto ainda lhe ava a faculdade vital, como ſe naõ fora mor-

to. Theophylacto me deo luz para ver esta ver
similidade: *Verosimile est, vitalem quandam vi*
tutem adhuc fuisse in corpore. Fallava o muy do
to Padre reflectindo naquelle sangue, e agoa, q
sahiraõ do lado de Christo depois de morto:
naõ duvidou de que nelle ainda pudesse haver a
guma virtude vital depois da morte, sem a qu
naõ emanariaõ delle sangue, e agoa. Do mesm
pensamento foy Santo Hypolito Martyr: *Cùm*
corpus mortuum humano more, magnam vitæ
se habet facultatem: quæ enim ex mortuis co
poribus non profluunt, ea ex ipso profluxerun
E porque naõ diremos nós com o mesmo fund
mento, que tambem parecia haver em meu P
triarca Santissimo alguma vitalidade depois
morto, se ainda orava como antes de exhalar o e
pirito? Todos vos admirais, e eu naõ; porqu
se S. Bento antes de nascer já louvava a Deos n
materno ventre; depois de morrer porque na
continuaria em orar ao mesmo Deos? Louv
a Deos, e orar saõ acçoens vitaes, que neces
riamente procedem do espirito da vida: e dire
que no ventre podia S. Bento louvar a Deo
porque no ventre já tinha vida, já tinha espirit
já estava animado; naõ podia porém depois
morte orar, por lhe faltar já o espirito, que o an
mava.

Theoph. in cap. 19. Joan.

D. Hypolit. Mart. Epist. ad Regin. citatus à Theodoret. Dialog. 3.

26 Boa reposta, e naõ menos forte duvid
Mas o certo he que S. Bento exhalou taõ prod
giosa, e admiravelmente o espirito, que pare
ainda lhe ficava em seu corpo o mesmo espirit
como se naõ houvera delle sahido. Notay. Pe
Elizeu a seu Pay, e Mestre, o grande Elias qu
po

pois se ausentava, lhe deixasse o seu portentoso
espirito: *Obsecro, ut fiat in me duplex spiritus* 4.Reg c.2,9
tuus. Elias lho prometteo para o tempo em que
visse que se apartava delle: *Si videris me quan-* Vers.10.
do tollar à te, erit tibi quod petisti. E de facto
se teve por cousa certa, e provada com experien-
cia, que em Elizeu ficou o espirito de Elias: *Re-* Vers.18.
quievit spiritus Eliæ super Elisæum. Naõ pos-
so entender esta certeza taõ recebida de todos,
endo taõ difficil de se perceber. Elias foy arre-
batado vivo: logo comsigo levou o seu espirito.
He sem duvida. Pois como ficou em Eliseu o
spirito de Elias? No Sagrado Texto achamos a
azaõ desta incompativel maravilha. A ultima
ençaõ de Elias foy tocar com a sua capa as agoas
lo Jordaõ, e dividi-las, desorte que a pé enxu-
o o passáraõ Elias, e Elizeu: *Tulitque Elias* Ibid.v.8.
pallium suum, & involvit illud, & percussit aquas,
quæ divisæ sunt in utramque partem, & tran-
serunt ambo per siccum. Volta logo Elizeu para
ericó, depois do rapto de Elias, chega ao Jor-
aõ, e faz o mesmo que Elias fez; porque tocan-
o as agoas com a mesma capa (singular prenda,
ue lhe ficou de seu Mestre) ellas se tornáraõ a
brir, dando estrada, pela qual segunda vez pas-
ou Eliseu o Jordaõ a pé enxuto: *Percussitque* Vers.14.
aquas, & divisæ sunt, huc atque illuc, & tran-
it Elisæus. Vista a repetiçaõ deste prodigio,
amaõ, e dizem todos: O certo he, que o espi-
to de Elias ficou, e se acha ainda em Eliseu:
Videntes autem filii Prophetarum, qui erant in
Jericho è contra, dixerunt; requievit spiritus Vers.15.
Eliæ super Elisæum. E bem. Eliseu faz o mesmo,

que

que obrava Elias, pouco antes de ſe auſentar da terra! Pois quem naõ dirá que em Eliſeu ainda eſtava aquelle meſmo eſpirito, que ſe auſentou em Elias? Parece que mais proprio naõ pudéra vir para o noſſo intento. O eſpirito de S. Bento já ſe havia auſentado da terra para o Ceo: já havia deixado o corpo; mas eſſe corpo ainda ſe via continuar na meſma oraçaõ, em que eſtava, antes que o deixaſſe o eſpirito. Orava antes, e depois ainda eſtava na meſma operaçaõ, ſem que pelo apartamento do eſpirito ſe finalizaſſe a oraçaõ. Pois quem naõ diria que o eſpirito de S. Bento ainda deſcançava em ſeu corpo, aſſim como em Eliſeu deſcançava o eſpirito de Elias auſente, e arrebatado: *Requievit ſpiritus Eliæ ſuper Eliſeum.*

27 Acerca do eſpirito de S. Bento devemos ſentir, e entender muito mais altamente, do que podemos conceituar ordinariamente acerca do eſpirito dos mais Santos; porque S. Bento, como diz S. Gregorio Magno, teve em ſi o eſpirito de todos os outros Santos: *Vir iſte ſpiritu juſtorum omnium plenus fuit.* Pois que muito, ſe o eſpirito de S. Bento, quando já triunfante ſubia ao Ceo, ainda na terra eſtiveſſe orando, ſe tinha S. Bento o eſpirito tambem de Elias, que arrebatado á regiaõ aerea, ainda ficava em Eliſeu? Taõ altamente ha de ſubir o conceito, que fizermos do eſpirito de S. Bento, que com o eſpirito do meſmo Deos o equivoquemos, como ſe S. Bento em ſi tivera o eſpirito do meſmo Deos. Diſſe-o o meſmo grande Pontifice, e grande Gregorio: *Vir Dei Benedictus unius Dei ſpiritum habuit.*

D. Greg. Dialog. lib. 2 c. 9.

Ibidem.

Ten-

'endo pois S. Bento o eſpirito do meſmo Deos, uem duvidará que ſubindo já o eſpirito de S. ento ao Ceo, ainda lhe pudeſſe ficar no corpo ovendo a lingua, para continuar a oraçaõ em ue eſtava quando eſpirou?

28 Vio Ezequiel huma carroça notavel, myſrioſa, muy celebre para os Prégadores, e falndo do movimento de ſuas rodas, diſſe que ara onde hia o eſpirito, para ahi tambem as roas hiaõ em ſeguimento delle; porque eſſe eſrito eſtava nas rodas: *Quocumque ibat ſpiri-* Ezech. 1. 20. *us, illuc, eunte ſpiritu, & rotæ pariter elevantur, ſequentes eum; ſpiritus enim vitæ erat rotis.* Neſta viſaõ acho que ſe contradiz o rofeta, pelo modo com que a refere. Se o eſpito hia adiante: *Quocumque ibat ſpiritus*: ſe as odas lhe ficavaõ atraz, pois hiaõ ſeguindo eſſe ſpirito: *Sequentes eum*; como ficava nas rodas o eſmo eſpirito, para as mover: *Spiritus enim tæ erat in rotis*? Porque era eſpirito de Deos, ue pódia ao meſmo tempo ir, e ficar nas rodas. omptamente o Alapide: *Erat enim unus idem-* Alap. hic. *e Dei ſpiritus.* Remontava-ſe o eſpirito de eos para o Ceo, e para a Gloria: *Ibat ſpiritus*: ambem ficava nas rodas: *Erat in rotis*: naõ ra as animar; ſim para as mover ſomente: *Non imans, ſed impellens*, diz o meſmo Doutiſſio Expoſitor. Aſſim o eſpirito de Deos; e por a conſequencia tambem aſſim o eſpirito daquelgrande Patriarca, que em ſi tinha o eſpirito de os. Subia já para o Ceo, e para a Gloria o eſito de S. Bento: *Ibat ſpiritus*: e ao meſmo npo lhe ficava no corpo cá na terra; naõ para o animar,

o animar, pois em verdade eſtava já morto: mas para lhe mover a lingua na oraçaõ, que ainda continuava: *Non animans, ſed impellens.* O eſpirito hia para os gozos da eterna, e celeſte Bemaventurança: *Ibat ſpiritus*; e o corpo o ſeguia, poſtoque ficaſſe na terra: *Sequentes eum*; porque ficava o corpo orando na terra, quando o eſpirito já eſtava louvando a Deos no Ceo; e podia o corpo continuar na oraçaõ cá na terra, pois nelle ainda eſtava o eſpirito de S. Bento, que já aſſiſtia no Ceo: porque para iſſo tinha S. Bento o eſpirito do meſmo Deos: *Unius Dei ſpiritum habuit.*

29 Das rodas deſſa carroça diz o Profeta que ſubiaõ ao Ceo, e ſe apartavaõ da terra, em companhia dos que ſe apartavaõ deſta, e ſubiaõ para aquelle. E tambem diz que as meſmas rodas
Ibid, 21. ficavaõ em pé com os que aſſim ficavaõ: *Cum euntibus ibant, & cum ſtantibus ſtabant; & cum elevatis à terra, pariter elevabantur & rotæ.* Parece confuſaõ, ou enigma; era porém hum ſymbolo muy proprio de S. Bento. Na morte admiravel deſte ſempre portentoſo Santo deſceraõ os Anjos a buſcar, e acompanhar ſua alma ditoſa, e ſantiſſima: e lá hia S. Bento com os que hiaõ para o Ceo, e ſe apartavaõ da terra: *Cum euntibus ibat, & cum elevatis à terra, pariter elevabatur.* E ao meſmo tempo ainda ficava em pé na terra, com os que cá ficavaõ: *Cum ſtantibus ſtabat.* Para o Ceo hia com os Anjos, para com elles louvar a Deos eternamente na Gloria: na terra ficava em pé com os homens, para rogar por elles a Deos. O que nas rodas era virtude do

eſpi-

ſpirito de Deos: *Erat enim unus, idemque Dei ſpiritus*; em S. Bento era virtude do ſeu eſpiri-o; porque nelle tambem eſtava o eſpirito de Deos: *Unius Dei ſpiritum habuit.* Eſte eſpiri-o era o que a S. Bento dava esforço para eſperar morte de pé: eſte o que o fez levantar as mãos o Ceo, quando, por ſe abraçar com Deos, cha-nava, e abraçava a morte: eſte o que tambem o onſervava orando depois de haver expirado: eſ-e finalmente o que com taes prodigios fazia a . Bento parecer vivo, quando morto, ou que norrera, como ſe naõ morrera; parecendo na norte, que ſe eternizára na vida: *Vitam æter-am poſſidebit.*

§. VII.

ASſim devia morrer quem como S. Bento o viveo. Morreo como ſe naõ morrera; orque tambem viveo como ſe naõ vivera. A ſua norte foy huma vida continuada; porque a ſua ida foy huma continuada morte. Que grande rova deſta verdade temos naquella viſaõ, em ue Deos ſe manifeſtou a S. Bento, antes de ſua norte! Pedio Moyſés a Deos lhe deſſe a ver a ſua Divina face, em que conſiſtia a Gloria, e Bem-venturança dos Juſtos: *Oſtende mihi gloriam uam.* E que reſponderia Deos á petiçaõ do ſeu rande, e muy familiar amigo Moyſés? *Faciem eam videre non poteris.* Naõ he poſſivel, Moy-és, que me vejas manifeſta, e claramente; por-ue he incompativel com a vida mortal huma vi-aõ taõ ſobrenatural, e taõ nobre. Como ſe po-derá

Exod. 33. 18. Verſ. 23.

derá ajuntar o eſtado beatifico ao de viador? A morte ha de moſtrar aos homens o caminho, abrir as portas, para que poſſaõ chegar, e entrar naquella Cidade da Gloria, em que me dexo ver, e gozar dos meus eſcolhidos: *Non poteris videre faciem meam; non enim videbit me homo, & vivet.* Com tudo, S. Gregorio Magno depõem que S. Bento vira a eſſencia Divina claramente neſta vida mortal. Seguem a S. Gregorio neſta parte S. Bernardo, S. Boaventura, Dionyſio Carthuſiano, Ruperto Abbade, alêm de muitos dos mais inſignes Theologos. Couſa rara, e que aos Eccleſiaſticos dá occaſiaõ, e materia para huma diſputa graviſſima.

Ibid. 20.

Vide Heſſet. c. 35 vitæ D. Bened. Reding. tom. 1. q. 4. a. 1.

31 O caſo aconteceo neſta forma, ſegundo explorou, e examinou o grande Pontifice, ouvidos quatro Abbades diſcipulos de S. Bento. Em certa noite poſto S. Bento á janella de huma torre, que para ſeu apoſento eſcolheo (talvez por ficar mais chegado ao Ceo, e mais apartado da terra) ao tempo em que melhor ſe via a formoſura do Ceo, e a terra toda eſtava em ſilencio, entrou em oraçaõ, eſperando neſte exercicio a hora de ir com ſeus Monges louvar a Deos no coro. Eis-que occularmente vê huma luz, com a qual a noite ſe pôs mais clara, que o dia: e ao meſmo tempo, outra luz mayor, e ſuperior, a que os Theologos chamaõ lume da Gloria, interiormente lhe elevou, e clarificou o entendimento para ver a Deos, e todas as creaturas em ſua Divina eſſencia. Eſte foy o prodigio: aſſim o referio S. Bento, e aſſim o eſcreveo S. Gregorio Magno. Pois ſe S. Bento antes de morrer vio claramente

Mezg. tom. 1. tr. 1. diſp. 6. a 3.

D. Greg. M. Dialog. lib. 2. c 39.

ramente a Divina face, como dizia Deos a Moyſés que o naõ poderá ver quem eſtá vivo? Como lhe dizia que primeiro deve a morte fechar os olhos a quem empregar a viſta na Divina Eſſencia: *Non enim videbit me homo, & vivet?*

32 Santo Agoſtinho (e depois delle S. Gregorio Magno, Santo Thomaz, e outros) explicou o Texto, e ſolveo com clareza taõ grande difficuidade, dizendo aſſim: Quem vive tendo livre o uſo dos ſentidos, naõ póde ver a Deos neſta vida; mas quem taõ mortificado vive, que eſtá morto para o uſo dos ſentidos, bem póde ver a Deos neſta vida; porque vive como ſe naõ vivera, e de alguma ſorte eſtá morto. Notay bem nas palavras de Santo Agoſtinho, taõ dignas de ſeu Author, como da noſſa attençaõ: *Neminem videntem Deum vivere vitâ iſtâ, quâ mortaliter vivitur ipſis ſenſibus corporis: ſed niſi ab hac vita quiſque quodam modo moriatur, ſive omninò exiens de corpore, ſive ita averſus, & alienatus à carnalibus ſenſibus, ut meritò neſciat, an in corpore, vel extra corpus ſit.* Agora já menaõ admiro de que S. Bento viſſe claramente a Deos neſta vida mortal; porque vivia taõ mortificado, taõ abſtrahido, e alienado de ſi, que de alguma ſorte já eſtava morto em vida. Era no aſpecto hum cadaver, veſtia-ſe de huma mortalha, e habitava em huma ſepultura: pois taõ eſtreita, e horroroſa era a cova, em que S. Bento por eſpaço de dezaſeis annos eſteve como ſepultado no deſerto de Sublaco, que mais parecia tumulo de hum cadaver, que habitaçaõ de hum vivo. Oh ſe em confirmaçaõ do que digo vos pudera repetir

D. Greg. apud Moli: citãdum. D. Thom. 2ª 2. q. 180. a 5. Molin. de Orac. tract. 2. c. 6. de la contempl. §. 4.

D. Auguſt. lib. 12. de Geneſ. ad lit. c. 27.

Juxta computũ Echardi, tam in Chronotaxi § v., quàm in vita S. Bened. lib. 1. n. 206.

tir aqui a deſcripçaõ, que Santa Hildegarda fez
deſſa veneravel, e ſagrada cova de Sublaco! Nel
la eſtava S. Bento morto ao frio, morto á fo
me, morto para o mundo, morto para o uſo do
ſentidos, morto para a vontade propria: e tal
morto aſſim em toda a vida, que paſſou os an
nos da puericia, e adoleſcencia, chegou a con
tar ſettenta e tres de ſua idade, ſem que em tod
ella deſſe huma hora, ou hum momento de re
creaçaõ aos ſentidos, ou de divertimento á vi
da: *Ab ipſo pueritiæ ſuæ tempore, cor geren*
D. Greg. cit. lib. 2. Dialog. in initio *ſenile, ætatem quippe moribus tranſiens nul*
animum voluptati dedit. Saõ palavras daquell
grande Pontifice, a quem o filial amor induzio
ſer Chroniſta do Principe dos Patriarcas. Em t
vida como eſta vendo S. Bento a Deos, naõ ſ
contradiz o Texto; pois era vida taõ mortifica
da, que melhor lhe chamaremos morte que vid
Diſſe pouco; porque vida taõ mortificada, h
morte mais inſoffrivel que a morte.

33 S. Paulo, aquelle Apoſtolo de taõ grand
eſpirito, que da vida naõ fazia mais apreço qu
da morte, deſejando em varias occaſioens tro
car aquella por eſta, alguma vez ſe laſtimou, d
zendo: Miſeravel homem ſou eu; e quem me pu
Ad Roman. 7. 24. zera livre do corpo deſta morte: *Infelix ego ho*
mo; quis me liberabit de corpore mortis hujus
Difficultoſo Texto! Em quanto o Apoſtolo ſe co
ſervava em ſeu corpo, naõ padecia morte; poi
que morte ſeria aquella, de que S. Paulo, para
ver livre, deſejava livrar-ſe de ſeu meſmo corpo
Elle o acabava de dizer immediatamente: *Vide*
Verſ. 23. *aliam legem in membris meis, repugnantem leg*
mei

entis meæ. Vivo [dizia o Apoſtolo] em huma ontinua guerra, que em mim ſempre eſtaõ faendo a alma, e o corpo. Eſte appetece o goſto, deleite, o prazer: a alma porém a tudo iſſo epugna; porque acha delicias no que padece: *audeo in paſſionibus*; e ſente nos trabalhos alio: *Superabundo gaudio in omni tribulatione.* Huma vida pois, que aſſim reſiſte ás appetencias o corpo, he morte taõ inſoffrivel para quem vive, ue em morrer ſentiria alivio: *Quis me liberabit e corpore mortis hujus?*

Ad Colloſſ. 1. 24. 2. Ad Corint. 7. 4.

34 Naõ rogava S. Paulo livrar-ſe da morte o corpo; deſejava ver-ſe livre do corpo daquel- morte: *De corpore mortis hujus.* Iſto he, do orpo, que lhe cauſava aquella peleja entre o ſpirito com as mortificaçoens, e a carne com os eleites: á qual peleja o Apoſtolo chamava mor-. Livrar-ſe da morte do corpo, ſeria naõ morer; e naõ era iſſo o porque o Apoſtolo ſuſpira-a, pois naõ temia a morte, aſſim como naõ eſmava a propria vida. Livrar-ſe porém do corpo daquella morte, era morrer; porque era ver- livre das prizoens do corpo, que com ſeus ppetites pelejava contra as leys, e dictames do ſpirito: e eſta peleja era morte mais inſopportael que a morte; por iſſo quizera o Apoſtolo morrer, e deixar o corpo, ſó por ſe ver livre da ſoffrivel morte em que vivia, pela continua uerra em que ſeu eſpirito andava com ſeu meſmo corpo: *Video aliam legem in membris meis, epugnantem legi mentis meæ. Infelix ego homo, quis me liberabit de corpore mortis hus?*

35 Agora ſe vê, e ſe conclue de todo, qu
S. Bento vivia como ſe naõ vivera; porque a ſu
vida foy ſempre huma inſopportavel morte, po
ſer ſempre huma continua guerra entre a alma
e o corpo; entre o eſpirito, e a carne: negand
o eſpirito ao corpo em toda a vida, quanto lh
ſerviria de alivio: *Nulli animum voluptati de
dit.* Quantas vezes naquella eſtreita cova d
Sublaco, expoſto ao rigor do inverno mais deſ
abrido, e ao ardor do Sol na Canicula mais fo
goſa, appeteceria o corpo as cõmodidades d
grande, e magnifico palacio de Nurcia, em qu
teve os annos da infancia, e os primeiros da pue
ricia, aquelle Principe mais illuſtre da Famili
Anicia! Quantas vezes na horroroſa ſolidaõ da
quelle deſerto, cujo primeiro povoador foy S
Bento, deſejaria ſeu corpo ver-ſe na populoſ
Corte de Roma, onde taõ aſſiſtido, e obſequia
do de Principes, e peſſoas illuſtres, reſidio S. Ben
to dos ſette até os doze annos de ſua florent
idade! Quantas vezes aquelle Anacoreta, e pe
nitente menino, que ſó com duas refeiçoens n
ſemana ſe alimentava; ou da providencia cou
que por algum tempo lhe acodia Romano Mon
ge; (que vivia debaixo da obediencia, e Regr
do Santo Abbade Theodato) ou das agreſte
hervas, que a natureza lhe deparava, obrigaria
a ſeu meſmo corpo a rogar, que das abundancia
deſprezadas, e deixadas no mundo, lhe deſſem
quanto naturalmente preciſo foſſe para alimenta
a vida! Mas o eſpirito ſempre conſtante na to
lerancia de todas as mortificaçoens, ſó queria
padecer as inclemencias do tempo, as aſperezas
do

Romanus non longè in Monaſterio ſub Theodati Patris regulâ degebat. D. Greg. Dialog. lib. 2. c. 1.

o deſerto, e as auſteridades de huma prolixa, e ſoffrivel morte, em que vivia.

36 Aſſentava ultimamente o Apoſtolo, que a graça de Deos, que ſe nos dá pelos merecimentos de Chriſto, o podia livrar daquella morte, ou daquella guerra, em que ſeu eſpirito ſempre andava contra ſeu corpo: *Quis me liberabit de corpore mortis hujus? Gratia Dei per Jeſum Chriſtum.* He aſſim; porque a graça o podia por outra parte encher de tantas conſolaçoens eſpirituaes, e de tantas celeſtiaes doçuras, que com ellas ficaſſem bem contrapezadas todas as mortificaçoens corporaes. Aſſim o experimentava S. Bento; porque, no meyo de taõ aſperas penitencias, abundava em celeſtiaes delicias. A ſua cova no deſerto era hum Ceo na terra. A elle vinhaõ os Anjos, e o conſolavaõ: nella foy viſitado algumas vezes da Mãy de Deos, que o encheo de eſpiritual doçura. O corpo, como ſepultado em vida, e o eſpirito ſempre arrebatado aos Ceos, parecia eſtar já gozando as delicias eternas, antes de acabar as mortificaçoens temporaes: de tal ſorte, que ainda poſto na terra, tinha já a ſua habitaçaõ no Ceo: *In terris potus, in cœleſtibus habitaret.* Até niſto parecia S. Bento viver como ſe naõ vivera.

Ad Rom. 7. 24. 25.

Ex vitâ &c officio in feſt. S. P. Benedicti.

37 A noſſa vida conſiſte na uniaõ entre o corpo, e alma; porque na ſeparaçaõ deſtas duas partes conſiſte a morte: e a alma de S. Bento ſempre arrebatada aos Ceos, e habitando lá, parece que na terra deixava o corpo ſem vida. Os Theologos, naõ ſó Myſticos, mas tambem Eccleſiaſticos, excitaõ a celebre queſtaõ, ſe nos rap-

Scholaſt. cũ D. Th. 2. 2. q. 175. a. 5.

Myſtici cum Philip. à SS. Tri. 3. p. tr. 1.

raptos, ou arrobamentos a alma está verdadeiramente unida ao corpo, ou se delle está separada? S. Paulo, Theologo do terceiro Ceo, até onde foy arrebatado, com a doutrina do que lá, vendo, e ouvindo, aprendeo; e com a noticia do que passou, e experimentou em si, era o Mestre, que neste ponto nos podia solver a questaõ, e tirar totalmente a duvida: mas tambem elle nos deixou a materia indecisa, e com fundamento para ser por huma, e outra parte provavel; porque naõ entendeo se a alma lhe estava unida ao corpo, ou se delle estava a alma separada, e o corpo morto: *Sive in corpore, sive extra corpus nescio, Deus scit*, disse o Apostolo; e Santo Agostinho, a quem segue Santo Thomaz, o explicou assim: *Eum ignorasse intelligamus, utrum quando in tertium Cœlum raptus est, in corpore fuerit anima, quo modo est anima in corpore, cum corpus vivere dicitur,... an omnino de corpore exierit, ut mortuum corpus jacéret.* O que sabemos de certo he, que nos raptos estaõ as pessoas, que os tem, como se naõ viveraõ; ou como se ficaraõ mortas. S. Bento taõ continuamente arrebatado, que já habitava nos Ceos quando ainda vivo na terra; ao menos parecia naõ estar vivo. Arrebatado sempre, parecia viver como se naõ vivera. Pois tambem (concluamos) havia morrer, como se naõ morrera: ou como se a morte para elle fora (sem morte) hum transito de vida mortal, para vida immortal, e eternizada: *Vitam æternam possidebit*

Thom. à Jes. de cõtempl. l. 6. Esquerra Lucer. Myst. tr. 2. c. 2.

2. Ad Corint. 12. 2. 3. D. Aug. lib. 12. de Gen. ad lit. c. 5. D. Thom. cit. a. 6.

§. VI.

§. VIII.

Esta foy a prodigiosa morte de S. Bento, na qual todo me elevey, quando talvez vera ponderar as acçoens de sua vida, para ter-s o melhor exemplar das nossas. Porém que mulo pode haver mais forte para bem se orde- a vida, que a consideraçaõ da morte! Te-is a morte dos peccadores? Sim, porque he lima: *Mors peccatorum pessima.* Desejais a rte dos justos? Sim, porque nos olhos de Deos precioſa: *Pretiosa in conspectu Domini mors ctorum ejus.* Pois vivey como justos, e naõ vi-s como peccadores. Oh se eu vivera como S. nto! Morrera sem duvida, como S. Bento. ra se conseguir huma morte como a sua, o acor-, e disposiçaõ infallivel, he fazer huma vida mo a sua: porém quando menos, para se al-nçar de Deos huma boa morte, e na hora del-o patrocinio de S. Bento, sabey que he me- muy efficaz rogar ao mesmo Santo, que pela rioſa morte com que Deos o honrou, nos quei- defender na hora da morte dos assaltos, e ucias, com que o demonio a esse tempo mais so-ta a nossa perdiçaõ. Assim o revelou o mes- S. Bento á sua prezada, e querida filha de espirito, Santa Gertrudes, e assim o experi-entaraõ os que souberaõ solicitar a protec-õ de S. Bento para a hora da morte.

Psal. 33. 22.

115. Vers. 15.

Ex vit. & Revelat. S. Gertr lib. 4. c. 20. juxta editionē Pariſ. ano 1662

39 Meu glorioso Patriarca, neste dia de vos- admiravel morte, em que com taõ magesto- apparato, e pompa triunfal, deste mundo su-

biſtes, e entraſtes a gozar da eterna vida, vos
go nos ampareis a todos na hora da mo
Em pé morreſtes, como deſtemido, e valoro
com as mãos levantadas, chamando, ou deſafi
do a morte; porque a naõ temieis. Com o m
mo valor nos defendey naquelle conflicto,
que a alma tem o ultimo riſco da ſalvaçaõ, e
que pende a conquiſta, e a poſſe de hum Rey
eterno. Eſtendey, e mettey o voſſo poderoſo
invencivel braço entre nós, e noſſos infern
inimigos, para que temoroſos fujaõ, e deſap
reçaõ. Morreſtes orando: pois oray por
morrendo. Como os voſſos Monges eſtavaõ
ticiados da hora, em que havieis de partir de
mundo, toda a voſſa Religiaõ eſſeve com f
voroſas preces, rogando a Deos vos aſſiſtiſſe
quella hora, que para todos he arriſcada. Co
para nós ha de ſer de mayor perigo, neceſſi
mos nós muito mais de voſſas oraçoens, para
perecermos nella. Uzay com noſco a piedade, c
ſe uſou comvoſco. Tambem vós diſſeſtes, q
Ibidem. por haveres expirado entre as palavras da oraç
em que eſtaveis, ainda lá no Ceo reſpirais h
halito taõ ſuave, que com elle ſe deleitaõ
mais Santos. Ouvi as voſſas meſmas palavras, q
bellamente haõ de ſoar em voſſos ouvidos; p
que a impureza da minha lingua lhes naõ
de tirar a doçura, que participaraõ da voſ
Ex eo quod ultimum ſpiritum inter verba o
tionis effiavi, tam ſuaviter præ aliis ſanc
ſpiro, quòd omnes in afflatu meo mirificè de
ſtantur. Se tambem a noſſa morte for no me
de huma voſſa oraçaõ muy fervoroſa, ainda
cher

ereis de mais ſuavidade eſſa Corte Celeſtial.
ogay a Deos, que nella vamos dar-lhe eternas
aças pela morte admiravel, que vos deo, e
la que por voſſa interceſſaõ eſperamos ter, pa-
conſeguirmos a eterna Gloria.

SERMAM

SERMAÕ V.
DA
SOLEDADE
DE MARIA SANTISSIMA
NOSSA SENHORA.

Na Igreja do Hoſpital, e ſanta Caſa da Miſeric
dia do Rio de Janeiro, no anno de 1739.

Magna eſt enim velut mare contritio tua; q
medebitur tui? Threnor. 2. 13.

§. I.

1 MORTO já, e ſepultado o Fil
e a Mãy ainda viva! Expiro
Filho de Deos em hum mar
penas: *Veni in altitudinem*
ris, & tempeſtas demerſit
e a Mãy de Deos ainda fluctu
do eſtá em hum mar de ſentimento: *Velut m*
contritio tua! Os tormentos, que em ſua Pay
pade

Pſal. 68. 3.

pàdecia Chriſto, igualmente os padecia tambem ſua Mãy Santiſſima: *Dolor ejus erat dolor meus*, diſſe a meſma Senhora a Santa Brigida; porque na alma da anguſtiada Mãy ſe imprimiaõ quantos tormentos ſe executavaõ no corpo do innocente Filho. Neſte ſe levantavaõ as ondas do tempeſtuoſo mar de ſua doloroſiſſima Payxaõ; e na alma da compaſſiva Mãy hiaõ quebrar eſſas ondas com furioſo impeto: *Omnia excelſa tua, & fluctus tui ſuper me tranſierunt*. Daqui inferio S. Boaventura, que nos meſmos tormẽtos executados em Chriſto, mais padecêra a Mãy do que o Filho: *Virgo maiorem dolorem habuit, quàm Chriſtus*: e S. Jeronymo tinha já dado a razaõ deſte exceſſo, e he; porque Chriſto padecia em ſeu paſſivel corpo, e a Mãy de Deos em ſua alma impaſſivel padecia: *Quia eâ parte paſſa eſt, quæ impaſſibilis habetur*. Mas por eſta meſma razaõ os tormentos deraõ a morte a Chriſto; porque em ſeu mortal corpo ſe executavaõ: e naõ tiraraõ a vida á Mãy de Deos; porque a martyrizavaõ na alma, que he immortal.

D. Brig. Rev. l. 1. c. 35.

Pſal. 41. 8. Carthag. lib. 12. Hom. 5.

D. Bonav. lect. 1. de Paſſ. Virg.

D. Hier. Epiſt. 10. in noviſſ. tom. 4.

2 A morte para Chriſto ſervio de alivio: *Dormiam, & requieſcam*: de alivio tambem ſeria para a Mãy de Deos a morte; porque acabaria de padecer, e conſolaria a propria vida, ſe com o Filho expiraſſe juntamente: *Gravius erat illi vivere vitâ tali, quàm diro gladio ſævè necari*, diz S. Bernardo. Mas como nella o immortal padecia; morto já, e ſepultado o Filho, ainda a Mãy padece, porque ainda vive. Sem vida, e nem por iſſo morta: *Moriebatur, & non poterat mori, quia vivens mortua erat*. Diſſe Arnoldo. Sem

Pſal. 4. 9.

D. Bern. de Lament. V.

Arnold. Carn. de ſeptem verb. in Cruc.

Sem vida, porque ſem Filho; mas nem por iſſo morta para ſentir a ſua auſencia, e a ſua ſoledade, mais tyranna em tudo que a morte. Sem vida, porque a affliçaõ, em que ſua alma eſtava agonizando, era mais que efficaz para lhe tirar a vida. E nem por iſſo morta; porque para na ſoledade do Filho eſtar penando, milagroſamente vivia: *Non crediderim, te potuiſſe tot cruciatus ſuſtinére, quin vitam amitteres, niſi ipſe ſpiritus vitæ te confortaret*: diſſe Santo Anſelmo.

D. Anſ. ſive A. lib. de Exc. V. c. 5. Molina de Ora. Medit. 1. de Reſurr. punct. 3.

3 Aſſim era conveniente: aſſim o pedia a razaõ, e a piedade; porque a piedade, e a razaõ pediaõ, que todas as creaturas ſentiſſem a ſoledade, e auſencia de ſeu Creador: pediaõ, que com mais obrigaçaõ entre todas ſentiſſem os homens a ſoledade, e auſencia de ſeu Redemptor: pediaõ, que a Mãy de Deos ſentiſſe com mais exceſſo, e eſpecial ternura, a ſoledade, e auſencia de ſeu Filho, ſeu Redemptor, e ſeu Deos: e porque as creaturas quaſi todas (pois muy poucas menos) faltaraõ em conreſponder com o devido ſentimento a taõ juſta cauſa; providencia foy, e piedade, que as agonias da morte naõ tiraſſem a vida á Mãy de Deos, para que nella houveſſe quem por todas as creaturas ſentiſſe a auſencia, e ſoledade do Creador: quem por todos os homens ſentiſſe a auſencia, e ſoledade do Redemptor, e quem, por ſer Mãy de Deos, ſentiſſe a auſencia, e ſoledade de ſeu Filho Deos, com pena taõ aguda, e taõ intenſa, como pedia a cauſa do ſentimento.

4 De huma ſorte ſe houveraõ as creaturas na morte de Chriſto, e de outra ſorte ſe moſtraraõ na

na ſua auſencia, e ſoledade, depois que o deraõ á ſepultura. Na morte até o inſenſivel ſe moſtrou ſentido. Aſſim era juſto, quando o Creador morria. Na auſencia, depois de ſepultado, ficou o mundo todo em ſoledade de Creador: ficaraõ os homens em ſoledade de Redemptor; e ficou a Mãy de Deos em ſoledade de Filho. Naõ ſentio o mundo inſenſivel a ſoledade de ſeu Creador: e muy poucos foraõ os homens, que ſentiraõ a ſoledade do ſeu Redemptor. Diſpôs neſte caſo a piedade, e providencia do Altiſſimo, que em Maria Santiſſima ſe uniſſem, e concorreſſem quantas anguſtias devia cauſar por todas as creaturas a auſencia do Creador: quantas agonias deviaõ padecer todos os homens, pela auſencia do ſeu Redemptor; e quantas penas deviaõ eſpecialmente anguſtiar o coraçaõ, e alma da ſolitaria Mãy, pela auſencia de ſeu Filho, ſeu Redemptor, e ſeu Deos.

5 Pela auſencia, e ſepultura de Chriſto, por ſer Creador, e Deos, devia eclipſar-ſe o Sol, como fez quando o vio affrontoſamente crucificado, para em hum abiſmo de ſombras deſcobrir o ſentimento de ſua ſoledade; e porque faltou o Sol a eſta divida, em Maria Santiſſima ſe eclipſaraõ dous ſoes: *Lumen oculorum meorum, & ipſum non eſt mecum.* O ſentimento era bem que á Lua fizeſſe perder toda a formoſura, com que alegra o Ceo no retiro do Sol; e porque na Lua naõ houve eſta demonſtraçaõ de pena, ſupprio a Mãy de Deos eſte ſentimento, perdendo toda a formoſura na ſoledade do Sol Divino: *Egreſſus eſt à filia Sion omnis decor ejus.* As Eſtrellas, que ſempre

Pſ. 37. 11.

Thren. 2. 1.

pre eſtaõ cintilando tremulas, deviaõ deſmayar totalmente neſta occaſiaõ: e como as Eſtrellas naõ pagaraõ eſte tributo, a que eſtavaõ obrigadas pela natureza, ſatisfez por ellas a anguſtiada Senhora, padecendo em ſeu coraçaõ continuos, e muy repetidos deſmayos: *Dereliquit me virtus mea. Cor meum dereliquit me.* Naõ ſoube a Aurora desfazer-ſe em lagrimas, com que choraſſe eſta ſoledade: e a Divina Aurora naõ pode enxugar as ſuas: *Plorans ploravit in nocte, & lacrymæ ejus in maxillis ejus.* O mar, que ſempre he inconſtante, ſe moſtrou agora taõ endurecido, como inſenſivel, e Maria anguſtiadiſſima, ſe rendeo a huma afflicçaõ, que igualava ao mar na grandeza: *Magna eſt enim velut mare contritio tua.* O ſentimento fez eſtremecer a terra, quando crucificado Chriſto expirava; mas quando no ſepulchro o encerraraõ, naõ ſe abalou a terra; porque teve a ſorte de o recolher em ſi. Toda a natureza padecia univerſal ſoledade do Creador; ſó a terra gozava de ſua companhia; porque em ſi o tinha ſepultado. A Mãy de Deos, ficando em ſoledade, ſentia neſte caſo o que naõ lamentava a terra; porque ſentia que em ſeu doroloſo coraçaõ naõ foſſe ſepultado Chriſto, quando havia eſcolhido para ſepultura o coraçaõ da terra: *Erit Filius hominis in corde terræ, tribus diebus, & tribus noctibus.*

Pſ. 37. 11. Pſ. 39. 13.

Thren. 1. 2.

Matth. 12. 40.

6 Do inſenſivel paſſemos ao racional. Muy poucos foraõ os homens, que ſentiraõ a ſoledade do ſeu Deos, e ſeu Redemptor. Os mais com inhumana brutalidade, como ſe naõ foraõ racionaes, nem conhecer quizeraõ (e muito menos ſentir)

entir) a soledade de seu Deos, e de seu Redem-
tor. Porém Maria Santissima, satisfazendo, e sen-
indo por todos elles, chorava aquella ausencia, e
quella soledade, como se o Deos, e Redemptor
le todos os homens, della só estivera retirado: *Id-* Thren. 1. 16
irco ego plorans, & oculus meus deducens aquas,
uia longe factus est à me consolator.

7 Sobre todos estes incentivos da pena para a
ngustiadissima Senhora, sentia, como verdadeira,
amorosa Mãy, a ausencia, e soledade de Christo,
omo seu verdadeiro, e amado Filho. Este moti-
o assim como era especialissimo para a Mãy de
Deos, era tambem o estimulo mais forte para a sua
ena. O amor he a medida do sentimento: *Dolor*
st sicut amor, diz Santo Agostinho; e assim como
Maria Santissima, por ser Mãy de Deos, o amava
ais do que todas as creaturas juntas chegaõ a amar
Deos; assim, porque era Mãy de Deos, sentio o
partamento, e soledade de seu Filho Deos, com
ais excesso do que o puderaõ sentir todas as crea-
ras juntas. Disse S. Bernardino de Sena (tendo o
to já Ruperto Abbade) que Maria Santissima
nava a Christo, seu Filho, e seu Deos, com hum
nor infinito: e porque o sentimento na soledade
Filho naõ podia ser menor que o amor, concluio D. Bernard. tom. 4. S. 45. Item Rupert. in Cãt. c. 3, v. 6.
e fora infinita a pena da Mãy de Deos, na ausen-
a de seu amado Filho: *Quantò plus amabat, tan-*
plus dolebat: amor quem portabat Christo erat
finitus: ergò & dolor erat infinitus. Entendo
ora dizer S. Bernardo que se a pena, com que
Mãy de Deos se angustiava nesta soledade, pudera
partir-se por todas as creaturas, que saõ capazes
sentimento, subitamente morreriaõ todas: *Tan-*

tus

D. Bern. de lament. V.

tus fuit dolor Virginis, quòd ſi in omnes creatu-
ras, quæ dolorem pati poſſunt, divideretur, omnes
ſubitò interirent: porque nem todas as creaturas
juntas podem reſiſtir a huma anguſtia infinita.

8 Eſte foy talvez o conceito de Jeremias nas pa-
lavras do noſſo thema: *Magna eſt enim velut mare*
contritio tua. Outros léraõ: *Afflictio tua.* Diſſe
que a pena, e afflicçaõ da Mãy de Deos, na ſoledade
do Filho, ſe comparava com o mar. Ideay agora
lá em voſſos entendimentos, que na vaſtiſſima pro-
fundidade, e extenſaõ do mar, ſe lançavaõ quan-
tas creaturas ſaõ proporcionadas para o ſentimen-
to, e direis ſem duvida, que todas ellas ficariaõ
ſubmergidas; porque o abyſmo de tantas agonias
muito excede ao eſpaço, que poderiaõ occupar tan-
tas creaturas juntas. Pois aſſim a pena da Mãy de
Deos na ſoledade do Filho: era hum mar de angu-
tias, que excede a capacidade de todas as creaturas
porque era huma anguſtia infinita, a que affligia o
coraçaõ da ſolitaria Mãy, na auſencia do amado Fi-
lho: *Dolor erat infinitus.*

9 E preciſo era que naõ foſſe menor a afflic-
çaõ da Mãy de Deos, neſta ſoledade; porque além
de ſupprir com ella o ſentimẽto devido em todas as
creaturas, tambem pelo Eterno Padre ſatisfazia
a pena, que nelle naõ podia haver pela morte de ſeu
Unigenito, e amado Filho: *Ad Matrem ſpectabat*
Carthag. lib. 12. Hom. 2. *bat ſupplere mœrorem, & triſtitiam, quæ in Æter-*
num ejus Patrem cadere non poterat, diz o Car-
thagena. Se em Deos pudera haver ſentimento,
ſoledade, que anguſtia naõ padeceria o Eterno Pa-
dre na morte do proprio Filho, a quem deſde a
Eternidade ama, como a ſi meſmo, com infinito
mor

amor! Teria sem duvida huma infinita pena; porque nem poderia ser menor a pena, que nelle houvesse. Pois tal devia tambem ser a angustia, com que a Mãy de Deos supprio a que no Eterno Padre naõ houve, nem podia haver.

10 Taõ afflicta, e angustiada temos a Maria Santissima; porque soube com o sentimento conesponder por todas as creaturas (e pelo mesmo Deos) a perda, e ausencia, que ellas naõ souberaõ sentir: e quando nesta Casa, em que a Misericordia faz prompto o remedio para a afflicçaõ de todos os queixosos, considero a Mãy de Deos feita hum mar de sentimento: *Velut mare contritio tua*; me parece que na piedade desta santa Casa busca o alivio á sua queixa, e o remedio á sua afflicçaõ. Mas, Angustiadissima Senhora, se nesta vossa soledade estais submergida em hum infinito mar de afflicçaõ, quem lhe descobrirá remedio: *Magna est enim velut mare contritio tua, quis medebitur tui?* A grandeza desta afflicçaõ a faz irremediavel; porém já que com as nossas culpas tanta causa damos para a falta, perda do Filho, como para a soledade, e afflicçaõ da Mãy: além de ser piedade, será justiça, se examinarmos quãtos remedios podem ministrar a industria, e a natureza, por vermos se he remediavel a afflicçaõ de Maria Santissima nesta sua soledade. Bem sey que tanta afflicçaõ muito excede a efficacia toda dos remedios; porém o exame destes sempre será util, ao menos para excitar a nossa compaixaõ, quando entre os mais experimentados, e approvados remedios da afflicçaõ, virmos ser esta afflicçaõ sem remedio.

§ II.

§. II.

Magna eſt enim velut mare contritio tua, qui medebitur tui?

TI OS remedios de huma afflicçaõ entra a exa minar a noſſa devota piedade. Hum afflicçaõ ſem remedio he o que ſe ha de con cluir da noſſa ponderaçaõ; porque ſe verá qu ſem remedio he a afflicçaõ de Maria Santiſſim neſta ſua ſoledade. A efficacia de qualquer reme dio depende preciſamente de ſer applicado on de a queixa tem a ſua origem: e ſe bem neſt ſoledade toda a alma de Maria Santiſſima eſtá pe netrada de afflicçaõ: *Tuam ipſius animam gla dius pertranſibit*; ainda ſerá conveniente exa minar os principios della, para que naõ erremo na applicaçaõ dos remedios. Na alma obra a me moria, o entendimento, e a vontade, que ſa as potencias receptivas, e operativas della; masſ a vontade ſe afflige, porque ſó a vontade pa dece. A memoria repreſenta o paſſado: o enten dimento até pelo futuro diſcorre; e com tud nem no entendimento ha afflicçaõ, pelo que a cança com o ſeu diſcurſo; nem a memoria rece be anguſtia, pelo que lhe repreſentaõ as eſpecie que em ſi conſerva do paſſado. Unicamente a von tade he a que padece, diſcorrendo o entendimen to, ou empregando-ſe a memoria em triſtes, laſtimoſos objectos. Aſſim como a alegria, e con tentamento ſaõ operaçoens da vontade, aſſim pena, e o ſentimento ſaõ actos ſó da vontad

Luc. 2. 35.

M

Mas assim, como naõ ha contentamento, e ale-
ria na vontade, se o entendimento, e a memo-
ia lhe faltaõ com a representaçaõ do que alegra;
ssim naõ haverá afflicçaõ, ou pena para a von-
ade, se a memoria, e o entendimento cessarem
e lhe propor motivos de se anguſtiar, e affligir.
Esta he a razaõ, porque nas anguſtias, e aflic-
oens do animo, o lenitivo mais approvado he
ivertir da memoria, e do entendimento o que
óde affligir, e anguſtiar a vontade.

12 Porém, se a aprehensaõ he taõ viva, que
em o entendimento cessa de ponderar, nem a
emoria de se lembrar, próvidá a natureza inſ-
tuio as lagrimas, para desaffogo da pena. Pelos
lhos parece que se distilla em lagrimas hum co-
açaõ afflicto; mas nessas lagrimas sahe pelos olhos
mais distillado da pena, e o mais apurado do sen-
mento. Esta he a razaõ, porque depois das la-
imas o coraçaõ fica aliviado, e diminuida a
flicçaõ. Por isso Job, o mais afflicto entre os
omens, como experimentado, pedia que lhe per-
ittissem chorar hum pouco a sua afflicçaõ, e a
a pena: *Dimitte ergo me, ut plangam paulu-*
m dolorem meum; porque com as lagrimas, que Job. 10. 20.
rramasse, algum alivio daria ás penas, que o af-
giaõ.

13 Divertir pois as representaçoens da me-
oria, suspender os discursos do entendimento,
desatar do coraçaõ as lagrimas; saõ os tres re-
edios mais approvados, que para alivio de pe-
s inventou compassiva a natureza, e descobrio
nduſtria: se o permittira o assumpto, recorre-
mos aos Aphorismos, que deraõ os Hippocra-

tes de afflicçoens profanas, e nelles viramos a
provados os remedios, que apontamos: porém
nobreza taõ ſagrada da ſoledade preſente, no r
medio de ſua afflicçaõ, admitte ſó approvaça
Divina.

14 No Horto ſe vio Chriſto taõ exceſſiv
mente afflicto, que nem o entendimento pode a
cançar a vehemencia de ſua pena. Neſta afflicça
lhe enviou o Eterno Padre hum Anjo, que o co
ſolaſſe: *Apparuit ei Angelus de Cœlo confortan*
eum; ou, como verte o Carthuſiano, *ut conſol*
retur eum. He ſem duvida que á ſciencia d
Chriſto eraõ manifeſtos, e patentes quantos mot
vos poderiaõ aliviar a ſua afflicçaõ no Horto
pois ſeria poſſivel que hum Anjo ainda excog
taſſe conſolaçaõ alguma, que a Chriſto naõ foſ
inutil? Sim, e notay. A pena, e afflicçaõ de Chr
ſto naſcia de dous principios. Era o primeiro
horrenda viſta das culpas, que ſobre ſi tomava pa
ra ſatisfazer pelos homens. Era o ſegundo a con
ſideraçaõ das penas, e tormentos, que em ſatis
façaõ dellas havia de padecer. Extendia Chriſt
a memoria por quantas culpas ſe commetteraõ n
mundo deſde ſua origem. Via com o entend
mento a multidaõ de peccados, que ainda ſe ha
viaõ de commetter, e os tormentos, que em ſa
tisfaçaõ de todos elles havia de padecer: e com
daquella lembrança, e deſtes diſcurſos naſcia
afflicçaõ de Chriſto; bem o podia conſolar hum
Anjo: porque daquellas lembranças lhe podia di
vertir a memoria, e daquelles diſcurſos lhe podi
divertir o entendimento. E foy aſſim, como ben
ſe vio no effeito.

Luc. 22. 43. Dion. Carth hic.

15 Ap

15 Appareceo o Anjo, olhou Chriſto, reco-
heceo ſer hum Enviado do Eterno Padre, e co-
no a tal o attendeo: entretanto que ſe empre-
ava naquella viſta, naquelle reconhecimento, e
aquella attençaõ, ceſſou de ſe empregar naquel-
a taõ viva repreſentaçaõ de noſſas culpas: e por
ntaõ lançou da memoria os ſeus horriveis phan-
aſmas. Principiou o Anjo a propor a Chriſto, que
or meyo de ſua Payxaõ ſantiſſima reſultaria pa-
a Deos infinita honra, e infinita gloria; porque
juſtiça Divina ficava inteiramente deſaggravada
om a ſatisfaçaõ da culpa: e a Miſericordia in-
omparavelmente exaltada pela remiſſaõ do de-
ſto, e reparaçaõ dos homens. A eſtas razoens
tendendo Chriſto, jâ naõ applicava taõ viva-
ente o entendimento, e o diſcurſo aos tormen-
os, que tinha para padecer. Nem huma couſa pro-
unha o Anjo, que á noticia de Chriſto foſſe de no-
dade, pois tudo iſſo comprehendia com mayor
z, e com mais clareza, do que lhe podia ſer pelo
njo repreſentado: mas como Chriſto em attender
que expunha o Anjo dava alguma diverſaõ á me-
oria, e ao entendimento; tirava tambem as forças
m que huma, e outra potencia a vivavaõ as afflic-
ẽs da vontade, e a conſolava por eſte modo.

16 A eſta conſolaçaõ do Anjo acodio tambem a
tureza próvida, e compaſſiva, a derramar tantas
grimas, que naõ baſtando para ellas duas fontes, ſe
riraõ em Chriſto tantos olhos para chorar ſangue
r elles, quãtos eraõ os poros de ſeu corpo: *Et fa-*
us eſt ſudor ejus ſicut guttæ ſanguinis, diz o Tex-
. *Non ſolum oculis, ſed quaſi membris omnibus*
viſſe videtur, expôs S.Bernardo. Como o cora-

Luc.22. 24.

D.Bern.Ser. 3. de Dom. in Ram.

çaõ derramando tanta copia de lagrimas ſe alivio
como o entendimento, e a memoria mitigaraõ a v
veza de ſuas repreſentaçoens; teve lugar a conſol
çaõ: *Ut conſolaretur eum*: porque cheyo de goſt
abraçou Chriſto os tormenros, que tanta afflicça
lhe cauſavaõ d'antes: *Propoſito ſibi gaudio ſuſt
nuit Crucem.*

17. Oh Anguſtiadiſſima Senhora: cheya de a
flicçaõ eſtais, porque a grandeza deſta com a d
mar ſe compara: *Magna eſt enim velut mare contr
tio tua.* Quem a poderá remediar? *Quis medebitu
tui?* Na afflicçaõ de voſſo delicioſo Filho, cuja ſo
edade ſentis, tres remedios vemos approvados par
a voſſa. Apartay de voſſa memoria as lembrança
delle: eſquecey-vos daquelles tormentos, que che
ya de fortaleza o ajudaſtes a padecer; nem ſe veja en
vós menos conſtancia do que já moſtraſtes. Ceſſa
dos laſtimoſos diſcurſos, que formados no entendi
mento paſſaõ a vos affligir a vontade. Soltay em la
grimas toda a triſteza, com que ſe anguſtîa o voſſo
coraçaõ: que ſe eſtando tenebroſa a noite, e eſcon
dida a Lua, ſe desfazem as nuvens em chuveiros
razaõ ſerá que as nuvens de voſſos olhos ſe desfa
çaõ em rios taõ copioſos de lagrimas, que ao ma
de voſſa afflicçaõ cauſem alivio. Ou, quãdo menos
permitti á noſſa piedade q para voſſo alivio, e noſ
ſa conſolaçaõ, entre a examinar a efficacia deſte
tres remedios, por ver ſe neſta ſoledade a voſſa af
flicçaõ tem remedio.

§. III.

§. III.

18 O Primeiro remedio para huma alma afflicta na ſoledade, he perder a memoria do que perdeo. Se a memoria naõ repete lembranças, naõ póde atormentar a auſencia. Vulgarmente dizemos, e he proverbio da experiencia, que quando os olhos naõ vem, o coraçaõ naõ ſente. Tambem ſe a memoria ſe eſquece, já a vontade ſe naõ afflige; porque neſte ponto he a memoria para a vontade, o meſmo que os olhos para o coraçaõ. S. Bernardo cheyo de ternura o diſſe: *Quod non videt oculus, cor non dolet: oculus meus, memoria mea.* Na morte de Sára exceſſivo foy o ſentimento de ſeu filho Iſaac; nem o tempo, que tudo cura, mitigou a afflicçaõ do filho a ſoledade da mãy; porque para lhe moderar a pena naõ baſtaraõ tres annos de ſentimento. No meyo delles ſe deſpoſou Iſaac, e o ſentimento acabou: *Ut dolorem, qui ex morte matris ejus acciderat, temperaret.* Já ſe vê a cauſa deſte repentino alivio. O amor da eſpoſa o fez eſquecer a mãy: e tantoque a memoria ceſſou de representar a Iſaac as caricias de Sára ſua mãy, ceſſou a vontade de ſe affligir com o ſentimento da ſua morte: nem mais ſentio a ſoledade da mãy, tanto que della ſe naõ lembrou. Aſſim como nos olhos naõ cabem juntamente duas viſtas de dous diverſos objectos, nem cabem no entendimento dous diverſos conhecimentos ao meſmo tempo; aſſim tambem na memoria naõ cabem duas diverſas lembranças: porque empregando-ſe a memoria

D. Bern. Ser. 5. in feſt. Omn. Sanct.

Geneſ. 24. 67.

na repreſentaçaõ da ſegunda, ſe entregará ao e
quecimento da primeira. Muito amava Iſaac a ſu
eſpoſa; e como o que ſe ama ſempre lembra,
trazia ſempre na memoria: naõ cabendo porém
duas lembranças na memoria, pode a lembranç
da eſpoſa expellir da memoria a lembrança da mãy
e porque feneceo a lembrança da mãy na me
moria de Iſaac, acabou tambem para elle o ſent
mento, em que o pôs a ſoledade da mãy.

19 Eſte remedio do eſquecimento para al
vio de Maria Santiſſima, afflicta em ſua ſoledad
intentou applicar-lhe quem unicamente lhe co
nheceo a afflicçaõ, e com ancia lhe deſejou o al
vio. Foy o meſmo Chriſto. Pendia na Cruz;
vendo a afflicçaõ da Mãy, lhe fallou aſſim: *Mu*
Joan. 19, 26. *lier, ecce filius tuus.* Mulher, o teu filho he eſ
Diſcipulo, que ahi ves. Oh Senhor: a huma Mã
por voſſo amor taõ afflicta aſſim tratais, com
ſe nem lhe foreis vós Filho, nem ella vos fora Mãy
Mulier, ecce filius tuus! Sim; com amor, e pie
dade rara. Concordes dizem os Expoſitores d
Texto, que neſtas palavras pertendia Chriſt
aliviar a afflicçaõ, com que Maria Santiſſima ſ
Hug. Card. Philip. Abb. Silv. in hunc locum. anguſtiava: *Ut tale mulieris nomen, in tot ac tan*
tis laboribus eſſet ei ſolamen. E como ſe pode
ria a Mãy de Deos conſolar com palavras taõ che
yas de deſamor, e taõ deſpidas de ternura? Por
que com ellas intentava Chriſto que Maria San
tiſſima por entaõ ſe eſqueceſſe de que era ſua Mãy
Mulier, quando o via padecer. Oh piedade, ver
dadeiramente digna de hum Filho Deos! Ma
para eſte eſquecimento, que meyo inventaria
amor de Chriſto? O meyo foy introduzir-lhe ou
tr

ro filho, que naõ foſſe elle: *Ecce filius tuus*; para que a Senhora, variando a attençaõ de hum para outro filho, a meſma alternaçaõ dos ſentidos he variaſſe no animo, de alguma ſorte, a viva embrança do primeiro. Ouvi ao Biſpo Pacenſe: *Ecce filius tuus; ut ſaltem parumper ambiget animus inter utrumque, & reciproco aſſenſu, ex altero traheretur ad alterum.* Maria Santiſſima tinha hum ſó Filho, em tudo Unigenito, e econhecer por filho ao Diſcipulo, fora naõ ſe embrar do outro Filho, ou naõ ſe lembrar de Chriſto: eſſe eſquecimento porém era o que ſolicitava Chriſto, como efficaz remedio, para conſolar a afflicçaõ de ſua Mãy Santiſſima: *Mulier, ecce filius tuus: ut tale mulieris nomen in tot ac tantis laboribus eſſet ei ſolamen.* Zerd. de B. V. Acad. 34. ſect. 1. n. 10.

20 Oh Senhora ſummamente afflicta: conſolea voſſa ſoledade, pois ſe vê que a afflicçaõ della aõ he irremediavel. Pelo amor que tendes ao Filho, que perdeſtes, vos pedimos percais tambem a emoria delle. Se naõ tendes mais q̃ hum Filho, endey que eſſe he o que ainda vos acompanha: *Mulier, ecce filius tuus.* As delicioſas caricias de hriſto vos naõ lembrem: eſqueçaõ-vos as ſuaviſſias doçuras, de que ſe enchia o voſſo eſpirito na ſua mmunicaçaõ. Diverti da memoria os tormentos, e conſtante o viſtes padecer, as agonias da Cruz, finalmente a morte; porque para vos naõ affligim eſtas lembranças, deſeja elle que neſta afflicõ ſó vos lembreis do Diſcipulo, que vos adoptou r filho: *Mulier ecce filius tuus.*

§. IV.

21 MAs como poderá neſta ſoledade diverti Maria Santiſſima as lembranças de Chriſto auſente, ſe o amor de Mãy lhe naõ permitte eſquecimento de taõ amavel Filho! Quem muito ama naõ ſe eſquece; porque o amor (diz Santo Thomaz, e a experiencia o moſtra) he huma propenſaõ, e impulſo, que eſtá ſempre arrebatando a vontade para o ſeu amado. Com eſte penſamento diſſe Santo Agoſtinho: *Pondus meum amor meus, amore feror, quocumque feror.* Eco mo ſe ha de perder da memoria o que eſtá attrahindo a ſi a vontade? Paſſa entre a vontade, e a memoria, o meſmo que paſſa entre o entendimento, e a vontade. O entendimento impera, e move a vontade para que ame; (como bem enſina o Doutor Angelico) nem a vontade ama o que o entendimento lhe naõ propõem. Naõ de outra ſorte a vontade: move a memoria para que ſe lembre; porque ſempre eſtá excitando na memoria eſpecies do que ama, para o naõ perder da lembrança.

D. Thom. 1.p.q.27.a.4

D. Aug. cõfeſ. lib. 13. c.9.

D. Thom. 1. 2. q.17.a.1.

22 Quando o paſtor Jacob ſervia por merecer a Raquel, dos olhos lhe fugia o ſomno: *Fugiebatque ſomnus ab oculis meis.* E diz o Texto que ſette annos lhe pareciaõ poucos dias: *Videbantur illi pauci dies.* Tudo procedia do grande amor, que Jacob tinha a Raquel: *Præamoris magnitudine.* Deſta cauſa deviamos eſperar outro effeito muy diverſo. Que as horas pareçaõ annos a quem ama, em quanto eſpera, e pertende, ſim; porque

Genef. 31.40

29. verſ.20.

Ibidem.

que a esperança dilatada afflige: *Spes, quæ differ-* Prov. 13. 12.
ur, affligit animum. Pois se o amor, e a esperan-
a trazem a Jacob taõ afflicto, que até o privaõ
lo somno; como tantos annos lhe parecem pou-
os dias? A reposta nesta difficuldade he taõ pa-
ente, como natural. Jacob amava extremosamen-
e a Raquel: logo naõ podia esquecer-se della.
ndo para o exercicio do campo, lá lhe lembra-
a a sua Raquel, por quem servia: e absorto na
embrança della, passava o dia, como se naõ pas-
ara mais de huma hora: e continuando elevado
a mesma lembrança, passava os annos, como se
assara só poucos dias: *Videbantur illi pauci dies.*
Recolhia-se do seu trabalho no fim da tarde,
querendo com o somno dar descanço ao corpo,
ntrava a lembrar-se de Raquel, e lá lhe fugia o
omno dos olhos: *Fugiebatque somnus ab oculis*
eis. O Texto attribue ao amor de Jacob o que
mmediatamente se deve attribuir á continua lem-
rança, que elle tinha de Raquel. Mas naõ foy
eceſſario expreſſar a lembrança; porque baſtou
ue se expreſſaſſe o amor. Naõ declarou os me-
os, apontou a cauſa; porque para se entender
ue Jacob sempre trazia na lembrança a Raquel,
m que da memoria a perdesse de dia, nem de
oite, bastou dizer que Jacob amava muito a Ra-
uel: porque a vontade, e o amor sempre haviaõ
lar excitando na memoria de Jacob as especies
e Raquel, com cuja lembrança perdia o somno,
passava hum anno, como se passara hum dia:
ugiebatque somnus ab oculis meis: Videbantur
li pauci dies, præ amoris magnitudine.

23 Levemos nós o pensamento agora a outro
melhor

melhor Jacob, e a outra melhor Raquel. E quan
to mais intenſo, mais puro, e mais exceſſivo ſe
ria o amor com que Maria Santiſſima, melho
Raquel, amava a Chriſto, melhor Jacob! Pois nel
la, como ceſſaria a memoria de ſe lembrar d
Chriſto! Como deixaria o amor deſta Mãy d
lhe excitar na memoria as eſpecies mais vivas d
Filho auſente! A meſma ſoledade, em que ſ
achava a Mãy, ſeria o mais forte eſtimulo para ſ
lembrar do Filho; porque ſempre na ſoledade ſ
apura mais a memoria do que ſe ama auſente
Por boca de ſeu Profeta Oſeas, diſſe Chriſto qu
quando ſua Mãy Santiſſima eſtiveſſe neſta ſoleda
de, ahi lhe fallaria ao coraçaõ: *Ducam eam in
ſolitudinem, & loquar ad cor ejus.* Mas ſe a ſo
ledade de Maria Santiſſima he a auſencia de Chri-
ſto morto; como lhe pode Chriſto fallar na ſole-
dade? Como? Fallando-lhe ao coraçaõ: *Loquar
ad cor ejus.* Ao coraçaõ naõ fallaõ as vozes; fal
laõ as memorias, fallaõ as lembranças, que ſaõ
as vozes internas: e quando morto Chriſto, ſe
apurava mais a ſoledade na Mãy de Deos: *Ducam
eam in ſolitudinem*; eraõ entaõ nella as lembran-
ças mais vivas, e a memoria mais apurada. Entaõ
eſtava Chriſto taõ vivamente repreſentado na me-
moria de ſua Mãy Santiſſima, como ſe lhe eſti-
vera fallando vivo: *Et loquar ad cor ejus.* En-
tre o coraçaõ, e a memoria ha ſempre huma re-
ciproca agitaçaõ; porque a memoria, ſem ceſſar,
deſperta o coraçaõ para ſe empregar no que
ama: e o coraçaõ, ſem deſcanço, excita na memo-
ria repreſentaçoens do que ama, para ſe naõ eſ
quecer. Por iſſo ao coraçaõ chamou Chriſto fon-
te

Oſee 2. 14.

e de lembranças: *De corde enim exeunt cogi-* Matth. 15. 19
ationes; porque sempre sahe para a memoria o
que temos no coraçaõ; mas na soledade ainda com
fficacia mais viva: *Ducam eam in solitudinem,*
& loquar ad cor ejus.

24 Façamos agora huma anatomia ao coraçaõ
a Mãy de Deos. E que acharemos nelle? As Cha-
as, e os tormentos, que padeceo Christo em seu
orpo; porque Maria Santissima em seu coraçaõ
ecebia esses tormentos, e essas Chagas: *Quot læ-* D. Hier. apud
ones in corpore Filii, tot vulnera in corde Ma- Pontoli de
ris, diz S. Jeronymo. Pois como se esqueceria lorato. Serm.
afflicta May do que vira padecer ao Filho, se 32.
nha no proprio coraçaõ as Chagas, e os tormen-
os do Filho, para do coraçaõ lhe estarem con-
nuamente subindo especies á memoria, que lhe
xcitassem lembranças de quanto o vio padecer!
inda naõ disse bem. A razaõ taõ admiravel, co-
o exquisita, de receber Maria Santissima em seu
oraçaõ quantos tormentos se executavaõ em
hristo, he porque o mesmo Christo era o co-
çaõ de Maria. Por isso diz David que o cora-
õ deixou a esta Senhora em soledade: *Cor meum* Psal. 29. 13.
reliquit me; porque apartando-se della Chris-
, que era o coraçaõ da Senhora, o seu coraçaõ
apartava della. Pois se o que está no coraçaõ
mpre desperta a lembrança; quanto mais exci-
ia sempre a memoria da Mãy de Deos hum
ho, que era o mesmo coraçaõ dessa Mãy!

25 S. Boaventura, com mais profunda pon-
raçaõ, se extendeo a mais; porque disse que
õ só o coraçaõ, mas que a mesma Mãy de Deos
da estava convertida nas Chagas, e mais tormen-

tos

tos de Chriſto: *Quæro Matrem Dei, & inven*
D. Bonav. de Stimulo Amor. c.4. *ſpinas, clavos, lanceam, ſpongiam, & acetum. I*
Cruce inquiro Mariam, & invenio ſputa, lud
bria, flagella, & vulnera, quia tota converſ
eſt in iſta. S. Bernardino de Sena, com mais de
licada eſpeculaçaõ, chegou a entender, e alcan
çar que a Mãy de Deos neſta ſoledade nada d
ſi tinha em ſi; porque toda eſtava tranſvertida, o
tranſmutada totalmente em Chriſto: *De ſe eni*
D. Bern. Senenſ. tom 1. Serm. 51. de Paſſion. *in ſe nihil remanſerat : tota tranſmigraverat i*
dilectum. Deſorte que, ſe neſta ſoledade buſcar
mos a Maria Santiſſima, nem em ſi meſma a acha
remos; porque de ſi nada havia nella: *De ſ*
enim in ſe nihil remanſerat. O que nella ſe ach
ſaõ os tormentos de Chriſto; porque nelles eſ
tava a Senhora convertida: *Tota converſa eſt i*
iſta. O que ſe acha nella he o meſmo Chriſto
porque nelle eſtava a Senhora tranſmutada: *Tot*
tranſmigraverat in dilectum. Fundaõ-ſe pia,
doutamente eſtes Padres em que Chriſto, par
fazer a ſua Mãy Santiſſima totalmente partici
pante de ſeus tormentos neſta ſoledade, a con
verteo nos meſmos ſeus tormentos, e a tranſver
teo em ſi meſmo. Talvez o tinha dito Jeremia
muito d'antes: *Longè factus eſt à me conſolator*
Thren. 1. 16. *convertens animam meam. Quia tota converſa eſ*
in iſta. Tota tranſmigraverat in dilectum. Da
qui ſe vê concludentemente a impoſſibilidade
que na Mãy de Deos havia, para de ſua memoria
apartar a Chriſto, e a ſeus tormentos; pois neſ
ſes tormentos, e em Chriſto eſtava a Mãy de Deos
convertida, e tranſmutada. E ſe attendermos á
propriedade das palavras, com que lamentou Je-

remias

emias esta dolorosa transmutaçaõ de Maria San-
issima, descobriremos no mesmo Texto hum oc-
ulto, e raro mysterio, com que ainda mais se
onfirme o nosso discurso.

26 Diz o Profeta que esta transmutaçaõ se
zera na alma da Senhora: *Longè factus est à me*
onsolator, convertens animam meam. Havia nel-
alma, e tambem havia corpo; mas a alma só,
naõ o corpo, se transmutou em Christo, e nos
eus tormentos. E por ventura entre a alma, e a
nemoria ha alguma real distinçaõ? Resolve-se em
oa Filosofia que naõ. A alma he a sua memoria
esma: a memoria he a mesma alma, sem distin-
aõ. Logo a memoria de Maria Santissima esta-
a convertida, e transmutada em Christo, e nos
us tormẽtos. He assim: *Convertens animam meam:*
uia tota conversa est in ista. Tota transmigra-
rat in dilectum. Estava a memoria da afflicta
áy convertida nos espinhos, nos cravos, Cruz, e
nça: nas Chagas, nas dores, lagrimas, suspiros,
flicçoens, e mais tormentos, e angustias do Fi-
o: *Conversa est in ista.* Estava em fim a memo-
a da dolorosa Mãy transmutada no mesmo Filho:
ransmigraverat in dilectum. Nem podia a me-
oria despir-se deste lastimoso objecto; porque
memoria era o mesmo objecto, e a mesma es-
cie. Era especie deste objecto, para sempre o
ar vivamente representando: era memoria pa-
sempre se estar lembrando. Deos tudo vê, e
do conhece em sua mesma natureza; porque a
natureza he a especie, que tudo lhe represen-
E poderá por ventura cessar Deos de conhe-
r o que vê? Naõ; porque a sua natureza he o
seu

ſeu meſmo entendimento. Huma meſma cou
em Deos he o entendimento, com que tudo v
e conhece, e a eſpecie, que tudo lhe repreſent
E como o entendimento Divino naõ póde ſep
rar-ſe da eſpecie repreſentativa de tudo, tambe
naõ póde ceſſar do conhecimento de tudo. E
Maria Santiſſima a memoria, e o Filho auſent
vieraõ a ſer huma meſma couſa. Os tormentos d
Filho, e a memoria da Mãy ſe fizeraõ nella hu
ma ſó couſa ſem diſtinçaõ: logo era impoſſive
que a memoria da Mãy ceſſaſſe de ſe lembrar d
Filho, e de ſeus tormentos.

27 Acabo já de entender, Anguſtiadiſſim
Senhora, que a voſſa afflicçaõ neſta ſoledade h
irremediavel; porque de voſſa memoria inſepara
vel he a lembrança de voſſo Filho, de ſeus tor
mentos, e da morte crueliſſima, que o viſtes pa
decer pelos homens. Nem ignoro ſeria affront
de voſſo amor, ſe por hum inſtante ceſſára e
vós a aprehenſaõ mais viva daquella innocenci
Divina tyrannamente punida; porque o amor,
o eſquecimento ſaõ incompativeis por natureza
As eſpecies, que conſervais do que viſtes no Cal
vario, ſaõ as que neſta hora com mais força vo
deſpertaõ a memoria de quem naõ vedes: e *i*
ella naõ admitte o remedio mais efficaz da afflic
çaõ em que eſtais, como poderá a noſſa compay
xaõ dar alivio á voſſa pena: *Quis medebitur tui*
Com tudo, porque o eſquecimento naõ ſerá del
la unico remedio; permitti que entre a exami
nar ſe com outro a poderemos remediar.

§. V.

§. V.

O Segundo remedio para huma alma, anguſtiada na ſoledade, he ſuſpender os iſcurſos do entendimento. Naõ ha mayor tyrão para huma alma, que eſtá afflicta, do que he entendimento proprio. Quanto mais agudo para diſcorrer; tanto mais aguda ſe faz a pena para penetrar. Quanto mais apurado para ponderar; tanto mais apurado eſtá o ſentimento para ſentir. E que diſcurſos naõ formaria neſta ſoledade, pelo deſamparo do Filho, aquelle mais que ſublime entendimento da May de Deos! Diſcorria ſobre as ineffaveis doçuras de ſeu amor, com que hum Filho Deos lhe deliciava o eſpirito, em quanto gozou de ſua companhia: e a falta dellas tanto lhe augmentava a pena, quanto o paſſado, perdido gozo lhe enchia o eſpirito de enexplicaveis delicias. Lá lhe occorria que com a morte do Filho acabava tambem ella de ſer Mãy, pois que por taõ incomprehenſivel maternidade ſubio á mayor exaltaçaõ, a que pode ſer eleita huma creatura. Ponderava que naõ via já em ſeus braços aquelle meſmo Filho, que o Eterno Padre com infinita gloria, e amor tem em ſeus braços no Ceo; e ella, para o alimentar a ſeus peitos, taõ amoroſamente lhe dera o reclinatorio, e deſcanço de ſeus braços. Em fim, propunha-lhe o entendimento que em Chriſto perdera hum Filho, que era o ſeu Pay, o ſeu Eſpoſo, o ſeu Redemptor, o ſeu Deos, e todo o ſeu Bem, por ſer hum Bem infinito: e daqui preciſamente lhe

Prout cum cõmuni docent Vega in Theol. Marian. Paleſt. 24. cert. 11. n. 1579. Ludov à Pãte tom. 2. Medit. part. 3. medit. 37.

lhe havia insurgir huma pena, e huma afflic
çaõ infinita: *Ergo & dolor erat infinitus*, po
demos concluir com S. Bernardino de Sena.

D. Bernard. Sen. sup. relat.

29 Mas, solitaria, e muy angustiada Se
nhora, sebem conheço, e confesso o indub
tavel acerto, com que discorre o vosso enten
dimento nesta soledade, e nesta perda em qu
reflectis, pela ausencia de hum Filho Deos; a
vosso mesmo entendimento busco, para appro
var o melhor remedio de vossa afflicçaõ ta
grande. Credes com viva Fé, e tendes Espe
rança firmissima de que dentro em tres dia
resuscitará vivo o Filho, que chorais morto
e revestido em gloria vos encherá de alegria
convertendo em gozo o vosso pranto, conver
tendo em prazer a vossa pena. Pois se o reme
dio da vossa perda, se o alivio da vossa afflic
çaõ he taõ certo, como indubitavel; quem na
dirá que a certeza, e consideraçaõ delle fa
cilmente faz remediavel a afflicçaõ de vossa sole
dade? Suspendey o discurso, que vos afflige
porque vos podeis consolar com outro. Ali
viay a ponderaçaõ da perda, com a certeza d
ser brevemente recuperada. Mas em quanto es
perais a hora feliz, em que a vossos braços ha
de tornar o Filho amoroso, que se ausentou de
vós, naõ será razaõ que tanto vos entreguei
ao sentimento por sua perda.

30 Na ausencia de Tobias ficaraõ seus pay
taõ saudosos, como solitarios; e Anna sua mãy
nas lagrimas, que chorava, e nas queixas, qu
proferia, bem mostrava as angustias de seu co-
raçaõ afflicto em tal soledade. Desejando porém

o pay

pay de Tobias aliviar a afflicçaõ da mãy, lhe
izia assim: *Noli flere, salvus perveniet filius* Tob. 5. 26.
ster, & salvus revertetur ad nos. Reprimi
lagrimas, que derramais pela ausencia de nos-
filho; porque ainda o vereis restituido á nos-
companhia. Foy esta razaõ poderosa para que
nna enxugasse as lagrimas, e se consolasse: *Ad* Ibid. 28.
nc vocem cessavit mater ejus flere, & tacuit; por-
ue a esperança de ver o filho, bastou para ali-
ar na mãy a pena de sua ausencia: nem era
em que tanto se affligisse por huma soledade,
ue se fazia remediavel com o regresso do filho.
ardando porém este, e excedendo o dia em
ue o esperavaõ, e o tempo em que elle promet-
ra chegar de volta; entaõ os pays igualmente
eyos de cuidado, e de saudade, se desfaziaõ
bos em lagrimas, sem que hum pudesse con-
lar a outro: *Cœperunt ambo flere, eò quòd die* Cap. 10. 31.
tuto minimè reverteretur filius eorum ad eos.
nguem haverá, que naõ julgue estas lagrimas
r indiscretas; ou por menos acertada a con-
açaõ, que admittio Anna, quando na mesma
edade derramava as primeiras lagrimas: e dou
azaõ. Todas as disposiçoens humanas saõ con-
gentes; porque naõ podem prever os acciden-
, que estorvaõ as execuçoens de futuro. To-
s, que naõ chegava no dia promettido, al-
m impedimento acharia, que o detivesse: e
dia sem perigo chegar mais tarde, como che-
u. Pois se a mãy, chorando a sua soledade nos
meiros dias, se consolava com a esperança de
e tornaria a ver o seu filho; como se naõ con-
a pouco depois, dilatando a sua esperança por

algum tempo? Ou, ſe agora naõ admitte alivi na ſua pena, como taõ facilmente ſe conſolav d'antes, ſendo entaõ a cauſa de ſua afflicçaõ meſma? Porque o filho antes de ſe auſentar havi conſignado o tempo do ſeu regreſſo para a com panhia dos pays: e o natural amor deſtes naõ po dia ſoffrer mais dilaçaõ, tantoque a auſencia ex cedeo o termo, que parecia ſufficiente: *Cœpe runt ambo flere, eò quòd die ſtatuto minimè re verteretur filius eorum ad eos.* E pelo contra rio: naõ havia razaõ, para que antes de ſe con ſumar o tempo, em que ſe eſperava, e podia che gar o filho, deixaſſe a ſoledade dos pays de ſ conſolar com a eſperança de o verem, como elle lhes promettera: *Noli flere, ſalvus perveniet filius noſter, & ſalvus revertetur ad nos, & ocu li noſtri videbunt illum. Ad hanc vocem ceſſavit mater ejus flere, & tacuit.*

31 Paſſando já da ſoledade de Anna, pela au ſencia de Tobias, á preſente ſoledade de Maria Santiſſima, pela auſencia de Chriſto: bem ſabei vós (anguſtiadiſſima Senhora) eſtar promettido por voſſo meſmo Filho, e Redemptor noſſo, que a mais de tres dias, e tres noites ſe naõ eſtenderá a ſua auſencia, porque eſſe tempo deſignou elle para verificar a ſua mortalidade entre os horro-
Matth. 12. 40. res de hum ſepulchro: *Erit filius hominis in corde terræ tribus diebus, & tribus noctibus.* Se poſſivel fora que, além deſte eſpaço, o naõ vi reis reſuſcitado logo, inconſolavel fora a voſſa ſo ledade; porque irremediavel fora a voſſa perda, mas ſe eſtais nos termos da Eſperança mais infal livel, que vos aſſegura o vereis brevemente glo-

rioſo,

ioſo, razaõ ſerá que com a meſma eſperança, nxugueis tantas lagrimas, que derramais, e alieis tanta pena com que voſſo coraçaõ ſe affli-e: *Noli fiere, ſalvus perveneit filius tuus, & culi tui videbunt illum.*

32 Qual foy a perda, que occaſionou ſentiento, ſe deixou a certeza de ſer remediada? Qual foy a pena, que ſe naõ conſolaſſe com a eſerança do alivio certo? Lamentavaõ os antigos Patriarcas a ruina de toda a natureza humana em Adam; mas a eſperança infallivel do Meſſias fuuro, para Redemptor do mundo, conſolava ſeus nternecidos ſuſpiros: *Donec veniat qui mittenus eſt, & ipſe erit expectatio gentium: donec eniret deſiderium collium æternorum.* Querendo Jeremias prevenir conſolaçaõ para Raquel, horoſa na perda de ſeus innocentes filhos, lhe ſegurou a reſtituiçaõ delles; porque eſta proeſſa baſtaria para lhe diminuir a pena de ſe ver ela falta dos filhos ſolitaria: *Quieſcat vox tua ploratu, & oculi tui à lacrymis.... revertenur filii ad terminos ſuos.* A razaõ bem clara eſte efficaz lenitivo, em todo o genero de afflicaõ, he, porque em hum meſmo coraçaõ dous fectos contrarios, ou duas paixoens oppoſtas, repugnantes, naturalmente naõ podem ſer muy tenſas: preciſamente haõ de pugnar entre ſi, omo contrarias, e rebatendo-ſe de parte a parte, haõ de perder a actividade propria; porque eſte combate cada huma diminue a ſua intenõ. Iſto experimentamos, quando no mayor praer da vida nos ſobrevem huma pena grande; orque logo ſe diminue o goſto, com que eſta-

Geneſ. 49. 10. 26.

Jerem. 31. 16. 17.

vamos taõ alegres: e ordinariamente o ſobreſal
to, com que receamos qualquer deſgraça, he ba
ſtante para rebater em nós qualquer alegria na oc
caſiaõ della. Logo tambem a certeza, com qu
eſperamos hum prazer grande, baſtará para no
aliviar de huma grande pena.

33 Se paſſarmos do coraçaõ aos olhos, po
deremos ocularmente ver o que ſe provou con
o diſcurſo. Nos primeiros crepuſculos da Auro
ra ſe encontraõ a noite, e o dia juntamente:
noite que acaba, e o dia que vem naſcendo. E n
concurrencia deſtes dous contrarios taõ oppoſ
tos, vemos reciprocamente atenuadas as força
de cada hum. Nem o dia he taõ claro, porqu
ainda ſe lhe oppõem a noite: nem eſta he taõ te
nebroſa, porque já ſe lhe oppõem o dia. Aſſin
no preſente caſo. A' noite eſcuriſſima da ſoleda
de de Maria Santiſſima, em quanto ſepultado eſt
o Sol Divino no inferior emiſferio, ſe ha de ſe
guir infallivelmente o claro dia, com a Reſurrei
çaõ do meſmo Sol, que na luz da Fé da Mãy d
Deos eſtá arrayando já, como nos braços da Au
rora o Sol, que vem naſcendo. Pois que razaõ pó
de haver para que a Fé, e Eſperança de goza
a Chriſto, Sol reſuſcitado, naõ ponhaõ claro,
ſereno o eſcurecido Ceo de Maria Santiſſima
neſta noite de ſua ſoledade? Como naõ baſtará
certeza do eſperado gozo, para de todo aliviar na
Mãy de Deos a afflicçaõ preſente?

§. VI.

§. VI.

34 PArecia-me que na Fé, e Esperança de Maria Santissima estava já descuberto o remedio de sua afflicçaõ; mas a experiencia bem mostra o erro do meu discurso. O certo he, que quando a enfermidade he de amor, ou de caridade, tanto mais se augmenta, quanto a Fé, e a Esperança mais se avivaõ. Está a Mãy de Deos com viva Fé, e na Esperança firmissima da Resurreiçaõ de Christo, e ainda assim a vemos inconsolavelmente afflicta: logo aquella Fé, e aquella Esperança naõ saõ os remedios, que bastem para lhe diminuir a afflicçaõ de sua soledade. He o que se admirou S. Bernardo: *Numquid non desperabat continuò resurrecturum? Et fideliter. Super hæc doluit crucifixum? Et vehementer.* Quando os remedios mais infalliveis naõ obraõ, final he que a enfermidade se naõ conhece: e daqui infiro que naõ chegaõ a penetrar a causa da afflicçaõ da Mãy de Deos, os que a julgaõ naõ anguistiada, por se achar solitaria na perda, e ausencia de seu amado Filho. Porque se esta fora propriamente a causa da afflicçaõ da Mãy, inviada estivera, e quando menos diminuida com a Fé, e Esperança da Resurreiçaõ do Filho: pois nem as settas do maternal amor, despontadas pelo esperado gozo, haviaõ de penetrar taõ agudamente o coraçaõ da anguistiada Mãy. D. Bern. Ser. de 12. Stellis

35 O que eu neste ponto discorro, he que a afflicçaõ de Maria Santissima naõ se originava propriamente da sua soledade. Com mais acerto di-

diremos que procedia immediatamente da ſoledade de Chriſto; porque a ſoledade, que mai affligia a Mãy de Deos, naõ era a ſoledade em que ella eſtava: era a ſoledade em que eſtava Chriſto. Deſorte que naõ ſe affligia tanto a Senhora, porque ſolitaria ficou ſem Chriſto, morto, e ſepultado já; quanto (e muito mais) ſe affligia, porque ſó Chriſto era o morto, e o ſepultado, naõ ſendo ella morta, e juntamente com Chriſto ſepultada. E porque eſta era toda a origem da afflicçaõ de Maria Santiſſima, diz S. Bernardo que neſta ſoledade, mais do Filho que da Mãy, ſuſpirando ella, exclamava aſſim. *Solus moreris!* *Moriatur tecum Genitrix tua.* Que ſó morreſſe o Filho, e que com elle naõ morreſſe de ſentimento a Mãy! Que a morte puzeſſe ao Filho em ſoledade de Mãy: *Solus moreris!* E que ficaſſe a Mãy viva, ſem acompanhar ao Filho neſta ſua ſoledade! *Moriatur tecum Genitrix tua.* Sendo eſta ſoledade de Chriſto a mayor afflicçaõ para ſua anguſtiada Mãy (tambem poſta em ſoledade) bem ſe vê quam irremediavel era a afflicçaõ, que Maria Santiſſima padecia neſta ſua ſoledade; porque eſta afflicçaõ naõ ſe remediava reſuſcitando Chriſto para a companhia da Mãy: ſó ſe pudéra remediar, ſe a morte levara a Mãy para a companhia do Filho: *Moriatur tecum Genitrix tua.*

D. Bern. de Lament. V.

36. Bem nos deo Chriſto a entender que a ſua ſoledade no ſepulchro foy origem de tanta afflicçaõ para ſua Mãy Santiſſima, igualmente ſolitaria, quando entre as agonias da Cruz apreſentou a ſeu Eterno Padre aquella taõ laſtimoſa queixa:

ueixas: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliuisti me*! Deos meu, Deos meu (vinha a dizer) orque me deixastes nesta soledade! Ouvi a Santo Hilario: *Suam conqueritur solitudinem.* E mais rofundamente, na ponderaçaõ do mesmo Texto, ccrescentou Euthymio que lamentava Christo a ua soledade, vendo que lhe faltava a companhia de ua Mãy Santissima: *Neque enim, nisi dolens absentiæ Matris, ita clamasset.* Porém he sem duvida ue a Christo naõ faltou a companhia desta Senhoa; porque ao pé da Cruz lhe assistia: *Stabat juxta Crucem Jesu Mater ejus.* Só no sepulchro deixou e o acompanhar. Mas se no sepulchro naõ podia Christo sentir a soledade propria depois de morto; omo se queixa de que o Eterno Padre lhe negasse o sepulchro a companhia da Mãy: *Ut quid dereliuisti me?* Porque se bem a soledade já naõ podia ormentar a Christo, ainda affligia á solitaria Mãy. quella soledade era correlativa entre o Filho, e Mãy. O Filho sem a companhia da Mãy; e a Mãy m fazer companhia ao Filho. A Christo já no seulchro naõ podia causar sentimento o faltar lhe companhia da Mãy; nesta porém taõ grande era a ena de naõ acompanhar a Christo na sepultura, que revendo elle taõ inconsolavel afflicçaõ da May, se ueixava ao Eterno Padre, naõ por si, mas por ella. or si naõ; porque sepultado se impossibilitava para sentimento. Sim pela Mãy, que tanto se affligiria, aõ sendo com o Filho morta, e sepultada com elle: *plus moreris! Moriatur tecum Genitrix tua. Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me! Neque enim, nisi dolens absentiæ Matris, ita clamasset.*

Matth. 27. 46.

D. Hilar.

Euthym. in Expos. ad citatum loc. Matth.

Joan. 19. 25.

Matth. 27. 46.

37 De huma meſma ſorte ſe houve Chriſto n
previſaõ da Chaga de ſeu lado, e na previſaõ de ſu
ſoledade, faltando-lhe a companhia de ſua Santiſ
ſima, e anguſtiada Mãy. Lá pedia ao Eterno Padr
que o livraſſe da lança cruel, que lhe havia de traſ
Pſal. 21. 21. paſſar o peito: *Erue à framea Deus animam meam*
Mas ſe Chriſto havia de receber a Chaga em ſeu pei
to depois de morto, quando a naõ podia ſentir; co
mo em vida ſe moſtrava della taõ receoſo, e ſenti
do? Porque depois de morto Chriſto, a dor daquel
la Chaga ſeria toda para ſua Mãy Santiſſima, a quen
a lança havia de traſpaſſar a alma, quando traſpaſ
ſaſſe o lado de Chriſto, como diz S. Bernardo: *Po*
D. Bern. Ser. de 12. Stel. *ſtea quam emiſit ſpiritum tuus ille Jeſus, ipſius*
planè non attigit animam crudelis lancea, qua
ipſius aperuit latus, ſed tuam utique animam per-
tranſivit. Attendendo pois Chriſto ao ſentimento
da Mãy, mais por ella, que por ſi, rogava ao Eter-
no Padre o defendeſſe da lança, cuja violencia, e
ferida, depois de morto já naõ podia ſentir: *Erue à*
framea Deus animam meam. Similhante foy a ra-
zaõ, e o fim, com que ſe queixava Chriſto, preven-
do a ſoledade, em que havia de eſtar no ſepulchro.
A afflicçaõ deſta ſoledade naõ podia ſer para Chri-
ſto; porque eſtava morto: toda ſe diſpunha para ſua
Mãy Santiſſima, que depois extremoſamente ſe an-
guſtiava, naõ podendo fazer companhia a Chriſto,
morrendo, e ſepultando-ſe com elle. E quanto mais
ſe affligiria a Senhora, vendo a Chriſto ſolitario,
ſem a ſua companhia no ſepulchro; tanto mais dava
occaſiaõ a Chriſto, para que, compadecido de ſua
anguſtiada Mãy, ſe queixaſſe da propria ſoledade,
por ſer cauſa da mayor anguſtia de ſua ſolitaria Mãy:

Deus

Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me! Neque enim, nisi dolens absentiæ Matris, ita clamasset.

38 Daqui se entende a razaõ dos differentes effectos, que a Mãy de Deos mostrou, vendo constante padecer a Christo, e lamentando-se afflicta, depois que a morte lhe consumou os tormentos, e lhe deo fim ás penas. Padece Christo na Cruz tormentos, e penas taõ insopportaveis, como incomprehensiveis a toda a intelligencia humana: e a Senhora com admiravel fortaleza o acompanha, sem que se lhe ouça huma queixa, nem se lhe veja huma lagrima, como bem advertio, e admirou Santo Ambrosio: *Stantem lego, flentem non lego.* Morre finalmente Christo, he seu corpo dado com summa veneraçaõ ao descanço da sepultura; entaõ se destaõ na Senhora rios de lagrimas, e submergindo-se-lhe o coraçaõ em hum mar de penas, brotaõ delle os mais sentidas queixas, e os mais enternecidos suspiros: *Idirco ego plorans, & oculus meus deducens quas, quia longè factus est à me consolator.* E porque naõ antes de espirar Christo, e antes de ser dado o seu corpo á sepultura? Porque d'antes naõ era só Christo o que padecia. A Senhora taõ igualmente com elle padecia, que a dor de Christo era a mesma dor da Senhora, como já ouvimos a Santa Brigida: *Dolor ejus erat dolor meus.* A morte porém, a sepultura foraõ para Christo só, e naõ para a Senhora, que nem morreo com o Filho, nem com elle foy sepultada. Eis-ahi pois o de que a Mãy de Deos se affligia: de que só Christo morresse, sem que ella lhe fizesse companhia na morte, e na sepultura: *Solus moreris!* Em quanto a Mãy de Deos padecia com Christo juntamente, o mesmo padecer lhe

D. Ambr. in c. 23. Luc.

Thren. 1. 16.

D. Brig. suprà relatâ, num. 1.

lhe ſervia de remedio ao que eſtava padecendo porque o acompanhar ao Filho nas penas, era do ce, e amoroſo alivio das penas, que padecia a Mãy vendo padecer o Filho. Mas porque morrendo, ſepultando-ſe Chriſto, com elle naõ morria, nem ſe ſepultava a Senhora; ſem remedio ficava na afflicçaõ, pois eſta conſiſtia em naõ expirar com Chriſto, nem ſer com elle ſepultada.

39 Concluido pois que eſta foy para a Mãy de Deos a mayor anguſtia na ſoledade, em que a conſideramos: oh quantas vezes ſe ouviria ſuſpirar pela morte, como unico remedio de ſua afflicçaõ, por ſer o unico meyo de fazer companhia ao Filho na ſoledade em que ſe achava no ſepulchro: *Fili mi dulciſſime, da mori tecum, & ne derelinquas me. Nil mihi dulcius, quàm mori tecum: & nil amariùs certè, quàm vivere ſine te!* Oh dulciſſimo Filho meu, para que taõ anguſtiada me deixais com vida, quando ſó a morte me ſerviria de alivio! Se morrendo vós, expirára eu, me tivéra por ditoſa. Vós porém morto, e eu com vida! Oh que inſoffrivel anguſtia para taõ afflicta Mãy! Eſtes eraõ, diz Santo Anſelmo, os ſuſpiros, e exclamaçoens de Maria Santiſſima, na ſoledade de ſeu amado Filho. Mas para que buſcamos interpretaçaõ alheya ſobre o que a meſma Senhora com tanta clareza expôs.

D. Anſel. ſive Author libri de Excell. V.

40 Entre amoroſos colloquios pedia a Chriſto ſua anguſtiada Mãy que a imprimiſſe em ſeu coraçaõ, como na impreſſaõ de hum ſignete: *Pone me ut ſignaculum ſuper cor tuum.* E a razaõ de o pedir aſſim, era, por ſer ſeu amor taõ valente como hea morte: *Quia fortis eſt ut mors dilectio.* Para intelligencia deſta razaõ, notay no que fez a morte,

Cant. 8. 6. Eſſe autem hanc vocem Sponſæ, tenent Chaldæus, Arabicus, Rabbini, & multi ex Catholicis apud Alapide.

e no

no que deſejava a Senhora que fizeſſe o amor. A
norte foy taõ poderoſa, que a Chriſto tirou a vida,
pôs em huma ſepultura: e iſſo meſmo deſejava a af-
ictiſſima Senhora que nella executaſſe o amor:
Da mori tecum, & ne derelinquas me. Pois para
ſte fim deſeja ſer como hum ſello impreſſo no co-
açaõ de Chriſto? Sim; para que accommettendo a
orte ao coração do Filho, do meſmo golpe com que
e tiraſſe a vida, tambem levaſſe a da Mãy. Quiz
hriſto enſinuar-nos quam docemente morria por
oſſo amor, e diſſe que na morte ſe lhe derreteria o
oração como a cera: *Factum eſt cor meum tan-* Pſ. 21. 15.
uam cera liqueſcens: e deſejava a anguſtiada Se-
nora ſer como a impreſſaõ do ſignete neſta cera do
oração de Chriſto, para que o meſmo fogo de
nor, que derreteſſe a cera, desfizeſſe juntamente
ſello, e ſe viſſem o amor, e a morte igualados am-
os na valentia: a morte tirando a vida ao Filho, e o
nor tirando a vida á Mãy. Porém ſe na Mãy de
eos o amor era taõ forte como prudente: *Ordina-* Cant. 2. 4.
t in me charitatem: he poſſivel que deſatinado
ora ſolicite a morte! Sim: e não foy deſatino,
y cordura; porque morto Chriſto, ſó morrendo
m elle a afflicta Mãy podia moderar a pena de
o expirar juntamente, para o acompanhar na ſo-
lade do ſepulchro: *Factum eſt cor meum tan-*
am cera liqueſcens. Pone me ut ſignaculum ſu-
r cor tuum, quia fortis eſt ut mors dilectio. Nil
hi dulcius, quàm mori tecum.

41 Depois de conhecermos a que certamente
y cauſa de tanta anguſtia, com que Maria Santiſ-
ma ſe vê taõ afflicta neſta ſoledade, e ſendo já fa-
llo o remedio, que lhe pudéra ſervir de alivio; en-

taõ

taõ totalmente deſmaya a noſſa compaixaõ ; porque vê que he irremediavel por eſte meyo a pena de taõ anguſtiada, como ſolitaria Mãy. Quando ſe impoſſibilita o remedio, que importa que ſe conheça! Sabemos, oh anguſtiada Senhora, que a ſoledade em que no ſepulchro eſtá o voſſo taõ amado Filho, he a origem deſſe mar de penas, em que fluctuando ſe acha o voſſo coraçaõ ; mas ſe a morte unicamente vos póde aſſegurar a tranquilidade na terra da meſma ſepultura, quem vos applicará taõ remedio: *Quis medebitur tui?*

§. VII.

42 O Terceiro, e ultimo remedio para a afflicçaõ, he deſaffogar o coraçaõ anguſtiado porque opprimido naõ chegue a ſubmergir-ſe de pena. Viſtes ſangrar-ſe hum rio, para que a ſua enchente naõ inunde os campos, e affogue as plantas? Pois nas afflicçoens do animo iſſo meſmo intenta a providencia da natureza com as ſuas lagrimas. Como ſe déra huma ſangria no coraçaõ, faque rompaõ as lagrimas, e ſaya neſtas a amargura, em que o coraçaõ ſe opprime. Diz o ſagrado Texto que S. Pedro na precedente noite chorára com amargura: *Flevit amarè.* E como pódem haLuç. 22. 62. ver lagrimas com amargura? De que fonte naſcem ellas, para que poſſaõ trazer comſigo amargura? Direy. As lagrimas tem virtude de extrahir, e trazer em ſi a qualidade, que achaõ no coraçaõ ; e como o coraçaõ de S. Pedro eſtava cheyo de amarguras pela contrição de ſua culpa, ſahiaõ delle as lagrimas, trazendo em ſi a amargura do coraçaõ

Fle

Flevit amarè. As agoas, que, á imitaçaõ das lagrimas, artificioſamente ſe diſtillaraõ das flores, extrahem dellas as qualidades, que comſigo trazem. Tambem as lagrimas trazem em ſi as qualidades, que extrahiraõ do coraçaõ, de que foraõ diſtilladas. Se o coraçaõ eſtá afflicto, ſahem as lagrimas com amargura: *Flevit amarè*; porque trazem em ſi a amargura, que havia no coraçaõ: mas por iſſo meſmo fica o coraçaõ aliviado; porque ſe lhe extrahio a amargura, que o affligia. Diſſe-o naõ menos que S. Gregorio Nazianzeno: *O felices lacrymæ, quæ animum dolentem levant!* D. Greg. Naz. Orat. 5

43 Bem ſey que naõ podiaõ as lagrimas de Maria Santiſſima reſtituir-lhe o Filho, nem levá-la para a companhia delle; mas podiaõ diminuir-lhe a pena; porque ſempre levariaõ em ſi parte da anguſtia, em que ſeu coraçaõ ſe affligia. Lemos na Sagrada Hiſtoria que na auſencia de Tobias chorava Anna ſua mãy com lagrimas irremediaveis: *Flebat igitur mater ejus irremediabilibus lacrymis.* Naõ buſcava Anna remedio para ſuas lagrimas; buſcava remedio para ſua pena: deſta ſe devia cuidar, ſe era, ou naõ era remediavel; pois como naõ da pena, mas as lagrimas, ſe diz que eraõ irremediaveis: *Irremediabilibus lachrymis?* Porque ſó as lagrimas podiaõ ſer irremediaveis: mas a pena, havendo lagrimas, era infallivelmente remediavel. As lagrimas eraõ irremediaveis; porque, como ſe derramavaõ por Tobias, que ſe ſuppunha morto, naõ havia remedio para as reprimir, aſſim como naõ haveria para ſe reſtituir a vida a Tobias. Mas a pena, que originava eſſas lagrimas, naõ podia ficar ſem remedio; porque com tantas lagrimas derramadas, infallivelmente Tob. 10. 4

mente

mente ſe diminuia : *O felices lacrymæ, quæ an*
mum dolentem levant !

44 Oh anguſtiadiſſima Senhora, oh Mãy affl
ctiſſima: ſe as lagrimas irremediaveis aliviaõ o c
raçaõ de quem chora, já temos o remedio certo p
ra a voſſa pena. Sejaõ neſta hora mais vivas as len
branças do voſſo Filho: renaſça em voſſa memor
aquella pena, que o affligia, ainda mais que os to
mentos proprios, attendendo ao deſamparo em qu
ficaveis por ſua auſencia. Apure-ſe agora, mais qu
d'antes, aquelle maternal affecto, que vos enche
igualmente de ternura, e de compaixaõ, quando a
pé da Cruz o viſteis agonizando exhalar o eſpirit
E na ponderaçaõ deſtes taõ ternos, e laſtimoſos a
fectos, eſtallando o voſſo coraçaõ, ſe deſfaça em la
grimas; que por meyo dellas recebereis em tanta a
flicçaõ alivio. Duas fontes de lagrimas ſejaõ os vo
ſos olhos: e derramay-as em tanta copia, que che
gue a diminuir-ſe a groſſa enchente deſſe rapido,
caudaloſo rio de amarguras, em cujas agoas
voſſo coraçaõ ſe affoga.

45 Mas oh afflicçaõ de nenhuma ſorte reme
diavel! Sangrar ſe hum rio, bem póde ſer; porqu
ſe lhe podem diminuir as agoas: ſangrar-ſe o mar, h
impoſſivel; porque a copia de ſuas agoas naõ ſe pód
diminuir. Nem ſerá menor impoſſivel, que a afflic
çaõ de Maria Santiſſima com lagrimas ſe diminua
porque a ſua afflicçaõ naõ he rio, he mar: *Vela*
mare afflictio tua. O mar eſtá continuamente diſ
tribuindo immenſa copia de ſuas agoas, em grande
e caudaloſos rios, que delle perennemente correm
mas tantas agoas, que ſahem do oceano, naõ lhe di
minuem ſua profundidade; porque para o mar vol
taõ

aõ as meſmas agoas, que em rios ſahiraõ delle: *Om-* Eccle. 1, 7.
ia flumina intrant in mare. Aſſim as lagrimas de
Maria Santiſſima. Sahiaõ do coraçaõ aos olhos, cor-
iaõ até as faces, e dahi naõ paſſavaõ: *Lacrymæ ejus* Thren. 1. 2.
n maxillis ejus; porque o mar de afflicçaõ, em que
Senhora eſtava fluctuando, chamava, e recolhia a
outra vez as lagrimas, que derramava: *Pectus* Arnold. Ser.
aternum immanitate doloris arctatur, ſuſpirat de B. Virg.
trinſecùs, & erumpentes revocat lacrymas, diſſe
rnoldo Carnotenſe. Aſſim como no mar ha fluxo,
refluxo das agoas, aſſim o mar deſta afflicçaõ de
Maria anguſtiadiſſima teve fluxo, e tambem reflu-
o nas lagrimas que chorava; porque o mar de ſuas
marguras deſpedia de ſi rios de lagrimas, e as reco-
ia outra vez em ſi: *Erumpentes revocat lacrymas*:
or iſſo com tantas lagrimas ſe naõ diminuia a
margura daquelle coraçaõ afflicto.

46 Cheyo de amarguras na Cruz chorou Chri-
o, e derramou muitas lagrimas, como eſcreve S.
aulo: *Cum clamore valido, & lacrymis*; mas naõ AdHebr. 5. 7.
ve em ſua afflicçaõ alivio; porque lhe faltou na
ruz toda a conſolaçaõ. Sobre o que, reparo, e per-
unto. As lagrimas, que chorou Chriſto, naõ lhe le-
vaõ comſigo as amarguras do coraçaõ? Preciſa-
ente. Pois como deſſa amargura naõ ſentio alivio?
orque eſſas lagrimas, que lhe ſahiaõ do coraçaõ
eyas de amargura, para o meſmo coraçaõ torna-
õ. Notay. Morto Chriſto, com myſterioſa tyran-
a lhe abrem o peito, traſpaſſando-lhe tambem o
raçaõ; e promptamente ſahiraõ delle ſangue, e
oa: *Unus militum lanceâ latus ejus aperuit, &* Joan. 19. 34.
ntinuò exivit ſanguis, & aqua. Agoa em hum
raçaõ humano, algumas horas depois de morto?

Sangue

Sangue em hum corpo deſanimado, e depois de
lhe eſgotarem as veyas? Que agoa ſeria aquella,
que ſangue ſeria eſte? A agudeza profundiſſima d
Zerda deſcobrio ſerem lagrimas, que chorou o c
raçaõ traſpaſſado: *Ploravit cor.* Lagrimas naõ
imitadoras da agoa, mas tambem do ſangue, choro
Chriſto em ſua Payxaõ, e havendo de chorar tam
bem o coraçaõ de Chriſto, como parte a mais del
cada, de agoa, e de ſangue derramou lagrimas: *Ex
vit ſanguis, & aqua. Ploravit cor.* Bem. Derra
ma Chriſto tantas lagrimas crucificado, e ainda e
tas, depois de morto, ſe lhe achaõ no coração? Po
eis-ahi a razão, porque o não aliviaraõ as lagrima
que derramou na Cruz. No Horto, onde Chriſt
derramou lagrimas de ſangue, chorando por todo
os poros de ſeu corpo (como diz S. Bernardo) re
cebeo alivio: *Ut conſolaretur eum.* Na Cruz, on
de o coraçaõ lhe chorava ſangue, naõ experimento
alivio; porque no Horto as lagrimas de ſangue ſa
hiaõ, e não tornavaõ a recolher-ſe no coração d
Chriſto. Buſcavão a terra, e nella ſe recolhião: *Gu
tæ ſanguinis decurrentis in terram.* Na Cruz po
rém, ſahindo de Chriſto as lagrimas, tornavão ſe
cretamente a recolher-ſe-lhe no coração, onde
lhe acharão depois da morte: *Exivit ſanguis, &
aqua. Ploravit cor.* Tambem as lagrimas da Mã
de Deos tão anguſtiada, aindaque em ſi levaſſem
amarguras do coração, com eſſas amarguras ſe re
colhião outra vez ao meſmo coraçaõ: *Erumpent
revocat lacrymas*: por iſſo com tantas lagrimas
que chorou, naõ podia remediar a anguſtia profun
diſſima, em que ſe afflige.

Zerd. tom. de B. V.

D. Bern. citatus ſupra n. 16, Luc. 22. 43.

Luc. ibid. v. 44.

§. VII

§. VIII.

7 EXaminada já a inefficacia dos remedios mais ſingulares da afflicçaõ, me parece bem odemos concluir, que em ſua ſoledade padeceo Mãy de Deos huma afflicçaõ ſem remedio. Porue ſe a ſua afflicçaõ foy hum mar taõ grande, que e ſubmergio a memoria, para naõ admittir eſuecimento; e lhe abſorbeo naõ menos o entenmento, para a affligir com o diſcurſo; ſe com os de copioſas lagrimas naõ houve diminuiçaõ mar de ſuas amarguras; quem excogitará remeo, que poſſa aliviar tanta afflicçaõ: *Magna eſt im velut mare contritio tua, quis medebitur tui?* qui ſó tinha lugar a noſſa pena; para que compacendo-ſe de tanta afflicçaõ, acompanhaſſe diamente a anguſtiada Senhora em ſua ſoledade, e m eſte obſequio ſuppriſſe o que naõ póde remear. Mas ſinto arrebatar-ſe-me o entendimento ra confuſaõ propria, pelo que em mim vejo, e em vós tambem.

48 Que vemos, e que experimentamos em s, ſenaõ huns coraçoens taõ ſeccos, e huns olhos enxutos! Huns entendimentos ſem apreço daelle Deos, que tantas vezes perdemos, tantas zes deixamos, e deſprezamos! Humas memos taõ eſquecidas de ſeu amor, de ſeus beneficios, dos tormentos, e da morte, que padeceo nós! Maria Santiſſima, aindaque ſolitaria, ſemconſervou a companhia de Chriſto. Tinha o ſeu coraçaõ, por amoroſo affecto, e em ſua na por divina graça; e ainda aſſim ſe affligia tan-

to com a ſua auſencia, que era a ſua afflicçaõ hu
mar. Com as noſſas culpas perdemos nós a Chr
ſto, até de noſſas almas, e de noſſos coraçoen
e nem por iſſo ſe afflige a noſſa obſtinaçaõ. C
que deſgraça! Eſta he a unica deſgraça digna d
noſſa afflicçaõ, e de noſſas lagrimas. A deſgra
da noſſa obſtinaçaõ tem o ſeu remedio nas noſſ
lagrimas, ſe a ſoubermos chorar: e eu, por mey
naõ imaginado, pertendo ver ſe nas lagrimas d
Mãy de Deos poſſo deſcobrir para a ſua a affli
çaõ hum exquiſito remedio.

49 As lagrimas de Maria Santiſſima (com
diſſemos) naõ aliviavaõ a ſua amargura; porqu
com a meſma ſe lhe recolhiaõ no coraçaõ: po
ſerá talvez para a voſſa afflicçaõ unico remedi
(oh Mãy anguſtiadiſſima) ſe chorando enxuga
res as voſſas lagrimas, antes que façaõ o ſeu re
fluxo para o coraçaõ. Para tudo ſerá muy util
que neſte quadro vos offereço. Tendes huma pin
tura, que ſerá incentivo para voſſas lagrimas:
tendes hum Sudario para as recolheres, ante
que retrocedaõ para o coraçaõ. Revelaſtes vós
que lembrando-vos dos pés, e das mãos do voſſ
Filho traſpaſſadas com duros cravos; já naõ po
dieis reprimir as lagrimas: *Quando conſiderabat*
clavos, manus, & pedes, tunc oculi mei lacrymis
replebantur. Pois desfaçaõ-ſe agora os voſſos olho
em lagrimas, repetindo a meſma lembrança com
eſta dolorosa viſta.

D. Brig. Revel. l. 1. c. 10.

50 A huma Mãy taõ amoroſa, e taõ afflicta,
oh quanto ha de entriſtecer a viſta de hum Filho
taõ innocente, e taõ impiamente juſtiçado! Eis-
aqui, oh Mãy anguſtiada, os pés, e as mãos de

ſſo delicioſo, e amado Filho: naõ já cravadas
r noſſo amor na Cruz; mas ainda com as Cha-
s, que a deshumana fereza lhes abrio com taõ
olentos cravos. Eſte lado aberto ainda vos traz
nemoria aquella eſpada, ou aquella dor, com
e voſſa alma foy traſpaſſada. Eſtes ſaõ os rios
incipaes, em que ſe desfaz eſte mar de ſangue,
ra que o mar de voſſa afflicçaõ ſe desfaça em
s de lagrimas. Eſtas ainda ſe provocaõ mais;
rque naõ ha olhos, que ſem lagrimas poſſão ver
mudecida eſta boca, pela qual fallava a Sabe-
ria do Eterno Padre. Eſtas lagrimas, ou eſtes
ıveiros de ſangue, com que no Ceo deſte roſto
nos ecclipſados dous ſoes; eſtas ſettenta e duas
ıtes de ſangue, que a violencia de outros tan-
eſpinhos abrio neſta ſacroſanta cabeça, forte
mulo ſão para as voſſas lagrimas. Finalmente
o eſte aſpecto, aſſim como he para o voſſo
or o incentivo mayor da pena, aſſim he para a
ſa anguſtia o motivo mais efficaz de inundan-
lagrimas.

1 E ſe para eſtas tambem vos podem excitar
oſſas; para quando, Catholicos, haõ de ſer
oſſas lagrimas, ſenaõ para eſta hora, em que
em ſervir de conſolaçaõ á Mãy, e de tributo
Filho? Se as noſſas culpas cuſtaraõ a Chriſto
reço de tanto ſangue; como nos naõ cuſtaõ a
tantas culpas huma ſó lagrima! Como naõ
reſpondemos, quando menos com lagrimas,
ıto ſangue! Naõ vos pareça, que eſte ſó (ain-
ue infinito) foy o preço de noſſa Redempçaõ.
la por eſtoutra parte ſe vê mais ſangue,
noſſo amor derramado; porque a tyrannia

das noſſas culpas, e o amor do noſſo Redempt
empenhando-ſe (por diverſos modos) no eſt
go deſta Humanidade Santiſſima, abriraõ to
eſte corpo em chagas, para ſe derramar por
las, e ſe offerecer por nós tanto ſangue. Oh D
vina face affrontada! Oh formoſura Divina
feada! Voltay para nós Sol Divino, ſepultado
mar de tanto ſangue. Oh Redemptor amoroſ
Quem me dera, na meditaçaõ do que por mi
padeceſtes, derramar tantas lagrimas, que co
ellas lavara eſte ſangue, com o qual ſe lavár
as minhas culpas. Por voſſa miſericordia (S
nhor, e Deos meu) excitay em nós a contriç
para as lagrimas, e ide a receber neſte Sudario
de voſſa anguſtiada, e ſolitaria Mãy, antesq
ſe lhe recolhaõ no coraçaõ. Remediareis aſſim ſ
taõ grande afflicçaõ; que he juſto naõ fique ſe
remedio: e diſpendereis com noſco voſſa miſ
ricordia, &c.

SERMA

IHS

SERMAÕ VI.
DO
ROSARIO.

NA CATHEDRAL DO RIO DE JANEIRO:
Anno de 1739.

Extollens vocem quædam mulier de turba dixit illi: Beatus venter, qui te portavit. Luc. 11.

§. I.

LOUVORES de Chriſto, e de ſua Mãy Santiſſima he o que ouvimos no Evangelho preſente: elogios do Roſario da Mãy de Deos he o que eſperais ouvir-me; ou porque do Roſario he a feſta, ou por ſer o Roſario o modo mais excellente de louvar a Chriſto, e a ſua Mãy Santiſſima, meditando nos myſterios de que conſta, e que contém. Se lerais, ou vos pudera eu repetir

todo o capitulo, em que S. Lucas deo para a
lemnidade preſente hum Evangelho taõ breve
taõ ajuſtado, já nelle viramos inſtituido o Ro
rio da Senhora; mas porque do Evangelho ha
ſahir a materia para os elogîos do Roſario, naõ
poderá omittir deſte capitulo a noticia, que
for preciſa.

2 O Roſario conſta de duas oraçoens adm
veis: o Padre Noſſo he huma, a Ave Maria he
tra. Principia pela do Padre Noſſo; e S. Lu
principiou o preſente capitulo do ſeu Evangel
dizendo que Chriſto para enſinar aos ſeus I
cipulos o mais perfeito modo de orar, comp
e lhes repetio a oraçaõ do Padre Noſſo: *Ait
lis; cum oratis dicite: Pater, ſanctificetur*
Luc. 11. 2. *men tuum, adveniat regnum tuum, &c.* Paſſar
á oraçaõ da Ave Maria; o que ſe contém n
ſaõ louvores da Senhora, por haver conceb
o Filho de Deos em ſeu ventre: e iſſo he o q
como diz o Evangelho, proferio Marcella, pa
cendo confundir-ſe myſterioſamente, nos t
mos com que o fazia. Vio os prodigios de Chriſ
e querendo louvá-lo, entrou a louvar juntame
a Mãy, que o concebeo em ſeu ventre: *Bea
venter, qui te portavit.* Em huma ſó oraçaõ un
e alternou louvores da Mãy, e do Filho,
ambos comprehendeo em hum elogîo, como
Ave Maria fazemos nós quando dizemos: *Gra
plena, Dominus tecum, benedicta tu in mulie
bus, & benedictus fructus ventris tui.*

3 Parece que a coros ſe rezava já daque
vez o Roſario neſte Evangelho. Chriſto em h
coro, Marcella em outro. Principiou Chriſto c
o

Padre Nosso: *Pater, sanctificetur nomen tuum, adveniat regnum tuum, &c.* Respondeo, ou correspondeo Marcella com o que se contém na Ave Maria; porque se naõ disse: *Dominus tecum benedicta tu in mulieribus, & benedictus fructus ventris tui*; disse, que vale o mesmo: *Beatus venter, qui te portavit.* Isto talvez nos insinuou o nosso Evangelista, notando que a mulher Evangelica para a sua oraçaõ levantára a voz, até chegar com ella aos ouvidos do Filho de Deos, para delle ser percebida no meyo daquella turba: *Extollens vocem quædam mulier de turba*; porque o Rosario (segundo Henrique Velonense) pela parte vocal se define, voz do homem para Deos: *Est Rosarium vox hominis ad Deum.* A voz do Rosario por sua natureza he taõ alta, que penetra os Ceos, e chega a Deos: *Sua natura est in sublime, id est, in Cœlum ferri, & nostra ibi vox apud Deum esse.* Christo com a sua voz, na oração do Padre Nosso, penetrou os Ceos, e chegou até os ouvidos do Eterno Padre: *Pater noster, qui es in Cœlis*, diz o Texto de S. Mattheus. Marcella levantou a voz na saudação, e louvor de Maria Santissima, e chegou até os ouvidos do Filho de Deos: *Extollens vocem dixit illi: Beatus venter, qui te portavit.* Como Christo, e Marcella davão principio á devoção do Rosario, não podião proferî-lo, ou rezá-lo, senão em voz muy alta, e muy levantada: *Extollens vocem.*

Velonens. Aur. cor. 1. p. Dom. 3. Advent.

Idem. ibid.

Matth. 6. 9.

4 Temos o Evangelho ajustado á festa, e parece que já agora não ha para o assumpto difficuldade: mas eu ainda encontro a que todos os Prégadores

gadores experimentaõ ao deſcobrir o aſſump
neſta ſolemnidade. E o que mais me embara
he, naõ entender ainda o que neſte dia ſole
nizamos. Todos direis que o Roſario, con
Santo, ou Santiſſimo, que com eſta reverencia
nomêa a Igreja. E ſe recorrermos ao Breviari
ao Miſſal, e aos decretos expedidos para o Of
cio, e Miſſa deſte dia, acharemos que dizeis be
Mas ſe o Roſario conſta de humas oraçoens, q
nós rezamos, diremos por ventura, que ſole
nizamos as noſſas meſmas oraçoens? Que re
mais ſanta, ou mais agradavel a Deos, que a
Officio Divino, celebrado em tantos coros na te
ra! O Papa Urbano VIII. em huma ſua Bulla d
que a reza do Officio Divino he filha daquel
canto admiravel, com que Deos he no Ceo louv
do pelos Anjos. De lá nos veyo eſte canto, pa
que a Igreja Militante fizeſſe conſonancia com
Triunfante. A reza porém do Roſario naõ pri
cipiou no Ceo, cá ſe inventou na terra, e teve
ſua mais antiga origem no Evangelho preſente, c
mo ouviſtes. Bem he verdade que a Mãy de Dec
dignando-ſe de apparecer ao Patriarca S. Domi
gos, lhe deo o Roſario para o publicar pelo mu
do, com a diſtribuiçaõ dos myſterios, que ſe m
ditaõ nelle; mas he ſem duvida que, muito ant
diſſo, já no mundo ſe rezava o Roſario em ho
ra de Maria Santiſſima, nomeado entaõ Pſalteri
Mariano. Ainda naõ era naſcido S. Domingo
quando Pedro Eremita, Monge Ciſtercienſe, i
troduzio eſta devoçaõ pelos annos de 1093. Mu
to antes a eſtendeo por Inglaterra o meu Vener
vel Beda pelos annos de 700. E primeiro que t
do

Urban. in Bul. Divinã Pſalmodiã.

Vid. Pined. lib. 20. Monarch. c. 2. §. 4. Arnol. Wion lib. 5. lig. vit. c. 104

Bed. apud Carthag. tom. 3. Hom. de Roſ.

dos rezou, e instituio o Rosario, ou Psalterio Mariano, por inspiraçaõ Divina, meu Patriarca S. Bento, pelos annos de 538., como, com Erhardo, e outros, affirma o Beato Alano da Religiaõ Dominicana, e singular devoto do Rosario. Pois se para o canto celebre do Officio Divino, que principiou no Ceo entre os coros dos Anjos, naõ ha huma solemnidade na Igreja; como se instituiria a presente, para se festejar o Rosario, que entre os homens teve o seu principio na terra, posto que por inspiraçaõ celeste?

B. Alan. p. 1. Apoc. c. 8. n. 7. Erhard. in vita D. Bened. *lib.* 1. c. 15.

5 Ora eu entendo que nós naõ festejamos com titulo do Rosario as oraçoens, que rezamos: e me parece que debaixo deste titulo celebramos hum especial mysterio da Mãy de Deos, que a Militante Igreja naõ solemnizou atégora com particular Officio, nem ha fundamento para esperarmos que o faça. E que mysterio será esse? He o ultimo do Rosario, no qual meditamos que a Santissima Trindade coroou no Ceo a Maria Santissima por Imperatriz do Universo, como Rainha, que he dos Anjos; como Senhora, que he de todas as creaturas; por ser Filha de Deos Padre, e Mãy de Deos Filho, e Esposa do Espirito Santo.

6 Tereis notado que a Igreja solemniza todos os mysterios da Mãy de Deos, naõ deixando passar algum sem culto particular, ou universal. Festeja lhe a Conceiçaõ immaculada, o Nascimento, a Apresentaçaõ no Templo, os Desposorios com S. Jozé, a Incarnaçaõ, ou Conceiçaõ do Filho, a Visitaçaõ, e tambem o Parto; naõ em seu proprio dia, porque nesse toda se empe

empenha em feſtejar o Naſcimento de Chriſto mas no oitavo dia divide o Officio, e Miſſa entre o Filho, e a Máy; porque igualmente feſteja a Circunciſaõ do Filho, e o Parto da Máy, como ſe adverte no Kalendario Mariano. Feſteja lhe a Purificaçaõ, o Deſterro, as Anguſtias, o Prazeres, e o tranſito deſta para a eterna vida, ou Aſſumpçaõ da terra para o Ceo. E como lhe naõ feſteja a Coroaçaõ na Gloria? Porque como eſte acto da Coroaçaõ foy celebrado no Ceo, e naõ na terra, he myſterio que pertence ás feſtas da Igreja Triunfante, e naõ ás da Igreja Militante.

Vide Torrecil. in Propugna: Fid. tract. 4.

7 Carlos II. Rey Catholico no anno de 1694. ſupplicou á Sé Apoſtolica faculdade para que nos ſeus Reynos ſe feſtejaſſe com ſolemne Officio e Miſſa, o Padre Eterno, pela incomprehenſivel fecundidade com que gera eternamente hum ſó Filho, diſtincto delle em Peſſoa, ſendo em natureza indiſtincto. Repreſentava o Pio Monarca que pois fazia a Igreja huma ſolemnidade ao Eſpirito Santo, e muitas ao Filho, ſeria juſto ſe conſagraſſe tambem alguma ao Padre, em quanto Pay, em memoria da eterna geraçaõ do Verbo. Naõ foy a ſupplica deſpachada como nella ſe pertendia: mas com razaõ muy juſta, e muy prudente; porque o acto da geraçaõ do Divino Verbo naõ he myſterio celebrado na Igreja Militante na terra: he myſterio celebrado na Celeſtial, e Triunfante Igreja, onde os Bemaventurados eſtaõ vendo ao Padre gerar o Filho. Lá pois na Igreja Triunfante ſe feſteje eſſe myſterio: naõ na Militante Igreja. Tambem aſſim o myſterio da Coroaçaõ da Senhora. He funçaõ, que ſe fez no

Ceo

Ceo, e naõ na terra: lá se festeje pela Triunfante Igreja, naõ cá pela Militante, que lhe naõ pertence.

8 Mas o que naõ celebramos com o titulo de Coroaçaõ da Mãy de Deos, celebramos com titulo do seu Rosario; porque o Rosario he Coroa para Maria Santissima, e o rezar-lhe o Rosario na terra, he coroá-la no Ceo. Para que o possamos assim dizer, bastavaõ tantos exemplos, recebidos por verdadeiros, de ter Maria Santissima apparecido a seus devotos coroada de rosas, em que se convertem as Ave Marias do seu Rosario; mas a taõ milagrosa evidencia ajuntaremos razaõ, e authoridade. Naõ reparais que o Rosario consta de tres partes, ou Terços? E com que mysterio se faz esta divisaõ no Rosario? Se a Coroa he hum circulo sem principio, nem fim; como se divide em tres partes o Rosario, que he Coroa da Mãy de Deos? Porque á soberana dignidade de Imperatriz do Universo eraõ devidas tres Coroas, e com tres Coroas foy coroada no Ceo. O Eterno Padre a coroou como Filha: o Filho a coroou como Mãy: o Espirito Santo a coroou como Esposa. E porque a Igreja na festividade do Rosario tacitamente celebra a Coroaçaõ da Senhora, dividio o Rosario em tres Terços, para a coroar tambem com tres Coroas, quando lhe celebra a Coroaçaõ no Ceo. Authorize-nos esta razaõ Marcellino Pizense nas suas doutissimas Homilias: *Triplici corona Virginem hanc excelsam in Rosarii institutione Ecclesia insignivit, etenim Rosarium tribus constat coronis.* Naõ podia o Author dizer com mais propriedade para o nosso

Prout referunt marcãtius opusc. 11. de var. celebr. B. M. V. Carthag. Hom. 4. Lopes in fest. Rosar. Brãd. in Fascic. p. 1. Ros. 3. fol. 5.

Pise tom. 1. Hom. de Rosar.

noſſo intento; e com a meſma continua ainda: *Typicè inſinuamus his tribus coronis, Mariam eſſe Filiam, Sponſam, & Matrem Regis; ſiquidem eſt Filia Dei Patris, Mater Dei Filii, Sponſa Spiritus Sancti.*

9 Agora ſe percebe o myſterio, com que Marcella cantando figurativamente o Roſario da Mãy de Deos, ao ſeu ventre dirigia os louvores, que lhe dava: *Beatus venter, qui te portavit.* Bemaventurado he o ventre [quiz dizer Marcella] que coroou a Chriſto, quando o concebeo, e gerou: *Beatus Mariæ uterus, qui tantum Dominum coronavit, quando formavit, coronavit eum quando generavit.* Aſſim expôs Santo Ambroſio. Se Maria Santiſſima em ſeu ventre coroou a Deos cá na terra, de juſtiça havia Deos coroar a Maria Santiſſima lá no Ceo. Eſta Coroa antevia Marcella: por iſſo elogiou ao ventre da Senhora, naõ ſanto, nem feliz, mas ſim Bemaventurado: *Beatus venter*; pela Coroa da Bemaventurança, que a eſperava na Gloria. E que fez Marcella antevendo a Maria Santiſſima coroada no Ceo? Para lhe celebrar, e applaudir a Coroaçaõ, levantou a voz a Deos, dando principio ao Roſario: *Extollens vocem: Eſt Roſarium vox hominis ad Deum.* Offertou-lhe a Coroa do Roſario, em applauſo de ſua Coroaçaõ no Ceo. Tambem a Igreja Militante, de quem Marcella era ſymbolo, como diz S. Beda Veneravel, tacitamente applaude a Coroaçaõ da Senhora, coroando-a com o Roſario neſta ſolemnidade: *Triplici corona Virginem hanc excelſam, in Roſarii inſtitutione, Eccleſia inſignivit.* No meyo deſtes applauſos, bem vejo

D. Ambr. de inſtit. Virg. c. 16.

vejo a differença, que ha entre a Coroa da Gloria, que a Mãy de Deos tem no Ceo, e a Coroa do Rosario, com que he por nós coroada; mas ainda assim hey de mostrar quanto a Coroa do Rosario he bem acceita desta Soberana Rainha do Universo.

§. II.

TArde cheguey á estrada, por onde com mais facilidade caminharey agora; mas bem sabeis, que quem vay abrindo novo caminho naõ se adianta muito. Coroou a Santissima Trindade a Maria Santissima com tres Coroas; e nós, em memoria dellas, a coroamos tambem com tres Coroas, que saõ as tres partes do seu Rosario. Nos cinco Mysterios Gozosos lhe offertamos a primeira Coroa: nos cinco Mysterios Dolorosos lhe offertamos a segunda Coroa: nos cinco Mysterios Glorioſos lhe tributamos a terceira, e ultima Coroa. Huma, e outra Coroaçaõ comprehendeo Marcella nas palavras do nosso thema. Levantando a voz a Deos, para louvar a Maria Santissima, decifrou o Rosario, com que he coroada pelos seus devotos: *Extollens vocem: Est Rosarium vox hominis ad Deum.* E naquelle termo *Beatus*, bem denotou a Coroa, que a Mãy de Deos tem na Gloria. E quando chegou a imaginar alguem, que possamos nós tecer Coroas cá na terra, que sejaõ de estimaçaõ para aquella Imperatriz Soberana, que no Ceo he coroada pela Santissima Trindade! Aqui se vê como em Deos a propria soberania naõ he mayor que a bondade.

Elle

Elle approva, elle quer que sua Mãy Santissima estime ser por nós coroada na terra com o Rosario quando no Ceo pela Santissima Trindade he coroada glorioſamente. A meſma Senhora com muita eſtimaçaõ, e agrado recebe de nós a Coroa do Roſario: *Roſaceâ coronâ, è ſalutationibus angelicis contextâ, frequenter coronari vehementer gaudet Deipara Virgo*, diz o Carthagena: e outros naõ menos doutos accreſcentaõ, que ſuppoſto he Maria Santiſſima, com tanta gloria para ſi, coroada no Ceo pela Santiſſima Trindade, foy viſta muitas vezes deſcer á terra, para nella ſer coroada pelos ſeus devotos com as Coroas do Roſario: *Cum Cœlum per mortem fuerat ingreſſa, coronata fuit, ſed ad terram rurſum venire viſa eſt, ut orationibus Roſarii, quibus maximè delectatur, coronetur, & doceat quantum eas magni faciat.*

Carthag. Hom. de Roſar.

Lopes in feſto Roſar. Brandan. in Faſcic p. 1. Roſ. 3. fol. 5.

11 Eſte ſem duvida he o myſterio daquelle celebre enigma das tres Coroas nos Canticos de Salomaõ, muy difficultoſo de ſe entender, do que entre os Egypcios foy outro enigma da mulher coroada com tres coroas: *Veni de Libano Sponſa mea, veni de Libano, veni coronaberis, de capitè Amanâ, de vertice Sanir, & Hermon.* Vinde do Libano, Eſpoſa minha, vinde do Libano, vinde: ſereis coroada. Com eſtas vozes chamava a Santiſſima Trindade a Maria Santiſſima do Libano para o Ceo, a ſe coroar nelle. E porque com tres Coroas havia ſer coroada, tres vezes a chamava para a coroar. O Padre a chamava, para a coroar como Filha: *Veni coronaberis.* O Filho a chamava, para a coroar como Mãy: *Veni coronaberis.*

Cant. 4. 8.

ronaberis. O Espirito Santo a chamava para a coroar como Esposa: *Veni coronaberis*. Mas noto em que promettendo-se-lhe tres Coroas, huma se havia tecer no monte Amaná; outra se havia formar no monte Sanir; e outra se havia compor no monte Hermon: *De capite Amaná, de vertice Sanir, & Hermon*. Quem se naõ ha de admirar, de que subindo a May de Deos do Libano ao Ceo, para ser nelle coroada, lhe prometteo Coroas cá da terra? Estes tres montes, e tambem o Libano, ficaõ todos na Palestina fazendo frente ás quatro Partes do mundo. E se Maria Santissima havia ser dos tres montes coroada, naõ era escusalo subir ao Ceo, e sahir do Libano? Parece que sim. Pois se a Santissima Trindade bradava pela May de Deos, para a coroar com tres Coroas na Gloria, como lhe offerece tres Coroas destes tres montes da Palestina: *Veni coronaberis de capite Amaná, de vertice Sanir, & Hermon?*

12 E como dizia eu bem, que neste Texto de Salomaõ tinhamos o difficultoso enigma da tres Coroas! Temos expressamente o Rosario nas tres Coroas destes tres montes. Hortolano, e Alapide observaraõ, que o monte Hermon está para o Oriente da Palestina, o Amaná para o Occidente, Sanir para o Meyo dia: e nestas tres regioens diz Henrique Velonense) estaõ representadas as tres partes do Rosario: *Tres regiones facimus in Rosario, id est, tria illa minora Rosaria: quorum in primo intelligimus Ortum, in altero Occasum, in tertio Meridiem*. O primeiro Terço Gozoso he symbolizado no Oriente; porque nelle meditamos sobre o Nascimento de Christo, e mais

Hortol. Alap. super hunc locũ, in Iesu adæquato de Christ. & Eccles.

Henriq. Velo. in Aur. coro. Serm. in Dom. Trinitat.

mais Myſterios de ſua infancia: *Primum igitu eſt in Ortu, id eſt, in Gaudioſo, ubi tunc muna oritur, cùm naſcitur.* O ſegundo Terço, que h o Doloroſo, ſe repreſenta no Occidente; porqu nelle conſideramos nos Myſterios da Paixaõ, Morte de Chriſto: *Ad Occaſum, id eſt, ad Dolo roſum, ubi occidit cùm in Cruce moritur.* O te ceiro, e ultimo Terço, que he o Glorioſo, eſt ſignificado no Meyo dia; porque nelle contem plamos em Chriſto reſuſcitado Sol, ſubindo a mais alto do Ceo Empyreo, como Sol no mey dia: *Meridiem vero, id eſt, Cœli patriam, in telligimus in Glorioſo;... quòd ſicut Sol altiſſim aſcendit in Meridie; ita Jeſus in glorioſo Roſa rio, in Aſcenſionis in Cœlum myſterio.* Teciaõ ſe aquellas tres Coroas de myſticas flores, colh das naquelles tres montes. As do monte Hermon que olha para o Oriente, ſaõ as roſas em que ſ convertem as Ave Marias dos Myſterios Gozoſo As do monte Amaná, que fica para o Occidente ſaõ as roſas em que ſe convertem as Ave Maria dos Myſterios Doloroſos. As do monte Sanir, ſi tuado para o Meyo dia, ſaõ as roſas em que ſe con vertem as Ave Marias dos Myſterios Glorioſo Em fim, ſaõ eſtas tres Coroas os tres Myſterioſo Terços do Roſario. Eis-ahi pois, o porque a San tiſſima Trindade, além de coroar a May de Deo com tres Coroas na Gloria, lhe promettia ſer no vamente coroada com outras tantas Coroas, qu lhe haviaõ ſubir cá da terra: inſinuando aſſim, qu a Imperatriz do Univerſo, poſtoque coroada pe la Santiſſima Trindade com tres Coroas, eſtima ria ſer por nós coroada com o Roſario: *Veni co ronaberi*

onaberis de capite Amanâ, de vertice Sanir; & dermon. Rosaceâ coronâ è salutationibus con-extâ frequenter coronari, vehementer gaudet Deipara Virgo.

§. III.

QUiz a Santissima Trindade seguir a propensaõ de Maria Santissima. Vio o muito que ella estima a Coroa do seu Rosario, por isso quando a convida para a coroar no eo, as Coroas que lhe offerece saõ as do Rosario. orém aqui temos huma grande duvida, porque nos propõem hum reparo grave. O Padre coou a esta sua Filha com a Coroa do Poder, dando-lhe pleno dominio sobre todas as creaturas. O lho coroou a sua Mãy com a Coroa da Sabedoa, querendo que excedesse aos Cherubins na illigencia de todo o creado, e na penetraçaõ dos lysterios Divinos. O Espirito Santo coroou a sua spoza com a Coroa do Amor Divino, fazendo-a perior a todos os Serafins no amor de Deos, n que eternamente se abraza. E na posse destas oroas taõ preciosas, ainda póde a Mãy de Deos timar a Coroa do Rosario? Sim, e muito. Naõ y se ainda em mais do que estima aquellas tres oroas do Poder, da Sabedoria, e do Amor. E a zaõ he; porque no Rosario a Coroa de Maria ntissima he naõ menos que o mesmo Christo: *rona capitis ejus Christus est*, diz Santo Amaeo. A Coroa do Eterno Padre he o Filho: e esse mesmo Filho he a Coroa mais preciosa de Maria a Mãy Santissima. Para o Eterno Padre, e para

D. Amad. Hom. 6. de Laud. B. V.

a Mãy de Deos ha no Ceo huma só Coroa; p
que de ambos he hum só o Filho, e com eſte
coroa o Pay, e ſe coroa a Mãy. Foy eſtimav
e muy applaudido conceito de S. Bernardino
Sena: *Coronatur Cœleſtis Pater, coronatur q*
que Virgo, quæ Mater eſt: idem Filius, qui
rona eſt Patris, eſt etiam corona Virginita
Mariæ.

D Bern. apud Novarin. in Umbra Virg. l. 4. excurſ.

14 E como poderá Chriſto ſervir de Coro
ſua Mãy Santiſſima? Como? No Roſario. N
ſaudaçoens, que damos á Mãy de Deos, lhe te
mos huma Coroa de flores: e de que flores?
huma só, que naſceo della. O Filho Chriſto, fl
de Jeſſé, he a flor, que em cada Ave Maria
juntamos, até ſe fechar toda a Coroa do Roſar
Ouvi-o naõ menos que a S. Baſilio de Seleuc
Quo laudum flore, debitam illi plectemus co
nam? Ex ipſa flos Jeſſe germinavit. Tantas fl
res, quantas ſaõ as Ave Marias do Roſario,
com propriedades taõ diverſas, quam diver
entre ſi ſaõ os Myſterios, que nelle meditam
todas ſaõ huma só flor de Jeſſé, e todas o me
mo Chriſto.

D. Baſil. Sel. orat. 29.

15 No primeiro Myſterio dos Gozoſos, e
cada Ave Maria he Chriſto huma flor, planta
no ventre da Virgem Mãy. No ſegundo Myſteri
em cada Ave Maria he Chriſto huma flor, tra
plantada nas montanhas de Judea, ſantificando
Bautiſta na Viſitaçaõ. No terceiro Myſterio,
Chriſto huma flor, que naſceo entre o feno, e
que foy reclinado no Preſepio. No quarto M
ſterio, he o meſmo Chriſto huma flor, que p
bella a apreſentaraõ no Templo, e a offerecera

a Deos

Deos. No quinto, he finalmente huma flor, da
ual brotou o fructo da Sciencia entre os Douto-
es, onde foy achado no Templo. Paſſando aos
Myſterios Doloroſos: no primeiro, he Chriſto
uma flor Jacinto; porque, á força de ſuas ago-
ias, já ſintia no Horto anticipadamente os tor-
ientos, que havia de padecer. No ſegundo, he
um encarnado cravo, tinto na purpura de ſeu
ngue, tirado á violencia de inhumanos açoutes.
lo terceiro, he propriamente huma roſa cerca-
a dos eſpinhos, que o coroavaõ. No quarto, he
um Gyraſol; (ou flor gigante, como outros
izem) porque com forças agigantadas carrega
uma Cruz ao hombro, e como Sol vay dando
yro para o ſeu ocaſo. No quinto, he huma flor
a Myrrha, moſtrando-nos evidencias de ſua mor-
alidade, quando expirou no Calvario crucifica-
o. Chegando já aos Myſterios Glorioſos: no pri-
eiro, he Chriſto hum Amarantho, flor ſempre
iva; porque reſuſcitou immortal. No ſegundo,
e propriamente a flor de Jeſſé, que deixando a
erra, onde teve, ſegundo a humanidade, a raiz;
ubio triunfante ao Ceo: *Flos de radice ejus aſ-
endet.* E porque neſtes doze Myſterios naõ ha
or, que naõ ſeja o meſmo Chriſto; por iſſo eſtima
Senhora ſer coroada no Ceo com os Myſterios
o Roſario, pois tem nelles a Chriſto por Co-
oa: *Corona capitis ejus Chriſtus eſt.*

§. IV.

16 CUido me arguis de naõ eſtarem bem aj
ſtadas as contas; porque para ſe acab
o Roſario, ainda faltaõ tres Myſterios dos Gl
rioſos, nos quaes ſe naõ acha a Chriſto, ſend
Coroa de ſua Mãy Santiſſima. No Myſterio d
vinda do Eſpirito Santo ſobre a Senhora, no d
ſua Aſſumpçaõ ao Ceo, e no de ſua Coroaçaõ r
Gloria, naõ meditamos em algum Myſterio d
Chriſto; pois como eſtimará a Mãy de Deos co
roar-ſe com o Roſario, por ſe coroar nelle co
o Filho, ſe dos Myſterios de Chriſto naõ conſt
todo o Roſario? Porque ſe bem na parte deſte
tres Myſterios naõ he Chriſto a Coroa de ſua Mã
Santiſſima, já no Ceo deſeja ella (ou eſtima
coroarſe com o Roſario; porque para incentiv
de ſua eſtimaçaõ baſtaõ os doze Myſterios, em qu
Chriſto he repreſentado no Roſario.

17 No Apocalypſe vio S. Joaõ a Mãy de Deo
coroada com doze Eſtrellas: *In capite ejus coro
na Stellarum duodecim*; e, como dizem Alapide
e Carthagena, era aquella Coroa o Roſario: *Ro
ſarium duodecim Stellarum.* Mas ſe o Roſario
com que a Mãy de Deos ſe coroa, conſta de quin
ze Myſterios, como apparecia coroada ſó de do
ze Eſtrellas, e naõ de quinze? Porque nas doze
ſe repreſentavaõ os Myſterios do Filho, que nc
Roſario ſaõ ſó doze: e quiz a Senhora moſtra
que dos quinze Myſterios do Roſario, ſaõ os per-
tencentes ao Filho os de que ella mais deſeja co-
roar-ſe. Tantoque a Senhora tem hum Roſario
com

Apoc. 12. 1. Alap in hũc locum. Carthag. Hom. 4. de Roſar.

om os doze Mysterios de Christo, já tem o que eseja no Rosario, para com elle se coroar. Diz David que toda a gloria de Maria Santissima lhe rovêm do Filho, que concebeo em seu ventre: *Omnis gloria ejus filiæ Regis ab intus.* Cassiooro, commentando o Psalmo, diz *à prole*, e ouros, *ab intus quasi in utero ejus.* Pela Gloria se ntende a Coroa: *Gloria æterna corona nuncuatur*, diz Marcellino Pisense: e se pela disposiaõ, e arbitrio da Senhora lhe fabricaramos a Coroa, constára só dos doze Mysterios de Chrito; porque nelles tem Maria Santissima toda sua gloria: *Omnis gloria ejus filiæ Regis ab inus. In capite ejus corona Stellarum duodecim. Rosarium duodecim Stellarum,*

Psal. 44. Cassiod. B. Alber. M. Valent.

Pisēs. tom. 1 Homil. de Ros.

§. V.

8 E Que faria Christo, para conresponder extremoso Filho a tanto extremo da Mãy? u digo. Aos doze Mysterios, de que a Mãy se uiz coroar, ajuntou mais tres, a saber: o Myerio da vinda do Espirito Santo sobre a Senhoa, o Mysterio de sua Assumpçaõ, e o Mysterio e sua Coroaçaõ na Gloria: e com quinze Mysteios completou, e ajuitou primoroso a Coroa do Rosario; para que a Mãy, que só com os Mysteios do Filho queria coroar-se, por industria do esmo Filho fosse tambem de seus proprios Myerios coroada no Rosario.

19 Appareceo no Apocalypse hum Cavalleiro, trazendo por divisa hum arco: *Ecce equus lbus, & qui sedebat super illum habebat arcum.* Apoc. 6. 2.

O Cavalleiro era Chriſto, diz Ferrario, e o
co os principaes Myſterios da ſua Vida, Paixa
Morte, e Reſurreiçaõ: *Arcus præcipua myſter*
Vitæ Chriſti, Incarnatio, Paſſio, Mors, & R
ſurrectio. Eſtes ſaõ os Myſterios Gozoſos, D
loroſos, e Glorioſos, de que a Senhora formou
Coroa, com que no meſmo Apocalypſe appar
ceo coroada. Pois como agora fórma Chriſto de
ſes Myſterios hum arco? Se os Myſterios da V
da, Paixaõ, Morte, e Reſurreiçaõ de Chriſt
fechavaõ huma Coroa de doze Eſtrellas na cabe
da Senhora: *In capite ejus corona Stellaru*
duodecim; como na maõ de Chriſto abrem á m
neira de arco: *Habebat arcum?* Para haver lug
onde entraſſem mais tres Myſterios; porque co
elles, fechando-ſe eſte arco, queria Chriſto fo
mar para ſua Mãy Santiſſima huma Coroa mayo
quero dizer, huma Coroa de quinze Myſterio
que he hum Roſario perfeito. Tanto ſe obr
gou Chriſto, vendo que ſó com os ſeus doze My
ſterios queria ſua Mãy Santiſſima coroar-ſe, qu
abrindo eſſa Coroa, como ſe della fizera hu
arco, lhe ajuntou mais tres Myſterios de ſua glo
rioſa Mãy, para que a Coroa da Mãy conſtaſſ
tambem dos Myſterios della.

Ferrar. in eund. loc.

20 Ora notay. Continua o Apoſtolo a rela
çaõ do Apocalypſe, dizendo que a eſte Cavallei
rõ fora dada huma Coroa: *Data eſt ei corona*:
o inſigne Carthagena, taõ douto, como devoto
diz com fundamento, e propriedade, que eſſa Co
roa era o Roſario da Senhora: *Poteſt intelligi in*
ſenſu myſtico, promiſſam coronam illam eſſe ro-
ſaceam, ex ſalutationibus angelicis contextam.

Apoc. ibid.

Carthag. Hom 4. de Roſar.

Naquel-

Naquella Coroa se achavaõ os Mysterios, que no
rco se representavaõ; porque na Coroa, e no
rco estavaõ gravados os principaes Mysterios de
Christo: por isso Arco, e Coroa eraõ symbolos
o Rosario. Pois se destes Mysterios tinha Chri-
to erigido hum arco, em que eternizou seus
riunfos: *Habebat arcum*; a que fim, desses mes-
nos Mysterios formaria depois huma Coroa: *Da-
a est ei corona*? Porque em quanto os Mysterios
raõ só os principaes de Christo, que no Rosario
aõ doze, naõ dava Christo por fechada, e total-
nente perfeita a Coroa, que ideava, e dispunha
ara sua Mãy Santissima; por isso tambem naõ pas-
avaõ esses doze Mysterios de formar hum arco
a maõ de Christo: *Habebat arcum*: *præcipua
ysteria vitæ Christi.* Porém tantoque Christo
os seus Mysterios ajuntou mais tres, que perten-
em a sua Mãy Santissima, enchendo com elles a
istancia, que havia entre as extremidades do ar-
o, estendeo a quinze Mysterios o Rosario, e
assou o que era arco a ser Coroa: *Data est ei
orona. Potest intelligi in sensu mystico, promis-
am coronam illam esse rosaceam, ex salutationi-
us angelicis contextam.*

21 Ainda naõ disse tudo. A Mãy se conten-
va com huma Coroa dos doze Mysterios de Chri-
o: *In capite ejus corona Stellarum duodecim*;
orque só queria coroar-se com os Mysterios do
ilho. Porém Christo queria que dos Mysterios
a Senhora tambem constasse a Coroa. E a que
m? Para se coroar a si com os Mysterios da Mãy,
i que a Mãy com os Mysterios delle se coroava.
la no Rosario Mysterios do Filho, para se co-

roar a Mãy? Pois haja tambem Myſterios da Mã
(diz Chriſto) para com elles ſer coroado o F
lho. De huns, e outros Myſterios conſte a Coro
do Roſario inteiro, para que o meſmo Roſario
que he Coroa da Mãy, ſeja tambem Coroa d
Filho.

22 Diz o Texto do Evangeliſta Profeta, qu
a celebre Coroa do Roſario em que fallamos, fo
ra dada a Chriſto: *Data eſt ei corona*; mas aqu
a duvida. O Roſario he a Coroa, que a Santiſſi
ma Trindade promettia á Mãy de Deos, quan
do a chamava, para a coroar no Ceo: *Veni coro
naberis de capite Amanâ, de vertice Sanir, &
Hermon*; pois ſe a Coroa, que vio S. Joaõ era
Roſario, como diz que eſſa Coroa fora dada
Chriſto: *Data eſt ei corona*? Porque neſſa Co
roa do Roſario, além dos doze Myſterios de Chri
ſto, ſe achaõ tres Myſterios de ſua Mãy Santiſſi
ma: e ſe bem o Roſario, pelos Myſterios de Chri
ſto, he Coroa para a Mãy de Deos; pelos Myſte
rios deſta vem a ſer juntamente Coroa para Chri
ſto. As glorias dos pays ſaõ coroas para os filhos
e as glorias dos filhos ſaõ coroas para os pays
Gloria namque patri natorum eſt fama, decusque
& rurſus natis eſt gloria fama parentum; diſſ
S. Gregorio Nazianzeno. Approvando Chriſto eſ
ta doutrina, ou maxima da natureza, em huma
ſó Coroa do Roſario ajuntou os ſeus Myſterios
e os de ſua Mãy Santiſſima, para que hum meſ-
mo Roſario foſſe Coroa da Mãy, e do Filho. Da
Mãy, pelos Myſterios do Filho; e deſte, pelos
Myſterios da Mãy. E porque de huns, e outros
Myſterios conſta a Coroa do Roſario; ſe dá por

D. Gregor. Naz. ad Nicobol.

Coroa

Coroa a Christo o mesmo Rosario, com que Ma-ria Santissima se coroa: *Data est ei corona: po-test intelligi in sensu mystico, promissam coronam illam esse rosaceam, ex salutationibus angelicis contextam.*

§. VI.

23 PArece que bem temos mostrado quanto a Mãy de Deos estima a Coroa do Rosario. Marcella em seu elogio de duas Coroas teceo para a Senhora huma Coroa, ajuntando nelle discretamente a Coroa da Bemaventurança com a Coroa do Rosario; porque levantando a voz, deo principio ao Rosario: *Extollens vocem: Est Rosarium vox hominis ad Deum*: e celebrou juntamente a Coroa, com que a Mãy de Deos se exalta na Bemaventurança: *Dixit illi, Beatus venter, qui te portavit.* A Christo, e a sua Mãy Santissima comprehendeo em hum só elogio; porque a ambos coroava com a mesma Coroa do Rosario. Deixo agora ao vosso conceito, e ao arbitrio de vossa razaõ, e juizo, avaliar esse quanto a Mãy de Deos estima a Coroa do Rosario, se com este quer ser na Gloria coroada. Quanto estimará a Senhora coroar-se com o Rosario, se tambem Christo quiz ter o Rosario por Coroa! Naõ podereis cabalmente comprehender tanta estimaçaõ, que a Senhora faz do seu Rosario; mas se pelo effeito quereis investigar a causa, vede o premio, e a gratificaçaõ da Mãy de Deos para com os devotos, que rezando na terra o seu Rosario, com elle a coroaõ na Gloria; e tirando fortes

tes eſtimulos para a devoçaõ do Roſario, obſer vareis a eſtimaçaõ em que a Rainha dos Anjo tem eſta Coroa.

24 Duas ſaõ as couſas, que a toda a luz ſe fa zem para a eſtimaçaõ mais dignas de preferen cia, ſegundo a ordem reſpectiva de cada huma De corpo, e alma, quiz Deos que conſtaſſe a fa brica admiravel do compoſto humano. Para o corpo, que couſa mais eſtimavel, que a ſaude: Quanta riqueza lhe deparou a fortuna, e a dili gencia, diſpenderá hum enfermo, para conſegui a ſaude. Subindo a penſamento mais alto, que couſa mais precioſa para a noſſa alma, que a Divi na graça? O ſangue, e a vida de hum Homem Deos foy o juſto preço, com que ſe comprou pa ra nós taõ grande, e eſtimavel bem. Sabey ago ra, que com huma, e outra precioſidade conreſ ponde agradecida a Mãy de Deos aos ſeus de votos, que a coroaõ com o Roſario; porque o meyo mais efficaz de impetrarmos, por interceſ ſaõ de Maria Santiſſima, a ſaude para o corpo, e a graça para vida da alma, he o Roſario.

25 Eſta concluſaõ taõ recebida, como aſ ſentada em frequentes experiencias, naõ ſe póde achar muy clara nas Eſcrituras; aſſim porque o Roſario nellas ſó ſe dá a ver em ſymbolos, e fi guras: como porque a prova della pôs Deos nos milagres do Roſario. Mas porque eſtes aſſim co mo ſaõ innumeraveis, ſaõ tambem notorios; por naõ dilatarmos o diſcurſo com huma relaçaõ neceſſariamente prolixa, recorreremos ao Sagra do Texto, que naõ deixará de nos abonar huma verdade de tanta gloria para Deos, e de tanta

hõnra

honra para sua Mãy Santissima. Vamos com a primeira parte, pelo que toca ao desempenho da Senhora, remunerando com a saude corporal a Coroa, que recebe dos que lhe rezaõ o Rosario.

26 *Vidi Civitatem Sanctam Jerusalem novam, descendentem de Cœlo.* Vi (diz S. Joaõ no mysterioso Livro do Apocalypse) Vi huma nova Jerusalem; porque vi descer do Ceo huma Cidade Santa. Admiray-vos agora do que della escreve, para admiraçaõ nossa: *Absterget Deus omnem lacrymam ab oculis eorum; non erit neque luctus, neque clamor, neque dolor erit ultra.* Enxugará Deos as lagrimas aos moradores da Cidade Santa; porque nella naõ haverá luto, nem clamor, nem alguma dor. Notavel Cidade! Oh se nella puderamos ir todos viver! Isso fora o mesmo que morar na Gloria. Mas duvido, que descendo essa Cidade do Ceo á terra, valle de lagrimas, e miserias, sejaõ os seus moradores isentos de padecer. O Filho de Deos impassivel por natureza, descendo do Ceo á terra, padeceo; e naõ ha de haver quem padeça em todo o povo de huma Cidade, que desceo do Ceo á terra: *Non erit, neque luctus, neque clamor, neque dolor!* Naõ sahiremos da duvida, sem sabermos que Cidade Santa seria esta, que desceo do Ceo. Romanio em seus Commentarios diz que he a Congregaçaõ toda dos devotos do Rosario: *Civitas Sancta est Rosarii societas.* He Cidade Santa, porque todo o seu povo se emprega em louvar a Deos, e a sua Mãy Santissima. Do Ceo diz que desce esta Cidade, porque a distribuiçaõ, que fazemos

Apoc. 21.

Vers. 4.

Roman. in Ros. Comment. lib. 1. c. 2. sect. 3. n. 2.

fazemos do Roſario, nos quinze Myſterios qu meditamos nelle, do Ceo nos foy inſpirada pel Mãy de Deos. Bem; pois já me naõ admiro d que neſſa Cidade Santa naõ haja luto lamentavel nem clamores de queixoſos, nem dor, por algun genero de enfermidade: porque a virtude d Roſario, e a acceitaçaõ com que da Senhora h recebido, ou ſára, ou preſerva aos ſeus devoto de queixas, e enfermidades. Faltára a Mãy d Deos ás leys de agradecida, ſe aſſim naõ conreſ pondera aos ſeus devotos, de quem recebe Roſario. Como eſtes lhe offerecem huma Coroa que a Mãy de Deos tanto eſtima, tambem lhe conreſponde com o que elles mais pódem cor poralmente eſtimar: *Non erit neque luctus, neque clamor, neque dolor.*

27 Eu naõ poſſo perſuadir contra a experien cia, que fortemente convence todo o diſcurſo em contrario: e entendo me eſtareis oppondo, que nos devotos do Roſario tambem ſe achaõ cla mores contra as iniquidades do mundo: dores nas enfermidades da vida: e ultimamente lutos da morte, da qual naõ ha iſençaõ. Aſſim he; e com tudo, naõ he aſſim; porque vós julgais que nos devotos do Roſario he padecer, o que, ſegundo a ordem da Providencia, he meyo para que elles naõ padeçaõ, ou males mayores neſta vida, ou na outra males eternos. Cercada de eſ pinhos eſtá a roſa, e a naõ offendem; antes a de fendem. Cercados eſtaõ os devotos do Roſa rio das penalidades do mundo, e os naõ mo leſtaõ; antes os preſervaõ de mayores dam nos.

28 O meſ-

28 O mesmo Evangelista, que diz naõ ha luo, nem clamor, nem dor alguma naquella Cidade Santa, que desceo do Ceo, diz tambem que Deos enxugará as lagrimas aos moradores della: *Absterget Deus omnem lacrymam ab oculis eorum.* Logo nessa Cidade haverá lagrimas. E como naõ haverá causa para ellas? Porque quando Deos he o mesmo que enxuga as lagrimas, naõ ha causa, nem motivo para luto, nem para clamores, ou sentimento, de que essas lagrimas se originem. Ha lagrimas na Cidade Santa, porque tem os devotos do Rosario que chorar; aliàs naõ tiveraõ a felicidade de lhes enxugar Deos suas lagrimas: e com tudo, ainda quando entra a morte a dar occasiaõ para lagrimas indispensaveis, naõ dá motivos para lutos de sentimentos: *Non erit luctus*; porque essa morte em tal era, talvez foy mais effeito da Predestinaçaõ, que tributo da propria mortalidade: *Raptus est, nè malitia mutaret intellectum ejus.* Sap. 4. 11.

Ha lagrimas sem clamores: *Nec clamor*; porque Deos sabe converter em gostos as tribulaçoens os devotos do Rosario: *Tristitia vestra vertétur in gaudium.* Ha lagrimas finalmente, que parece brotáraõ a impulso de alguma dor; mas em essa dor ha nos devotos do Rosario: *Neque dolor*, porque com dores, e enfermidades purifica Deos muitas vezes os seus escolhidos, como se vio em Tobias: *Quia acceptus eras Deo, necesse fuit, ut tentatio probaret te*; e já em verdade naõ ha dor, nem luto, nem clamores para os que saõ verdadeiros devotos do Rosario, posto que tudo pareça haver; porque Deos, que lhes Joan. 16. 20. Tob. 12. 13.

lhes enxuga as lagrimas, de tal sórte os defen
de nas molestias da presente vida, que apena
lhes deixa huma apparencia dellas: *Absterge
Deus omnem lacrymam ab oculis eorum: & mor
ultra non erit, neque luctus, neque clamor, ne
que dolor erit ultra.*

29 Naõ menos se desempenha a Mãy d
Deos impetrando, e conseguindo a Divina graç
para os seus devotos, que a coroáraõ com o Ro
sario. Esta verdade quiz a Mãy de Deos autho
rizar com seu Divino Oraculo, apparecendo,
fallando ao Patriarca S. Domingos, muy preza
do Filho de seu especial amor, a quem disse
que a Santissima Trindade, para extinguir to
dos os peccados do mundo, naõ escolhera ou
Jansen. in vit. B. Domi. tras armas, senaõ o Rosario: *Beatissima Trini
tas, ut peccata omnia deleret, arma non elec
git alia, quàm Psalterium Marianum.* O pec
cado naõ se extingue sem infusaõ da graça;
para esta se impetrar por meyo, e depecraçaõ
da Dispensadora della, o expediente mais effi
caz, e infallivel he obrigarmo-la com a devoçaõ
do Rosario: *Arma non elegit alia, quàm Psal
terium Marianum.*

30 Parece-me que esta efficacia do Rosa-
rio, para se impetrar a Divina graça, declarou
Deos com bastante expressaõ pelo Profeta Ba-
ruch: *Exue te Jerusalem stola luctus, & ve-*
Bar. 5. 1. *xationis tuæ, & indue te decore, & honore ejus,
quæ à Deo tibi est sempiternæ gloriæ.* Despe
já, oh Cidade Santa de Jerusalem [diz o Profe-
ta] o vestido de tristeza, e vexaçaõ, e veste-te
com

com a formosura, e honra da eterna gloria. Já abemos que o vestido da vexaçaõ, e tristeza, ne aquelle habito, que o peccado deixa na alma, o qual consiste na privaçaõ da graça, que se perdeo pela culpa, ou acto peccaminoso. Tambem sabemos que o vestido da formosura, e honra de eterna gloria, he a Divina graça, pela qual nos fazemos credores, e condignos da Bemaventurança, e Gloria eterna. Porém qual será a Cidade taõ feliz, que possa totalmente despir-se dos lutos do peccado, vestindo a todos os seus habitadores com a galla preciosissima da Divina graça? Que Cidade haverá neste mundo, que naõ tenha alguns moradores vestidos do luto, e exaçaõ da culpa, aindaque tenha muitos reestidos com a formosura, e honra da graça?

31 He a Cidade Santa, he a nova Jerusalem, diz o Profeta: *Exue te Jerusalem*: e esta he a Congregaçaõ de todos os devotos do Rosario. Assim o ouvimos já na interpretaçaõ de Romanio: e sem ella o dissera eu desta vez; porque o Profeta o declarou muy bem. Notay no como prosegue: *Exurge Jerusalem, stá in excelso, circunspice ad Orientem, & vide collectos filios tuos ab Oriente Sole, usque ad Occidentem, in verbo Sancti, gaudentes in Dei memoria.* Sobe, oh Cidade Santa, a hum lugar excelso, e eminente, donde alcances quanto o Sol em seu gyro comprehende, e dahi verás juntos os seus moradores, alegrando-se com a palavra do Santo, e com a memoria de Deos. Confesso que me confunde a energia do Texto, se me em- Ibid. v. 5

penho

penho em deſcobrir-lhe a intelligencia mais pr
pria. Se o povo da Cidade Santa eſtá diſpe
ſo por todo o mundo, do Oriente até o Occ
dente: *Ab Oriente Sole, uſque ad Occidente*
como diz o Profeta que o meſmo povo eſ
congregado, e junto: *Vide collectos filios tuo*
Porque todo elle, aindaque diſperſo, eſtá u
do, e compõem hum corpo myſtico, ou hu
Congregaçaõ do Roſario: *In Roſario enim*
Velon. Ser. in Dom. 1. poſt Epipha. *omnes colligimur, & recolligimur*, diz Velone
ſe. Todo elle, aindaque em partes taõ diſta
tes, tem huma ſó operaçaõ vocal, pronuncia
do a Oraçaõ do Santo, que he o Padre Noſſ
compoſta por Chriſto, Santo dos Santos, ou Sa
to por antonomaſia; e proferindo a Oraçaõ
Ave Maria, á qual deo principio o Santo A
jõ, que ſaudou a Senhora: *Collectos in ver*
Sancti. Todo elle, aindaque diſperſo em regioe
taõ apartadas, tem huma ſó operaçaõ menta
fazendo memoria; ou meditando com mui
jubilo nos Myſterios de Deos humanado, e
ſua Mày Santiſſima: *Gaudentes in Dei mem*
ria. Ceſſe pois a admiraçaõ, de que todo
povo deſſa Cidade Santa ſe reviſta precioſame
te da Divina graça; porque ſe todo elle he d
voto do Roſario, naõ ha de faltar a Mãy de De
em lhe impetrar a Divina graça, para ſer liv
de culpas: *Exue te Jeruſalem ſtola luctus,*
vexationis tuæ, & indue te decore, & hon
re ejus, quæ à Deo tibi eſt ſempiternæ gl
riæ.

32 Ao habito da graça chamou o Profeta fo
moſura, e honra da eterna Gloria, porque ao e
ta

ado da graça santificante he devida a honra, e ormosura da Gloria Celestial; e tambem esta e infallivel premio dos que com verdade saõ devotos do Rosario. Tenho razaõ, e authoridade raviſſima para o affirmar ſem receyo. Antes da zaõ, vamos á authoridade. E de quem será lla? He naõ de hum, mas de muitos authores, ue naõ valendo todos por hum em outros cas, neſte ponto baſtará hum ſó, para lhe darios inteiro credito, e indubitavel acceitaçaõ. llegarey pois deſta vez com o teſtimunho de aõ poucos demonios. Obrigados eſtes pelo Paiarca S. Domingos, quando prégava em Carſſona, diſſeraõ: *De illius Rosario fatemur initi, nullum in eo perſeverantem, æternos ſure cruciatus.* Confeſſamos com muita repugncia, que nenhum Catholico ſe condemna, perverando na devoçaõ do Rosario. A razaõ [que ora tem o ſeu lugar] he; porque a May de eos naõ ha de conſentir que eternamente haõ de padecer no inferno condemnados aquels ſeus devotos, que com os Myſterios, e Oraens do Rosario teceraõ Coroas, de que ella coroada no Ceo. Lá diſſe o pay de Samſaõ, m muita confiança em Deos, que ſe eſte o houra de condemnar á morte, naõ recebera o ſaificio, que pouco antes lhe tinha offerecido: *Dominus nos vellet occidere, de manibus noris holocauſtum, & libamenta non ſuſcepiſſet.* Judit. 13. 23 ois como conſentirá a May de Deos, que ſe condemne ao inferno hum devoto do Rosario, de ija maõ recebeo ella tantas Coroas no Ceo! Coo naõ empenhará todo o apreço de ſeus mere-

Apud Velon. Ser. in Dom. 14. poſt Trinit.

cimentos, para o ver coroado tambem na G
ria! Diſſe o Beato Alberto Magno, que por mã
de Maria Santiſſima diſpende Deos quantas g
ças, e premios diſpende com as creaturas: *M*
ria eſt diſtributrix univerſalis omnium boni
tum. Já S. Bernardo o tinha dito: *Nihil nos De*
habere voluit, quod per manus Mariæ non tra
iret. E deixará por ventura eſta Senhora
reſervar huma das Coroas da Gloria para qu
tantas vezes a coroou no Ceo, quantas lhe rez
o ſeu Roſario no terra!

Albert. M. in Bibl Mar. ſup. lib. Eccleſ. D. Bern. Ser. 4. in Vig. Nat.

33 E que ouvinte haverá taõ deſprezad
da ſalvaçaõ propria, ou taõ pouco devoto
Mãy de Deos, que efficazmente ſe naõ reſolv
offertar-lhe em cada dia huma Coroa de ro
no ſeu Roſario, para coroar no Ceo a Impe
triz do Univerſo, e eſperar della ſer coroado
Gloria? Eu diſcorro, que ſó deixará de obſequi
a Mãy de Deos com a devoçaõ do Roſario, qu
ou naõ alcança quanto eſte obſequio lhe ag
da, ou ignora o muito, que della ſe conſegue e
premio deſta devoçaõ. Mas ſempre ſe deve ſu
por, que para as Oraçoens do Roſario ſere
fructuoſas de tantos bens, e para ſer a Coroa d
le agradavel á Rainha do Ceo, e da terra, he
pureza da alma a condiçaõ mais preciſa nos q
rezaõ o Roſario. Quem a Chriſto, e a ſua M
Santiſſima louva com o ſoberano, e gratiſſim
çanto do Roſario, e naõ vive purificado de cu
pas, deſmente com o coraçaõ o que profere co
a lingua; porque com obras offende a quem lo
va com palavras.

34 Nem ſó baſta que ás Oraçoens do Roſ

io ſe ajunte a pureza da vida, para que ſejaõ gra-
as á Mãy de Deos. Tambem he precizo, que
reza delle ſeja animada com a meditaçaõ dos
Myſterios, que em ſi contém. A Coroa da Mãy de
Deos naõ deve compor-ſe de murchas, e deſma-
adas flores: e taes ſaõ as Oraçoens do Roſario,
da meditaçaõ dos Myſterios delle naõ recebem
ento, e vitalidade. Repetir cento e cincoenta
ezes a Ave Maria, diſtinguindo-as com o Pa-
re Noſſo quinze vezes repetido, ſem reflexaõ
os Myſterios, ſerá rezar huma Oraçaõ, e outra
uitas vezes; mas naõ he rezar o Roſario, que
ualmente conſta de Oraçoens, e Myſterios, e
m huma parte vocal, outra mental. Faltando
ualquer dellas, he Roſario com defeito, de que
Mãy de Deos pouco ſe agrada. Naquella cele-
e Eſcada de Jacob, dizem muitos, com o Car-
agena, que ſe repreſentava o Roſario: *Roſa-*
um eſt myſtica Scala Jacob. Quinze eraõ os ſeus
gráos, a cuja imitaçaõ, como diz S. Beda,
mpôs David os ſeus quinze Pſalmos Graduaes:
nelles ſe repreſentavaõ os Myſterios de Chriſto,
mo entendeo S. Bernardino de Sena. Quinze
õ tambem os Myſterios do Roſario, que com
da eſta propriedade foy repreſentado neſſa eſ-
da. Subiaõ, e deſciaõ Anjos por ella, como
ſcorrendo pelos ſeus quinze Myſterios, e dan-
já principio ao Roſario. Mas naõ ouvio Jacob
zes dos Anjos, como ſe ouviraõ em Belem,
ſcido Chriſto. As vozes proprias dos Anjos ſaõ
ſeus conceitos: com eſtes celebravaõ os Myſ-
rios do Roſario; como ſe já de entaõ recom-
endaraõ aos que o rezaõ, a meditaçaõ dos My-

Carthag. Homil. de Roſar.

ſterios de que conſta. Hum Roſario rezado cõ
devoçaõ pura, e meditado com a ternura, e pi
dade, que merecem os ſeus Myſterios, he hu
precioſa Coroa para a Máy de Deos, he hu
forte empenho para com ſeu patrocinio conſ
guirmos os bens corporaes, e eſpirituaes, e p
meyo deſtes huma Coroa na eterna Gloria.

SERMAÕ VII.
DO SANTISSIMO SACRAMENTO.
NA IGREJA DA CANDELARIA
do Rio de Janeiro. Anno de 1739.

Caro mea verè eſt cibus, & ſanguis meus verè eſt potus. Qui manducat meam carnem, & bibit meum ſanguinem, in me manet, & ego in illo. Joan. 6.

§. I.

QUE feſtivo, e que mageſtoſamente ornado vemos eſte Templo! (Senhor.) Que alegre, e que glorioſa conſidero eu, e devemos todos conſiderar a Igreja Catholica á viſta de taõ grande, e taõ publica ſolemnidade! Eſtas paredes taõ ricamente veſtidas; eſtes Altares taõ preciosamente

nados; a multidaõ das luzes, que ardendo n
quelle throno daõ novo reſplendor a tanto o
ro, de que eſtá cuberto; a aſſiſtencia de tant
Miniſtros do Altar, de tantos Confrades deſta I
mandade, empenhados em ſolemnizar o Sacr
mento admiravel do Corpo, e Sangue de Chr
ſto; e finalmente eſte grande concurſo, que co
devoçaõ, e reverencia faz companhia aos Anj
na adoraçaõ deſte Myſterio, que outra couſa
para a Santa Igreja noſſa Mãy, ſenaõ hum ene
plicavel jubilo, e huma incomprehenſivel glori
em que ſe eſtá banhando, por ver em ſeus filh
eſta publica oſtentaçaõ da grande Fé, com q
crêm, e confeſſaõ que naquella Hoſtia Sacr
mentada eſtá Chriſto taõ verdadeiramente, con
no Throno da Gloria eſtá no Ceo, e como eſt
ve na terra, antesque ſe auſentaſſe della!

2. A Igreja de Deos começou em Adan
porque ſe a Igreja he huma Congregaçaõ de Fie
com Adam deſde o principio do mundo c
meçaraõ a haver nelle eſcolhidos, que adorava
ao verdadeiro Deos; e pela Fé, que nelle tinha
o invocavaõ, e lhe offereciaõ ſeus ſacrificios e
todo o tempo da Ley Natural, que principio
no primeiro homem, e muito mais no tempo d
Ley Eſcrita, em que Moyſés teve ſeu princ
pio. Mas perguntára eu, ſe nos annos, que co
reraõ de Adam até Moyſés, e de Moyſés at
Chriſto, houve na Igreja daquelles tempos Fé, o
noticia do Myſterio, que feſtejamos? Reſolve
remos todos, que geralmente naõ, e o Evange
lho o prova; porque quando os Judeos, qu
eraõ os profeſſores da Ley Eſcrita, e quando o
Eſcri

ſcribas, que eraõ os Doutores, e Interpretes das ſcrituras, ouviraõ a Chriſto, que o ſeu corpo ra verdadeira comida, que o ſeu ſangue era verdeira bebida: e que eſſa comida, e bebida era eceſſario alimento para a vida celeſtial, e eter-a; nem creraõ, nem entenderaõ o Myſterio do ue lhes dizia Chriſto; antes o impugnáraõ, porue o tiveraõ por impoſſivel: *Litigabant ergo udæi adinvicem dicentes, quomodo poteſt hic obis carnem ſuam dare ad manducandum?* diz Texto. *Litigabant, quia non intelligebant,* ommenta S. Beda Veneravel. *Quia dicebant hoc ſe impoſſibile,* expõem S. Joaõ Chryſoſtomo. E mais he, que dos Diſcipulos de Chriſto, a muis cauſou tanta novidade eſta doutrina; e nocia do Myſterio Euchariſtico, e tanta difficulade tiveraõ em acreditá-la, que como eſcandazados de a ouvir, deixáraõ a Eſcóla, e compahia do Divino Meſtre: *Ex hoc, multi Diſcipurum ejus abierunt retro, & jam non ambulant cum illo*; refere S. Joaõ.

Joan. 6. 53.

Bed. chryſoſt in caten. D. Thom.

Joan. 6. 67.

3 Sobre iſto duvidarey agora. A Adam foy evelado o Myſterio da Incarnaçaõ naquelle ſomo, ou extaſis, que teve no Paraiſo, ao tempo a formaçaõ de Eva. Aſſim o entendem os Exoſitores com S. Jeronymo, Santo Agoſtinho, S. ernardo, e outros Santos Padres. O meſmo lyſterio ſe revelou depois a Abraham, a Iſaac, Jacob, e a David; porque lhes foy prometti-o que na deſcendencia delles incarnaria Deos: aſſim de pays a filhos, deſtes a netos, paſſava aõ ſó a Fé, mas tambem a Eſperança do Meſſias, Deos, e Homem: *Donec veniat, qui mittendus eſt,*

D. Hier. apud Fern. in 2. Gene. D. Aug. lib. 9 de Gene. ad lit. c. 19. D. Bern. S. in Vig. Nativ.

Geneſ. 49. 11.

est, & ipse erit expectatio gentium. Pois se Deo já do principio do mundo, fiou da sua Igreja segredo, ou Mysterio da Incarnaçaõ; como lh occultava o do Sacramento Eucharistico? Po que na Fé da Igreja, em tempos da Ley Natura e Escrita, geralmente naõ cabia Mysterio ta profundo, e taõ alto, como o deste Sacrament Durante o extasis de Adam, tambem lhe foy r velado o Mysterio altissimo da Trindade, quand se lhe revelou o da Incarnaçaõ, como assenta os Theologos, e Expositores com Santo Epiph nio, e outros. Moysés o incluîo nas primeir palavras, com que escreveo a Sagrada Historia; em todo o primeiro capitulo do Genesis vay i trometrendo huma subtil, e mysterioſa noticia d Deos Trino, como bem advertiraõ, e notara Origines, Santo Agostinho, Ruperto Abbade, o Doutor Angelico. Igualmente he sem contr versia, que David, Isaias, Jeremias, e alguns ou tros Profetas, no que escreveraõ nos deixaraõ lu para a Fé do Mysterio da Trindade; aindaqu naõ taõ clara, que se fizesse notoria aos Catholi cos da Igreja antiga, porque naõ havia nelles di posiçaõ para receberem geralmente a Fé explic ta de Deos em natureza Uno, e em Pessoas Tri no. Naõ de outra sorte, mas sim pela mesma ra zaõ, lhes era occulta a noticia do Mysterio, e que Christo sacramentaria seu Corpo, e Sangue porque se naõ dispunhaõ para taõ grande Fé, co mo para a confissaõ deste Mysterio se requer.

D. Epiph. initio lib. 1. con. hær. & alii SS. PP. apud. Suar. l. 3 de ope. 6. dier. c. 18. Valent. 1. p. d. 7. q. 2. p. 1. Alap in c. 2. Gen, v. 21.

Orig. & alii apud Gonet. t. 2. tract. 6. disp proœm. a. 2. Pſ. 66. v. 7. 8. Isai 6. v. 3. Jerem. 1. v. 6 Sic Vieg. in Apoc 9. sect. 5. n. 4.

4 A Arvore da Vida plantada no Paraiso, paõ, e vinho, que offerecia o Sacerdote Melchi sedech, o sacrificio de Isaac, o Manná, ou Paõ

do

lo Ceo, os Paens de proposiçaõ, o Cordeiro Pas-
hal eraõ figuras do sacrificio do Altar, e Sacra-
nento Eucharistico, significado já em tempo das
Leys, Natural, e Escrita; mas nem por isso era
ulgar a intelligencia destas figuras. Andava co-
no em segredo este Mysterio entre os grandes
Patriarcas, e Profetas daquelles tempos. Jacob
alvez teve delle revelaçaõ, quando de Christo
isse: *Lavabit in vino stolam suam, & in san-* Genes. 49.
guine uvæ pallium suum. Zacarias o profetizou: 11.
Quid enim bonum ejus, & quid pulchrum ejus, Zacha. 9. 11
nisi frumentum electorum, & vinum germinans
virgines. David bem se vê que com o lume pro-
ético alcançou noticia deste Sacramento; sem a
qual naõ diria: *Sacerdos in æternum secundum* Ps. 109. 4.
ordinem Melchisedech. Memoriam fecit mirabi- Ps. 110. 5.
lium suorum, misericors, & miserator Dominus
escam dedit timentibus se. Salomaõ, que nos seus
Canticos deixou escritos os Mysterios da Igreja,
naõ passou este em silencio. Fallou delle com do-
ura digna da interpretaçaõ do Melifluo Doutor
S. Bernardo: *Sub umbra illius, quem desidera-* Cant. 2. 3.
veram sedi, & fructus ejus dulcis gutturi meo. D. Bern. Ser. 48.
Mas nem Salomaõ, nem David, nem Zacarias,
nem Jacob se explicaraõ tanto, que já entaõ fos-
se claro, e percebido o Mysterio de que fallavaõ;
porque naõ fluctuasse a Fé dos que o ouviaõ.
Chegou porém o tempo da Ley da Graça, em que
Christo fundou a sua Igreja, e nella he taõ firme
a Fé do Mysterio, e Sacramento Eucharistico, que
publica, e solemnemente o adoramos, e festeja-
mos, assim como publicamente o confessamos. Sa-
lomaõ disse, que a Igreja era similhante á Aurora,
á Lua,

Cant. 6. 9. á Lua, e ao Sol: *Quasi Aurora consurgens, pul-chra ut Luna, electa ut Sol.* Nos tempos da Le Natural, e Escrita, foy como Aurora, e como Lua porque resplendecia entre sombras, que suppost representavaõ, tambem encobriaõ os Mysterios d Ley da Graça. Veyo depois Christo ao mundo, fun dou nova Igreja, na qual resplendecendo clara mente a luz do verdadeiro Sol, desappareceraõ a sombras, appareceraõ os Mysterios, que se repre sentavaõ nellas; e o do Corpo, e Sangue de Chris to Sacramentado, que excedia a Fé dos filhos d Igreja antiga, he confessado, reconhecido, ado rado, e solemnizado por todos os filhos da Igreja Pois como se naõ encherá esta de prazer á vista d tanta Fé, quanta expressamos nesta solemnidade.

5 A grandeza, e profundidade deste Mysterio que taõ recatado o fez, e teve em tanto segredo no antigos seculos do mundo, toda consiste em que debaixo das especies de paõ, e vinho está Christo verdadeiramente; mas de sórte, que o seu Corpo se nos dá em comida, e o seu Sangue em bebida: e por virtude desta comida, e bebida, quem cõmunga a Christo Sacramentado, fica nelle; e fica tambem Christo em quem o cõmunga Sacramentado. Isto, q bem cabe na nossa Fé, tanto excede a nossa, e a to da a intelligencia creada, que só com admiraçoen exprime a Igreja quanto crê, e confessa deste Sacra-

Ex Offic. in Festo Corp. Christi. mento: *O Sacrum convivium, in quo Christus sumitur!* Quiz S. Paulo que formassemos algum conceito do vastissimo, e incomprehensivel abys-mo da Sabedoria, e Sciencia de Deos, e naõ achan-do termos com que o désse a entender, rompeo

Ad Rom. 11 33. nesta admiraçaõ: *O altitudo divitiarum Sapien-*

tiæ,

iæ, & Scientiæ Dei, quàm incomprehensibilia sunt judicia ejus! Em admirar o que naõ comprehendia, exprimio a grandeza do que naõ pode alcançar. Com os mesmos termos se explicou a Igreja absorta no Mysterio, que festejamos: *O Sacrum convivium, in quo Christus sumitur!* Nesta admiraçaõ quiz incluir a Igreja quanto neste Sacramento se encerra, sem que o penetrem os entendimentos creados. Huma admiraçaõ he termo mais que infinito; porque comprehende em si o mesmo incomprehensivel. O termo com que a natureza, ainda entre as naçoens barbaras, exprime a sua admiraçaõ, he hum O! Nesta letra, e em sua circular figura se encerra a infinidade; porque nenhuma grandeza he taõ incomprehensivel, que naõ fique nella indicada com huma admiraçaõ. Mas ó Mysterio do Sacramento Eucharistico! Huma, e muitas vezes, mais que incomprehensivel; porque muitas vezes mais que admiravel: *Omni admiratione major*, lhe chama o Cardeal Torquemada. Naõ basta huma, nem muitas admiraçoens bastaõ para exprimir a excellencia, e grandeza do mais que admiravel, e por isso mais que incomprehensivel, Mysterio do Sacramento: *Omni admiratione maior.* Turrecrem. Opusc. de Divinis. Sacr.

6 S. Leaõ Papa disse com a sua rara elegancia, que quanto a materia he mais incomprehensivel, tanto he mais vasta para os Oradores; porque naõ podem faltar razoens, e palavras para elogios, quando sobra o assumpto para se discorrer: *Cùm ipsa materia, ex eò quod est ineffabilis, fandi tribuat facultatem.* Com esta doutrina, quando cheio de admiraçaõ, mais absorto me achava para discorrer, me persuadi que teria larga materia para D. Leo Serm. 11 de Passio.

os

os louvores daquelle Sacramento, que excede a t
do o louvor: *Maior omni laude*; e nas palavras
thema a deſcobri muy propria. Nelle achamos, q
neſte Myſterio ha razaõ de Sacrificio, e de Sacr
mento. De Sacrificio; porque o Sangue de Ch
ſto, ſegundo a força das palavras, e fórma da Co
ſagraçaõ, eſtá effundido, e ſeparado de ſeu Cor
Euchariſtico: *Caro mea*: *Sanguis meus*; e ne
myſterioſa effuſaõ, e ſeparaçaõ do Sangue conſi
a verdade, e ſubſtancia do Sacrificio. De Sacr
mento; porque o Corpo, e Sangue de Chriſto
commungado, e recebido por nós: *Qui manduc
meam carnem, & bibit meum ſanguinem*; e na co
munhaõ ſe nos communicaõ os effeitos, que e
nós cauſa o Corpo, e Sangue de Chriſto em quan
Sacramento. O Sacrificio diz ordem a Deos; po
que a elle he offerecido: o Sacramento diz orde
a nós; porque o recebemos, e para nós foy inſt
tuido. E para que neſte Myſterio admiremos a ex
cellencia do Sacrificio, e os effeitos do Sacrame
to; hey de ponderar a honra, que a Deos reſul
deſte Sacrificio; e a utilidade, que para os home
ſe acha neſte Sacramento. Como todo o Sacrame
to cauſa graça, por meyo de Maria Santiſſima
imploramos do meſmo Sacramento, em que eſt
ſacrificado o Author da graça.

AVE MARIA.

§. II

§. II.

Caro mea verè est cibus, & Sanguis meus verè est potus.

TUdo creou Deos para gloria sua; porque só Deos póde ser o ultimo fim de suas obras; e sendo todas ellas taõ perfeitas, naõ podia deixar de gloriar-se muito o seu Author. No primeiro dia de suas producçoens visiveis, creando o Ceo, a terra, e os elementos, creou tambem a luz, e louvou a formosura della: *Vidit Deus lucem, quod esset bona.* No segundo dia fez no meyo das agoas o Firmamento, e o exaltou á celestial eminencia, de que era digna taõ nobre esféra, e louvou Deos a perfeiçaõ do que tinha obrado: *Et vidit Deus quod esset bonum.* No terceiro dia ajuntou a huma parte as agoas, appareceo a terra, e a vestio de arvores, e plantas: e louvou Deos quanto neste dia obrara: *Et vidit Deus quod esset bonum.* No quarto dia ornou o Firmamento de luzidos astros, que dividissem os dias, e as noites; indicassem, e distinguissem os annos, e os tempos: e louvou Deos o primor, com que vio brilhar o celeste globo: *Et vidit Deus, quod esset bonum.* No quinto dia povoou de viventes irracionaes o ar, e o mar; e vendo Deos aquella innumeravel variedade, com que o sensitivo se dilatava por duas regioens taõ vastas, louvou a bondade do que tinha feito: *Et vidit Deus quod esset bonum.* No sexto dia, depois de crear os brutos, que sobre a terra se movem, formou o homem,

Genes. 1. 4.

Genes. 1. & multoties ibidem.

mem, para cuja habitaçaõ, e imperio, tanto hav
produzido neſte, e nos precedentes dias: e par
raõ aqui as obras de Deos; porque era o homem
o fim proximo, e immediato dellas. Eſtendend
entaõ Deos os olhos por tantas creaturas, que
ſua Omnipotencia extrahio do nada, louvou quan
to tinha feito, naõ ſó por bom, mas por muito bom
Geneſ. 1. 31. *Vidit Deus cuncta quæ fecerat, & erant valde bona.* Deſorte que a cada operaçaõ ſua ſe eſtav
Deos louvando a ſi meſmo, e como gloriando-ſe n
que obrava; porque tudo obrava ultimamente pa
ra gloria ſua.

8 Porém he certo, que ſe Deos creára quan
tos mais mundos póde a ſua Omnipotencia crea
nem de todos elles reſultára para Deos tanta gloria
quanta ſe lhe deve; porque Deos ſempre he dign
de mayor honra, e de gloria mayor da que lhe pó
dem dar juntas todas as creaturas poſſiveis. E qu
diſporia Deos, para haver quem lhe déſſe toda
honra, e toda a gloria, de que elle he taõ merece
dor, e taõ digno? Decretou, que incarnaſſe o ſeu
Unigenito Filho; porque ſó huma Peſſoa Divina
lhe poderia offerecer, e dar a infinita honra, e a
infinita gloria, que lhe he devida.

9 Agora me ocorre huma queſtaõ bem cele-
bre entre os Theologos. Perguntaõ; ſe Deos de-
cretou a Incarnaçaõ do Divino Verbo pela excel-
lencia de taõ admiravel Myſterio, ou ſe pela Re-
dempçaõ dos homens? Mais claro. Perguntaõ;
ſe Deos, attendendo ſó para a excellente obra do
Verbo Divino feito Homem, incarnaria aindaque
naõ peccaſſe Adam? A opiniaõ, que diz incarnaria
o Filho de Deos, poſtoque Adam naõ peccaſſe,
he

ie de Authores graviſſimos, e de Santos Padres, a razaõ mais propria, e quaſi conducente por ſta parte, he; porque Deos em todas as ſuas opeaçoens ſempre teve por ultimo fim, e motivo a ua honra, e a ſua gloria: e ſó incarnando huma 'eſſoa Divina, haveria quem honraſſe, e glorifiaſſe a Deos taõ perfeita, e juſtamente, como el- e merece, e deve ſer honrado, e glorificado. ogo aindaque a Incarnaçaõ do Divino Verbo naõ ora neceſſaria para perfeita ſatisfaçaõ da culpa, Redempçaõ do mundo, ſempre a diſporia Deos, ara que no mundo houveſſe quem perfeita, e dequadamente o honraſſe, e glorificaſſe. Naſcio Chriſto, cantavaõ os Anjos eſte Hymno: *loria in altiſſimis Deo*: glorificado eſtá Deos no eo. Como ſe diſſeraõ os Anjos: Agora ſim ha no undo quem poſſa glorificar a Deos, quanto elle eve ſer glorificado; porque antes deſte naſciento feliz, nem toda a multidaõ dos Anjos baſva para glorificar a Deos: *Ante Salvatoris ortum, nec Cæleſtia reverentiam deferebant*, diz anto Ambroſio. E porque o fim primario do Dino Verbo Humanado era a gloria pleniſſima, ie Chriſto havia dar, e offerecer a Deos; por ſo quando os Anjos o viraõ naſcido, cantaraõ oria a Deos, como primeira reſultancia, e proio fim de vir Chriſto ao mundo: *Gloria in alſſimis Deo.*

Barthol. Durand. tom. 4. Scot. Theol. diſp. 4. q. 1. & cõmuniter Scotiſtæ.

Luc. 2. 14.

10 Suppoſta eſta doutrina, e aſſentada eſta reluçaõ, excitára eu novamente outra queſtaõ ais propria da occaſiaõ preſente, e para entrar or ella ao propoſto aſſumpto; e perguntára: Se ſtaria a Incarnaçaõ do Verbo, e exiſtencia de Chriſto,

Chriſtõ, para que delle recebeſſe Deos toda a ho
ra, e toda a gloria de que he digno? Direis t
dos que ſim: e direis bem, ſe vos explicares m
lhor. E eu direy que naõ; mas para que ente
dais que digo bem, e que nos conformamos t
dos no que dizemos, eſperay que me decla
mais.

11 Digo pois que, ainda ſuppoſta a Incarn
çaõ do Divino Verbo, ſe Chriſto naõ inſtituira
Sacrificio de ſeu Corpo, e Sangue, em que p
nós ſe offerece ao Eterno Padre, naõ receber
Deos toda a honra, e toda a gloria, que lhe
devida. A razaõ he; porque huma das acçoer
(e a mais principal) com que honramos, e glo
ficamos a Deos, he a offerta dos Sacrificios: p
iſſo deſde o principio do mundo começaraõ
primeiros homens a offerecer ſeus ſacrificios
Deos. Sacrificavaõ-lhe os fructos da terra, em
nal de ſer Deos o liberal Senhor, de cuja maõ
recebiaõ. Sacrificavaõ lhe animaes, que matava
em reconhecimento de ſer Deos o Author, e S
nhor da vida: e em final de que por elle daria c
da hum a propria vida, ſe fora de ſeu Divino agr
do. Mas nenhum deſtes ſacrificios era o que ba
tava para ſe offerecer a Deos, porque todos e
les eraõ improporcionada offerta para taõ alto S
nhor. Fez-ſe Homem o Divino Verbo, inca
nou o Filho de Deos, e inſtituio o Sacrificio do A
tar, em que Chriſto derrama o ſeu Sangue, e o
para de ſeu meſmo Corpo, ſegundo a ſignificaça
e força das palavras, de que uſou neſte Sacrifici
mas por modo taõ admiravel, que no Corpo a
ſim ſeparado lhe fica o Sangue, Alma, e Divindad

N

No Sangue aſſim derramado, lhe vay o Corpo, a Alma, e a Divindade. Em fim, inſtituio hum Sacrificio taõ nobre, e taõ precioſo, como he o meſmo Deos, a quem ſe offerece o tal Sacrificio; porque nelle ſe offerece a Deos o ſeu proprio Filho. Deſorte que nem Deos póde eſperar mayor honra da que ſe lhe dá no Sacrificio do Altar; nem, com ſer Deos, he digno de mayor honra, da que recebe neſte Sacrificio: porque ſe bem he digno de infinita honra; infinita ſem duvida he a honra, que ſe lhe dá, quando no Sacrificio do Altar ſe lhe offerece o ſeu meſmo Filho. Nem he poſſivel que em final do ſupremo dominio, e reconhecimento de ſua Divindade, ſe offereça a Deos maior couſa, ou mais eſtimavel.

12 Reflecti agora melhor na razaõ, de dizer eu, que da Incarnaçaõ do Divino Verbo, precizamente, naõ reſultou para Deos tanta honra, e tanta gloria, quanta lhe reſulta do Sacrificio do Altar: ainda que ſubſtancialmente lhe naõ podia reſultar menor gloria de hum Myſterio, que de outro. Incarnado o Verbo (vay a razaõ) daria Chriſto a Deos quanta adoraçaõ elle merece, e lhe daria todos os louvores, que lhe ſaõ devidos: mas ſem que Chriſto ſe offereceſſe em Sacrificio a Deos, he certo que naõ ſe lhe offerecia o Sacrificio mais puro, mais ſanto, mais digno, e mais excellente, que ſe póde offerecer a Deos, ſendo eſte culto o final mais expreſſivo da noſſa adoraçaõ, e de ſua ſoberania. E para que naõ faltaſſe a Deos a honra, e a gloria de lhe offerecer o Sacrificio mais digno de ſua infinita, e tremenda Mageſtade, naõ baſtava ſó que Incarnaſſe o Divino Verbo, era precizo que inſti-

tuisse tambem o Sacrificio do Altar, para nelle offerecer a Deos seu proprio Filho, e por este myo haver hum acto taõ principal de Culto, Religia e Latria, plenamente digno do mesmo Deos.

13. Naõ deixo de advertir, que tambem na Cru foy Christo sacrificado, e offerecido ao Eterno P dre. Hum mesmo Cordeiro Divino, que se off receo no Sacrificio da Cruz, he o que se offere no Sacrificio do Altar. E quando este naõ fora in tituido, no Sacrificio da Cruz recebera Deos a me ma honra, e a mesma gloria, que recebe quand no Altar lhe he sacrificado o seu Unigenito Filh Tudo he assim; mas bem sabeis, que sendo a Vict ma na Cruz a mesma que no Altar: e sendo Christ o que internamente se offerecia a si mesmo, tant no Altar, como na Cruz, houve muita differenç entre os ministros de hum, e outro Sacrificio; por que na Cruz os Judeos, e os Gentios foraõ os ex ecutores do Sacrificio, quando com a mayor ma dade tiráraõ a Christo a vida: no Altar porém, Ministro do Sacrificio foy Christo, quando com mayor caridade para com os homens, e com a ma yor reverencia para com Deos, se lhe offereceo. Po esta parte, segundo a differença, e execuçaõ dos mi nistros, foy o Sacrificio do Altar o mais puro, mais santo, o mais excellente, e o mais digno, que se podia offerecer a Deos: sem que para a honra, e gloria, que lhe resulta das circunstancias deste Sa crificio, bastasse precizamente haver incarnado o Verbo, ou ser Christo crucificado na Cruz; mas antes a Incarnaçaõ do Verbo, e Morte de Chri sto diremos foy ordenada, para que se désse a Deos no Sacrificio do Altar tanta honra como lhe he devida, e lhe resulta delle. §. III.

§. III.

AGora me parece eſtar de todo bem entendido o meu conceito: nem me ſerá difultoſa a mim a perſuaſaõ; nem a vós a approvaõ delle. Attendey-me. Aſſentaõ graves Theogos, que a Incarnaçaõ do Divino Verbo fora o otivo, ou o fim, que teve Deos para crear o mun, e quantas creaturas ha nelle: e que o fim, ou otivo de incarnar o Divino Verbo fora a gloria menſa, que deſte grande Myſterio havia de retar para Deos. Santo Thomaz deſcobrio eſta utrina naqueilas palavras do Apoſtolo: *Omnia ſtra ſunt, vos autem Chriſti, Chriſtus autem ei.* Eu porém, ſem que me aparte do que enſiõ taõ grandes Meſtres, exporey com mais diſçaõ o que elles naõ chegaraõ a declarar, ven que para os ſeus Tratados Eſcolaſticos ſe naõ queria mais eſpeculaçaõ. Digo pois que a Incarçaõ do Divino Verbo foy fim o motivo de crear os o mundo; mas o fim immediato, que teve os, para decretar, e querer a Incarnaçaõ de Unigenito Filho, e exiſtencia de Chriſto, foy nſtituiçaõ do Sacrificio do Altar; porque delle imamente reſultaria para Deos a mayor, ou nma glorificaçaõ; que era o fim ultimo da Inrnaçaõ do Verbo, e do meſmo Sacrificio do Al-

D. Thom. apud Gonet. t. 4. tract. de Incar. diſp. 5 §. 6. n. 55. Alex. Alenſ. Albert. Claud. taur. Cathar. & alii quos ſeq. Suar. in 3. p. q. 1. a. 1. diſp. 5. ſect. 2. 1 Ad Corint. 3. 22. & 23.

15 Parecer-vos-ha, que digo huma novidade eſta hora inaudita; mas o certo he que muito es o diſſe Santo Agoſtinho: *Ut panem Angerum manducaret homo, Dominus Angelorum fa-*

D. Aug. Ser. 13. de Tẽp.

Ctus eſt homo. A fim de que Chriſto ſe offereceſſ
ao Eterno Padre em Sacrificio, debaixo das eſp
cies de paõ, e vinho, em que nos deixou o ſe
Corpo, e Sangue Sacramentado, ſe fez Homem
Senhor, e Creador dos Anjos. Ao noſſo intent
parece que o naõ poderia dizer com mais expre
ſaõ a grande Aguia entre os Doutores da Igreja
a quem ſeguem no meſmo ſentir naõ poucos d
Expoſitores. O Famoſo Alapide aſſenta, e reſo
ve que eſte Sacrificio fora naõ ſó o fim, mas
complemento de todos os Sacramentos: *Omniu*
Sacramentorum complementum, & finis. Fallo
com eſta generalidade; porque ſendo a Incarnaça
do Divino Verbo (como diz repetidas vezes S
Paulo) aquelle Sacramento ineffavel, por tanto
ſeculos occulto, e conſervado entre os ſegredo
Divinos; até deſſe Myſterio foy motivo, e fim
Sacrificio do Altar. O noſſo Doutiſſimo Portu
guez Serpa, que do Myſterio Euchariſtico eſcre
veo taõ larga, como profundamente, diſſe que e
te Sacrificio era o fim de todos os Myſterios d
Ley da Graça: *Finis myſteriorum Legis novæ.* C
primeiro dos Myſterios da Ley da Graça foy o d
Incarnaçaõ, e aſſim eſte, como os mais, todo
foraõ diſpoſtos pela ſobrenatural Providencia,
fim de que na Igreja ſe offereceſſe a Deos o Sacri
ficio Euchariſtico. Naõ reparais que podendo
Filho de Deos unir a ſi a natureza Angelica, dividi-
da por nove Coros, em eſpecies quaſi innumera-
veis, ſó a humana quiz unir a ſi incarnando? Sim.
Pois ſe em tomar o Divino Verbo alguma nature-
za creada, punha Deos a oſtentaçaõ mayor de ſua
gloria; como para eſte fim naõ eſcolheo alguma
de

Alap. in Epiſt. ad Epheſ. c. 5. v. 30.

Ad Epheſ. c. 1. v. 9. & c. 3. v. 9.

Ant. Serp. in Euchar. Chronol. Ennarat. 7. Fig. arth. n. 28.

e tantas naturezas Angelicas, taõ nobres, e taõ ublimes? Admiraveis ſaõ as repoſtas, que daõ os heologos neſta duvida; mas como os juizos de eos ſaõ incomprehenſiveis, nem cabem no que umanos juizos pódem deſcobrir, ainda nos deiáraõ lugar para aſſignarmos a noſſa, que naõ ſe- a menos principal, porque ſerá talvez a mais ara. He pois a razaõ; porque ſe o Divino Ver- ſe fizera Anjo, haveria ſim neſſe Deos, e An-, o meſmo Myſterio excellente, que ha em Deos ito Homem; mas Deos feito Anjo naõ poderia ferecer-ſe em Sacrificio; porque a natureza An-elica he immortal, e naõ ſe póde ſacrificar. Eſ-lheo pois o Verbo unir a ſi a natureza humana; rque neſta podia offerecer-ſe em Sacrificio a eos: que era o fim mais immediato de tomar ma natureza creada, como o fez quando in-rnou.

16 Parece que he tempo de ouvirmos ao Sa-ado Texto, como Oraculo de Myſterios Divi-s. Depois que Chriſto inſtituio o Sacrificio de u Corpo, e Sangue, fallando a ſeu Eterno Pa-e, diſſe: *Opus conſummavi, quod dediſti mihi, faciam.* Eterno Padre, eſtá já conſummada, e rfeita a obra, para a qual me mandaſtes ao mun-. Notavel he a difficuldade, que encontraõ os xpoſitores na interpretaçaõ deſte Texto. Por-ue ſe o Filho de Deos veyo ao mundo, a fim do yſterio de ſua Incarnaçaõ, muito antes eſtaria conſummada eſta obra; porque conſummada eſ-era deſde que Chriſto foy concebido. Se porém yo a fim de remir os homens, eſtaria ainda por conſummar eſta obra; porque a Redempçaõ ain-

Joan. 17.

da ſe havia de conſummar na Cruz. Pois como di
Chriſto que conſummara a obra, a que veyo a
mundo, tantoque inſtituio o Sacrificio do Altar
A meſma duvida eſtá deſcobrindo a repoſta, e in
dicando que o Sacrificio do Altar foy o imme
diato fim da Incarnaçaõ do Verbo, e vinda d
Chriſto ao mundo. Incarnou, e morreo, mas tu
do a fim de ſe offerecer em Sacrificio ao Eterno
Padre, porque ſe naõ incarnára, e morrera, na
ſe pudera offerecer no Sacrificio do Altar, qu
he memoria, e repreſentaçaõ do Sacrificio,
morte da Cruz. Por iſſo, muito depois de incar
nar, e ainda antes de ſer crucificado, dava já
Filho de Deos por conſummada a obra, que o trou
xe ao mundo, tantoque inſtituio o Sacrificio d
ſeu Corpo, e Sangue Euchariſtico: *Opus conſũ
mavi, quod dediſti mihi ut faciam.*

17 A razaõ de tudo incluio Chriſto no meſ
mo Texto, que acabamos de ponderar, e he
porque o empenho particular da Incarnaçaõ do Di
vino Verbo, depois da culpa de Adam, foy o ze
lo de reſtituir a Deos a honra, e gloria, que ſe lhe
tirou, quando com a ſua culpa o injuriou o pri
meiro homem: e tantoque Chriſto ſe offereceo em
Sacrificio a Deos na Cea Euchariſtica, lhe reſti
tuio, e deo toda a honra, e toda a gloria de que
Deos he digno. No meſmo Texto de S. Joaõ te
Ibid. mos tudo: *Ego te clarificavi ſuper terram*, (diſ
ſe Chriſto) *opus conſummavi, quod dediſti mihi,
ut faciam.* O Texto Syriaco verteo: *Ego jam te
glorificavi.* Eu já vos glorifiquey (Eterno Padre)
porque conſummey já a obra, que me encommen
daſtes. Aſſentamos que eſta obra era o Sacrificio
do

lo Altar; porque entaõ o acabava Christo de inſ-
ituir: e o meſmo Christo diſſe, e tornou a dizer,
que neſſe Sacrificio entaõ inſtituido por elle, fo-
a Deos inteirado, e reinvidicado da ſua honra, Joan. 13 31. juxta Syri. ver ſſ.
: da ſua gloria: *Nunc glorificatus eſt Filius ho-*
ninis, & Deus glorificatus eſt in eo. Reparo na-
quelle *nunc.* Naſceo Chriſto, foy apreſentado
o Templo, e offerecido ao Eterno Padre: orou,
régou, enſinou; e naõ diſſe que em alguma deſ-
as acçoens fora Deos glorificado. Diſcorreo os
Myſterios de ſua Payxaõ, e Morte, reſuſcitou, e
ubio aos Ceos, e naõ diſſe que Deos fora em al-
um delles glorificado; ſendo que de cada hum
eſtes Myſterios, e de qualquer deſtas acçoens
eſultava para Deos infinita gloria. Pois com que
azaõ, ſó quando Chriſto he ſacrificado debai-
o dos accidentes de paõ, e vinho, diz que en-
aõ he Deos glorificado: *Nunc glorificatus eſt?*
Porque ſó recebe Deos toda a gloria, que lhe he
evida, quando lhe he offerecido o Sacrificio do
Corpo, e Sangue de Chriſto. Em quanto ſe naõ
ffierecia a Deos em Sacrificio o ſeu meſmo Filho,
inda podia Deos eſperar glorificaçaõ mayor; por-
ue ſendo os Sacrificios inſtituidos para demon-
traçaõ, e final da ſuprema honra, e gloria, que
e deve a Deos, ainda Chriſto naõ tinha offereci-
lo ao Eterno Padre o Sacrificio, ſobre todos di-
no do meſmo Deos. Tanto porém que Chriſto
e offereceo em Sacrificio por nós a Deos, vendo
que ſe lhe naõ podia offerecer mais digno Sacri-
icio, declarou que entaõ eſtava Deos plenamen-
e glorificado já: *Nunc glorificatus eſt Filius ho-*
ninis, & Deus glorificatus eſt in eo.

18 Diſcorro que eſte foy o conceito daquelles celebres Serafins da myſterioſa viſaõ de Iſaias. Vio eſte Profeta ao Senhor aſſiſtido de huns Serafins, que o louvavaõ com eſte devotiſſimo triſſagio: *Sanctus, Sanctus, Sanctus, Dominus Deus.* Se bem formos notando as circunſtancias declaradas no Texto, diremos com S. Juſtino Martyr, e outros, que vio Iſaias a Chriſto ſacrificado no Altar; porque ſe lhe repreſentou o Senhor cá na terra: *Plena eſt omnis terra gloriæ ejus*: deo-ſe-lhe a ver em hum Templo: *Quæ ſub ipſo erant replebant Templum*: e o lugar, que tinha neſſe Templo, era hum throno muy alto, e elevado: *Super ſolium excelſum, & elevatum*. Parece que revelou Deos ao Profeta o meſmo que eſtamos vendo neſte Templo, e adorando naquelle excelſo throno. O que principalmente me faz reparo, para o noſſo intento, he que os Serafins vendo neſta repreſentaçaõ a gloria, que reſultava a Deos do Sacrificio do Altar, diziaõ como admirados: *Plena eſt omnis terra gloriâ ejus*: cheya eſtá toda a terra de gloria de Deos. Parece que eſta expreſſaõ naõ vem ajuſtada á veneraçaõ, com que os Serafins admiravaõ o Santiſſimo, ou tres vezes Santo, Sacrificio do Altar. Se naſcido Chriſto os Anjos celebravaõ em ſeus canticos a gloria, que Deos recebia nos Ceos, que muito, ou que mais vinhaõ a dizer depois, quando publicavaõ que a terra eſtava cheya de gloria, pelo Sacrificio do Altar: *Plena eſt omnis terra gloriâ ejus?*

Iſa. 6. 3.

D. Juſtin. Zulet. in Jac. Epiſt. c. 1. §. 8.

Iſai. ibid. v. 1. & v. 3.

19 Reſpondo. Qualquer dos Myſterios de Chriſto era no Ceo de muita gloria para Deos; e por-

porque eſta gloria, aſſim como era infinita, tam-
em era immenſa, toda a terra ſe enchia precio-
mente de gloria em cada hum dos Myſterios
e Chriſto. Mas parece que ſó do Sacrificio do
ltar foy tanta para Deos a gloria, que encheo
terra. Porque depois da Incarnaçaõ do Divino
erbo, em que Deos teve incomparavel gloria,
nda havia lugar para mais gloria, quanta admi-
raõ os Anjos no Naſcimento de Chriſto. De-
ois deſte Naſcimento, ainda ſe achava lugar pa-
a nova gloria, que adquiria Deos, quando lhe
oy apreſentado, e offerecido o ſeu Unigenito
ilho no Templo. Da meſma ſórte, depois do My-
erio da Apreſentaçaõ, ficava ainda lugar para
ais, e mais gloria, que receberia Deos de ca-
a hum dos Myſterios de Chriſto. Porém, inſti-
uido o Sacrificio, em que o meſmo Chriſto, Sa-
erdote, e Victima, ſe offereceo ao Eterno Pa-
re; a tanto ſubîo, e taõ intenſa foy a gloria,
ue reſultou para Deos, que como ſe naõ hou-
era na terra lugar para Myſterio de mayor glo-
a para Deos, exclamavaõ extaticos, e admira-
os os Serafins, que toda a terra eſtava cheya da
ua gloria. Como ſe intentaraõ dizer, que eſte Sa-
rificio fora o termo, o fim, e o total comple-
ento de toda a gloria, que em ſeus Myſterios da-
a Chriſto a Deos: *Plena eſt omnis terra gloriâ*
us.

§. IV.

AGora vim eu a deſcobrir o myſterio, e a en-
tender o acerto, com que diz a Igreja que
oy neceſſario houveſſe no mundo o peccado de
Adam:

In Sabbat. S. Adam: *O certè necessarium Adæ peccatum!* P
rece que reflectindo a Igreja no que tinha dito, d
clarou que naõ por encarecimento, mas co
certeza foy esse peccado necessario: *Certè nece*
sarium. Quem, se a Igreja o naõ dissera, cheg
ria a proferi-lo sem temeridade! No peccado
commette contra Deos taõ greve injuria, que ne
todas as creaturas juntas, aindaque todas fora
muy santas, poderiaõ dar a Deos condigna,
igual satisfaçaõ a essa injuria; e no peccado d
Adam ainda houve razaõ, ou condiçaõ mais a
gravante, porque foy a perdiçaõ do mundo, e rai
da condemnaçaõ de tantas almas, que sem num
ro estaõ enchendo o inferno. E tal peccado co
mo esse podia ser necessario? Haveria quem de
se tivesse necessidade? Sim, e naõ menos que o me
mo Deos, responde o Angelico Bonherba:
quam necessarii sunt Deo peccatores! A razaõ,
meu ver, taõ propria, como verdadeira, he; po
que daquelle peccado (e naõ sem elle) havia Dec
tirar occasiaõ para muita gloria sua. Esta he
doutrina dos Santos Padres com S. Joaõ Chryso
stomo, Santo Agostinho, e Santo Anselmo: *Præ*
vidit per omnia Deus quanta habuit facere bo
na de transgressione hominis, & ideo illam per
misit. Reparo agora, e difficulto.

Suar. Lorca. Godoy. & cõmun. Thomis. apud Parra tract. 1. de Incar. disp. 1 q. 5.

Bonh. 1. p. Sacr. Probl. de Thesaur. Pœnit. n. 12.

D. Chrysost sive Author Hom de Adam, & Eva. D. Aug. Encheri. c. 37. in tom. 3. D. Ansel. lib. 1. Cur Deus Hom. 15.

21. He sem duvida, que só de Christo podia
resultar a mayor glorificaçaõ para Deos; porque
só huma Pessoa Divina poderia dar a Deos toda a
gloria, que lhe he proporcionada, e devida. Mas
tambem he certo, e entre os Theologos indubi-
tavel, que podia o Divino Verbo incarnar, ainda
que naõ peccasse Adam: e tanta gloria resultaria

para

ira Deos da Incarnaçaõ de ſeu Filho em carne
aſſivel, para remir o homem; como impaſſivel,
aõ ſendo a Redempçaõ neceſſaria. Pois que ne-
ceſſidade foy a que houve do peccado de Adam,
uando, ſem elle, ſeria Deos igualmente glorifi-
ado por Chriſto, como he depois de ſe commet-
r eſſa culpa? A neceſſidade foy, e ſó podia ſer,
que do meſmo peccado havia, para que tiveſſe
eos a gloria de ſe lhe offerecer o ſeu meſmo Fi-
o no Sacrificio do Altar. Eu me declaro. Se
dam naõ peccara, e os ſeus deſcendentes com el-
, e depois delle; podia, ſem duvida, incarnar o
ivino Verbo: mas perguntay aos Theologos,
neſſe caſo inſtituiria Chriſto alguns Sacramen-
s para a Igreja que fundaſſe? Reſpondem com
nto Thomaz, que naõ: e alguns, com o Doutiſ-
no Soto, dizem que nem Sacrificios haveria na
reja. Ao menos he certo que naõ haveria nel-
o Sacrificio do Altar, por ſer memoria, e re-
eſentaçaõ da morte, que Chriſto padeceo na
uz pelos peccados dos homens. Pois já que ſem
eceder o peccado (diz Deos) naõ ha de haver
e Sacrificio; permitta-ſe o peccado, incarne o
eu Unigenito Filho, e haverá o Sacrificio do Al-
r, de que hey de receber tanta gloria, que, a
n della, he juſta a permiſſaõ do peccado, e con-
niente a Incarnaçaõ do Verbo em carne mortal
ſſivel. Nenhuma couſa ha mais eſcuſada que o
ccado, pelo que em ſi he; e nenhuma couſa mais
ceſſaria houve que o peccado, pelo que teve
occaſiaõ; porque ſem elle naõ haveria o Sacri-
io do Altar: e, faltando eſte, naõ receberia Deos
da a honra de que he digno. Eternamente ſeja
Deos

D. Thom. 3. p. q. 61. a. 2. & in 4. d. 1. a. 2. q. 2. D. Bonav. ibid. a. 1. q. 1. Hug. Victor. lib. 1 de Sacr. p. 9. c. 3. & 5. Domini Soto in 4 Sent. tom. 1. q. 2. a. 2. negat in ſtatu innocentiæ futura fuiſſe Sacrificia.

Deos glorificado, que da permiſſaõ do peccad tanta gloria tirou para ſi, quanta lhe eſtá dand Chriſto em ſua Igreja perennemente no Sacrifi cio de ſeu Corpo, e Sangue: *Caro mea: Sangui meus.*

§. V.

Qui manducat meam carnem, & bibit meum ſan guinem, in me manet, & ego in illo.

22 PAſſemos já a ponderar a utilidade, que nos reſulta deſte Sacrameuto admiravel do Corpo, e Sangue de Chriſto. E quem poderá di zer os admiraveis effeitos, que em noſſas alma cauſa eſte Sacramento dignamente recebido? Chri ſto os recopilou todos, dizendo que quem o com munga Sacramentado, fica nelle: e que tambem elle fica em quem o communga. Mas ſe o homem recebe, e recolhe dentro em ſi a Chriſto, quando neſte Sacramento o communga: *Et ego in illo*; como póde ſer que neſſe caſo Chriſto recolha, e receba em ſi ao meſmo homem: *In me manet*! Bem ſey que dentro em nós eſtá Deos, eſtando tambem nós dentro nelle. Dentro em nós eſtá Deos; porque, como Immenſo, tudo penetra, e tudo enche. Eſtamos nós dentro em Deos; porque Deos Immenſo tudo comprehende, tudo cerca, e tudo excede. Porém o Corpo de Chriſto Sacramentado naõ he Immenſo, como erradamente cuidáraõ os Ubiquiſtas: cabe no circulo de huma Hoſtia, e por iſſo cabe dentro em nós. Logo nós, que o commungamos, e temos dentro em

nós

ós, naõ podemos eſtar, e ficar nelle. Os Myſte-
os da noſſa Fé trazem comſigo razoens, e evi-
encias, que os fazem acreditaveis, como diz a
elhor Theologia, fundada no Texto de David:
eſtimonia tua credibilia facta ſunt nimis. Mas
eſtar em Chriſto quem o communga Sacramen-
do, ao meſmo paſſo que Chriſto Sacramentado
tá em quem o communga: *In me manet, & ego*
illo; inculca tal evidencia em contrario, ou in-
ica tal contradiçaõ, que naõ parece Myſterio
a noſſa Fé, poſtoque em verdade ſeja o mayor
Iyſterio della: *Myſterium Fidei.*

Pſal. 92. 5. Theol. cum D. Thom. 2. 2. q. 1. a. 4. ad 2. & 1. cont. gent. c. 6.

23 Com tudo: por iſſo meſmo devemos crer,
ue nós eſtamos em Chriſto Sacramentado: *In me*
anet; porque cremos que Chriſto Sacramenta-
o eſtá em nós: *Et ego in illo.* Aquella particu-
et no Original Hebraico, em que a proferio
hriſto, he particula cauſal: *Quia*; e quem com-
unga a Chriſto Sacramentado, por nenhuma ou-
a razaõ eſtá, ou póde eſtar nelle, ſenaõ porque
hriſto eſtá em quem o communga Sacramentado:
me manet, quia ego in illo. Farey que me per-
bais, quanto permittir a grandeza do Myſterio;
orque naõ pareça que por me ſahir de huma
fficuldade, entrey noutra.

Silv. in Evan. tom. 5. lib. 8. c. 2. Exp. 6. n. 140.

24 Neſte Sacramento taõ intimamente ſe une
hriſto com noſco, que ſe dignamente o recebe-
os, Chriſto, e quem o recebe ficaõ huma meſ-
a couſa: *Unum corpus mecum efficitur*, diz Eu-
ymio. *Per corpus ſuum ſe nobiſcum commiſ-*
it, & *in unum nobiſcum redigit*, diz S. Joaõ
hryſoſtomo. Logo taõ preciſo he que Chriſto
eja no homem, que o communga; como he preci-
ſo

Euthy. Expoſ. in c. 6. Joan. D. Chryſoſt. Hom. 45. in Joan.

ciſo que o homem eſteja tambem em Chriſto. Parece-me que deixaria de eſtar em ſi meſmo, quem commungando a Chriſto dignamente, naõ eſtiveſſe em Chriſto; porque eſtando Chriſto em nós faz que nós, e elle ſejamos huma ſó couſa. Duas ceras, que ſe derreteraõ juntas, taõ unidas ficaõ que qualquer dellas eſtá na outra; porque o meſmo fogo, que derretendo ambas, fez eſta ficar naquella, tambem fez que aquella ficaſſe neſta porque de ambas fez huma ſó. Tambem Chriſto Sacramentado de tal ſorte ſe une a quem o recebe, que ambos ficaõ huma ſó couſa: logo quem recebe a Chriſto ha de ficar em Chriſto, e ha de ficar Chriſto em quem o recebe. S. Cyrillo Alexandrino deſcobrio a ſimilhança, e nos tirou a concluſaõ: *Si quis liquefactæ ceræ aliam ceram infuderit, alteram cum alterâ per totum commiſceat, neceſſe eſt. Ita ſi quis Carnem, & Sanguinem Domini recipit, cum ipſo ita conjungitur, ut Chriſtus in ipſo, & ipſe in Chriſto inveniatur.*

D. Cyr. Alex. lib. 4. in Joan. c. 34.

25 Fingio Platão que dous amantes, queixoſos de ſerem dous, quando deſejavaõ ambos ſer hum, rogaraõ a Vulcano, que accendendo ſua força quanto mais pudeſſe, nas chammas della os derreteſſe ambos, e formaſſe hum ſó, ſem diſtincçaõ de algum. Dizem que ſe conſeguira eſte raro, e deſejado effeito; porque aquelles dous coraçoẽs, ſendo mais ardentes que o meſmo fogo, naõ chegaraõ a perigar no incendio: poſto que derretidos á violencia delle, ſe tornaraõ hum ſó os que eraõ dous, vivendo por huma meſma vida duas almas. Foy eſta diſcreta idea de Platão applaudida dos Filoſofos, e dos Poetas muy decantada.

Plato in Sympoſ. Ariſt. Ethic. lib. 9. c. 4. 8. Oroſius lib. 3. Embl. 43.

Vota

Vota ſuos habuere Deos; nam mixta duorum
Corpora junguntur, faciesque induitur illis
Una.....
Sic ubi complexu coierunt membra tenáci,
Nec duo ſunt, & forma duplex .....

Ovid. Metamor. lib. 4. v. 373.

26 Quem naõ dirá que naquella ficçaõ diſ-reta ſe retratou a verdade mais pura, e mais cla-o amor de Chriſto para com os homens? Ve-o o Filho de Deos ao mundo, deſejoſo de unir ſi a noſſa natureza: e o executou com vinculo õ eſtreito, que ſendo Deos ſe fez Homem, e o lomem ſe fez Deos, e ambos huma ſó couſa; orque ambos huma ſó Peſſoa: *Qui licet Deus ſit, Homo, non duo tamen, ſed unus eſt Chriſtus.* Ex Symbolo D. Athan. inda mais quizera o amor de Chriſto; porque eſeja que qualquer dos homens chegue a ſer hu-a ſó couſa com elle. E que inventaria para o nſeguir? Na ardente fragoa do Sacramento Eu-ariſtico accendeo as chammas de ſeu amor com te taõ milagroſa, e taõ Divina, que chegando s a elle, tanto nos unimos com Chriſto, tanto m elle nos incorporamos, como duas ceras, e juntas ſe derreteraõ; ficando qualquer de nós, elle, como duas almas com hum ſó corpo, e ma ſó vida. *Per corpus ſuum ſe nobiſcum com-ſcuit, & in unum nobiſcum redegit. Unum cor-s mecum efficitur. In me manet, & ego in illo.*

§. VI.

BEm; mas como ſe perſuadirá o entendi-mento, que Chriſto Sacramentado tanto ega a unir-ſe com quem o recebe, que ambos ficaõ

ficaõ a meſma couſa? Perguntais bem; mas re
ponderàõ melhor o meſmo S. Cyrillo, e Santo H
lario, que eſta razaõ he mais para ſer recebid
pela noſſa Fé, que para ſer percebida pelo noſſ
D. Cyril. cit. D. Hilar. Hom. 5. de Paſch. entendimento: *Res ardua eſt, & quæ Fide magis quàm alio modo recipitur.* Recorramos porém à Eſcrituras, em que Chriſto nos deixou luz par o que a razaõ naõ alcança. Dizendo Chriſto n Evangelho preſente que fica em quem o receb Sacramentado, e que quem o recebe fica nelle para declarar mais eſta doutrina taõ myſterioſa, taõ ſublime, ſe valeo deſte exemplo, e deſta ſimi lhança: *Sicut miſit me vivens Pater, & ego vi*
Joan. 6. 58. *vo propter Patrem, & qui manducat me & ip ſe vivet propter me.* Aſſim como eu vivo pel meſma vida de meu Eterno Padre, que me man dou ao mundo, aſſim quem me communga Sacra mentado, vivirá pela minha meſma vida. Muit nos diſſe Chriſto neſtas palavras; e ainda nos qui dizer muito mais, quando nellas com o Myſteri altiſſimo da Trindade nos declarou o do Sacra mento. O Filho vive pela meſma vida do Padre e eſte pela meſma vida do Filho; porque o Filh
Joan. 10. 11. eſtá no Padre, e o Padre eſtá no Filho: *Ego i Patre, & Pater in me eſt.* Pois ſe Chriſto, e quen o communga Sacramentado, ambos vivem pel meſma vida, ha de eſtar Chriſto em quem o com munga; e quem communga a Chriſto ha de eſta em Chriſto: *In me manet, & ego in illo.*

28 Atéqui o que nos diſſe Chriſto. Quanto ao mais, que nos quiz tambem dizer, reparo que, nos termos deſta comparaçaõ, naõ fez Chriſto mais clara a doutrina do Sacramento; porque naõ fez

ez mais perceptivel a difficuldade preſente, e já
ntaõ previſta. Que o Padre eſteja no Filho: que
Filho eſteja no Padre: e que vivaõ ambos por
uma ſó vida: bem ſe percebe; porque o Padre,
o Filho ſaõ ambos a meſma couſa por natureza:
Ego, & Pater unum ſumus; mas ſe Chriſto, e
uem o communga Sacramentado ſaõ extremos
õ diſparados, taõ diſtinctos, e taõ diſtantes; co-
o póde cada hum eſtar no outro, e viver ambos
ela meſma vida? Porque ſe bem Chriſto, e o
omem, que o communga Sacramentado, ſejaõ
xtremos taõ diverſos; a efficacia, e virtude de-
e Sacramento de tal ſorte os faz unidos, que
egaõ a ſer ambos a meſma couſa. Theophila-
o: *Qui manducat me, vivet propter me, dum*
odammodo miſcetur mihi, & translementatur
me. Naõ podia o Douto Padre explicar com
ais clareza o que Chriſto nos quiz dizer.

Ibid. 30.

Theoph. Expoſit. in c. 6. Joan.

29 Quanto mais ſublime he o Myſterio, tan-
he mais difficultoſo de ſe perceber: e cuido
s eſtou ouvindo inſtar-me, que a comparaçaõ,
prova eſtaõ muy longe de confirmar o que
rſuado. Que Chriſto em quanto Deos, e ſeu
erno Padre ſejaõ ambos huma ſó couſa, a Fé o
ina, e o percebe a razaõ; porque no Padre, e
Filho ha huma ſó natureza, e huma ſó Divin-
de, aſſim como no Eſpirito Santo tambem: por
ſendo em Peſſoas tres, naõ ſaõ mais de hum
os. Mas ſe entre Chriſto, e quem o commun-
Sacramentado, ha diſtinçaõ em peſſoas, e em
urezas tambem, como podem ſer huma ſó cou-
ntre ſi? Eſta he a ſumma difficuldade, a que
levou o preſente aſſumpto, para cuja ſoluçaõ,

e repoſta, confeſſo que mais ſerve á luz da Fé que a da razaõ: *Res ardua eſt, & quæ fide magis quàm alio modo recipitur.* Vamos porém á reſolução della, quanto permittir a ſublimidade da materia.

In Euchariſtia Deitas, & humanitas Chriſti nobis datur. Leõtius Riber. Alap. in Joan. c. 17 v. 22.

30 Neſte Sacramento, dizey-me, naõ he certo que além de nos dar Chriſto o ſeu Corpo, ſeu Sangue, e a ſua Alma, nos dá tambem a ſua Divindade? Sim, porque ſe nos dá Chriſto a meſmo neſte Sacramento. Pois ſe o Filho, por que do Padre recebe a Divindade, he huma meſma couſa com o Padre; nós, por virtude deſte Sacramento, porque naõ ſeremos, de alguma ſorte, huma meſma couſa com o Padre, e com o Filho, ſe de alguma ſorte recebemos nelle a Divindade de ambos? Expreſſamente o concluio aſſim Ruperto Abbade, ſeguindo a S. Dionyſio: *Is ego, in quo ego maneo, divinitatem in ſe transfuſam habens Deus factus eſt.*

Rupert. Ab. ſo Joan. 6.

31 Depois que Chriſto na ultima Cea inſtituio eſte Sacramẽto admiravel, como juſtamente lhe chama a Igreja; fez ao Eterno Padre huma myſterioſa oraçaõ, rogando-lhe, que aſſim como o meſmo Padre, e Chriſto ſaõ huma ſó couſa por natureza, aſſim os filhos todos da Igreja ſejaõ huma ſó couſa com Chriſto, e com o Eterno Padre: *Sicut tu Pater in me, & ego in te, ut & ipſi in nobis unum ſint.* Quem naõ diſſera, que rogava Chriſto huma impoſſivel? Se em Chriſto naõ houvera a meſma Divindade, que ha no Padre, naõ puderaõ ſer ambos a meſma couſa: pois poderáõ os homens ſer huma meſma couſa com o Padre, e com Chriſto, naõ tendo elles a Divindade de Chriſto, e do Eter-

Joan. 17. 21.

no

o Padre? Sim podem, e direy como. Acabava Christo de dar aos Discipulos, e de instituir para ós o Sacramento de seu Corpo, e Sangue; e orque neste Sacramento a todos faz participantes a sua Divindade, pódem todos de alguma sórte er com o Padre, e com Christo huma só cousa, omo o Padre he por natureza huma mesma cou- com Christo: *Sicut tu Pater in me, & ego in , ut & ipsi in nobis unum sint.*

32 O mesmo Christo nos deixou exposiçaõ, ara com ella abonarmos a intelligencia, que dey o Texto. Proseguio Christo a sua oraçaõ, dizen- o assim: *Et ego claritatem, quam dedisti mihi, edi eis, ut sint unum sicut et nos unum sumus.* Ibid. 22. claridade (dizia Christo ao Eterno Padre) a aridade, que eu recebi de vós, dey aos homens; ara que nós, e elles sejamos a mesma cousa. Que aridade he esta, que o Filho recebe do Eterno adre? Sem controversia he a Divindade; por- ue o Filho nenhuma outra cousa recebe do Pa- e, nem o Padre tem outra cousa, além da Divin- de, que possa communicar ao seu Unigenito lho. E por ventura, podia Christo dar esta Di- ndade aos homens: *Claritatem, quam dedisti mi- dedi eis*? Sim, e de facto lha tinha dado na Cea ucharistica; porque como nella tinha dado seu orpo, e Sangue aos Discipulos, e o mesmo Sa- amento deixava para os homens todos: nelle va tambem a todos a sua Divindade. Admira- elmente S. Cyrillo Alexandrino, seguindo a S. ilario, e a S. Cypriano: *Claritatem Divinita- , quam dedisti mihi ab æterno, dedi in hoc Sa- amento.* Pois se Christo por meyo deste Sacra- D. Cyril. lib. 11 in Joan. c. 26. & 27. D Hil. lib. 8 de Trinit. D Cypr. lib. 12. c. 26.

mento nos communica a Divindade, que recebe
do Padre, que muito ſejamos nós, por eſpeci
virtude do meſmo Sacramento, huma meſma cou
ſa com Chriſto, e ſeu Eterno Padre; aſſim co
mo elle, e o Eterno Padre ſaõ huma meſm
couſa por natureza, pois em ambos he a Divind
de a meſma: *Sicut tu Pater in me, & ego in t
ut & ipſi in nobis unum ſint!*

33 Dizem commummente os Theologos, qu
o Sacramento Euchariſtico he huma extenſaõ d
Myſterio da Incarnaçaõ; porque na Incarnaçaõ d
Verbo a Divindade ficou em hum ſó homem,
naõ ſe communicou a muitos: neſte Sacrament
porém, a Divindade ſe communica a todos os qu
dignamente o recebem; aindaque em hum, e ou
tro Myſterio a communicaçaõ he por modo ta
differente, como ſabemos. Mas eu diſſera, que
Myſterio da Euchariſtia he naõ menos que hum
extenſaõ do Myſterio da Trindade. Neſte ſe cõ
munica a Divindade a tres Peſſoas, nem póde cõ
municar-ſe a mais; porque ſe lhes communica po
natureza: porém no Sacramento, que ſolemniza
mos, a Divindade ſe communica a quantos o re
cebem, e ſe póde communicar a infinitos; por
que ſe communica por ineffavel participaçaõ: *I
ergo, in quo ego maneo, Divinitatem in ſe transfu
ſam habens, Deus factus eſt.* No Myſterio da Trin
dade, qualquer das Divinas Peſſoas eſtá na outra
eſtá o Padre no Filho, e nem por iſſo deixa o Fi
lho de eſtar no Padre: *Ego in Patre, & Pate
in me eſt.* Antes ſim a propria razaõ de eſtar
Padre no Filho, he tambem razaõ neceſſaria d
eſtar o Filho no Padre; porque eſta circuminſeſſa
lhe

es provém igualmente da identidade da nature-
. Por meyo do Sacramento Euchariſtico eſtá
hriſto em quem o recebe, e com uniaõ taõ inti-
a, que neceſſariamente fica em Chriſto eſſe meſ-
o que em ſi o recebeo Sacramentado: *In me*
anet, & ego in illo; porque recebendo Sacra-
entalmente em ſi a Divindade de Chriſto, de al-
ma ſorte ha de ſer huma meſma couſa com el-
; aſſim como Chriſto he huma meſma couſa com
Eterno Padre por razaõ da Divindade, que na-
ralmente recebe delle: *Sicut tu Pater in me, ego in te, ut & ipſi in nobis unum ſint.*

§. VII.

QUando bem noto em que Chriſto, por virtude deſte Sacramento, nos unio tanto a ſi, que para eſtar em nós, e nós nelquiz no meſmo Sacramento dar-nos a ſua Didade, para com elle ficarmos huma ſó couſa; parece que inſtituio Chriſto taõ admiravel Myrio, porque entrando a olhar por ſi, quiz rar (ſeja-me licito explicar-me aſſim) o que rára no Myſterio da Incarnaçaõ. Eu me explio Chriſto que era Deos, e que na Incarcaõ ſe unio, naõ á natureza do ſupremo Anjo, a outra toda eſpiritual, e muy nobre; mas ſim atureza humana, taõ inferior, e humilde. Vio nuito, que na Incarnaçaõ ſe desfez, e ſe abateo, rque ſendo Senhor ſe fez ſervo, e ſendo Deos ſe Homem: *Semetipſum exinanivit, formam ſervi accipiens, in ſimilitudinem hominum factus.* Ad Philip. 2. 7. como ſe quizera acodir pela excellencia da pro-

pria Divindade, instituio hum tal Sacramento que de algum modo transformaſſe os homens em Deos; quando nelle lhes dá a propria Divindade (como diz Ruperto) para que o meſmo que havia abatido em ſe unir á natureza dos ſervos ficaſſe exaltado por ſe haver unido á natureza de que, por ſerem com elle huma ſó couſa, eſtavam transformados em Deos.

35 Eſcreve S. Joaõ as myſterioſas acçoens de Chriſto, que precederaõ á inſtituiçaõ deſte Sacramento, e com muita advertencia nota, que Chriſto antes de entrar a ellas, reflectio em que ſahira de Deos, e para Deos voltava: *Sciens quia à Deo exivit, & ad Deum vadit.* Seguio-ſe eſta reflexaõ, que Chriſto ſe levantou da meſa, lavou os pés aos Diſcipulos, e aſſentando-ſe outra vez á meſa com elles, Sacramentou o ſeu Corpo, e Sangue. Já o lavatorio dos pés era dirigido á inſtituiçaõ do Sacramento; porque neſſa purificaçaõ corporal (dizem os Padres, e Expoſitores) enſinava o Divino Meſtre a pureza da alma, com que nos havemos diſpor, para receber ſeu Corpo, e Sangue Sacramentado. O meu reparo neſte caſo he, que entraſſe Chriſto a inſtituir eſte Sacramento, e a diſpor os Diſcipulos para o receberem, quando mais vivamente ſe eſtava lembrando, de que ſahira ou procedera do Eterno Padre, e deque para elle tornava: *Sciens quia à Deo exivit, & ad Deum vadit.* Deſejára eu agora examinar a razaõ, porque daquella advertencia lhe naſceo eſta reſoluçaõ? Parece-me, que ſeria eſta: Entrou Chriſto, como a olhar para ſi, e a diſcorrer aſſim: He poſſivel, que ſendo eu

Joan. 13. 3.

io Unigenito de Deos: *Sciens, quia à Deo exi-*
it, me fizesse Homem, e tomasse a natureza dos
rvos: *Formam servi accipiens*! Taõ humilha-
o, e taõ abatido: *Semetipsum exinanivit*, hey
e tornar para meu Eterno Padre: *Sciens, quia*
d Deum vadit! Eis-que no meyo destas refle-
oens, e ponderaçoens, se levanta Christo da Cea
egal: *Surgit à cœna*, e dispõem a instituiçaõ
este Diviníssimo Sacramento. Oh acordo verda-
eiramente digno de sua infinita Sabedoria, e de
u infinito Amor! Como se dissera Christo: Já
ora, instituido este Sacramento, naõ póde estar
eixosa a Magestade Immensa, que participo de
eu Eterno Padre, por me haver eu unido á na-
reza dos servos; pois o Sacramento de meu Cor-
, e Sangue, que dou aos homens, fazendo-os
rticipantes de minha Divindade, tanto os su-
mará, que chegue cada hum a fazer-se Deos
r graça Sacramental: *Is ergo in quo ego maneo,* Rupert. Ab.
ivinitatem in se transfusam habens, Deus fa- supra cit.
s est. Desorte que se o Filho de Deos ficou taõ
milhado, unindo a si huma natureza taõ humil-
, como he a nossa; tambem instituio hum Sa-
mento, que tanto exaltou essa natureza, que
esmo Deos, por se haver unido a ella, póde
r exaltado.

36 Cuido que este foy o pensamento do Real
profeta em hum Texto do Psalmo sessenta e tres,
e asslás tem cançado aos Expositores, em lhe
scobrir intelligencia natural, e propria: *Acce-* Ps. 63. 7.
homo ad cor altum, & exaltabitur Deus. Su-
á, ou chegará o homem a hum coraçaõ alto,
carà Deos exaltado. Toda a difficuldade neste

póto, eſtá em ſe entender que coraçaõ alto ſej eſte. S. Ceſario Biſpo Arelatenſe applica eſte Tex to ao Sacramento Euchariſtico, ao qual os Dou tores com o antigo Eucherio chamaõ Coraça de Deos: *Deus bibendum per ſingulos dies*, & *manducandum cor ſuum dedit*. Eu porém naõ quero para interpretaçaõ delle mais intelligencia que a dos Myſterios da noſſa Fé. Que coraça mais alto que o de Chriſto? Emanou delle o Sa cramento Euchariſtico, quando depois de mor to foy traſpaſſado com a lança: *Exivit Sangui Sacram Euchariſtiam repræſentans*. Pois quan do os homens commungaõ o Corpo, e Sangu de Chriſto Sacramentado, quem duvida que che gaõ com a boca a tocar no muy alto, e muy veneravel Coraçaõ de Chriſto: *Accedet homo a cor altum?*

D. Cæſar. apud Lorin. in hunc Pſ.

Eucher. & cum eo Fidel. de Euchariſ. Theor. 1. ex v. 3. n. 9.

Idem.

37. Daqui parece devia inferir David o mui to a que ſe exaltaõ os homens por meyo deſt Sacramento, quando o commungaõ; mas, ber pelo contrario, diz que Deos he o que fica ex altado: *Et exaltabitur Deus*. Pois ſe o homem recebendo a Chriſto Sacramentado, vem a ſubi taõ alto, que ſe transforma em Deos: *Accede homo ad cor altum*: *Divinitatem in ſe trans fuſam habens*, *Deus factus eſt*; como ſe julga eſ ta exaltaçaõ ſer, naõ do homem, mas de Deos *Et exaltabitur Deus*! Porque ſe pelo Sacramen to o homem ſobe a taõ alto: *Accedet homo ad cor altum*; naõ poderá deixar de ficar Deos ex altado: *Et exaltabitur Deus*. Deos unido ao ho mem, creatura vil, e humilde, fica humilhado e desfaz em ſi, ſegundo a fraſi, e o modo com

que

ue neste ponto se explicou S. Paulo: *Semetip-*
um exinanivit, formam servi accipiens, in si-
ilitudinem hominum factus. Logo Deos unido
) homem sublimado, e exaltado pelo Sacra-
ento, fica tambem exaltado: *Et exaltabitur*
Deus. He certo que Deos nem póde ser humi-
ado, nem exaltado em si; porque álêm de ser
lencialmente immudavel, he essencialmente in-
nito na Grandeza na Gloria, e na Magestade. Só
n ordem ás creaturas, póde abater-se pare-
ndo menos; oũ exaltar-se parecendo mais: e
orque unindo-se á vileza dos homens, pareceo
ue em si, ou de si fazia menos: *Semetipsum*
inanivit; instituio hum Sacramento, por cuja
rtude os homens subissem a tanto, que tambem
or elles ficasse Deos exaltado: *Accedet homo*
d cor altum, & exaltabitur Deus. He assim;
orque este Sacramento faz que os homens su-
ão, e cheguem a tanto, que sejaõ huma cousa
om Deos: *Ut & ipsi in nobis unum sint.* Oũ
z que participantes da Divindade, fiquem trans-
rmados em Deos: *Is ergo in quo ego maneo,*
Divinitatem in se transfusam habens, Deus fa-
us es: por isso mutuamente podem estar, o ho-
em em Christo, quando o communga Sacra-
entado, e Christo nelle: *Qui manducat meam*
arnem, & bibit meum sanguinem, in me manet,
ego in illo.

§. VIII.

8 TEnho ponderado a gloria, que a Deos re-
sulta do Sacrificio do Altar; e os bens
ineffa-

ineffaveis, que em nós cauſa o Sacramento admiravel do Corpo, e Sangue de Chriſto. Em hum e outro ponto pouco diſſe; porque neſte incomprehenſivel Myſterio ſe encerra muito mais do que podem alcançar os entendimentos creados. Reflectindo agora ſobre os diſcurſos, que concluí pelo que toca ao primeiro, deſejára que eu, e os mais Sacerdotes, que em cada dia offerecemos a Deos eſte taõ nobre, e tremendo Sacrificio, examinaſſemos, ſe nos preparamos com a pureza neceſſaria aos Sacerdotes do Altiſſimo, que lhe haõ de ſacrificar o ſeu Unigenito Filho! Para ſe veſtir, e ornar o grande Sacerdote do antigo Teſtamento, eſcolheo Deos de todo o bom o melhor, e do precioſo o mais eſtimavel. Buſcava-ſe o linho mais puro, e mais fino, e a ſeda de mais conta. Eſcolhiaõ-ſe as cores, e tintas de mais eſtimaçaõ. Examinava-ſe o ouro de quilates mais ſubidos; e ſe admittiaõ ſó as pedras de muito preço. Naquelle Sacerdote ſe moſtrava qual ſeria a dignidade Sacerdotal no Teſtamento novo: e no ſeu ornato ſe declaravaõ as virtudes, com que interiormente devem ſer ornados os Sacerdotes da preſente Igreja: *Ut tales miniſtri eſſe debeant, quales per veſtes ſignificantur*, diz o grande Abulenſe. Mas ſegundo eu alcanço, pelo que ſey de mim, (e naõ ſey ſe tambem de outros) naõ ha hoje nos Sacerdotes couſa precioſa, ou couſa, que naõ ſeja vil. Aquelle ſacrificio, de que tanta gloria deve reſultar para Deos, quantas vezes ſerá occaſiaõ de offenſa, e injuria ſua, pela indignidade dos Miniſtros, que lho offerecem! Por muy offendido ſe dava Deos, de que huns indignos Miniſtros

Abul. in cap 28. Exod.

ros lhe offereceſſem os Sacrificios da Ley antiga: *Nè offeratis ultra ſacrificium fruſtra: incenſum abominatio eſt mihi.* E como ſe naõ dará por muio mais injuriado, de que o precioſiſſimo Sacrifio da Ley da Graça lhe ſeja offerecido por Saerdotes indignos! Iſa. 1. 13.

39 A' viſta do Sacrificio da Cruz (ou porque naõ chegaſſe a ver) ſe eſcondeo o Sol: *Obſcuatus eſt Sol*; e o mundo todo ſe cobrio de luto: *Tenebræ factæ ſunt in univerſam terram:* eſtaraõ as pedras de ſentimento: *Petræ ſciſſæ ſunt:* os montes ſe eſconderaõ: *Viderunt te, & doluerunt montes*; e chororaõ tambem os Anjos: *Angeli pacis amarè flebunt.* Se daquelle Sacrificio reſultava para Deos infinita gloria, que ſentimento univerſal he eſte para as creaturas? Se o mundo, por meyo daquelle Sacrificio, ficava reconciliado com o ſeu Creador, em cuja indignaçaõ incorrêra pelo peccado; porque motivo ſe intriſtece o Univerſo no meſmo tempo de ſua reparaçaõ? Porque eſſe Sacrificio taõ ſanto, e taõ precioſo, hia envolto nos ſacrilegios dos Miniſtros executores delle. Tambem na quotidiana celebraçaõ do Sacrificio do Altar, ſe fora viſivel a conſciencia dos Miniſtros, e o ſacrilegio com que por elles he muitas vezes offerecido, o Sol ſe eclipſára, o mundo ſe cobrira de luto, e o inſenſivel chorára cheyo de ſentimento. S. Paulo diz que quem pecca torna a crucificar o Filho de Deos: *Rurſus crucifigentes ſibimetipſis Filium Dei.* Dos Saerdotes, que celebrarem no eſtado da culpa, tenho por certo que o crucificaráõ de novo; porque ſe na Cruz foy ſacrilegamente ſacrificado; Luc. 23. 45. Ibid. 44. Matth. 27. 52 Habac. 3. 10 Iſa. 33. 7. Ad Hebr. 6. 6.

no

no Altar tambem o ſacrificariaõ ſacrilegamẽte. S
na Cruz lhe deraõ a morte os miniſtros do ſacri
ficio; no Altar (viſta a offenſa, que commettem
tambem, quanto he de ſi, lhe tirariaõ a vida os qu
em peccado chegaſſem a celebrar. Bem certo h
que a indignidade do celebrante naõ diminue
intrinſeco valor, e eſtimaçaõ, que eſte Sacrifici
ſempre acha diante dos Divinos olhos; mas a
meſmo tempo que com hum ſacrilegio o offere
ce, tira o Miniſtro, como pode, e quanto he de ſu
parte, a honra, e gloria, que a Deos reſulta deſt
Sacrificio.

40. Paſſando tambem com a reflexaõ á ſegun
da parte da materia, que tratamos, na qual vimo
que, por virtude deſte Sacramento, nós ficamo
em Chriſto, e Chriſto em nós, porque ficamo
huma meſma couſa com Chriſto: perguntára quan
tas foraõ as peſſoas, que receberaõ a Chriſto Sa
cramentado neſte dia de ſua ſolemnidade? E per
guntára tambem aos meſmos, que o receberaõ,
qual foy a preparaçaõ com que ſe diſpuzeraõ para
em ſi receber a Chriſto, e ficar nelle? Eu acho
que bem examinados eſtes dous pontos, ſervem
de illuſaõ para a noſſa Fé, e de confirmaçaõ pa
ra o erro dos que a contradizem. E ſe naõ, dizey
me os que deixaſteis hoje de commungar. Credes
que por meyo deſte Sacramento eſtá Chriſto em
nós, e que juntamente com o ſeu Corpo, e San
gue, nos dá a ſua Alma, e a ſua Divindade? Cre
des que ficamos nós em Chriſto, como diz o
Texto do Evangelho; e ſabeis que (como dizem
os Padres da Igreja) de alguma ſorte nos trans
formamos em Chriſto? Reſpondereis que ſim. Pois
como

omo deixais de commungar a Chriſto Sacramen-
do, as mais vezes que ſe vos permitte? Como
erdeis taõ grande bem, ſem que por eſſa per-
a vos fique ſentimento algum? Por falta de Fé,
por falta de conhecimento de tanto bem, e de
nta perda. Oh ſe quem deixa de commungar co-
hecéra o que perde, e o de que ſe priva!

41 Em huma parabola ſe propôs Chriſto con-
dando aos homens, para a grandioſa Cea do Sa-
amento: *Homo quidam fecit cœnam magnam,* Luc 14.16.
vocavit multos. Eſcuſaraõ-ſe os convidados:
t cœperunt ſimul omnes excuſare. Indignou-ſe V. 18.
taõ Chriſto, e contra elles proferio eſta amea- V. 24.
: *Nemo virorum illorum, qui vocati ſunt, gu-*
bit cœnam meam. Já que os convidey, e ſe eſ-
ſaraõ, nenhum provará da minha Cea. E que
ſtigo he eſſe para a obſtinaçaõ, e rebeldia dos
nvidados? Se elles ſe eſcuſaraõ da Cea, e a re-
itaraõ; que caſtigo he privá los da meſma Cea?
ue caſtigo? Muy grande; porque nenhuma per-
haverá neſte mundo para os homens, que ſe
uale ao que perdem, quando deixaõ de cõmun-
r a Chriſto Sacramentado.

42 Deos naõ póde dar mayor couſa do que
s dá neſte Sacramento: *Plus dare non potuit,*
z Santo Agoſtinho; porque nos dá a ſua Divin-
de, e nos dá o ſeu meſmo Filho: e iſſo perdem
que deixaõ de o commungar. O que ſe nos dá
eſte Sacramento he o meſmo que ſe dá aos Bem-
enturados na Gloria. Lá por modo mais feliz,
proprio do ſeu eſtado beatifico, e glorioſo: cá
r modo mais admiravel, e proporcionado ao eſ-
do de viadores. Lá manifeſto: cá encuberto.

Lá

Lá para ser visto: cá para ser comido. Pergu
tay agora se haverá no Ceo algum Bemaventurad
que possa estar sem ver a Deos por huma hora,
por menos tempo? De nenhuma sorte. Antes
algum delles entendesse que por brevissimo ten
po estaria sem ver a Deos, se enchera de taõ gra
de pena por essa perda, que naõ seria já Bemave
turado. Pois cá na terra, como vivem os filhos
Igreja taõ descuidados de receber a Christo Sacr
mentado, sem que por isso tenhaõ pena, ou sent
mento algum? Sem duvida, porque ou lhes falta
Fé do que se nos dá neste Sacramento; ou lh
falta a ponderaçaõ do que perdem, quando de
xaõ de o receber.

43 Porém mayor mal incomparavelmente,
mayor desgraça he receber a Christo Sacrame
tado, sem a ponderaçaõ devîda a huma Magest
de Immensa, Infinita, Tremenda, e Omnipoten
te. Oh que temeridade! Oh que sacrilegio ta
grande, receber, e commungar a Christo em pe
cado! Quem assim recebe a Christo Sacramenta
do, communga a sua propria condemnaçaõ, di
S. Paulo: *Judicium sibi manducat, & bibit.* Se
rá condemnado como reo de huma conspiraça
contra a vida do mesmo Christo: *Reus erit Cor
poris, & Sanguinis Domini*, diz o mesmo Apo
stolo: *Reus est talis cædis dominicæ, ac si Domi
num occidisset, & Christi sanguinem effudisset*
expuzeraõ S. Joaõ Chrysostomo, e Theophilacto
Eu, conformando-me com os mesmos Padres
disera que por este sacrilegio se faz quem o cõ
mette em tudo similhante, e em nada inferior
Judas; porque sendo inimigo de Christo pelo pec
cado

Ad Coriat. 1 c. 11. v. 29.

Ibid. 27.

Chrysost. Theophyl. in hũc loc.

ido, ſe moſtra amigo ſeu, para lho entregarem
icramentado.

44 E por ventura os que ſe julgarem na conſ-
encia livres de culpa mortal, e purificados pe-
Sacramento da Penitencia, poderáõ entender
ie tem a diſpoſiçaõ neceſſaria, para receber a
riſto Sacramentado? Naõ vos ſey reſponder a
a pergunta. Quem ſe acha purificado na conſ-
encia, he certo que bem póde receber eſte Sa-
amento: *Probet autem ſeipſum homo, & ſic de*
ne illio edat. Mas tambem he certo, que nenhu-
pureza em nós ſerá condignamente a que ba-
, nenhuma ſerá ajuſtadamente igual á que de-
ramos todos deſejar, e ſolicitar, para com ella
eber-mos a Chriſto Sacramentado. Houve de
arnar o Filho de Deos: e que pureza naõ foy
ceſſaria em Maria Santiſſima para o conceber!
is para o recebermos taõ dignamente como elle
rece, e deve ſer recebido, baſtará menos pu-
a de eſpirito? Que vou eu buſcar exemplos pa-
vos argumentar ao entendimento, ſe aqui acho
n que vos convencer á viſta? Vedes muy bem
uſtoſo apparato deſte Templo, nunca taõ viſ-
a, e ricamente ornado como agora: e neſta tar-
vereis muy precioſas armaçoens pelas ruas,
eyas eſtas do grande concurſo de todo o povo.
para que tanto diſpendio, e tanta pompa? Já
emos, que para ſe ornar, e preparar a caſa, em
Chriſto Sacramentado havia ſer expoſto á noſ-
doraçaõ, e as ruas por onde ha de paſſar o Rey
Reys, e o Senhor de todos os Senhores do
ndo. Pois naõ ha de entrar tambem nos que o cõ-
ngaõ? Certamente. E com que ornato prepa-

Ad Corint. ibid. v 28.

ramos

ramos nós a caſa interior, e a camera, em que vemos receber eſta Mageſtade Tremenda? A com tanto faſto: a talla taõ rica: e a camera pobre? Lembro-vos (e aſſim acabo) lembro-v e tambem vos rogo, que para receberes eſte cramento, conſidereis que nelle entra Chriſto vós, e a ficar em vós, e paſſais vós a ficar em Ch ſto: *Qui manducat meam carnem, & bibit me ſanguinem, in me manet, & ego in illo.* Diſpon vos taõ puramente para receber a Chriſto em v e eſtar nelle, que mereçais unir-vos com elle n ta, e na eterna vida.

A alma de cada hũ he a camera, ou retrete, em que ſe recolhe Chriſto. Mol. de la Ora. Tract. 1. c. 16.

SERMA

SERMAÕ VIII.
DE
N. S.RA DA GRAÇA,
EM DIA DA EXPECTAÇAM.

Rio de Janeiro, na Igreja de Santa Rita.
Anno de 1737.

Maria, inveniſti gratiam apud Deum: ecce concipies in utero, & paries Filium. Luc. 1. v. 30. 31

§. I.

O DIA nos offerece hum empenho, e a devoçaõ nos empenha para outro; porque o dia ſe conſagra á Expectaçaõ do Parto da Mãy de Deos, e a devoçaõ ſolemniza a Senhora da Graça. O Evangelho preſente em huma ſó clauſula ajuntou a myſterioſa ocurrencia: *Inveniſti gratiam apud*

Deum: ecce concipies in utero, & paries Filiu
Da Senhora da Graça fez memoria nas primeir
palavras: *Inveniſti Gratiam*; a Expectaçaõ de ſ
Parto recopilou nas ultimas: *Concipies in uter*
& paries Filium. E ſe bem o dia ſe dedica ma
principalmente á Expectaçaõ, que á Graça, o C
leſtial Enviado primeiro ſe empregou em louvar
Senhora da Graça, que em celebrar a Expectaça
de ſeu Parto. Principiou o Archanjo a ſua oraç
Evangelica por eſtas palavras: *Ave gratiâ plen*
e já nellas [diz S. Beda] elogiava a Maria Santi
ſima, como Senhora da Graça: *Soli Dominæ gr*
tiæ hæc ſalutatio ſervabatur. Talvez querend
inſtruir-nos, de que neſta ocurrencia, o titulo d
Graça deve ſer o noſſo primeiro, e principal a
ſumpto, ſem que por iſſo faltemos á circunſtanc
da Expectaçaõ do Parto, taõ deſejado da meſm
Senhora, quam importante, e neceſſario para no
ſa Redempçaõ.

Bed. apud D. Thom. in Catena.

2 Senhora da Graça intitulou o Archanjo
Maria Santiſſima, quando lhe annunciava a Con
ceiçaõ, e Parto do Filho de Deos: e ſe lhe pe
guntaramos pela propriedade deſte titulo, ou po
que titulo foy Maria Santiſſima inſtituida Senho
ra da Graça; nos reſpondêra, que por ſer a inven
tora della: *Inveniſti gratiam apud Deum.* A jo
ya perdida, e ſem dono, por direito da nature
za he de quem teve a ſorte de achá-la; e porqu
a Mãy de Deos achou a Graça, que perdêra Eva
com juſto titulo ſe inſtituio Senhora della. Maria
ſe interpreta Senhora da Graça: *Maria Domina*
gratiæ interpretatur, diz S. Pedro Chryſologo;
e quando o Archanjo lhe annunciou, que havia
achad

L. Nũquam ff. de acquirend. rer. dom.

Chryſol. Ser. 142.

chado a graça, primeiro lhe proferio o nome: *Maria inveniſti gratiam*: pois quem naõ dirá quiz xpreſſar o Archanjo, que a Mãy de Deos he Senhora da Graça, por ſer inventora della: *Maria Domina gratiæ: Inveniſti gratiam.*

3 O dominio, e ſenhorio naõ he em todas as ouſas o meſmo; porque em humas, ſó permitte uſo dellas em utilidade propria; em outras, tam- em para utilidade alheya: e eſte, como dizem os Doutores, he o dominio, e ſenhorio perfeito: *Jus i re, extendens ſe ad omnem ejus uſum, ſeu diſ- oſitionem*: e para ſer pleno o dominio, e perfei- o ſenhorio, que a Mãy de Deos adquirio na Gra- a, que achou, lhe concedeo o meſmo Author da raça, naõ ſó para ſi a enchente della; mas tam- em a juriſdiçaõ, e direito de a diſpender com- oſco. Admiraveis ſaõ as palavras, com que o diz Bernardino de Sena: *A tempore, quo Virgo Mater concepit in utero Verbum Dei, quandam ut ſic dicam) juriſdictionem, ſeu auctoritatem tinuit in omni Spiritus Sancti proceſſione tem- rali; ita quòd nulla creatura aliquam à Deo tinuit gratiam, vel virtutem, niſi ſecundùm ip- us piæ Matris diſpenſationem.* Achou Maria San- ſima a Graça, da meſma ſorte que a perdêra Eva: erdeo eſta a Graça, e foy a perda para ſi, e para nós: aria Santiſſima, como reparadora de Eva, achou ra ſi a Graça, e para nós tambem; porque a achou om authoridade de a diſpender com noſco, como erfeita, e plenamente Senhora da Graça.

D. Bernard. tom. 1. Ser. 16.

4 Notavel he o myſterio comprehendido nas lavras, com que o Embaixador Celeſte fallou á a Excelſa Rainha: *Maria, inveniſti gratiam apud*

Deum: *ecce concipies in utero*, & *paries Filiu*
Vós sois (disse o Archanjo) vós sois a Senhora d
Graça; porque assim o está inculcando o nome d
Maria, e a sorte de inventora della: *Maria*, *inv*
nisti gratiam. Mas tendes esta sorte, e aquelle no
me, porque haveis de conceber, e parir o Autho
da Graça: *Ecce concipies in utero*, & *paries*. No
tem agora. O Filho concebido era só para a Senho
ra, porque em quanto concebido, o tinha em si
Concipies in utero. O Filho nascido era tambem pa
ra nós: *Puer natus est nobis*, & *Filius datus e*
Isa. 9. 5. *nobis*. Da mesma sórte: a Graça, que Maria Santi
sima achou na Conceiçaõ do Verbo, só era para si
D. Hier. Epist. 140. porque nella empregou toda a sua enchente: *Qui*
conceperat eum, *in quo omnis plenitudo Divinita*
tis habitat corporaliter, *plena gratiâ salutatur*
diz S. Jeronymo. A Graça, que achou no Parto, er
para nos communicar tambem: *Eum*, *qui est ple*
D. Thom. 3. P. q. 27. a. 5. ad prim. *nus omni gratiâ pariendo*, *quodammodo gratia*
ad omnes derivavit: diz o Doutor Angelico. Ma
essa Graça achada pela Mãy de Deos, para si na con
ceiçaõ do Verbo, e para nós no Parto, concorre
raõ ambas para a constituirem perfeita, e plena
mente Senhora da Graça: *Maria*, *Domina gra*
tiæ: *Invenisti gratiam*, *concipies*, & *paries*.

5 Eu, seguindo a advertencia do Archanjo
quando reconheço a Mãy de Deos por Senhora d
Graça, naquelle *concipies*, e naquelle *paries*, fun
darey os dous pólos deste Sermaõ, em que mostre
a Maria Santissima Senhora da Graça, pela que
achou para si na Conceiçaõ do Filho, e para nós no
Parto. No primeiro, tratarey propriamente da Gra-
ça da Senhora; e no segundo, tratarey propria-
mente

mente da Senhora da Graça: porque no primeiro, moſtrarey qual foy a Graça, que a Senhora achou eſpecialmente para ſi, quando concebeo o Divino Verbo. No ſegundo, moſtrarey a Graça, que achou, para nos communicar por meyo de ſeu ditoſo Parto. Roguemos á Senhora, e Mãy da Graça, queira neſta hora diſpender comnoſco mais copioſamente as affluencias da Divina Graça.

AVE MARIA.

Maria, inveniſti gratiam apud Deum, ecce concipies in utero, & paries Filium.

§. II.

QUe Maria Santiſſima achou para ſi a Graça, iſſo he o que mais expreſſamente diſſe o Embaixador Celeſte: *Inveniſti gratiam*; para lhe declarar a grandeza, e intenſaõ deſta Graça, lhe propôs logo, que conceberia em ſeu ventre o Divino Verbo: *Ecce concipies in utero*: por ſer a Maternidade o calculo mais ajuſtado, e a balança mais fiel da Graça, que achou para ſi a Mãy de Deos, como bem entendeo André Jeroſolymitano, Arcebiſpo Cretenſe, que com ſantidade, e doutrina illuſtrou o ſeculo ſexto da Igreja: *Si quid, quod nos ſuperat, in eâ Divina operata eſt gratia, quamo miretur, intuens ad novum, & ineffabile, quod in ea peractum eſt myſterium.* Examinemos pois quam ſublime, e elevada he a dignidade da Mãy de Deos, e poderemos ſeguramente aſſentar quam eminente he a Graça, com que Maria Santiſ-

Andr. Creten Serm. de Dormit. Virg.

ſima ſe dignificou para conceber o Filho de Deo em ſeu ventre. O commum ſentir dos Padres, Doutores com Santo Anſelmo, S. Boaventura, San to Thomaz, e Santo Alberto Magno, aſſenta ſer ta alta, e ſuperior a dignidade de Mãy de Deos, qu chega a ſer de algum modo immenſa, infinita, e ir comprehenſivel. Deſta concluſaõ neceſſariament inferem, que a Graça preciſa para tanta dignid de tambem era de alguma ſorte immenſa, infinit e incomprehenſivel: *Sicut dignitas dignitatu maternitatis Dei, ad quam electa eſt Maria, fu immenſa, infinita, illimitata, & incomprehenſ bilis: ita & gratia, quâ diſpoſita fuit, & pra venta ad talem dignitatem.* Ajuſtadamente diſco rem; porque Deos (como enſina Santo Thomaz a cada hum infunde a ſua graça proporcionada mente ao fim a que o pertende exaltar: *Dicen dum, quod unicuique à Deo datur gratia, ſecun dùm hoc ad quod eligitur*; e porque Maria San tiſſima era eſcolhida, e deſtinada para huma qua infinita, e immenſa dignidade, devia para ella ſe diſpoſta, e elevada com graça quaſi infinita, e qua ſi immenſa. Parece que fallaraõ os Doutores, de duzindo a ſua doutrina da letra do noſſo Evange lho.

SS. PP. & DD. apud Hier. de Ormachea in cant. c. 1. v. 1 n. 366.

D. Thom. 3 p. q. 27. a. 1 ad prim.

7 Naõ huma ſó vez tenho reparado em dize o Archanjo a Maria Santiſſima, quando lhe expu nha o ineffavel ponto, e myſterio da Incarnaçaõ do Verbo, que achára a Graça: *Inveniſti gratiam* Se a Mãy de Deos achou a Graça, em ſi a tinha e por ventura, aquella Senhora, que com os An jos tratava taõ familiarmente, e por elles era tan tas vezes levada aos Ceos a cõmunicar com Deos

podia

podia ignorar o eſtado da Graça, em que ſe acha-
va, e tinha em ſi? Bem ſe vê que naõ. Logo indiſ-
cretamente ſe empenhava o Archanjo em noticiar
a Maria Santiſſima a Graça, que tinha em ſi: *In-
veniſti gratiam.* De nenhuma ſorte. Naõ foy indiſ-
criçaõ ſuperflua; foy reconhecer o Archanjo, e
inſinuar tambem á Senhora, que era de alguma ſor-
te immenſa, infinita, e incomprehenſivel a Graça
por ella achada. Sabem os Filoſofos, que o infini-
to, o immenſo, e o incomprehenſivel, por muito
que ſe conheça, ſempre contêm em ſi muito mais,
que excede ao noſſo conhecimento: *Infinitum eſt
id, cujus aliqua pars ſemper eſt extra.* E porque
a Graça, que Maria Santiſſima achou, e em ſi ti-
nha, para dignamente conceber o Divino Verbo,
era quaſi immenſa, infinita, e incomprehenſivel;
em a meſma Senhora a podia conhecer taõ per-
eita, e comprehenſivamente, que della lhe naõ
eſtaſſe muito mais ainda, para ſe conhecer: *Eò
quod Maria Omnipotentis Mater effecta eſt, tan-
am gratiæ plenitudinem continet, quantam &
ſa Virgo in ſeipſâ percipere non poteſt*: diſſe-
aõ muitos com Santo Thomaz de Villanova. De-
lara pois o Archanjo, e dá a conhecer a Maria San-
ſſima a Graça, que ella tem em ſi, por lhe inſi-
uar com rara diſcriçaõ, que era quaſi immenſa,
finita, e incomprehenſivel eſſa Graça, porque
em a meſma Senhora a comprehenderia; pois
or mais que a conheceſſe, muito mais era o que
eſſa Graça lhe reſtava ainda para conhecer: *In-
eniſti gratiam: Quantam & ipſa Virgo in ſeip-
percipere non poteſt.* Fallava o Archanjo na
Graça de Maria Santiſſima, equiparando-a, ou me-

Riquel de dignit. Mar. c. 18. Villan. Ser. 3. de Nativ. Virg.

dindo-a com a Maternidade: *Inveniſti gratia ecce concipies in utero*: e de huma dignidade i finita, immenſa, e incomprehenſivel, a que a M de Deos fora exaltada, inferia nella huma incom prehenſivel, immenſa, e infinita Graça, e eſſa i tentava perſuadir: *Inveniſti gratiam. Ecce co cipies in utero. Sicut dignitas... ita & gratia.*

§. III.

8 ISto he o mais que ſe póde dizer da Gr ça da Senhora; porque a grandeza deſ Graça naõ permitte ao entendimento creado, qu de outra ſorte a perceba, ou melhor a expliqu por outros termos. Os Santos Padres naõ nos diſſ raõ mais, tantoque na Mãy de Deos igualaraõ Graça com a Maternidade; porque ſó poderia ne la a Graça ſubir a mais intenſaõ, e augmento, ſ fora poſſivel que Maria Santiſſima paſſaſſe de Mã de Deos a ſer Deos: *Maiorem gratiam Maria ha bere non potuit, niſi ipſa Divinitati uniretur* diſſe profundamente Ricardo de S. Lourenço. Ma ſe aqui parar o conceito, que formarmos da Graç da Senhora, ainda nos reſtará por expreſſar muit do que ſe involve neſta Graça, e muito do queſ póde deſcobrir ainda neſte ponto, e com mais ra zaõ neſte dia; o qual me dá occaſiaõ, e luz, para deſcobrir, e entender a eſpecialidade mais rara, e mais admiravel da Graça da Mãy de Deos.

Richard. à S. Laur lib. 1. de Laud. V. c. 4.

9 Examinay a origem da preſente feſta da Ex pectaçaõ do Parto da Senhora, e achareis foy inſ tituida em Eſpanha por meus Padres Santo Ilde fonſo Arcebiſpo de Toledo, e S. Fulgencio Biſ po

Vid. Cartha gen. tom. 2. l. 7. Homil. 1

o de Carthagena, para gloria, e deſaggravo de Ma-
a Santiſſima, contra a temeridade dos que, ſeguin-
o o erro de Elvidio, negavaõ a perpetua Virgin-
ade da Mãy de Deos. Ainda confeſſando nella to-
a a Graça neceſſaria para conceber o Divino Ver-
o, lhe negavaõ a Graça conſervativa da Virgin-
ade com a Maternidade. Só vinhaõ a confeſſar
rte da Graça, que houve na Mãy de Deos; por-
ue nella a Graça naõ foy regulada ſó pela razaõ
eciſa da Maternidade, ſenaõ tambem pela pro-
gioſa circunſtancia de ſer Mãy de Deos ſendo
irgem, que ainda fez mais admiravel a Graça da
aternidade. O ſer Mãy de Deos he certo que
queria na Senhora huma Graça quaſi immenſa,
he notavel a aſſeveraçaõ com que S. Boaventura
affirma: *Immenſa certè fuit gratia, quâ ipſa it plena*; mas o ſer Mãy de Deos, ſendo Virgem, nda foy Graça ſobre tanta Graça. Ouvi ao meſmo icardo, taõ douto, como devoto de Maria San-ſima: *Maius, & per omnem modum mirabilius, virginitate fuiſſe fœcundam, & hæc eſt gratia per gratiam.* Explico-me.

D. Bonav. in Specul. c. 5.

Richard. citatus l. 3.

10 He certo, que pudéra Deos eſcolher para huma Mãy, na qual naõ floreceſſe o lirio da Virndade; e eſta poſſibilidade conheceo muy bem Senhora, quando diſſe: *Quomodo fiet iſtud, quoam virum non cognoſco?* O que ſuppoſto, pergun-. E concebendo-ſe o Verbo Divino em tal Mãy, e naõ fora Virgem, haveria nella toda a Graça eciſa para ſer ſantificada a Mãy de Deos? Cerhe que ſim; porque ſem ella naõ ſeria digna tal Filho. Mas tambem he certo, que em tal ſupoſiçaõ, na que foſſe Mãy de Deos ſe naõ acharia a Graça

Luc. 1. 34.

a Graça eſpecial, que uniſſe a Maternidade com
Virgindade, e a pureza inviolada com a fecun
dade. Logo o ſer Mãy de Deos, ſendo Virgem, c
mandava eſpecial Graça, alèm da Graça, que
Senhora foy preciſa, para ſer Mãy de Deos. Se
duvida. Naõ he porêm menos certo, que eſte f
o mayor auge, e a mayor admiraçaõ da Graça, q
a Senhora achou para ſi, quando concebeo: *A*
veniſti gratiam apud Deum. Ecce concipies
utero. Maius, & per omnem modum mirabiliu
in virginitate fuiſſe fœcundam, & hæc eſt grat
ſuper gratiam.

11 O Archanjo S. Gabriel, e o Profeta Iſaia
ambos expuzeraõ quaſi pelas meſmas palavras, q
Maria Santiſſima conceberia em ſeu ventre o Fil
de Deos: *Ecce Virgo concipiet, & pariet Filiu*
Iſa. 7. 14. diſſe Iſaias: *Ecce concipies in utero, & pari*
Filium, diſſe o Archanjo. Mas he notoria eſta di
ferença, que Iſaias nenhum encarecimento fez
Graça da Senhora, quando o Archanjo tanto
empenhou em encarecê la: *Ave gratia plena: i*
veniſti gratiam. Pois como ſe deſcuida o Profe
ta do meſmo em que taõ advertido ſe moſtrou
Archanjo? Por ventura podia tanta Graça admira
ao Profeta menos, e ao Archanjo mais? Naõ; po
rêm o certo he, que em ambos foy a admiraçaõ
meſma, e a advertencia igual; porque tambem
Profeta encareceo a Graça da Senhora, e nel
admirou o ſummo auge, que a fazia mais admirave
Diſſe que havia de conceber ſendo Virgem: *Ecc*
Virgo concipiet; e naõ fez outra expreſſaõ mais d
taõ eminente Graça; porque na Senhora, o con
ſervar-ſe a Virgindade com a fecundidade, foy
o re-

remate, e ſummo encarecimento da Graça, ſo-
e a Graça de ſer Mãy de Deos. Nem o Archan-
faltou em nos expor com toda a clareza, o meſ-
o que ſuccinta, e compendioſamente inſinuou.
12 Saudãdo á Senhora o Embaixador do Empy-
o, naõ ſó diſſe: *Ave gratia plena Dominus tecum.* Luc. 1. 28.
is cheya de Graça, e Deos eſtá em vós; mas
da lhe accreſcentou, que achára diante de Deos
ecial Graça: *Inveniſti gratiam apud Deum.* Ibid. 30.
uita difficuldade reconhece Santo Thomaz neſ-
eſpecial, e nova Graça, em quem della eſtava
cheya: *Ei quod eſt plenum, & perfectum,* D. Thom. 3.
reſtat aliquid addendum. Se a Senhora eſtava p. q. 27. a. 1.
eya de Graça: ſe nella eſtava Deos, que he a
te, e abiſmo de toda a Graça; poderia haver
da para a Senhora nova Graça ſobre tanta Gra-
: *An ſuper plenitudine* (pergunta o Zerda) Zer. Acad.
eri gratiæ adhuc locus remanſit? Sim; mas qual 16. ſect. 4.
ia? Nenhuma outra, ſe naõ a Graça eſpecial- n. 48.
nte neceſſaria, para ſer Mãy de Deos ſendo
rgem. Era a Graça conſervativa da Virgindade
m a fecundidade, diz Alberto Magno: *Singu-* B. Albert. M.
em virginalis uteri fœcunditatem inveniſti in Mar. c. 237.
ud Deum. Reparay no como ſe explicou o Ar-
njo: *Inveniſti gratiam apud Deum*; achaſtes
ecial Graça diante de Deos. He certo que fó-
de Deos Immenſo naõ ha Graça: logo era eſ-
ado que o Archanjo declaraſſe, ou advertiſſe,
e eſſa Graça era achada diante de Deos. Aſſim
ece; mas foy myſterioſa energîa, com que o
chanjo quiz entendeſſe a Senhora, fallava da
ecial Graça, que houve nella para conceber ſen-
Virgem; porque eſta he a Graça, que a nenhu-
ma

ma outra creatura ſe communicou, e ſó ha no Ete
no Padre, o qual ſendo Virgem, em ſeu ente
dimento concebe, e gera o Eterno Filho.

13 Temos no Texto a melhor confirmaça
deſta intelligencia. Entendendo a Senhora, pe
que ouvíra ao Archanjo, que ella era a eſcolhi
entre todas as mulheres para ſer Mãy de Deos,
Luc. 1. 29. perturbou: *Quæ cùm audiſſet turbata eſt in ſe
mone ejus*; porque temeo, ou receou, que a ſu
exaltaçaõ á Maternidade lhe foſſe jactura da Vi
gindade propria: *Quomodo fiet iſtud, quoniam v
rum non cognoſco*? Perguntava a Senhora. *Cæp
Ibid. v. 34. erubeſcere, & timere virginitati ſuæ*: explica
AA. apud Sylv. in Evang. tom. 1 lib. 1. c. 5. q. 29. n. 77. os Doutores, e Interpretes. O Archanjo pois, qu
neſte caſo ſó poderia ſocegar a perturbaçaõ da Se
nhora, aſſegurando-lhe que ſeria Mãy, ſem qu
por iſſo deixaſſe de ſer Virgem, o que lhe diſſ
foy: *Nè timeas Maria, inveniſti enim gratia
Luc. 1. 30. 31 apud Deum: ecce concipies in utero, & parie
filium.* Naõ temais, Senhora, que achaſtes par
vós aquella Graça, que ſó em Deos ſe acha; por
que vos foy conferida huma Graça, que com inau
dito, e raro milagre, porá em vós a fecundidade
de Mãy, ſem prejuizo de voſſa virginal pureza.

14 A perturbaçaõ (aſſim lhe chama o Texto)
em que a Senhora eſteve, quando ouvia o que lhe
annunciava o Archanjo, ainda pede mais reflexaõ;
porque ainda nos dará mais luz ao diſcurſo, e mais
intelligencia ao myſterio: *Quomodo fiet iſtud,
quoniam virum non cognoſco?* Como ſerey eu Mãy,
ſendo Virgem? Perguntava a eſcolhida para Mãy
de Deos. O Archanjo, por ſocegar na Senhora eſ-
te cuidado, e nos deixar mais inſtruidos na Fé deſ-

te

myſterio, lhe reſpondeo aſſim: *Spiritus San-* V. 35.
us ſuperveniet in te, & virtus Altiſſimi obum-
abit tibi. Virá ſobre vós o Eſpirito Santo, e o
ltiſſimo vos communicará ſua virtude. O Altiſ-
no he o Eterno Padre, na fraſi em que fallava o
rchanjo; porque com a meſma intelligencia diſſe,
ue naſceria o Filho do Altiſſimo: *Et Filius Al-*
ſſimi vocabitur. A propria, e nocional virtude
Eterno Padre, he a de gerar, e conceber, ſen-
Virgem, outra Peſſoa Divina, que he o Eterno
erbo; e eſta he a virtude, que viria ſobre a Senho-
Ouvi a Santo Agoſtinho: *Filium habebis, &* D. Aug. Ser.
men Virginis non amittes; tanta enim eſt illa 10. de Natal.
tentia, ut & Matrem reddat fœcundam, & vir- Dom.
uitatem ſervet illæſam. Mas niſto meſmo acho
ndamento, para a duvida que já excitey. Se Ma-
Santiſſima eſtava cheya de Graça: *Gratia plena;*
nella aſſiſtia Deos, por huma eſpecial Graça, que
s mais Santos naõ houve: *Dominus tecum*; ain-
ſe fazia preciſo, que para conceber, ſendo Vir-
m, ſobre ella vieſſe o Eſpirito Santo com nova
uſaõ da Graça: *Spiritus Sanctus ſuperveniet*
e? Sim; porque aquella particular virtude, que
no Eterno Padre, para, ſendo Virgem, conce-
, e gerar o Divino Verbo, ſó ſe podia communi-
á Senhora (poſtoque cheya de Graça) por meyo
nova, e mais admiravel Graça, conſervativa da
rgindade com a Maternidade; para, á ſimilhança
Eterno Padre, conceber, e gerar, ſendo Virgem:
atiâ plena. Spiritus Sanctus ſuperveniet in te,
virtus Altiſſimi obumbrabit tibi. Filium ha-
is, & nomen Virginis non amittes.

§. IV.

§. IV.

15 Esta he a Graça, que, ſobre taõ grand enchente de Graça, achou Maria Sa tiſſima para ſi na Conceiçaõ do Filho de Deos: *Si gularem Virginalis uteri fœcunditatem inveni apud Deum; & hæc eſt gratia ſuper gratiam* porque ſobre a Graça da Maternidade, teve a Gr ça da Virgindade fecunda. E qual deſtas duas Gr ças (para melhor reconhecimento de ambas) ſe mayor? Se entre ſi preciſamente as compararmo da ſórte que ſe pódem diſtinguir, qual dellas ſe ſuperior? Parece que a Graça condigna, e reſp ctiva á Maternidade he ſuperior a toda a Graça: a ſim como a dignidade de Mãy de Deos ſó he inferi á uniaõ ſubſtancial, e hypoſtatica da Divinda com a Humanidade Chriſto. Mas o certo he, qu a Graça unitiva da Virgindade com a Maternidad em Maria Santiſſima, he naõ ſó mayor, ſenaõ tam bem mais admiravel, que a Graça da Maternidad Bem claramente o reſolveo Ricardo de S. Louren ço: *Maius & per omnem modum mirabilius, virginitate fuiſſe fœcundam.*

16 He mayor; porque na Graça preciſament neceſſaria para ſer Mãy de Deos, naõ ſe compre hende a Graça unitiva da Virgindade com a Mate nidade, pois naõ era impoſſivel (abſolutament fallando) que deixaſſe de haver eſta ſegunda Gra ça na que foſſe Mãy de Deos. He porém certo que na Graça unitiva da Virgindade com a fecun didade ſe inclue neceſſariamente a Graça da Di vina Maternidade; porque ſerá impoſſivel qu

deix

eixe de ſer Mãy de Deos, a que for Mãy, ſendo irgem: *Conceptionis modus oſtendit eſſe etiam Deum*; (diz o Alapide, fallando da Conceiçaõ de hriſto) *concipi enim de Virgine ſine viro, incabat, qui concipiebatur plus eſſe quam homem.* He mais admiravel tambem; porque a qua infinita Graça da Maternidade, pela confedera-o com a Virgindade, ſe faz ainda mais admiral. Alap. in Luc. c. 1. v. 35.

17 De todos os Profetas, foy Iſaias ſingularnte empenhado em deſcrever a Graça, com ie Maria Santiſſima ſe diſporia para ſer Mãy de eos: e logo no capitulo ſegundo de ſua profecia encareceo aſſim: *Erit in noviſſimis diebus præratus mons, domus Domini, in vertice monum, & elevabitur ſuper colles.* Haverá hum onte preparado por Deos, para caſa, e morada a, e ſerá mais alto, e mais ſublime que os mais lentados montes. Eſte monte, e caſa de Deos, já vê que he Maria Santiſſima; a qual ſendo por eos eſcolhida para Mãy ſua, tambem por elle foy nada, e preparada com taõ eminente Graça, ie excedeo á dos mayores Santos, e ainda á dos njos todos; porque á de todos elles excede a raça, que he devida, e preciſa para a dignidade Mãy de Deos. Ouçamos a expoſiçaõ de S. Grerio Magno ao Texto de Iſaias: *Mons quippe it Maria, quæ omnem electæ creaturæ altitunem, electionis ſuæ dignitate transcendit.* Enando porém o meſmo Profeta a eſcrever o capilo 53. do ſeu livro taõ cheyo de myſterios, ſe rebata em admiraçoens, e principia com eſta efaçaõ: *Quis credidit auditui noſtro? Et brachium* Iſa. 2. v. 2.

Iſai. 53. v. 1.

chium Domini cui revelatum eſt? Quem acredi-
tará o que me me ouvir? Ha por ventura quem
comprehenda o quanto póde o braço Omnipotente
de Deos? Notavel aparato para ſuſpender os ani-
mos, e conciliar attençoens! Declara finalmente
Iſaias o ſeu conceito, dizendo aſſim: *Aſcendet ſi-*
Ibid. v. 2. *cut virgultum coram eo, & ſicut radix de terra*
ſitienti. O Texto Hebraico, e a Verſaõ dos Se-
tenta leraõ: *Aſcendet ſicut infans ſugens ubera.*
Naſcerá Chriſto tenro Infante, alimentando-ſe aos
peitos de ſua Mãy. E eſta he a materia para a ad-
miraçaõ do Profeta? Naõ eſtava por elle vaticina-
do já, que o Filho de Deos entre todas as mulhe-
res eſcolheria huma, para nella incarnar, e naſce-
della? Sim: *Erit præparatus mons domus Do-*
mini. Pois ſe agora com tanta admiraçaõ conſide-
ra eſſa Mãy, e eſſe Filho: *Aſcendet ſicut infans*
ſugens ubera; como ſe naõ admirou á viſta do meſ-
mo, na ſua primeira viſaõ, e revelaçaõ?

18. Porque na primeira profecia deſte myſte-
rio, ſó contemplava em Maria Santiſſima a digni-
dade de Mãy de Deos: *Præparatus mons domus*
Domini. Na ſegunda, naõ ſó conſiderava a Senho-
ra como Mãy de Deos, vendo-a alimentar ao Fi-
lho: *Sugens ubera*; mas tambem advertia na Vir-
gindade, que ſendo Mãy conſervava: *Et ſicut ra-*
dix de terra ſitienti. De utero Virginis, expõem
a Interlineal. *Virginitatis privilegium demonſtra-*
tur, commenta a Gloſſa, ſeguindo a Verſaõ do
Aquila. Que Deos haja de ter Mãy; grande cou-
ſa he, dizia o Profeta: mas ſey, que tem infinita
Graça, para dignificar, e preparar a Mãy que eſ-
colher: *Erit præparatus mons domus Domini.*

Que

)ue haja porém de ſe conceber, e naſcer de hu-
a Virgem: *Sicut radix de terra ſitienti! De*
tero Virginis! Iſſo he ainda mais admiravel: e
nto mais, que duvido ſe me acredite: *Quis cre-*
idit auditui noſtro?

19 A meſma Senhora quando ao Archanjo
ıvio, que em ſeu ventre conceberia o Filho de
eos, lhe propôs eſta duvida: *Quomodo fiet iſtud,*
ıoniam virum non cognoſco? E como poderá con-
ber quem he, e ſempre ſerá Virgem? Em ſer eſ-
lhida para Mãy de Deos naõ duvidou a Senhora.
creditou ao Archanjo, reconhecendo-o por ver-
deiro no myſterio, que lhe annunciava; mas naõ
cançou o como poderia conſervar a Virgindade,
ndo Mãy. Já tinha noticia da Graça, que a digni-
ava para ſer Mãy de Deos: *Gratiâ plena Domi-*
s tecum; e parece que naõ comprehendia aquel-
excellente, e admiravel Graça, que, conſervan-
lhe a Virgindade, a diſporia para a Maternida-
: *Quomodo fiet iſtud, quoniam virum non cog-*
ſco? Quanto he o objecto mais admiravel, e ſu-
rior, tanto ſe faz menos perceptivel ao entendi-
nto; e porque a Graça da Virgindade fecunda
ſuperior, e mais admiravel, que a da Materni-
de, por iſſo no meſmo ponto, em que a Senho-
acreditava ſer eſcolhida para a Maternidade, ain-
ſe punha a examinar o como ſeria Mãy, ſendo
rgem: *Quomodo fiet iſtud, quoniam virum non*
noſco?

20 Diſcorro que eſtava Iſaias profeticamen-
ouvindo eſta conferencia entre a Senhora, e o
chanjo, ao tempo em que eſcrevia eſtes Myſte-
s; e reflectindo no que ſe lhe repreſentava, di-

Juxta doctrinã Recẽtiorũ cum D. Ambroſ. apud Sylv. in Evang. tom. 1. lib. 1. cap. 5. q 45. n. 136. & n. 135.

ria aſſim: Se a Mãy de Deos naõ comprehende como conceberá, ſendo Virgem; quem me ha acreditar ouvindo-me, que na Senhora haverá Gr ça unitiva da Virgindade com a Maternidad *Quis credidit auditui noſtro? Aſcendet ſicut fans fugens ubera, & ſicut radix de utero Virg nis?* Julgou Iſaias que para intelligencia de Graça conſervativa da Virgindade, era preci comprehender-ſe a virtude da Omnipotencia: *Br chium Domini cui revelatum eſt?* Tambem á Om nipotencia recorreo o Archanjo, para perſuadir Senhora, que naõ ſeria impoſſivel ſer Mãy, ſe Luc. 1. 37. jactura da Virgindade: *Non erit impoſſibile ap Deum omne verbum.* Para ſe entender quanta a Graça neceſſaria para a Maternidade Divina pr ciſamente conſiderada, baſtará recorrer-ſe á cap cidade, que para ella tem a creatura racional porque cabalmente explicará a Graça da Matern dade, quem com S. Bernardino diſſer, que he t da a de que huma creatura racional he capaz, e D. Bernard. Senẽſ. tom. 1. Serm. 6. toda a esfera da poſſibilidade: *Tanta gratia vi gini à Domino data eſt, quantum uni puræ cre turæ dari poſſibile eſſet.* Eſta foy a mente, co que o Archanjo diſſe á Senhora, que eſtava che de Graça: *Gratiâ plena*; porque quanta capac dade ſe podia achar na Senhora, para em ſi receb a Divina Graça, toda ſe encheo, e occupou del Mas para ſe entender quanta he a Graça da Divi Maternidade com a Virgindade, he preciſo apa tar a conſideraçaõ, e o penſamento de todo o cre do, e recorrer ſó a quanto ſe eſtende o braço Omnipotencia Divina: *Brachium Domini cui r velatum eſt? Non erit impoſſibile apud Deum o*

ue verbum. A razaõ he; porque a Graça unitiva da Virgindade com a Maternidade, ainda ſe moſtra er mais alta, e mais admiravel, que a preciſa Graça da Maternidade: *Maius, & per omnem modum nirabilius, in virginitate fuiſſe fœcundam.*

§. V.

21 BAſtantemente ſe tem moſtrado qual ſeja a Graça, que a Senhora achou para ſi, e a excellencia da meſma Graça. Bem pudeamos dar por concluido o ponto deſta primeira arte, ſe prégaramos a auditorio menos douto: nas como na occaſiaõ preſente os conceitos dos uvintes pedem mais attenção, que os do Prégaor, devo ſatisfazer a huma objecção, que me paece lhes eſtou ouvindo. Direis que a immenſa Graça, com que Maria Santiſſima ſe dignificou para ſer Mãy de Deos, foy a meſma que lhe conſerou a Virgindade, unida com a Maternidade; porue tudo era effeito daquella Graça ſantificante, e que a Mãy de Deos eſtava cheya. Logo na Conceiçaõ do Filho não achou Maria Santiſſima eſpecial Graça para ſi, além da Graça, que preciſamente conreſpondia á Maternidade. Aſſim parece; mas em por iſſo deixou de haver differença de huma Graça a outra. A razão o moſtra; porque a Graça, ue dignificou a Senhora em gráo tão alto, como a conveniente para conceber o Filho de Deos, e Graça, que lhe conſervou a flor com o fructo, a irgindade com a Maternidade, tinhão diverſos feitos, dos quaes bem podia o primeiro exiſtir m o ſegundo: logo erão diverſas Graças. Te-

mos exemplo para prova, e para mais clareza.

Reding. tom. 5. q. 4. a. 1. contr. 1. Gonet. tom. 5 ad 3. a. 4. Babenſt. tr. 8 p. 1. diſp. 4. a. 1.

22 Todos os Sacramentos produzem Graça que nos ſantifica; mas a Graça de hum Sacramento he diverſa da Graça de outro Sacramento: nem póde hum produzir a Graça do outro; porque cada hum delles he inſtituido para diverſo effeito. Tambem aſſim a Graça conſervativa da Virgindade com a Maternidade, era Graça com diverſo effeito: logo era diverſa Graça. Demais. A Graça Sacramental alguma propriedade inclue em ſi, que ſe naõ acha na Graça naõ Sacramental, pelo eſpecial effeito, que aquella Graça tem, e eſta naõ

D. Thom. 3. p. q. 62, a. 2. *Gratia Sacramentalis addit ſuper gratiam communiter dictam*; enſina Santo Thomaz. Da meſma ſórte: a Graça, que na Senhora conſervou a Virgindade unida com a Maternidade, teve algum effeito eſpecial, que não era proprio, e preciſo da Graça ſantificante da Mãy de Deos: logo era diverſa Graça. Vede como o effeito deſta ſegunda Graça he claramente diſtincto, e bem diverſo do effeito, que geralmente ſe acha na Graça ſantificante.

23 He ſem duvida, que o effeito daquella Graça ſantificante, com que Maria Santiſſima ſe ſantificou, e diſpôs para ſer Mãy de Deos, foy puramente eſpiritual; porque era effeito da Graça eſpiritual, que lhe ſantificava a alma. Porém a Graça, que lhe conſervou a Virgindade unida á Maternidade, era Graça tambem corporal, porque produzio hum effeito corporal; fazendo que foſſe corporalmente Virgem, a que era corporalmente Mãy. Naõ me aparto da doutrina dos Padres mais veneraveis da Igreja: elles me deraõ a conhecer na Virgem Mãy eſta Graça corporal. Ouvi ao contemplativo

mplativo Idiota: *Inveniſti gratiam apud Deum, dulciſſima Virgo: gratiam inquam corporalem; ia fuiſti vas innocentiæ puriſſimæ, virginita- s primipila, ſine corruptione fœcunda.* Em menos lavras diſſe o meſmo S. Bernardino de Sena: *Ave atiâ plena, gratiâ inquam ſpirituali, & corpo- li.* Com mais diſtinçaõ o tinha dito já S. Bernar- : *Prior quidem gratia ejus tantùm repleve- t mentem, ſecunda vero etiam ventrem.* Duas raças houve na Senhora (diz o Doutor Maria- , e Meliſluo) a primeira foy ſó eſpiritual; por- e ſe empregou toda em lhe ſantificar a alma: a gunda foy corporal tambem; porque ſendo em ſpiritual, no effeito era corporal, pois tambem ſantificou o ventre, dignificando-o para a Con- çaõ do Filho: e eſta Graça corporal foy a con- vativa da Virgindade com a Maternidade: *In- niſti gratiam apud Deum, ó dulciſſima Virgo: ntiam inquam corporalem, quia fuiſti.... ſine rruptione fœcunda.*

Idiot. c. 6. de V. Mar.

D. Bernard. tom. 1. Ser. 52.

D. Bern. Hom. 4. ſup. Miſſus eſt.

24 Allumiada Marcella pelo Eſpirito Santo, á ta dos milagres que obrava Chriſto, diſſe: *Bea- venter quite portavit*: ou como expõem Ala- e: *Sanctus debuit eſſe hic venter.* Santo he duvida o ventre, que vos concebeo. Parece impropriamente fallou eſta mulher Evangeli- Da Graça nao ſe póde prégar, nem tratar com priedade, ſem ſe recorrer á Theologia: e ſe per- ntais aos profeſſores della, que couſa ſeja a Graça tificante? Reſpondem: Que he huma qualidade iritual, e ſobrenatural, que ſe infunde na alma, ra a ſantificar. Pois como ſe poderia no ventre rporal de Maria Santiſſima infundir a Graça, que

Luc. 11. 27.

Alap. hic.

o ſantificaſſe? Porque na Mãy de Deos houve n
ſó Graça eſpiritual, ſenaõ tambem corporal. Ho
ve na Senhora Graça eſpiritual, como nos mais Sa
tos, para lhe ſantificar a alma: e houve Graça co
effeito corporal (como em nenhum dos mais Sa
tos) para lhe ſantificar o corpo. A razão he, diz
Bernardo, porque como Maria Santiſſima hav
conceber em ſi a Deos corporal, e eſpiritualme
te, devia ter Graça eſpiritual, e corporal tambem
D. Bern. cit. que lhe ſantificaſſe a alma, e o corpo: *Quatenus ſcilicet plenitudo Divinitatis, quæ antè in illi ſicut in multis Sanctorum, ſpiritualiter habitabat, etiam, ſicut in nullo Sanctorum, corporaliter in ipſa habitare incipiat.* A ſantidade da alma era effeito da Graça eſpiritual: a ſantidade do ventre era effeito da Graça corporal; e porque erão dous os effeitos, duas erão tambem as Graças huma para ſantificar a alma, outra para ſantificar o corpo: *Beatus venter: Sanctus debuit eſſe hic venter.*

25 Agora ſe entende a propriedade, com que a mulher Evangelica querendo louvar a ſantidade e Graça do ventre da Senhora, lhe chamou Bemaventurado: *Beatus venter.* Se aquelle ventre não via, nem podia ver a Deos, em cuja viſta conſiſte a Bemaventurança das creaturas; como explica Marcella a Graça, e ſantidade do ventre da Senhora por hum termo propriamente expreſſivo da Bemaventurança: *Beatus venter*? Sem duvida para moſtrar aſſim, que a Graça, e ſantidade na Mãy de Deos, era não ſó eſpiritual, ſenão tambem corporal. Notay. No Ceo para a alma, e para o corpo ha Bemaventurança; porque tambem os cor-

pos

os ſeráõ glorioſos no Ceo. Da meſma ſorte a Gra-
em Maria Santiſſima. Houve neſta Senhora Gra-
eſpiritual para a alma, e corporal para o corpo.
ttendendo pois a eſta proporçaõ, e ſimilhança,
xplicou Marcella a Graça da Senhora pelos ter-
os proprios da Bemaventurança: *Beatus venter.*

26 Os Theologos Eſcolaſticos náo tratárão da
raça corporal; porque ſe empregáo ſó na eſpe-
lação della, em quanto he em ſi meſma eſpiri-
al; mas ainda com aſuas doutrinas nos dáo luz,
ra conhecimento da Graça corporal no ſeu effei-
. Dizem elles, ſem controverſia, que á Graça he
ma participação da natureza Divina: e com ra-
o; porque como os juſtos por virtude da Graça
m algumas operaçoens das que ſaõ proprias á na-
reza Divina, preciſamente devem ſer pela meſ-
a Graça participantes deſſa natureza, que he
incipio, e raiz de taes operaçoens. Diſcorrey
ora commigo, ſuppoſta a doutrina que ouviſtes.
aria Santiſſima ſe fez participante da natureza Di-
na, quando corporalmente gerou, e concebeo,
ndo Virgem; porque a Virgindade fecunda ſó
propria da natureza Divina: logo teve Graça,
e corporalmente a diſpôs para conceber, e ge-
r, ſem detrimento da Virgindade propria.

27 Sirva o Sagrado Texto de confirmar a ra-
õ: *Rorate Cœli deſuper, & nubes pluant juſ-* Iſa. 45. 8.
m, aperiatur terra, & germinet Salvatorem.
Verſaõ Arabica lê aſſim: *Gratiam præſta Cœ-*
m deſuper. Apreſentava Iſaias eſta deprecação
Deos: Infundi já, Senhor, a voſſa Graça, para
ue com ella floreça a terra, e produza o Salvador
o mundo. Fallava o Profeta daquella Graça, com

que Maria Santiſſima ſe diſporia para ſer Mãy de Deos: mas havendo na Senhora huma parte eſpiritual, que he a alma, outra terrena, que he o corpo; rogava o Profeta Graça para o corpo terreno e naõ Graça para a alma eſpiritual. Ou ſe pedia huma, e outra, ſó da Graça corporal fazia clara expreſſaõ: *Gratiam præſta Cœlum deſuper. Aperiatur terra, & germinet.* Sem duvida quiz o Profeta dar-nos conhecimento, e noticia deſta corporal Graça, com que neceſſariamente ſe devia diſpor a Senhora, para corporalmente conceber, e gerar o Filho de Deos: *Aperiatur terra, & germinet.* Mas quizera eu ouvir tambem do Profeta, que operaçaõ teria eſſa Graça corporal, que taõ empenhadamente rogava? Elle a declarou muy bem. Devia ſer huma operaçaõ, em que a natureza corporal moſtraſſe alguma ſimilhança, ou imitaçaõ da Divina, e tal foy a de gerar, ſendo Virgem. Notay.

28 *Aperiatur terra, & germinet Salvatorem.* Abra-ſe a terra (orava o Profeta aſſim) e produza o fructo da vida, que he o Salvador do mundo. Abrir-ſe a tera, como dizem os Expoſitores deſte lugar, he florecer. Daqui veyo o nome ao delicioſo Abril, mez em que ſe abre a terra, porque florecem as arvores: e neſte ſentido diſſe o livro dos Proverbios: *Aperta ſunt prata.* Mas ſe a terra ha de florecer: *Aperiatur*; como ha de fructificar juntamente: *Et germinet*? Ha de produzir o fructo, e conſervar a flor: *Aperiatur, & germinet*? Sim; que para eſſe milagre concorria a virtude da Graça corporal: *Gratiam præſta Cœlum deſuper.* A terra he Maria Santiſſima, como expõem todos os Commentadores: a flor, a Virgindade, como allegoriza

Sanchez Alap. in hũc loc.

Prov. 27. 25.

goriza Laureto: o fructo he Chriſto Salvador do undo, que aſſim o diz o Texto; e para a Mãy de eos gerar, e conceber, ſendo Virgem, rogava o rofeta a Deos huma Graça, cuja operação, e ef- ito foſſe corporal, unindo a Virgindade com a laternidade: *Aperiatur terra, & germinet alvatorem.* Tinha profetizado Iſaias, que huma irgem havia de ſer Mãy de Deos: *Ecce Virgo con- piet, & pariet Filium*; e ancioſo pela execução eſta profecia, rogava a Deos que mandaſſe já o u Unigenito Filho ao mundo: *Nubes pluant ju- um*; mas para iſſo lhe deprecava aquella Graça, ue corporalmente uniſſe na Mãy de Deos a Vir- ndade com a fecundidade, á ſimilhança da fecun- dade Divina; porque entendia, que deſta Gra- a corporal ſeria a Mãy de Deos preciſamente or- da, para conceber, ſendo Virgem: *Gratiam æſta Cœlum deſuper, & nubes pluant juſtum: eriatur terra, & germinet Salvatorem.* Não diſſera immenſa a Graça da Senhora, ſe toda oubera em ſua Alma Santiſſima, ſem ſe lhe com- unicar tambem ao corpo: antes por eſſa razão ſpecialmente chêa de Graça, porque a teve não ó na Alma, ſenão tambem no corpo, em que unio Maternidade com a Virgindade: e eſta he a Gra- a admiravel, que achou para ſi a Mãy de Deos na onceiçaõ do Divino Verbo: *Inveniſti gratiam pud Deum: ecce concipies in utero. Singularem irginalis uteri fœcunditatem inveniſti apud Deum.*

§. V.

§. VI.

29 Vista já a Graça da Senhora, na que achou para si quando concebeo; vejamos a que para nós achou, dando-nos em seu Parto o Author da Graça: *Invenisti gratiam: paries Filium.* Não sey se neste Parto acho contra mim a razão. Os filhos nascem para seus pays. Para Abrahan nasceo Isaac: *Sara uxor tua pariet tibi filium.* Esau, e Jacob nasceraõ para sua mãy: *Dedit conceptum Rebeccæ.* Rachel pedia filhos para si: *Da mihi liberos.* Dos filhos que tinha, dizia Jacob que Deos lhos dera: *Parvuli sunt, quos dedit mihi Deus.* A Zacharias annunciou hum Anjo, que para elle havia de parir Isabel hum filho: *Elizabeth uxor tua pariet tibi filium.* Logo para a May de Deos era o Filho, que nasceria della; e no Parto, mais para si, que para nós, o achava. Assim devêra ser, se em Christo, além da razão de Filho, não houvera a de Author da Graça. Nas produçoens da natureza, o dominio se julga pela posse: nas produçoens da Graça, julga-se o dominio pela communicaçaõ. Se Christo não fora Author da Graça, só para sua Mãy nascera; mas sendo Author da Graça, e a mesma Graça, devia nascer para todos: *Pariendo Beatissima Virgo gratiæ authorem, quodammodo gratiam ad omnes derivavit.*

Genes. 17. 19.

Genes. 25. 21.

Genes. 30. 1.

Genes. 33. 5.

Luc. 2. 13.

30 Diz S. Paulo, que a Graça do Salvador do mundo apparecera para todos os homens: *Apparuit enim gratia Dei Salvatoris nostri omnibus hominibus.* Que Graça he esta? Perguntaõ os Santos Padres, e Expositores. Alapide, seguindo a S. Ber-

Ad Tit. 2. 11

Bernardo, e conformando-se mais com o literal
o Texto, resolve que esta Graça he o mesmo
Christo: *Gratia Christi, ideſt, Chriſtus ipſe.* Em Alap. hic.
eu nascimento appareceo Christo; porque antes
e nascer estava occulto no materno ventre. Mas
appareceo nascendo, como apparece para todos,
que como Filho só devia nascer para sua Mãy?
meſmo Apostolo nos declarou a razão, e o myſ-
rio. Deo a Christo o nome de Graça, por ser del-
Author: *Apparuit gratia*; e para todos appa-
cia, porque nascia nelle a Graça para todos: *Ap-
ruit gratia Dei Salvatoris noſtri omnibus
minibus: ideſt, Chriſtus ipſe.* Duas vezes nasceo
hristo: a primeira na Incarnaçaõ, e a segunda no
rto. Na Incarnaçaõ só nascia para sua Mãy San-
ſima: *In ea natum eſt*; porque para ella enca- Matth. 1. 20.
inhava entaõ, e nella infundia toda a enchente
sua Graça: *Gratiâ plena.* No Parto a mesma
nhora dirigia essa Graça para nós: *Pariendo
atiſſima Virgo gratiæ authorem, quodammodo
atiam ad omnes derivavit*: por isso nascia en-
para nós todos o Author della: *Apparuit gra-
Dei Salvatoris noſtri omnibus hominibus, id
, Chriſtus ipſe.*

31 Bem; mas naõ sey se deo occasião a infe-
-se, que totalmente negamos á Mãy de Deos a
ção, e o titulo de Senhora da Graça. O Author
lla nascia para nós; porque nos foy dado pelo
erno Padre: *Parvulus enim natus eſt nobis, &* Isa. 9. 6.
lius datus eſt nobis; pois que dominio, ou que
thoridade póde ter Maria Santissima na Graça,
em seu Author, se este nos foy dado a nós: *Da-
s eſt nobis*; e para nós nasceo: *Natus eſt nobis?*

Have-

Havemos attribuir á Mãy de Deos o que lhe naõ devemos? Não; mas devemos attribuir a Maria Santiſſima eſſa Graça, e o Author della; porque ſe por meyo do Parto da Senhora, e naſcimento do Filho, nos foy dado taõ grande bem. Ainda que o Author da Graça nos foy dado a nós pelo Eterno Padre, como dadiva; foy dado a Maria Santiſſima como Filho: *Concipies in utero, & paries Filium* e ſe o Author da Graça era Filho, como não ſera a Mãy Senhora da Graça delle?

D. Bern. S. 1. ſup. Miſſus eſt. Maldon. in c. 2. Luc. Vega Theol. Mar. Paleſ. 27. cert. 4.

32 He celebre queſtão aſſim entre os Theologos, como entre os Expoſitores, ſe a excellencia da uniaõ hypoſtatica fez que Chriſto, quanto á humanidade, foſſe iſento da patria poteſtade, com que os mais filhos ſaõ ſugeitos, e ſubditos a ſeu pays? A opiniaõ, a meu entender, mais provavel reſponde que não. Aſſim o reſolveo Santo Ildefonſo, enchendo-ſe de admiração neſte ponto: *Vt haberet ancilla in ſubdito Dominum, ancillam Dominus in Prælato: eſſetque Dominator naſcendo ſubditus ancillæ, quam ipſe condiderat; ſicque haberet ancilla poteſtatem in ſubditum Dominum.*

D. Ildef. lib. 6 de Virg. Mar. c 8.

Do meſmo entender foy o inſigne Cancellario Gerſon: *Habet veluti authoritatem, & naturale dominium, ad totius mundi Dominum.* Logo, e com mais razão, eſtavão como ſugeitos á diſpoſição de Maria Santiſſima, em quanto Mãy, a Graça, e mais bens ſobrenaturaes de Chriſto, em quanto ſeu Filho. Sim; infere o meſmo Gerſon, e continua dizendo: *Et à fortiori, ad id quod huic ſubjectum eſt Domino.* Confirme-o Santo Athanaſio: *Decet Matrem & quæ Filii ſunt poſſidere.* Naſcia pois para nós o Author da Graça; mas como naſcendo,

Gerſ. Serm. de Annũtiat.

D. Athan. Ser. de Deipar.

D. Joan Damaſc orat. 2 de Aſſũpti.

quiz

uiz ſujeitar-ſe á juriſdição, e poteſtade de Mãy: mbem quiz que a Graça ficaſſe ao arbitrio della, ra a diſpender comnoſco, como Senhora, ou iſpenſadora da Graça de ſeu Filho. Não poſſo cuſar-me de repetir as palavras, com que o diſ- S. Bernardino de Sena: *A tempore, quo Virgo Mater concepit in utero Verbum Dei, quandam ut ſic dicam) juriſdictionem, ſeu auctoritatem tinuit in omni Spiritus Sancti proceſſione temrali; ita quòd nulla creatura aliquam à Deo tinuit gratiam, vel virtutem, niſi ſecundùm ipſius piæ Matris diſpenſationem.* D. Bern. Senenſ. relatus ſupr. n. 3.

33 Naquellas bodas de Caná em Galilêa, que hriſto, e ſua Mãy Santiſſima authorizaraõ aſſiſtin- a ellas, como faltaſſe o vinho, enſinuou a Seora a Chriſto, que milagroſamente remediaſſe alta; e Chriſto lhe reſpondeo aſſim: *Quid mihi, tibi eſt mulier? Nondum venit hora mea.* Já beis quam grave difficuldade reconhecem os ntos Padres na expoſição deſtas palavras. Santo goſtinho tem para ſi, que nellas dizia Chriſto, o ſer ainda chegada a hora de ſe manifeſtar o yſterio, e razão occulta, que nelle havia para m a Senhora; porque ainda não era tempo de ſe clarar ao mundo, que elle era Deos, e que Maria ntiſſima era Mãy de Deos: *Nondum venit hora mea, qua oſtendam, quid tibi, & mihi ſit ó Mater, ſcilicet, me ex te aſſumpſiſſe naturam humam.* Que Chriſto era Filho da Senhora, ſabião dos; mas, que Chriſto era Deos, e que Maria Sanſſima era Mãy de Deos, muy poucos erão os que ſabião, nem era ainda tempo de ſe fazer notorio m aquelle milagre. Bem: mas ſe Moyſés con- Joan. 2. 4. D. Aug. apud Alap. in hũc locum Joan.

verteo

verteo á vara em ſerpente, e as agoas do Nilo em ſa
gue, ſem ſer Deos; como ſe faria patente, q
Maria Santiſſima era Mãy de Deos, ao paſſo em q
o Filho converteſſe a agoa em vinho? Porque n
ſe calo ſe daria a ver, que a Senhora tinha auth
ridade, e poder nas acçoens ſobrenaturaes, em
lagroſas do Filho; o que ſó he proprio da Mãy
Deos. Os mais filhos ſaõ ſujeitos aos pays nas a
çoens naturaes unicamente; porque ſó eſtas ſ
proprias dos mais filhos. Porêm a Mãy de Deo
até nas acçoens ſobrenaturaes de Chriſto tem a
thoridade; porque tambem eſtas ſaõ proprias d
Filho, que ella concebeo, e gerou, como verdade
ra Mãy. Fazendo pois Chriſto aquelle milagr
por mandado de Maria Santiſſima, vinha a ſer p
tente o myſterio entre a Mãy, e o Filho de Deo
O Filho ſe moſtrava ſer Deos, obrando milagr
por obedecer á Mãy, que ſó o podia mandar n
que elle por natureza pudeſſe obrar: e ſó a Deo
compete obrar milagres por natureza. A Mãy tam
bem ſe moſtrava ſer May de Deos, naõ lhe ſend
iſentas as acçoens do Filho, que era Deos; por
que nellas, e no meſmo Filho moſtrava ter autho
ridade, e hum quaſi natural dominio: *Habet velu
ti authoritatem, & naturale dominium ad totiu
mundi Dominum, & à fortiori ad id, quod hui
ſubjectum eſt Domino.*

34 Eſta authoridade, que a Mãy de Deos te
ve ſobre as acçoens theandricas de Chriſto, eſ
pecialmente exerce na diſtribuição da Graça, co
mo Mãy que he do Author da Graça: o qual ne
nhuma nos quer communicar, ſem que por me
yo de ſua Mãy Santiſſima nos ſeja paticipada: *Ne
mo*

o eſt, cujus miſereatur gratia, niſi per te, ó ho- D. Germ. in
eſtiſſima; diſſe S. Germano Patriarca de Conſ- Mariali.
ntinopla: *Plenitudinem totius boni poſuit in* D. Bern Ser.
Maria, ut perinde ſiquid gratiæ in nobis eſt, ab de Aquæ-
noverimus redundare, diſſe S. Bernardo; e o ductu.
rchanjo talvez lhes inſpirou eſta doutrina. Sau-
ndo a Senhora diſſe: *Ave gratiâ plena.* Taõ
ofundos Myſterios ſe comprehendem neſtas pa-
vras, que ſempre daráõ materia a novas ponderа-
ens. Cheya de Graça! Parece impoſſivel; por-
ie quanto a Graça he mayor, e mais intenſa,
uſa mais capacidade, e mayor diſpoſição para
va, e mayor Graça. Logo ao meſmo paſſo, em
ie a Maria Santiſſima conſiderar-mos cheya de
raça, não eſtará cheya della; porque eſtará en-
o mais diſpoſta, para em ſi receber dobrada, e
ayor Graça. Parece que ſim; mas tambem he cer-
, que a Graça de dous modos ſe communicou á
ãy de Deos: de hum modo, para a ſantificar; de
tro modo, para nos ſer por ella communicada,
gundo acabamos de ouvir aos Santos Padres. A
raça, que ſantificava a Mãy de Deos, podia aug-
entar-ſe, por mais que eſtiveſſe cheya de Graça:
as a que por ella, como Senhora da Graça, nos ha-
a ſer communicada, foy huma taõ grande en-
ente de Graça, que jamais ſe não podia augmen-
r, porque foy toda a Graça de ſeu Filho. Ouça-
os a S. Jeronymo: *In Maria totius gratiæ ple-* D. Hier. Ser.
tudo, quæ in Chriſto eſt, venit; quanvis aliter; de Aſſũpt.
eve Maria Santiſſima (diz o Doutor Maximo) B. V.
meſma enchente de Graça, que em Chriſto hou-
; mas de outra ſorte. Profundiſſima he a mente
o Santo, e ainda ſe não percebe. He certo que
a ſan-

a ſantidade em Chriſto foy incomparavelment mayor, que em ſua Mãy Santiſſima: logo não te ve a Senhora tanta Graça, como em Chriſto hou ve. E ſe a Graça na Mãy era toda a que no Filh houve, como a não teve da meſma ſorte? Po que ſe bem houve em Maria Santiſſima a Graç toda de Chriſto, não era toda para a ſantifica como propria: era para a diſtribuir tambem, c mo Senhora da Graça de ſeu Filho. Em Chriſt houve infinita Graça para o ſantificar a elle, e po ſeus merecimentos ſe nos communicar a nós. E Maria Santiſſima houve a meſma Graça, porqu teve a Graça toda de Chriſto, não para ſer co toda ella ſantificada, mas para a diſtribuir com noſco, conforme pede a authoridade de Mãy d Author da Graça: *Gratiâ plena. Plenitudinem to tius boni poſuit in Maria, ut perinde ſiquid gra tiæ in nobis eſt, ab ea noverimus redundare.*

Juxta Maior in 3. d. 13. q. 1. Almai. ibid. §. His ſuppoſitis. D. Thom. 3. p. q. 7. a. 11. ubi inquit *Gratia Chriſti poteſt dici infinita, eò quod non limitatur.*

35 Obſerva Chriſto entre ſi, e ſua Mãy San tiſſima a meſma ordem inſtituida entre elle, e ſe Eterno Padre, para ſe nos communicar a Graç He Chriſto o depoſito de todas as Graças do Pa dre; e nenhuma ſe nos concede, ſem que por el le nos ſeja communicada: *Benedixit nos in omn benedictione ſpirituali in cœleſtibus in Chriſto* Tambem Maria Santiſſima he depoſito fideliſſimo de toda a Graça de Chriſto: *In Maria totius gra tiæ plenitudo, quæ in Chriſto eſt, venit*: e nenhu ma Graça quer Chriſto que haja em nós, ſem que de Maria Santiſſima a recebamos: *Nihil nos Deus habere voluit, quod per manus Mariæ non tran ſiret*, diz S. Bernardo; porque como Filho quer deſempenhar aſſim o reſpeito, que para com ſua

Ad Epheſ. 1. 3.

D. Bern. Ser. 4. in Vig. Nativit.

Mãy

Mãy Santiſſima contrahio pelo naſcimento. Mas
em porque a Graça do Filho ſe nos communica
or meyo da Mãy, nos fica mais difficultoſa, ou
enos ſegura a impetraçaõ della; porque da hora
o Parto, em que nos déo o Filho, ſempre nos eſtá
fferecendo a ſua Graça: *Paries Filium. Pa-*
iendo, quodammodo gratiam ad omnes derivavit.

§. VII.

36 EU diſſera, que havendo na Senhora au-
thoridade de nos communicar a Gra-
de ſeu Filho, muito ſe deve alentar em nós a
perança de a conſeguirmos; porque a Mãy de
eos he para nós taõ pia, que parece mais eſti-
ou achar a Graça para nós communicada no Par-
, que achar para ſi a Graça na Incarnação. Bem
que a Graça do Parto era dependente da Graça
Incarnação: e ſe a Mãy de Deos naõ achára a
aça de ſeu Filho para ſi, a naõ pudêra achar pa-
nós; porque a Graça, que tem, a fez diſtribui-
ra da que por ella ſe nos communica. Mas he
duvida que a Senhora, cuja humildade exce-
á de todas as creaturas, nunca rogou a Deos
a ſi a Graça da Maternidade: e nunca ceſſou de
pedir o Author da Graça para os homens to-
, ſenaõ depois que em ſi o teve para no-lo dar
Parto; como ſe mais o deſejára para nós to-
naſcido, que ſó para ſi concebido.

37 Quando a Senhora deo ſeu conſentimento
a nella incarnar o Divino Verbo, fallou ao Ar-
njo neſta forma: *Fiat mihi ſecundum verbum* Luc. 1. 38.
m: execute-ſe a voſſa ſegunda palavra. Aſſim

explica o B. Alberto Magno eſte profundo, e my
ſterioſo Texto. Duas palavras diſſe o Archanjo
Senhora: *Concipies*, *& paries*, haveis de con
ceber, e parir. A primeira palavra era da In
carnaçaõ, e a ſegunda do Parto. O Myſterio d
primeira, era o meſmo que o da ſegunda; ma
na acceitaçaõ da Mãy de Deos, a ſegunda pala
vra foy a eſcolhida, e a preferida: *Fiat mihi ſe
cundum verbum*; porque a primeira ſe referia
Incarnaçaõ: *Concipies*; e a ſegunda ao Parto
Paries; e a Mãy de Deos eſtimava em mais da
a todos os homens o Author da Graça no Parto
que o concebê-lo ſó para ſi na Incarnaçaõ.

B. Albert. M. in hũc locũ, ait: Poteſt etiam ly *ſecundũ*, nomen eſſe ordinale, ut ſenſus ſit (ſecũdum verbũ tuũ) quod in ſalutatione poſitũ eſt.

38 Nem lhe foy inutil o dictame deſta prefe
rencia; porque a meſma Senhora, e Mãy da Gra
ça entendeo, que dando-nos o Author da Graç
no Parto, o tinha mais para ſi. Entaõ mais ſeu
quando he tambem para nós: *Fiat mihi ſecun
dum verbum tuum*: faça-ſe para mim a voſſa ſe
gun la palavra, diſſe a Senhora, e parece naõ eſ
tár bem dito; porque na primeira palavra do Ar
chanjo ſe promettia o Filho concebido nella: *Con
cipies*; e na ſegunda palavra, *Paries*, ſe promet
tia naſcido para nós: *Natus eſt nobis.* Pois ſe
Senhora pede o Verbo para nós naſcido, confor
me a ſegunda palavra: como entaõ o reputa para
ſi: *Fiat mihi ſecundum verbum*? Porque quando
a Senhora nos dá o Author da Graça, entaõ o
conſidera mais ſeu: *Paries*: *Fiat mihi ſecundum
verbum.* Eſcolhia Maria Santiſſima como para ſi:
Fiat mihi; e o que mais deſejava era para nós;
porque ſuſpirava por nos dár o Author da Graça
no Parto: *Paries*: *Fiat mihi ſecundum verbum.*

Os

s ſette OO de Maria Santiſſima neſtes ſette dias,
ie ſaõ, ſenaõ huns intimos deſejos de nos dar o
lho, que concebeo? O' ſe chegára já para mim
hora ditoſa do Parto mais feliz para o mundo
do! O' ſe a natureza admirada porque conce-
eo huma Virgem, agora já ſe admirára com o
rto da meſma Virgem! O' ſe quizeſſe já o Di-
no Sol, deixando a nuvem que o encerra, moſ-
ar ſeus reſplendores ao mundo! O' ſe vira eu para
homens todos naſcido já o meu Filho! O' ſe
déra eu dar já aos homens o Filho de Deos, que
ncebi, e tenho em meu ventre! O' ſe moſtrára
já aos filhos da culpa o Author da Graça! O'
por meyo delle naſcido, pudéra eu neſta hora
caminhar para as almas todas a ſua Graça!

39 Cada O deſtes levava a Maria Santiſſima
m dia inteiro, porque no eſpaço de todo elle
lhe não interrompia o deſejo de que ſe apreſſaſ-
, e chegaſſe a hora do Parto: e á força deſtes
ſejos chegou a hora de ſeu Parto, e do Naſci-
ento do Filho. Diz Guerrico Abbade, que o
ntre de Maria Santiſſima era hum Ceo fecha-
, e rodeado com ſette circulos, que ſaõ ſet-
OO: *O' uterum, qui cœlum eſt, ſeptem circu-* Guer. Abbas
conſtans. Mas ſe ſette circulos fechavaõ o Filho
Deos naquelle ventre celeſtial, ſette OO o abri-
õ (ſem o violar) para que naſceſſe. Hum O he
ma aſpiraçaõ, e ſabemos que a aſpiraçaõ ſe des-
quando ſe forma. Em cada hum deſtes dias
rmava a Senhora huma aſpiraçaõ, e em cada
piraçaõ hum O; mas com a meſma aſpiraçaõ ſe
ſfazia hum O, e hum dos circulos do ſeu ven-
e, atéque á violencia, e ternura de ſeus OO, e

de ſuas aſpiraçoens, chegou a hora de ſeu ſuſpira
do Parto, em que nos deo o Filho naſcido. Para
conceber em ſi [notay bem] tudo foraõ na Se
nhora reparos, e difficuldades: *Quomodo fiet i*
tud, quoniam virum non cognoſco? Para o da
naſcido, tudo na Senhora foraõ deſejos: e eraõ ta
fervoroſos, que a affligiaõ em quanto ſe lhe dilata
Apoc. 12. 2. va o Parto: *In utero habens clamabat parturien*
& cruciabatur ut pariat, diz o Apocalypſe. *De*
Carthagen. t 2. lib. 7. Hom. 2. *ſiderio, quo tenebatur, ut pareret Filium*; ex
põem o Carthagena: porque na Incarnaçaõ, o
Conceiçaõ do Filho, recebia em ſi, e para ſi
Author da Graça; porém no Parto a todos com
municava o Author Graça, e com elle tambem
meſma Graça: *Eum, qui eſt plenus gratiâ, pa*
riendo, quodammodo gratiam ad omnes derivavit
e iſſo he o que a Mãy de Deos mais deſejava: *Fia*
mihi ſecundum verbum tuum. Paries Filium.

§. VIII.

40 TEmos ponderado a Graça, que a Se
nhora achou para ſi, e para nós: na
Incarnaçaõ para ſi, e para nós no Parto. Nas clau-
ſulas do Evangelho preſente deſcobrio Hugo Vi-
ctorino, que de tres differentes modos foy Maria
Santiſſima honrada, e enriquecida com a Divina
Graça; porque houve nella a Graça, de que foy pre-
parada, e cheya, para receber dignamente o Fi-
lho de Deos: *Gratiâ plena Dominus tecum.* Hou-
ve ſobre ella a Graça, que a fez ſombra do Eter-
no Padre, para, á ſimilhança delle, conceber, e ſer
Mãy, ſendo Virgem: *Spiritus Sanctus ſuperve-*
niet

et in te, & virtus Altissimi obumbrabit tibi.
ouve Graça, que sahio della, em Christo, e por
le se nos communicou para nos salvar: *Paries*
ilium. Ouvi a exposiçaõ, e nota de Hugo: *Su-*
r eam ad umbrationem; in eâ ad fœcunditatem;
eâ ad salvationem. Tudo vimos, e tudo com-
ehendemos nos discursos deste Sermaõ. Vimos
Graça, que houve na Senhora: *Gratiâ plena;*
achámos que era infinita, immensa, e incom-
ehensivel. Vimos a Graça, que veyo sobre Ma-
Santissima: *Spiritus Sanctus superveniet in*
; e achámos que teve especialmente huma Graça
rporal, por cuja virtude, assimilhando-se ao
erno Padre, concebeo, e gerou, sendo Virgem.
timamente vimos a Graça, que sahio da Senho-
para nós, e foy esta o Filho, que nos deo: *Pa-*
s Filium. Resta-nos agora pedir, e rogar-lhe
e pois he Senhora, e May da Graça, queira, ou
mo Senhora dispender comnosco liberalmente
s thesouros da Graça, que tem a seu arbitrio: ou
mo May interceder por nós a seu Filho, e Author
Graça, para nos communicar os auxilios mais
portunos della; com os quaes resistamos aos ini-
gos de nossas almas, vençamos suas tentaçoens, e
reçamos ser coroados na Gloria, onde eterna-
nte louvemos a Deos por tanta Graça, e por
ta Gloria.

Hug. Vict. in Allegor. de Verb. incarn. collat. 3.

CINCO SERMOENS
nas Tardes das cinco Domingas da Quaresma, prégados no Mosteiro de S. Bento do Rio de Janeiro. Anno de 1738.

SERMAÕ IX.
NA TARDE DA PRIMEIRA
DOMINGA
DA QUARESMA.

Lava à malitiâ cor tuum Jeruſalem, ut ſalva fias. Jerem. 4. 14.

§. I.

SENDO taõ maravilhoſa a fabrica do compoſto humano, que com ella ſe acredita de admiravel a ſabedoria de ſeu Author: *Mirabilis facta eſt ſcientia tua ex me*; he o coraçaõ a parte mais bre de todo o corpo. He a fonte de que emanaõ alentos vitaes para todo elle: he taõ puro, que õ admitte em ſi a minima corrupçaõ: he o priiro movel do noſſo abbreviado mundo; porie do ſeu movimento pende o das mais partes ganicas. Mas neſſe meſmo coraçaõ, onde o Au- Pſal. 138. 6.

thor da natureza pôs o principio da vida, pôs o homem a origem de sua morte: e o que em si não admitte corrupçaõ propria, em si fabrîca a corrupçaõ da alma; porque assim como as operaçoens do corpo lhe saõ todas subordinadas, assim em todas o primeiro delinquente he o coraçaõ, que a move: *De corde exeunt cogitationes malæ, homicidia, adulteria, fornicationes, furta, falsa testimonia, blasphemiæ.*

Matth. 15. 19.

2 Agora fica bem clara a razaõ de dizer Christo, que verá a Deos na outra vida, quem nesta conservar pureza de coraçaõ: *Beati mundo corde quoniam ipsi Deum videbunt.* E naõ será preciso que tambem as potencias, e os sentidos se conservem puros? Sim; mas para que haja pureza nos sentidos, e nas potentias, bastará havê-la no coraçaõ: assim como basta que a fonte seja clara, para que as agoas sejaõ crystallinas. Este foy o dictame com que Jeremias, querendo reparar a condemnaçaõ, a que Jerusalem se precipitava com suas culpas, lhe prégava então, e a nós agora, nas palavras do nosso thema, que purificasse o seu coraçaõ, se pertendia salvar-se: *Lava à malitiâ cor tuum Jerusalem, ut salva fias*; porque se todos os vicios nascem do coraçaõ: *De corde exeunt*, o coraçaõ deve purificar, por meyo de huma geral extirpaçaõ de todos os vicios, quem solicîta salvar-se, e gozar da clara vista de Deos no Ceo. Oh se quizesse Deos, que nos deliberassemos todos a purificar desta sorte os nossos coraçoens! Quam segura teriamos a salvaçaõ: *Lava à malitiâ cor tuum Jerusalem, ut salva fias!*

Matth. 5. 8.

3 O meu desejo he, e tambem será o meu empe-

mpenho, mover-vos (com o favor de Deos) a que urifiqueis voſſos coraçoens dos vicios, que em ſi dmittiraõ, ou por inclinaçaõ da natureza depra-ada, ou pelo trato da humana converſaçaõ. Baſta-a para eſte fim, que cada hum reflectiſſe no peri-o de ſua ſalvaçaõ taõ arriſcada, em quanto naõ ex-rpa os vicios, que traz radicados no coraçaõ; as porque nos homens ſaõ os genios taõ diverſos, omo he a natureza diverſa em cada hum; naõ po-endo talvez hum ſó motivo ſer de tanta efficacia, ue chegue a convencer, e a converter a muitos, e preciſo buſcar varios meyos para o meſmo fim; orque na falta de huns aproveitem outros.

4 Aquelle Doutor Extatico, Dionyſio Carthu-ano, cinco ponderaçoens deſcobrio, e nos apon-ou, muy poderoſas para nos moverem a purificar oſſos coraçoens, fundadas no conhecimento de inco damnos, que do peccado reſultaõ, e ſaõ eſ-es: *Anima deturpatur, Deus inhonoratur, temus amittitur, æterna pœna acquiritur, Diabolus exhilaratur.* Com qualquer peccado, que ſe ommette (diz o Carthuſiano) a alma ſe affea, ti-a-ſe a Deos a honra, perde ſe o tempo, adquire-ſe condemnaçaõ eterna, e o demonio ſe alegra. Oh ſe ſoubera o deſgraçado peccador a quanta mi-eria ſe reduz, em commettendo huma culpa gra-e! Oh ſe conhecera os males, e os damnos, que eſtá ſe originaõ! Queira Deos, que o ſaiba eu onderar. Elle queira dar-me o ſeu eſpirito, pa-a o perſuadir neſtas cinco tardes. Em cada huma ellas vos proporey hum dos graviſſimos damnos, ue traz comſigo o peccado. Na primeira, vos moſ-rarey a fealdade, que cauſa na alma: *Anima deturpatur.*

Dionyſ. Cart. in Jerem. 4. v. 14. Expoſ. Spirit. & tropol. a. 1.

turpatur. Na ſegunda, a injuria, que pelo peccado ſe faz a Deos: *Deus inhonoratur.* Na terceira, quam grave ſeja a perda do tempo, que ſe naõ empregou em ſervir a Deos, e o meyo de ſe recuperar: *Tempus amittitur.* Na quarta, a eterna pena, que ſe merece pelo peccado: *Æterna pœna acquiritur.* Na quinta, e ultima, o prazer que moſtra o demonio quando nos vê caidos na culpa: *Diabolus exhilaratur.* Eſtá propoſta, e diſtribuida a materia. De meus ouvintes huma ſó couſa eſpero, e unicamente lhes peço: *Nolite obdurare corda veſtra:* naõ obſtineis voſſos coraçoens ás vozes de meus diſcurſos; porque ſe dirigem a purificá-los, como neceſſario meyo para a ſalvaçaõ: *Lava à malitiâ cor tuum Jeruſalem, ut ſalva fias.* Para o fructo, e felicidade deſte empenho ſanto, roguemos a Deos nos ſeja propicio, e imploremos o auxilio da Divina Graça, por meyo daquella Virgem puriſſima, que he Mãy da Graça.

Pſal. 94. 8.

AVE MARIA.

§. II.

Lava à malitiâ cor tuum Jeruſalem, ut ſalva fias.

5 A Primeira conſideraçaõ, que nos deve mover efficazmente a purificar noſſos coraçoens he a da enormidade da culpa; que commettida, aſſim como ſe imprime, e recebe na alma, aſſim nella cauſa huma fealdade horrenda: *Anima deturpatur.* Gentio era Seneca, e allumiado

ó só da razaõ, dizia, que ainda com a certeza de
ue nenhum homem teria noticia do seu peccado, e
que Deos lho perdoaria, só pela enormidade da
etma culpa, sempre se absteria della: *Etsi scirem, mines ignoraturos, & Deum ignosciturum, tamen adhuc peccare nollem ob ipsius peccati turtudinem.* Taõ horrendo aspecto he o de huma lpa mortal, que se Deos quizera empenhar to- o seu poder, e sabedoria na composiçaõ de hum jecto summamente horrivel, sempre o faria in- itamente excedido pela deformidade de hum peccado mortal. A unica medida, com que se ıala a fealdade da culpa, he a formosura Divi- : e a razaõ bem patente he; porque o peccado ceſſariamente se oppõem á perfeiçaõ de Deos: e r força desta oppoſiçaõ, quanto cresce a formoa em Deos, tanto no peccado cresce a deformdade, que se lhe oppõem. Daqui se vê, que assı como Deos, por mais que se empenhára em rmar hum aggregado de toda a formosura possil, naõ chegaria a produzir huma formosura igual ua; assim, por mais que intentasse formar hum jecto summamente horrivel, nunca sahiria com ra de taõ horrendo aspecto como o peccado. õ dous extremos oppostos, que se estaõ medin- , e entre si competindo: a formosura em Deos, ra naõ ter outra que a iguale; a fealdade no pecdo, para naõ achar outra similhante. Se quereis razaõ desta equiparancia, ouvi-a. Deos naõ póde fazer outra formosura igual á sua; porque como a formosura em Deos he infinita, nenhuma tra haverá fóra della, que na formosura Divina naõ ache comprehendida. Tambem o peccado, por

Senec. relatus à Tertul. Apologo 20.

por ſer huma infinita injuria, que ſe faz a Deos, contêm tal fealdade, que preciſamente ha de comprehender em ſi toda a enormidade poſſivel.

6 A couſa mais horrivel que póde conſiderar o entendimento humano, e Angelico, he o inferno, centro de todo o horror: *Ubi ſempiternus horror inhabitat.* E de todo o inferno qual ſerá o mayor horror? David faz diſtinçaõ de dous infernos: hum ainda mais profundo, e inferior que o outro: *Ex inferno inferiori*; naõ pela diſtinçaõ dos lugares, mas pela intenſaõ, e comparaçaõ dos tormentos. Inferno, he lugar o mais inferior da terra; e ſuppoſto que neſta conſideração não póde haver inferno mais, ou menos inferior; com tudo, na razaõ de tormento ha inferno mais, e menos profundo; porque onde os tormentos não ſaõ iguaes, póde haver hum, que entre todos ſeja o mayor, e por iſſo inferno mais inferior, e mais profundo. Dizey-me agora, qual ſerá eſſe inferno inferior, ou eſſe mais horrivel tormento, que padecem os condemnados no inferno? Se aos Theologos fizeres eſta pergunta, reſponderáõ todos, que a privação da viſta de Deos he a mayor pena dos condemnados, aſſim como a mayor gloria dos Bemaventurados he ver a Deos. Dizem admiravelmente, mas ſerá bem que os expliquemos melhor.

Job 10. 22.

pſal. 85. 13.

7 Privação, conforme enſinão os Filoſofos, he o meſmo que falta, ou perda de alguma forma, por introducção da outra que lhe he oppoſta, e contraria, as quaes ambas ſe não podem conſervar juntamente. Aſſim o calor he privação do frio, a enfermidade he privação da ſaude, e a pena he privação do goſto, Da meſma ſorte; no inferno a viſta das

culpas

ulpas commettidas he privaçaõ da vista de Deos;
orque a vista do peccado, formidavelmente pro-
osto, he incompativel com a vista de Deos; sem
ue possa aquella vista de tanto horror concorrer
ntamente com a clara vista de Deos. Vem pois a
r a mayor pena de hum condemnado o estar eter-
amente vendo, naõ a Deos, mas sim os peccados,
ue commetteo; porque a vista horrenda dos seus
eccados o priva de ver a Deos. Dous objectos to-
lmente diversos, e distinctos, nem se pódem ver,
em conhecer juntamente; porque hum ha de ser
e impedimento a outro. Quem vê, ou conhece
hum, se priva de ver, ou conhecer a outro no
esmo tempo. Que objectos mais oppostos, e en-
e si mais repugnantes, do que saõ Deos, e o pec-
ado? Pois necessariamente haõ de sentir a pri-
açaõ de ver a Deos os condemnados, que, em
ena de suas culpas, se empregaõ eternamente na
ista dellas. Esta pois infeliz troca, e commuta-
õ, que se lhes faz de hum objecto infinitamen-
glorioso, qual he Deos, por outro infinitamen-
horrendo, qual he o peccado, vem a ser o tor-
ento mayor para os condemnados. Vendo os
emaventurados a Deos, naõ ha cousa que nelle
õ possaõ ver; porque em Deos tudo se compre-
ende, e tudo se representa. Só naõ pódem ver
lle immediata, e propriamente o peccado; por
ue esta enormidade se naõ acha na Divina idéa:
eccatum non habet in Deo ideam, diz Santo Tho- D. Thom. 1. p. q. 15. a. 3.
az. Os condemnados, pelo contrario, vem os
eccados, que commetteraõ, e só a Deos naõ
ódem ver. Essa vista taõ horrivel do peccado,
ela qual trocaraõ elles a glorioza vista de Deos,

he

he o inferno inferior; porque assim como he mayor tormento do inferno, assim he o seu mayor horror.

8 Vamos ao Texto de David: *Eruisti animam meam ex inferno inferiori.* Vós, Senhor, (dizia o Real Profeta) tiraistes a minha alma do inferno inferior. Qual seja o inferno inferior está dito, agora o entendereis melhor, sabendo quando delle sahio a alma de David. Peccando este grande Rey primeira vez no adulterio com Bethsabé, segunda vez no homicidio de Urias, chegou Nathan a reprehendê-lo, e o fez com tanto espirito e efficacia, que lhe pôs diante dos olhos (quanto pode ser) huma viva imagem dos peccados, que commettêra. Ouvi ao mesmo David: *Iniquitatem meam ego cognosco, & peccatum meum contra me est.* Ou como expuzeraõ S. Jeronymo, e Santo Agostinho: *Peccatum meum ante me est. Coram me est.* Inclinada porém a piedade Divina á contriçaõ de David, lhe retirou da vista, e lhe apartou dos olhos essa horrenda imagem de seus peccados: *Dominus quoque transtulit peccatum tuum.* Em quanto David olhava para o formidavel aspecto de seus peccados, experimentava na vista delles o mayor tormento do inferno: por isso, quando de seus olhos se removeo taõ horrendo objecto, julgou tambem que Deos o havia tirado do inferior, ou mais profundo do inferno: *Peccatum meum contra me est: ante me est. Dominus quoque transtulit peccatum tuum. Eruisti animam meam ex inferno inferiori.* Ouvi o commento de Rabbi Salomaõ, taõ intelligente nas Escrituras do antigo Testamento: *Nathan Propheta dixit*

Psal. 50. 5.

D. Hieron. D. August.

2. Reg. 12. 13

xit ei: transtulit Dominus peccatum tuum; & undum hoc dixit David: eruisti animam meam inferno inferiori.

9 Tanta como isto foy a tribulaçaõ do Peni-nte Rey, vendo o mayor horror do inferno na ldade de suas culpas, segundo a representaçaõ, e dellas lhe fez Nathan. Se bem he certo, que as lpas de David lhe naõ foraõ representadas com pecto taõ horrivel, como em si tinhaõ, porque egára a ser taõ medonho, que a qualquer ho-em, ainda mais animoso que David, o fizéra mor-de pasmo, e aslombramento. A fabulosa Gen-dade inventou, que Meduza fora mulher de pernicioso aspecto, que naõ deixou com vida uem nella empregou a vista: e, sem ficçaõ, quem n melhor luz alcançou quam horrivel seja o as-cto de hum peccado, entendeo que ficaria sem la qualquer que o chegasse a ver: *Siquem Deus rmitteret videre peccata sua, sicut ipse videt, x corrumperetur, ac sensibus destrueretur*: dis-o douto, e pio Taulero, chamado vulgarmen-o Doutor Illuminado. A Moysés disse Deos, que nhum homem poderia naturalmente viver, se le a formosura de sua Divina face: *Non enim debit me homo, & vivet*; porque naturalmen-nenhum homem terá vigor, e forças para sus-ntar, ou sopportar o gozo, e alegria, que causará vista da infinita formosura de Deos. E podere-os dizer (talvez com mais urgente razaõ) que orreria logo quem perfeitamente chegasse a ver enormidade de hum peccado mortal. Elle seria ortal para a alma, e para o corpo tambem, se fo-visto. A enormidade, como por sua condiçaõ horri-

Tauler. de Passion. D. c. 2.

Exod. 33.20

horrivel aſſuſta, e atemoriza o animo, he oppoſta á conſervaçaõ da vida, mais do que a formoſura porque eſta recreando a vitalidade, lhe dá mais alento. Pois ſe a formoſura de Deos, por ſer infinita, cauſaria tanto prazer, que tiraſſe a vida a quem a viſſe: a fealdade horrenda da culpa, que compete com a formoſura Divina, como naõ mataria, ſendo viſta?

10 Chriſto, em quem a humanidade recebia esforços da Divindade, a que eſtava unida, temeo no Horto, chegou ás agonias da morte, (ainda que milagroſamente ſe lhe dilatou a vida) e ſuou ſangue: *Cœpit pavere*, diz S. Marcos. *Et factus in agonia.... factus eſt ſudor ejus, ſicut guttæ ſanguinis*, diz S. Lucas. E de que teme Chriſto, a quem a Divindade ſuggeria alentos para o fortalecer? De que ſe agonia? De que lhe foge o ſangue? He muita a variedade, com que reſpondem os Expoſitores Sagrados. O mais conforme á doutrina dos Theologos, com o Doutor Angelico, he: que no Horto ſe atemorizou, e agoniou Chriſto, pondo-ſe-lhe huma repreſentaçaõ, e imagem dos peccados, a cuja ſatisfaçaõ ſe obrigava: *Peccatorum numerus, & fœditas cùm objiceretur menti illius.* Repreſentou-ſe ao entendimento de Chriſto huma expreſſa, e diſtincta imagem de todas as noſſas culpas; e o aſpecto dellas foy taõ horrendo, que, naõ obſtante ſer fortalecido com a Divindade, ſe encheo de temor taõ vehemente, que em agonias mortaes logo acabaria a vida, ſe a naõ conſervára milagroſamente, para a dar na Cruz: *Peccatorum numerus, & fœditas cùm objiceretur menti illius: Cœpit pavere: Factus in agonia.*

Marc. 14. 33 Luc. 22. 43. & 44.

Scribanus de Paſſ. D. cap. 3. D. Thom. 3. P. q. 46. a. 6.

11 He

11 He certo que no Horto naõ só se represen-
naõ a Christo as culpas, que por nós havia de sa-
fazer, mas tambem os tormentos, que em sa-
façaõ dellas havia de padecer; porque como
risto voluntariamente padecia por nossas culpas:
latus est quia ipse voluit, devia ter conheci- Isai. 53. 7.
nto da pena, a que se queria obrigar. Alli vio
opprobrios, e injurias, que lhe fariaõ: os crueis
outes, que receberia dos inhumanos ministros da
is sacrilega impiedade: a coroa de espinhos, que
traspassariaõ a cabeça: a Cruz, e os cravos
n que seria nella cravado: a lança, que lhe ras-
ia o lado: e ultimamente a morte: e naõ des-
eceo Christo á vista de taõ insopportaveis tor-
ntos, nem a morte o desanimou. Sem agonia;
es com gosto, em toda a sua vida esperava a
rte, e suspirava pelos tormentos: *Proposito si-* Ad Hebr.
gaudio, sustinuit Crucem. Temeo porém, e se 12. 2.
oniou á vista das nossas culpas; porque o aspe-
dellas era para Christo mayor tormento que
os os tormentos, por lhe ser ainda mais horri-
que a morte.

12 Agora se entende a razaõ taõ exquisita, co-
discutida pelos Santos Padres, de correr com
eto para a terra o sangue, que temeroso, e
niado Christo suou no Horto: *Factus est sudor*
s sicut guttæ sanguinis decurrentis in terram. Luc. 22. 44.
sterioso caso! Para a terra lhe foge o sangue!
s casos de repentina afflicçaõ, perturbado o
mo, ficaõ os homens pálidos, e descorados;
que o sangue deixando as partes exteriores,
essadamente concorre para o coraçaõ, acodin-
lhe por natural providencia, como á parte mais

nobre, para que naõ deſmaye, ou como á fon
da vida, para á conſervar. Como pois na agon
de Chriſto o ſangue, contra a ordem da naturez
lhe deſampara o interior, e ſahindo pelos póro
do corpo, foge apreſſadamente para a terra? P
eſta difficuldade, huns dos Expoſitores, com Sa
to Hilario, tem para ſi que fora milagroſo eſ
ſuar de Chriſto. Outros (e he o mais ſeguido d
Eſcholaſticos) dizem, que fora natural. Mas qu
ſeria a cauſa natural deſta effuſaõ, ou egreſſaõ d
ſangue, contra a providencia da natureza? Ou
a que para o noſſo intento me occorre, que, álè
de ſer propria, he em tudo conforme ao Texto.

V. Suár. tom. 2. in 3. p. diſp. 34. ſect. 2.

13 Nas viſtas horrendas, principalmente d
alguns phantaſmas nocturnos, o unico, e mais ace
tado acordo da natureza, he o fugir. Naquella no
te pois, mais que todas triſte, e eſcura, orand
Chriſto no Horto, ſe repreſentavaõ em ſeu enten
dimento, e ſe figuravaõ com muita diſtincçaõ e
ſua phantaſia todas as culpas dos homens, com cu
ja viſta a meſma fortaleza invencivel de Deos ſ
encheo de temor: *Peccatorum numerus, & fa
ditas, cùm objiceretur menti illius, cœpit pave
re*; e o ſangue agitado do temor ſahia das vêas
e deſamparava a regiaõ interior, como fugindo d
taõ horrenda viſta: *Et factus eſt ſudor ejus ſicu
guttæ ſanguinis decurrentis in terram.* Quand
o temor ſe origina da viſta de algum aſpecto ex
terno, foge o ſangue para o interior, acolhendo
ſe ao coraçaõ; mas como no Horto fugia o ſangu
dos horriveis phantaſmas dos peccados, que n
imaginaçaõ, e entendimento de Chriſto ſe figura
vaõ interiormente, buſcava as extremidades exte-

riores,

res, até sahir pelos póros, a se recolher, ou es-
nder timido na terra: *Gutt æ sanguinis decur-*
ntis in terram.

14 Oh peccado, que horrenda he a tua feal-
de, e que horrivel o teu aspecto! A vista de
llas culpas fez desmayar em Christo o Divino es-
rço. Fez que no Horto fugisse, como temero-
de tanta fealdade, aquelle sangue, que aos Mar-
res deo fortaleza, para venderem a morte. Fez
e o Filho de Deos posto em agonias, só por mi-
gre conservasse a vida: e precisamente morrêra
mais alentado homem, que em tua abominavel
formidade empregasse a vista.

15 E com toda esta enormidade na alma vive-
os nós: e (o que mais he) muy socegados, e
uy satisfeitos com as nossas culpas: *Peccavi, & id mihi accidit triste*! Que he isto, senaõ hu- Eccli. 5. 4.
cegueira voluntaria, com que naõ queremos
alguma sórte ver as culpas, que commettemos?
as conheceramos, o seu aspecto nos perturbá-
e nos tirára todo o socego. Dizia David, que
pois de haver peccado naõ tinha em si paz,
n quietaçaõ: *Non est pax ossibus meis, à facie* Psal. 37. 3.
catorum meorum. Quem a David acreditará nes-
caso? Tantos peccadores submergidos em hum
r de culpas, sem que lhes possa constar do per-
õ dellas, vivem sem remorso, que os inquiete;
David, que só tres vezes peccou, e sabia que
ava perdoado, e admittido á graça de Deos, naõ
de ter paz comsigo? Sim; porque David, ainda
pois de justificado, e ainda depois que Deos apar-
i de sua presença aquella imagem, em que
than lhe deo a ver as suas culpas: *Dominus*

2.Reg. 12. 13. *quoque transtulit peccatum tuum*; cuidava mui to em trazer diante dos olhos os ſeus peccados *Peccatum meum coram me eſt ſemper*: e á viſta d taõ grande, e taõ grave mal, naõ podia Davi ter ſocego, nem paz comſigo. Elle ſe interpreto a ſi meſmo: *Non eſt pax oſſibus meis à facie pec catorum meorum.*

16 Miſeravel de quem vive deſcançado, ſen que o inquietem, e atemorizem as culpas, qu commetteo; porque eſſe anda cego, pois na chega a ver quam horrendas ſejaõ as ſuas culpa O meſmo David depois do adulterio, e depoi do homicidio, vivia muy deſcançado, ſem qu eſtas culpas, ſendo taõ enormes, e eſcandaloſas o inquietaſſem, até ſer reprehendido por Nathan pois ſe as culpas, já perdoadas, inquietaõ, perturbaõ a Divid ſanto, como lhe naõ tirava o deſcanço quando peccador? Porque David quando peccador, naõ olhava para as ſuas cul pas, como bem advertio Santo Agoſtinho: *Pe catum ejus nondum erat coram eo: poſt dorſu erat quod fecerat*: mas quando arrependido, ſanto, naõ apartava os olhos das culpas, que ti nha commettido: *Peccatum meum coram me e ſemper*; e vendo nellas taõ abominavel aſpecto ſe inquietava, e ſe perturbava: *Non eſt pax oſſi bus meis à facie peccatorum meorum.*

D. Aug. in Pſal. 50.

§. III.

17 JA' que o mais tempo da vida paſſais ſem memoria, e ſem reflexaõ no eſtado in terior de voſſa alma, neſta hora, quand meno

enos empregay os olhos do entendimento nas cul-
as, que commetteſtes, e por hum pouco diſcor-
y, e ponderay commigo, que fêa, que horren-
, e que abominavel eſtará a alma de hum pecca-
or, na qual ſe acha impreſſo o medonho, e for-
idavel aſpecto de hum peccado mortal! A feal-
de, ou procede pela falta do que por natureza
proprio, ou pela introducçaõ do que he por
tureza eſtranho. Para conhecimento pois da
aldade da alma, que eſtá em peccado, reparay
que lhe falta, e no que ſe lhe introduz. Falta-
e a graça, que a fazia ſobrenaturalmente parti-
pante da natureza Divina; e ſe lhe introduz o
ccado, que a faz participante da rebelliaõ do
monio. Falta-lhe a graça, pela qual ſe conſti-
a filha de Deos; e ſe lhe introduz o peccado,
lo qual ſe entrega á eſcravidaõ do demonio. Fal-
lhe a graça, com a qual era templo da Divin-
de; e ſe lhe introduz o peccado, com o qual
a ſendo habitaçaõ, e cala do demonio. Falta-
a graça, que lhe dava direito á herança, e
yno do Ceo; e ſe lhe introduz o peccado, que
condemna á eterna prizaõ do inferno. Final-
nte (porque eſte he o ponto mais proprio do
ſo aſſumpto) ſendo a noſſa alma pela graça hu-
ſimilhança de Deos, e por iſſo taõ formoſa,
a lhe falta; e pelo peccado, que ſe lhe introduz,
huma ſimilhança do demonio, e por iſſo taõ
, e taõ horrenda.

18 Creou Deos o homem para nelle ter huma
imagem, e ſimilhança: *Faciamus hominem ad*
aginem, & ſimilitudinem noſtram. E que diſ- Geneſ. 1. 26.
nçaõ he eſta, que faz o Texto entre a imagem,

e a ſimilhança? Se o Texto diz, que creára Deo o homem para ſua imagem, naõ ſe eſcuſava accrecentar, que o creava tambem para ſua ſimilhança: Não; porque tambem ha imagens faltando-lhes ſimilhança. Olhais para hum altar, e vedes nel a imagem de hum Santo, ſem que o artifice lhe pu deſſe dar alguma ſimilhança com elle. Porêm co tanto amor, e com tal primor ſe houve Deos na fo maçaõ do homem, que àlêm de o fazer imagen ſua, tambem o fez á ſua ſimilhança: *Ad imag nem, & ſimitudinem.* Mas em que razaõ imagem e em que razaõ ſimilhança? S. Baſilio, S. Jeron mo, Santo Agoſtinho, S. Bernardo, e outros ex põem, que o homem pela natureza intellectiva h imagem de Deos: e ſimilhança, pela Divina graça

D. Baſil. D. Hiero. P. Augu t. D. Bernard. Alap. hic.

Imago per principantem rationem: ſimilitudo pe gratiam ſanctificantem. Porêm, como o peccad he deſtruiçaõ da graça, com elle ſe deſtroe, e ac ba a ſimilhança, que o homem tem com Deos. Fic ſim o homem ſendo imagem de Deo; mas já na he ſua ſimilhança, tantoque pecca: *Per peccatu in homine perit ſimilitudo Dei, non imago*; diz Alapide.

19 Perdida a ſimilhança de Deos, com que milhança ficará o homem? Com a do demonio porque o peccado he hum ſignete, com que o de monio imprime nas almas a ſua ſimilhança: *Omni vitia, & peccata ſunt veluti impreſſiones, & ſ gnacula diabolicæ turpitudinis*, diz Guilherm Parizienſe. Deſorte que, aſſim como Deos impri me em noſſas almas a ſua ſimilhança, quando lhe infunde a Divina graça; aſſim o demonio imprim nellas a ſua ſimilhança, quando peccaõ. O caracter

Guil. Pariſ. Tract. de Mort. cap. 1.

com

com que os servos de Deos se distinguem, e se conhecem, he a similhança com Deos: e o caracter, com que os escravos do demonio saõ conhecidos, e a similhança, que nelles ha com o demonio, a quem se entregaõ pela culpa. Vede agora, que horrendo, e medonho monstro será huma alma em peccado! He certamente hum monstro mais horrendo que o demonio; porque he huma chimera com tres fórmas, entre si repugnantes, e incompativeis. Ha no peccador a fórma natural de homem: ha juntamente a similhança com o demonio: *Signacula diabolicæ turpitudinis*; e finalmente ha nelle a imagem de Deos: *Creavit Deus hominem ad imaginem suam: ad imaginem Dei creavit illum.* E que cousa mais horrorosa para o entendimento, e para a luz da razaõ, do que ver huma alma, sendo ao mesmo tempo fórma de homem, imagem de Deos, e figura do demonio? Genes. 1. 28.

20. Como assombrado disse o Profeta Oseas, que no povo de Israel vira huma cousa horrenda: *In domo Israel vidi horrendum.* Naõ chegou porêm a dizer o que vio, talvez por ser de aspecto taõ tornidavel, que sem horror se naõ poderia proferir. Entendem os Expositores Sagrados, que falara Oseas daquelles dous idolos, ou dous bezerros de ouro, que Jeroboaõ, e as suas Tribus adoravaõ: *Idola, & vitulos aureos, quos induxit Jeroboam.* E onde podia estar nesta vida aquelle horror taõ grande, com que se assombrava Oseas: *Vidi horrendum?* Nem pela materia, nem pela figura eraõ horrendos aquelles idolos. Pela materia, naõ; porque eraõ de ouro, metal, que alegra o coraçaõ humano: tambem naõ pela figura, que era de bezerro, Ose. 6. 10. Alap. in hũc loc.

ro, animal que facilmente perde a braveza, e
faz domavel. Assim he: mas descobrio o Profe
naquelles idolos tres imagens, ou tres figuras, qu
armavaõ hum aspecto necessariamente horrivel,
formidavel. Era huma, figura de animal, outra d
demonio; outra de Deos. A de animal, porque era
figuras de bezerro: *Vitulos aureos*: a de demo
Psal. 90. 5. nio, porque eraõ idolos: *Omnes Dii gentium dæ*
monia: a de Deos, porque lhes davaõ a adoraçaõ
Matth. 4. 10. que só a Deos he devida: *Deum tuum adorabis*
O lume da profecia naõ está nos olhos, recebe-s
no entendimento. Os olhos só viaõ huns bezerro
de ouro, e naõ alcançavaõ mais: o entendiment
descobria nelles, alêm da figura desse animal,
imagem do demonio, e a imagem de Deos, porqu
huma, e outra confundiaõ com a sua idolatria. E
que mayor horror para o entendimento, do qu
ver como de huma mesma fundiçaõ sahiaõ em fi
gura, e representaçaõ, animal, demonio, e Deos
In domo Israel vidi horrendum. Idola, & vitu
los aureos, quos induxit Jeroboam?

21 Abri (Senhores) os olhos do entendimento,
e com a luz da razaõ vereis em vossas almas, no esta-
do da culpa, huma cousa horrenda. Homem, de-
monio, e Deos. Homem por natureza: demonio
por similhança: Deos por imagem, pois á sua ima-
gem creou o homem. Naõ pondero aqui o sacrile-
gio abominavel, que commette contra Deos,
quem em si confunde, em huma mesma substancia,
em huma só pessoa, a sua imagem com a do demo-
nio. Attendo só para o horrivel desta figura. He
certo, que quanto mais repugnantes, e opposta
saõ entre si as partes, tanto mais horrivel vem a

sahir

ahir o todo, que se compõem dellas: e que partes
nais repugnantes saõ entre si, que o demonio, e
Deos? He Deos infinita luz: o demonio he a som-
ra mais negra, e mais escura do inferno. Deos he
summa alegria das creaturas, que o podem ver;
orque na vista de Deos consiste a gloria, e essencial
emaventurança dellas: o demonio he taõ abomi-
avel, que o aspecto de hum só demonio he bastan-
e para atormentar as almas de todos os condem-
ados. Deos he infinitamente amavel, por sua in-
omprehensivel formosura, perfeiçaõ, e bonda-
e: o demonio he summamente aborrecivel, por
ua depravaçaõ, e maldade incomparavel. Pois
ue aspecto haverá mais horrivel, que o de hu-
na alma em peccado, na qual se ajuntaõ a ima-
em de hum Deos taõ claro, taõ glorioso, e taõ
mavel, com a imagem do demonio taõ denegri-
a, taõ abominavel, e taõ aborrecivel! He sem
uvida, que pelo peccado fica huma alma (quan-
o menos) taõ horrenda, e fêa como o demonio;
orque se hum só peccado de pensamento bastou
ara fazer horriveis os espiritos Angelicos, sendo
s creaturas mais nobres, e mais perfeitas, que pro-
uzio a Divina Omnipotencia, como naõ seráõ
gualmente horriveis as almas, que se affearaõ, e es-
iõ affeando com tantas, e taõ enormes culpas! Eu
orêm naõ duvido que huma alma em peccado
eja mais fêa, e mais horrenda, que o demonio; por-
ue alêm da enormidade, que a culpa imprime nel-
, accresce mais a conjunçaõ, ou composiçaõ sacri-
ega, e execravel de dous extremos taõ opposlos, co-
no saõ entre si a imagem de Deos profanada com a
lo demonio, que ainda fazem a alma mais horren-
a: *Vidi horrendum.*

§. IV.

§. IV.

22 ESta he a fealdade, em que fica hum alma pelo peccado; ſe bem que, com a formoſura, e a fealdade ſaõ objecto dos olhos, naõ dos ouvidos, nunca ſe poderá eſta explicar e deſcrever, como neceſſario fora, para haver mos della perfeito conhecimento: mas Deos, qu tanto ama, e eſtima as almas, que creou á ſu imagem, e fez á ſua ſimilhança, e as remio tam bem com o preço do Sangue, e Vida de ſeu Uni genito Filho, algumas vezes ſe dignou de moſtra viſivelmente a fealdade inexplicavel da que eſt em peccado (ſegundo aos homens ſe póde repre ſentar) para que com a enormidade do que ſe che gou a ver, temaõ, e fujaõ os homens de ſe redu zir a tanta fealdade, peccando. Pelbarto refere de hum ſoldado, que ſe recolhia para ſua caſa, de pois de commetter hum peccado em materia de incontinencia, e ao paſſar de hum campo, em que paſtavaõ muitos, e varios gados, todos botaraõ a fugir com furioſo impeto, dando terriveis brami dos, nunca d'antes ouvidos. Os paſtores attonitos, e confuſos pela novidade, examinando a cauſa della, viraõ no ſoldado taõ horrendo aſpecto, que cheyos de pavor, e com eſpantoſos gritos, a toda preſſa buſcavaõ huma Igreja, que eſtava perto, diſ correndo que ſó o ſagrado lhes poderia ſervir de aſylo. Acodio o Parocho, mais morto que vivo, e ſó tratava de fechar as portas da Igreja, porque nem ſe atrevia a empregar a viſta naquelle aſpecto, que julgava ſer de alguma furia infernal.

Pelbart. Serm. 3. in Dom. 6. poſt Pentecoſt.

23 Oc

23 Occorre-me neſte caſo o de Samuel com aul. Quando eſte, depois de conſeguir huma inſi-ne victoria, em que deſtruio todo o Reyno de malech, e priſionou ao ſeu Rey Agag, voltava om huma importante preza, Samuel lhe ſahe ao ncontro, e o reprehende por naõ haver executa-o contra Amalech, e ſeu Rey, quanto lhe foy or-enado por Deos. E diz o Texto, que Samuel epois diſto nunca mais vira a Saul: *Non vidit amuel ultra Saul, uſque in diem mortis ſuæ.* 1. Reg. c. 15. V. 35. orêm ſe com advertencia lermos a ſagrada Hiſto-a, acharemos que muito depois, eſtando Samuel n Naioth de Ramatha, eſteve tambem Saul, e no oro dos Profetantes cantava em preſença de Sa-uel: *Prophetavitque cum cæteris coram Sa-uele.* C. 19. 24. Pois ſe ainda houve occaſiaõ de Saul eſtar a preſença de Samuel, como podia Samuel dei-ar de ver a Saul? Porque ſe retirava, e eſcon-ia delle, diz a Gloſſa: *Quia abſcondit ſe.* Samuel, Gloſ. ordin. hic. bendo que Saul eſtava em peccado, chorava a ia deſgraça, e rogava por elle a Deos: *Verum-amen lugebat Samuel Saul*; C. 15. 35. e nem por iſſo tinha nimo para o ver: porque o peccado o repreſen-va taõ horrivel, que ſe naõ atrevia a pôr nelle os lhos, ainda que o tiveſſe preſente: *Non vidit Sa-uel ultra Saul, uſque in diem mortis ſuæ.*

24 Quando no corpo do peccador o aſpecto he aõ medonho, que tal ſerá na alma, onde o pecca-o propriamente faz a ſua impreſſaõ! Santa The-éſa vio huma alma no eſtado da culpa, e o que para Santa foy de mayor confuſaõ, e para nós ſe póde azer mais perceptivel, he, que ſendo a alma por ua nobreza hum eſpirito mais puro, mais claro, e S. Ther. lib. 1 das Morad. c. 2.

mais

mais luzido que o cryſtal, em que o Sol emprega força, e luz de ſeus rayos, ſe tornou taõ negra, taõ eſcura, como a noite mais tenebroſa. Naõ m admira; porque tambem aquelle Anjo ſupremo d toda a multidaõ Angelica, Principe dos que ſe re bellaraõ, entre todos era como a Eſtrella d'Alv entre as mais Eſtrellas, levando a todos exceſſo n luz, que reſplendecia nelle: *Lucifer, qui man oriebaris*: e huma culpa baſtou para ô denegrir, fazer o Principe das trevas.

25 E que diraõ em hum caſo deſtes os Filoſofos e os Criticos, que avaliaõ por encarecimento a doutrinas dos Prégadores, ſe naõ concordaõ con as ſuas Fiſicas, e com os ſeus diſcurſos? Diraõ, qu o peccado he huma entidade moral, que naõ póde produzir effeito fiſico em noſſos corpos, e meno póde nas noſſas almas manchar a natural pureza, ou eſcurecer a claridade, que tem pela nobreza de ſeu eſpirito. Mas guardem elles as ſuas doutrinas taõ cheyas de preſumpçaõ, como vazias de verdade: que o conhecimento do peccado, e dos ſeus effeitos naõ pertence ás Filoſofias naturaes, ſó ſe acha nas Eſcrituras Divinas: e o que nos enſinaõ eſtas he que a fealdade de hum peccado, baſta para affear naõ ſó o corpo, e alma de quem o contrahio, mas tambem o mundo todo; porque nelle ſe cõmetteo.

26 Vede eſte Sol taõ brilhante, deſpedindo de ſi taõ dilatada copia de luzes, que baſta para allumiar hum emiſferio. Vede a Lua taõ clara, que faz deſapparecer as Eſtrellas, e taõ formoſa, que com ella ſe alegra a meſma noite. E ſerá eſta (dizey-me) a luz, e a formoſnra, com que o Sol, e a Lua foraõ creados por Deos lá no principio do mundo? Entendereis

endereis que sim; mas S. Jeronymo, Aymo, e Anelmo Laudulense, a quem segue Santo Thomaz, sentaõ que antes de Adam peccar, o Sol, e a Lua esplendeciaõ sette vezes em dobro mais do que s vemos hoje luzir: porém que a culpa do primeiro homem, com as mais que della se origina aõ, affeando todo o Universo, desluziraõ tambem os astros: *Lapsu hominis Sol, & Luna suo umine minorata.* Fundaõ-se no Sagrado Texto.

D. Thom. in Suppl. 3. p. q. 91. a. 3. ad 3.

Interlin. in Isai. 30. 26. Alap. in Genes. 6. 7.

27 Diz Isaias que no fim do mundo, depois ue hum diluvio de fogo reduzir a cinzas quanto abricaraõ os homens, e quanto produzio a natueza, resplendecerá tanto a Lua como agora o Sol: este sette vezes mais do que se mostra luzir; porue a sua luz será tanta, como foy nos sette primeios dias do mundo: *Erit lux Lunæ sicut lux Solis, & lux Solis erit septempliciter, sicut lux septem ierum.* Ouvi ao Laudulense, Author da Glossa nterlinial: *Scilicet, quando creatus est mundus.* Logo a Lua nos primeiros dias do mundo resplendecia muito mais do que hoje; porque naõ resplendece hoje o Sol mais do que ella resplendecia ntaõ. E o Sol tambem, como se infere, resplenlece hoje muito menos do que entaõ luzia. Sim; porque entaõ luzia sette vezes mais do que resplendece hoje. E que causa haveria depois do setimo dia do mundo, que desfez na formosura dos nayores astros, e lhes diminuio a luz? O peccalo, que depois do settimo dia commetteo o primeiro homem. Foy este creado no sexto dia do mundo, e naõ diz a Escritura, que nesse dia peccasse. Do settimo dia diz o Texto, que o abençoára Deos, e que descançára nelle; e nesse dia naõ falla em que

Isai. 30 26. Interl. ibid. & Magist. in 4. dist. 48. cap. de qualit. luminar.

que Adam peccaſſe: e já ſe vê que ſe Adam pec
cára no dia ſettimo, nem Deos abençoára tal di
nem nelle tivéra o ſeu deſcanço. Paſſado eſſe dia
refere logo o Texto que peccára Adam, e pel
ordem da hiſtoria, ou ſe prova, ou bem ſe colhe
que peccáraõ os noſſos primeiros pays no oitavo di
da creaçaõ do mundo. Tanta pois foy a deformi
dade do ſeu peccado, e dos noſſos comprehendido
nelle, que tiráraõ á terra a amenidade; ás agoas
pureza; aos ares a temperança; e por meyo delle
communicáraõ ſua fealdade ao Sol, e á Lua, a
diminuirem as ſuas luzes, naõ lhes deixando mai
da ſettima parte dos reſplendores que tinhaõ d'an
tes: *Erit lux Lunæ ſicut lux Solis, & lux Soli
ſeptempliciter ſicut lux ſeptem dierum. Scilicet
quando creatus eſt mundus.* Nem os elementos
nem os aſtros ſaõ ſujeitos capazes de peccado, o
do ſeu effeito; mas naõ ſe eximiraõ da fealdade del-
le; porque tambem della participaraõ. Nem a diſ-
tancia iſentou a Lua, nem os rayos defenderaõ o
Sol, para que ſe naõ affeaſſem. Pois a alma, au-
thora immediata da culpa, e materia de taõ abo-
minavel fórma, porque a recebe em ſi, como naõ
perderá toda a ſua formoſura? Como naõ ficará
horrenda pelo peccado: *Anima deturpatur?*

§. V.

28 COm a conſideraçaõ de tanta fealdade
pertende o noſſo Interprete, e Doutor
Extatico, excitar-nos a purificar noſſas almas, da
enormidade em que ſe achaõ, pelos peccados que
commetteraõ: e me parece que o viremos a fa-
zer

er sem duvida, se confrontarmos esta fealdade
om a formosura da alma, antes de se affear com a
ulpa. Chorava Jeremias o estrago de Jerusalem,
otando o que diriaõ della destruida, os que d'an-
es celebravaõ com admiraçaõ sua formosura: *Hæc* Thren. 2. 15.
ine est urbs, dicentes, perfecti decóris, gaudium
niversæ terræ? Basta que em tal estado (diriaõ)
eyo a parar huma Cidade taõ formosa, que ser-
ia de admiraçaõ, e prazer aos que de todo o mun-
o concorriaõ a ella, pelo desejo de a ver! Desor-
: que a ruina de Jerusalem destruida naõ fora
aõ sensivel para Jeremias, se lhe faltára o conhe-
mento da formosura della. Tambem nós, se qui-
ermos sentir, e chorar o enorme estado a que pe-
culpa se reduzem as nossas almas, devemos refle-
ir primeiro sobre a formosura de huma alma, an-
es de se affear com a culpa.

29 Aindaque toda a formosura visivel he in-
omparavelmente inferior á de huma alma racio-
al; com tudo, esta lá se decifra na formosura de
erusalem, com bastante propriedade; pois della
valeo tambem Salomaõ para dar huma similhan-
á formosura de sua Esposa: *Pulchra es amica mea,* Cant. 6. 3.
uavis, & decora, sicut Hierusalem. Formosura
m o menor defeito (mais que a de Jerusalem)
e a da nossa alma. *Urbs perfecti decoris*; porque
ra sahir perfeitissima na formosura esta obra das
ãos de Deos, se empenháraõ as Tres Divinas
essoas, cõmo cuidadosamente applicadas na bel-
za, e formosura della: *Faciamus hominem.* Ale- Genes. 1. 26.
ria de toda a terra he huma alma racional: *Gau-*
ium universæ terræ, e aos mesmos Ceos póde
ervir de alegria; porque tanto excede na formo-
sura

ſura a todo o viſivel, que huma ſó alma baſtaria pa
ra elevar, e encher de admiraçaõ, e gozo todo
mundo, ſe a pudeſſe ver. Empenhaõ-ſe os Santo
Padres em nos dar alguma intelligencia, ou algu
conceito da natural formoſura de huma alma ra
cional (preſcindindo de toda a graça, e dote ſobre
natural, attendendo ſó á nobreza, e excellencia d
ſua ſubſtancia eſpiritual) e nenhum chegou aind
a deſcrevê-la ajuſtadamente; porque lhes faltaõ ex
preſſoens, e termos proprios, com que ſe expliquem

30. O Author Imperfeito diſſe que, na eſtima
çaõ de Deos, nenhuma couſa viſivel ſe póde com
parar com a formoſura de noſſa alma, por ſer ella
fim immediato, e proximo de crear Deos o Ceo,
Terra, o Mar, e as creaturas que enchem tanta ma
china: e porque o meſmo tinhaõ dito já Philo He
breo, Lactancio Firmiano, e Santo Ambroſio, ac
creſcentou que mais ſe deleita Deos pela creaçaõ
de huma alma, que pela formaçaõ do Ceo, em que
tem a ſua Corte: *Apud Deum viſibilium nihil ho-
mini par; nam & Cœlum, & Terra, & Mare pro-
pter eum fecit. & in eo magis quam in Cœlo dele-
ctatur inhabitans.* Diſſe muito; mas he certo que
ainda ſe explicou pouco. S. Bernardino de Sena, em-
penhando-ſe a dizer mais, entrou com miudeza a
ponderar a formoſura natural de noſſa alma, fazen-
do huma calculaçaõ admiravel, para a qual deſ-
prezou todas as couſas terrenas, (que todas ſaõ
deſpreziveis para a noſſa alma, pois ſaõ terrenas)
e pondo o penſamento nos Ceos, diſcorreo aſſim:
O Ceo Cryſtallino he mais formoſo dez vezes que
o Ceo Eſtrellado. O Ceo Empyreo dez vezes ex-
cede ao Cryſtallino na formoſura. A noſſa alma

porêm

Phil. lib. 1. de Monarchia Lactãt. lib. de ira Dei. c. 14. D. Ambr. Epiſt 38. ad Horent. Imperfect. Homil. 89.

rêm, ainda he dez vezes mais formosa que o
o Empyreo: *Cœlum Crystallinum est decies pul-*
rius quàm sit Cœlum Stellatum. Cœlum Em-
reum est decies pulchrius quàm Cœlum Crystal-
um: & anima est decies pulchrior, quàm Cœ-
n Empyreum. De todo o visivel a cousa mais
rmosa he o Ceo Empyreo, mais puro, mais claro,
mais luminoso que o mesmo Sol, como está in-
cando o proprio vocabulo de Empyreo; nem ha
ra que mais encareçamos a formosura daquelle
o, que Deos escolheo para nelle assentar a sua
rte bemaventurada, onde aos Santos se mani-
ta glorioso. Pois entendey, diz o Santo, que a
lla alma ainda he dez vezes mais formosa que o
o Empyreo: *Anima est decies pulchrior, quàm*
lum Empyreum.

D. Bern. tom. 2. Serm 40.

Conimbr. de Cœlo. lib 2. c. 5. q. 1. a. 2. Hurt. d. 2. de Cœlor. propriet. S. 5. Ovied. de Cœl. punct. 4. n. 1.

31 Parecerá que fallou o Santo encarecida-
nte; e com tudo he certo que ainda disse pouco,
nuy pouco: porque o Ceo Empyreo, por mais
moso que se considere, sempre he inanimado,
orporeo, e naõ póde comparar-se na formosura
n huma alma espiritual, vivente, e racional. O
smo Santo Doutor reflectindo no pouco, que
lera, e como se em taõ diminuta comparaçaõ fi-
a affronta á formosura de nossa alma, entra a
plicar-se melhor na materia, e diz assim: *Si Deus*
aret plures mundos, quot sunt Stellæ in Cœlo,
tinentes singulos omnia contenta in isto mundo,
essent ita pulchri, sicut est anima. Se Deos creá-
itos mais mundos, e tantos fossem quantas saõ
Estrellas todas do Ceo, e em cada hum delles
zera toda a formosura, que ha neste mundo, naõ
garia todo esse cumulo de formosura a igua-

D. Bern. citatus.

lar a de huma só alma. Agora sim acho eu que explicou bem o Santo; porque nos veyo a dizer, q a nossa alma, vezes sem conto, e sem numero, he m formosa que o Ceo Empyreo, e que o mundo tod Persistindo S. Bernardino nesta verdade, em con quencia della accrescenta, que se algum home chegára a ver huma alma com toda a sua formosur e gloria, discorrêra que nem o mesmo Deos a exc dia na formosura: *Audeo dicere, quod si esset pos bile quòd homo incarnatus posset videre anim in abstracto glorificatam, ipse non crederet Deu fore pulchriorem.*

32 A razaõ de tudo he; porque Deos creou homem á sua imagem, e similhança: *Creavit De* Genes. 1. 27. *hominem ad imaginem, & similitudinem suam*; lo no homem ha de haver huma formosura, que se s similhe á do mesmo Deos. Hum excellente arti ce empenhado em tirar algum retrato, poem ne a formosura do original, como se a reproduzir competindo com a natureza. Assim Deos: quiz r tratar se, e creou a alma racional, vivente, espiritu e intellectiva, com tres potencias distinctas em hũ mesma substancia: e bastando a nobreza deste se para na formosura imitar a Deos, assim como o in ta na similhança, ainda quiz mais que houvesse alma huma luz, ou hum resplendor similhante resplendor immenso, e á infinita luz, que sahe da s Divina face, para mais se assimilhar a ella. Naõ se Psal. 4. 7. se assim o disse David: *Signatum est super nos l men vultus tui Domine*; mas sey, que assim o inte Tertul. apud Lorin. in hunc. Psal. preta o grande Tertulliano. Pois se tanta he a fo mosura de nossa alma, e taõ parecida com a do me mo Deos, naõ será encarecimento, que tanto exc

á formosura de todo o mundo; nem será de admirar, que, vista a formosura da alma, se enganasse o curso, entendendo que nem a formosura Divina de ser mayor: *Non crederet Deum esse pulchrio-*

§. VI.

33 SUbamos agora de ponto, e ponhamos o pensamento na sobrenatural formosura huma alma, revestida com o habito riquissimo Divina graça ornada preciosamente com as jo- inestimaveis da Fé, Esperança, e Caridade. E e formosa estará! Se a natureza fez a nossa alma formosa, quanto mais formosa a fará a graça, e a eleva a hum estado superior a toda a natureza? mayor formosura natural de nossa alma se reduz r imagem de Deos; e quanto será mayor a for- sura della, sendo pela graça naõ só imagem, mas bem similhança do mesmo Deos! Huma alma, , além da sua natural formosura, conserva a for- sura sobrenatural, que lhe dá a graça, só com a mosura Divina se compara. Só com ella (co- seu exemplar, e original) se explica bem: af- como a formosura Divina naõ se nos dá me- a conhecer nesta vida, que pela formosura de na alma, que está em graça.

4 Reparando o Divino Esposo na formosura ua Esposa, disse como admirado: *Ecce tu pul- es amica mea: ecce tu pulchra es.* Esposa mi- Cant. 1, 15. , fois por admiraçaõ formosa: *Ecce tu pul- es*: sois absolutamente, e sobre todo o enca- imento formosa: *Ecce tu pulcra es.* Duas vezes dmirou formosa; porque como a Esposa era hu-

ma alma no eſtado da graça: *Amica mea*; duas ve
zes era por admiraçaõ formoſa. Huma vez fo
moſa, pela natural formoſura da alma: outra ve
formoſa, pela graça ſobrenatural, que ainda a faz
mais formoſa. E que reſponderia, ou de que ſor
conreſponderia a ſeu Divino Eſpoſo aquella taõ fo
moſa, como diſcreta Eſpoſa? Reſpondeo, e co
Ibid. 16. reſpondeo aſſim: *Ecce tu pulcher es, dilecte m*
& decorus. Eſpoſo meu, tambem a voſſa formoſ
ra duas vezes he admiravel. Muy curtamẽte ſe hõ
ve a Eſpoſa (ao que parece) quando mais ſe dev
moſtrar encarecida. He certo que a formoſura Div
na excede infinitamente a formoſura das mais pe
feitas, e mais ſantas almas: pois ſe a Eſpoſa ſanta qu
fazer elogios á formoſura Divina, como a encare
naõ mais do quẽ a ſua propria formoſura foy encar
cida pelo Divino Eſpoſo? Porque a formoſura Div
na ſe dá bem a entender, e a conhecer pela formoſ
ra de huma alma, que eſtá em graça; nem ha mey
mais proporcionado para o conhecimento della: a
ſim como a formoſura de huma alma juſtificada,
ſanta, ſó pela formoſura Divina ſe explica bem. P
iſſo o encarecimento da formoſura de huma alm
juſta foy o expreſſivo da formoſura Divina: e o el
gio da formoſura Divina foy o melhor dictame, p
ra ſe conhecer a formoſura de huma alma ſantific
da com a graça: *Ecce tu pulchra es, amica mea, e*
ce tu pulchra es. Ecce tu pulcher es, dilecte m
& decorus. Talvez quiz dizer a diſcretiſſima Eſpo
ſa: Que tendes, Senhor, que encarecer a minh
formoſura? Que achais nella digno de voſſa ad
miraçaõ? Olhay para vós, e vereis melhor o que ad
mirais, ou encareceis em mim: *Ecce tu pulcher e.*

porqu

orque eu naõ sou mais do que huma imagem, e si-
ilhança vossa. Em vós está o original de que eu sou
opia; mas taõ fiel, e taõ propria, que assim como
vós expressais bem a formosura de minha alma:
Ecce tu pulchra es amica mea; assim esta he a que
elhor dá a conhecer a vossa formosura: *Ecce tu*
ulcher es dilecte mi; porque della me faz a vossa
raça participante.

35 A graça, como dizem as Escrituras, e ensi-
aõ os Theologos, he huma participaçaõ da natu-
za Divina: *Pretiosa nobis promissa donavit, ut* 2. Petr. c. 1
er hæc efficiamini divinæ consortes naturæ. Es-
huma alma em graça, e participa realmente da
tureza de Deos, por modo, cuja intelligencia, e
xplicaçaõ naõ he deste lugar: pois como naõ par-
cipará tambem de sua formosura? Desposa-se
eos com as nossas almas, quando lhes infunde
sua graça: e qual seria o esposo, que tendo em
u arbitrio, naõ escolhesse para a sua esposa a for-
osura mais rara, e mais excellente, até onde pu-
sse chegar o pincel da sua idéa, e a execuçaõ do
u desejo? Se Deos naõ fizera as almas, com que se
sposa, quanto póde ser, taõ formosas como elle
, naõ lhes daria formosura digna de seu emprego,
e seu amor. Para as fazer dignas de se desposarem
m elle, as ha de fazer similhantes a si mesmo na
rmosura. Naõ pódem as almas ser essencial, e
ubstancialmente taõ formosas como Deos; mas
la graça pódem accidentalmente participar de
a mesma formosura, assim como participaõ de sua
esma natureza; para que supposto o naõ igualem,
assimilhem a elle, e o imitem na formosura: e
õ só o imitem, mas (se póde ser) o admirem tam-

bem; porque até o meſmo Deos ſe moſtra como ad
mirado, vendo tanta formoſura em huma alma qu
Ghisl. in cant. c. 1. v. 16. eſtá em graça: *Ecce tu pulchra es amica mea. E
ce, ſignificat admirationem*, diz Ghislerio na ex
poſiçaõ deſte lugar.

§. VII.

136. AGora que temos já ponderado quan
rara, e admiravel ſeja a formoſura d
huma alma por ſua natural nobreza, e perfeiçaõ,
muito mais pela graça que a ſantifica, ſe manifeſt
melhor quam laſtimoſa, e ſenſivel he a fealdade
a que ſe reduz pelo peccado; por que tanto
deve abominar, e ſentir eſta fealdade, quanto
deve eſtimar aquella formoſura. Em continuo prat
to ſe desfazia aquelle triſte Profeta Jeremias, ven
do os naturaes de Jeruſalem taõ affeádos no cat
veiro de Babylonia, que nem de ſi meſmos tinhaõ
Threnor. 4. 8. milhança: *Denigrata eſt ſuper carbones faciē
eorum, & non ſunt cogniti in plateis.* Eu con
demnára por indiſcreto o ſentimento de Jeremia
Que elle choraſſe a ſorte infeliz de ſeus naturaes, e
muy juſto; porque vendo-os arraſtar cadêas n
cativeiro, perdida a liberdade, e eſtimaçaõ, co
que os vira na patria, tinha urgente motivo de
laſtimar; porém que fundaſſe a ſua pena em
ver deſconhecidamente affeados, quando naõ er
eſte o ſeu mayor, e principal infortunio? Sim
porque o Profeta comparava eſſa fealdade com
antiga gentileza, e rara formoſura, que nelles vi
ra, quando com bizarria, e faſto paſſeavaõ d'an
Ibid. v. 7. tes em Jeruſalem: *Candidiores Nazaræi ejus ni
ve, nitidiores lacte, rubicundiores ebore anti
quo, ſaphiro pulchriores*; e naõ podia ſem grave
pena

ena considerar tanta formosura ignominiosamen-
: afeada.

37 Choremos nós tambem, e com mais razaõ,
fealdade a que reduzimos nossas almas, pelos pec-
idos que commettemos, sabendo que com elles
tornaraõ mais horriveis que o demonio, sendo
or si mais formosas que todo o visivel, e pela
raça imitadoras da formosura Divina. Choremos
ta desgraça, a que nos precipitaraõ os nossos er-
s, e com as lagrimas que derramarmos, lavare-
os as nossas almas, e as purificaremos de toda a
aldade de nossas culpas: nem he razaõ, que quem
egou a conhecer a fealdade propria, viva no des-
ido de se purificar della.

38 Entre as formosas peças do antigo Taber-
culo, era muy principal, e muy celebre aquel-
grande pia de bronze, em que por Divina dispo-
aõ se purificavaõ os Ministros do Santuario: *Fa-* Exod. 30. 18.
s & labrum æneum cum basi sua ad lavandum. & v. 19.
avabunt in ea Aaron & filii ejus manus suas ac
des. Moysés a mandou fazer (ou ornar) de es-
lhos: *Fecit & labrum æneum cum basi sua de* Cap. 38. 8.
culis mulierum. A todos serve de admiraçaõ o
gar, que o Architecto do Tabernanulo escolheo
ra assentar os espelhos; mas o certo he que no
ysterio esteve a propriedade, e acerto. Queria
os que os seus Ministros se lavassem, e purifi-
ssem naquella pia: *Lavabunt in ea Aaron, &*
ii ejus manus suas & pedes; pois nella se po-
aõ espelhos, em que se vejaõ: *De speculis mu-*
rum; porque discorreo acertadamente Moysés,
e desejariaõ purificar-se todos os que, chegan-
-se aos espelhos, nelles vissem as suas manchas.

Faziaõ os eſpelhos que naõ foſſem inuteis, e e
cuſadas aquellas agoas purificativas, porque a ca
da hum moſtravaõ a neceſſidade de ſe purificar
quando lhe davaõ a conhecer as proprias manchas
Eſte antigo rito ainda hoje he doutrina para nós
Antigamente ſe purificavaõ os corpos naquell
agoa: hoje ſe devem as almas purificar com lagri
mas, tantoque ſe conhecerem affeadas pela culpa

D. Gregor Hom. 17. in Evang. *Internæ noſtræ imaginis maculas videmus: vi dentes autem maculas in pœnitentiæ dolore com pungimur: compuncti vero quaſi in labro de ſpe culis mulierum lavamur*: diz S. Gregorio Magno
Seguio Moyſés o dictame da natureza, que no
olhos pôs a viſta, e pôs tambem as lagrimas; par
com eſtas purificarmos as noſſas manchas tantoqu
as virmos. Já que conhecemos quam enorme fic
huma alma pelo peccado: *Anima deturpatur*
lavemos as manchas della: *Lava cor tuum.*

39 Dos aſtros tomemos algum exemplo, e re
cebamos neſte ponto algum influxo, anticipand
em nós o que elles aguardaõ para o fim do mun
do. Como entaõ ha de ter fim o peccado, entaõ e
peraõ elles recuperar toda a formoſura de ſua luz
porque eſperaõ purificar-ſe das manchas, que lhe
imprimiraõ tantas culpas commettidas pelos ho
mens. Para o fim do mundo eſtá profetizad

Pſal. 96. 3. Joel. 2. 3. hum diluvio de fogo: *Ignis ante ipſum præcedet* diz David: *Ante faciem ejus ignis vorans*, di
Joel. E a que fim ſe diſpõem eſte univerſal incen
dio, quando por outra ſórte ſe pódem acabar a
producçoens da natureza, e ter fim as ſumptu oſa
fabricas em que taõ deſvelada ſe emprega a vai
dade humana? Os Padres, e os Doutores dizem

que

ue este fogo, além de ser preciso para reduzir a
inzas quanto ha na terra, he necessario tambem
ara por meyo delle se purificar, e innovar o mes-
no mundo abrazado: *Ut mundus quoque luſtre-*
ur, purgatusque innovetur, diz o grande Mes-
re das sentenças, e com elle todos os Theologos.
Que os elementos se purifiquem, póde ser; por-
ue talvez admittiraõ alguma qualidade estranha:
nas o mundo todo, os Ceos principalmente, e os
stros, que em si naõ admittem corrupçaõ, nem
ualidades contrarias, de que se haõ de purificar?
Do mesmo de que os elementos haõ de ser puri-
cados. Das manchas digo, que com as suas fealda-
es lhes introduzîraõ as nossas culpas. Ouvi ao Dou-
issimo Theologo Soto: *Ab impuritate, & infe-*
ctione noſtrorum delictorum. E porque esta vos
naõ pareça singular doutrina, ouvi a todos os Theo-
ogos, fallando por boca do Eximio Suares: *Om-*
nes Theologi dicunt, mundum eſſe purgandum,
quia eſt veluti fœdatus peccatis hominum.

Magist. in 4. dist. 48. de Purgatione, & innovatione mũdi.

Domin. Sot. in citat. loc. Sent.

Suar. in 3. p. tom. 2. sive de vit. Christi disp. 57. sect. 1.

40 Aprendamos alguma cousa desta Astrolo-
gîa. Se os astros esperaõ purificar-se das manchas,
que nelles imprimiraõ as nossas culpas, que espe-
ramos nós para nos purificarmos das enormidades,
que contrahiraõ as nossas almas? Elles para se pu-
rificarem esperaõ aquelle tempo, em que se haõ de
acabar as culpas. Será justo que para nós as cul-
pas acabem já, e naõ esperemos mais tempo, pa-
ra purificar nossas almas. Os astros purificados se
haõ de innovar; porque haõ de recuperar a for-
mosura, que lhes tiraraõ as nossas culpas. Purifi-
quemos as nossas almas, renovando nellas a for-
mosura, que perderaõ pelo peccado. Com fogo se

haõ

haõ de purificar os aſtros; porque para os innova nenhum outro elemento baſta. Purifiquemos nós e innovemos com agoa as noſſas almas, lavando com lagrimas a fealdade, que temos viſto cauſarem as noſſas culpas. Do coraçaõ emanaõ os vicios, que affeaõ a formoſura da alma. Naſçaõ tambem do coraçaõ dous olhos de agoa, ou duas fontes de lagrimas, que lavem tanta fealdade: *Lava à malitiâ cor tuum Jeruſalem, ut ſalva fias.*

SER-

SERMAÕ X.
NA TARDE DA SEGUNDA
DOMINGA
DA QUARESMA.

Lava à malitiâ cor tuum Jeruſalem, ut ſalva fias. Jerem. 4.

§. I.

O PRIMEIRO dictame da razaõ, e o primeiro preceito da Ley Divina, he o que nos obriga a honrar a Deos ſobre tudo: mas he tambem eſte preceito, e eſte dictame o que primeiro violamos em qualquer peccado; porque em todos elles tiramos a Deos a honra: *Omne peccatum per prævaricationem Deum exhonorat*; diz Santo Anſelmo, a quem ſegue o noſſo Interprete no ſeguindo motivo com que nos incita a purificarmos noſſos coraçoens: *Deus inhonoratur.* Aſſim como he natural, tambem he notoria a razaõ, com que as crea-

Ex doctrina D. Anſel. maxime lib. 1. Cur Deus Homo cap. 15.

creaturas se obrigaõ a pagar a Deos o tributo da devida honra, porque se o filho honra a seu pay e o servo a seu senhor: *Filius honorat patrem & servus dominum suum*: nós, que pela creaçaõ somos servos, e filhos de Deos, e pela redempçaõ filhos, e servos de Christo, a Deos, e a Christo devemos honrar como a Pay, e como a Senhor. Mas porque a cegueira he a primeira resultancia da culpa, nem todos conhecem que tiraõ a Deos a honra quando peccaõ.

Malach. 1. 6.

2. Parece que a honra tira o peccador a si mesmo, e naõ a Deos; porque peccando perde a honra de ser filho, e servo de Deos, e se faz escravo, e filho do peccado. Commuta a honra de ser filho, e servo de Christo pela deshonra, e vileza de ser escravo, e filho do demonio. Assim parece, mas he certo que naõ fora taõ abominavel a malicia de hum peccado, se a honra de Deos ficára illeza, por mais que se ultrajasse a da creatura. Descobrir o ponto mais alto, e mais sensivel da injuria, e deshonra, que se faz a Deos em qualquer peccado, será o empenho de meu assumpto, a raiz de meus discursos, e o fundamento para a doutrina desta hora. Examinarey a gravidade desta injuria, e deshonra, que contra Deos se commette, segundo o que ensinaõ os Padres, e Doutores; mas como elles tambem confessaõ que esta deshonra, e esta injuria he infinita, ainda naõ estará por elles taõ comprehendida, que se naõ possa dar a conhecer mais, e muito mais, por varios modos. Queira Deos dirigir os meus discursos para honra sua.

Alenf. 3. p. q. 1. memb. 6. Bañez 1. p. q. 21. a. 4. Godoy tom. 1. in 3. p. tr. 1. disp. 1. §. 1 & com. Thomistæ.

§. II.

§. II.

3 O Cõmum sentir dos Padres, com S. Joaõ Chrysostomo, assenta que na tentaçaõ se faz o homem arbitro entre Deos, e o demonio. De huma parte lhe offerece Deos a sua graça, a sua gloria, e a si mesmo, se naõ peccar. De outra parte lhe offerece o demonio huma temporal vileza, o inferno, e tambem a si, para que peque. E comparando o homem o demonio, e suas offertas, com Deos, e suas promessas, prefere o demonio a Deos; porq a este falla, e ao demonio escolhe, quãdo se delibera a peccar. Esta he a deshonra, e talvez será tambem o ponto mais encarecido da injuria, que se faz a Deos, commettendo-se qualquer peccado. Propostos equiparadamente, para escolha, Deos, e o demonio, e preferido este a Deos! Quem naõ vê ja a grande injuria, que se faz a Deos nesta comparaçaõ; quanto mais na preferencia?

4 Queixa-se Christo ao Eterno Padre de hum Concelho, que contra elle fez a canalha dos Judeos, pouco antes que o condenassem á morte: *circumdederunt me canes multi, concilium malignantium obsedit me*, e diz que sahira delle reputado pela deshonra dos homens, e desprezo do povo; porque o avaliaraõ por ainda menos que homem: *Ego autem sum vermis, & non homo, opprobrium hominum, & abjectio plebis*. Christo por menos que o homem avaliado, quando de seus inimigos por homem foy declarado, e reconhecido: *Ecce Homo*! Christo reputado a mesma deshonra, quando, a pezar da inveja, Pilatos o acclamou Rey: *Rex Judæorum*! Christo desprezo do povo, quando o mesmo Presidente dos Romanos o venerou, e confessou por justo: *Innocẽs ego*

Psal. 21. 17.

Ibid. 7.

Joan. 19. 5.

Matth. 27. 37.

Ibid. 24.

ego sum, à sanguine justi hujus? Sim; que naquelle Cõcelho, de que se queixava a paciencia divina propôs Pilatos a Christo, e a Barrabbaz, para que de ambos escolhesse o povo o que em sua estimaçaõ, e agrado fosse mais digno: *Quem vultis dimittam vobis, Barabbam, aut Jesum?* Christo, que era o melhor de todos os homens, em concurso de preferencias com Barabbaz, que se reputava o pessimo dos homẽs todos! Pois que mayor deshonra para Christo? Mas certamente deshonra mayor ainda, quando Barabbaz com effeito foy preferido a Christo: *Opprobrium hominum, & abjectio plebis.* Aqui o meu Anselmo Laudulense na sua admiravel Glosa interlineal: *Dum pro eo Barabbam elegerunt.*

Ibid. 17.

5 Avaliou aquelle Concelho a Christo por menos que homem: *Vermis, & non homo*; porque ficou sendo ainda menos que homem, quem com tanta deshonra foy preferido pelo que era o mais vil entre os homens. Nõ Commento de S. Jeronymo, Barabbaz figurava ao demonio, e o que neste infame Concelho passou entre Christo, e Barabbaz, se repete entre Deos, e o demonio no juizo dos homens, em cada vez que peccaõ. Entraõ a fazer comparaçaõ de dous extremos, naõ menos incomparaveis q̃ Deos, e o demonio; e saõ taõ ingratos, taõ barbaros, e temerarios, que desprezaõ a Deos Eterno, Immenso, Omnipotente, Formoso, Liberal, Pio, Justo, e Santo: e escolhem o demonio, horrendo, desgraçado, invejoso, falso, infiel, impio, e tyranno. Agradaõse do demonio, por melhor que Deos; quanto he na preferencia de sua escolha: e fica Deos a deshonra dos homens, e desprezo das creaturas, pelo summo desprezo, e deshonra, que lhe fazem estas, quando

D. Hieron. in cap. 27. Evang. Matth.

lo assim o deixaõ pelo demonio: *Opprobrium hominum, & abjectio plebis.*

§. III.

6 PArecendo ser esta a mayor deshonra, que a creatura póde fazer a Deos, S. Bernardo ainda descobrio outra mayor; porque saltando além dos limites da reputaçaõ, e estimaçaõ humana, em que a primeira se funda) chega a penetrar o intimo da Divindade, cortando pela vida, e ser do mesmo Deos Immortal, Eterno, e Immudavel. Por isso mais atroz ainda, e mais attendida nas Escólas, para por ella se medir a malicia do peccado em razaõ de injuria feita á Deos. Ouvi-a com attençaõ, para que a possais perceber. Sabemos todos que pelo peccado mortal provocamos a Justiça Divina, para justamente nos condenar por elle á pena do inferno por toda a eternidade, logo que peccarmos. Expressamente S. Joaõ Chrysostomo: *Peccatũ enim tà se habet, ut mox atque patratum fuerit, sententiam ferat judex.* Respondame agora quem pecca, Queres tu, peccador, que no mesmo ponto em que commettes hum peccado mortal, sejas por Deos condenado ao inferno? Certo he, que naõ; porque nenhum homem he taõ desalmado, que queira, e se delibere a peccar, sendo por essa culpa a sua condemnaçaõ executada sem demora. Pois huma de duas cousas vens a desejar, e quizeras, quanto he de tua parte. Ou que Deos ignorasse, e naõ visse o teu peccado; ou, quando menos, que em Deos faltasse o castigo para ti. He sem duvida. Assim o mostra a razaõ, e assim o inferio S. Bernardo: *Omnino enim vellet Deum peccata sua, aut vindicare non posse, aut nolle, aut nescire.* Logo quizeras que Deos, ou naõ

D. Joan. Chr. Hom. 23. in 2. ad Corint. 12. in Mor.

D. Bern. Ser. 3. de Resurr. Dom.

naõ fora Immenſo, para eſtar onde viſſe o teu peccado: ou naõ fóra juſto, para o poder, e querer caſtigar? Sim. Eu o provo.

7 Deos tudo ſabe, e tudo quanto as creaturas obraõ eſtá vendo, porque em todo o lugar eſtá preſente. Aſſim como conhece os futuros, porque em ſua Eternidade eſtaõ preſentes: aſſim tem todo o preſente à viſta; porque tudo ſe comprehende em ſua immenſidade, que enche, e inclue em ſi o lugar mais recondito da natureza. Porêm o peccador bem quizera, quando pecca, que Deos naõ fora Immenſo, e que naõ eſtiveſſe onde elle pecca, para que o naõ viſſe peccar. Temos prova, e exemplo no primeiro peccado, que ſe cõmetteo neſte mundo, e nos primeiros peccadores que exiſtiraõ nelle, para nos deixarem taõ máo exemplo. Peccáraõ os noſſos primeiros pays, e tanto que conheceraõ o ſeu peccado, puzeraõ toda a diligencia em fugir, e ſe retirar da preſença de Deos: *Abſcondit ſe Adam, & uxor ejus à facie Domini Dei.* Notavel fatuidade! Naõ ſabiaõ que Deos hé Immenſo, e eſtá em todo o lugar? Sim. Pois onde pertendem eſconder-ſe delle, ſe neſſe meſmo lugar ſe achará Deos taõ preſente, para os ver, como no outro de que elles ſe retiravaõ? O certo he, que debalde ſe eſcondiaõ, e ſe retiravaõ de Deos; mas tambem he certo, que encaminhavaõ ſeus paſſos para onde cegamente os levava o intento de occultar o ſeu delicto; e com eſte fim, bem quizeraõ elles que Deos naõ fora Immenſo, e que naõ eſtivera em todo o lugar, para que em algũ pudeſſem eſtar fóra de ſua preſença, e de ſua viſta. Ouçamos a Ruperto Abbade, aguda, e profundamente. *Nec enim Deo aderat, aut obedienter adeſſe*

Geneſ. 3. 8.

Rupert. in Geneſ. lib. 3. c. 14.

deſſe volebat, qui poſt inobedientiam ſe abſconderat.

8 Oh quanto eſtimaria Adam peccador achar
ım lugar, onde naõ eſtiveſſe Deos, quando de ſua
eſença fugia! *Abſcondit ſe Adam & uxor ejus à*
cie Domini Dei. Mas para deſengano de que em
do o lugar acharia a quem por natureza he Immen-
, lá onde eſtava, e ſe ſuppunha occulto, ſe achou em
eſença de Deos, que ó chamou a juizo; e ſendo
rguntado pela cauſa que o enfatuou a fugir, e a eſ-
nder-ſe de ſua viſta, reſpondeo aſſim: *Timui eò-* Geneſ. 3. 10.
òd nudus eſſem, & abſcondi me: Senhor, vi a nu-
z em que eſtou, e temi de vos apparecer aſſim. No-
vel repoſta, e bem indigna da razaõ! Por ventura
ava Adam veſtido, quando antes de peccar fal-
ra a Deos, e lhe apparecia? Naõ. Pois ſe naõ temia
taõ, que teme agora? O caſtigo; porque a culpa
mettida eſtava de juſtiça clamando o ſeu caſtigo;
Adam todo cuidadozo por ſe eximir delle. Diſcor-
o, que ſe confeſſaſſe a culpa, provocaria em Deos a
ſtiça para o caſtigo; pois q̃ remedio? Entra a reſpõ-
r de ſorte, q̃ da ſua confiſſaõ naõ tenha Deos lugar
ra a Juſtiça, nem materia para o caſtigo q̃ temia.
: Logo queria Adam q̃ Deos por algũ modo, ou por
ũ caminho, o naõ pudeſſe caſtigar. Queria q̃ em
os pudeſſe faltar a Juſtiça: *Vellet Deũ peccata ſua*
t vindicare nõ poſſe, aut nolle. Vinha pois Adã a de-
ar, q̃ Deos, ou naõ fora Immẽſo, ou naõ fora Juſto;
a q̃ ou o naõ viſſe peccar, ou o naõ pudeſſe caſtigar.

9 Iſto que lá paſſou em Adam, como por heran-
, veyo, e vem paſſando a todos os herdeiros da
culpa; porque tambem todos elles quando pec-
õ (mais, ou menos expreſſamente) bem quizeraõ
e Deos, ou naõ fora Immenſo, para naõ eſtar em to-

do o lugar preſente: ou aliás quizeraõ q Deos naõ
rade infinita Juſtiça para os caſtigar: e conſequen
mente, quanto he da vontade dos peccadores, b
D Bern., ſup. citat. quizeraõ que Deos naõ foſſe Deos: *Vult ergo De non eſſe*: conclue S. Bernardo, com razaõ; porq
deixaria Deos de ſer Deos, ou ſe naõ fora Immen
ou ſe fora ſó de Miſericordia para perdoar, e naõ
Juſtiça para caſtigar. Eſte diſcurſo he taõ verdad
ro, e taõ ſolido, que delle deduzem os Theolog
ſer o peccado mortal, na razaõ de injuria cont
Deos, hum mal infinito; porque de ſua nature
ſe ordena a privar a Deos da Divindade propria.

10 Lemos no livro de Job, que o peccador
tende o braço, e levanta a maõ contra Deos, co
Job. 15. 25. empenhando as ſuas forças para o acõmetter, e talv
para lhe tirar a vida: *Tetendit adverſus Deum m
num ſuam.* Hugo Cardeal expõem: *Contra De*
Hug hic. D Chryſoſt Hom. 40. in Matth. *pugnat.* Melhor ainda S. Joaõ Chryſoſtomo: *Om
homo malus, quantùm ad voluntatem ſuam, mit
manum ſuam in Deum, & occidit eum.* Quem tal
rá, ou poderá crer! O homem, que he hum na
póde ter mãos para Deos? Póde prezumir, que te
forças para pelejar contra aquelle Deos, que co
Omnipotente o creou de nada? Naõ, nem póde c
ber no entendimento humano tal abſurdo; e co
tudo na vontade dos homens pode caber (expreſ
ou implicitamente) huma conſpiraçaõ contra Deo
em cada vez que peccaõ; porque, quanto he de ſu
parte, quizera, quem pecca, tirar a Deos a Divind
de, pois bem quizera tirar-lhe a Immenſidade, ou
Juſtiça. A Divindade naõ ſe diſtingue da Juſtiça, ne
da Immenſidade; porque os attributos em Deos ſa
o meſmo Deos: e como o peccador bem quize

qu

e Deos, ou naõ fora Immenso, ou naõ fora Justo: tã-
quizera, q̃ Deos naõ fora Deos: *Tetendit adversus*
eum manum suam. Quantum ad voluntatem suam,
num mittit in Deum, & occidit eum.

11. Da bocca do mesmo Deos temos a melhor
nfirmaçaõ deste discurso; porque só elle sabe ava-
r a injuria, que se lhe faz em qualquer peccado. Lá
pôs Deos hũa vez a repetir os agravos que tinha do
i povo, e disse, que este o irritava, e provocava co- Exod. 32. 21.
o se o naõ conhecera por Deos: *Ipsi me provoca-*
runt in eo quod non erat Deus. Ou como lê o gran- Abul. hic.
Abulense: *Facientes de me, vel contra me, tanquã*
i essem Deus. Porêm se Deos naõ era conhecido
alguma outra naçaõ, e só neste povo era adorado:
tus in Judæa Deus; como se queixa ainda, que Psal. 75. 2.
delle tratado cõmo se naõ fora Deos: *Tanquam*
essem Deus? Porque se bem no entendimento
nhaõ por Deos: *Notus in Judæa Deus*; na vonta-
quizeraõ que naõ fora Deos. A vontade irritava
eos: *Ipsi me provocaverunt*; porque se movia a
ar contra elle: *Facientes contra me*: e vontade,
se delibera a offender a Deos, e a provocar a sua
, quizéra, qnanto he da sua parte, fazê-lo como
aõ fora Deos: *Facientes de me, tanquam non essem*
us. Como se naõ fora Deos Immenso, para naõ
r presente, nem os ver quando peccavaõ. Como
aõ fora Deos Justo, para o offenderem sem casti-
Mas de huma, ou de outra sorte, sempre da sua
te tirando o ser a Deos, quãdo o offendiaõ cõ suas
pas: *Ipsi me procaverũt in eo quod non erat Deus.*

12. Tereis alguma vez reparado ja, que por nos-
culpas se naõ contentou Deos com satisfaçaõ me-
, que a morte de seu Unigenito Filho, e Reden-

tor noſſo: e quizêra eu, que tornareis a fazer o me
mo reparo agora. Para Deos ſe deſaggravar, e a cu
pa ſer ſatisfeita com toda a exacçaõ da Juſtiça, e
ſuperabundante qualquer acto meritorio de Chri
to; porque qualquer delles era de infinito preço. H
ma ſo lagryma no prezepio derramada, podia a p
gar quanto incendio ha no inferno para as noſſas cu
pas. Pois derramando Chriſto tantas lagrymas e
ſua vida, e tanto ſangue em ſua Payxaõ, ainda qu
o Eterno Padre que morra ſeu proprio Filho, e q
ſó com a morte do Redemptor ſe conſumme a ſat
Joan. 19. 30. çaõ da culpa: *Conſumatum eſt?* Sim, e razaõ he; po
que Chriſto, ſegundo obſervaõ os ſantos Padres,
tal ſorte vinha a ſatisfazer por noſſas culpas, que n
nhuma deformidade ſe achaſſe nellas para a qual n
houveſſe eſpecial conreſpondencia na meſma ſat
façaõ, que por ellas offerecia: *Ut homo, iiſdem cu
ſibus, quibus dilapſus fuerat ad mortem, rediret
vitam*: diz S. Pedro Chryſologo, e com elle pod
Chryſolog. Serm de Annuntiat. mos nós ir notando. He o peccado huma deſobed
encia contra Deos; e Chriſto, para a ſatisfazer
Joan. 14. 31. guio a obediencia: *Sicut mandatum dedit mihi P
ter, ſic facio.* Peccando o homem faz a ſua von
de, e naõ a de Deos: e Chriſto no Horto rogava
Eterno Padre, que ſe executaſſe a divina vontad
Matth. 26. 39. e naõ a ſua humana vontade: *Verumtamen non ſic
ego volo, ſed ſicut tu.* Pelo peccado ſe cõmette co
tra Deos a mayor injuria: e Chriſto para ſatisfaça
Mar. 15. 28. Iſai. 53. 12. della, eſcolheo o mais injurioſo ſupplicio: *Cum in
quis reputatus eſt.* Pois tambẽ porque o peccado
ſua natureza conſpira contra a vida, e contra o ſer d
D. Bernſup. ſit. Deos, como, depois de S. Joaõ Chryſoſtomo, diſſe tã
S. Bernardo: *Quantum in ipſa eſt, Deum perim
volu*

voluntas propria; foy preciso que havendo de a
atisfazer, perdesse o Redemptor a vida. Por isso
xpirando Christo, fez ao Eterno Padre especial
ntrega do seu espirito: *Tradidit spiritum.* Espiri- Joan. 19. 30.
o he a alma, e he tambem a vida; e tudo offerecia a
eos quem vinha a satisfazer a culpa, que de si consp-
ira contra a vida, e ser do mesmo Deos.

13 Naõ duvido pertendereis dizer, que nenhũ
eccador quer conspirar contra Deos: e que o deli-
erar-se a peccar, he pela confiança que lhe fica na
a Misericordia. Esta he a reposta commum, e sa-
da; e eu estimo a occasiaõ de a confutar, e con-
ncer aos que a ella recorrem. Vamos com a expe-
encia, e com a razaõ. Achando se o homem com-
tido da tentaçaõ, experimenta que quando de hu-
a parte o arrebata a propria vontade, e a força
o apetite: de outra parte a consciencia (ainda
turalmente) o perturba com o temor de Deos a
em offende, e do inferno, a que se condena. Athe
ui o que a experiencia mostra. A razaõ facilmente
ança, que cada hum para conseguir o que intenta,
mpre dezeja tirar, e remover os incõvenientes, que
contra. Logo quando temerosa a vontade ainda
arroja a peccar, bem quizera fazer que, ou naõ
uvesse Deos que lho prohibisse; ou naõ houvesse
erno, em que fosse punido o seu delicto. Por
ntura se da vontade do peccador pendera haver,
naõ haver inferno, para castigo da sua culpa,
izéra elle que houvesse inferno? Certo he que
ô; porque o teme. Pois tambem naõ quizera
e houvesse Deos; porque ainda quando pecca,
tem a consciencia timida, que o argûe da Mages-
le a quem offende, e do Juiz que o castigará. Co-

nheça pois o peccador, e confeſſe convencido ja
que na ſua culpa ſempre ſe involve huma (quand
menos) inefficaz conſpiraçaõ contra a vida, e exi
tencia de Deos.

14 Mas ſupponhamos que naõ olha para o ca
tigo, e ſó attende para a Miſericordia. Supponha
mos que naõ teme a pena, porque vay fiado er
que Deos lhe perdoará, como fez a David, a Za
queo, á Magdalena, e como ainda faz a outros in
finitos. He bom diſcurſo, confiar na Miſericordia
e offender ao Miſericordioſo! Athe iſſo he reputa
a Deos como ſe naõ fora Deos: *Facientes de me
tanquam non eſſem Deus*; porque he querer hum
Deos, que naõ fora juſto. Que eſpere de Deos
perdaõ quem eſtá contrito, e arrependido, iſſo h
conhecer a Deos por Miſericordioſo. Mas que quan
do hum actualmente ſe reſolve a offendê-lo, va n
confidencia de ſua Miſericordia, iſſo he querer h
Deos ſó com o attributo da Miſericordia, e ſem
attributo da Juſtiça, e hum Deos que naõ ſeja Deo
Chriſto abſolveo a Magdalena: aſſim he; mas quan
do contrita. Perdoou a Zaqueo; mas quando arre
pendido. David conſeguio Miſericordia; mas quan
do penitente. Em quanto perſeveravaõ na reſoluça
de peccar, naõ podiaõ eſperar de Deos Miſericor
dia, ſem o conſiderarem injuſto, e como ſe naõ fo
ra Deos.

15 Eis-aqui naõ ſó a grandeza, ſenaõ tam
bem o mayor exceſſo da injuria, e deshonra, qu
contra Deos ſe faz em hũ peccado. Reputa-ſe a Deo
por menos que o demonio; porq a eſte ſe eſtima, e
deſpreza a Deos. Grande deshonra! Mayor ainda
porque com o peccado intenta o author delle tira

Deos a vida, e o ser, quando o quizera privado
a Immensidade, para que o naõ visse peccar; ou
a Justiça, para ser izento do seu castigo. Esta he
gratificaçaõ, que temos com quem nos deo o ser:
sta he a conrespondencia, que uzamos com quem
preço da sua vida comprou a nossa, com taõ ar-
nte caridade, que ainda se mostrava sequioso de
rar mais finezas, mais padecer por nosso amor.

§. IV.

16 E Com tudo ainda me parece subir a mais a deshonra, que peccando commette-os contra Deos. Achaõ os Theologos, que a in-ia feita a Deos em hum peccado, he summa, e infinita, por se encaminhar contra a sua Justiça, contra a sua Immensidade; em fim, contra o ser, ontra a vida do mesmo Deos: porém eu entendo e esta especulaçaõ representa o peccado como neridade, e naõ como deshonra. Que temera-naõ he quem, por alguma sorte, vem a dezejar Deos, ou naõ fora Justo, ou naõ fora Immenso, e por ermos tudo, que Deos naõ fora Deos! Eu discorro ito pelo contrario. Attendo para a reposta cõ que lesculpa quem pecca: e quando os ouço dizer que n quizeraõ privar a Deos de sua Justiça, nem de Immensidade, nisso mesmo descubro a mayor ria, que lhe fazem; porque acho, que a mayor honra feita a Deos pelos peccadores, consiste dous pontos, bem opostos aos que ouvisteis. O meiro he, que peque o homem, e naõ queira var a Deos da sua Justiça. O segundo he; que pe-e, e naõ queira privar a Deos da sua Immensida-Attendei-me.

Theol supra relati num. 1

17 A primeira razaõ, que faz mais atroz a in
juria, que contra Deos ſe commette no peccado, h
por naõ querer, quem pecca, privar a Deos de ſu
Juſtiça; mas antes incitá-lo para o acto della. H
couſa notavel, que ſendo o attributo da Juſtiça en
Deos indiſtincto da ſua natureza, nenhuma couſ
pareça menos natural em Deos, do que o acto deſſ
attributo; porque em Deos nenhuma couſa parec
menos de ſua natureza, que o caſtigar. Explico-me
Para nos perdoar, e beneficiar, he promptiſſimo: pa
ra nos caſtigar ſempre he tardo, e procedendo ſem
pre como compellido de noſſas culpas. A razaõ ta
propria, como recebida entre os Theologos, he
porque Deos para o acto da Miſericordia, em ſi ter
a propria natureza, que o move por ſua innáta bon
dade a ſe compadecer de nós: e para nos caſtiga
naõ ſe move de ſi, ſem ſer movido por nós, que
provocamos com as culpas, que em Deos naõ ha
e ſó em nós ſe achaõ. Ouvi a S. Bernardo, a quem
D. Bern. Ser. 5. in Nativit. Domini. ſeguem os Doutores. *Quod miſeretur, illi propri
eſt, ex ſe enim naturam habet, velut quodam ſemi
narium miſerendi. Quod judicat & condemnat, no
eum quodammodo cogimus; ut longè aliter de cord
ipſius miſeratio, quàm animadverſio procedere vi
deatur.* Mas por iſſo meſmo que o perdoar he em
Deos propenſaõ da natureza propria; o caſtiga
parece que ſe lhe faz taõ violento, como ſe fora im
proprio de ſua natureza o acto da Juſtiça punitiva.

18 Diſſe Iſaîas, que ſahiria Deos com huma
obra, verdadeiramente ſua; mas ainda aſſim total
mente alheya de ſua natureza; porque obraria hu
Iſai. 28. 31. ma acçaõ, eſtranha da Divindade. *Ut faciat opus
ſuum, alienum opus ejus: ut operetur opus ſuum
pere-*

eregrinum est opus ejus ab eo. Nenhuma acçaõ óde haver em Deos, que lhe naõ seja muy natural; orque em Deos, o ser, e o obrar naõ se distinguẽ. A acçaõ, com que obra, he a sua mesma natureza. Pois que acçaõ, ou que obra seria aquella, taõ estranha para Deos, e taõ admirada pelo Propheta? Naõ busquemos exposiçaõ fóra do Texto; porque emos nelle a repolla para a duvida. Era hum castigo, que a indignaçaõ divina ameaçava aos Israelitas: *Dominus sicut in valle, quæ est in Gabaon irascetur*; e taõ repugnante se mostra Deos para o castigo dos homens, como se o acto delle fora estranho le sua natureza, e alheyo da Divindade. *Dominus sicut in valle, quæ est in Gabaon. Ut faciat opus suum, alienum opus ejus.* Ibid.

19 Nesta repugnancia, achando-se Deos como precizado, e como obrigado, por parte de sua infinita Justiça, a castigar aos que o provocaõ peccando, antes que execute, ou decrete a pena, parece que entra a lutar comsigo, athe vencer em si mesmo a propria resistencia para castigar. De huma parte a natureza toda propensa para a piedade: de outra parte a Justiça provocada das culpas para o castigo: e he precizo que Deos se vença a si mesmo, para que a Justiça prevaleça á Piedade; porque he necessario (a nosso modo de entender) que vença primeiro em si o impullo, com que a sua propria natureza se move para perdoar.

20 Queixando-se Deos do seu povo taõ mimoso, e reprehendendo-o tambem, dizia assim: *Præbuisti mihi laborem in iniquitatibus tuis. Ego sum, ego sum ipse, qui deleo iniquitates tuas propter me.* Deo-me trabalho este povo com as suas culpas, Isai. 43.24.

porque

porque eu ſou o que, por amor de mim, lhe perdôo os ſeus delictos, Conclue logo a reprehenſaõ, e a queixa, lembrando-lhes o caſtigo, que deo a Moyſés, e Aaram, privando-os da vida, e naõ lhes permittindo que entraſſem na terra de promiſſaõ: trazendo-lhes tambem á memoria os dous cativeiros taõ dilatados, com que o meſmo povo foy caſtigado, huma vez no Egypto, em Babylonia outra vez.

Ibid. 28. *Contaminavi Principes ſanctos, dedi ad internecionem Jacob, & Iſrael in blaſphemiam.* Confeſſo que naõ ſey compôr, e ajuſtar entre ſi as partes, e periodos deſte Texto. Se Deos foy taõ executivo em caſtigar o ſeu povo, e os dous Principes delle, poſto que ambos eraõ Santos: como allega que elle era o que por amor de ſi meſmo perdoava a eſſe povo: *Ego ſum, qui deleo iniquitates tuas propter me?* E ſe o caſtigava taõ exactamente, qual era o trabalho que tinha com as culpas delle? *Præbuiſti mihi laborem in iniquitatibus tuis?* Se o naõ caſtigara, podia allegar trabalho na paciencia de o ſoffrer: mas executando Deos naquelle povo caſtigos taõ aſperos, e dilatados, como o do cativeiro por largos annos, diz ainda que lhe dava trabalho eſte povo? Sim; e o trabalho, que Deos achava, era o meſmo caſtigo, e naõ outro: *Contaminavi Principes ſanctos, dedi ad internecionem Jacob, & Iſrael in blaſphemiam.* Porque como Deos por ſi meſmo, e por ſua propria natureza ſe move a perdoar: *Deleo iniquitates tuas propter me*; naõ podia deliberar-ſe a caſtigar, ſem parecer que tinha hum grande trabalho, em ſe vencer primeiro a ſi meſmo: *Præbuiſti mihi laborem.* Parece que antes de caſtigar, entrava Deos a contender contra

ra si mesmo, e contra a sua Justiça, diz Alapide seguindo a S. Jeronymo: *Perinde ac si Deus clemens, & parcens pugnet contra se suam quæ justitiam, flagitantem, ut justâ vindictâ peccata, & peccatores plectat.* Contra si, querendo vencer a propria bondade, e clemencia, para castigar. Contra a sua Justiça, querendo-a vencer, para perdoar. Mas havendo de prevalecer a Justiça, por se naõ augmentarem as culpas impunidas, ficava Deos como pezaroso, e sentido, vendo-se precizado a castigar, quando de si, e por amor de si, todo estava inclinado a perdoar: *Præbuisti mihi laborem in iniquitatibus tuis. Ego sum, ego sum ipse, qui deleo iniquitates tuas propter me.* D. Hieron. Alap. in cap 43. Isai.

31 Se os homens saõ humas imagens, e similhanças de Deos: *Faciamus hominem ad imaginem, & similitudinem nostram*; se os homens saõ as delicias de Deos: *Deliciæ meæ esse cum filiis hominum*; se para os remir da culpa, e livrar da pena, e fez homem o mesmo Deos, e padeceo a morte, com mais impulso, que o de sua propria, e natural bondade, como haverá nelle (quanto he de si) deliberaçaõ para os castigar? Mas que ha de fazer, se o provocaõ as nossas culpas: *Quare ergo me ad iracundiam provocaverunt?* Castiga como provocado, e como se fora, ou pudera ser obrigado: *Nos eum quodammodo cogimus.* E porque só provocado, e como obrigado castiga, elle he o que que primeiro mostra sentir o nosso castigo. Houve Deos de castigar o mundo todo com o diluvio, e quem primeiro deo mostras de que sentia esse castigo, foy Deos; porque diz a Escritura, que quando Deos tomou a resoluçaõ de submergir os ho- Genes. 1. 26. Prov. 8. 31. Jerem. 8, 19.

homens, e o mundo todo (ſubmergido já d'antes em tantos vicios) huma dor lhe cortára intrinſecamente o coraçaõ: *Tactus dolore cordis intrinſecùs, delebo, inquit, hominem, quem creavi.* Dizey-me agora para concluzaõ do noſſo ponto. A dor, e o ſentimento naõ ſaõ improprios da Divindade? A pena naõ he totalmente alhea da eſſencial Bemaventurança de Deos? Sim. Pois porque o caſtigo dos peccadores he o motivo della pena, e deſſe ſentimento, ſe faz o caſtigar trabalhoſo para o meſmo Deos, eſtranho, e alheyo da Divindade. *Dominus iraſcetur. Ut faciat opus ſuum, alienum opus ejus. Præbuiſti mihi laborem in iniquitatibus tuis.*

Geneſ. 6. v. 6. 7.

§. V.

22 VEdes o como Deos ſe moſtra quaſi involuntario, e cheyo de ſentimento, havendo de punir as noſſas culpas? Deduzi pois deſta benevolencia, e piedade divina, quam grave injuria, e deshonra commette contra Deos, quem com peccados irrita a ſua bondade, e provoca a ſua Juſtiça, para caſtigar. Notay com advertencia, e o percebereis. Deos, como ſupremo Senhor, he livre no ſeu obrar; ſó no caſtigo da culpa, procede como ſe fora, ou pudera ſer obrigado: *Quod judicat, & condemnat, nos eum quodammodo cogimus.* Logo priva o homem a Deos da honra de Senhor, fazendo-o proceder na execuçaõ do caſtigo, como ſe fora ſervo; porque o incita a obrar, naõ como Senhor, ſegundo a propenſaõ de ſua vontade livre; mas como ſervo, ſegundo a urgencia, com que o obrigaõ as noſſas culpas. *Servire me feciſti in peccatis tuis,* dizia

Iſai. 43. 24.

dizia Deos por Isaias: Com os vossos peccados fazeis que eu sirva, postoque sou independente Senhor de todas as creaturas. Pois Deos, Senhor taõ livre, e taõ effectivo, que o seu querer he o seu obrar, poderá dizer-se que obrando serve? Sim, quando obra incitado de nossas culpas. Que acçaõ tem Deos, quando com nossas culpas o irritamos? O castigo dellas. Pois nesse castigo parece que naõ obra Deos como supremo, e livre Senhor; porque naõ obra segundo pede a innata propensaõ de sua vontade piissima: obra como se fora, ou pudera ser constrangido, para o fazer; e quem assim obra, como servo obra: *Servire me fecisti in peccatis tuis.* Isai. 43. 24.

23 Ninguem duvîda que Deos, assim como he o primeiro principio de todas as cousas, assim he o ultimo fim de todas as creaturas; porque todas creou por amor de si mesmo: e por isso devem as que saõ racionaes dirigir suas acçoens para honra do mesmo Deos, como seu ultimo fim. He porêm infallivel, que esta ordem da razaõ se perverte pelo peccado, cujo ultimo fim naõ he Deos, mas sim a mesma creatura que o commette; porque peccando obra por amor de si mesma, e vem a fazer-se ultimo fim de si mesma: como Angelicamente discorre Santo Thomaz: *Finis ultimus in amore commutabilium est ipse homo, propter quem alia quærit.* D. Thom. in 2. dist. 42. q. 2 a 1. E nesta hora accrescentara eu, que a creatura, alêm de pôr em si, e tirar de Deos a suprema honra de ser o seu ultimo fim, tambem lhe tira a de ser o seu primeiro principio. Assentaõ insignes Theologos, que o primeiro principio, ou primeira causa, he a que primeiro move todas as causas segũdas, ou inferiores; peccando porêm o homem, el-

elle he o que move, e determina a Deos para o caſtigo, como ſe o homem fora a primeira cauſa, e o primeiro movente, e naõ Deos. A primeira cauſa move as mais todas, porque todas lhe ſaõ ſujeitas, e ſubordinadas; e porque o homem pelo peccado nega a ſujeiçaõ a Deos, ſe faz a ſi meſmo primeira cauſa, e como tal move a Deos para que o caſtigue. A Adam perſuadio o demonio, que ſeria ſimilhante a Deos, ſe lhe violaſſe o preceito: *Eritis ſicut Dii*: Geneſ. 3. 5. e fallou o demonio em tal ſentido, que tiraſſe depois a ſalvo o cumprimento de ſua enganoſa perſuaſaõ, e falſa promeſſa; porque com admiraçaõ diſſe Deos, que Adam depois de peccar, em verdade lhe ficara ſimilhante: *Ecce Adam quaſi unus* Geneſ. 3. 22. *ex nobis factus eſt*. Mas ſe Adam peccando perdeo a graça, e a ſimilhança, que por ella tinha com Deos: ſe a culpa o fez ſimilhante aos brutos: *Comparatus eſt jumentis inſipientibus, & ſimilis factus eſt illis*; em que ſe faria ſimilhante a Deos, tendo peccado? Achaõ os Expoſitores neſta duvida grave difficuldade; e eu entendo que no meſmo effeito da culpa ſe deſcobre ſoluçaõ muy propria. Notay. Deos, como primeira cauſa, movia a Adam para obrar; e Adam, com a ſua culpa, movia a Deos para o caſtigar. Logo, depois de peccar, ſe fez Adam ſimilhante á primeira cauſa, e ſimilhante a Deos: *Ecce Adam quaſi unus ex nobis factus eſt*.

24 Eſte he o primeiro ponto da mayor deshonra, que peccando o homem commette contra Deos. Tira-lhe a honra de Senhor ſupremo, e primeira cauſa, quando, como ſe naõ fora Senhor, de alguma ſorte o obriga; e como ſe naõ fora primeira cauſa, o move para caſtigar, taõ contra o impulſo

de

de sua natureza piissima, e infinita bondade. Eu aconselhara a quem se delibera a peccar, que primeiro privasse a Deos do attributo da Justiça, para que como Justo naõ ficasse obrigado a castigar o delicto da creatura. Deixay-lhe só o attributo da Misericordia: tiray-lhe (se podeis) o da Justiça, porque perdoará como bom, como pio, e benigno, sem que, por Justo, o movaõ as offensas, que se lhe fazem, a castigá-las, tanto á custa de sua pena, e de sua dor: *Tactus dolore cordis intrinsecus.* Conhecer porêm que Deos incomparavelmente se move de sua bondade innata, para perdoar; e ainda assim provocar a sua Justiça, para castigar! Conhecer que só o castigo dos homens poderia (se possivel fora) causar pena, e sentimento a Deos, e provocá-lo (e se póde ser) obrigá-lo com offensas a que os castigue, taõ contra a natural propensaõ de sua Misericordia infinita! Isto he o que a Deos mais agrava, porque nisto mais desprezamos, e mais injuriamos a sua bondade.

25 Duas cousas muy notaveis, e naõ menos difficultosas, diz S. Paulo, escrevendo aos Hebreos: *Rursus crucifigentes sibimetipsis Filium Dei, & ostentui habentes* Caietano verte: *Ad publicam ignominiam Filii Dei.* Diz, que os homens, em cada vez que peccaõ, novamente crucificaõ o Filho de Deos, com deshonra, e com desprezo. Tudo he assim. Crucificaõ os homens novamente a Christo quando peccaõ: *Rursus crucifigentes sibimetipsis Filium Dei*; porque, quanto he de sua parte, daõ causa para que Christo novamente fosse por elles crucificado, se a morte que huma vez padeceo naõ bastara para satisfaçaõ de todas as culpas Ad Hebr. 6.

pas do mundo: e Chriſto, pelo ardentiſſimo amor, com que deſeja a ſalvaçaõ de todos os homens, quizera (ſe neceſſario fora) para lhes conſeguir o perdaõ, tornar a morrer por elles, quando novamente o offendem. Neſte Texto do Apoſtolo duas couſas notoriamente ſe deſcobrem. A malicia, e ingratidaõ dos homens he huma: outra he o amor, e a bondade de Chriſto. Saõ os homens taõ máos, e taõ ingratos, que naõ duvidaõ ſer occaſiaõ, para que Chriſto quizeſſe repetidas vezes ſer crucificado, depois de dar a vida por elles huma vez na Cruz: e de tanta bondade, e miſericordia he Chriſto, que naõ duvidára padecer repetidas mortes pelos peccados dos homens, ſe para lhes impetrar o perdaõ, naõ fora ſufficiente, e ſuperabundante a morte, que padeceo por elles huma vez. Porêm o Apoſtolo, ſem expreſſar aqui, ou encarecer o amor de Chriſto, nem a ingratidaõ dos homẽs, mas ſim paſſando huma, e outra couſa em ſilencio, concluio ſó, que niſto fazem os homens huma publica deshonra, e huma publica injuria ao Filho de Deos: *Ad publicam ignominiam Filii Dei.* E he bem certo, que diſcorreo mais profundamente do que parece. Vio a piedade com que o Filho de Deos eſtá prompto para perdoar aos homens, ainda que o perdaõ lhe cuſtára novamente a vida, ſe naõ baſtara a morte, que huma vez padeceo: e tambem vio, que os homens, deſeſtimando tanta piedade em Deos, provocaõ o ſeu caſtigo com novas culpas: *Rurſus crucifigentes ſibi metipſis Filium Dei*; e advertidamente abominou ſobre tudo a injuria, e deshonra, que niſto ſe faz a Deos; porque excitar a ſua Juſtiça, quando elle tanto ſe moſtra benigno, e piedo-

Ex doctrina, & revelatione Chriſti ad S. Gertrud. lib. 3. cap. 42

edoso, mais que tudo he manifesta injuria, e pu-
ica deshonra, que se faz a Deos: *Rursus cruci-*
entes sibimetipsis Filium Dei, ad publicam ig-
miniam Filii Dei.

26 Como naõ reputará Deos por injuria, o mui-
que desprezaõ as creaturas a sua piedade, e o
u amor! Como naõ terá por affronta, ver que o
saffiaõ as creaturas para o castigo, taõ contra a in-
ita propensaõ daquella bondade, que o moveo
er homem, e a padecer pelos homens, para que
les naõ experimentassem a indignaçaõ, e rigor de
a Justiça! Privem pois os homens a Deos do attri-
to da Justiça, se pódem; e assim o offenderáõ sem
eixa daquella Misericordia, que taõ sentida se
ostra no castigo delles, e cessará nesta parte a in-
ia, que contra Deos commettem peccando: *Deus*
honoratur.

§. VI.

27 A Segunda razaõ, (e mais urgente ainda)
com que se dá a conhecer a deshonra
mma, feita a Deos em qualquer peccado, he; por
commettido sem se privar a Deos de sua Immen-
ade. Parece-vos taõ paradoxa razaõ esta, como
rimeira; mas tambem esta he taõ verdadeira, co-
evidente: porque sendo Deos por natureza Im-
enso, ha de estar presente nesse lugar, onde se cõ-
ette o peccado; e que mayor deshonra para Deos,
e offendê-lo, vil, torpe, e talvez sacrilegamente,
õ em sua ausencia, mas em sua presença, diante de
is Divinos olhos, sendo o mesmo Deos testimu-
a da injuria, que se lhe faz, sem acatamento, e sem
verencia á sua Omnipotente, Immensa, Eterna,
Tremenda Magestade! Aquella Virgem taõ mi-

mosa de Christo, e por elle em frequentes appari
çoens visitada (Santa Gertrudes) nas doutrinas
que ouvio a taõ Divino Mestre, deixou luz para est
meu conceito. Em certa occasiaõ lhe apparece
Christo na mesma representaçaõ, e fórma, em que
por nossas culpas fora atado a huma columna, e
açoutado, com lastima inexplicavel para a Santa
porque, como ella refere, nunca lhe pareceo pudes
se haver na terra aspecto humano, taõ digno de cõ
paixaõ, como era o de Christo naquelle doloroso
passo. E reparou Santa Gertrudes com admiraçaõ
eternura, que os executores desse tormento só n
rosto de Christo descarregavaõ os seus golpes, taõ
sem piedade, que tambem nas meninas dos olhos
feriaõ. Expondo-lhe entaõ Christo esta particula
circunstancia, lhe disse que o ser ferido só no rosto
denotava a summa injuria, e affronta, que os ho
mens fazem a Deos, quando em sua presença, e á vis
ta de seus Divinos olhos o offendem: *Dominum*
cædunt in faciem; quia quantum in se est, regnan-
S. Gertr. Revelat. lib. 4. cap. 12. *tis in Cœlo intuitum non verentur dehonestare.* No
Sacrosanto Corpo de Christo naõ houve parte a
que naõ chegassem os açoutes; porque a todas com-
prehendeo aquelle diluvio de golpes, que fazia
romper outro diluvio de sangue: e só no rosto pa-
recia receber Christo as feridas, como se no mais
corpo o naõ offenderaõ: porque o ser offendido á
sua vista, e em sua presença, he o que mais sente, por
ser o que mais o aggrava. As feridas no rosto saõ as
mais affrontosas: e a mayor affronta para Deos he,
que em sua presença, e á sua vista se atrevaõ os ho-
mens a offendê-lo: e por esta circunstancia mostra-
va Christo que em seu rosto recebe as Chagas com

que

que tão affrontosamente offendemos a Deos no lugar em que esta presente.

28 Posso dizer agora que descobri já a razaõ mais propria, e mais intrinseca da injuria, e deshonra, que a Deos fazem as creaturas peccando. Devemos distinguir no peccado duas razoens, (ou duas emrazoens) huma de offensa, outra de injuria. Offender a Deos he temeridade; offendê-lo em sua presença he injuriá-lo: porque ainda que o peccado não fora contra Deos, nem commettido em sua offensa, sempre seria contra a sua honra, e contra o seu respeito commettê-lo em sua presença. A soldra mais livre, e mais desenvolta se peja, o vicio mais depravado refrea seus appetites, em quanto presume que poderá ser visto de alguem, e primeiro se encobre, antes que se resolva a peccar. Assim pede a razaõ, assim o mostra a experiencia, e o diz assim o Ecclesiastico, quando descreve a hum homem, que na tentaçaõ se delibera a peccar: *Quis me videt? Tenebræ circundant me, & parietes cooperiunt me, & nemo circunspicit me.* Eccles. 23. 25. Pois como naõ encobre, como se naõ esconde aos Divinos olhos quem pecca? Ensinava Deos a huma alma devota, celebrada nos Canticos de Salomaõ, desejosa de o agradar, e ser perfeita, que no coraçaõ, no braço o trouxesse perpetua, e inseparavelmente impresso: *Pone me ut signaculum super cor tuum, signaculum super brachium tuum.* Cant. 8. 6. Hum final, e representaçaõ de Deos, posto no braço, outro no coraçaõ, seria meyo muy proporcionado, para que a Esposa sempre o tivesse muy presente na lembrança; mas para ser perfeita, e agradar Deos? Sim; porque considerando-se na sua presença, o naõ offenderia

fenderia por obra, nem por penſamento: *Si Do*
Gloſ. in cap. 8. Ezech. *minum præſentem, & omnia videntem cogitaremus aut vix, aut nunquam peccaremus*: diz o meu Stra bo Fuldenſe na ſua Gloſſa ordinaria. Quem ſab que Deos eſtá preſente em ſeu coraçaõ, naõ ad mitte nelle penſamento, que o offenda. Quem co nhece que Deos eſtá vendo todas as ſuas acçoens naõ eſtende o braço para o offender por obra; por que quem ſe conſidera na preſença de Deos, regul as ſuas obras, e os ſeus penſamentos pela vontade d Deos: *Pone me ut ſignaculum ſuper cor tuum, u ſignaculum ſuper brachium tuum.* Ouvi o com expõem eſte Texto meus Padres S. Gregorio Ma gno, e Santo Anſelmo, para ultima confirmaçaõ d
D. Greg. D. Anſel. noſſa intelligencia: *Ut ſignaculum ſuper cor tuum regentem cor tuum, & cogitationes tuas. Ut ſigna culum ſuper brachium tuum; ut rectorem in om nibus operibus tuis.*

29 Negaõ os Atheiſtas que haja Deos. Rai
Pſal. 13. 1. Ignorancia: *Dixit inſipiens in corde ſuo, non e Deus!* Outros ha, que o confeſſaõ, e negaõ qu poſſa ver o que no mundo obraõ as creaturas; por que aſſentando que naõ he Immenſo, dizem qu ſó eſtá no Ceo, ſem que poſſa alcançar com a viſ o que lhe encobrem as nuvens; e aſſim uſurpaõ d Sagrado Texto eſtas palavras, profanando-as a ſe
Job. 12. 13. 14. perverſo intento: *Quid enim novit Deus? Et qua per caliginem judicat, nubes latibulum ejus, nec no ſtra conſiderat.* Naõ ha mayor cegueira! Hum, outro delirio fingio, e dictou a depravada malici para peccar ſem temor de Deos, e ſem receyo d caſtigo. Nós condemnamos eſtes abſurdos ambos Confeſſamos que ha Deos, e que em todo o luga eſtá,

ſtá, pois he Immenſo; mas ainda aſſim o offende-
os, como o fizeramos ſe naõ houvera Deos: ainda
lim o offendemos, como o fizeramos ſe nos naõ
ra. Agora perguntara eu. Quem procede mais
ga, e irracionalmente: o que pecca, porque naõ
nhece que ha Deos; e o que, a eſta imitaçaõ, ne-
que Deos ſeja Immenſo, e eſteja em todo o lugar;
nós, que confeſſando a neceſſaria exiſtencia de
eos, e a ſua Immenſidade, o offendemos em ſua
eſença, e á ſua viſta? Elles erraõ ſem deſculpa
que dizem: erramos nós indeſculpavelmente no
e obramos. Nós os podemos convencer a elles
m eſta viſivel fabrica do Univerſo; porque toda
a ſe desfaz em linguas, que eſtaõ clamando, e
endo haver hum Deos Immenſo, Author, e Con-
vador de todo o creado. Mas elles nos pódem
nfundir a nós com o que obramos: porque ſe
emos que ha Deos, e que he Immenſo, ſem du-
la o injuriamos, e affrontamos: ſem duvida lhe
mos a honra, e negamos a reverencia devida a
incomprehenſivel, e ſoberana Mageſtade, quan-
em ſua preſença o offendemos.

30 Toda huma noite atormentaraõ a Chriſto, e o
heraõ de opprobrios os miniſtros mais impios da
nana, ou deshumana crueldade: e dizẽ os Evãge-
as, que para o fazerem, lhe cobriraõ primeiro o
to: *Velaverunt eum.* Foy eſte acordo altiſſima poſiçaõ de Deos, em reverencia, e honra da di-
a face, ainda que os Judeos, ſempre cegos, naõ
nçavaõ por entaõ eſſe myſterio: *Cooperiunt ex Dei conſilio, ut etiam inviti divinam faciem erentur*, expõem Sylveira. Mas aqui encon-
logo a eſpeculaçaõ bem patente materia para

Luc. 22. 64. Marc. 14. 65.

Sylv. in Evang tom. 5. lib. 8. c. 4. q. 16. n. 132.

duvidar. Os Judeos, ainda que a Chriſto cobriaõ o roſto, naõ deixavaõ de o eſcarnecer, e ferir,
Marc. 14. 65. com os golpes, e bofetadas que lhe davaõ: *Cœperunt quidam conſpuere in eum, & velare faciem ejus, & colaphis eum cædere.* Pois qual era a honra, qual a reverencia, que diſpunha Deos quando a Chriſto cobriaõ o roſto, ſe entaõ era com mais opprobrio offendido? A repoſta (naõ menos prompta, que a duvida) ſe acha na differença de offenderem aquelles miniſtros a Chriſto com os olhos cubertos, ou deſcubertos. Offenderem a Chriſto com o roſto deſcuberto era offendê-lo á viſta, ſem ſe occultarem a ſeus divinos olhos: offendê-lo porém com o roſto cuberto, era offendê-lo, entendendo elles que Chriſto naõ podia ver quem o offendia: por iſſo lhe inſtavaõ, que profeticamente diſſeſſe qual delles o esbofeteava: *Cœperunt colaphis eum cædere, & dicere, prophetiza*: por entender cada hum dos miniſtros, que de Chriſto naõ era conhecido nem viſto. E porque no juizo de Deos a mayor deshonra, que ſe podia fazer a Chriſto era offendê-lo em ſua meſma preſença, e diante de ſeus divinos olhos; com mayor myſterio do que parece, lhe cobriraõ os olhos, para que em reverencia da Mageſtade propria naõ foſſem tantos opprobrios cõmettidos por miniſtros, que naõ temeſſem ſer viſtos de Chriſto, quando o offendiaõ. *Velaverunt eum. Ex alto Dei conſilio, ut etiam inviti divinam faciem venerentur.*

31 Acompanhemos agora a Chriſto, ſahindo da caza do Põtifice athe o Calvario, e ahi da cadeira da ſua Cruz, entre as ſombras da eſcuridade mais profunda, nos dará a confirmaçaõ mais clara deſte pen-

enſamento. Diz S. Paulo que o Eterno Padre, tendendo á reverencia, e honra, que ſe deve a hriſto, lhe deſpachára certa petiçaõ, por elle ita com grande clamor, e lagrymas: *Preces ſu-licationesque cum clamore valido, & lacrymis ferens, exauditus eſt pro ſuâ reverentiâ.* Peti-ó deferida por ſe attender á honra de Chriſto: *xauditus eſt pro ſuâ reverentiâ!* Qual ſeria ella, qual o ſeu deſpacho? Perguntaõ os Expoſitores; reſponde o Bonherbá, que aquellas trevas eſcu-ſſimas, de que ſe cobrio o mundo, pendente hriſto na Cruz, foraõ ordenadas, e diſpoſtas n attençaõ de ſua honra, e da reverencia que ſe e devia: *Exauditus eſt pro ſuâ reverentiâ. Ex proviſo denſiſſimæ ortæ ſunt tenebræ, obſcuro groque pallio cooperientes mundum.* Mas aqui enta a duvida, e entra a difficuldade. Pois em cobrir de ſombras o mundo acóde o Eterno Pa-e pela honra de ſeu Filho, e reverencia de Chriſ-? Sim, e notay. O que reſultou daquella eſcu-ade taõ denſa, e daquelle eclypſe taõ tenebro-, foy que os Judeos ficaraõ privados da viſta de riſto, diz Origenes: *Ut populus privetur lu-ne tuæ inſpectionis*; e como o ponto mais fino, ais ſenſivel da deshonra, que a Chriſto faziaõ aggreſſores da mayor maldade, era offender ao Rey, ao ſeu Meſſias, e Redemptor, em ſua ſma preſença; o retirá los da ſua viſta era at-çaõ á honra do meſmo Chriſto: *Exauditus eſt ſuâ reverentiâ. Ex improviſo denſiſſimæ or-ſunt tenebræ. Ut populus privetur lumine tuæ pectionis.* Os idolatras Iſraelitas, que ſem reſ-to á ley, que recebêraõ por maõ de Moyſés,

Ad Hebr. 5. 7.

Bonh. Serm. de Chriſt. Crucif. pro 5 die vener. in Mar. n. 5. 6.

Orig Hom. 35.

ſe contaminaraõ com as mayores, e mais deteſta veis abominaçoens, lá ſe occcultavaõ, e eſcon diaõ, perſuadindo-ſe primeiro com ſuperſticioſo e falſo acatamento, que dos divinos olhos naõ po

Eſech. 8.12. deriaõ ſer viſtos. *Vides fili hominis, quæ ſeniore domus Iſrael faciunt in tenebris, unuſquique i abſcondito cubiculi ſui, dicunt enim, non vide Dominus.* Os Gentios que adoravaõ ao Sol po Deos, naõ temiaõ offendê-lo de noite; porque a ſombras tiravaõ, no conceito delles, a mayo enormidade da culpa. Vio o Eterno Padre ao ſe querido Filho, taõ laſtimoſa, e injurioſamen te crucificado; e como querendo de alguma ſort diminuir a affronta, que faziaõ áquelle Sol juſtiça do, acodio com eſcuriſſimas ſombras, que eſcon dendo, e encobrindo a Chriſto, ao menos deſſen occaſiaõ aos offenſores de prezumir que dell naõ eraõ viſtos; para que ſendo taõ grave o ſe delicto, foſſe menor a deshonra para Chriſto, quã do ſe entendeſſe que naõ era commettida á ſu viſta.

32 Quem houve, que conhecendo bem o qu he o peccado, e a deshonra, que nelle ſe faz a Deo naõ entendeſſe que o ſer commettido á viſta d meſmo Deos, era para elle a mayor deshonra? A innocente, e caſta Suzana, quiz antes morrer, ó commetter hum peccado no lugar, em que Deo eſtiveſſe preſente, para a ver. *Melius eſt mihi abſ-*

Dan. 13.23. *que opere incidere in manus veſtras, quàm pec care in conſpectu Domini.* David o que mais afea va na ſua culpa, era havê-la commettido diante

Pſal. 50.6. de Deos: *Malum coram te feci.* O Prodigo ſo ſe accuſava, de que com ſeu desbaratado procedimen-

to

to peccara na presença de seu Pay Celestial: *Peccavi in Cœlum, & coram te.* O mesmo peccado tanto se peja de ser commettido diante de Deos, que, quanto he de sua parte, elle mesmo persuade (naõ sey com que natural instincto) se retirem dos divinos olhos primeiro que o executem. Luc. 15. 18.

33 Quiz o Prodigo, violando os preceitos, e bons costumes, com que seu pay, o criára, entregar-se aos vicios, e antes de tudo, se retirou para taõ longe, que delle naõ fosse visto. *Abiit in regionem longinquam, & ibi dissipavit substantiam suam, vivendo luxuriosè.* Oh que extravagante moço! Ainda naõ peccou, e já se condemna ao desterro de sua patria, e da casa de seus pays? Quem o sentenciou a essa pena? Pergunta o Estella: *Quis domo ejecit illum?* Os mesmos peccados em que se resolvia a cair. Estes o aconselháraõ, que se retirasse para onde o pay naõ estivesse. Todo o agente racional se move de algũ fim para obrar, e o fim do Prodigo era peccar livremente: *Ut licentiosiùs, ac liberiùs viveret*, expõem literalmente Sylveira. Pois esse mesmo peccado ja concebido, e representado no entendimento, era o fim que o movia a se apartar da vista do pay: *Abiit in regionem longiquam, ut licentiosius, ac liberius viveret.* Entrou o mesmo peccado (naõ por modestia, que a naõ tem; mas por soltura, e para ter mais liberdade) a aconselhar ao Prodigo, que se queria viver estragada, e lascivamente, buscasse algum lugar muy retirado, onde naõ fosse visto de seu pay: *Si peccare vis quære ubi te non videat, & fac ibi quod vis*, disse S. Agostinho. Mas na presença do pay, Stell. in cap. 15. Luc. Sylv. in hũc loc. D. Aug Ser. 46. de Verb. Dom.

pay, de nenhuma sorte; porque a vista delle seria bastante para o refrear, como admiravelmente concluhio o mesmo Sylveira: *Nè reverentiâ oculorum patris refrænaretur.*

Sylv. cit.

34 O Prodigo na representaçaõ era qualquer de nós: o Pay era aquelle, que todos temos no Ceo: e sendo o peccado taõ opposto á honra de Deos; esse mesmo peccado nos aconselha, e nos persuade que vamos para onde naõ esteja, nem nos veja Deos: *In regionem longinquam*, e que ahi nesse retiro poderemos entaõ peccar sem pejo, nem receyo dos soberanos olhos: *Et ibi dissipavit substantiam suam, vivendo luxuriosè.* E se quereis a razaõ deste natural dictame, S. Agostinho a deo taõ propria, e taõ douta como sua. O peccado, ainda depois de proposto pelo entendimento, naõ póde ser approvado pela vontade, nem póde sahir á execuçaõ, faltando-lhe a liberdade, que he a raiz, e o fundamento da culpa: he porêm certo, que nenhum homem terá liberdade para obrar mal, á vista de Deos taõ Santo, de Senhor taõ Soberano, e de Juiz taõ recto como executivo: *Nobis indita est necessitas justè, rectèque vivendi, qui cuncta facimus ante oculos judicis, cuncta cernentis*; pois para que nos homens haja liberdade de peccar, o mesmo peccado aponta, e aconselha, que se retirem da presença de Deos: *Si pecare vis quære ubi te non videat, & fac ibi quod vis*

D. Aug. Soliloq. c. 14.

35 Qual seria o homem taõ falto de pejo, e taõ sem honra, que tivesse liberdade para fazer hum roubo, hum adulterio, hum sacrilegio; mas que digo? Para que he excogitar factos taõ abo-

bominaveis? Qual seria o que se deliberasse a di-
er huma mentira conhecida, diante de pessoa gra-
e, e authorizada, que além de a estranhar, a hou-
esse de castigar? E que diante de Deos se haja de
ommetter crimes taõ enormes, e contra o mesmo
Deos, que os ha de estranhar, e condemnar como
anto, e os ha de castigar como Justo! Nesta occa-
aõ, já vos naõ intímo que naõ offendais a Deos: já
os naõ prégo que abraceis a doutrina de Christo,
o caminho da virtude. Só vos rogo, que para
eccar tomeis o exemplo do Prodigo, e o conselho
o peccado. Peccay, e peccay quanto quizeres; mas
om effeito tiray primeiro a Immensidade a Deos:
onde elle naõ estiver, onde vos naõ vir, peccay
om toda a liberdade: *Si peccare vis, quære ubi*
e non videat, & fac ibi quod vis. Primeiro vos
etiray da presença de Deos, e lá nesse retiro occul-
o vos fareis mais depravados que o Prodigo: *Abiit*
n regionem longinquam, & ibi dissipavit substan-
iam suam, vivendo luxuriosè. Mas na presença de
um Deos de Magestade, e veneraçaõ tremenda,
offendê-lo! Naõ: pela summa injuria, e deshonra,
ue se lhe faz: *Dous inhonoratur.*

§. VII.

36 ESta summa deshonra deve ser efficaz motivo para solicitamente nos empre-
garmos em lavar, e purificar nossas almas de toda a
ulpa; porque tambem, no juizo de Deos, o que faz
nais enorme, e mais aggravante a nossa culpa, he
circunstancia de ser contra a sua honra, e contra a
umma reverencia, que se lhe deve. Já disse com
S. Joaõ Chrysostomo, e S. Bernardo, que o peccado
por sua natureza se oppõem á vida do mesmo Deos;

muito

muito mais, porque novamente tornaõ a crucificar ao Filho de Deos os que o offendem: *Rursus crucifigentes sibimetipsis Filium Dei.* E sendo por esta razaõ taõ atroz delicto qualquer peccado; cõ tudo, parecerá ao nosso entender, e á nossa estimaçaõ, que o peccado ainda se faz mais abominavel a Deos, pela injuria, que com elle se faz á sua hõra. Duas petiçoens fez Christo a seu Eterno Padre, huma no Horto, outra na Cruz; mas naõ tiveraõ ambas a mesma sorte. No Horto orou tres vezes, apresentando em todas ellas a mesma petiçaõ com lagrymas de sangue, que derramava naõ só de seus olhos, mas de todos os membros de seu corpo; porque, como diz S. Bernardo, todos elles choravaõ sangue ao tempo em que Christo orava: *Non solùm oculis, sed quasi membris omnibus flevisse videtur.* Na Cruz tambem orou em alta voz, mas só com lagrymas, que derramou de seus olhos: *Preces, supplicationesque, cùm clamore valido & lacrymis offerens*, diz S. Paulo. Sabemos porém que a petiçaõ da Cruz foy despachada, *Exauditus est*, e a do Horto naõ. E porque razaõ naõ defere o Eterno Padre á supplica de seu amado Filho no Horto, como deferio á que lhe fez na Cruz? Porque no Horto pedia Christo ao Eterno Padre a conservaçaõ de sua vida: *Transfer calicem istũ à me*; na Cruz pedia a conservaçaõ de sua honra, e da reverencia, que se lhe devia: *Exauditus est pro suâ reverentiâ*; e o mesmo Padre, que sofreo (quero dizer permittio) que a seu Filho, a quem amava, tirassem taõ preciosa vida, defendeo a sua honra, como se fora mais atroz delicto, tirar-se ao Filho de Deos a honra, que a vida.

D. Bern. Ser. 3. de Dom. in Ramis.

Ad Hebr. 5. 7

Luc. 22. 42.

37 Os homens em mais eſtimaõ a honra, (ſe a em) que a vida; e ſuppoſto que de Deos naõ pode-nos dizer o meſmo, com tudo ſabemos que para ſa-isfaçaõ da Juſtiça Divina offendida pelas culpas dos homens, permittio o Eterno Padre que ſe execu-taſſe a conſpiraçaõ humana, feita contra a vida de ſeu Unigenito Filho, mas naõ a que ſe pertendia contra ſua honra; antes moſtrou a ſua Providencia pron-ta em lha conſervar. No Preſepio em ſeu Naſcimen-to o honrou, mandando que os Anjos, Principes Ce-eſtiaes, e que os Reys da terra o adoraſſem. Na mor-te, o meſmo Pilatos, que o condemnou a ella, tam-bem o honrou, confeſſando-o por Juſto, e declaran-do-o por Rey. O mar o honrou, quando obſequio-ſamente ſolido aos pés, e paſſos de Chriſto, deo cla-ras moſtras de o reverenciar como a ſeu Creador, e Deos. A terra com ſeus tremores extranaturaes; o Ceo toldado de ſombras; o Sol contra a ordem da natureza ecclypſado; ſe moſtravaõ honrar a Chriſto, com os indicios que davaõ de ſentimento quando os homens taõ affrontoſamente, o crucifi-cavaõ. Tudo foy diſpoſiçaõ do Eterno Padre, que tambem no Jordaõ, e no Thabor honrou a Chriſ-to, dando-o a conhecer por ſeu Filho. O meſmo Chriſto ſe moſtrou mais doîdo, e zeloſo da hon-ra, que da vida. Quando o quizeraõ apedrejar no Templo, ſe occultou, e ſahio delle, ſem que ſe lhe ouviſſe huma palavra de queixa contra a inve-ja, e ingratidaõ humana, que taõ mal lhe conreſ-pondia. Nos tormentos de ſua Paixaõ, e Morte, tanto admirou nelle Iſaias o ſilencio, como o ſof-frimento: *Oblatus eſt, quia ipſe voluit, & non aperuit os ſuum*; porque ſem formar queixa algu-ma, Iſai. 53. 7.

ma, padeceo: antes desculpando aos que o crucificavaõ, rogava o perdaõ para todos. Mas lá se queixou algũa vez contra os que lhe tiravaõ a honrà, e com aspereza os reprehendeo: *Vos inhonorastis me.* Joan.8.49.

38 Desta honra, que Deos tanto zela, fazemos nós taõ pouca estimaçaõ, e taõ pouco apreço que tantas vezes lha tiramos com ignorancia, quãtas saõ as vezes que o offendemos; porque com desprezo da Piedade, e Clemencia Divina, provocamos a sua Justiça para o nosso castigo, sem attendermos a que para naõ usar com nosco dos rigores della, quiz Deos que seu Unigenito Filho se fizesse Homem, para que nelle se ostentasse a sua Justiça, e em nós a sua Misericordia. Com desprezo daquella Magestade, e Soberania, diante da qual humildes, e reverentes se prostraõ os Anjos: *Sub quo curvantur qui portant orbem*, peccamos nós, sem acordo, nem acatamento de o fazermos na presença daquelle Tremendo, e Veneravel Senhor, que nos está vendo. A consideraçaõ desta ouzadia pessima, e deste sacrilego atrevimento, seja quando menos (como he razaõ) hum incentivo, parà o aborrecimento das culpas, com que tirámos a Deos a honra. Seja hum estimulo forte, para restituirmos a Deos a honra, que tantas vezes lhe tirámos. O arrependimento das culpas em nós, he a restituiçaõ da propria honra para Deos: *Tunc honorem Deus accipit à nobis, cùm eum laudamus, & per cordis pœnitentiam ei confitemur*, diz o Interprete que seguimos. Choremos o mal que obrámos, tirando a Deos a honra taõ repetidas vezes, quantas foraõ as que o offendemos; e com essas la- Job. 9. 13. Dionis. Carth. in cap. 5. Apocal.

grymas

rymas purificaremos noſſas almas, e noſſos co-
çoens de hum mar de culpas, e mereceremos
nchentes de ſua Graça, e de ſua Miſericordia, e
or eſte meyo a ſua Gloria: *Lava à malitiâ cor tuum*
eruſalem, ut ſalva fias.

SER-

SERMAÕ XI.
NA TARDE DA TERCEIRA
DOMINGA
DA QUARESMA.

Lava à malitiâ cor tuum Jeruſalem, ut ſalva fias. Jerem. 4.

§. I.

1 SE as maculas do coraçaõ pódem purificar-ſe cõ lagrimas, eu naõ vi eſtimulo mais forte, para com lagrimas purificarmos noſſos coraçoens, do que he a perda do tempo, bem advertida do noſſo Interprete: *Tempus amittitur*; porque tambem naõ ha perda mais digna das noſſas lagrimas. A perda menos remediavel foy ſempre a mais deploravel; porque ha dobrado motivo para o ſentimento, quando o que ſe perdeo, nem eſperanças deixou de ſe recuperar. Tal he a perda do tempo, e por iſſo ſem duvida a mayor perda. Os bens todos da natureza,

ça, e da fortuna, depois de perdidos, se pódem
m a vida recuperar: mas hum dia, ou huma hora,
e se perdeo, houve por ventura alguem, que a pu-
sse descobrir, e achar: *Quis-diem, vel horam*
nporis amissam quærens, aliquando invenit? Po-
mos todos perguntar com S. Dorotheo.

D. Doroth. sive A. Synopsis de vita, & morte Apostol. &c.

2 Por esta razaõ a jactura do tempo se faz mais
ploravel ainda, que a da graça; porque se bem
empo naõ venha a comparar-se com ella: consi-
rada em si a razaõ de perda, tanto a do tempo he
is digna de sentimento, quanto he mais recupe-
el a da Graça. Aos pés de Christo chorou a Ma-
alena, e naõ cessou de chorar em toda a vida. Es-
he a energia com que só diz o Texto, que a Ma-
alena começou a chorar: *Lacrymis cœpit riga-*
pedes ejus; porque em quanto viveo foy huma
a fonte de lagrymas. E de que chora a Magdale-
, se está restituida á Graça de seu Mestre? Se cho-
a Graça, que perdeo, enxugue as lagrymas, por-
e a achou. O certo he, que naõ chorava a Graça
rdida; pois naõ podia chorar a perda do que já
ha lucrado. Chorava perda mayor, e que pedia
is lagrymas: chorava só a perda do tempo; por-
e como naõ podia recuperar o tempo de amar a
os, que esperdiçou sendo peccadora; só essa per-
podia ser incentivo de tantas lagrimas: *Plorat,*
iá tempus subtraxit, quo diligere debebat, diz
nciano com agudeza. Perda, que he sem reme-
, pede lagrymas irremediaveis: por isso as lagry-
s de Anna, mãy de Tobias, eraõ irremediaveis:
ebat igitur mater ejus irremediabilibus lacry-
s; porque as derramava por hum filho, a quem
punha morto: e sendo em tal caso irremediavel

Luc. 7. 38.

Villar. Pintia. tom. 4. Taut. 10. Didasc. 4.

Tob. 10. 4.

a ſua perda, irremediaveis tambem deviaõ ſer as ſua lagrymas. Taes foraõ as lagrymas da Magdalena chorando o tempo que perdeo, porque o naõ em pregara em amar a Deos. Eraõ lagrymas irremediaveis; e por iſſo lagrymas que naõ tiveraõ fim: *La crymis cœpit rigare pedes ejus*; porque o motiv dellas era a perda irrecuperavel do tempo: *Plora quia tempus ſubtraxit, quo diligere debebat.*

3 Oh e quantos annos contamos nós irrecuperavelmente gaſtados! Em que? Naõ em amar Deos; em offendê-lo, ſim. E como pois fora juſto que, á imitaçaõ da Magdalena, choraſſemos eſſe tempo, em que deixamos de amar a Deos, e purificaramos noſſos coraçoens com eſſas lagrymas: *Lava malitiâ cor tuum Jeruſalem; ut ſalva fias!* Eſte he o fim, com que o noſſo Interprete nos traz hoje á memoria taõ largo tempo irremediavelmente perdido: *Tempus amittitur.* Porêm eu, muito ao contrario do que devera eſperar-ſe, hey de empenhar-me em deſcobrir algum meyo de ſe recuperar o tempo huma vez perdido; e nem por iſſo ſerá eſte meyo menos forte, antes muy util para a noſſa converſaõ, o conhecimento da meſma perda do tempo que ainda ſe póde recuperar.

§. II.

4 CAnçaõ-ſe os Filoſofos, taõ curioſa, como ocioſamente, em examinar, ſe poderá Deos fazer que o preterito naõ ſeja preterito e que naõ tenha paſſado ainda o tempo, que já paſſou. Ariſtoteles reſolve negativamente: e os que ſuſtentaõ a opiniaõ contraria (em ſeus meſmos termos implicatoria) taes fundamentos propõem, que talvez elles meſmos os naõ percebaõ. Mas deixados eſſe

Vide Gratianũ Mõfort. in Axiomat. Phil. p. 496. & Caram. in Ration. & Real. Philoſ. Metap. lib. 8. diſp. 5.

es discursos vãos; a meu entender, o tempo que
ma vez já foy, ainda que naõ possa naõ ser preteri-
, sem implicancia póde novamente tornar a ser:
em póde quem esperdiçou o tempo em seguir seus
cios, e vaidades, recuperá-lo depois, fazendo-o
vamente resurgir, para o empregar no serviço de
os, e cultura de sua alma. Porque vos naõ pare-
nova esta resoluçaõ, e destituida de authoridade,
corramos á de S. Paulo (pois a naõ ha mayor) na
istola aos de Epheso.

5 *Videte itaque, fratres, quomodo cautè ambuletis, non quasi insipientes, sed ut sapientes, redimentes tempus.* Vivey acauteladamente (dizia Apostolo) e como prudentes remindo o tempo. que tempo he este, que com prudencia, e cautéla poderá remir? Santo Anselmo resolve, que he o mpo que passou já: *Tempus anteactæ vitæ.* Diz m; porque só se póde remir o que se perdeo: e co- só o passado he o tempo, que se perdeo; esse, e õ outro, he o tempo, que recõmenda o Apostolo, nhamos nós todo o cuidado em recuperá-lo, e ní-lo. Do presente estamos nós em posse: o futu- chegará sem desvélo nosso. O passado, que naõ e na providencia da natureza, porque está per- lo; esse he o que poderemos nós remir, e recupe- á custa de nossas diligencias. Esta foy a propria- de com que o Apostolo disse: *Redimentes tem-* . A cousa remida he a mesma que foy perdida: er pois o Apostolo, que podemos remir o tempo, persuadir-nos que podemos recuperar aquelle smo tempo, que está perdido, com a vida, que já ssou: *Redimentes tempus anteactæ vitæ.*

Ad Ephes. 5. v. 15. 16.

D. Anſ. in hunc locũ.

6 Bem estava atéqui, se além do Texto, e au-

thoridade, deſcobriramos tambem razaõ, com qu
o entendimento ſe perſuadira, que o tempo hum
vez perdido ſe póde de alguma ſorte recuperar
quando já naõ he, nem tem ſer. Se o tempo fora per
manente, lá onde eſtiveſſe o buſcaramos, aind
contra o que entenderaõ aquelles antigos Filoſofos
que diziaõ: *Ad præteritum non datur tranſitus*
Mas ſe a natureza do tempo conſiſte no ſeu tranſit
deficiente, que por nós paſſa expirando, porqu
no meſmo inſtante paſſa do ſer ao naõ ſer, e da du
raçaõ ao nada; como deſte abyſmo do nada iremo
recuperar o tempo, que já por nós paſſou? Como d
lá o poderemos haver? Digo que por dous modos
Hum em verdade difficultoſo de ſe perceber; ou
tro porêm muy facil de ſe entender. Vamos com
primeiro, que para o fazer perceptivel, o fundare
em exemplos, e paridades, que de alguma ſórt
declarem o que a razaõ naõ póde bem explicar, ner
totalmente chega a comprehender.

7 Se na Eſchóla de S. Thomaz (a quem fóra de
la ſeguem neſta parte Theologos muy inſignes)
preterito, que já em ſi naõ tem ſer, ainda he, e aind
eſtá preſente na Eternidade, que contradiçaõ ha
verá, em que alguma vez torne a ſer tambem pa
ra nós preſente eſſe preterito, e naõ outro, ſena
o meſmo que foy? Peccando perdem os juſtos
merecimento das boas obras, que fizeraõ: mas re
cuperada pela contriçaõ a Graça, aſſim como a al
ma renaſce, tambem revive o proprio merecimen
to, que pela culpa ſe tinha perdido, e eſtava ſe
pultado. E porque naõ diſcorreremos da meſm
ſorte, para a revivencia do tempo? Se na Reſur
reyçaõ univerſal os meſmos corpos, que já fora
(e

e talvez nem ja existem as suas cinzas) haõ de tor-
ar a ser, para se restituir a cada hum o seu; na es-
ritual resurreyçaõ do peccador, que passa á vi-
a da Graça, porque lhe naõ restituirá Deos o
mpo que foy, e ja naõ he? Muito mais se com
guns Theologos assentarmos, que o permanen-
naõ he menos difficultoso de se recuperar que o
cessivo; se hum e outro acabaraõ totalmente.
dmirava-se S. Jeronymo de que seu grande ami-
o Paulo Concordiense cheyo de annos conser-
isse o mesmo vigor, e a mesma disposiçaõ, que
nha sendo moço: e tratando este ponto em hũa
ta, lhe escreve, e diz assim: *Futuræ nobis resurrectionis virórum in te Deus offendit.* Em
ós nos mostra Deos ocularmente o prodigio da
tura Resurreyçaõ que esperamos, e aos Filoso-
s da Gentilidade com nenhum discurso se podia
ersuadir; porque se a este tempo os corpos ja des-
itos, e reduzidos a cinza, haõ de tornar a ser;
n vós a idade, que já passou, ainda está sendo, e
está conservando, como se naõ houvera passa-
o; porque na velhice ainda em vós se conserva
mesma idade de moço. Nesta permanente moci-
ade de Paulo via S. Jeronymo huma idéa da Re-
rreyçaõ futura, cujo mysterio o entendimento
aõ póde explicar, porque o naõ chega a compre-
ender. Nós pelo contrario: com o mysterio da
esma Resurreyçaõ poderemos mais facilmente
ersuadir-nos, que bem podem os annos ja passa-
os resurgir, e tornar á duraçaõ presente.

8 E digo que mais facilmente; porque naõ
rá difficultoso descobrir a causa, e o meyo desta
esurreyçaõ, ou recuperaçaõ do tempo, que co-

Duran. in 4. d. 43. q. 3. parem agnoscit difficultatem in reparandis successivis, ac in suscitandis permanentibus postquam totaliter perierunt.

D. Hieron. Epist. 21. ad Paul. Concord.

nhecidamente he a Graça de Deos, e a virtude dos Justos, as quaes ambas obraõ nelles este incomprehensivel prodigio; porque assim como as culpas fazem que a velhice, e a morte se anticipem aos annos: assim a virtude, e a graça fazem que os annos da mocidade resuscitem de novo na velhice. Tudo he discurso de S. Jeronymo continuando a carta ao seu bom amigo: *Ut peccati sciamus esse, quòd cæteri senes adhuc viventes præmoriuntur in carne: justitiæ quòd tu adolescentiam in aliena ætate mentiris.* De Saûl disse a Escriptura, q̃ quando começou a reynar estava na idade de hum anno: *Filius unius anni erat Saul, cùm regnare cœpisset.* 1. Reg. 13. 1. Ja se descobre a difficuldade que occorre. Como naõ teria Saul muitos mais annos, se lhe acharaõ capacidade para mandar hum exercito, e para reynar em todo o povo de Deos? O Texto Chaldeo prevenio a repostа, que seguem os Santos Padres, e Expositores na interpretaçaõ do nosso: *Sicut filius unius anni, in quo non sunt culpæ, Saul erat quando regnavit.* Era Saûl justo naõ tinha culpas quando o escolheraõ para ser o primeiro Rey de Israel. A sua innocencia lhe dava ou lhe restituia o tempo, que inutilmente lhe passou na infancia, quando lhe faltava a discriçaõ para dispor delle. Oh efficacia da virtude, e Graça, que á mayor idade restitues aquelles annos inuteis, que a infancia nem sabe estimar, nem póde aproveitar! *Virtus exigit, ut sit senectus nostra puerilis*; disse para conclusaõ do nosso ponto Santo Agostinho.

9 Esta efficacia teve a Divina Graça em Saûl innocente, e justo, e a terá em todos os que o imitarem

rem na innocencia da vida, e pureza da alma. (o que para nós mais he) tambem se achará a esma efficacia na contriçaõ perfeita daquelles, ie esperdiçando os seus primeiros annos, e esgando a sua melhor idade com vicios a que se éraõ, se resolverem finalmente a aproveitar o resda vida em verdadeiro arrependimento da pasda; porque nesse resto, ainda que naõ seja muito, recopilará o mais tempo já perdido, como se da a vida empregáraõ em servir, honrar, e amar Deos.

10 Arrependido o Prodigo de suas culpas, e stituido á graça de seu misericordioso pay, lhe e mandou este dar, para se vestir, a galla mais cussa, que na casa havia, e orná-lo com hum preoso annel: *Citò proferte stolam primam, & induillum, & date annulum in manum ejus.* Por te bom tratamento se queixa o filho mais velho. e possivel (dizia) que se dê a meu irmaõ, depois tantos annos de escandalo, o que eu naõ meci servindo em toda a vida a meu pay! Huma ora de arrependimento, huma hora de vida meorada, que vem a ser, á vista de tantos annos que te irmaõ empregou em vicios? Oh naõ te cegues, vejoso irmaõ, vendo exaltado este Prodigo. Naõ bes quam poderosa he a contriçaõ de suas culs, em teu irmaõ. Se o souberas, havias entenr que elle nem huma hora perdeo de obedienia paterna, e sempre observou os preceitos de u pay, e que por essa razaõ se vê taõ ricamente stido, e taõ preciosamente ornado: *Citò proerte stolam primam, &c.* Profunda he neste caso exposiçaõ de Santo Enodio, Bispo Ticinense, e

Luc. 15. 22.

Doutiſſimo Padre do ſexto Seculo da Igreja. *A*
D. Enod. in opuſc. inſert t. 9. Bibliot. Max. Pat. Edit. Lugd. *ſtolam candidam, ad annulum pretioſum, ad divi*
tias illas paternæ poſſeſſionis, quaſi ſemper ſer
vaſſet juſſa, revocavit. Notay a força, e a proprie
dade daquelle *ſemper.* O Prodigo (diz eſte Padre
foy de ſeu pay recebido, como ſe nunca ſe apar
tara delle, e ſempre lhe obedecêra ſervindo-o
Quaſi ſemper ſervaſſet juſſa. Mas como ſe tanto
annos paſſou auſente, vivendo nelles eſtragada
mente? Oh que todos eſſes annos perdidos ſ
recuperaraõ em huma ſó hora de arrependimento
Eſſe tempo, que o Prodigo perdeo na vida paſſa
da, inteiramente o remio: *Redimentes tempu*
anteactæ vitæ. Da Eternidade, onde eſtava inclu
ſo, ou recluſo, o foy reſgatar: e a preço de ſu
contriçaõ, e lagrymas, o recebeo por junto em
huma ſo hora: *Quaſi ſemper ſervaſſet juſſa.* Di
Sap. 4. 13. o livro da Sabedoria, que o juſto encheo largo
tempos em breve eſpaço: *In brevi explevit tem*
pora multa. O ponto he conſeguir em alguma ho
ra a Graça de Deos, e com ella o arrependiment
das culpas; q logo todo o mais tempo ficará che
yo: *Explevit tempora multa.* Nem huma hor
ſerá vaga para o merecimento; nenhuma ſe per
derá para o premio, como ſe vio no Prodigo;
porque huma hora de verdadeira contriçaõ baſta-
rá para ſe remir nella todo o tempo que ſe perdeo.
Promptamente, e com muita clareza o meu Santo
D. Anſel. ſupra cit. Anſelmo. *Tempus redimimus, quando anteactam*
vitam, quam laſciviendo perdidimus, flendo re-
paramus.

§. III.

§. III.

11 O Segundo, e mais perceptivel modo, com que se póde recuperar o tempo huma vez perdido, he impetrando que Deos nos dilate para o futuro outro tanto tempo, e talvez mais do que deixamos perder na vida passada. E porque meyos? Hum só basta, pelo que tem de efficaz. Huma verdadeira emenda de vida, huma correcçaõ de costumes peccaminosos o póde conseguir sem difficuldade. Lede as Escrituras em q̃ Deos encerrou os segredos de sua Providencia, e as maximas de suas disposiçoens, e achareis que o viver ajustadamente na consciencia he meyo de negociar com Deos mais annos, que nos dilatem a vida. A Salomaõ prometteo Deos, que se observasse os preceitos de sua Ley, lhe multiplicaria os annos da vida: *Si ambulaveris in viis meis, & custodieris præcepta mea ... longos faciam dies tuos.* E taõ certo esteve o Rey Sabio nesta industria de adquirir mais vida, que repetidas vezes a aconselhava, desejando persuadî-la a todos. *Præcepta mea cor tuum custodiat, longitudinem enim dierum, & annos vitæ, & pacem apponent tibi*; disse, e tornou a dizer: *Per me multiplicabuntur dies tui, & addentur tibi anni vitæ*: e ainda o persuadio terceira vez: *Timor Domini apponit dies.* Lá cahio o S. Rey Ezechias em huma enfermidade mortal, recorreo a Deos representando-lhe a pureza de costumes com que vivera, propondo-lhe a exacçaõ com que observara os seus preceitos; e logo impetrou mais quinze annos de vida: *Memento quæso quomodo ambulaverim coram te in veritate, & corde perfecto... Ego adjiciam super dies*

3. Reg. 3. 14.

Prov. 3. 1. 2.

Cap. 9. 11.

Cap. 10. 27.

Isai. 38. 3. 15

Eſech.33.15 *dies tuos quindecim annos.* Do meſmo Deos ouvio, e aprendeo o Propheta Ezechiel eſta doutrina: *Si autem dixero impio, morte morieris, & egerit pœnitentiam a peccato ſuo, feceritque judicium, & juſtitiam, & pignus reſtituerit, ille impius, rapinamque reddiderit, in mandatis vitæ ambulaverit, nec fecerit quidquam injuſtum, vita vivet, & non morietur.* Inſtruido com eſtas doutrinas dizia S. Agoſtinho que quem quizeſſe multiplicar o numero de ſeus annos, empregaſſe eſtes em viver bem: *Vitam vitæ meritis acquiramus.*

D. Aug. Ser. 24. com.

12 Dizia David que os dias de ſua vida ainda haviaõ de ſer medidos, e determinados por Deos: *Menſurabiles poſuiſti dies meos*; ſendo que Job nos enſina, que Deos põem aos dias da vida humana hum termo taõ prefixo, e invariavel, que de nenhuma ſorte ſe poderá transgredir: *Conſtituiſti terminos ejus, qui præteriri non poterunt.* Naõ he neceſſaria grande Fé, para abraçarmos a doutrina de Job neſta parte, nem muita Theologia, para eſtranharmos a do Real Profeta; porque todos alcançamos, que aſſim como a vontade de Deos he eterna, aſſim taõ tambem eternos os ſeus decretos, e livres diſpoſiçoens. Como pois julgava David, que o eſpaço da ſua vida eſtava por ſe medir, e determinar por Deos: *Menſurabiles poſuiſti dies meos*; ſe na preſciencia, e vontade eterna de Deos, ja tinhaõ em toda a Eternidade a ſua determinaçaõ, e medida: *Conſtituiſti terminos ejus, qui præteriri non poterunt?* Porque a extenſaõ da noſſa vida, ainda que invariavelmente prefixa, ſupõem em Deos hum decreto (quando menos para nós) condicional, ſegundo o proprio

Pſal. 38.6.

Job. 14.5.

prio merecimento de cada hum: *Si ambulaveris in viis meis*; e regulada pelo merecimento de noſſas obras, ſe faz abſolutamente irrevogavel a determinaçaõ da noſſa idade: *Conſtituiſti terminos ejus, qui præteriri non poterunt.*

13 Bem entendeis, e percebeis agora, que ha facil meyo para ſe recobrar o tempo já perdido; poſtoque na opiniaõ commum ſe repute naõ ſó difficultoſa empreza, mas impoſſivel. Quereis recuperar tanto tempo de vida, que atéqui prodigamente perdeſtes, e eſperdiçaſtes? Pois emenday a vida, e coſtumes della, e podereis aſſim ou recuperar o meſmo tempo já paſſado, e perdido: *Redimentes tempus anteactæ vitæ*; ou merecer, e impetrar outro tanto tempo, e mais ainda do que paſſou por vós: *Vitam vitæ meritis acquiramus.*

14 Tanto vem a ſer que para nós reſuſcitem os annos, que já perdemos, como que por Divina piedade ſe nos concedaõ outros tantos, ainda que ſejaõ outros, e naõ os meſmos. Sentio Eva a morte de ſeu filho Abel, quanto pedia a ternura, e amor de mãy: e da meſma ſorte ſe encheo de ſentimento a viuva de Naim na perda do filho unico. Conſolou Deos igualmente a afflicçaõ de ambas, ſe bem que por diverſo modo; porque á viuva reſuſcitou Chriſto o meſmo filho morto: a Eva naõ reſuſcitou Deos Abel, mas em lugar deſte lhe deo outro filho: *Peperit filium, vocavitque nomen ejus Seth, dicens: poſuit mihi Deus ſemen aliud pro Abel.* E tanto ſe ſatisfez Eva tendo outro filho, em lugar do que perdeo, como a viuva de Naim, ſendo lhe reſtituido o meſmo filho, que vira morto. Aquella mulher Evangelica, de quem falla Chriſto em huma de ſuas parabolas, ſe alegrou

Geneſ. 4. 25.

Luc. 15.

alegrou achando huma moeda que perdeo: e naõ ſe alegraria menos, ſe naõ podendo deſcobrí-la, em lugar della achaſſe outra de igual preço. Tambem para nós tanto faz que recuperemos aquelle tempo, que já perdemos, como ſe recebermos naõ eſſe perdido já, mas outro tanto, com que ſe nos dilate a vida. O certo he, que com o arrependimento de noſſas culpas, e com a emenda da vida, podemos recuperar o meſmo tempo, que deixámos paſſar, e perder: *Redimentes tempus anteactæ vitæ*; ou impetrar de Deos outro tanto, e ainda mais do que perdemos: *Vitam vitæ meritis acquiramus.*

15 Quando porêm chegará para cada hum a hora, em que ſe haõ de recuperar tantos annos já perdidos? Qual ſerá a hora, que cada hum tem eſcolhido, e deſtinado para melhorar a vida preſente, e reſgatar o tempo da paſſada, ou impetrar de novo outro tanto? Aqui eſtá todo o ponto, niſto ſe volve toda a difficuldade, ou para melhor dizer, impoſſibilidade, que parece haver em ſe reparar a perda do tempo. Neſta queſtaõ, e neſta difficuldade, quem me dera ouvir a repoſta de cada hum dos que me ouvem. Mas he bem eſcuſado me reſpondaõ o que eu, e todos muy bem ſabemos. Nenhuma hora ſe diſpõem para taõ importante fim; porque os moços querem recuperar o tempo, que perderaõ, e vaõ perdendo, e querem tratar unicamente da ſalvaçaõ, quando forem velhos: e os que chegáraõ já aos annos da velhice, ſe aguardaõ lá para a hora da morte, que nunca a ſuppõem taõ proxima, como talvez eſtá. Naõ he eſta a verdade? Sem a menor duvida; e ſe naõ reflecti em quantas peſſoas conheceſtes, e ſaõ hoje fallecidas, e dizey-me, em qual

dellas

dellas viſtes antes da morte, alguns annos de vida ajuſtada, fóra do enredado, e confuſo trato do mundo, com frequente uſo dos Sacramentos, ſem amor proprio, com exercicios de piedade, e indicios de verdadeira penitencia? Eu vos confeſſo, que de quantos poſſo teſtimunhar, ſó colhi a mudança da vida para a morte; porêm mudança de vida para a vida, iſto he, de vida froxa, e mundana, para vida eſpiritual, e ajuſtada, naõ ſey ſe vi: cuido que naõ. Nem he facil que haja tal mudança; nos moços, porque a eſtaõ demorando para a velhice; nos velhos, porque a eſtaõ reſervando para a morte. Ora moſtremos aos velhos neſta parte o ſeu engano, e depois iremos ao deſengano dos moços.

§. IV.

16 VAõ enganados os velhos, que cuidaõ poderáõ reſgatar na hora da morte os annos, que eſperdiçaraõ d'antes. Mais certo ſerá perderem tambem os annos da feliz Eternidade, que eſperaõ, do que reſgatar os da vida temporal, que perderaõ. Nas viſinhanças da morte, ainda que naõ ſeja repentina, ou apreſſada, ſobrevem hum lethargo, huma deſtituiçaõ de ſentidos, ou outro ſimilhante accidente, e já ſe naõ póde o enfermo diſpor para a Graça, nem para os Sacramentos. E quando nada diſto acontece, a enfermidade o inquieta por huma parte, por outra o afflige o apartamento do mundo, e da familia, e o perturbaõ tantas eſperanças cortadas de hum golpe naquella terrivel hora. E mais que tudo o perturba, o afflige, e o inquieta a lembrança das culpas commettidas, e ſuas conſequencias, o temor da conta, a preſença do Juiz que eſtá a chegar, a incerteza da ſentença,

tença, e o merecimento da pena; sem que do perdaõ desta possa haver a minima certeza, como nem do verdadeiro arrependimento, e contriçaõ das culpas. E com estas perturbaçoens poderá o enfermo dispor-se por meyo de huma contriçaõ perfeita, com verdadeiro amor de Deos, com intimo desejo da Eternidade, e desapego do temporal? Poderá; porque a Graça de Deos he muy poderosa. Mas sem hum auxilio muy especial, muy forte, e efficaz, naõ se haõ de vencer tantos contrarios, que juntos obstaõ, e conspiraõ para a perdiçaõ da alma. E estará prompto esse auxilio, para a occasiaõ da morte? Duvido, e duvidaremos todos; porque naõ ha presumpçaõ, ou indicio algum, para se entender que esteja prompto, e certo na morte, o que tantas vezes se desprezou em vida. Os remedios applicados tarde já naõ saõ uteis, ainda que applicados antes seriaõ efficazes. Assim saõ muitos auxilios da Divina Graça, desprezados em vida, e desejados na morte. Em vida seriaõ efficazes, na morte duvidamos que o sejaõ, pela razaõ de se buscarem já tarde.

17 Quando mais socegado estava Nabuco, Rey Chaldeo, e no mayor descanço da noite, vio em sonhos huma arvore taõ alta, que chegava a tocar no Ceo, e taõ extensamente copada, que com a sombra cobria toda a terra. Ouvio logo huma voz forte, e imperiosa, proferida lá do Ceo, que a mandava cortar, sem que a algum dos seus ramos perdoasse o golpe do ferro: *Succidite arborem, & præcidite ramos ejus.* Perturbado, e atemorisado o Rey com o que vio, e muito mais com o que ouvio, chama a Daniel para que lhe interprete o so-

Danie.4.11.

o sonho, e este o expôs, dizendo: Tu Rey, essa formosa, e grande arvore, que te foy representada. A voz, que ouvistes, he a da sentença do Altissimo, cujo golpe te ameaça já. Neste caso abraça o meu conselho, que he este: *Peccata tua eleemosynis redime, & iniquitates tuas misericordiis pauperum; forsitan ignoscet Deus* Com esmólas trata de remir a pena, que merecem as tuas culpas; porque talvez se mova a Misericordia Divina a te perdoar. Talvez: *Forsitan*! O Ecclesiastico diz, q assim como a agoa apaga o mais ardente fogo, assim a esmóla resiste ao castigo das culpas: *Ignem ardentem extinguit aqua, & eleemosyna resistit peccatis.* A agoa sem duvida apaga o fogo, lançada nelle; pois como duvîda o Profeta, que as esmólas de Nabuco resistaõ á pena de suas culpas? Como duvîda, que se incline Deos a lhe perdoar: *Forsitan ignoscet delictis tuis?* Porque buscava Nabuco o remedio á sua affliçaõ, quando já o ameaçava o golpe da morte: *Succidite arborem, & præcidite ramos ejus*: e em tal extremo, duvîda com razaõ o Profeta que seja util ao Rey o que deixou, e desprezou em vida, quando lhe podia ser efficaz remedio: *Forsitan ignoscet.*

Ibid. 24.

Eccles. 3. 33

18 Oh se bem attenderamos para a doutrina que nos dá a Sagrada Historia neste conceito de Daniel! Quereis, Fieis, hum auxilio efficaz, para vos arrependeres, e escapar da condemnaçaõ eterna? Sim. Mas naõ os quereis em vida, porque naõ abraçais os que Deos continuamente vos offerece. Para a hora da morte o desejais com instancia; e com razaõ se duvída que o tenhais nesta occasiaõ. Talvez o tereis: *Forsitan*; porêm he muito para se temer que entaõ vos falte; porque a mesma resistencia, que puzestes

zeſtes aos auxilios, com que Deos vos chamou em vida, vos faz indignos de que os tenhais na morte. Eſta he a commum doutrina dos Santos Padres, a quem ſeguem os Theologos Eſcholaſticos, e Myſticos, com a Veneravel Abbadeſſa de Agreda, enſinada, e inſtruida pela Mãy de Deos neſtes pontos da mais profunda, e incomprehenſivel Theologia. Bem he verdade, que a Graça de Deos he taõ poderoſa, como ſuperior ás dependencias do tempo.

Myſt. Ciud. de Dios p. 3. lib. 7. c. 6. n. 95.

D. Proſp. lib. de Ingrat. c. 15.

Hominem cum gratia ſalvat,
Ipſa ſuum conſũmat opus, cui tempus agendi
Semper adeſt, quæ geſta velit.

D. Chryſoſt. Hom. 45. in Matth. ex cap. 19. ubi poſt mediũ exponit, cur non eadem hora operarii vocantur ad vineam: curque Paulus, & Latro diverſis vitæ temporibus ſũt vocati.

Mas aquella ordem da Providencia com que Deos diſpõem, e rege a noſſa vontade, aſſim como para que eſta abrace os auxilios da Divina Graça, attende para a opportunidade do tempo, e occaſiaõ em que os dá; (ſegundo enſinaõ graves Theologos, e melhor que elles S. Joaõ Chryſoſtomo) aſſim digo, que muitas vezes tambem obſerva a occaſiaõ, e o tempo, em que lhos pedimos, para nos dar, ou negar o auxilio, que deſejamos; porque ſe nos apreſſamos a deſejar, e pedir o auxilio de Deos para a ſalvaçaõ, achamos a Deos propicio para o conceder: ſe nos demoramos em lho pedir, e rogar, querendo-o lá para o fim da vida, ſerá juſto o achemos renitente em caſtigo de noſſo deſcuido, e obſtinaçaõ.

19 Diz o Profeta Ozeas, que aquelles dous antigos Patriarcas Judas, e Ephraim, ou as Tribus, que delles deſcenderaõ, conhecendo a oppreſſaõ em que os punhaõ as ſuas culpas, ſolicitáraõ por todos os caminhos o remedio da afflicçaõ em que ſe viaõ; mas que Deos os naõ pudera (iſto he, os naõ quizera) ja em taes termos ſoccorrer, e ſalvar: *Et ipſe non*

on poterit sanare vos, nec solvere poterit à vobis Ose. 5. 13.
inculum. Entra S. Jeronymo a ponderar, de huma
arte a afflicçaõ com que a Deos clamavaõ aquel-
es povos; de outra a Justiça, com que Deos offendi-
o lhes negava a sua Misericordia; e pergunta assim:
aõ podia Deos conferir-lhes hum auxilio, com que
s fizesse dignos de sua Piedade? Sim. Pois Deos, q̃
e de tanta Misericordia para todos os que o invo-
aõ, como lhes negava o auxilio, que elles depreca-
aõ? Naõ só douta, mas admiravel he a reposta do
Maximo Doutor: *Quod sanare non possit Deus, ne-* D. Hier. in
uaquam suâ imbecillitate, sed eorum merito, qui hunc loc.
rò auxilium postulaverunt. Podia Deos, se qui-
era, assistir áquelles povos com o auxillo, que lhe
ogavaõ, mas usando de justiça, perseverou em ne-
á-lo; porque o pediaõ já tarde. Se mais cedo o so-
citaraõ, achariaõ o auxilio de Deos para o seu re-
edio: buscando-o taõ tarde, naõ; porque o buscar-
o auxilio de Deos em tempo antecipado, he con-
içaõ muitas vezes para se conferir esse auxilio; que
utras vezes se nega, porque se pede já tarde: *Serò*
uxilium postulaverunt. Non poterit sanare vos,
ec solvere poterit à vobis vinculum.

20 Deos tambem allega contra os peccadores
direito da prescripçaõ. Deixaõ estes passar os an-
os de huma larga vida, chegaõ á hora da morte,
onsideraõ o tempo que tem esperdiçado, e entaõ o
uerem recuperar, para o que rogaõ a Deos com af-
icçaõ, e angustia, e naõ menos com instancia o au-
lio de sua Graça. E naõ será muy justo que lho ne-
ue Deos, em pena de serem passados tantos annos,
m que o solicitassem, podendo? Os Amonîtas re-
equereraõ a Jepte, lhes mãdasse restituir as terras,

que os Israelitas injustamente lhes estavaõ occupando, de Arnon até o Jordaõ. E que lhes responderia Jepte? *Quare tanto tempore, nihil super hac repetitione tentastis?* E como em tantos annos naõ cuidastes em recuperar essas terras? O mesmo succederá aos que na hora da morte pertenderem recuperar, e remir o tempo já perdido na vida; porque quando para isso rogarem o auxilio da Divina Graça, lhes responderá Deos justamente: E como em tantos annos de vida naõ cuidastes nesta recuperaçaõ: *Quare tanto tempore, nihil super hac repetitione tentastis?* Agora, que vos atemoriza a morte, implorais o meu auxilio para este fim? Pois tambem agora naõ; porque para mim, que sou justo, já he tarde: *Ipse non poterit sanare vos, &c. Eorum merito, qui serò auxilium postulaverunt.*

Judic. 11. 26

21 Ora aguarday-vos lá para a hora da morte, pondo em taõ grave perigo huma causa taõ importante, como he a da salvaçaõ, ou condemnaçaõ eterna, que decisivamente pende de hum auxilio, alêm de contingente, muy difficultoso em tal hora. Santo Agostinho desconfiava da salvaçaõ daquelles, que vivendo descuidados della, na hora da morte davaõ signaes de seu arrependimento: *Non præsumimus, quod bene hinc exiit*, dizia o Santo: de cuja doutrina se valeraõ, para a seguir, o grande Mestre das Sentenças, e Graciano no seu Decreto. E estaremos sem duvida pelo sentir do mayor Theologo da Igreja, se attendermos para a grave razaõ, em que se elle funda. Vem a ser esta: O verdadeiro arrependimento ha de ser voluntario, e livre, naõ por necessidade; na morte porêm, o arrependimento que parece haver, he por necessidade; porque se deixaõ os

D. Aug. Hom. 41. de verè pœnitentibus. Mag. in 4. Dist. 20. Gratian. 2. p. caus. 33 q. 3. d. 7. c. 2. Siquis.

s peccados já entaõ, quando mais se naõ pódem
õmetter. Deixaõ-se depois que elles tem deixado
os que d'antes os naõ quizeraõ deixar: *Pœniten-*
a enim (dizia o Santo) *arbitrii quærit liberta-*
m, non necessitatem, ut dolere possit commissa. Qui
utem prius à peccatis relinquitur, quàm relin-
uat peccata, ea non liberè, sed necessitate quasi
ndemnat. S. Cypriano Martyr, Arcebispo Cartha-
inez, e Primaz que tambem foy de toda a Africa,
ualmente Santo, e Douto, prohibia o Sacramento
a Penitencia, naõ permittindo se desse absolviçaõ
os que só na morte se arrependiaõ, excepto algum
so de contriçaõ extraordinaria; porque em tal
ora, o pedir confissaõ, o protestar emenda das cul-
as sem que se passou a mais vida, he temor, e urgen-
a da morte (dizia o Santo Prelado,) e naõ he ef-
ito de verdadeiro arrependimento: *Quia rogare*
los non delicti pœnitentia, sed mortis urgentis ad-
onitio compellit. D. Cypr. Epist. 12. ad Anton.

22 Naõ vos pareça dura esta doutrina; porque
juizo mais prudente, e assentado entre os Santos
adres, só alcança que o estado final de cada hum
regula, naõ pelas apparentes circunstancias da
orte, sim pelas operaçoens da vida. Viver como
raó, e acabar como Moysés: viver como Saûl, e
abar como David: viver como Jesabel, e acabar
mo Suzana: viver como Herodias, e acabar como
Magdalena: ter vida de Saulo, e morte de Paulo:
da dissoluta, e morte penitente; ainda que naõ he
possivel, acontece muy raras vezes: *Vix, vel ra-*
o est tam justa conversio: diz, e resolve por ulti-
a conclusaõ o Mestre das Sentenças. Naõ vos en-
nem os arrependimentos, e protestos expressa-
Mag. citat.

dos do intimo do coraçaõ na extremidade da vida
antes porque vos deſenganeis de taes contriçoens
que geralmente parecem haver neſſa hora, recorra
mos ao Juizo de Deos, que para noſſa doutrina eſt
bem expreſſado nas Eſcrituras.

23 Hum dos mais poderoſos, e mais fortes per
ſeguidores, que teve o povo de Deos, foy Antio
cho Illuſtre, oitavo Rey de Syria, e Aſia, depois d
Alexandre. Inſaciavel de hoſtilidades, e inſolencia
marchava com hum formidavel exercito ſobre Je
ruſalem, e com reſoluçaõ de aſſollar eſta Cidade ſan
ta, e ſeu Templo, e de acabar todos os moradore
della. Eis-que lhe ſobrevem inſperadamente hum
enfermidade mortal, com que Deos o quiz humi
lhar, e reduzir ao conhecimento do mal, que taõ in
juſta, como ſacrilegamente obrava, e emprendia
Allumiado aſſim o Rey, e cheyo de arrependimento
pede publicamente perdaõ a Deos de ſeus crimes
faz ſolemnes proteſtos de pôr livre a Cidade, e vene
rar o ſeu ſanto Templo, reſtituindo-lhe em dobr
os ſagrados vaſos, de que o deſpojara em outra oc
caſiaõ: alêm da muita riqueza, que lhe promettia
e dadivas precioſas, que lhe offerecia. Sobre tudo
uſando Deos com elle a Miſericordia de lhe proro
gar a vida, ſe obrigava (poſtoque era Gentio) na
ſó a eſtimar, e honrar a naçaõ Judaica; mas tambem
(o que he mais) a profeſſar o ſeu Rito, e Religiaõ
fazendo-ſe Judeo, e hum Apoſtolo, ou pregoeiro
perpetuo do verdadeiro Deos, a quem já conhecia
e de ſua ſanta Ley dada a Moyſés, e obſervada pe
lo povo Judaico. Deſenganado porêm finalmente o
Rey Antiocho de que a Juſtiça Divina perſiſtia
em ſua indignaçaõ contra elle; nem por iſſo variava
os

os seus bons propositos, ou desistia de seu arrependimento, antes muy constante escreve aos Judeos de Jerusalem huma carta, solicitando nella a sua graça, e recõmendando-lhes hum filho, que deixava para herdeiro da Monarchia; sem que no meyo destas disposiçoens faltasse á mais principal de recorrer instante, e humildemente a Deos, implorando a sua Misericordia.

24 Parece que se naõ podia esperar mais de Antiocho, para se entender, que acabava bem. Se elle dá taõ evidentes signaes de seu arrependimento; se faz propositos taõ firmes de sua futura emenda; se com toda a humildade solicita o perdaõ de suas culpas; naõ diremos todos que está perfeitamente contrito, e arrependido? Parece que sim; ouvi porêm o que delle diz neste caso o Sagrado Texto: *Orabit autem hic sceleſtus Dominum, à quo non eſſet miſericordiam conſecuturus.* Este malvado homem (diz o Texto) debalde rogava a Deos; porque delle naõ conseguiria misericordia. Estranha sentença, além de horrenda! He malvado hum homem, que dá taõs signaes de contriçaõ? Sim. Está penitente, e naõ fará Deos com elle de Misericordia? Naõ. Porque em verdade naõ estava contrito, nem penitente, como parecia. Attendey para a sua vida taõ perversa, e vereis que mal lhe podia corresponder taõ boa morte. Os arrependimẽtos, que fazia de suas culpas, os protestos de emendar a vida, sim eraõ verdadeiros; mas naõ originados da contriçaõ verdadeira. Eraõ actos naõ livres, mas sim coactos, e necessitados; ja do grave remorso, que lhe fazia a consciencia; ja das insoffriveis dores, que lhe causava a enfermidade; ja do temor com que esperava a morte:

2. Machab. 9. 13.

Alap. in hũc loc.

Hæc ejus confessio, pœnitentia, & oratio, fuit tormentis coacta, diz o Alapide. Vio-se em Antiocho o que S. Cypriano dizia: *Non delicti pœnitentia, sed mortis urgentis admonitio.* Verificou-se o que ensinava Santo Agostinho: *Non liberè, sed necessitate.* E se ha de verificar, e ver isto mesmo em todos os que passaõ a vida sem cuidar na morte, muy confiados, e muy certos de que ao tempo della acharáõ prompto hum auxilio da Divina Graça, com o qual nessa hora possaõ remir os annos, que perderaõ d'antes, ou merecer os da Eternidade Celestial.

§. V.

25 A' Vista de naõ poderem na morte recuperar o tempo perdido, se desenganem os velhos, que para lá se aguardaõ: e nem os moços, por terem menos annos, se enganem esperando para a velhice. A conta que os moços lançaõ á sua vida, e a distribuiçaõ que fazem do tempo della, como bem se pondera, e se reprehende no Livro da Sabedoria, he esta: *Fruamur bonis quæ sunt, & utamur creatura, tanquam in juventute celeriter. Vino pretioso, & unguentis nos repleamus, & non pertranseat nos flos temporis* Estamos na flor do tempo, dizem os moços, porque estamos na flor da idade: demos ao tempo o que he seu, e á idade o que está pedindo. Em divertimentos, e em todo o genero de gostos empreguemos a mocidade; que na velhice entraremos em contas com a vida, fazendo preparaçoens para a morte; porque Deos taõ Misericordioso será entaõ como agora he. Se agora ha de usar com nosco de sua piedade, tambem usará entaõ. Oh que disposiçaõ taõ errada, taõ enganosa, e taõ falsamente fundada! E se a morte se anticipar á velhi-

Sapient. 2. 6. 7.

elhice? Tendes por ventura alguma certeza de que aſſareis com vida os annos da mocidade? Certo he ue Deos em todo o tempo he Miſericordioſo; por- ue a ſua Miſericordia he eterna: *Quoniam in æter- um miſericordia ejus*; mas ainda que nos promet- e hoje a ſua Miſericordia, naõ nos aſſegura o dia de manhãa: *Deus pœnitentiæ tuæ indulgentiam pro- iſit, ſed dilatationi tuæ diem craſtinum non pro- iſit*: diz ſentencioſamente Santo Agoſtinho. *Qui œnitenti veniam ſpopondit, diem craſtinum non romiſit*; clama com a ſua coſtumada, e grave dou- rina S. Gregorio Papa.

Pſal. 135.

D. Auguſt. in Pſal. 114.

D. Greg. M. Hom. 12. in Evang.

26 Se algum de nós tivera certo vencer os an- os da mocidade, e entrar pelos da velhice, errara mpre em reſervar para lá o arrependimento das lpas, e a melhora da vida; porêm naõ fora o ſeu ro fundado em outro erro. Mas ſe nem o dia de manhãa nos podemos prometter: *Diem craſtinum n promiſit*; como para viver bem diſpomos dos nos da velhice, a que ſaõ taõ poucos os que che- õ? *Quæ tam ſtulta mortalitatis oblivio, in ſexa- ſimum annum differre ſana conſilia, & inde velle itam inchoare, quò pauci perduxerunt*! diz o neca; e confirmey eſta doutrina com a ſentença lle, porque baſta o dictame de hum Eſtoico, e o ſcurſo de hum Gentio, para arguir, e convencer rro, com que tanta multidaõ de Catholicos dei- paſſar os annos da mocidade, confiando-ſe na en- noſa eſperança dos annos da velhice. He poſſivel, e eſperem os Chriſtaos principiar a vida ajuſtada azaõ, e preceitos de Chriſto, lá para os ſeſſenta, mais annos, naõ ſendo muitos os que chegaõ a eſſa ade eſperada? E ſerá bem, que anticipando-ſe a

Sene. de Brevit. vit. c. 4.

morte, os ache enganados com as falsas promessas da mocidade? O Estoico falto de Fé da Eternidade, a que, com tanto risco de gloria, ou de pena, havemos nós de entrar para sempre, reprehendia o erro, ou engano dos moços com esta famosa, e muy heroica doutrina: *Non te pudet reliquias vitæ reservare, & id solum tempus bonæ menti destinare, quod in nullam rem conferri possit?* Ibid. Naõ te confundes, (dizia) naõ te pejas de reservar, para bem viver, aquellas despreziveis reliquias da idade, aquellas inuteis extremidades da vida, que talvez naõ servem, nem para viver mal? Oh que reprehensaõ, oh que censura taõ digna de ser attendida dos que se prezaõ de racionaes, e muito mais de Catholicos! Se estimulo taõ heroyco nos naõ confunde como racionaes; atemorize-nos ao menos como Catholicos o risco da Eternidade, a que se expõem, quem para a velhice que espera está demorando a emenda dos vicios, em que passa os annos da mocidade.

27 Porêm os moços, mettendo á magnanimidade huma materia de tanto porte, e de tanto risco, dizem: Pois logo se ha de anticipar a morte à velhice? Logo se ha de abbreviar tanto a vida? Naõ vemos o mundo cheyo de idades provectas, e annos adiantados? Respondo, que sim; mas tambem vemos por quotidianas experiencias, que saõ innumeraveis os que entraraõ na sepultura, sem que entrassem aos annos da velhice: e acabaraõ os annos da vida antes que acabassem os da mocidade. Ninguem ignora, que o prazo da vida he para nós incerto; porque ninguem póde saber se acabará neste dia, ou se chegará ao de amanhãa: e muito menos, se completará os annos da mocidade, e passará aos da velhice.

Pois

Pois nesta contingencia, e nesta incerteza, como se passaõ em vicios os annos da mocidade? Como se faz confidencia nos da velhice, para o arrependimento? Se a temeraria esperança da velhice basta para a soltura da mocidade; como naõ basta o risco de se naõ chegar a essa idade, para se empregar bem esta, que vay passando.

28 Reconhecendo se contingencia em negocios graves, escolhe-se o meyo mais seguro, reprova-se o que parece perigoso. E que negocio mais grave, que o da salvaçaõ? Que meyo mais seguro para se conseguir esta, do que empregar a mocidade em solicitá-la? Que meyo mais perigoso do que demorar esta diligencia para a velhice, de todos esperada, e conseguida de poucos? Prégava Jonas em Ninive, e era esta a sua prégaçaõ por toda aquella grande Cidade: *Adhuc quadraginta dies, & Ninive subvertetur.* Passados quarenta dias será Ninive subvertida. Ouvido este fatal pregaõ, o Rey, a Nobreza, e o povo todo mudaõ de vida no mesmo ponto, e entraõ a fazer taõ aspera, e taõ exacta penitencia, que até aos brutos cobriraõ de cilicios, e puzeraõ em abstinencia. E quem certificava aos Ninivitas o que a Jonas ouviaõ? Naõ podia ser affectada, ou encarecida a prégaçaõ de Jonas? Dado porêm, que fora muy verdadeira, e sincéra: Deos, que he de Misericordia infinita, naõ usaria de piedade com as suas creaturas? Logo havia perder de huma vez tanta multidaõ de homens, que fez á sua imagem, e similhança, e por sua Providencia dispôs habitassem naquella grandiosa Cidade, na qual sem duvida seria muy crescido o numero dos innocentes? Socegue-se a Corte, e o povo, naõ seja taõ facil em acre-

Jon. 3. 4.

ditar

ditar o que ouve, nem fie taõ pouco na Misericordia Divina; que ainda supposta a verdade do que se lhe prega, e ella teme, poderá Deos suspender a execuçaõ do seu decreto. Sim podia; mas era muy contingente o que obraria Deos em tal caso: nem havia certeza alguma de se deliberar nesta contingencia mais para a Misericordia, que para a Justiça. A isto attendiaõ os Ninivitas: *Quis scit, si convertatur, & ignoscat Deus, & revertatur à furore iræ suæ?* Jbid. 9. E nesta dudida, e neste risco, só deviaõ escolher o que era meyo mais seguro de se evitar o castigo, que se receava. Antes essa mesma contingencia foy, e devia ser o estimulo mais efficaz para a emenda dos Ninivitas. Ouvi a S. Jeronymo: *Ideo ambiguum ponitur, ut dum homines sunt dubii de salute, fortiter pœnitentiam agant.* D. Hier. in hunc loc. A certeza do castigo obstinaria aos Ninivitas na impenitencia: a certeza do perdaõ os faria remissos em solicitar a Misericordia. Só a contingencia, e o risco entre o perdaõ, e castigo, entre a Piedade, a Justiça, os podia excitar para a mudança da vida: *Quis scit, si convertatur & ignoscat Deus, & revertatur à furore ire suæ?*

29 O discurso dos moços, para ser prudente, devera imitar o dos Ninivitas. Da incerteza devera tirar estimulos para eleger o seguro. Chegar aos annos da velhice he contingente: o demorar para lá a emenda he perigozo; pois aproveitem os annos da mocidade certa, e segura os que estaõ nella, e naõ se enganem com os da velhice taõ incerta, como enganoza. Para os Ninivitas o castigo, e o perdaõ estavaõ em igual contingencia; porque se as suas culpas pediaõ o castigo, para com Deos instava a innáta, e propria Misericordia pelo perdaõ.

Neste

Neste equilibrio de incerteza, abraçaraõ a penitencia por assegurar a Misericordia: *De incerto pœnitentiam egerunt, & certam misericordiam meruérunt*; diz S. Agostinho. Nos moços porêm, ainda ha mais urgente necessidade de se naõ dilatar a emenda para o futuro; porque na incerteza de se conseguirem, ou naõ os annos da velhice, naõ ha equilibrio na contingencia. O mais certo he, que antes da velhice concluiráõ a vida; pois he sabido, que além dos muitos contrarios a que está exposta a nossa vida, tambem as culpas a diminuem, e lhe cortaõ insensivelmente o fio. Viver mal, e viver muito, he implicatorio conhecidamente; porque assim como a vida se dilata à huns, em premio do viver bem, assim a outros se abbrevia em pena do viver mal. He sentença bem expressa do Espirito Santo: *Timor Domini apponet dies, & anni impiorum breviabuntur.* David deo por certo, que Deos antecipa a morte aos que vivem mal: *Minorasti dies temporis ejus.* Os da Jerusalem antiga com a enormidade de suas culpas abbreviaraõ os seus dias, como testificou o Profeta Ezequiel: *Appropinquare fecisti dies tuos, & adduxisti tempus annorum tuorum.* Finalmente todo o Mundo assim o experimentou, para confusaõ sua, e nosso dezengano, quando no diluvio universal foy submergido; porque sendo esta pena comminada por Deos, para se executar, naõ logo, mas depois que fossem passados cento e vinte annos: *Eruntque dies illius centum viginti annorum*; antes de se completar este praso, sobreveyo antecipadamente o diluvio, intimado aos quinhentos annos da vida de Noé, e executado aos seiscentos, como bem observaraõ S. Joaõ Chry-

D. Aug. in Psal. 50.

Prov. 10. 27.

Psal. 88. 46.

Ezech. 22. 4.

Genes. 6. 3.

Chryſoſtomo, S. Jeronymo, e Theodoreto. Deſorte que a vida, ſegundo o ſoffrimento Divino, promettida aos homens para cento e vinte annos, em prazo de ſeu arrependimento, chegando a cem, naõ paſſou a mais; porque as culpas em que elles foraõ perſiſtindo, lhes diminuiraõ vinte, aos quaes ſe anticipou o diluvio: *Tempus certa quadam menſura præfinitum, ſecundum divinam longanimitatem, iniquitas amplior effecta contrahit*, diſſe com outros Theodoreto.

Theodor. in Zachar. 5.

30 Entre a mocidade, e a velhice achaõ todos eſta differença, que a mocidade he enganada, e a velhice deſenganada; mas eu em verdade me perſuado, que ſe a mocidade tem muito de enganada, muito mais tem a velhice de enganoſa. Todos ſe enganaõ com ella; porque enganada, e cegamente eſperaõ a velhice, em cuja confidencia vaõ peccando, ao meſmo paſſo, que com eſſas culpas eſtaõ encurtando a vida, e impoſſibilitando-a para chegar á velhice. Naõ vos pareça que canonizo toda a idade, que chegou a ſer provecta; pois ſey, e convence a experiencia, que muitos depois de huma mocidade eſtragada, contaraõ muitos annos de velhice. Só diſcorro, ſegundo a doutrina das Eſcrituras, e fique para Deos a comprehenſaõ dos ſeus juizos. O que poſſo alcançar he, que naõ viver bem, e viver muito, he para ſe temer tambem muito; porque quando as culpas naõ abbreviaõ a vida, a dilataõ para mayor caſtigo.

31 Aó Santo Job, e a muitos dos Profetas ſervio de admiraçaõ a tolerancia, que Deos uſa com os peccadores, ſoffrendo que ſe dilate a vida a quem o offende: *Quare impii vivunt!* Mas tambem entenderaõ

Job. 21. 7. Jerem. 12. Habac. 1.

tendéraõ ſer muy formidavel a vida, que ſe dilata entre culpas; porque quanto ſe retarda o caſtigo dellas, tanto ſe vay reforçando para ſobrevir com mayor eſtrago: *In puncto ad inferna deſcendunt: Superveniet eis innundatio, et dolores dividet furoris ſui.* E contra eſta doutrina authentica preſumem os moços que gaſtando em vicios a ſua melhor idade, haõde ter longa vida, para na velhice tratarem da ſua emenda! Naõ ſerá poſſivel, ordinariamente; porque ou as culpas lhes haõ de abbreviar a vida, para que naõ cheguem á velhice: ou chegaràõ a ella, naõ para emenda dos vicios, ſim para mayor caſtigo delles. Job. 21. 13. 17.

§. VI.

32 SE pois nem os velhos, nem os moços podem prometter-ſe para o futuro, q̃ viviráõ melhor; porq̃ nem pódem certificar-ſe de q̃ haõ de viver: como pódem reſgatar o tempo, que perdéraõ, e eſtaõ perdendo? Ou como haõ de impetrar de Deos outro tanto tempo, que conreſponda ao perdido, ou mais ainda? Quando? por algum deſtes modos o haõ de recuperar, ſe em nenhuma idade ſe póde remir o tempo? Como aſſeguro eu, ou aſſegura S. Paulo, que ſe póde reſgatar, ou recobrar o tempo huma vez perdido: *Redimentes tempus anteactæ vitæ?* Porque ainda ha tempo, ſem ſer o futuro, para ſe recuperar o paſſado. Tal he o tempo preſente: e ſó deſte devemos diſpor, para ſe reſtaurar o perdido: ou ſeja attendendo para a natureza do tempo, ou para o fim, e motivo, com que nos devemos empenhar em recuperá-lo. Digo que attendendo á natureza do tempo; porque como ſó o preſente temos certo, ſó deſte devemos fazer cõ-

ta

ta para reſtauraçaõ do paſſado. O erro mais commum, e o mayor engano dos homens he (diz S. Jeronymo) eſtarem diſpondo do tempo largamente, naõ advertindo que ignoraõ a quanto ſe lhes eſtenda o eſpaço delle na preſente vida: *Nihil ita decipit humanum genus, quàm quòd dum ignorant ſpatia vitæ ſuæ, longiorem ſibi ſæculi hujus poſſeſſionem repromittunt.* Seneca julgou que era locura talhar a vida para futuros empregos, quando nem temos certo o dia de a manhaã: *Quàm ſtultum eſt ætatem diſponere! Nec craſtino quidem dominamur.* Do preſente, pois o temos, e naõ do futuro, pois he incerto, diſponhamos, e nos aproveytemos, para recuperar o paſſado: *Ergo tene certum, & dimitte incertum*, diz S. Agoſtinho. Deſtinar para iſſo o futuro taõ contingente, he erro, he engano, como diz o Doutor Maximo. Perder tambem o preſente, com os olhos ſó no futuro, para recobrar o paſſado, he mais que erro, he locura, como julgou o Eſtoico.

D. Hieron. Epiſt ad Cyprian.

Senec. ſupra rel.

D. Aug. Hom. 14. de vere pænit. à Mag. in 4. d. 20.

33 Se attendermos ao motivo de empregar toda a noſſa diligencia em remir o tempo já perdido, ainda com mais urgencia nos obrigará a razaõ à deſtinar para eſſe fim o tempo preſente; porque a perda do paſſado conſiſtio totalmente na perdiçaõ da alma, que por eſſe tempo ſe entregou aos vicios: *Contingit quandoque, quòd aliquis per magnum tempus vitæ vivit in peccato, & hoc eſt tempus perditum*, diz S. Thomaz. Daqui ſe vê, que a traça de remir o tempo he, pondo a alma em eſtado da ſalvaçaõ, tirá-la da perdiçaõ eterna para onde caminhava: e negocio taõ importante naõ ſe dilata para o futuro, nem ſe deixa para á manhãa.

D. Thom. in cap. 5. Epiſt. ad Epheſ. lection. 6

Appli-ca-

Applica-se hoje, e se executa nesta mesma hora presente: e se o pudéramos antecipar a esta em que estamos, o deveramos antecipar.

34 Sahio Christo de Judea para Galiléa, e como do mesmo Texto de S. Joaõ se colhe (segundo bem notáraõ Euthymio, e Theophilacto) taõ apressadamente caminhava, que em meya jornada, passando por Samarîa, se achou fatigado, e para descansar se assentou junto a hũa fonte, q̃ havia perto da Cidade de Sichar, ou Sichem: *Jesus ergo fatigatus ex itinere, sedebat sic suprà fontem.* E para que assim se apressa Christo nesta ordenada? Se o tempo lhe permittia a demora que teve em descansar, como se antecipa tanto em chegar? De mais. Christo naõ se apressou no resto do caminho de Samarîa até Galiléa: como pois se fatiga apressado de Judéa até Samarîa? Porque em Samarîa pertendia reduzir á salvaçaõ huma mulher, por quem sequioso, mais que por descansar, se pôs a esperar na fonte. Este empenho o fez apressar-se, por naõ perder a occasiaõ opportuna de salvar huma alma, como dizem os Padres, e Expositores com S. Ambrosio, e Cassiano. Assim foy; porque esse era o cuydado, e o mysterio com que Christo, levando o caminho de Galiléa, foy dar aquella volta por Samarîa.

Joan. 4. 6.

D Ambr. lib 2. de Spirit. S. c. 20. Simon Cassia. lib. 11. c. 1.

35 Naõ se livra porêm esta exposiçaõ, taõ liberal, e taõ propria, de huma grave instancia. Christo sabia muy bem a hora, em que a mulher Samaritana havia chegar á fonte; pois como se adianta, como se apressa a esperá-la? Como se fatiga para chegar antes? Para Christo converter a agoa em vinho, faltando este, naõ se antecipou, ainda q̃ roga-

rogado por ſua Mãy Santiſſima: deo tempo a que chegaſſe a hora deſtinada para ſe fazer o milagre: Joan. 2. 4. *Nondum venit hora mea.* Para ſarar a Lazaro ſeu amigo, naõ ſe apreſſou, antes ſe demorou dous dias depois que recebeo a noticia de ſua enfermidade *Ut audivit quia infirmabatur, tunc quidem man-* Joan. 11. 6. *ſit in eodem loco duobus diebus*; e deixou paſſar quatro dias, para taõ tarde o reſuſcitar: *Jam fœtet* Ibid. 39. *quatriduanus eſt enim.* Pois da meſma ſorte no empenho de converter a Samaritana, ou eſteja enferma, ou ſe conſidere já morta, e ſepultada na culpa venha com mais deſcanço, ainda que chegue mais tarde, pois para a ſua Miſericordia, e Omnipotencia ſempre chegará a bom tempo. De nenhuma ſorte porque a hora da converſaõ de huma alma, para ſer tirada do caminho da perdiçaõ, e reſtituida ao eſtado da ſalvaçaõ, ſe deve prevenir, e buſcar antecipadamente, ainda que cuſte fadigas, e trabalhos: *Fatigatus ex itinere ſedebat ſic ſuprà fontem.*

36 Se Chriſto taõ antecipadamente quiz prevenir a hora de melhorar huma vida, e tirar huma alma do caminho da perdiçaõ; como deſprezamos nós tanto tempo, que ſe nos vay perdendo, ſem cuidarmos na emenda, e melhora de noſſa vida, para entrarmos ao caminho da ſalvaçaõ? Sabeis por ventura ſe eſta pende de ſe aproveitar a hora em que nos achamos? Suppoſta a razaõ, que ouviſtes, de ſe apreſſar Chriſto, porque ſe dirigiaõ ſeus paſſos a lucrar huma alma na converſaõ da Samaritana: ainda ſe podia inveſtigar a razaõ de tanto ſe antecipar Chriſto para eſſe fim, quando parece que a todo o tempo a converteria. Mas quem nos diz que a ſalvaçaõ della naõ eſtaria pendẽte de ſe abraçarem até aquel-

la

hora os auxilios, que Deos lhe desse para se converter? Quem nos diz que passada tambem, ou perdida aquella hora, ainda lhe restaria prazo para se arrepender?

37 Naõ se póde absolutamente negar, que todo o tempo da vida he tempo de arrependimento; porque em todo elle póde haver alguma hora de contriçaõ perfeita: *Nemo est desperandus dum in corpore constitutus est*, diz S. Leaõ Papa. Bem se vio no Santo Ladraõ, que acabando a vida, teve a sua converſaõ; ainda que se naõ ache outro exemplo nas Escrituras, como notou S. Bernardo. Com tudo, fallando respectivamente, nem todos os pecadores se poderaõ arrepender, e cõverter em qualquer tempo da vida; porque para cada hum tem Deos taxado, e determinado prazo, em que ha de esperar o arrependimento de suas culpas. Assim o entenderaõ Santo Ambrosio, S. Gregorio Magno, Santo Isidoro, S. Bernardo, e outros muitos Padres, e Doutores. Confessamos todos, que a Misericordia de Deos he sem limite; mas como he regulada cõ diversamente pelos decretos da Divina vontade, naõ devemos duvidar que a huns queira Deos esperar pelo arrependimento até a morte, e naõ a outros; concedendo para emenda mais tempo a huns, e a outros menos: porque naõ he contra a sua bondade esta diversa medida em sua justiça: *Bonitate generali, sed multimodo opere, diversaque mensura*, diz S. Prospero.

D. Leo de Pœnit. d. 7 in princip.

D. Bern. Ser. 38. ex parvis

D. Ambr. D. Greg. & alii Patres apud Aguir. in Theol. tom. 3. disp. 125. sect. 1.

D. Prosp. lib. 2. de vocat. Gent.

38 O Profeta Isaias ainda hoje nos está prégando, e ensinando assim: *Quærite Dominum, dum veniri potest*. A Glossa ordinaria expõem: *Convertimini dum tempus habetis*. A Interlineal segue

Isai. 55. 6.

Glos. ibid.

o meſmo. Convertey-vos a Deos, e emenday a vida (diz o Profeta) em quanto para iſſo tendes tempo. E por ventura ha tempo, em que o peccador naõ poſſa converter a vida? Ainda creſce, ou ſe declara mais a duvida, com a repoſta, que lhe dá S. Bernardo: *Attendite tres eſſe cauſas, quæ quærentes fruſtrari ſolent: cùm aut, videlicet, non in tempore quærunt, &c.* Huma das couſas, porque os homẽs fazendo diligencia por ſe converterem a Deos, e impetrar a ſua Miſericordia, o naõ conſeguem (diz o Santo Doutor) he porque o ſolicitaõ já fóra de tempo. Entra agora com razaõ mais evidente o meu reparo. Se elles buſcaõ a Deos: *Quærite Deum*; ſe procuraõ converter-ſe: *Convertimini*; ſem duvida eſtaõ no tempo da vida, que ainda lhes vay correndo. Pois naõ poderá em toda ella converter-ſe o peccador a Deos, e merecer a ſua Graça? Pode-ſe dizer que já fóra de tempo ſe quer converter, quem antes da morte ſolicita emendar a vida? Em verdade, naõ ſey reſponder a eſta duvida. Reſolverey que ſim, e que naõ: e tudo póde ſer reſpectivamente. Aſſim como em toda a vida ſe póde deſmerecer, aſſim ſe póde merecer em todo o tempo; mas naõ ſe ſegue, que aſſim como Deos quer eſperar a converſaõ de huns por toda a vida, queira por toda a vida eſperar a outros, que ſe convertaõ; porque o prazo do arrependimento naõ conſta que ſeja para todos igual: *Multimodo opere, diverſaque menſura.*

D. Bern. Ser. 75. in Cant.

39 S. Beda (que ſempre conſervará a memoria de Veneravel) refere muito ao noſſo intento dous caſos, em ſeu tempo acontecidos em Inglaterra, quãdo nella florecia a Religiaõ Catholica: o primeiro a hum Militar, muy eſtimado do Rey; o ſegundo a hum

D. Bed. in Hiſtor. Angl. c. 14. 15.

um Religioso; ambos na vida taõ descuidados da
lvaçaõ, como desejosos de se arrepender, quan-
o a enfermidade os fez lembrados da morte. Ao
rimeiro exhortava o Rey, com o segundo instavaõ
s seus Religiosos, que se valessem dos Sacramentos,
ara por meyo delles conseguirem a Graça de Deos,
o perdaõ das culpas: e qualquer delles respondia,
ue ja naõ era tempo; porque tanto ao primeiro, co-
o ao segundo, mandára Deos antecipadamente
timar o processo de suas culpas, e a sentença de
a condemnaçaõ. Parece que naõ só com a doutri-
a, mas exemplos, e factos, quer Deos persuadir-
os, que nem todos poderaõ arrepender-se em to-
o o tempo, que lhes durar a vida: e que nos deve-
os antecipar desvelados, porque naõ passe a ulti-
a hora destinada para o nosso arrependimento,
ermanecendo nós como d'antes na impenitencia:
uærite Dominum: Convertimini dum tempus ha-
etis.

40 A mesma apprehensaõ de ignorarmos a
uanto se extenda o prazo consignado para nossa
menda, deve ser o despertador, para a naõ retar-
armos hum só instante: porque talvez se naõ perca
elle, o podermo-nos arrepender depois. *Non de-*
rauderis à die bono, & particula boni doni non te
rætereat. Outros vertéraõ: *Particula boni diei.*
Naõ vos defraudeis no dia bom, nem percais a mi-
ima parte delle: clama o Ecclesiastico. O dia bom,
iz o Carthusiano nosso Interprete, he todo o tem-
o da presente vida, que nos está destinado para
elle merecermos o bem eterno: e para que naõ per-
amos este, he preciso que se naõ perca hum insta-
e de toda a vida: *Et particula boni diei non te præ-*

Eccli. 14. 14. Gloss. Interl. & alii in Bibl. Max.

tereat; porque talvez pertencerá eſte ao prazo deſtinado para ſe ganhar a coroa da Eternidade: e paſſado elle, por mais que os auxilios de Deos naõ faltem, já nem eſſes nos haõ de aproveitar; porque paſſado eſte tempo, já nos naõ aproveitaremos nós delles.

41 S. Paulo nos exhorta, e anima a que com grande confiança recorramos a Chriſto para alcançarmos a Divina Graça, por meyo de hum auxilio a q̃ elle chama competente, e proporcionado: *Adeamus ergo cum fiducia ad thronum gratiæ, ut miſericordiam conſequamur, & gratiam inveniamus in auxilio opportuno.* Nenhum auxilio haverá, que naõ ſeja proporcionado, e competente á noſſa fragilidade, pois lhe baſta ſer da Divina Graça, para que poſſa ſupprir todo o noſſo defeito, e eſpiritual neceſſidade. Que auxilio pois ſerá eſte, a que o Apoſtolo chama competente, e nós tanto devemos ſolicitar: *In auxilio opportuno*? He (reſponde o Author Lapide) o que ſe nos offerece em tempo cõveniente: *Scilicet opportuno tempore.* De ſorte que todo o auxilio da Divina Graça he de ſua parte proporcionado, e ſufficiente; porque, quanto em ſi he nos póde ajudar a ſahir da culpa, em que eſtivermos; mas em effeito nem todo o auxilio vem a ſer proporcionado á noſſa diſpoſiçaõ, pelos obſtaculos, que lhes põem a noſſa reſiſtencia, ſe he fóra daquelle tempo, que Deos deſtinou para a converſaõ de cada hum de nós. Sendo a tempo, a noſſa emenda faz que os auxilios de Deos ſejaõ competentes. A noſſa obſtinaçaõ, deixando paſſar o tempo do arrependimento, faz que nem eſſes auxilios lhe ſejaõ proporcionados. E he juſto juizo de

Ap Hebr. 4. 16.

A Lap. hic.

e Deos, que mais tarde naõ ſe aproveitem dos ſeus uxilios os que em tempo conveniente naõ quize- aõ abraçá-los. Naõ eſperemos pois (ſenhores) pa- a mais tarde; porque talvez ſerá tarde. Se por meyo o arrependimento, e emenda de vida, queremos emir, e recuperar o tempo que já perdemos; naõ ercamos ainda mais eſte em que eſtamos: naõ eſ- erdicemos tambem o dia preſente, nem ainda hum ſtante, ou minima parte delle: *Non defrauderis die bono, & particula boni diei non te prætereat.* Abracemos os auxilios, que para iſſo nos offerece Chriſto, que por ventura ſaõ ainda em tempo cõ- eniente, e depois talvez que o naõ ſejaõ: *Ut miſe- icordiam conſequamur, & gratiam inveniamus n auxilio opportuno.*

§. VII.

42 TEmos deſcuberto que bem ſe póde remir, e recuperar o tempo já paſſado, perdido. Sabemos os meyos, e o quando ſe pode- á conſeguir eſte naõ difficultozo empenho, poſto ſe reputaſſe por impoſſivel. Os meyos ſaõ, o arre- endimento das culpas, e os auxilios da Graça abra- ados em tempo conveniente. O como, direy ago- a; porque tambem deſta circunſtancia depende effeito, que ſe intenta. Naõ vos pareça, que aſta emendar a vida, e deteſtar as culpas, para ſe emir o tempo, que ſe eſperdiçou, em quanto ſe mpregou em vicios. Com eſſa emenda, com eſſe rrependimento, quando muito, ſe aproveitará o empo da vida, que reſtar ainda, e ſe empregará omo pede a razaõ, e a obrigaçaõ. Os meſmos, que unca perderaõ huma ſó hora do tempo, nem do aſſado tem que remir, eſtaõ obrigados a empregar

bem, e cada vez melhor, todo o tempo da vida, que lhes reſta. Os que eſperdiçaraõ o tempo, e o querem recuperar, eſtaõ obrigados á fazer mais, aſſim como intentaõ conſeguir mais. Se ſolicitaõ haver no preſente, o tempo que lhes paſſou já, devem juntamente obrar o bem, a que de preſente os obriga o ſeu eſtado, e o bem que deixaraõ culpavelmente de obrar neſſe tempo que perdêraõ. He adverten-

D. Anſ. ſup. citat. in Epiſt ad Eph. 5.

cia de S. Anſelmo: *Damnum temporis redimimus ſi vitam ita commendamus, ut ea bona, quæ olim facere neglexímus, & ea, quæ nunc facere debemus faciamus.* Eſta doutrina taõ acertada pareceo ao Doutor Angelico, que ſeguio, e dictou a meſma reſoluçaõ:

D. Thom. ſup. citat.

Dicendum eſt, quòd homo tantò magis debet vacare operibus bonis, quantò prius inſtitit malis. Os que pois tanto tempo deixáraõ perder ſe o querem recuperar, tomem a reſoluçaõ de obrar daqui em diante quantos bens omittiraõ, e quantas boas obras deixáraõ de fazer em todo o tempo paſſado.

43 Aquelles operarios que o Pay de familias conduzio a trabalhar na ſua vinha já na ultima hora, depois que ao ocio déraõ todo o mais tempo do dia, tanto jornal receberaõ, trabalhando em taõ pouco tempo, como os que no trabalho empregáraõ o dia inteiro. Para eſtes ſervio de queixa a igualdade no premio; porque lhes pareceo deſigualdade na juſtiça, ſatisfazer o Pay de familias ſem diferença aos que trabalharaõ hum dia inteiro, e aos

Matt. 20. 12.

que naõ trabalharaõ mais de huma hora: *Hi noviſſimi unâ horâ feceruut, & pares illos nobis feciſti, qui portavimus pondus diei, & æſtus.* He poſſivel (diziaõ os queixoſos) que tanto lucraſſemos nós,

nós, dando á cultura doze horas, como estes ultimos que nella gastaraõ huma só hora! Nós, que naõ perdemos o tempo, e elles, que o perderaõ quasi todo, havemos ser igualados no premio; como se nem trabalharamos nós mais, nem elles menos? Sim; porque em huma só hora trabalharaõ os ultimos operarios com tal excesso, e empenho, que igualaraõ o trabalho, e venceraõ a tarefa do dia inteiro: e talvez nessa hora fizeraõ mais, do que no dia inteiro fizeraõ os primeiros operarios: *Præponi eos, qui parvo tempore, sed fervidè laborarunt, iis qui longo, sed tepidè*; diz A Lapide: e assim deve obrar quẽ ha de recuperar, e remir o tempo, que perdeo. Alap. hic.

44 Para S. Pedro recuperar o espaço de tres horas, que perdeo, persistindo em negar a Christo, empregou quasi trinta e seis annos, que foy todo o resto de sua vida; no qual em ouvindo o canto do gallo na hora correspondente á em que o despertou da culpa, diz seu Discipulo, e Coadjutor S. Leaõ Papa, que se lançava de joelhos a chorar, derramando taõ ardentes, e copiosas lagrimas, que lhe fizeraõ regos nas faces, deixando-lhe tambem nos olhos gottas de sangue, as quaes nunca se dissolviaõ. S. Paulo, alêm de ser oito vezes açoutado, e apedrejado huma; alêm dos naufragios, carceres, perseguiçoens, e perigos; nudez, fomes, sedes, e mais trabalhos, que padeceo por Christo, e pela Igreja, como elle relata em duas cartas aos de Corintho, andava em continuas penitencias, querendo estampar, e retratar em si a Vida, e Paixaõ de Christo: *Castigo corpus meum, & in servitutem redigo. Semper mortificationem Jesu in corpore nostro circunferentes, ut & vita Jesu manifestetur in corporibus nostris.* D. Clem. & Nicephor. lib. 2. c. 37. 1. ad Corint. 4. item 2. c. 11. 1. ad Corint. c. 9. 27. & 2. ad Corinth. c. 4. 11.

Assim gastou o Apostolo quasi trinta e quatro annos, para remir o tempo de hum, ou pouco mais, que perdeo, perseguindo a Christo, e a sua Igreja.

Surius ad diem 22. Julii. Alapid. in cap. 7. Luc.

45 A Magdalena, para resgatar huns poucos annos, que deo prodigamente ao mundo, naõ satisfeita com derramar tantas lagrimas, e acompanhar a Christo em todos os seus trabalhos, e perseguiçoens, exposta sempre a morrer por elle; depois que o vio resuscitado subir aos Ceos, se retirou a hũ deserto, em que levou trinta annos de penitencias, que passavaõ de asperas a horrorosas. Que direy daquella feliz peccadora, e penitente muy glorioſa, Santa Maria Egypciaca? Para recobrar dezasette annos, que empregou mal (ainda que destes devemos diminuir os da puericia) passou quarenta e sette em hum deserto, onde naõ vio mais que féras: sopportando sem abrigo as inclemencias do mais rigoroso inverno, e da canicula mais ardente: huma total desnudez, e abstinencia, ou milagrosa, ou incrivel; porque quasi meyo seculo se alimẽtou só com tres páens, de que sobradamente se prevenio, para conservaçaõ de todo o resto de sua vida, quando se retirou ao deserto.

Vorag. leg. Sanct. in vita S. Mar. Ægyptiac.

§. VIII.

46 DEste modo recuperáraõ o tempo, que perderaõ, os que efficazmente se empenharaõ em remí-lo: e nós tambem os devemos imitar, se o quizermos aproveitar. Os meyos naõ faltaõ pela Misericordia de Deos, se em tempo conveniente os abraçarmos. Que resta pois? A nossa resoluçaõ sómente; porque só resta, que naõ percamos mais tempo. Neste em que estamos (que talvez seja o ultimo, em que Deos queira esperar a alguns, ou a muitos dos que me ouvem) abracemos os auxilios com

com que nos chama. Já que tanto tempo nos levou o mundo, o demonio, e a vontade propria; neſte, em que o podemos remir, appliquemos quanto eſtá de noſſa parte, para o empregarmos naquellas boas, e meritorias obras, que deixámos de fazer, em todo o tempo, que perdemos. Naõ nos engane a eſperança taõ fallivel, e taõ incerta de huma dilatada vida, nem a confiança no arrependimento taõ arriſcado na morte. Abramos alguma vez os olhos para o conhecimento da verdade, e eſta nos deſcobrirá o engano, em que vivem quantos deixaõ perder o tempo, que ſó deviaõ empregar em ſervir a Deos, e merecer a Gloria. E ſe eſta perda (como quer o noſſo Interprete) for eſtimulo para huma contriçaõ perfeita, nella ſe purificaraõ as noſſas almas, para merecerem alcançar, naõ ſó o tempo, que já perderaõ, mas tambem a Eternidade, que na Bemaventurança eſperaõ: *Lava à malitiâ cor tuum Jeruſalem, ut ſalva fias.*

SER-

IHS

SERMAÕ XII.
NA TARDE DA QUARTA
DOMINGA
DA QUARESMA.

Lava à malitiâ cor tuum Jeruſalem, ut ſalva ſias. Jerem. 4.

§. I.

1 DESTA vez tentaremos o motivo mais efficaz, e o meyo mais util, para nos deliberarmos a purificar noſſos coraçoens. Tal he a conſideraçõ das penas do inferno, cuja memoria horrenda, e formidavel baſtará para ſuſpender a reſoluçaõ mais precipitada a peccar. *Non ſinet in gehennam incidere, gehennæ meminiſſe*, diz S. Joaõ Chryſoſtomo; e ſeguindo a expoſiçaõ do noſſo Interprete, eſta he a materia, que ſe nos propõem hoje: *Æterna pœna acquiritur.* Mas que entendimento poderá comprehender, e que lingua chegará a dizer a horrivel

D. Chryſoſt. Hom. 31. ad Roman.

rivel pena, e os tormentos insopportaveis, que no inferno padecem os condemnados? *Non possunt linguâ dici dolores illic jacentium, & clausarum animarum*; disse com espanto o grande Patriarcha de Alexandria S. Cyrillo.

D. Cyril. Alex. tom. 2. orat. de exitu anim.

2 Alguns entenderaõ, que só prégaria bem do inferno quem de lá viesse; porque só informaria cabalmente de suas penas quem as visse, e melhor ainda quem as experimentasse. E eu dissera, que nem esse as poderia bem explicar; porque para se dar a conhecer o que se naõ póde mostrar, he preciso buscar algumas similhanças, que o declarem; para que pelas especies do que já se vio, colha o entendimẽto a informaçaõ mais propria do que se naõ vê: *Ut ex his quæ animus novit, surgat ad incognita quæ non novit*; disse com sua rara authoridade S. Gregorio Papa. Mas onde se achará no mundo similhança, com que se explique a pena da Eternidade, a que saõ os reprobos condenados? S. Agostinho, por mais que a buscou, a naõ póde descobrir: *Revera fratres non sum inventurus temporales similitudines, quas æternitati possim comparare.* O nosso Carthusiano traz o caso de hum que resuscitou pelas oraçoens de S. Jeronymo, o qual querendo dar noticia das penas, que vio se padeciaõ no Purgatorio, e no Inferno, assim como naõ achou termos para o dizer, tambem naõ teve comparaçoens, que o ajudassem a se explicar. Quando muito disse, que todas as penas padecidas no mundo desde seu principio, tomadas por junto, com as mais, que nelle se haõ de padecer até o dia do Juizo Universal, naõ tem comparaçaõ com hum só dia da menor pena que se padece no Inferno. Explicou-se quanto

D. Greg. M. Hom. 11. in Evang.

D. Aug. Serm. 38. de ver. Dom.

podia

podia ser; ainda que bem examinada esta insinuaçaõ, della só consta, que nem differa o que vio, nem achára termos para o dizer melhor.

3 Para tratar de taõ importante, como inexplicavel materia, tomara eu mais Fé em meus ouvintes; porque havendo esta, naõ se requer Prégador, que venha do outro mundo; nem saõ necessarias comparaçoens muy adequadas: basta a verdade puramente achada nas Escrituras. O que nella se diz da pena dos condenados, resumio Christo ao breve periodo, mas formidavel, daquella sentença horrivel, que no Juizo final ha de proferir cõtra os reprobos: *Discedite à me maledicti in ignem æternum.* Apartai-vos de mim malditos, ide-vos para o fogo eterno. Que homem ha, se tem Fé, q̃ naõ tema, e naõ desmaye, com a noticia deste pregaõ? Quanto mais sendo proferido pelo mesmo Christo, com huma voz taõ forte, que chegará aos ouvidos de Adam, e de todos os seus descendentes! Com huma voz taõ imperiosa, que, abrindo a terra, levará de hum impeto precipitados os reprobos até o centro della. Neste ponto nenhum dos Padres, e Doutores fallou mais profundamente, que o mesmo, a quem seguimos na doutrina destas tardes; mas propondo-nos hoje a consideraçaõ do Inferno, só nos diz que pelo peccado se merece pena eterna, sem declarar a substancia della: *Æterna pœna acquiritur.* Sendo pois taõ diminuta a exposiçaõ, recorreremos ao Texto, que lhe servirá de Glossa.

Matth. 25. 41

4 Esta sentença, que Christo ha de proferir contra os reprobos, contêm duas penas, a que os ha de condenar por toda a Eternidade. A primeira he a do apartamento, e privaçaõ da vista, e gloriosa com-

companhia de Deos: *Discedite à me.* A segunda, he a do fogo, em que os condenados arderão no Inferno: *In ignem.* Até aqui bem claro está o que do Inferno, e suas penas nos dizem as Escrituras; e com tudo, quem poderá explicar quam insoffrivel pena será para huma creatura racional, ver-se privada para sempre de gozar de Deos, seu ultimo fim, seu summo bem, e infinito bem? Que intoleravel tormento será para huma alma, e depois tambem para hum corpo, arder por toda a Eternidade no violentissimo fogo do Inferno!

5 Dous tormentos quiz mostrar Christo, que por sua natureza eraõ insoffriveis, e insopportaveis, a saber: a sede, que padeceo na Cruz, e o desamparo, em que Deos o pôs, vendo-o padecer pelos homens crucificado. Os mais tormentos da Paixaõ de Christo foraõ taõ violentos, e intoleraveis, que qualquer delles excedia muito a quanto padeceraõ todos os Martyres; porque a ordem da Providencia Divina, e outras circunstancias notadas, e advertidas pelos Theologos, com Santo Thomaz, ou dispunhaõ, ou concorriaõ, para que em Christo obrassem com atrocidade incomparavelmente mayor, do que nos mais homens poderiaõ executar os instrumentos de summa violencia, e tyrannia. E com tudo, sem dar expressoens de sua grande pena, e sentimento, padeceo Christo todos os mais tormentos, que contra a sua innocencia, e por mais apurar o seu soffrimento, inventou o odio dos Judeos, e a sua impia crueldade: *Sicut ovis ad occisionem ducetur, & quasi agnus coram tondente se obmutescet, & non aperiet os suum.* Porêm na Cruz encareceo Christo o tormento, que lhe causava a sede em que entaõ ardia:

D. Thom. 3. p. q 46. a. 6. & 7. Valêt. 3. p. d. 3. q. 3. p. 1. Suar. tom. 2. in 3. p. d. 33. s. 2. & Theol. comm.

Isa. 53. 7.

Joan. 19. 28. ardia: *Sitio.* Tambem lamentando-se, e cheyo de sentimento, disse que Deos no meyo de tantas penas o desamparara, e o deixara: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?* Desejára eu descobrir agora a razaõ de se mostrar Christo taõ soffrido nos mais tormentos, e só nestes taõ queixoso, quando he certo que em todos elles conservou igual soffrimento, e conformidade; igual fortaleza, e constancia?

Matth. 27. 46.

6 Sequereis ouvir a razaõ, e entender o mysterio, deveis primeyramente advertir que, como ensinaõ alguns Theologos com Bellarmino, em sua Payxaõ padeceo Christo certas penas conrespondentes ás que se padecem no Inferno. Colhe-se do Texto de David: *Dolores Inferni circumdederunt me*: e de outro naõ menos expresso dos Actos dos Apostolos: *Quem Deus suscitavit, solutis Inferni doloribus.* E a razaõ, além dos Textos, he; porque Christo padecia para satisfazer pelos homens, naõ só quanto á culpa, mas tambem quãto á pena: e attendendo a esta segunda parte da satisfaçaõ, diz a Escritura que Christo na Cruz recebeo, e soppportou os nossos peccados em seu corpo: *Peccata nostra ipse pertulit in corpore suo super lignum.* Porque se bem he certo que Christo naõ podia receber em si os nossos peccados, quanto á culpa; quiz recebê-los quanto á pena, para a satisfazer por nós, livrando-nos por virtude das suas penas, das que se padecem no Inferno. E para que a satisfaçaõ fosse em todo o modo exacta, dispôs que em suas penas houvesse alguma conrespondencia ás dos condenados: *Dolores Inferni circumdederunt me: Quem Deus suscitavit, solutis Inferni doloribus.*

Psal. 17. 6.

Act. 2. 24.

1. Petr. 2. 24.

7 Que

7 Que tormentos pois seriaõ esses, que Christo padeceo, conrespondentes de alguma sorte aos do Inferno? Foraõ os mesmos que de sua natureza pareciaõ ser insoffriveis, e eraõ dous, a saber, o desamparo, e a sede. O desamparo de Deos (porque o Padre negava a Christo toda a consolaçaõ, e alivio) conrespondia á privaçaõ da vista de Deos, e á perda da essencial Bemaventurança; porque de todo o gozo se privaõ os condenados. A sede ardentissima, que tem a qualidade do fogo, porque com agoa se extingue o seu calor, conrespondia ao intenso fogo do Inferno. Tormentos pois, que já tinhaõ alguma similhança com os do Inferno, e mesma fortaleza, e summa paciencia de Christo, formando lastimosas queixas, quiz dar mostras de que eraõ insopportaveis, para que nos seus tormentos tenhamos nós hum claro desengano de serem insoffriveis, e insopportaveis as penas do Inferno, que estaõ comminadas aos reprobos, e expressadas na sentença de sua eterna condenaçaõ: *Discedite à me maledicti in ignem æternum.* Esta foy a razaõ de tanto encarecer Christo aquellas penas: e eu verey se de alguma sorte posso persuadir o mesmo, ponderando nesta hora a atrocidade de huma, e outra pena dos reprobos.

§. II.

8 A Primeira parte da pena, a que os reprobos se condenaõ, he o apartamento de Deos, e perpetuo desterro de sua vista, e companhia: *Discedite à me.* Oh pena, igualmente insoffrivel, e incomprehensivel! Oh castigo, taõ intoleravel, como inexplicavel! Dez mil Infernos juntos, com todos os seus tormentos, naõ igualaõ á precisa

precisa pena deste apartamento, e privaçaõ da vista de Deos: *Si decem mille gehennas ponas, nihil tale est, quàm ab illa beata vita excidere*, diz S. Joaõ Chrysostomo, e com razaõ; porque juntas todas as mais penas do Inferno, menos atormentaõ aos condenados, do que esta só pena de serem apartados, e desterrados da vista, e companhia de Deos para sempre. *Væ eis cùm recesserò ab eis*, disse Deos pelo Profeta Oseas. Ay dos peccadores, naquella hora, em que eu por toda a Eternidade me apartarey delles! Expressamente fallou (diz a Glossa Interlineal) allegando a condenaçaõ eterna, cuja sentença ha de proferir Christo contra os reprobos, apartando-se delles, para que nũca mais o vejaõ, nem possaõ ver a Divina face. E sendo certo que entaõ juntamente os precipirará ao Inferno, onde padeceráõ tormentos horrendos, e intolleraveis, nenhum delles quiz o Profeta expressar neste seu Texto, porque nem todos juntos avultaõ, ou se pódem comparar com a interior pena, que aos condenados affligе, por serem privados de ver a Deos. *Alienari à vita Dei, carére tam magna multitudine dulcedinis Dei, tam grandis est pœna, ut ei nulla possint tormenta comparari*; disse primeiro Tertulliano, e depois S. Agostinho.

D. Chrysost. Hom. 23. in Matth.

Ose. 9. 12.

Tertul. adverſ. Hermog. 4. D. Aug. in Enchir. c. 212.

9 Pelo deserto acompanhava, e guiava Deos ao seu povo; aggravado porém, e offendido de suas ingratidoens, se resolveo a deixá-lo, e apartar-se delle, deputando-lhe hum Anjo, que o conduzisse, e defendesse na jornada. Esta resoluçaõ em Deos, sem controversia alguma, era paternal amor, e piedade; porque de seu mimoso povo se retirava,

só

ó por se naõ ver precizado ao extinguir, e acabar
om castigos, quando elle com suas repetidas cul-
as o provocasse a ira : *Non enim ascendam tecum,* Exod. 33. 3.
uia populus duræ cervicis es, nè fortè disperdam
e in via. Nocitiado o povo desta deliberaçaõ Divi-
a, se mostrou taõ sentido como chorozo, reputãdo,
ue nenhuma outra pena se lhe poderia commi-
ar, que taõ insopportavel fosse para elle : *Audiens* Vers. 4.
opulus sermonem hunc pessimum, luxit. Dissera eu,
ue muito se devia consolar o povo, e agradecer a
Deos o beneficio, que ausentando-se lhe fazia ; por-
ue retirar-se delle, substituindo-lhe para o acom-
anhar hum Anjo, taõ sufficiente para o defender,
ra propensaõ de o conservar, e de o naõ destruir ;
ra indicio de que o queria soffrer, e o naõ queria
erder : *Nè fortè disperdam te in via.* Mas tanto
elo contrario discorria o povo, que só se consolou,
romettendo lhe Deos que o acompanharia, com
condiçaõ, e certeza de o castigar, e extinguir to-
almente da primeira vez que peccasse : *Semel as-* Vers. 5.
endam tecum, & delebo te. Pois sente a quelle po-
o mais a sua conservaçaõ, que a sua perda? Naõ:
as com acerto julga, seria para elle muito mayor
astigo ver-se apartado de Deos, que quantas ou-
as penas lhe podiaõ vir. Julga por menos mal, ver-
destruido, e acabando á força de castigos, que
pportar o apartamento da vista, e companhia de
Deos : *Non ascendam tecum, nè fortè disperdam te*
via. Audiens populus sermonem hunc pessimum,
uxit. Semel ascendam tecum, & delebo te.

10 Esse povo, taõ favorecido, como ingrato,
unca chegou a lograr a vista clara de Deos, e
or isso a naõ podia perder nessa occasiaõ. Logra-

va ſim o mimo de ſua companhia, naõ vendo mais que a columna, que o guiava, na qual reconhecia a eſpecial aſſiſtencia, e protecçaõ Divina. Com tudo eſſa tal auſencia, e retiro, com que Deos o pertendia caſtigar, era para elle de todas as penas a mayor. Inferi agora, que pena ſerá para os reprobos, e que deſeſperaçaõ para os condemnados, ſerem privados, e deſterrados para ſempre da preſença de Deos, claramente viſto, e manifeſto! Só os condemnados ſabem avaliar eſta pena, pois a experimentaõ. Todos os mais fallaõ della ſuperficialmente, ſó pelo que diſcorrem até onde mais pódem chegar, e alcançar, que he muy pouco: e dos que me ouvem naõ ſeraõ muitos os que lhe daõ apreço; porque naõ ſente o que perde quem o naõ ſabe eſtimar. Entendem vulgarmente, que o ver a Deos naõ paſſa de ſer huma viſta, ainda que alegriſſima, e ſoberana; e mal poderaõ entender a pena, que haverá em huma alma pela perda deſſa viſta. Ora para que tenhais alguma intelligencia do infinito bem, que ſe encerra na clara viſta de Deos, e da pena, que haverá nos que ſe privaõ della; farey por vos dar alguma luz tirada das Eſcrituras, e achada na doutrina dos Santos Padres.

11 Aſſentay, e tende por certo, que naõ poderá huma alma ver, e conhecer a Deos claramente, ſem que o tenha em ſi, por meyo de huma impreſſaõ, ou uniaõ puriſſima, perfeitiſſima, e inexplicavel. Deſorte que, ao meſmo paſſo eſtá Deos poſſuindo, e enchendo toda eſſa alma, como a luz enche, e poſſue o Sol: e a alma toda cheya da Divindade, tambem a eſtá poſſuindo, qual outro Sol poſſuindo a luz, que em ſi tem. Porque ſe bem a Divindade ſó ſe une, e recebe no entendimento, que a eſtá vendo;

como

como seja hum bem immenso, igualmente enche a vontade, e a alma toda de quem a vê. Tendes exemplo na luz, que ardendo só na tocha, em que se accendeo, enche a sala toda em que está. O mesmo se vê nos rayos do Sol, que imprimindo-se na vidraça enchem de luz toda a casa. Tambem assim: basta que a Divindade encha o entendimento, que a vê, para que a vontade, e toda a alma do Bemaventurado fiquem cheas, e possuidas da Divindade; muito mais, se he certo que o entendimento se naõ distingue da alma, nem da vontade, como ensinaõ tantos Filosofos com Santo Isidoro, e S. Bernardo.

D. Isid. lib. 11. Etymol. D. Bern. in Cant. Ser. 11 Scot. in 2. dist. 16. q. unic. & alii.

12 E que tal estará hũa alma penetrada, e chea da Divindade, por modo sobrenatural, e beatifico, sempre ineffavel, e inculpavel! Ninguem o chegou a dizer, e a explicar atégora; porque naõ haverá quem perfeitamente o chegue a perceber nesta vida: *Quandiu sumus in hoc mundo imperfectè cognoscimus felicitatis objectum, hujusque magnitudinem ignoramus*, diz S. Joaõ Chrysostomo. Direy com tudo o que cabe nos termos da intelligencia mortal, valendo-me da similhança mais propria, para dar huma sombra daquelle estado beatifico, que Deos preparou para os que o amaõ, e servem nesta vida. O ferro, que alguma hora esteve na fragoa do ardente fogo, sahe delle transformado em fogo: ardendo em si como fogo; despedindo de si faiscas como fogo; e abrazando fóra de si como fogo; porque, sendo ferro, teve capacidade para participar das qualidades do fogo. Tambem as nossas almas sobrenaturalmente elevadas, e dispostas pela Divina Graça, se fazem participantes da natureza Divina: e porque vendo a Deos, estaõ possuidas, e submergi-

D. Chrysost. Hom. 49. in Matth.

das dentro do immenso abysmo da Divindade, precisamente se haõ de transformar em Deos, sem que o sejaõ: assim como o ferro, sem ser fogo, se transforma em fogo; por onde diz S. Joaõ: *Cum apparuerit, similes ei erimus, quoniam videbimus eum, sicuti est*: e Lyra o expõem assim: *In ipsum quantum possibile est transformati.*

1. Joan. 3. 2.

Lyra hic.

13 O entendimento, cheyo de Deos, começa a ver aquella formosura infinita, aquella claridade immensa, em que estaõ patentes, e manifestas quãtas perfeiçoens ha em Deos, e incluidas quantas creaturas póde produzir a Omnipotencia. A vontade chea de Deos, e do seu amor, se arrebata em amálo, com suavidade, e doçura taõ ineffavel, que eternamente o estará amando, e sempre desejanjando amar. A alma toda chea de Deos, e da sua gloria, entra a lograr das mesmas infinitas delicias, e dos mesmos infinitos gostos, que Deos por toda a Eternidade está gozando. Assim o declarou Christo dizendo: *Intra in gaudium Domini tui*: Entra, oh alma justa, e ditoza, a participar das mesmas delicias, em que teu Deos, e Senhor tem o seu gozo, e a sua Bemaventurança. Entra a ser submergida em gostos, e delicias: *Intra in gaudium.* Cá no mundo entra o gosto nas creaturas, porque cabe nellas: no Ceo entraõ as almas dentro do gosto; porque como he infinito, e incomprehensivel gosto, naõ póde caber nas almas: *Tam magnum est gaudium cœlestis patriæ de Deo, ut non possit includi in homine, & ideo homo intrat in gaudium illud incomprehensibile*, dizem os Expositores cõ S. Lourenço Justiniano. He assim, nem ha duvida que se lhe opponha; porque as delicias em que se

Matth. 25. 21. & 23.

D. Laur. Just. Caietan. & alii in Matth. c. 25.

e banhaõ os Bemaventurados no Ceo, saõ as mes-
nas em que Deos se está deliciando, e gozando:
ntra in gaudium Domini tui: *ideſt* (commentaõ
os Expositores) *perfruere eodem gaudio, quo Do-*
minus tuus gaudet; e assim como as delicias, e go-
os de Deos saõ infinitos, e incomprehensiveis, assim
haõ de ser tambem aquelles celestiaes gozos, e
delicias, em que entraõ as almas conseguindo a
terna Bemaventurança. A razaõ, que ultimamente
conclue taõ immensa grandeza de delicias, e go-
os, he; porque a Gloria essencial de Deos consis-
e em se gozar, e ver a si mesmo; e a Gloria essen-
ial dos Bemaventurados tambem consiste em ver
Deos, e gozar delle. Isto he a Gloria, ou hum ras-
o della, segundo o que se póde conceituar nesta
ida, sendo em si muito mais ainda do que se che-
a a dizer; porque nem os olhos viraõ, nem os ou-
idos ouviraõ, nem veyo alguma vez ao pensamen-
o humano qual, e quanta seja a grandeza daquel-
Gloria, e gozo, que Deos preparou, e tem guar-
ado no Ceo para os Bemaventurados: *Oculus non*
idit, nec auris audivit, neque in cor hominis as-
endit, quæ præparavit Deus diligentibus se; diz-
S. Paulo, depois de ser arrebatado ao Ceo, e ter
isto a Gloria dos Justos.

Anton. de Molin. 2. p. tract. 1. Sylv in Evãg. tom 4. lib. 6. c. 52 Expo l.

1 Ad Corint. 2. 9.

14 Esta posse da Divindade, e suas delicias, que
staõ gozando os Bemaventurados, conhecem muy
em os reprobos, e muito melhor do que nesta vi-
a o podemos nós alcançar: porque a mesma atro-
idade de seus tormentos lhes persuade a grande-
a da Gloria, q conseguiraõ os Justos por seus me-
ecimentos, e elles perderaõ por suas culpas. E he
outrina de Grandes Theologos, que algumas ve-

Ex Mag. in 4 dist. 50. D. Thom. in suppl. 3. p. q. 98. Dom So. to in cit. loc. Mag. q. unic. art. 6.

zes por disposiçaõ divina (ainda que involuntariamente, e coactos) chegaõ os condenados a ver lá do Inferno aos Bemaventurados cheyos de Gloria, para com esta vista se lhes augmentar mais a pena; porque á medida de sua perda, ha de ser o sentimento, que lhes resulta della. Perdêraõ pois a presença, e clara vista de Deos, que he hum bem infinito; perdêraõ o participar quanto pudessem, e quizessem de hum gozo, que em si he immenso, e incomprehensivel: e se enchem de huma pena, e tristeza, que, como discorre S. Thomaz, tambem he infinita, e incomprehensivel, como privaçaõ que he de tanto bem.

Ex D. Thom I. 2. q87. a.4.

§. III.

15 ESte he o discurso, com que nesta vida se expõem, e se dá a conhecer a terrivel, e nunca bem entendida pena do apartamento de Deos, e perpetuo desterro de sua vista. Porêm eu acho que os mesmos condenados ainda fazem esta pena mais terrivel, do que em si lhes foy dada por Christo; porque a sentença deste Juiz tremendo só os condena a que naõ vejaõ a Deos: *Discedite à me*; elles porém, levados de hum furor horrivel, nem querem ver a Deos, nem o pódem ver, pelo summo odio que lhe tem. Ouçamos ao Grande Mestre das Sentenças, a quem segue o Mestre Angelico: *Secunda, nihilo minor, animarum pœna, est perpetuum eorum odium, quo in divinam bonitatem continenter exurgunt: nam superbia eorum qui te oderunt* [*ait Psalmista*] *ascendit semper*, Se fora possivel que Deos se quizera manifestar aos condenados por algumas horas, para que o vissem, elles com tudo se privariaõ dessse

Mag. in 4. dist. 50. D. Thom. citat q. 98. a. 5.

se incomparavel bem; porque o grande odio, que tem a Deos, naõ lhes permitte que o possaõ ver. No Ceo, vendo os Bemaventurados a Deos, o estaõ mais, e mais desejando ver; porque o intenso amor que lhe tem, os faz como insaciaveis de sua vista: *In quem desiderant Angeli prospicere.* No Inferno os condenados nem vem a Deos, nem o querem ver pelo summo odio que lhe tem. Ha no Inferno hum reciproco odio em competencia perpetua, entre os condenados, e Deos; porque o odio, que Deos tem aos condenados, naõ permitte que se lhes dê a ver, e assim o pede a Justiça. O odio que os miseraveis condenados tem a Deos, faz que obstinadamente o naõ queiraõ ver, nem o possaõ ver: *Odibiles odientes invicem.* Parece chimera a sorte dos condenados. S. Dionyzio Areopagita lhe chamou estado de loucura; e com razaõ; porque a pena que os atormenta mais he a de naõ verem a Deos, a quem com tudo de nenhuma sorte querem ver: e quanto he da parte de sua má vontade, bem quizeraõ, ou dar lhe a morte, se fora mortal; ou tragá-lo vivo, já que he immortal.

1. Petr. 1. 12.

Ad Tit. 3. 3.

16 David em muitos lugares tratou das iras, em que o odio dos condenados rompe contra Deos, huma vez se explicou assim: *Sepulchrum patens est guttur eorum, linguis suis dolose agebant, venenum aspidum sub labiis eorum, quorum os maledictione, et amaritudine plenum est.* As gargantas dos condenados (diz o Psalmista) saõ humas sepulturas abertas: suas bocas, e linguas estaõ cheas de trayçoens, veneno, e maldiçoens. Que os condenados enchaõ as bocas de maldiçoens, he sem duvida, pelas blasfemias que proferem contra Deos,

Psal. 13. 3.

Glos. in cap. 2. Nahum.

que taõ juſtamente os caſtiga: *Murmurantes, et indignantes contra Deum, pro pœnis quas patiuntur*, diz a Gloſſa; mas que eſſas maldiçoens, e blaſfemias levem comſigo trayçoens, e vaõ cheas de veneno! Para matar a quem? Que as ſuas gargantas ſejaõ ſepulturas! Igual duvida. Para ſepultar a quem? Para matar, e ſepultar ao meſmo Deos, contra o qual ſe enfurecem, e proferem as blaſfemias; porque, quanto he da ſua peſſima vontade, bem deſejaõ os condenados encher as ſuas palavras de hum veneno taõ refinado, e taõ activo, que penetrando ſuas maldiçoens o Ceo, e chegando aos ouvidos do meſmo Deos, lhe tirem a vida, e o ſer: *Quia Deum odiunt, ita ut velint Deum non eſſe*, diz entre os Theologos o Meſtre. Quanto he da parte, e intenſaõ de ſeu odio, o quizera cada hum dos condemnados engolir, e ſepultar vivo dentro em ſi meſmo, para que em todos elles eſtiveſſe Deos ardendo nas meſmas chammas, em que qualquer delles por toda a Eternidade ſe abrazará: *Sepulchrum patens eſt guttur eorum, linguis ſuis doloſè agebant, venenum aſpidum ſub labiis eorum. Quia Deum odiunt, ita ut velint Deum non eſſe.*

Mag. citat. in 4. diſt. 50.

17 Agora para melhor, ou para total conhecimento do muito, que aos condemnados atormenta eſſe odio, que tem a Deos, comparay entre ſi eſtas duas penas graviſſimas, com que interiormente ſe affligem as almas dos condemnados. De huma parte conſideray nelles o mal de ſerem privados de ver a Deos; e de outra parte o mal de o naõ quererem ver. De huma parte, o naõ poderem ver a Deos, em caſtigo de ſuas culpas; de outra, naõ o quererem ver, por obſtinaçaõ em ſeu abominavel odio,

e jul-

e julgay qual será mais horrivel pena para hũa creatura racional? Naõ vos canceis em examinar a questaõ; porque o Mestre, que a excitou primeiro, tambem a decidio: *Peius enim est, Dei bonitatem odisse, quam lucem non cernere.* Vem a dizer, que para os condemnados, muito mayor mal lem comparaçaõ he ter odio a Deos, que carecer de sua vista. Santo Anselmo resolvia em similhante questaõ, que antes no inferno em graça de Deos, que no Ceo em peccado: *Mallem à peccato innocens in gehennam intrare, quam peccati sorde pollutus Cœlorum regna tenere.* Nem he necessario ser taõ douto, ou taõ Santo como elle, para se alcançar a verdade desta cõclusaõ; mas notay no como discorria o Santo Doutor subtil, e profundamente. O peccado he aversaõ a Deos, a graça he amor de Deos; e se no inferno tivessem as almas amor de Deos, ou no Ceo lhe tivessem aversaõ, mais insopportavel seria o inferno, que o Ceo; porque neste, e naõ naquelle, se padeceria o mayor tormento dos condemnados: qual he o odio, e aversaõ, em que contra Deos ardem, muito mais que em fogo.

Mag. citat.

D. Anſ. ſive Author. libri de ſimilitud cap. 190.

18 Hum furioso indignado, em quanto naõ executa os impetos de sua ira, se está atormentando a si mesmo; porque só nelle arde o fogo, com que a outros quizera reduzir a cinzas. Naõ de outra sórte nos condemnados. O odio, e ira, em que contra Deos estaõ ardendo, os faz romper em blasfemias, e injurias contra seu nome santissimo: e naõ applacados com este desaffogo horrivel, se arrebataõ fóra de si a conspirar contra elle. Conhecendo porèm, que naõ pódem executar em Deos o furor de seu odio, e os impetos de sua ira, se incendem em huma

huma cõ'era taõ ignea, e taõ ardente, que os abraza interiormente como fogo. Naõ ſerá bem que deixemos de ouvir a Soto neſte ponto, pois a materia delle naõ he mais propria dos Prégadores, que dos Theologos: *Rabidâ iracundiâ, quâ in Deum exardent, vellent eum, ſi poſſent, de Cælo deturbare, quod quia impoſſibile vident, dirè torquentur.* Deſorte que ainda faltando no inferno fogo para os condemnados, arderiaõ elles; porque o odio, que tem a Deos, he fogo interno, em que ſe eſtaõ abrazando.

Domin. Soto in 4. diſt. 50. q. unic. a 4. conc. 5.

19 Põem Iſaias a conſideraçaõ no fogo, em que exteriormente ardem os condemnados, e paſma de tor nẽto taõ intollerave!: *Quis poterit habitare de vobis cum igne devorante? Quis habitabit ex vobis cum ardoribus ſempiternis?* Levantando logo o pẽſamento ao Ceo, ſe lhe repreſenta que eſtá Deos cõmo fechando os olhos, por naõ ver as penas dos cõdenados, pois dellas ſe naõ ha de compadecer: *Claudit oculos ſuos, nè videat malum:* e como tapando os ouvidos juntamente, por naõ ouvir as conſpiraçoens, e conſultas, que contra elle fazem, deſejando dar-lhe infinitas vezes a morte: *Obturat aures ſuas, ne audiat ſanguinem. Id eſt* (commenta o A Lapide) *impios de cæde patranda loquentes, et conſulentes.* E logo fallando o Profeta aos meſmos condenados, lhes diz aſſim: *Concipietis ardorem, parietis ſtipulam, ſpiritus veſter ut ignis vorabit vos.* Concebereis (oh malditos) em voſſos penſamentos huma ardente conſpiraçaõ, hum incendio, e quantos damnos contra Deos póde ſuggerir o voſſo odio: *Concipere ardorem, eſt machinari ſtrages, incendia, & omne quod hoſtile eſt.*

Iſai. 33. 14.

V. 15.

A Lap. hic.

V. 11.

Idem A Lap

eſt. Será pôrêm a voſſa indignaçaõ huma palha, que o vento leva com deſprezo, e ſem effeito: *In ventum abibunt veſtri ſpiritus, tamminaces, & ardentes.* Aſſim o interpretou o meſmo Expoſitor. Mas neſte caſo (vay dizendo, e proſeguindo o Profeta) o voſſo eſpirito vos abraſará como fogo: *Spiritus veſter ut ignis vorabit vos.* Pois ſe taõ facilmente, e por ſi meſmo ſe apaga, e deſvanece o incendio, com que os condemnados deſejaõ reduzir a cinzas o meſmo Deos: *Concipietis ardorem, parietis ſtipulam*; como pódem ficar eles ardendo neſte meſmo fogo de ſeu odio, e de ſeu eſpirito: *Spiritus veſter ut ignis vorabit vos?* Por iſſo meſmo; porque experimentando os condenados ſer inutil a conſpiraçaõ, que o ſeu odio intenta contra Deos, ſe abrazaõ em ira, e ardem dentro em ſi meſmos como fogo: *Concipietis ardorem, parietis ſtipulam, ſpiritus veſter ut ignis vorabit vos* Os meſmos, que ſe naõ abrazaõ em ſentimento por naõ ver a Deos, ardem como em fogo no odio com que o naõ querem ver. Das penas exteriores dos condenados, a mayor, e que os atormenta mais he o fogo. Das interiores, a mayor naõ he a de naõ verem a Deos: he a que lhes reſulta do odio com que o naõ pódem, nem querem ver; porque eſſe odio tambem he fogo, que internamente os abraza. *Spiritus veſter ut ignis vorabit vos. Rabidâ ira cum-diâ quâ in Deum exardent.*

2o Ainda que eſte odio dos condenados contra Deos os naõ atormẽtára tanto, nẽ fóra para elles taõ grave pena, baſtára ſer taõ deſordenado, e taõ abominavel, para ſer a mayor deſgraça, e a pena mais ſenſivel, qua ſe póde excogitar para huma creatura racio-

racional. Que mais horrivel deſgraça haverá, do que chegar huma creatura a conceber, e conſervar eterno odio a ſeu Creador, ſendo o que de nada lhe deo o ſer, á ſua imagem, e ſimilhança, para com eſta lhe imprimir huma obrigaçaõ perpetua, e hum eſtimulo eterno de o eſtar ſempre amando! Que pena póde haver para os homens, comparavel á miſeria de conſpirarem expreſſa, e notoriamente cõtra Deos, que ſe fez homem, e padeceo morte temporal taõ affrontoza, para lhes merecer glorioſa, e eterna vida? Que mais podia obrar por elles hum Deos infinitamente amoroſo, infinitamente benigno, infinitamente bom? E que ſe exponhaõ as creaturas a merecer hum eſtado, em que preciſa, e neceſſariamente haõ de ter odio, e aborrecimento a eſte Deos, por tantas razoens infinitamente amavel!

21 Poderay bem eſta deſgraça, e temey-a mais que o meſmo Inferno; porque quem he Catholico, com Fé de que he remido com o Sangue, e Morte do Filho de Deos, eſpiritualmente nutrido, e alimentado com os Sacramentos da ſua Igreja, he juſto que mais ſe atemorize, e mais ſe afflija havendo de perder o amor de Deos para ſempre, e ter-lhe para ſempre odio, do que havendo de ſer por toda a Eternidade condenado ao Inferno. Qualquer de nós, ſe attende para as culpas, que commetteo, vendo que por ellas mereceo o Inferno, recorre aos merecimentos da Payxaõ, e Morte de Chriſto, e pondo nelles huma firme Eſperança, para naõ deſconfiar de que ſerá perdoado, diz logo com S. Anſelmo: *Merui damnationem, Domine, ſed mortem Domini noſtri JESU Chriſti pono inter te, & mala mea merita mea.* Debaixo diſto lá faz hum acto heroico de con-

D. Anſel. in admonit. ad orient.

conformidade com Deos, para que a sua vontade se execute, no tempo, e na Eternidade: ou seja por meyo da retribuiçaõ da Gloria, ou da pena: da condenaçaõ, ou do premio; e diz (como o Sacerdote Heli, neste, ou em similhante caso) *Dominus est, quod bonum est in oculis suis faciat.* 1.Reg.3.18. Mas se ao mesmo tempo occorre, que nessa condenaçaõ, e nesta pena teraõ os condenados odio perpetuo a Deos: que coraçaõ haverá que se naõ perturbe, e se naõ ache descahido daquella cõformidade heroica? De sorte que se olhamos para as penas do Inferno, ainda que seja refflectindo para a privaçaõ da vista de Deos, naõ falta quem se conforme com a vontade Divina, por mais que seja no decreto de sua condenaçaõ. Mas advertindo no odio, que contra Deos teraõ os condenados, postos nesse estado da summa infelicidade; naõ me persuado que algum Catholico acabará comsigo fazer hum acto de perfeita cõformidade com o Divino decreto, que o cõdenar a hum estado taõ infeliz, e taõ abominavel, em que ha de ter odio ao seu mesmo Deos, e Creador. Daqui se infere com evidencia, e se conclue totalmẽte ser esta pena mayor, e mais insopportavel, que a da privaçaõ da vista de Deos, e perpetuo desterro de sua gloriosa companhia: porque se bem esta será huma pena de alguma sorte infinita; com tudo póde a sua grandeza caber nos limites de huma conformidade heroica. Porêm a pena de naõ querer ver a Deos, nem o poder ver odiosamente, naõ caberá expressamente em resignaçaõ alguma: e sempre fará mais tremenda, e mais formidavel aquella parte da final sentença de Christo, que ha de condenar os reprobos para sempre, ao desterro

ro da ſua companhia, e privaçaõ eterna da clara viſta de Deos: *Diſcedite à me.*

§. IV.

22 A Segunda parte da pena dos condenados he o fogo, em que ſem refrigerio haõ de arder para ſempre: *In ignem æternum.* A crueldade de Nero mandava metter os homens em ſaccos de rezina, pez, e outras materias oleoſas, e pondo-lhes de noite fogo, fazia delles faxos, que ardendo allumiavaõ as ruas. Naõ por huma noite, que acaba, mas por huma noite eterna, ſeràõ os cõdemnados faxos, e fogueiras, que ardaõ eternamente no meyo daquella regiaõ de ſombras, onde naõ entra, nem póde entrar a luz. Como o peccado attrahio aos reprobos com o ſenſivel, pede a rectidaõ, e juſtiça, que tambem haja pena ſenſivel, com que ſejaõ punidos: e ao meſmo paſſo atemorizados outros com eſta pena, concebaõ mais horror ao inferno, e ſe naõ condemnem. Se os homens ſouberaõ avaliar neſta vida o ſentimento, que no Inferno teraõ, por haverem perdido o Summo Bem, que he Deos; o conhecimento deſſa perda, e deſſa pena baſtaria para os conter, e cohibir de toda a culpa; mas já que os naõ atemoriza o inviſivel, ſirva-lhes de horror o ſenſivel do fogo, e deixem de peccar neſta vida tam breve, ao menos porque deixem de eternamente arder: *Si nondum deſiderant Dei faciem, timeant vel ignem*, diſſe Santo Agoſtinho.

D. Aug. in Pſal. 45.

23 Naõ ſó com o fogo ſeraõ os máos atormentados no Inferno, onde os tormentos ſaõ taõ diverſos, como ſem numero: qual pois ſerá a razaõ de ſe intimar aos condemnados unicamente a pena do fogo, como ſe para elles, e para os ſeus ſentidos, naõ houvera

éra no Inferno outro tormento mais que o fogo: *Discedite in ignem*? Nesta duvida tem sua origem celebre questaõ: se alêm do fogo haverá para os condemnados outra pena, que lhes atormente os sẽtidos? Ainda que a doutrina commum, e verdadeira, com Santo Thomaz, e S. Boaventura, resolve affirmativamente; naõ faltaõ razoens, em que a contraria opiniaõ se funde: porêm eu, sem que por isso me aparte da primeira resoluçaõ, concordando ambas as sentenças differa, que sendo os tormentos do Inferno tantos, e taõ diversos (pois todas as creaturas servirâõ de castigo, e pena aos condemnados: *Armabit creaturam ad ultionem inimicorum*:) naõ haverá tormento, que para elles naõ seja fogo; porque ainda que diversos, todos atormentaõ abrazando, e queimando como fogo. Lemos no Sagrado Texto, que para castigo dos Israelitas sahiraõ do deserto humas serpentes de fogo, que por Divina disposiçaõ os mordiaõ mortalmente: *Misit Dominus in populum ignitos serpentes*. Pois sendo viventes, e mordendo, podiaõ ser de fogo? Naõ; mas as suas mordeduras abrazavaõ, e queimavaõ como fogo. Em natureza naõ eraõ, nem podiaõ ser de fogo; mas em seu effeito eraõ de fogo. Assim no Inferno. No effeito tudo será fogo, ainda que nem tudo em natureza seja fogo. Ha no Inferno vistas horrendas, mas essas vistas saõ ardentes aos olhos dos condemnados, como chammas. Ha gemidos, ha vozes desesperadas, ha blasfemias: e até essas blasfemias, essas vozes, esses gemidos, saõ brazas aos seus ouvidos. Ha serpentes, ha cadêas, ha açoutes, e tudo obra queimando como fogo. Até o frio abraza como fogo, e arde a neve para castigo dos reprobos.

D. Thom. in sup. q. 97. a. 1. D. Bonav. in 4. dist. 50 q 1. & com DD.

Sap 6 8.

Numer. 21 6

24 A razaõ será talvez, porque nenhum instrumento obra com tanta violencia como o fogo, e para que no Inferno todo o instrumento da pena seja violentissimo para os condemnados, em todos se acha a natureza do fogo, para que os atormentem com mais atrocidade, como pedem as suas culpas: *Gelu orietur ab igne, & ignis ardor invenietur in grandine, ut patiantur peccatores dira ex pœnis cruciamina ob dira crimina*: disse Pinciano. Esta pois como univoca propriedade do fogo, achada em tormentos de qualidades, e naturezas taõ diversas, faz que os condemnados a padecer no inferno tãtas penas, sejaõ só ao fogo sentenciados: *In ignem.* E a que fogo? Isto he o mais. A hum fogo taõ voraz, e taõ ardente, que em sua comparaçaõ, o deste mũdo será como o pintado, proposto com o natural. Assim o entenderaõ alguns Doutores com S. Boaventura: *Dicitur ignis ille ad ignem nostrum, tanti esse caloris, quanti nostri ignis ad pictum.* Com estas, e outras expressoens, que sem encarecimento fazem os Santos Padres, quando muito nos persuadem, que a vehemencia, e atrocidade do fogo infernal nem se comprehende com o entendimento, nem com palavras se explica; e com tudo naõ duvidarey eu dar-vos a conhecer cabalmente, quam intenso he esse fogo, e quam grave tormento será para os condemnados arder em suas chammas por toda a Eternidade.

Villar. Pint. tom. 3. Taut 4. Did. 4.

D. Bonav. tom. 7. opus. Fascic. c. 3. D. Polycar. Presbyter. in vit. S. Sebastiani. Alapid. in cap. 19. Genes.

25 Entre os Filosofos he sabido, que pelo effeito se conhece a causa: e por se explicarem com algum exemplo, dizem mais vulgarmente que pelo fumo se conhece o fogo. Seguindo este dictame taõ certo, como natural, vireis a conhecer quam intenso

ſo, e voraz ſeja o fogo do Inferno, ſe perceberes quam horrivel, e activo ſeja o ſeu fumo. Iſſo porêm vos darey eu a ſaber, naõ por diſcurſo, que o naõ alcança; mas por noticia de algum facto, e he eſte: Em certo lugar (que o naõ declara a hiſtoria referida por Mendoça) appareceo hum condemnado, e teve pratica com hum Religioſo, que ſeria de muy boa vida, pois teve fortaleza, e animo para fallar a hum condemnado: ao qual por fim diſſe o Religioſo, queria lhe deſſe a conhecer o minimo tormento, que ſe padece no inferno. Veyo niſſo o condemnado, e logo abrindo o peito, exhalou de ſi hum fumo infernal; que ſó fumo podia ſer o minimo tormento, onde he fogo tudo o que atormenta. Foy porêm aquelle fumo, e o ſeu vapor taõ inſoffrivel, e taõ peſtilencialmente activo, que o Religioſo no meſmo inſtante ficou ſem vida, e da meſma cauſa morreraõ juntamente quantas peſſoas neſſe lugar habitaraõ. Até as aves, paſſando-lhe depois pelo ar eminente cahiaõ mortas. Ignorava-ſe a cauſa, até que por Divina revelaçaõ foy ſabida. Eſte, e ſimilhantes caſos ſaõ aſſombroſos; mas algumas vezes acontecidos por Divina diſpoſiçaõ, para que ſe deſperte o deſcuido humano, e no fumo, ou em ſimilhante indicio, conheçamos qual ſeja a voracidade do fogo, em que ſaõ as almas atormentadas no inferno.

26 Vio S. Joaõ no Apocalypſe, que ſe abria hum Templo, e a ſette Anjos ſe deraõ logo ſette caſos cheyos da ira de Deos: e o Templo, ſe encheo de tal fumo, que naõ houve quem nelle ſe atreveſſe a entrar: *Dedit ſeptem Angelis ſeptem phialas aureas, plenas iracundiæ Dei viventis in ſæcula ſæculorum, & impletum eſt templum fumo...* Apoc. 15. 7. 8.

& nemo poterat introire in templum. Eſtes vaſos da ira de Deos, ſegundo a fraſi da Eſcritura, eraõ as penas que padecem os condenados. O fumo as encobria, naõ dando ingreſſo no Templo a quem as houveſſe de examinar; porque as taes penas ſaõ neſta vida totalmente eſcondidas, e incomprehenſiveis aos mortaes, como expõem Primazio, Ansberto, Richardo, e outros. Pois que revelaçaõ taõ extravagante he eſta? Quer Deos moſtrar-nos a atrocidade das penas do Inferno, ſignificadas naquelles ſette vaſos de ſua ira: *Septem phialas aureas, plenas iracundiæ Dei*; e as encobre com o fumo, para que ſe naõ poſſaõ ver: *Et templum impletum eſt fumo: & nemo poterat introire in templum?* Sim; porque para ſe entender o que ſerá eſſe ardentiſſimo fogo dos tormentos do Inferno, baſtará que vejamos qual ſeja a inſoffrivel actividade do fumo delle. Diſcorrey agora, e inferi tambem. Se o fumo, que ſahio do peito de hum condenado, baſtou para matar quãtos viventes comprehendeo: ſe o fumo, que com os tormentos do Inferno ſe repreſentava naquelle Templo, baſtou para que nelle ninguem pudeſſe entrar: *Et nemo poterat introire in templum*; que ſerá o fogo, em que eſſes miſeraveis ſaõ atormentados no inferno! Como ſerá intenſo! e ardente! Como ſerá voraz, e actívo! Ora com S. Boaventura concluamos, e aſſentemos já, que o fogo deſte mũdo, comparado ao do Inferno, parecerá pintado: *Dicitur ignis ille ad ignem noſtrum, tanti eſſe caloris, quanti noſtri ignis ad pictum.*

§. V.

§. V.

27 PArece que sufficientemente damos a entender, quam atroz, e grave tormento seja para os condenados o fogo, em que estaõ ardendo; pois bem o póde conjecturar a razaõ, tendo ponderado, que Deos se quiz servir do instrumento de mayor violencia para atormentar os reprobos: que o fumo delle basta para tirar a vida a quantos comprehender, sendo mortaes: e ultimamente, que o fogo elementar deste mundo, em sua comparaçaõ, he como pintado. Crede-me porém, que ainda está por se dizer o que faz este fogo mais horrivel. O que está dito he o menos: o mais he, que se melhor reflectirmos neste ponto, viremos á entender, que o fogo do Inferno naõ parece violento, nem activo; elle he o que parece pintado em comparaçaõ do nosso fogo. Sim he intenso, he ardente, pois he verdadeiro fogo; mas naõ voraz, nem consumidor do que abraza; e por isso nesta parte he como se fóra pintado, ou como se naõ fóra fogo. Já houve quem lhe chamou, *Ignis, non ignis*: fogo, que naõ he fogo; porque tem natureza de fogo, sem propriedade a mais necessaria do fogo. Hum fogo taõ ardente, e em voracidade, para reduzir a cinzas o em que se têa! Hum fogo taõ intenso, e sem actividade, para consumir o que abraza! Isto digo eu ser o mais desse tormento insoffrivel; porque para os condenados (fallando da pena dos sentidos) naõ póde haver o Inferno mayor horror, que o serem atormentados com hum fogo, em que a ordem da natureza assim se acha variada, e assim está pervertida na suspenõ de seu effeito. Villar, cit.

28 Disse Job, que naõ ha ordem no Inferno, mas

Job. 10. 22. sim hum horror eterno, e para sempre: *Ubi nullus ordo, sed sempiternus horror.* Os Santos Padres, com S. Agostinho, e S. Gregorio Magno, admiraõ a ordem que ha no Inferno, digna de que por ella se ostente admiravel, naõ só a Justiça, mas a Omnipotencia Divina; porque sendo o Inferno lugar destinado para tormentos, de que he executor o fogo, este sem ter differença no incendio observa as differenças das culpas, para atormentar mais, ou menos aos delinquentes, segundo pede a ordem da Justiça puni-

Apoc. 18. 7. tiva, e o merecimento de suas culpas: *Quantum glorificavit se, & in deliciis fuit, tantum date illi tormentum.* Como se tivera discriçaõ para examinar delictos, e os proporcionar á pena, menos abraza a Caîm, que só matou ao innocente Abel; e abraza muito mais a Herodes, que tirou a vida a tantos mi innocentes, solicitando que hum delles fosse Christo. Menos a cobiça de Jezabel, que fez apedrejar Naboth; e mais a de Judas, que o fez vender, e entregar a Christo. Menos a Trajano Gentio, e mai a Juliano, que se fez Apostata, ambos perseguidore da Igreja. A mesma ordem, naõ alterãdo as chammas vay observando com todos os reos, sem faltar, o exceder na pena, porque a distribue igualando-a a merecimento das culpas de cada hum. E que sendo no Inferno taõ admiravelmente ordenada a recti daõ da Justiça, diga Job q̃ no Inferno naõ ha ordem, *Ubi nullus ordo!* Sim; porque naõ obstante serem os castigos com taõ justa ordem executados, no mesmo instrumento delles está a natureza totalmente variada, e a principal propriedade della inteiramẽ-

Villar. citatus cum D. Thom. in 2. sent. dist. 6. te desordenada. *Ordo in criminum punitione, sed non in rerum proprietate*, dizem os Expositores seguin-

eguindo a S. Thomaz. Os tormentos do Inferno se
omprehendem todos no fogo, como disſemos; por-
ue todos obraõ queymando, e abrazando como
ogo: porêm neſte ſe vê pervertida a ordem da na-
ureza, por lhe faltar a qualidade, e propriedade do
ogo. Tudo conſome o fogo, e tudo reduz a cinzas;
nas o do Inferno abraza os condenados, ſem os con-
umir. Ardem em fogo, ſem que eſte os poſſa redu-
ir a cinzas. E taõ variada ordem da natureza no fo-
o, he o tormento de mais horror, que póde haver
o Inferno. Aſſim o entendeo Strabo Benedicti-
o na Gloſſa ao noſſo Texto de Job. *Ordo, non erit,* Gloſſ Ordin
uia in ſuppliciis qualitas rerum non ſervatur, un- in Job. 10.
e addit: Sempiternus horror.

29 O Texto aponta a razaõ de ſer eſta deſor-
em taõ horrivel, e he; porque della reſulta ſerem
s penas do Inferno eternas, e para ſempre: *Nul-*
us ordo, ſed ſempiternus horror. Se o fogo infer-
al tivera actividade para conſumir, e deſfazer em
inzas aos miſeraveis, que ſe abrazaõ nelle, naõ
urára o ſeu tormento hum minuto; porque os con-
umira em menos tempo: mas como lhe falta eſſa
atural propriedade, eſtaráõ para ſempre ardendo,
por toda a Eternidade ſe eſtaraõ abrazando em
uas chammas. Ateado huma vez o fogo, naõ acaba
e arder, em quanto acha materia, que o alimente;
como as almas haõ de durar no Inferno para ſem-
re, e por toda a Eternidade haõ de conſervar irre-
niſſivelmente as culpas com que nelle entráraõ;
reciſo he que para ſempre as abraze o fogo, que
e ateou nellas. *Merito ultio ſempiterna deſæviet,* D. Bern. de
ruod nunquam poſſit culpa deleri: diz profunda- Converſ. ad
nente S. Bernardo. E poderá no Inferno (dizey- Cler. c. 5.

me) haver couſa mais horrivel para os condenados, que a Eternidade de ſuas penas? Concluiremos todos, que naõ. Arder no fogo do Inferno! Grande horror. Mas arder em tal fogo para ſempre: ſem eſperança de conſumir! Sem fim, e ſem eſperança de o ter! Mayor, e incomparavel horror. Por iſſo Job medio o horror do Inferno pela Eternidade; porque o fogo delle, e qualquer tormento dos condenados, por ſer eterno, ſe faz infinitamente mais horrivel do que em ſi he: *Sempiternus horror.*

30 Horror, he huma perturbaçaõ, e afflicçaõ de animo, com temor interno, e tremor externo, por occaſiaõ de algum objecto horrivel, ou caſo formidavel. E poderá haver couſa mais formidavel, e mais horrivel, ou que mais faça temer, e tremer, do que eſſa Eternidade de penas? Naõ houvera no Inferno Eternidade; e naõ ſeriaõ taõ horriveis os ſeus tormentos. David, aquelle Principe taõ animozo, e esforçado, muitas vezes conſiderava no fogo, e nas penas, com que os peccadores ſaõ atormentados no Inferno: *Pluet ſuper peccatores laqueos, ignis, ſulphur, & ſpiritus procellarum, pars calicis eorum*; mas naõ perdia a conſtancia de ſeu eſpirito, para louvar a Deos, e glorificar a ſua Juſtiça: *Quoniam juſtus Dominus, & juſtitias dilexit.* Occaſiaõ houve, em que as dores do Inferno o cercáraõ por toda a parte: *Dolores Inferni circumdederunt me:* e neſte aperto, que faria aquelle intrepido coraçaõ? Recorreo a Deos, clamou a elle, e ſe achou livre do horror, e aperto, que o affligia: *Invocavi Dominum, & exaudivit de templo ſancto ſuo vocem meam.* Em huma noite porêm, ſe pôs a meditar ſobre o Inferno, e dividio a ſua meditaçaõ

Pſal. 10. 3 v. 7. 8.

Pſal. 17. 6.

ditaçaõ em dous pontos. No primeiro, conſiderou na Eternidade de ſuas penas: no ſegundo, ſe a ellas o condenaria Deos para ſempre; porque os Santos ſaõ os que mais temem os juizos de Deos, o deſcahir da ſua graça, e deſmerecer ultimamẽte a ſua Gloria: *Anticipaverunt vigilias oculi mei. Cogitavi dies antiquos, & annos æternos in mente habui: & meditatus ſum nocte cum corde meo. Nunquid in æternum projiciet Deus?* Neſta meditaçaõ, ou neſtes dous pontos della, ſe achava David taõ perturbado, taõ cheyo de afflicçaõ, e anguſtia, que nem huma ſó palavra podia proferir: *Turbatus ſum, & non ſum locutus*, diz o meſmo Pſalmiſta: e Euthymio expõem: *Afflictionibus, & anguſtiis confuſus ſum.* Pois David, que attendendo para os tormentos do Inferno, e para o fogo, em que ſe abrazaõ os condenados, compunha Pſalmos para cantar louvores á Divina Juſtiça: David, que conſiderando-ſe no meyo das penas do Inferno, recorria a Deos ſem ſe perturbar, e clamava a elle; agora que medita na Eternidade das meſmas penas, e dos meſmos tormentos, tanto ſe perturba, e tanto ſe afflige, que nem lhe occorre dar vozes, e clamar a Deos, que o ouvirá neſta occaſiaõ, como nas outras o ouvio? Sim; que tanta he a diſparidade, e a differença que ha nos tormentos do inferno, ſe os conſiderarmos como eternos, ou ſe nelles conſiderarmos ſem reflexaõ para a ſua eterna duraçaõ. Na preciſa razaõ de tormentos, com que a Juſtiça Divina caſtiga as culpas dos reprobos, aſſim como Deos eternamẽte ſe eſtá gloriando nelles, aſſim David tinha materia, e acordo, para o louvar. Mas em ſe reflectindo, que eſſes tormentos, aindaque juſtos, ſeraõ eternos; até hum

Pſal. 76. v. 6. 7. 8.

Ibid. v. 5.

Euthy. hic.

coraçaõ como o de David se vê angustiado, e afflicto, e se perturba desórte, que lhe falta o acordo para recorrer, e clamar a Deos: *Annos æternos in mente habui. Nunquid in æternum projiciet Deus? Turbatus sum, & non sum locutus.*

31 Este he o summo horror daquelle fogo, que atormenta aos condemnados no inferno. Fogo que abraza sem consumir; antes parece que com as suas chammas conserva a materia, em que está ardendo. Agora vejo, que naõ sem mysterio nos admoesta, e adverte Christo, que os máos seraõ condemnados ao fogo eterno, fazendo tanta expressaõ daquella Eternidade: *In ignem æternum*; para que o horror della nos faça temer o fogo. Dissera eu, e talvez dissera mos todos, que o fogo he o que nos deve excitar ao temor da Eternidade; porque do fogo temos claro conhecimento, e experiencia: da Eternidade naõ. Vemos a violencia, e voracidade do fogo: sabemos, que atormenta insoffrivelmente; porque naõ ha quem possa por breve tempo soppportar, e soffrer o fogo de huma véla, ou de huma braza. Da Eternidade naõ temos experiencia, nem conhecimento. S. Gregorio Magno diz, que nós fallamos da Eternidade, como o cego do que naõ vê: *Cùm homo de æternitate differit cæcus de luce loquitur*; e he assim, porque a noticia, que temos da eternidade das penas, he unicamente por Fé. Mas o que esta nos ensina, e nós confessamos da Eternidade, he o que basta para nos fazer summamente horrivel o fogo, em que ardem eternamente os condemnados. Estaõ-se abrazando, naõ por hum dia, ou por hum anno: naõ por hum seculo, ou por muitos seculos. Arderáõ para sempre. Em quanto Deos for Deos, estaráõ ardendo;

D. Greg. Mag.

ardendo; porque nesse fogo arderão sem fim. Depois de se abrazarem por muitos seculos, se acharão como no principio, começando a arder: porque tantos seculos de incendio nem hum só instante diminuirão na Eternidade, e elles saõ condemnados a arder em fogo por huma Eternidade inteira: *In ignem æternum.*

§. VI.

32 E Para que (Senhor) ou para quem, castigo taõ exquisito, e pena taõ violenta? Para punir, e atormentar aos homens, creaturas taõ fracas, he necessario que se empenhe a força de vossa Omnipotencia, variando a natureza, ou a propriedade da causa, que escolhestes para instrumento da pena, e do castigo: *Contra folium quod vento rapitur ostendis potentiam tuam?* Naõ: mas quer Deos, que só com fogo sejaõ punidas as culpas dos condemnados, para que nesse tormento, e nesse fogo, até elles vejaõ o merecimento de suas culpas, e a summa Bondade de Deos, ainda quando os castiga. Obrando qualquer instrumento, a principal acçaõ hé do agente, que o move; só no fogo naõ assim, posto que seja instrumento da Divina Justiça, para punir os reprobos: porque o fogo por si mesmo queima, por si mesmo abraza, e em quanto acha materia, vay lavrando, sem acçaõ de exterior movente. Quem lhe applica a materia, atêa o fogo, e faz o incendio. Escolheo pois a Divina Disposiçaõ, e Clemencia unicamente o fogo para castigo dos reprobos; porque estes vejaõ, que se bem será Christo o que os julgue, e profira a pena de que se fizeraõ dignos, com tudo, elles mesmos saõ os executores de seu castigo, desde que em suas culpas offereceraõ inextinguivel

Job. 13. 25.

vel materia, para ſe atear o fogo, em que eſcolheraõ eternamente arder, tanto que peccaraõ.

Iſai. 50. 11. 33 Por Iſaias fallava Deos aos condemnados, e lhes dizia: *Ambulate in lumine ignis veſtri, & in flammis quas ſuccendiſtis.* Revolvey-vos no meyo deſſe fogo, já que vós meſmos accendeſtes as chammas em que ardeis. Tambem o confeſſaõ ja aſſim, mas ſem remedio, os condemnados, quando naõ podem negar no inferno, o que em vida naõ quizeraõ

Sapiẽt. 5. 13. conhecer: *In malignitate noſtra* (dizem elles, ſegundo nos referem as Divinas letras) *conſumpti ſumus.* Eſtamos ardendo em noſſas meſmas culpas, e nellas nos eſtamos conſumindo. Com razaõ o dizem; porque levando-as comſigo deſte mundo, ſe ateou nellas o fogo, em que no outro ſe abrazaõ. Em huns ſe atêa o fogo do inferno na ſoberba, em outros na avareza, em outros na incontinencia, em outros na ira, e em cada hum na materia de ſuas culpas. Santo Agoſtinho depois de hum apurado exa-

D. Aug. de Civit. lib. 20 cap. 16. me concluio, que naõ podem os homens neſta vida conhecer a natureza, e qualidades do fogo, em que na outra ardem os condemnados. S. Joaõ Da-

D. Damaſc. lib. 4. c. ult. maſceno diz, que eſte conhecimento reſervou Deos para ſi. As razoens, em que ſe fundaõ, ſaõ patentes; porque ſe o fogo he corporeo, como póde atormentar, e offender as almas, que ſaõ eſpiritos? Demais: o fogo ſó ſe conſerva tendo materia em que ſe alimente: acabando de conſumir a em que arde, acaba tambem o fogo. E que materia póde ſer eſta, que eternamente ha de durar, ſem que ateando ſe nella fogo taõ voraz, em que os eſpiritos tambem ardem, ſe acabe de conſumir? Só pódem ſer os peccados; porque naõ ſendo perdoados antes da morte,

ſaõ

saõ irremissiveis por toda a Eternidade: e só de tal materia sahiria o fogo, em que os espiritos podem arder. *Ipsa peccata sunt ignis materia, quia animam cremabilem faciunt*, diz Hugo Cardeal. E porque os condemnados, para o seu incendio, levaraõ nas suas culpas huma materia, que nunca se ha de consumir, e huma materia, que eternamente ha de durar; elles mesmos, e naõ Deos, accenderaõ para si o fogo, em que por toda a Eternidade haõ de arder.

Hug. in Ezechi. 39. 9.

34 Deos, ainda quando castiga, he pio; porque na sua Ira, nunca excede a sua Misericordia: *Non enim obliviscetur misereri Deus, aut continebit in ira misericordias suas.* Até no Inferno com os reprobos, ostenta no castigo a sua Piedade, como dizem os Theologos com o meu Grande Cassiodoro: *Et in punitione malorum, non est justitia sine misericordia.* Quanto mais a ostentará para com os que no mundo se achaõ ainda em estado de salvaçaõ? Piedade foy instituir hum Inferno de tanta atrocidade para os condenados; porque com esta pena intentava que os homens se abstiveslem de a merecer, e naõ houvesse quem a ella se condenasse. Piedade foy servir-se do fogo, mais que de outro algum instrumento, para castigo dos máos; porque, como se lhe faltará a deliberaçaõ contra elles, commetteo ao fogo a execuçaõ da pena dos reprobos, e a estes constituio arbitros do castigo proprio. Elles mesmos regulaõ para si a pena de que saõ dignos; porque tantas saõ as culpas, que commetteraõ, quantas saõ as chãmas, que ajuntáraõ, para por toda a Eternidade fazerem mayor, ou menor o seu incendio: *Ambulate in lumine ignis vestri, &*

Psal. 76. 10. ut legũt citandi Doctores.

Cassiod. in Psalm. 50. Theolog. cũ Mag. in 4. d. 45. & cũ D. Thom. in suppl. ad 3. p. q. 99. a. 2. ad 1.

in

in flammis quas succendistis. In malignitate nostra consumpti sumus.

35 E que sendo o Juiz taõ pio, e taõ compadecido, sejaõ os reos contra si mesmos taõ máos, e taõ obstinados! Deos taõ solicito em que os homens se naõ condenem á pena eterna daquelle fogo atroz, só preparado para castigo do Demonio, e seus Anjos: *Qui paratus est Diabolo, & Angelis ejus*; e os homens a peccar sem receyo de tormento taõ insopportavel, e de castigo taõ horrivel! Se naõ he falta de Fé, naõ deixa de ser locura. *Qui te cogitat, nec pœnitet, aut certè fidem non habet, aut cor non habet*; concluio S. Agostinho. Duvidar da pena, fora faltar a Fé: acreditá-la, e por hum breve gosto da vida expor-se a ella, quem negará que he locura? Que peque o Gētio, poderá ser desculpavel de alguma sorte; porque ou nega a immortalidade da alma, ou ignora, e naõ crê que para as culpas haja castigo na outra vida. Mas que peque o Catholico confessando, e credo q̃ para as suas culpas haverá o castigo do fogo eterno! Como será desculpavel a naõ ser louco? Dos que tem Fé muitos peccaõ, e naõ saõ loucos: se o foraõ naõ commetteraõ culpa. O certo he, que se arrojaõ a peccar, e se expõem ao castigo do eterno fogo do Inferno; porque chegada a occasiaõ de peccar, perdem a advertencia, e reflexaõ da pena que merecem, pela culpa que pertendem commetter: e logo depois engolfados em vicios, e habituados a elles, ou quando menos enlevados só nas cousas visiveis; se entregaõ a hum total esquecimento de pena taõ horrivel como he a eterna. Lẽbrem-se pois os que saõ Catholicos, e naõ saõ loucos; que no Inferno ha para castigo das culpas hum fo-

go,

Matth. 25. 41.

D. Aug. in soliloq.

go, que alêm de ser ardentissimo, será eterno: e continuamente empreguem o entendimento, e a memoria nesta pena, para que o horror della lhes sirva tambem de horror á culpa.

36 *Descendant in Infernum viventes*, dizia David. Descaõ os homens ao Inferno em quanto vivem. E como? Haõ-se de condemnar em vida? Naõ; antes para q̃ se naõ condemnẽ depois da morte, descaõ ao Inferno vivendo, diz S. Bernardo: *Descẽdant in Infernum viventes, ut non descendant morientes*; com a memoria, e com o entendimento descaõ ao Inferno em vida; e naõ commetteráõ culpas, que na morte os façaõ descer a elle em alma, e depois em corpo, e alma. Descer ao Inferno em vida com a memoria, he conservar nella huma presença daquelle fogo, em que os condemnados haõ de arder por toda a Eternidade. Descer ao Inferno com o entendimento, he examinar qual seja a intensaõ, e voracidade do incomparavel fogo do Inferno: he considerar o horror de sua Eternidade. Deyxará pois de se expor á condemnaçaõ do eterno fogo, quẽ conservar continuamente a memoria delle: *Descendant in Infernum viventes, ut non descendant morientes.* S. Jeronymo dizia, que em seus ouvidos sempre lhe estava soando a voz daquella trombeta, que por todo o mundo se ouvirá chamar os mortos a juizo: e alembrança deste universal juizo teve por effeito a vida taõ penitente, e admiravel de hum S. Jeronymo. Sôe tambem em nossos ouvidos perennemente a sentença, que nesse Juizo ha de proferir Christo contra os reprobos, quando os condemnar; porque se absterá da culpa quem na memoria conservar sempre a pena

Psal. 54.

D. Bern. de vit. solit.

do eterno fogo, a que será por ella condenado: *Discedite à me maledicti in ignem æternum.*

§. VII.

37 OUviſtes huma leve ſombra, e mal animada repreſentaçaõ da pena dos reprobos: fazendo agora reflexaõ nas palavras com que nos foy propoſta, e advertida pelo noſſo Interprete, notay que diz ſentencioſamente aſſim: *Æterna pœna acquiritur.* Pelo peccado ſe adquire, e ſe lucra huma pena eterna. Oh ganancia, oh commutaçaõ verdadeiramente indigna de quem he racional! Por hum peccado, por hum intereſſe, por huma payxaõ, por hum goſto, por hum appetite, vil, temporal, tranſitorio, e breve, adquirir hũa pena eterna, e tal pena, que ſó conſiderada faz horror ao entendimento! Achaõ os Theologos, que o meſmo entendimento ſente horror em conſiderar, quam grave tormento ſeja para huma creatura racional perder a viſta, e companhia de Deos para ſempre. Cauza-lhe horror o meditar, quanta deſgraça, e infelicidade ſeja incorrer no odio de Deos por toda a Eternidade, e ter a Deos eterno odio, ſem eſperança alguma de jamais tornar á ſua graça: *Animus contemplari exhorret, quid ſit Deo carére, ab ipſoque odio haberi, eumque viciſſim odiſſe, idque in perpetuum, abſque ulla ſpe in ejus gratiam redeundi.* E naõ cauſa horror aos homens commetter huma culpa, quando por ella perdem a Deos, Summo, e Infinito Bem, incorrem em ſeu odio, e ſe expõem a ter-lhe odio eternamente!

Domin. Soto in 4. ſent. d. 50. q. un. a. 4.

38 Será para o entendimento horrivel aprehenſaõ, meditar naquelle fogo taõ voraz, em que os condenados haõ de arder para ſempre, ſem eſperança de que alguma vez terá fim a ſua pena. E por ven-

ventura naõ será muito mais horrivel á razaõ, que por huma paixaõ temporal, por huma conveniencia transitoria, por hum gosto breve desta vida, queiraõ os homens sujeitar-se a taõ horriveis penas da outra vida? Fieis, antes que commettais o peccado, considerayprimeiro, que por elle vos obrigais á pena do fogo ardentissimo, e eterno: e consideray muito mais, se podereis soppor tar por toda a Eternidade essa pena taõ horrivel: *Quis poterit habitare de vobis cum igne devorante? Quis habitabit ex vobis, cum ardoribus sempiternis?* Quem poderá morar para sempre nas ardentes chammas do eterno fogo? Pergunta o Sagrado Texto. Levay na memoria esta questaõ, por ser a mais perceptivel, e a mais facil da presente materia, e em quanto lhe naõ achares soluçaõ, naõ cesseis de considerar nella. Em quanto lhe naõ deres reposta, naõ vos resolvais a peccar, porque naõ será bem que sem muita consideraçaõ vos entregueis á pena do fogo eterno, que pelo peccado se adquire: *Æterna pœna acquiritur.* Isai. 33. 14.

39 Contra a violencia, e voracidade do fogo, dous remedios ensinou a natureza, e aprendeo a experiencia: a saber, ou fugir delle, ou apagá-lo. Se quereis fugir do fogo eterno, em toda a vida conservay a memoria delle, diz S. Joaõ Chrysostomo: *Ne fugiamus supplicii memoriam, ne supplicio puniamur.* Se o quereis apagar, tambem o podeis fazer com lagrimas, chorando as culpas, com que haveis lucrado, e merecido o fogo eterno. Se para o Inferno correra todo o mar, naõ diminuiria o gráo minimo de seu calor, como bem alcança qualquer discurso, e advertio S. Boaventura: *Tanta est vis illius ignis, quod si totum mare in ipsum flueret, nec* D. Chrysost. Hom. in Epist. ad Thim. c. 1.

D. Bonav. Ser 1. de S. Laurent.

nec ipſum ad modicum temperaret: baſta porêm huma lagrima de contriçaõ perfeita, para extinguir o incendio de todo o inferno: *Lacrymarum tanta eſt vis, ut etiam valeat gehennam extinguere*; diſſe o Veneravel Pedro Collenſe: e a razaõ he; porque como as lagrimas apagaõ as culpas, que ſervem de materia a tal fogo, já eſte naõ póde atear-ſe na alma. Quem pois deſeja, e ſolicita naõ applicar materia, para arder no eterno fogo, com lagrimas ſe purifique; lavé com lagrimas aquellas culpas, com que tantas vezes tem merecido a condemnaçaõ ao eterno fogo: *Lava à malitia cor tuum Jeruſalem, ut ſalva ſias.*

Pet. Colleſ. lib. de Panib. c. 15.

SER-

SERMAÕ XIII.
NA TARDE DA QUINTA
DOMINGA
DA QUARESMA.

Lava à malitiâ cor tuum Jeruſalem, ut ſalva fias. Jerem. 4.

§. I.

NAS enfermidades agudas, e mortaes, os remedios mais exquiſitos ſaõ os mais approvados: *Extremis morbis extrema exquiſita remedia optima ſunt*, enſina Hippocrates; e ſendo todo o peccado grave, mortal enfermidade para a alma, neſta occaſiaõ, mais que nas precedentes, me he preciſo excogitar algum remedio exquiſito para o curar; porque depois de quatro remedios, que lhe applicámos, ainda naõ vimos alguma melhora de vida, nem emenda alguma nas culpas. Para a expurgaçaõ dos vicios propôs o noſſo Interprete cinco mo- Hipp. lib. 1 Aphor. 6.

tivos, ou cinco remedios, dos quaes era o primeiro, a fealdade, que com a culpa se imprime na alma: *Anima deturpatur*; o segundo, a injuria, que contra Deos se commette: *Deus inhonoratur*; o terceiro, a perda sempre lamentavel do tempo: *Tempus amittitur*; o quarto, a pena, que se merece para sempre: *Æterna pœna acquiritur*. Resta-nos o quinto, que he o prazer, e contentamento do demonio, vendo que Deos com tanta ingratidaõ, e injuria he dos homens offendido: *Diabolus exhilaratur*. Este, como exquisito remedio, se reservou naõ indiscretamente para desempenho dos mais. Depois das medicinas, e depois do ferro, o ultimo remedio das chagas he o fogo; e a que o fogo naõ sára he incuravel: *Quæ ignis non sanat immedicabilia sunt*, disse tambem Hippocrates. Já se applicou o remedio do fogo na precedente Dominga, na qual vos propuz o fogo do Inferno, em que por toda a eternidade arderá o condemnado: e como ainda naõ vimos inclinaçaõ de melhora, direy, muito a meu pezar, que as vossas chagas saõ incuraveis: *Immedicabilia sunt*. Mas porque naõ desprezemos este quinto remedio taõ exquisito; satisfarey o que está da minha parte, applicando-o: queira Deos façais vós quanto he da vossa, acceitando-o com a sua Graça.

Lib. 2. Aphor. 21.

2. Se desejais, e solicitais a salvaçaõ propria, purificay-vos de todo o vicio, attendendo ao grande prazer, com que peccando lisongeais ao demonio; pois naõ haverá para elle cousa mais agradavel que o peccado, por ser injuria, e offensa de Deos. Assim exclamaõ as palavras do nosso Texto, e do seu Interprete: *Lava à malitia cor tuum Jerusalem, ut*

salva

salva fias. Diabolus exhilaratur. Pelo arrependimento de hum peccador, se alegraõ os Anjos de Deos no Ceo: *Gaudium erit coram Angelis Dei super uno peccatore pœnitentiam agente.* Pois como se naõ alegraraõ no Inferno os Anjos de Satanaz, commettendo-se algum peccado! No Ceo se alegraõ os Anjos, quando hum peccador se arrepende, porque se lucra para Deos huma alma, que eternamente o ha de louvar, depois de o haver glorificado na terra por meyo da contriçaõ dolorosa. No Inferno se alegraõ os demonios com tantas culpas, que commettem os homens, porque festejaõ a condemnaçaõ delles ao Inferno, onde por toda a eternidade haõ de blasfemar de Deos, depois de o haverem affrontado, e injuriado na terra. Propriamente naõ póde haver alegria no demonio, porque he immudavel a sua pena, e a sua tristeza será eterna: mas pódem nelle haver mostras de gosto, e indicios de prazer: e naõ quiz o nosso Interprete significar mais, quando disse: *Diabolus exhilaratur.* O Doutor Angelico nos deo luz para entendermos ao Carthusiano: *Hilaritas est gaudii, vel exultationis in facie demonstratio.* Porêm dessas mostras, que o demonio dá de seu prazer, taõ injuriosas para Deos, devemos nós tirar os mais fortes estimulos de purificar nossos coraçoens: *Lava à malitia cor tuum Jerusalem, ut salva fias. Diabolus exhilaratur.* Deos queira que os saiba eu descobrir, e persuadir com efficacia, e os chegueis vós a perceber sem obstinaçaõ. Luc. 15. 10.

§. II.

3 PEccaõ os homens, e o Demonio dá moſtras de que ſe alegra; porque quando os vê peccar, entra com dezaffogo a blasfemar de Deos, enchendo-ſe de ſatisfaçaõ propria, nas injurias que profere contra a Juſtiça, e Miſericordia Divina. Notay o como. Faz o Demonio comparaçaõ da Divina Juſtiça, e da paciencia Divina: vê que commettendo elle hum ſó peccado de penſamento, tanto ſe deo a Juſtiça Divina por offendida, para o caſtigar: e vê tambem, que ſendo em nós ſem numero os peccados de obra, tanto ſe apura a Divina Paciencia para nos soffrer. Vê que ſendo elle obrigado á Deos ſó pelo beneficio da creaçaõ, huma culpa com que o offendeo baſtou para o condemnar: e vê que ſendo nós obrigados a Deos, naõ ſó pela creaçaõ, mas tambem (e muito mais) pela redempçaõ, repetimos ingratamente tantas culpas, ſoffridas por Deos, ſem caſtigo noſſo. Vê finalmente, que ſendo elle condemnado por máo, ſomos nós ſoffridos, ſendo peyores que elle. Dá entaõ moſtras de alegria, quando nos vê peccar, porque deſaffoga a ſua ira, e ſolta a ſua deſeſperaçaõ, proferindo blasfemias contra Deos: calumniando-lhe a Juſtiça, que elle uzou, e exprobrando-lhe a Miſericordia, que comnoſco uza.

4 Tenho por certo, que lá de ſuas infernaes cavernas clamaõ os Demonios contra Deos, dizendo: Vê, ó Altiſſimo, qual he a tua Juſtiça, e qual a tua Miſericordia: e acharás, que ſendo, além de iguaes, indiſtinctas, naõ podiaõ proceder com deſigualdade mayor, nem fazer mais eſcandaloſa diſtincçaõ de ſujeitos. Tanta Juſtiça para com huns eſpiritos nobiliſſimos,

lissimos; e tanta Misericordia para com a vileza dos homens? Tanta ira contra os Anjos, por hum peccado; e tanta paciencia com os homens, cujas culpas excedem todo o numero? Como te faltou a Misericordia, quando vistes a perdiçaõ de tantos espiritos? Como te falta a Justiça, para castigar aquelles ingratos, a quem remittes, entregando teu proprio Filho á morte, para lhes merecer a vida. Nem huma creatura sem teu auxilio se póde restituir á sua graça, nem dispor-se para a conseguir, depois de commettida a culpa, em que a perdeo; pois onde esteve a tua Justiça, quando com os homens, caidos na culpa, sem merecimentos seus, uzastes de taõ indiscreta Misericordia? Onde esteve a tua Piedade, quando com os Anjos uzastes de taõ horrenda Justiça? Na má conrespondencia dos homens, e nas culpas com que te aggravaõ, experimentarás agora a indiscriçaõ de tua Misericordia para com huns animos taõ ingratos. No meyo destas blasfemias, com que o Demonio exprobra a Justiça, e a Misericordia Divina, que mostras naõ dará de que se alegra!

5 David se pôs em certa occasiaõ a louvar a Deos, pelo muito que exaltou o throno, e cetro de Israel: *Primogenitum ponam illum, excelsum præ Regibus terræ: & thronus ejus sicut Sol in conspectu meo, & sicut Luna perfecta in æternum.* Naõ menos o louvou entaõ, pelo muito que honrou, e sublimou o seu povo entre todas as naçoens do mũdo; porque de todas as gentes foy temido o seu valor, e respeitado o seu nome: *Concidam à facie ipsius inimicos ejus, & odientes eum in fugam convertam.* Passando logo a ponderar quam ingrato foy

Psal. 88. v. 28, & 38.

v. 24.

este povo, e os seus Reys a tantos beneficios; entra muy condoido a representar a Deos os castigos, com que se viaõ pela Divina Justiça humilhados, e diz assim. Este povo Senhor, que em outro tempo foy o terror de todas as gentes, já agora teme as poucas forças de qualquer dellas: *Posuisti firmamentum ejus formidinem:* serve de opprobrio ás naçoens vizinhas: porque qualquer potencia basta para o vencer, e para o levar cativo: *Diripuerunt eum omnes transeuntes viam, factus est opprobrium vicinis suis.* Vós ajudais aos que o opprimem, e sobre tudo alegrais aos seus inimigos: *Exaltasti dexteram deprimentium eum, lætificasti omnes inimicos ejus.* Isto mesmo tinha o Real Profeta lamentado já d'antes, isto mesmo tinha representado a Deos: *Facti sumus opprobrium vicinis nostris, subsanatio, & illusio his, qui in circuitu nostro sunt.*

V. 41.

V. 42.

V. 43.

Psal. 78. 4.

6 Naõ me serve de admiraçaõ, que David se condôa da oppressaõ do seu povo, e assolaçaõ do Reyno de Israel; porque em seu animo devia ser natural este compassivo affecto. Porêm reparo em q̃ quando rogava a Deos, inclinasse a sua Piedade para aquelle povo taõ afflicto, lhe allegasse huma, e outra vez a alegria, que pelo castigo delle havia em seus inimigos: *Lætificasti omnes inimicos ejus: subsanatio, et illusio his, qui in circuitu nostro sunt.* Mas sem duvida, com razaõ muy digna de ser por Deos attendida. Euthymio a descobrio, e he; porque as naçoens barbaras alegrando-se com o castigo daquelle povo, mostravaõ o seu prazer nas injurias, e blasfemias, que contra Deos proferiaõ: *Exprobrabant autem Judæis vicini tantam desolationem, subsanabantque, quasi insipienter Deo credi-*

Euthym. in Psal. 78.

credidiſſent; diridebant eos. Diziaõ ao povo de Iſrael as naçoens idolatras: eſte que te deſemparou, eſte que te naõ defende agora do poder de teus inimigos, antes para teu caſtigo te ha poſto debaixo da oppreſſaõ, e cativeiro delles, naõ he aquelle Deos, a quem adoras, em quem punhas tua eſperança, e a quem attribuias o teu esforço? Conhece pois, como foy errada tua adoraçaõ, quam mal empregados os ſacrificios, q̃ lhe offereceſtes, e quam mal correſpondido o culto lhe davas. As irriſoens que os Barbaros faziaõ de Iſrael, conſtavaõ de opprobrios, q̃ proferiaõ contra Deos. Nas blaſfemias, que diziaõ contra Deos, moſtravaõ o prazer de verem opprimido, e caſtigado Iſrael: por iſſo David, zelando a honra de Deos, tanto ſe affligia de que ſe alegraſſem os Barbaros com as oppreſſoens de Iſrael: *Lætificaſti omnes inimicos ejus. Subſanatio, & illuſio his, qui in circuitu noſtro ſunt.*

7 Muday agora de penſamento, e entendey que vos eſtá dizendo David o meſmo que a Deos dizia. *Lætificaſti omnes inimicos ejus.* Alegraſtes ao demonio em cada huma culpa, que commetteſtes contra Deos: déſtes hum prazer grande aos ſeus infernaes inimigos; porque lhes deſtes occaſiaõ de ſe rirem, e blaſfemarem da Miſericordia, que uſou, e eſtá uſando com os homens, e da Juſtiça, que uſou com os Anjos no ſeu caſtigo. Déſtes-lhes occaſiaõ, para que irriſoriamente digaõ a Deos: Vê agora quam mal ſe empregou a tua Miſericordia com os homens, que ingratos a teus beneficios, aſſim te offendem. Vê quam mal ſe empregou a tua Juſtiça com os Anjos, que te ſeriaõ agradecidos, ſe com elles obraras o que uſaſtes com os homens. He ſem

duvida, que peccando os homens, ſe fazem muito peyores, que o demonio, como bem diſcorreo S. Joaõ Chryſoſtomo: *Per peccatum homo deterior redditur diabolo*; porque o demonio peccou huma ſó vez contra Deos ſeu Creador: os homens vezes ſem numero peccaõ contra Deos ſeu Creador, e ſeu Redemptor. Pois como ſe naõ alegrará o demonio, vendo que Deos he taõ mal conreſpondido daquelles com quem uſou de tanta Miſericordia? Como naõ blasfemará deſta, e da Juſtiça, que executou nelle! Com tudo: para confuſaõ do demonio, neſſas blasfemias, e prazer com que as profere, temos tres incentivos de fugir, e abominar as culpas, que ao demonio excîtaõ a blasfemar da Juſtiça, e Miſericordia Divina, quando nos vê peccar. He o primeiro, por ſer temeridade multiplicar offẽnſas contra Deos, que uſando de ſua Juſtiça, por huma ſó culpa condemnou tanta multidaõ de Anjos. He o ſegundo, por ſer ingratidaõ offender a quem com tanto amor nos remio, e com tanta Miſericordia nos eſtá ſoffrendo a nós, e naõ aos Anjos. He finalmente o terceiro, por naõ darmos occaſiaõ ao demonio de blasfemar contra Deos.

D. Chryſoſt. Hom. 30. ad pop.

§. III.

A Primeira razaõ de moſtrar o demonio em ſuas blasfemias, que ſe alegra, quando nos vê peccar, he; porque ſendo elle caſtigado por huma ſó culpa, eſtamos nós temerariamente multiplicando tantas culpas, por naõ ſermos, como elle foy, caſtigados. Ri-ſe o demonio de Deos, como exprobrando-lhe a Juſtiça: porque a falta deſta para nós, he a primeira occaſiaõ de multiplicarmos tantas culpas contra elle: e parece que tem a ſeu favor

vor o Sagrado Texto: *Quia non profertur cito contra malos sententia, absque timore ullo filii hominum perpetrant mala.* Neste sentido disse o grande Tertulliano, sentencioſa, e encarecidamente, que em Deos desfaz muito a sua paciencia: *Ita patiens est Deus, ut sibi suam patientiam detrahat.* Parece que com razaõ (se naõ fora querer Deos para sua gloria, dar exercicio á sua infinita paciencia, e longanimidade) porque se quando eu, e vós commettemos a primeira culpa, foramos castigados por elle, como os Anjos foraõ pela sua, nem eu, nem vós cahiramos em segunda, como nem elles cahiraõ. Mas o certo he, que se naõ fora tanta a nossa temeridade, naõ era necessario que cahindo nós no delicto a primeira vez, experimentassemos o castigo prompto, para naõ reiterarmos a culpa; porque para este fim nos basta a certeza, e a Fé do como por hum só peccado foraõ castigados os Anjos.

Eccles. 8. 11.

Tertul. de Patiēt. c. 2.

9 Apresentaraõ os Fariseos a Christo huma mulher adultera, para contra ella proferir a sentença, e determinar a pena merecida por seu delicto. E que faria a summa clemencia de Christo, á vista de crime taõ grave, e taõ provado? Pôs-se a escrever na terra: *Jesus autem inclinans se deorsum, digito scribebat in terra.* O que escrevia eraõ huns taes caracteres, que vendo-os qualquer dos accusadores, lia nelles distinctamente quantas culpas havia commettido em sua vida, e a sentença de sua eterna condenaçaõ. Assim dizem com a melhor opiniaõ S. Jeronymo, Santo Antonio, e Santo Alberto Magno. Por isso escrevia Christo na terra; porque nella se escrevem os nomes dos reprobos: *Recedentes à te in terra scribentur.* Em contraposiçaõ dos Justos, cujos

Joan. 8. 6.

Jerem. 7. 13.

Luc. 10. 20. cujos nomes eſtaõ eſcritos no Ceo: *Nomina veſtra ſcripta ſunt in Cœlis.* Sahiraõ pois os accuſadores condenados. E a criminoſa como ſahiria? Abſolta de culpa, e pena, ſó com a recommendaçaõ de que naõ tornaſſe mais a peccar: *Nec ego te condemnabo,* Joan. 8. 11. *vade, & jam amplius noli peccare.* Oh que ſentença (exclama neſte caſo Santo Agoſtinho) ao parecer taõ injuſta! Iſto naõ he fazer-ſe Chriſto fautor da culpa: *Domine faves ergo peccatis?* Que ſe póde eſperar de huma adultera ſem caſtigo, principalmente vendo indignada a juſtiça contra os que a accuſavaõ, ſenaõ que continue com mais reincidencia na culpa? De nenhuma ſorte: *Non ita plane*; reſponde o meſmo Santo Doutor. Só ſe deve eſperar, que nem por penſamentos torne a peccar outra vez: *Jam amplius noli peccare.* A razaõ he; porque Chriſto moſtrou á adultera, que os ſeus accuſadores eſtavaõ já condemnados, pelas culpas que haviaõ cõmetido; e eſte exemplo baſtava, para que nella naõ houveſſe a temeridade de cahir em algum peccado, pelo qual foſſe como elles condẽnada, ainda que por aquella vez ficaſſe perdoada: *Nec ego te condemnabo: vade, & jam amplius noli peccare.*

D. Aug. tract. 33. in Joan.

10 Para o noſſo caſo, e a noſſo intento. Que exemplo mais forte, e mais efficaz, para atemorizar os homens de ſorte, que ſe naõ atrevaõ a repetir culpas, do que a condemnaçaõ de Lucifer, e ſeus Anjos? Em numero excedem toda a multidaõ. Ao menos he certo, que ſe bem lhe naõ ſabemos a conta, he para a noſſa comprehenſaõ innumeravel. Na excellencia, e perfeiçaõ natural, excede cada hum a formoſura, e nobreza de quanto ſe comprehende em todo o mundo viſivel: e com tudo, por hum ſó

peccado

peccado condemnou Deos taõ eſtimavel, e excellente multidaõ de Anjos. E á viſta de tal exemplo, haverá ainda homens taõ temerarios, que ſe arrojem a offender a Deos naõ huma ſó vez, como os Anjos, mas muitas, e quaſi infinitas vezes? Sim ha; porque tanta he a temeridade dos homens. Porêm o que ſe devia eſperar, e ſuppor delles, he: que por naõ experimentarem a meſma condemnaçaõ dos Anjos, nem por penſamentos tornaſſem a offender a Deos, depois de perdoados a primeira vez: *Nec ego te condemnabo: vade, & jam amplius noli peccare.*

11 Acode neſtes termos a malicia humana a defender-ſe, e vay logo refugiar-ſe na fragilidade propria, dizendo: que como os Anjos, creaturas taõ ſublimes, ſó por malicia peccáraõ, juſto era faltaſſe para elles a piedade; mas naõ para nós, pois conhece Deos que a noſſa natureza, por fragil, na vileza propria tem hum deſpertador da compaixaõ Divina, para ſoffrer, e nos perdoar taõ repetidas culpas: *Ipſe cognovit figmentum noſtrum, recordatus eſt quoniam pulvis ſumus.* Mas he ſem controverſia, que nem os Anjos, por ſerem creaturas taõ nobres, podiaõ mais que nós, para naõ peccar: nem nós, por ſermos de natureza fragil, podemos menos que os Anjos para reſiſtir; porque nem aos Anjos, nem aos homens permitte Deos ſejaõ tentados ſobre as forças, com que os fortalece a Graça: *Fidelis Deus eſt, qui non patietur vos tentari ſupra id quod poteſtis.* Pſal. 102. 14

1. ad Corint. 10. 13.

12 Dado porêm, que naõ fora proporcionado o exemplo dos Anjos, para que a temeridade humana ſe atemorizaſſe com o caſtigo delles: ao menos na ira, com que Deos tantas vezes tem caſtigado as culpas

pas dos homẽs, aprendamos nós á naõ repetir offenſas contra elle, por naõ provocarmos o rigor de ſua ira contra nós. Naõ ſabeis, que por peccados dos homens foy o mundo todo ſubmergido nas agoas do univerſal diluvio? Naõ he certo, que em chammas ſe abrazou a regiaõ de Sodoma, e ſuas Cidades, pelas culpas de ſeus habitadores? Se vos parece que taõ tremendos caſtigos ſó vieraõ á terra, por culpas horrendas, e eſcandaloſas; olhay para tantos outros exemplos de eſtrago ſimilhante, por culpas muito menores. Quatorze mil Israelitas engolio de huma vez a terra por huma ſó boca, que abrio para os tragar, alêm de outros muitos, que na meſma occaſiaõ abrazou o fogo, por ſe haverem rebellado contra Moyſés. Cincoenta mil e ſettenta Bethſamitas cahiraõ mortos ao meſmo tempo: e porque? Por haverem olhado ſem cautéla para a Arca do Senhor, quando paſſava pelas ſuas terras. Ananias, e ſua mulher Saphira repentinamente morreraõ, ao meſmo ponto, em que faltaraõ á verdade do que lhes perguntava o Apoſtolo S. Pedro. E naõ ha para que ſe accumulem exemplos neſta materia, pois ſaõ tantos, e taõ ſabidos, que ſe faz impoſſivel a narraçaõ de todos, e eſcuſada a repetiçaõ de mais.

Genei 7.

Geneſ. 19.

Num. 16.

1. Reg. 6.

Actor. 5.

13 Confeſſo q naõ ſaõ menos os exemplos da Miſericordia Divina em nos perdoar; porêm os effeitos della naõ pódem ſervir de confidencia á noſſa malicia, para que obre, como ſe tivera a certeza do perdaõ. Seria temeridade offender a Deos, tomando occaſiaõ dos exemplos de ſua Miſericordia; porque naõ he razaõ ſejamos nós máos, fiados em que Deos he Bom. '*Nemo idcirco deterior ſit, quia Deus melior eſt*; diſſe Tertulliano. Attendamos para os caſti-

Tertul. lib. de Pœnit. c. 7

caſtigos que tantas vezes tem fulminado; porque para exemplo noſſo, cada caſtigo he huma eſtatua, que nos deſperta a memoria da Juſtiça Divina, contra a temeraria confidencia em ſua Miſericordia para o offendermos.

14 Olhando a mulher de Lot para ver o incendio, de q a livrára Deos por maons dos Anjos, foy convertida em eſtatua de ſal: *Reſpiciensque uxor ejus poſt ſe, converſa eſt in ſtatuam ſalis.* Porém reparo, em que a eſſe tempo, e com mais curioſidade, ſahindo Abraham de ſua caza, e buſcando accõmodado ſitio, delle ſe pôs a ver, e obſervar as chammas deſſe fatal incendio, em que Sodoma ardia: *Abraham autem conſurgens manè, ubi ſteterat prius cum Domino, intuitus eſt Sodomam, & Gomorrham*; e nem por iſſo foy caſtigado Abrahaõ. Prégando depois Chriſto aos Farizeos, lhes diſſe que tomaſſem exemplo no caſtigo da mulher de Lot: *Memores eſtote uxoris Lot.* Mas ſe no meſmo cazo em que para ella houve caſtigo, o naõ houve para Abrahaõ, como propõem Chriſto, para exemplo noſſo, a mulher de Lot caſtigada, e naõ propõem a Abrahaõ favorecido? Porque ſe veja, que obrando Deos como Miſericordioſo, naõ faz exemplo, para o offendermos confiados em ſua Miſericordia: quando porêm caſtiga, levanta eſtatuas á ſua Juſtiça, á viſta das quaes temamos a ſua ira. *Converſa eſt in ſtatuam ſalis. Memores eſtote uxoris Lot.*

Genes. 19. 26.

V. 27. 28.

Luc. 17. 32.

15 As culpas, quanto he de ſi, neceſſariamente ſe ordenaõ para o caſtigo: o ſerem perdoadas, he fóra da expectaçaõ, e merecimento dellas. Em meu juizo, commetter o delicto, eſperando que Deos por ſua Miſericordia o perdoe, naõ he temeridade

ridade menor, que excitar o incendio, para que Deos por ſua bondade o apague: ou tomar o veneno, eſperando que Deos por ſua benignidade lhe impedirá o effeito. Direis que a differença neſtas comparaçoens he grande; porque as cauſas naturaes ſó ſe impedem com milagres, para as quaes eſtá deſobrigado o concurſo do Author da natureza. Bem: e por ventura, eſtá Deos de alguma ſorte obrigado a impedir a ſua Juſtiça, para que deixe de caſtigar a huns, depois de caſtigar a outros taõ ſeveramente? Por ventura, quando Deos detém a ſua Juſtiça, e uza de ſua Miſericordia, naõ obra notoriamente hum milagre? Que mayor milagre obrará Deos, ſendo Juſtiſſimo, do que naõ caſtigar, ou perdoar huma culpa, precedendo tantos exemplos de culpas, que caſtigou?

16 Contra Moyſés ſe rebellaraõ Coré, Dathan, Abiron e Hon; zelozo porêm Deos da honra do ſeu Miniſtro, e do reſpeito, que ſe lhe devia, fez ſ a terra ſe abriſſe, e tragaſſe vivos a Dathan, Abiron, e Hon, com ſuas familias inteiras, ſem ſer de todas ellas exceptuada peſſoa alguma. Até os bens, e alfayas, que lhes pertenciaõ, tragou, e devorou a terra: *Dirupta eſt terra ſub pedibus eorum, & aperiens os ſuum devoravit illos cum tabernaculis ſuis, & univerſa ſubſtantia eorum.* Coré tambem pereceo, porque tambem foy ſubvertido com os mais; porém ſeus filhos milagroſamente foraõ exceptuados da pena. Uſou Deos com elles de Miſericordia, iſentando-os do caſtigo que executou no pay: *Factum eſt grande miraculum* (diz o Texto) *ut Coré pereunte, filii ejus non perirent.* Notavel cazo, e ſempre incomprehenſivel a todos os Interpretes

Num. 16. v. 31. 32.

Cap. 26. v. 10. 11.

pretes da Sagrada Hiſtoria! He muy verôſimil que nas familias taõ numeroſas de Dathan, Abiron, e Hon, ſe acharião peſſoas, que com elles naõ concorreſſem para a rebelliaõ, nem tiveſſem parte nella. Ao menos parece indubitavel, que a idade moſtraſſe, e defendeſſe a innocencia de algumas; porque ainda eſtariaõ na infancia, ou naõ chegariaõ aos annos da diſcriçaõ. Mas agravidade da culpa (he o mais que dizem os Expoſitores) fez que para exemplo, até os innocentes foſſem comprehendidos na pena.

17 Boa razaõ; mas tem contra ſi, que tambem na familia de Coré, ſendo o capataz, e principal motor da rebelliaõ, naõ podiaõ faltar alguns, que a ſeguiſſem; porque ſempre aos filhos parecem juſtificadas as paixoens, e inclinaçoens de ſeus pays: e com tudo foraõ perdoados todos os filhos de Coré, ſendo punidos todos os de Hon, Abiron, e Dathan. Além do que: Moyſés por diſpoſiçaõ Divina mandou lançar hum prégaõ, no qual admoeſtava, que todos ſe retiraſſem da companhia daquelles motores da ſediçaõ, ſe queriaõ naõ incorrer na pena, que os ameaçava, e ſobrevinha já: *Recedite à tabernaculis hominum impiorum, & nolite tangere quæ ad eos pertinent, ne involvamini peccatis eorum.* E porque as familias de Dathan, Abiron, e Hon, ſe naõ apartaraõ delles, juſtamente (dizem os Padres) com elles padeceraõ, e acabaraõ. Mas ſe os filhos de Core até o ponto do caſtigo permaneceraõ temerariamente na companhia do pay, como foraõ exceptuados na execuçaõ da pena? Cap. 16. 26.

18 Deyxemos para Deos a razaõ deſta juſtiſſima diſparidade, pois ſó elle comprehende a rectidaõ

daõ de seus incomprehensiveis juizos: e para o nosso ponto, entremos a reparar, e reflectir sómente no que acerca deste successo taõ raro diz Moysés, quãdo o refere: *Factum est grande miraculum, ut Coré pereunte, filii ejus non perirent.* Aconteceo (diz) nessa occasiaõ hum grande milagre, porque entre os milagres da Omnipotencia se reputará em toda a memoria por grandioso milagre, que tragando a terra a Coré, naõ offendesse a seus filhos. Podia haver milagre, que servisse de admiraçaõ a Moysés? Ao Deos de Faraó, que o venceo com prodigios, e que a todo o Egypto assombrou com tantos milagres, e taõ grandes, que nelle obrou, ha milagre que possa admirar por grande: *Factum est grande miraculum?* Naõ foy Moysés o que no Egypto fez, que debaixo de hum só Emisferio, e do mesmo Meridiano estivessem os Israelitas cercados de claridade, e luz, e os Egypcios cubertos ao mesmo tempo de sombras? Naõ foy Moysés o que fez que o mar Vermelho no meyo de suas ondas abrisse estrada para os Israelitas, que servio de sepultura para os Egypcios? Assim consta. Pois como se admira, e tem por grande milagre, que abrindo-se a terra tragasse a Coré, sem subverter a seus filhos? Porque nos milagres, que fez, via Moysés impedidos huns effeitos de causas naturaes, e limitadas: no perdaõ de huns peccadores, castigados outros taõ severamente, vio comodetida, e suspensa a execuçaõ da infinita Justiça de Deos; e isso era mayor milagre: *Factum est grande miraculum.*

19 No Egypto consistia o milagre, em que a luz chegando ao lugar onde habitavaõ os Israelitas, naõ passasse ao em que viviaõ os Egypcios. No mar o milagre

lagre era que as agoas estiveſſem divididas, e a estrada pelo meyo dellas aberta, em quanto o povo de Deos atraveſſava de huma parte até a outra. Em ambos os casos obedeciaõ as creaturas ao imperio do Creador, o qual punha termo á luz, para que a sua claridade naõ chegaſſe á habitaçaõ dos Egypcios; e ás agoas limitava o tempo de ſe conſervarem preternaturalmente divididas. Porêm quando o caſtigo naõ comprehendia aos filhos de Coré, conſiderava Moyſes que a Miſericordia Divina limitava os effeitos da Juſtiça Divina, para que a ſua execuçaõ chegaſſe aos quatro authores da ſediçaõ, e extendêdo-ſe a tres das ſuas familias, naõ comprehendeſſe a quarta; e ſempre iſto era mayor milagre; e tanto, que a Moyſés pôs em admiraçaõ: *Factum eſt grande miraculum, ut Coré pereunte, filii ejus non perirent.*

20 Naõ havemos eſperar milagres, para eſcaparmos ao caſtigo de noſſas culpas; nem de tal ſórte confiar na Miſericordia Divina, que naõ temamos a Divina Juſtiça igualmente. Deos he infinitamente zeloſo de ſua Juſtiça, e quer que eſte attributo ſe reconheça reſplendecer nelle, ainda quando mais nos eſtá moſtrando a ſua Miſericordia. Naõ ha diſtincçaõ em Deos entre a Miſericordia, e a Juſtiça: ſaõ ambas huma ſó couſa; e aſſim como na execuçaõ mais ardente de ſua Juſtiça dá moſtras de ſua Miſericordia: *Cùm iratus fueris, miſericordiæ recordaberis*; aſſim nas operaçoens de ſua Miſericordia dá a ver a cooperaçaõ de ſua Juſtiça. Dando o ſeu Unigenito Filho á morte, para redempçaõ do mundo, moſtrou Deos o mayor exceſſo de ſua Miſericordia; mas em nenhum outro effeito ſe verá taõ obſervado Habac. 3. 2.

servado o rigor de sua Justiça, como admirou S. Paulo. *Quem posuit Deus propitiationem per fidem in sanguine ejus, ad ostensionem suæ justitiæ.* Pela culpa estava o homem incurso na pena da condemnaçaõ eterna; e naõ tendo preço, nem meyos, para se remir della, entrou Deos cheyo de Misericordia a compadecer-se do delinquente, dandolhe seu proprio Filho, como se lhe differa: Aqui tens o preço da tua redempçaõ: em meu Unigenito Filho te dou o que me has de offerecer por ti; porque nenhum outro será justo preço de tua redempçaõ. E que acto poderá haver em que Deos ostente mais excessiva Misericordia: *Quid misericordius intelligi valet* (diz S. Agostinho) *quàm cum peccatori damnato æternis tormentis, & unde se redimit non habenti, Deus Pater dixit, accipe Unigenitum meum. & dà pro te?* Mas no meyo de tanta Misericordia, vede a exacçaõ da Justiça.

Ad Rom. 3. 25.

D. Ansel. lib cur Deus Homo. cap. 9.

21 He sem duvida, que bem podia salvar Deos o mundo, e remir o homem, sem ser por meyo da Payxaõ, e Morte de seu Unigenito Filho; mas escolheo este, porq em outro ostentaria sim o seu poder, e a sua Misericordia, e por este solicitava satisfazer exactamẽte a sua Justiça: *Non per solam potentiã, sed Deitatis, et iam per justitiam*, diz S. Agostinho. Este era o fim de ordenar a Providencia eterna padecesse Christo taõ insopportaveis tormentos, como foraõ os de sua Payxaõ; porque se bem para a culpa ser inteiramente remida, e satisfeita, era sufficientissimo qualquer merecimento de Christo, cuja Divindade communicava infinito valor, e preço ao mais leve de seus tormentos; com tudo, o rigor da Justiça ainda requeria mais, que cada tormento em Chris-

D. Aug. lib. 13. de Trinit. c. 13. 14. & 15.

Christo fosse taõ atroz, que bastasse para exactamente satisfazer a culpa, segundo a humana possibilidade, Ouçamos a S. Thomaz. *Christus voluit genus humanum à peccatis liberare, non solum potestate, sed etiam justitia: & ideo* (notay bem) *non solùm attendit quantam virtutem dolor ejus haberet ex Divinitate, sed etiam quantùm dolor ejus sufficeret secundùm humanam naturam ad tantam satisfactionem.* Que temeridade pois naõ será provocar com culpas, e offensas a hum Deos, taõ zelozo da reputaçaõ, e honra da Justiça! A veneraçaõ, e temor desta nos suspenda a deliberaçaõ de o offendermos, e naõ terá o demonio occasiaõ de se alegrar, e blasfemar contra aquella Justiça, que o condenou: *Diabolus exhilaratur.* D. Thom. 3. p. q. 46. a. 6. ad 6.

§. IV.

22 PAssando agora á materia do segundo motivo, que o Demonio tem para se mostrar alegre, quando nos vê peccar; que, como disse, he porque em nossas culpas acha estimulos para exprobrar a Deos aquelle infinito Amor, e aquella infinita Misericordia, com que nos remio, e está soffrendo: dissera eu, que a mesma irrizaõ, que o demonio faz da Misericordia, e Amor Divino para com os homens, descobre para nossa doutrina a censura mais intolleravel (posto que bem merecida) contra a ingratidaõ humana. He possivel que hajaõ os homens de offender a hum Deos taõ Misericordioso para com elles, que os remio á custa da sua vida, e os está soffrendo, depois de se mostrar taõ putativo para com os Anjos! Se Deos, porque nos ama, se fez Homem para nos remir: *Propter nimiam charitatem suam, qua dilexit nos, cùm essemus in* Ad Ephes. 2. v. 4. 5.

peccatis vivificavit nos in Christo; naõ deixaremos nós de o offender, pelo motivo só de que sendo Deos quiz ser noſſo Redemptor? Que razaõ mais forte ſe poderá deſcobrir, para convencer a noſſa malicia, e a noſſa ingratidaõ?

23 No Apocalypſe ouvio o Evangeliſta aos quatro celebres animaes, e aos vinte e quatro anciaons, cantando em honra do Cordeiro Divino eſte novo, e admiravel cantico. *Occiſus es, & redemiſti nos Deo in ſanguine tuo.* Senhor (diziaõ) por noſſo amor foſtes ſacrificado, e morto, e a preço de voſſo Sangue nos remiſtes para Deos. Logo todas as creaturas a huma voz diziaõ: O Cordeiro, que foy morto para nos remir, he digno de receber Virtude, Divindade, Sabedoria, Fortaleza, Honra, e Gloria: *Dignus eſt agnus, qui occiſus eſt, accipere virtutem, & Divinitatem, & ſapientiam, & fortitudinem, & honorem, & gloriam.* O Cordeiro era Chriſto, verdadeiro Filho de Deos, que do Padre recebe a Divindade, e com ella toda a Honra, Gloria, Sabedoria, e todos os mais attributos; mas aſſim como peccando as creaturas negaõ a Deos a gloria, e honra, que lhe he devida, e de ſua parte bem quizeraõ tirar-lhe a Divindade, e os ſeus attributos; aſſim lhe daõ honra, gloria, e Divindade, quando deteſtando as culpas, o amaõ, ſervem, e adoraõ. Eſte he o ſentir dos Padres com Dionyſio Carthuſiano, e dos Interpretes com A Lapide. Mas he ſem duvida, que para as creaturas abominarem a culpa, ſervirem, e adorarem a Chriſto, Divino Cordeiro, baſta a urgente razaõ de ſer elle o verdadeiro Deos, de quem recebem todas o ſer: pois ſe a materia, e letra daquelle cantico celeſtial, era cõpoſta para mais in-

Apoc. 5. 9.

V. 12.

induzir as creaturas ao amor, e obsequio de Christo, como as naõ excitavaõ com a memoria de ser elle o seu Creador, e seu Deos; mas sim com o reconhecimento de que as remio, á custa de seu Sangue, e de sua vida: *Redemisti nos Deo in Sanguine tuo. Agnus, qui occisus est.*

24 A razaõ bem patente, e perceptivel he; porque supposto Deos pela preciza razaõ de sua Divindade, deva ser de todas as creaturas adorado, amado, e servido, sem que absolutamente haja, ou possa haver motivo, que o faça mais digno de nosso amor, adoraçaõ, e obsequio; ainda se podem discobrir razoens, que mais nos convençaõ á conresponder com o que lhe deve a nossa gratificaçaõ. A principal entre todas he deduzida da Redempçaõ; porque se Deos, só porque he Deos, deve ser amado, servido, e adorado de todas as creaturas; quanto mais será digno de que os homens lhe rendaõ todo este obsequio, crendo, e confessando, que para os remir, e salvar quiz por elles padecer, e morrer? *Dignus est agnus qui occisus est, accipere virtutem, & Divinitatem &c.* Humas razoens convencem mais que outras; porque a efficacia dellas, ou se persuade mais, ou se percebe melhor: e a razaõ de que Deos por nós se fez Homem, padeceo, e morreo, he a que unicamente nos propõem com toda a evidencia os motivos que nos obrigaõ a servî-lo, amá-lo, e adorá-lo, com todas as forças, e potencias de nossa alma.

25 Deos, em quanto vivemos, naõ póde ser de nós conhecido como em si he. Olhamos para a grandeza, e formosura deste Universo, e em cada huma das creaturas ouvimos huma voz, que mudamente

eſtá perſuadindo, e encarecendo a bondade, ſabedoria, poder, e excellencia daquelle ſer, e primeira cauſa, que com huma palavra as creou de nada. Porêm vozes de creaturas, que naõ comprehendem o que Deos em ſi he, naõ podem ter efficacia para perſuadir a adoraçaõ de que elle he digno. Em Chriſto Filho de Deos, falla a voz do Eterno Padre:

Ad Hebr. 1. 2. *Locutus eſt nobis in Filio.* Aſſim como ſó o Filho he a palavra que bem explica o que o Padre he: *Eructavit cor meum Verbum bonum*;

Pſal. 44. 1. aſſim a voz do Padre he a que ſó diz adequadamente o que he o Filho:

Luc. 10. 22. *Nemo ſcit quis ſit Filius niſi Pater.* Em Chriſto pois nos eſtá o Eterno Padre dizendo, que eſſe, e naõ outro, he o ſeu Filho, a quem ama infinitamente:

Luc. 9. 35. *Hic eſt Filius meus dilectus*; e como ſe o amára menos que aos homens, o entregou á morte, para que os homens viveſſem eternamente. Diz que eſſe he o Redemptor do mundo; porque ſó huma peſſoa Divina podia ſatisfazer pela offenſa, que ſe commetteo contra Deos. Diz finalmente que em Chriſto Cordeiro Divino ſacrificado, e morto pelo homens, quiz ſe manifeſtaſſe a ſua Juſtiça, taõ rigoroſamente executada em ſeu proprio Filho, para ſe conhecer melhor a ſua Miſericordia com os homens.

26 A' viſta pois de taõ incomprenſivel Miſericordia, que Deos uzou com os homens, dando-lhes por Redemptor o ſeu meſmo Filho, pedia a razaõ, que todos conreſpondeſſem agradecidos com aquella honra, amor, e adoraçaõ que merece aos homens, quem deo por elles a vida: *Dignus eſt agnus, qui occiſus eſt, accipere virtutem, & Divinitatem &c*; porque tanto exceſſo de Miſericordia devera

vera obrigar aos homens taõ extremosamente, que nem liberdade tiveſſem para offender ao ſeu Redemptor. Dizia S. Paulo, que o amor com que Chriſto morreo pelos homens, nos põem a todos em tal aperto, e urgencia, que naõ vivamos já para nós, mas para elle ſomente: *Charitas Chriſti urget nos,.. ut, & qui vivunt jam non ſibi vivant, ſed ei qui pro ipſis mortuus eſt.* Vivermos para Chriſto, e para nós naõ, he vivermos como ſe por ſeu amor naõ houvera em nós vontade propria: ou como ſe naõ houvera em nós mais vontade que a de Chriſto, dizem os Commentadores com S. Anſelmo: *Non ſuæ gloriæ, voluptati, aut voluntati vivant, ſed Chriſti.* Com razaõ, porque os ſervos aſſim como carecem de liberdade, tambem carecem de vontade propria; e remindo Chriſto aos homens da eſcrividaõ do demonio, os fez ſervos ſeus por titulo de redempçaõ. Pois como lhes ficaria uzo de vontade propria, ou liberdade, para ſeguirem mais vontade que a de Chriſto? Mas ſe Deos a todos os homens dotou de arbitrio livre, para que poſſa cada hum ſeguir o que a vontade eſcolher; que urgencia lhes ha de fazer o amor de Chriſto, para que da vontade delle ſe naõ apartem? Grande, e a unica com que ſe poderá violentar ſuavemente, ou neceſſitar a liberdade humana. Notay. A vontade, ainda que livre, naõ tem eſcolha contra o imperio da razaõ propria; porque como cega, em tudo neceſſita de ſer guiada pelo entendimento: e em quanto eſte reconhecer, que Chriſto morreo para nos remir, naõ poderá ter diſtame, com que Deos ſe offenda; porque todas as ſuas perſuaſoens á vontade, preciſamente ſe haõ de dirigir em obſequio, e honra daquelle Deos, que

2. Ad Corint 5. v. 14. 15.

D. Anſ. A Lap. in hunc locũ

para nos dar á vida se entregou á morte: *Charitas Christi urget nos, ut et qui vivunt, jam non sibi vivant, sed ei qui pro ipsis mortuus est.*

27 As causas inferiores, assim como saõ subordinadas ás superiores, assim saõ por ellas movidas. A vontade, como inferior, he regida pelo entendimento: e naõ sey com que delirio persuade este á vontade huma offensa contra quem nos remio á custa da propria vida. Aquelles Anjos que executaraõ o incendio de Sodoma, avizáraõ a Lot que se tirasse até onde o naõ offendessem as chammas. Porém Lot naõ acabava de se pôr em salvo. Segunda vez o advertiraõ, e instaraõ com elle os Anjos, para que sahisse da Cidade; e porque Lot se naõ resolvia a fazê-lo, á força pegaraõ delle, e o puzeraõ onde naõ chegaria o incendio: *Dissimulante illo, apprehenderunt manum ejus .... eduxeruntque eum, & posuerunt extra civitatem.* Parece que indiscretamente se empenhavaõ os Anjos em salvar a Lot; porque ou Lot os acreditava, ou naõ? Se os acreditava, e naõ fugia ao incendio, morresse nelle, por temerario. Se os acreditava, acabasse no mesmo incendio, como obstinado. Ora o certo he que, ainda supposstas estas razoens, attenderaõ os Anjos ao que naõ podiaõ faltar. Advertiraõ que na precedente noite se expoz Lot a perder a vida para os defender da violencia, que lhes fazia o povo de Sodoma; e como se lhes faltara a liberdade para obrar, naõ se podiaõ os Anjos resolver, nem tinhaõ acçaõ contra quem expôs a propria vida para os livrar do tumulto, e violencia do povo. Da mesma sorte, naõ haveria em nós liberdade, e deliberaçaõ para offendermos a Deos, se bem quizeramos reflectir, em

Genes. 19. 16. 17.

que

que Chriſto, para nos remir, e ſalvar, deo a propria vida, e ſe entregou á morte. Eu me declaro mais, para que me percebais melhor.

28 He certo que os Bemaventurados, por condiçaõ, e propriedade de ſeu glorioſo eſtado, ſaõ impeccaveis; porque para peccar lhes falta a liberdade, e por iſſo a tem mais perfeita, quando ſó para peccar a naõ tem. Mas qual ſeja o immediato principio deſta impeccabilidade, he toda a duvida, e grave queſtaõ entre os Theologos. O mais provavel he, que da clara viſta de Deos naſce nos Bemaventurados o ſeu beatifico amor, e deſte a impeccabilidade; porque aſſim como naõ podem deixar de amar a Deos, aſſim o naõ pódem offender, nem peccar. O meſmo amor, que lhes tira a liberdade, para querer o que ſe oppõem á vontade, e amor de Deos, lhes tira a liberdade para peccar. Eſta felicidade naõ he para a vida mortal; porque o deſcanço da paz naõ ſe logra entre os perigos da guerra. Com tudo, S. Paulo diz, que nenhum trabalho, nenhum perigo, nenhuma tentaçaõ, nenhuma aſtucia fará deſcahir da graça de Deos aos que o amaõ perfeitamente em Chriſto: *Certus ſum enim, quia neque mors, neque vita, neque Angeli, neque principatus, neque virtutes, neque inſtantia, neque futura, neque fortitudo, neque altitudo, neque profundum, neque creatura alia poterit nos ſeparare à charitate Dei, quæ eſt in Chriſto Jeſu.* Difficultoſo Texto; porque a experiencia parece que o eſtá impugnando. Com tudo, S. Lourenço Juſtiniano o explicou muy ajuſtadamente ás regras da Theologia Myſtica, e Eſcolaſtica; porque diz, que quando huma alma perfeitamente ama a Deos, he delle attrahida, e arrebatada

Ad Rom. 8. v. 38. 39.

rebatada para naõ amar couſa alguma fóra do meſmo Deos, pois elle ſó he tudo quanto eſſa alma quer, e ama: *Amantem rapit in amabilem, quia ipſe in ſeipſo eſt quidquid in eo amabile eſt.* Daqui infere o Santo Doutor, que eſtando huma alma em gráo de amor taõ perfeito, já ſe póde julgar em eſtado igual ao dos Bemaventurados, ſó com a differença de vida mortal, ou immortal: *Quod cùm in eo fuerit perfectum, jam ſolo mortalitatis velo differt, ac dividitur à Sanctis Sanctorum, à ſumma illa beatitudine ſupercœleſtium.* Diſcorre bem; porque ſe para os que perfeitamente amaõ a Deos, naõ ha couſa agradavel, nem amavel, mais que Deos, nenhuma couſa os poderá apartar do amor de Deos, como nem aos Bemaventurados ha couſa que fóra de Deos ſeja amavel, e por iſſo do amor de Deos naõ ha couſa que os aparte: *Amantem rapit in amabilem, quia ipſe in ſe ipſo eſt, quidquid in eo amabile eſt. Neque mors, neque vita, neque Angeli, neque creatura alia poterit nos ſeparare à charitate Dei, quæ eſt in Chriſto Jeſu.*

D. Laur. Juſt in ligno vit. tract. de orat. c. 10.

29 E deſcobriremos nós algum meyo de chegar a eſſe gráo perfeitiſſimo de amar a Deos neſta vida? Sim; porque ſe com viva Fé nos entregarmos á memoria de que Chriſto nos amou taõ extremoſamente, que ſendo Deos, quiz por nós padecer, e morrer; tanto nós cativaremos de ſeu amor, que nem liberdade nos ficará para o offendermos. He ſentença de S. Gregorio Nyſſeno. *Quomodo enim te non diligam, qui me ſic dilexiſti, ut animam tuam poſueris pro ovibus, quas tu paſcis?* Como ſerá poſſivel, Senhor, ſó vos eu naõ ame (perguntava o Santo) amando-me vós tanto a mim, que por me remir chegaſtes

D. Nyſſæn. Hom. 2.

gàstes a dar a vida? Desorte que, no entender desse Grande Padre da Igreja, se representava como imperceptivel, ou impossivel, haver quem naõ amasse a Deos, se o confessava seu Redemptor, á custa da propria vida. Melhor ainda nos ensinará esta doutrina aquella alma dos Canticos de Salomaõ, taõ pratica em amar perfeitamente a Deos, como acertada nos meyos, e regras mais infalliveis de o naõ offender.

30 *Indica mihi quem diligit anima mea, ubi pascas, ubi cubes in meridie, ne vagari incipiam post greges sodalium tuorum.* Oh amado meu (dizia a Espoza Santa) day-me a saber, e a entender bem o mysterio daquelle ardente meyo dia de vosso amor, em que descançais, dando pasto delicioso ás almas pias, e devotas, para que jámais me naõ aparte de vós. Este meyo dia do amor de Christo, diz Philo Carpacio, e com elle outros, era a Cruz, em que Christo á hora do meyo dia, e na mais ardente fadiga de seus tormentos, descançou de todos os seus trabalhos, entregue ao somno da morte: *Petit quomodo Christus in meridie, id est, in ferventissimo dolorum, & tormentorum æstu, ad horam nempe sextam, in duro Crucis lectulo cubuerit.* E bem entendia a discreta, e Santa Espoza, que para se naõ apartar do amor, e graça de seu Esposo: *Ne vagari incipiam*; bastaria trazer no pensamento, e conservar em sua memoria a Christo crucificado: *Indica mihi ubi pascas, ubi cubes in meridie*; porque naõ haverá quem, lembrando-se do excessivo amor, com que Christo se entregou á morte para nos salvar, falte em conresponder-lhe com amor taõ intenso, e taõ perfeito, que imitando ao dos Bemaventurados, se impos-

Cant. 1. 6.

Philo Carp. Alap. in hũc loc.

impossibilite a offendê-lo: *Quomodo enim te non diligam, qui me sic dilexisti, ut animam tuam posueris pro ovibus quas tu pascis?*

31 Quando eu bem reparo, em que tenhamos liberdade, e deliberaçaõ para offender a hum Deos, que se fez Homem, padeceo, e morreo para nos remir, sem que taõ extremosas finezas prendaõ a nossa liberdade, e cativem o nosso amor, entro a duvidar, se he isto em nós falta de Fé. Eu naõ sey como póde offender, e injuriar ao Redemptor quem crê nos mysterios da Redempçaõ. O Lutherano, e o Calvinista fazem sem temor hum desacato á Hostia, que nós adoramos consagrada, porque naõ crem que nella esteja realmente Christo, posto que o confessáraõ, quando lhes pareceo honesto, e conveniente naõ contradizer o que naõ podiaõ negar. O Judeo se affronta de adorar a Cruz, porque nega, que o Crucificado nella era Filho de Deos. O Catholico, pelo contrario, offende com desprezo a Christo, e como diz S. Paulo, torna a crucificar o Filho de Deos quando pecca: *Rursum crucifigentes sibimetipsis Filium Dei:* e diz que tem Fé, e crê que Christo he seu Deos, e verdadeiro Redemptor! Isto pode ser? Póde, porque a Fé só se perde pela culpa da infidelidade. Mas que tal será a Fé, que tem nos mysterios da Redempçaõ quem offende ao Redemptor? He huma Fé, da qual com razaõ se póde rir o Gentio, e escandalizar o Judeo: *Prædicamus Christum Crucifixum, Judæis quidem scandalum, gentibus autem stultitiam.* O Judeo se póde escandalizar, vendo que offendemos a Christo, a quem confessamos por nosso Redemptor. O Gentio se póde rir, ouvindo-nos prégar, que Deos se fez Homem, e mor-

V. Becan. de Sacram. in 1pec. c. 18. q. 2.

Ad Hebr. 6. 6.

1. Ad Corint 1. 28. 1

e morreo para nos salvar, vendo, ao mesmo tempo, que ainda assim o offendemos. Finalmente, comparando a nossa Fé com as nossas obras, se póde tambem rir, e alegrar o demonio: *Diabolus exhilaratur*; por ver taõ mal servido, e taõ ingratamente correspondido quem nos remio a nós, e naõ a elle.

§. V.

32. ULtimamente: se o demonio mostra alegria quando nos vê peccar, porque tem occasiaõ de blasfemar contra Deos, contra a sua Justiça, e contra a sua Misericordia; por isso mesmo devemos nós abominar toda a culpa, por ser materia de irrizoens, e occasiaõ de taõ horrendas insultaçoens a huma Magestade suprema, a quem devemos servir, louvar, e adorar. Se em nós houvera perfeito zelo da honra de Deos, este motivo (como taõ heroico) bastára para nos contêr de o offendermos, e para evitarmos occasioens, em que o seu veneravel nome seja com tanto opprobrio, e irrizaõ blasfemado pelo demonio. David acceitou o desafio do Gigante, e naõ temeo entrar com elle á peleja, em que o risco de sua vida era taõ evidente, só por naõ ouvir os opprobrios que aquella boca infernal, chêa de jactancia proferia contra Deos: *Venio ad te in nomine Domini exercituum, Dei agminum Israel, quibus exprobrasti hodie.* Saul vendo-se mal ferido, mandou que lhe tirassem a vida, receando acabá-la em maons de Filisteos, que se haviaõ de comprazer, affrontando á hum Rey de Israel, e nelle a Deos, que o elegeo para o throno: *Percute me, nè fortè veniant incircumcisi isti, & interficiant me, illudentes mihi.* Este fim temporal teve Saul; e se bem naõ ha certeza da sorte que acharia na Eternidade, saõ

1. Reg. 17. 45.

1 Reg. 13. 4.

muitos

Lyra cũm DD. Hebr. in hunc locũ, & in 1. Paralip. c. 10

muitos os Doutores, que pelas circunstancias da morte, inferem que a teve boa. Tomar a morte por suas maons ninguẽ o approvará, sendo por cõmodo particular, ou respeito humano; mas entregar a vida como Saul, com estimulo superior, para que na pessoa do Rey de Israel naõ pudessem os Idolatras executar opprobrios, e insultaçoens contra o verdadeiro Deos; era fim taõ heroico, e taõ louvavel, que podia ser digno de eterna gloria. Por esta razaõ louva o Sagrado Texto o brio, e valor, com que Rasias, para si mesmo impio, se matou, antes que fosse occasiaõ de ser nelle insultado, e injuriado aquelle unico Deos, cuja ley inviolavelmente guardava: *Eligens nobiliter mori potius, quàm subditus fieri peccatoribus, & contra natales suos indignis injuriis agi.* Nós porêm, que em nada estimamos a honra de Deos, nenhum apreço fazemos de o offender lisongeando ao demonio, a quem, em cada vez que peccamos, offerecemos materia, para renovar insultaçoens, opprobrios, e irrisoens contra Deos.

2. Machab. 14. 42.

33 Disse-a eu (acertadamente se bem discorro) que peccando, conspiramos com o demonio, e com elle fazemos concordia contra Deos, para igualmente o affrontarmos: hum com a obra, outro com a palavra; hum com a maõ, outro com a lingua; porque ao mesmo tempo que o peccador commette a culpa, ao demonio move a lingua, e faz blasfemar contra Deos. Quando David peccou no adulterio com Bethzabee, e no homicidio de Vrias, Nathan o reprehendeo, dizendo-lhe que fizera aos inimigos de Deos blasfemar contra elle: *Blasphemare fecisti inimicos Domini.* Pois he de crer, que David fizesse blasfemar alguem contra Deos, sendo taõ zeloso

2. Reg. 12. 14.

loso da sua honra? Responde o Texto que sim; pela occasiaõ que lhes deo para que o fizessem. E se estivermos pelo que David nos dá a entender, e á sentir acerca das irrisoens, e blasfemias proferidas contra Deos pelo Demonio; vendo a qualquer homem peccar, poderemos affirmar com verdade, que o homem he o que diz as blasfemias, e irrisoens contra Deos, ainda que pelo demonio sejaõ proferidas.

34 Este Profeta, e penitente Rey pondera com muita individuaçaõ, e com muita miudeza expõem as circunstancias todas, e abominaçoens, em que precisamente incorrem os homens peccando, e conclue assim: *Posuerunt in cœlum os suum, & lingua eorum transivit in terra.* Puseraõ a boca no Ceo, e passaraõ a lingua para a terra. O pôr a boca no Ceo, segundo expõem S. Jeronymo, he proferir calumnias, e irrisoens contra Deos: *Irriserunt, & locuti sunt in malitia, calumniam in cœlo loquentes.* E haverá homem taõ sem temor de Deos, que além de o offender, se atreva a proferir calumnias contra elle, e a tratá-lo com irrisoens? Naõ. O demonio he o que faz essas irrisoens, he o que profere essas blasfemias contra Deos; mas nem o demonio teria para isso boca, se lhe naõ deraõ os homens occasiaõ com as suas culpas. Esta he a propriedade com que disse o Profeta, que a lingua dos peccadores passou para a terra: *Lingua eorum transivit in terra.* Passou para as bocas infernaes, que no centro da terra estavaõ sem lingua para fallar contra Deos: e nellas põem as suas linguas os que peccaõ, porque as movem a proferir tantos opprobrios contra Deos, e a fazer delle tantas irrisoens, como se foraõ pelas mes-

Psal. 72. 9.

D. Hieron.

meſmas linguas dos homens proferidas. As nuvens diz Moyſes que diſcorrem ſobre a magnificencia de Deos: *Magnificentiâ ejus diſcurrunt nubes*; porque a vaõ prégando por todo o mundo: *Prædicando per mundum*, expõem a Interlineal. Tambem os Ceos, como diz David, inceſſavelmente eſtaõ relatando, e publicando a gloria de Deos: *Cæli enarrant gloriam Dei.* Naõ porque em taõ alto aſſumpto poſſaõ os Ceos, ou as nuvens, ter vozes e palavras com que ſe expliquem; ſim porque nos offerecem inexhaurivel materia, para louvarmos, e admirarmos a gloria, e magnificencia do ſeu Author. Aſſim tambem. Os homens ſaõ os que por boca do demonio blaſfemaõ contra Deos, e o vituperaõ com irriſoens, todas as vezes que o offendem; porque peccando offerecem ao demonio occaſiaõ, e materia para o q̃ proferem, como ſe lhes fora ſuggerido, e inſpirado pela boca, e lingua dos homens: *Poſuerunt in cœlum os ſuum, & lingua eorum tranſivit in terra.*

Deutheron. 33. 26.

Interlin. ibid.

Pſal. 18. 1.

35 Agora para total comprehenſaõ, e abominaçaõ da injuria, e affronta, que a Deos fazem os homens, quando por occaſiaõ de ſuas culpas inſultaõ a Deos com irriſoens, ou ao demonio incitaõ para que o faça; quizera eu pôr na balança da razaõ mais ajuſtada, e nella examinar, e pezar, qual para Deos ſerá mais ſenſivel, e mais grave offenſa: a culpa cõmettida pelos homens contra elle, ou a inſultaçaõ, e irriſaõ, que com eſſe motivo faz o demonio, exprobrando, e vituperando a Deos as operaçoens de ſua Juſtiça, e de ſua Miſericordia? Naõ he difficil a deciſaõ; porque ſem controverſia he bem patente, que mais ſenſivel, e mais aggravante para Deos, he

ſer

ſer com irriſoens inſultado pelo demonio, quando o offendemos, que a meſma culpa, e offenſa por nós commettida contra elle. Vamos ao que aconteceo na peregrinaçaõ do deſerto, e ſe refere nos livros do Exodo, e Deutheronomio, onde acharemos approvada, e confirmada a noſſa reſoluçaõ.

36 Na auſencia, que por quarenta dias fez Moyſés, em quanto particularmente tratava com Deos no monte Sinai, para delle receber a Ley, e ouvir os preceitos, e ceremonias do antigo Teſtamento; o povo, ſempre inclinado a idolatrar, formou em Horeb os bezerros de ouro, e os adorou, e lhes offereceo ſacrificios. Indignado Deos por taõ grave culpa, e irado contra os idolatras, communicou a Moyſés a reſoluçaõ, que tomava de deſtruir, e acabar de todo aquelle povo taõ rebelde, e taõ ingrato: *Dimitte me, ut iraſcatur furor meus contra eos, & deleam eos.* Exod. 32. 10 Que diria, e que obraria neſte caſo Moyſés, que era taõ zeloſo da honra de Deos? Ouvireis agora. Que he, Senhor, o que intentais obrar? Quereis acabar, e deſtruir eſte povo? Rogo-vos, que o naõ façais; porque ſe encherâõ de goſto os Egypcios, achando larga materia para blasfemar de vós, e inſultar voſſo ſanto Nome, dizendo que com prodigios, e portentos, caviloſamente conduziſtes a eſte deſerto os Iſraelitas, para lhes tirares a vida, e lhes negares a ſepultura: *Nè quæſo dicant Ægyptii,* V. 12 *callidè eduxit eos, ut interficeret in montibus, & deleret de terra*; e foy de tanto pezo para Deos eſta razaõ, e ponderaçaõ de Moyſés, que com ella ſe applacou, e ſuſpendeo o caſtigo, com que na ſua mayor indignaçaõ intentava punir o delicto mais atroz daquelle povo: *Placatus que eſt Dominus, ne face-* V. 14

ret malum, quod locutus fuerat adversus populum suum.

37 Naõ póde passar o caso sem grave admiraçaõ nossa. O peccado com que o povo Israelitico tanto irritou a Deos, naõ podia ser mayor; porque era de idolatria: *Peccavit populus iste peccatum maximum, feceruntque sibi Deos aureos.* Naõ havia circunstancia que o desculpasse; porque concorriaõ todas as que o podiaõ fazer mais aggravante. E suspende Deos hum castigo taõ merecido, com o qual ostentaria a sua Justiça, e poria fim ao execrando vicio da idolatria? Sim, pela resultancia, que se previa já. Castigando Deos aquelle povo, como o seu delicto pedia; que naõ diriaõ os Egypcios contra o Deos de Israel? Que irrisoens naõ fariaõ contra o seu veneravel, e santo Nome? Pois para que Deos naõ seja, por este modo, mais sensivel, e mais gravemente affrontado; suspenda-se o castigo da idolatria, applaque-se a ira Divina, e naõ se exponha á injuria (ainda mais aggravante, e intolleravel) de ser a irrizaõ, e opprobrio de seus inimigos: *Nè quæso dicant Ægyptii, callidè eduxit eos, ut interficeret in montibus, & deléret de terra. Placatusque est Dominus, nè faceret malum.*

Ibid. 31.

38 Moysés corroborava a sua deprecaçaõ a favor do povo, com este empenho, ou com este raro encarecimento: *Aut dimitte eis hanc noxam, aut si non facis, dele me de libro tuo.* Peço-vos, Senhor, [dizia] que ou perdoeis a este povo a culpa, que commetteo, ou se assim o naõ haveis por bem, me risqueis do vosso livro, em que estaõ escritos os nomes dos vossos escolhidos. Rara difficuldade para os Expositores do Texto! Vendo Moysés huma publica

Vs. 31. & 32.

blica idolatria, taõ affrontoſa para Deos, póde ficar com vida; e eſcolhe ſer antes riſcado do livro da vida, que ver eſſes idolatras caſtigados? Parece que ſim, attendido o Texto: naõ porque preferiſſe o bem das creaturas á honra do Creador; mas porque receava, e previa o goſto, e prazer, com que os Egypcios haviaõ de blasfemar contra Deos: e no conceito de Moyſés era menos ſenſivel a graviſſima culpa da idolatria, que os vituperios, e irriſoens com que affrontariaõ a Deos ſeus inimigos: *Nè quæſo dicant Ægyptii, callidè induxit eos, ut interficeret in montibus, & deléret de terra.*

39 Daqui parece aprendeo David o modo de obrigar a Deos, quando o queria propicio para o perdaõ, porque tambem lhe rogava aſſim: *Exurge Domine adjuva nos, & libera nos propter nomen tuum.* Senhor, ajuday-nos, e livray-nos, naõ por nós, mas por vós, e pela reputaçaõ do voſſo nome: *Ut venerationi ſit nomen tuum, & ne ab idolatris blasphemetur*, expõem Euthymio. A voſſa honra, e o voſſo nome he o que unicamente vos póde obrigar a vós; attendey pois ao que de vós diraõ os que vos naõ adoraõ, e porque delles naõ ſejais vituperado, e blasfemado, uzay de piedade, e naõ de juſtiça com os que vos temos offendido: pois menos aggravantes vos ſeraõ as noſſas culpas, do que as irriſoens, e blasfemias, que contra vós ſe preparaõ pelo juſto, e merecido caſtigo de noſſas culpas: *Exurge Domine adjuva nos, & libera nos propter nomen tuum: Ut venerationi ſit nomen tuum, & nè ab idolatris blasphemetur.*

Pſal. 43. 26.

Euthym. hic

40 E ſe quereis a razaõ de ſer para Deos menos aggravante a culpa, que a irriſaõ com que o demo-

nio o insulta, quando o vê offendido, he; porque dos homens se o offendem, bem póde Deos exactamente reivindicar a sua honra, ou castigando, ou perdoando. Se os castiga, mostra que he Deos de Justiça para punir o delinquente: se perdoa, mostra que he Deos de Misericordia, para se compadecer da fragilidade contrita, e humilhada. Por hum, ou por outro modo, já aquella honra, que o peccador tirou a Deos offendendo-o, lhe fica restituida, ou pela contriçaõ, ou pelo castigo da culpa. Mas para as irrisoens, e opprobrios, com que o demonio applaude as offensas, que contra Deos se commettem, nem póde haver castigo, nem Misericordia. Castigo naõ, porque naõ está já o demonio em estado de merecer nova pena. Misericordia muito menos, porque para esta naõ ha lugar depois da condẽnaçaõ eterna. Pois se para Deos he mais aggravante, e sensivel a irrisaõ feita pelo demonio, que a mesma culpa commettida pelo homem, nos abstenhamos nós de mais peccar; porque em nossas culpas naõ tenha o demonio occasiaõ de mostrar, em suas irrisoens contra Deos, que se alegra vendo que o offendemos: *Diabolus exhilaratur.*

DD. cum Magist. in 4. dist. 50. in initio.

§. VI.

41 Estes saõ os estimulos, que devemos tirar das irrisoẽs, em que o demonio mostra o seu prazer, quando nos vê peccar, para com estes incentivos nos abstermos de toda a culpa: e esta he a ultima ponderaçaõ, que offerece o Carthusiano, Doutor Extatico, aos que solicitando a salvaçaõ eterna desejaõ purificar-se das culpas, com q tantas vezes tem merecido a eterna condemnaçaõ: *Lava à malitia cor tuum Jerusalem, ut salva fias.*

Qual-

Qualquer dos motivos ponderados nestas cinco tardes póde ser efficaz para este fim, se os nossos corações, despidos de obstinação, abraçarem as inspiraçoens com que Deos os chama na doutrina do seu Profeta, que ainda hoje a nós está clamando, como antigamente a Jerusalem. Ainda hoje nos está prégando a fealdade horrenda de huma alma, que pela culpa, além de perder a incomparavel formosura da Graça, tambem perdeo aquella natural formosura, tao imitadora da Divina, a cuja similhança foy creada, para ser huma perfeita imagem de Deos. Ainda hoje nos está propondo a gravissima injuria, que faz a Deos quem o offende, sem acatamento, e sem respeito á sua Immensa, e Infinita Magestade, como se naõ fora Deos, como se naõ fora Omnipotente, nem Immenso, nem Justo; para em toda a parte ser adorado, reverenciado, e temido. Ainda hoje nos está persuadindo quam grave seja a perda do tempo, que se naõ empregou em servir a Deos, para que se appliquem os meyos, com que se póde recuperar. Ainda hoje nos está despertando com a certeza de que seraõ eternas as penas, com que no Inferno haõ de ser punidas as culpas, os deleites, as utilidades injustas, que nesta vida foraõ temporaes, e de quasi instantanea duraçaõ. Finalmente: ainda hoje nos está exhortando, que commettendo nós qualquer peccado, ha no demonio claras mostras de prazer, porque lhe offerecemos larga materia para irrisoens, que faz, e blasfemias que diz contra Deos, contra a sua Justiça, e contra a sua Misericordia: *Anima deturpatur, Deus inhonoratur, tempus amittitur, æterna pœna acquiritur, Diabolus exhilaratur.* Penetre cada huma destas ponderaçoens

a obſtinaçaõ de noſſas almas, para que conhecendo o proprio damno, e perdiçaõ, e mais que tudo a offenſa, que pela culpa ſe faz a Deos, nos reſolvamos já de huma vez a purificar noſſos coraçoens para merecermos, e conſeguirmos a ſalvaçaõ eterna: *Lava à malitia cor tuum Jeruſalem, ut ſalva fias.*

FINIS.

INDICE

DOS LUGARES DA SAGRADA ESCRITURA.

Com os primeiros numeros se apontaõ os Sermoens: com os segundos os paragrafos de cada Sermaõ.

Ex Libro Geneſis.

1. 4. VIDIT Deus quod eſſet bona. VII. 7.
Vidit Deus quod eſſet bonum. Ibid.
26 Faciamus hominẽ ad imaginẽ, & ſimilitudinem noſtram. IX. 18. X. 21.
27 Creavit Deus hominẽ, ad imaginem Dei creavit illum. IX. 19. 32.
31 Vidit Deus cuncta quæ fecerat, & erant valdè bona. VII. 7.
2. 17. Morte morieris. IV. 10. 32.
3. 5. Eritis ſicut dii. X. 24.
8. Abſcondit ſe Adam et uxor ejus à facie Domini Dei. Ibid 7. 8.
10. Timui eoquod nudus eſſem, & abſcondi me. Ibid. 8.
19. Donec revertaris in terram de qua ſumptus es, quia pulvis es, & in pulverem reverteris. IV. 14.
22. Ecce Adam quaſi unus ex nobis factus eſt. X. 24.
4. 25. Peperit filium, vocavitque nomen ejus Seth, dicens: poſuit mihi Dominus ſemen aliud pro Abel. XI. 14.

6. 3. Erunt que dies illius centum viginti annorum. Ibid. 29.
6. Tactus dolore cordis intrinsecus. X. 21.
7. Delebo, inquit, hominem quem creavi. Ibid.
17. 19. Sara uxor tua pariet tibi filium. VIII. 29.
19. 16. Dissimulante illo apprehenderunt manum ejus. XIII. 27.
17. Et posuerunt extra civitatem. Ibid.
26. Respicienſque uxor ejus post se, versa est in statuam salis. Ibid. 14.
27. Abraham autem consurgens mane, ubi steterat prius cum Domino. Ibid.
28. Intuitus est Sodomam, & Gomorrham. Ibid.
22. 2. Tolle filium tuum unigenitum, quem diligis Isaac. I. 23.
17. Benedicam tibi, & multiplicabo semen tuum sicut stellas cœli, & velut arenam, quæ est in littore maris. Ibid. 22.
18. Et benedicentur in nomine tuo omnes gentes terræ. Ibid.
24. 67. Ut dolorem, qui ex morte matris ejus acciderat, temperaret. V. 18.
25. 21. Dedit conceptum Rebeccæ. VIII. 29.
29. 20. Videbantur illi pauci dies præ amoris magnitudine. V. 22.
30. 1. Da mihi liberos. VIII. 29.
31. 40. Fugiebatque somnus ab oculis meis. V. 22.
32. 26. Dimitte me, jam enim ascendit aurora. III. 3.
28. Nequaquam, inquit, Jacob appellabitur nomen tuum, sed Israel. Ibid.
33. 5. Parvuli sunt, quos donavit mihi Deus. VIII. 29.
35. 20. Erexitque Jacob titulum super sepulchrum ejus. III 22.
43. 3. Commota fuerant viscera ejus. II. 21.
49. 11. Lavabit in vino stolam suam, & in sanguine uvæ pallium suum. VII. 4.
26. Donec veniret desiderium collium æternorum. Ib. 3. & V. 32.

Ex Libro Exodi.

13. 22. NUnquam defuit columna nubis. III. 20.
28. 9. Sumesque duos lapides onychynos, & sculpes in eis nomina filiorum Israel. II. 25.
12. Portabitque Aaron nomina eorum coram Domi-

no super utrumque humerum. Ibid.
20. Inclusi auro erunt per ordines suos. Ibid.
29. Portabit Aaron nomina filiorum Israel in rationali judicii super pectus suum. Ibid.
35. Et vestietur eâ Aaron in officio ministerii, ut audiatur sonitus, quando ingreditur, & egreditur Sanctuarium. Ibid 43.
30 18. Facies & labrum æneum cum basi sua ad lavandũ. IX. 38.
19. Lavabunt in ea Aaron, & filii ejus manus suas, & pedes. Ibid.
32. 10. Dimitte me, ut irascatur furor meus contra eos. XIII. 16.
12 Ne quæso dicant Ægyptii, callidè induxit eos, ut interficeret in montibus, & deleret è terra. Ibid.
14 Placatusque est Dominus nè faceret malum, quod locutus fuerat adversus populum suum. Ibid.
31. Peccavit populus iste peccatum maximũ, fecerũtque sibi deos aureos. Aut dimitte eis hãc noxã, Ibid. 37. 38
32. Aut si hoc non facis, dele me de libro tuo. Ibid. 38.
33. 3. Non enim ascendã tecum, quia populus duræ cervicis es, nè fortè disperdam te in via. XII. 9.
4. Audiens populus sermonem hunc pessimũ luxit. Ibid.
5. Semel ascendam tecum, & delebo te. Ibid.
18. Ostende mihi gloriam tuam. IV. 30.
20. Non poteris videre faciem meam, non enim videbit me homo, & vivet. Ibid.
23. Faciem meam videre non poteris. Ibid.
38. 8. Fecit, & labrum æneum cum basi sua de speculis mulierum. IX. 38.

Ex Libro Numeri.

14. 14. NUbes tua protegat illos, & in columna nubis præcedas eos. III. 15. 33.
16. 31. Dirupta est terra sub pedibus eorum. XIII. 16.
32 Et aperiens os suum devoravit illos, cum tabernaculis suis, & universâ substantiâ eorum Ibid.
20. 25. Tolle Aaron, & filium ejus cum eo, & duces eos in montem Hor. II. 42.
26 Cũque nudaveris patrem veste suâ, indues eâ Eleazarũ filium ejus: Aaron colligetur, & morietur. Ibid.
28. Cumque Aaron spoliasset vestibus suis. Ibid. 45.
21. 6.

21. 6. Misit Dominus in populum ignitos serpentes. XII. 23.
8. Fac serpentem æneum, & pone eum pro signo, qui percussus aspexerit eum vivet. Ibid. 2. 3.
24. 17. Orietur stella ex Jacob, & consurget virga de Israel. Ibid. 2. 3.
26. 10. Factum est grande miraculum. XIII. 16.
11. Ut Coré pereunte, filii ejus non perirent. Ibid.

Ex Libro Deuteronomii.

25. 2. PRo mẽsura peccati erit & plagarũ modus. I. 12.
32. 21. Ipsi me provocaverũt in eo quod nó erat Deus. X. 11.
33. 26. Magnificentiâ ejus discurrunt nubes. XIII. 34.
34. 5. Mortuusque est ibi Moyses servus Domini, in terra Moab, jubente Domino. XI. 42. IV. 8
6. Et sepelivit eum. Ibid.

Ex Libro Judicum.

11. 26. QUare tanto tempore nihil super hac repetitione tentastis? XI. 20.
13. 23. Si Dominus nos vellet occidere, de manibus nostris holocaustum, & libamenta nó suscepisset. VI. 32.

Ex Libro primo Regum.

1. 5. ANnæ autem dedit partem unam tristis. II. 13.
2. 23. Quare facitis res hujuscemodi, quas ego audio, res pessimas ab omni populo? Ibid. 30.
24. Nolite filii mei, non enim est bona fama, quam ego audio. Ibid. 36.
25. Si peccaverit vir in virum, placari ei potest Deus, si autem in Dominum peccaverit vir, quis orabit pro eo? Ibid.
29. Magis honorasti filios tuos quam me. Ibid.
3. 18. Dominus est, quod bonũ est in oculis suis faciat. XII. 21.
9. 11. Num hic est videns? II. 30.
13. 1. Filius unius anni erat Saul, cũ regnare cœpisset. XI. 8.
15. 35. Non vidit Samuel ultra Saul, usque in diem mortis suæ; verumtamen lugebat Samuel Saulem. IX. 23.
17. 45. Venio ad te in nomine Domini exercituum, Dei agminũ Israel, quibus exprobrasti hodie. XIII. 32.
19. 24. Et prophetavit cũ ceteris coram Samuele. IX. 23.
31. 4. Percute me: nè forte veniant incircumcisi isti, & interficiant me, illudentes mihi. XIII. 32.

Ex

Ex Libro secundo Regum.

33. 31. PLangite ante exequias Abner. II. 4.
32. Cumque sepelissent Abner in Hebron, levavit Rex David vocem suam, & flevit super tumulum Abner, flevit autem & omnis populus. Ibid.
12. 13. Dominus quoque transtulit peccatum tuum. IX. 8.
14. Blasphemare fecisti inimicos Domini. XIII. 33.
18. 18. Erexit sibi titulum. III. 22.

Ex Libro tertio Regum.

2. 8. JUravi ei per Dominum dicens, non te interficiam gladio. II. 33.
3. 14. Si autem ambulaveris in viis meis, & custodieris præcepta mea, sicut ambulavit pater tuus, lõgos faciam dies tuos. XI. 11.

Ex Libro quarto Regum.

2. 8. TUlitque Elias palliũ suum, & involvit illud, & percussit aquas, quæ divisæ sunt inter utrãque partem, & transierunt ambo per siccum. IV. 26.
9. Obsecro ut fiat in me duplex spiritus tuus. Ibid.
10. Si videris me quãdo tollar à te, erit tibi quod petisti. Ibid.
14. Percussit aquas, & divisæ sunt huc atque illuc, & transivit Eliseus. Ibid.
15. Videntes autem filii Prophetarum, qui erant in Jericho è contra, dixerunt: requievit spiritus Eliæ super Eliseum. Ibid.

Ex Libro Tobiæ.

5. 26. NOli flere; salvus perveniet filius noster, & salvus revertetur ad nos, & oculi tui videbunt illum. V. 30.
28. Ad hanc vocem cessavit mater ejus flere, & tacuit. Ibid.
10. 3. Cœperunt ambo flere, eoquod die statuto minime reverteretur filius eorum ad eos. Ibid.
4. Flebat igitur mater ejus irremediabilibus lacrymis. Ib. 43. XI. 2
12. 13. Et quia acceptus eras Deo, necesse fuit ut tentatio probaret te. VI. 28.

Ex Li-

Ex Libro Job.

9. 13. SUb quo curvantur, qui portant orbem. X. 38.
10. 20. Dimitte ergo me, ut plangam paululum dolorem meum. V. 12.
22. Nullus ordo, sed sempiternus horror inhabitat. IX. 6. XII. 28.
13. 25. Contra folium, quod vento rapitur ostendis potentiam tuam. XII. 32.
14. 5. Constituisti terminos ejus, qui præteriri non poterunt. XI. 12.
15. 25. Tetendit enim adversus Deum manum suam. X. 10.
21. 7. Quare ergo impii vivunt? XI. 31.
13. In puncto ad inferna descendunt. Ibid.
17. Superveniet eis inundatio, & dolores dividet furoris sui. Ibid.
22. 13. Quid enim novit Deus? Et quasi per caliginem judicat. X. 29.
14. Nubes latibulum ejus, nec nostra considerat. Ibid.
29. 16. Pater eram pauperum, & causam, quam nesciebam, diligentissime investigabam. II. 5.
17. Conterebam molas iniqui. Ibib.
18. Dicebamque: in nidulo meo moriar, & sicut palma multiplicabo dies. Ibid.
31. 18. Ab infantia mea crevit mecum miseratio. Ibid. 32.

Ex Libro Psalmorum.

4. 7. SIgnatum est super nos lumen vultus tui Domine. IX. 32.
9. Dormiam, & requiescam. V. 2.
10. 7. Pluet super peccatores laqueos: ignis, & sulphur, & spiritus procellarum, pars calicis eorum. XII. 30.
8. Quoniam justus Dominus, & justitias dilexit. Ibid.
13. 1. Dixit insipiens in corde suo: non est Deus X. 29.
3. Sepulchrum patens est guttur eorum, linguis suis dolose agebant, venenum aspidum sub labiis eorum, quorum os maledictione, & amaritudine plenum est. XII. 16.
17. 6 Dolores inferni circumdederunt me. Ibid. 6. 30.
7. Invocavi Dominum, & ad Deum meum clamavi, & exaudivit de templo sancto suo vocem meam. Ibid. 30.
18. 2. Cœli enarrant gloriam Dei. XIII. 34.
7. A summo cœlo egressio ejus, & occursus ejus usque

ad summum ejus, nec est qui se abscondat à calore ejus. III.30.IV.3.

1. 7. Ego autem tum vermis, & non homo, opprobrium hominum, & abjectio plebis. X.4.
15. Factum est cor meum tanquam cera liquescens. V.40.
17. Circumdederunt me canes multi, consilium malignantium obsedit me. X.4.
7. 4. Non est pax ossibus meis a facie peccatorũ meorum. IX.15.
11. Dereliquit me virtus mea, & lumen oculorum meorum & ipsum non est mecum. V.5.
3. 6. Mensurabiles posuisti dies meos. XI.12.
9. 13. Cor meum dereliquit me. V.5.24.
3. 26. Exurge Domine adjuva nos, & redime nos propter nomen tuum. XIII.39.
4. 2. Eructavit cor meum verbum bonum. Ibid. 25.
14. Omnis gloria ejus filiæ Regis ab intus. VI.17.
8. 13. & 21. Comparatus est jumentis insipientibus, & similis factus est illis. X.24.
0. 5. Iniquitatem meam ego cognosco, & peccatum meum contra me est semper. IX.8.
6. Malum coram te feci. X.32.
4. 16. Descendant in infernum viventes. XII.36.
0. 3. A finibus terræ ad te clamavi, dum anxiaretur cor meum, in petra exaltasti me. III.31.
5. 7. Accedet homo ad cor altũ, & exaltabitur Deus. VII.36.
3. 3. Veni in altitudinem maris, & tempestas demersit me. V.1.
5. 5. Anticipaverunt vigilias oculi mei, turbatus sum, & non sum locutus. XII.30.
6. Cogitavi dies antiquos, & annos æternos in mente habui. Ibid.
7. Et meditatus sum nocte cum corde meo. Ibid.
8. Numquid in æternum projiciet Deus? Ibid.
16. Filios Jacob, & Joseph. II.21.
3. 4. Facti sumus opprobrium vicinis nostris, subsanatio, & illusio his, qui in circuitu nostro sunt. XIII.5.
5. 13. Eruisti animam meam ex inferno inferiori. IX.8.
3. 24. Concidam á facie ipsius inimicos ejus, & odientes

eum

eum in fugam convertam. XIII. 5.
28. Primogenitum ponam illum, excelsum præ Regibus terræ. Ibid.
38. Et thronus ejus sicut sol, & sicut luna perfecta in æternum. Ibid.
41. Posuisti firmamentum ejus formidinem. Ibid.
42. Diripuerunt eum omnes transeuntes viam, factus est in opprobrium vicinis suis. Ibid.
43. Exaltasti dexteram deprimentium eum, lætificasti omnes inimicos ejus. Ibid.
46. Minorasti dies temporis ejus. XI. 29.
92. 5. Testimonia tua credibilia facta sunt nimis. VII. 22.
95. 5. Omnes dii gentium dæmonia. IX. 20.
96. 5. Ignis ante ipsum præcedet. Ibid. 39.
102. 14. Ipse cognovit figmentum nostrum, recordatus est quoniam pulvis sumus. XIII. 11.
103. 4. Facis Angelos tuos spiritus, ministros tuos ignē urentem. IV. 21.
19. Sol cognovit occasum suum. Ibid. 6.
109. 4. Sacerdos in æternum secundum ordinem Melchisedech. VII. 4.
110. 5. Memoriam fecit mirabilium suorum misericors, & miserator Dominus, escam dedit timentibus se. Ibid.
135. *Sæpe* Quoniam in æternum misericordia ejus. XI. 25.
138. 6. Mirabilis facta est sciencia tua ex me. IX. 1.

Ex Libro Proverbiorum.

3. 1. PRæcepta mea cor tuum custodiat. XI. 11.
2. Longitudinem enim dierum, & annos vitæ & pacem apponent tibi. Ibid.
8. 22. Dominus possedit me in initio viarum suarum. I. 40.
24. Nondum erant abyssi, & ego jam concepta eram. Ibid. 7.
31. Deliciæ meæ esse cum filiis hominum. X. 21.
9. 1. Sapientia ædificavit sibi domum. I. 31.
2. Miscuit vinum, & proposuit mensam suam. Ibid.
3. Misit ancillas suas, ut vocarent ad arcem, & ad mœnia civitatis. Ibid. 32.
11. Per me enim multiplicabuntur dies tui, & addentur tibi anni vitæ. XI. 11.
10. 27. Timor Domini apponit dies, & anni impiorum

bre-

breviabuntur. Ibid.&29.
12. Spes quæ differtur affligit animam. V.22.
25. Aperta sunt prata. VIII.28.

Ex Libro Ecclesiastes.

5. ORitur Sol, & occidit. IV.3.
7. Omnia flumina intrant in mare. V.45.
11. Quia non profertur cito contra malos sententia, absque timore ullo filii hominum perpetrant mala. XIII.8.

Ex Libro Canticorum.

6. INdica mihi, quem diligit anima mea, ubi pascas, ubi cubes in meridie, nè vagari incipiam post greges sodalium tuorum. XIII.30.
14. Ecce tu pulchra es amica mea, ecce tu pulchra es. IX.34.
15. Ecce tu pulcher es dilecte mi, & decorus. Ibid.
3. Sub umbra illius quem desideraveram sedi, & fructus ejus dulcis gutturi meo. VII.4.
4. Ordinavit in me charitatem. V.40.
13. Surge amica mea, speciosa mea, & veni. III.13.
14. Columba mea in foraminibus petræ. Ibid.
6. Quæ est ista, quæ ascendit per desertum, sicut virgula fumi ex aromatibus? Ibid.23.
7 Tota pulchra es amica mea, & macula nō est in te. I.16.
8. Veni de Libano sponsa mea, veni de Libano, veni; coronaberis de capite Amaná, de vertice Sanir, & Hermon. Ib.&VI.2.
9 Vulnerasti cor meum soror mea sponsa, vulnerasti cor meum. Ibid.
3. Pulchra es amica mea, & suavis, & decora, sicut Jerusalem. IX.29.
9. Quasi Aurora consurgens, pulchra ut Luna, electa ut Sol. VII.4.
6. Pone me ut signaculum super cor tuum, ut signaculum super brachium tuum, quia fortis est ut mors dilectio. V.40.&X.28.

Ex Libro Sapientiæ.

6. FRuamur bonis quæ sunt, & utamur creatura tanquam in juventute celeriter. XI.25.
7. Vino pretioso, & unguentis nos repleamus, & non per-

pertranſeat nos flos temporis. Ibid.
4. 11. Raptus eſt nè malitia mutaret intellectum ejus. VI. 28.
13. In brevi explevit tempora multa. XI. 10.
5. 13. In malignitate autem noſtra conſumpti ſumus. XII. 33.
18. Armabit creaturam ad ultionem inimicorum. Ibid. 23.

Ex Libro Eccleſiaſtici

3. 33. IGnem ardentem extinguit aqua, & eleemoſyna reſiſtit peccatis. XI. 17.
5. 4. Peccavi, & quid mihi accidit triſte? IX. 15.
14. 14. Non defrauderis à die bono, & particula boni doni non te prætereat. XI. 40.
33. 25. Quis me videt? X. 28.
26. Tenebræ circundant me, & parietes cooperiunt me, & nemo circunſpicit me. Ibid.
24. 7. Ego in altiſſimis habitavi, & thronus meus in columna. III. 11. 25
8. Gyrum Cœli circuivi ſola, & profundum abyſſi penetravi, in fluctibus maris ambulavi. Ibid. 27.
9. Et in omni terra ſteti. Ibid.
14. Ab initio, & ante ſæcula creata ſum, & uſque ad futurum ſæculum non deſinam. Ibid. 10. 11

Ex Prophetia Iſaiæ.

1. 13. NE offeratis ultra ſacrificium fruſtra: incenſum abominatio eſt mihi. VII. 38.
2. 2. Erit in noviſſimis diebus præparatus mons, domus Domini, in vertice montium, & elevabitur ſuper colles VIII. 17.
6. 1. Vidi Dominum ſedentem ſuper ſolium excelſum, & elevatum, & ea quæ ſub ipſo erant replebant templum. VII. 18.
3. Sanctus, Sanctus, Sanctus, Dominus Deus, plena eſt omnis terra gloria ejus. Ibid.
7. 14. Ecce Virgo concipiet, & pariet Filium. VIII. 11
9. 6. Parvulus enim natus eſt nobis, & Filius datus eſt nobis. Ibid. 4. 31
14. 12. Lucifer, qui manè oriebaris. IX. 24.
28. 21. Dominus ſicut in valle, quæ eſt in Gabaon, iraſcetur: ut faciat opus ſuum, alienum opus ejus: ut operetur opus ſuum, peregrinum opus ejus ab eo. X. 18. 30. 26

30. 26. Erit lux Lunæ sicut lux Solis, & lux Solis erit septempliciter, sicut lux septem dierum. IX. 27.
32. 20. Beati qui seminatis super omnes aquas, immittētes pedem bovis. II. 10.
33. 7. Angeli pacis amarè flebunt. VII. 39.
11. Concipietis ardorem, parietis stipulam, spiritus vester ut ignis vorabit vos. XII. 19.
14. Quis poterit habitare de vobis cum igne devorāte, quis habitabit ex vobis cū ardoribus sēpiternis? Ib. 19. 38.
15. Claudit oculos suos, ne videat malum. Ibid. 19.
38. 3. Memento quæso, quomodo ambulaverim coram te in veritate, & corde perfecto. XI. 11.
5. Ego adjiciam super dies tuos quindecim annos. Ibid.
43. 24. Servire me fecisti in peccatis tuis, præbuisti mihi laborem in iniquitatibus tuis. X. 20. 22.
25. Ego sum, ego sum ipse, qui deleo iniquitates tuas propter me. Ibid.
28. Contaminavi Principes sanctos, dedi ad internecionem Jacob, & Israel in blasphemiam. Ibid.
45. 8. Rorate Cœli desuper, & nubes pluant justum, aperiatur terra, & germinet Salvatorem. VIII. 27.
50. 11. Ambulate in lumine ignis vestri, & in flāmis quas succendistis. XII. 33.
53. 1. Quis credidit auditui nostro, & brachium Domini cui revelatum est? VIII. 17.
2. Ascendet sicut virgultum coram eo, & sicut radix de terra sitienti. Ibid.
5. Vulneratus est propter iniquitates nostras. I. 12.
7. Oblatus est quia ipse voluit. Sicut ovis ad occisionē ducetur, & quasi agnus coram tondēte se obmutescet, & non aperiet os suum. IX. 11. X. 37. XII. 5.
12. Cum sceleratis reputatus est. X 12.
55. 6. Quærite Dominum dum inveniri potest. X. 38.
66. 7. Antequam parturiret peperit, antequam veniret partus ejus peperit masculum. III. 17.
8. Quis audivit unquam tale, & quis vidit huic simile? Ibid.

Ex Prophetia Jeremiæ.

4. 14. LAva à malitâ cor tuum Jerusalem, ut salva fias. IX. 1. 2.
8. 19. Quare ergo me ad iracundiam concitaverunt? X. 21.

17. 13. Recedentes à te in terra ſcribentur. XIII. 9.
31. 16. Quieſcat vox tua à ploratu, & oculi tui à lacrymis. V. 32.
17. Revertentur filii ad terminos ſuos Ibid.

Ex Threnis Jeremiæ.

1. 2. PLorans ploravit in nocte, & lacrymæ ejus in maxillis ejus. V. 5. 45.
6. Egreſſus eſt à filia Sion omnis decor ejus. Ibid. 5.
16. Idcirco ego plorans, & oculus meus deducēs aquas, quia longe factus eſt à me conſolator, cōvertens animam meam. Ibid. 6. 25.
2. 3. Magna eſt enim velut mare contritio tua; quis medebitur tui? Ibid. 1.
15. Hæccine eſt urbs, dicentes, perfecti decoris, gaudium univerſæ terræ? IX. 28.
4. 7. Candidiores Nazaræi ejus nive, nitidiores lacte, rubicundiores ebore antiquo. Ibid. 36.
8. Denigrata eſt ſuper carbones facies eorum, & non ſunt cogniti in plateis. Ibid.

Ex Prophetia Baruch.

5. 1. EXue te Jeruſalem ſtola luctus, & vexationis tuæ, & indue te decore, & honore ejus, quæ à Deo tibi eſt, ſempiternæ gloriæ. VI. 30.
5. Exurge Jeruſalem, ſta in excelſo, circūſpice ad Orientem, & vide collectos filios tuos, ab Oriente Sole, uſque ad Occidentem, in verbo Sancti, gaudentes in Dei memoria. Ibid. 31.

Ex Prophetia Ezechielis.

1. 20. QUocumque ibat ſpiritus, illuc eunte ſpiritu, & rotæ pariter elevabantur, ſequentes eum, ſpiritus enim vitæ erat in rotis. IV. 28.
21. Cum euntibus ibant, & cum ſtantibus ſtabant, & cum elevatis à terra, pariter elevabātur, & rotæ. Ibid. 29.
8. 12. Vides, fili hominis, quæ ſeniores domus Iſrael faciunt in tenebris, unuſquiſque in abſcondito cubiculi ſui, dicunt enim nō videt Dominus nos? X. 31.
22. 4. Apropinquare feciſti dies tuos, & adduxiſti tempus annorum tuorum. XI. 29.
33. 14. Si autem dixero impio, morte morieris, & egerit pœnitentiam à peccato ſuo, feceritque judiciū,

&

& justitiam, Ibid. 11.

15. Et pignus restituerit ille impius, rapinamque reddiderit, in mandatis vitæ ambulaverit, nec fecerit quidquam injustum, vita vivet, & nõ morietur. Ibid.

Ex Prophetia Danielis.

4. 11. SUccidite arborem, & præcidite ramos ejus. XI. 17.
24. Peccata tua eleemosinis redime, & iniquitates tuas misericordiis pauperum; forsitan ignoscet delictis tuis. Ibid.

13. 23. Melius est mihi absque opere incidere in manus vestras, quam peccare in conspectu Domini. X. 32.

Ex Prophetia Oseæ.

2. 14. DUcam eam in solitudinem, & loquar ad cor ejus. V. 23.

5. 13. Et ipse non poterit sanare vos, nec solvere poterit à vobis vinculum. XI. 19.

6. 10. In domo Israel vidi horrendum. IX. 20.

9. 12. Væ eis, cum recessero ab eis. XII. 8.

Ex Prophetia Joel.

2. 3. ANte faciem ejus ignis vorans. IX. 39.

Ex Prophetia Jonæ.

3. 4. ADhuc quadraginta dies, & Ninive subvertetur. XI. 28.

9. Quis scit si convertatur, & ignoscat Deus, & revertatur à furore iræ suæ? Ibid.

Ex Prophetia Habacuc.

3. 2. CUm iratus fueris misericordiæ recordaberis. XIII. 20.
10. Viderunt te & doluerunt montes. VII. 39.

Ex Prophetia Zachariæ.

9. 17. QUid enim bonum ejus est, & quid pulchrum ejus, nisi frumentum electorum, & vinum germinans virgines? VII. 4.

Ex Libro secundo Machabæorum.

9. 13. ORabat autem hic sceleſtus Dominum, à quo nõ esset misericordiam consequuturus. XI. 24.

14. 42. Eligens nobiliter mori potius, quàm subditus fieri peccatoribus, & contra natales suos indignis injuriis agi. XIII. 32.

Ex D. Matthæo.

1. 1. LIber generationis JESU Christi. I. 2.
2. 9. Ecce stella, quam viderant in Oriente, antecedebat eos, usque dum veniens staret supra ubi erat puer. III. 1. 6.
4. 10. Deum tuum adorabis. IX. 20.
6. 7. Orantes autem nolite multum loqui. II. 17.
8. Scit enim Pater vester quid opus sit vobis, antequã petatis eum. Ibid.
9. Pater noster, qui es in Cœlis. VI. 3.
31. Nolite soliciti esse dicentes, quid manducabimus, aut quid bibemus, aut quo operiemur. II. 17.
32. Scit enim Pater vester, quia his omnibus indigetis. Ibid.
12.40. Erit filius hominis in corde terræ tribus diebus, & tribus noctibus. V. 5. 31.
15.19. De corde enim exeunt cogniciones malæ, homicidia, &c Ib. 23. IX. 2.
19.29. Vitam æternam possidebit. IV. 2.
20.12. Hi noviſſimi unâ horâ fecerunt, & pares illos nobis fecisti, qui portavimus pondus diei, & æstus. XI. 43.
25.21. & 23. Intra in gaudium Domini tui. XII. 13.
41. Discedite à me maledicti in ignem æternum, qui paratus est diabolo & Angelis ejus. Ibid. 3. 35.
26.39. Verumtamen, non sicut ego volo, sed sicut tu. X. 12.
27.17 Quem vultis dimittam vobis, Barabbam, an Jesum? Ibid. 4.
24. Innocens ego sum à sanguine justi hujus. Ibid.
46. Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me? XII. 5.
51. Petræ scissæ sunt. VII. 39.
28.20. Ecce ego vobiscum sum omnibus diebus, usque ad consummationem sæculi. III. 24.

Ex D. Marco.

10. 30. IN sæculo futuro vitam æternam. IV. 2.
14. 24. HIc est Sanguis meus, novi Testamenti, qui pro multis effundetur. I. 31.
33. Cœpit pavere, & tædere. IV. 10. IX. 10.
65. Cœperunt quidam conspuere in eum, & velare faciem ejus, & colaphis eum cœdere. X. 30.
15. 28. Cum iniquis reputatus est. Ibid. 12.
44. Pilatus autem mirabatur si jam obiisset. IV. 19.

16.

16. 19. Sedet à dextris Dei. I. 39.

Ex D. Luca

1. 13. UXor tua Elizabeth pariet tibi filium. VIII. 29.

28. Ave gratia plena, Dominus tecum, benedicta tu in mulieribus. Ibid. 24. VI. 2.

30. Ne timeas Maria, invenisti enim gratiam apud Deum. Ibid. 1. 3.

31. Ecce concipies in utero, & paries Filium. Ibid.

35. Spiritus Sanctus superveniet in te, & virtus Altissimi obumbrabit tibi. Ibid. 14. 40.

38. Fiat mihi secundùm verbum tuum. Ibid. 37. 38.

2. 14. Gloria in Altissimis Deo. VII. 9.

35. Tuam ipsius animam pertransibit gladius, ut revelentur ex multis cordibus cogitationes. I. 26. V. 11.

7. 38. Lacrymis cœpit rigare pedes ejus. II. 2.

9. 35. Hic est Filius meus dilectus. XIII. 25.

10. 20. Nomina vestra scripta sunt in cœlis. Ibid. 9.

22. Nemo scit quis sit Filius, nisi Pater. Ibid. 25.

11. 2. Ait illis: cùm oratis dicite: Pater sanctificetur nomen tuum, adveniat &c. VI. 2.

27. Extollens vocem quædã mulier de turba dixit illi: Beatus venter, qui &c. Ibid. 1. VIII. 24.

14. 16. Homo quidam fecit cœnam magnam, & vocavit multos. VII. 41.

18. Et cœperunt omnes simul excusare. Ibid.

24. Nemo virorum illorum, qui vocati sunt, gustabit cœnam meam. Ibid.

15. 10. Gaudium erit coram Angelis Dei super uno peccatore pœnitentiam agente. XIII. 2.

13. Profectus est in regionem longinquam, & ibi dissipavit substantiam suam. X. 33.

18. & 21. Peccavi in cœlum & coram te. Ibid. 32.

20. Vidit illũ pater ipsius, & misericordiâ motus est. II. 19.

22. Citò proferte stollam primam, & induite illum. Ibib. XI. 10.

23. Adducite vitulum saginatum, & occidite, & manducemus, & epulemur. Ibid.

17. 5. Adauge nobis fidem. I. 1.

32. Memores estote uxoris Lot. XIII. 14.

22. 42. Transfer calicem hunc à me. X. 36.
43. Apparuit autem illi Angelus de Cœlo confortans eum. V. 14.
44. Factus est sudor ejus sicut guttæ sanguinis decurrentis in terram. I. 10. 36. & V. 16. X. 10. 11.
60. Cantavit gallus. II. 19.
61. Et conversus Dominus respexit Petrum, & recordatus est Petrus verbi Domini sicut dixerat, quia priusquam gallus cantet ter me negabis. Ibid. 28.
62. Et egressus foras Petrus flevit amarè. Ibid. & V. 42.
64. Velaverunt eum. X. 30.
23. 44. Tenebræ factæ sunt in universam terram. VII. 39.
45. Obscuratus est Sol. Ibid.
47. Verè hic homo justus erat. IV. 13.

Ex D. Joanne.

2. 4. QUid mihi & tibi mulier? Nondum venit hora mea. VIII. 33. XI. 35.
21. Ille autem dicebat de templo corporis sui. I. 14.
4. 6. JESUS ergo fatigatus ex itinere sedebat sic supra fontem. XI. 34.
6. 53. Litigabant ergo Judæi adinvicem dicentes, quomodo potest hic nobis carnem suam dare ad manducandum? VII. 2.
56. Caro mea verè est cibus, & sanguis meus verè est potus. Ibid. 1
57. Qui manducat meam carnem, & bibit meum sanguinem, in me manet, & ego in illo. Ibid.
58. Sicut misit me vivens Pater, & ego vivo propter Patrem, & qui manducat me, & ipse vivet propter me. Ibid. 27.
59. Panis, qui de Cœlo descendit. III. 24.
67. Ex hoc multi discipulorum ejus abierunt retro, & jam non cum illo ambulabant. VII. 2.
8. 6. JESUS autem inclinans se deorsum, digito scribebat in terra. XIII. 9.
11. Nec ego te condemnabo, vade, & jam amplius noli peccare. Ibid.
49. Vos inhonorastis me. X. 37.

10. 30. Ego & Pater unum sumus. VII. 27.
11. 6. Ut ergo audivit, quia infirmabatur, tunc quidem mansit in eodem loco duobus diebus. XI. 35.
39. Jam fœtet, quatriduanus est enim. Ibid.
12. 31 Nunc Princeps hujus mundi ejicietur foras. IV. 13.
13. 3. Sciens.....quia à Deo exivit, & ad Deum vadit. VII. 35.
14. 10. & 11. Ego in Patre, & Pater in me est. Ibid. 27. 33.
31. Sicut mandatum dedit mihi Pater, sic facio. X. 12.
16. 20. Tristitia vestra vertetur in gaudium. VI. 28.
17. 4. Ego te clarificavi super terram: opus consummavi, quod dedisti mihi, ut faciam. VII. 16.
21. Sicut tu Pater in me, & ego in te, ut & ipsi in nobis unum sint. Ibid. 31.
22. Et ego claritatem, quam dedisti mihi, dedi eis, ut sint unum, sicut & nos unum sumus. Ibid. 32.
19. 5. Ecce homo. X. 4.
26. Mulier, ecce filius tuus. V. 19.
28. Sitio. XII. 5.
30. Consummatum est: & inclinato capite tradidit spiritum. IV. 17. X. 12.
33. Ut viderunt eum jam mortuum. IV. 17.
34. Unus militum lanceâ latus ejus aperuit, & continuò exivit sanguis, & aqua. I. 14. 21. 24. 25. IV. 23 & V. 46.
20. 25. Non crédam. I. 1.
27. Affer manum tuam, & mitte in latus meum, & noli esse incredulus. Ibid.

Ex Libro Actuum Apostolorum.

2. 24. QUem Deus suscitavit, solutis doloribus Inferni. XII. 6.

Ex Epistola D. Pauli ad Romanos.

3. 25. QUem proposuit Deus propitiationem per fidem in sanguine ipsius ad ostensionem justitiæ suæ. XIII. 20.
7. 23. Video aliam legem in membris meis, repugnantem legi mentis meæ. IV. 33.
24. Infelix ego homo, quis me liberabit de corpore mortis hujus. Ibid.
25. Gratia Dei per JESUM Christum. Ibid. 36.
8. 38. Certus sum enim, quia neque mors, neque vita, ne-

que Angeli, neque Principatus, neque virtutes, neque instantia, neque futura, neque fortitudo. VIII. 28.
39. Neque altitudo, neque profundum, neque creatura alia poterit nos separare à charitate Dei, quæ est in Christo JESU. Ibid.
11. 33. O altitudo divitiarum sapientiæ, & scientiæ Dei, quàm incomprehensibilia sunt judicia ejus! VII. 5.

Ex Epistolis ad Corinthios.

Ep. 1. c. 1. 23. PRædicamus Christum Crucifixũ, Judæis quidem scandalum, gentibus autem stultitiam. XIII. 31.
2. 9. Oculus non vidit, nec auris audivit, nec in cor hominis ascendit quæ præparavit Deus diligentibus se. XII. 13.
3. 22. Omnia vestra sunt. VII. 14.
23. Vos autem Christi, Christus autem Dei. Ibid.
9. 27. Castigo corpus meum, & in servitutem redigo. XI. 44.
10. 13. Fidelis autem Deus, qui non patietur vos tentari supra id quod potestis. XIII. 11.
11. 25. Hic calix novum Testamentum est in meo sanguine. I. 30.
27. Reus erit corporis & sanguinis Domini. VII. 43.
28. Probet autem seipsum homo, & sic de pane illo edat. Ibid. 44.
29. Judicium sibi manducat, & bibit. Ibid. 43.
Ep. 2. c. 4. 10. Semper mortificationem JESU in corpore nostro circũferentes, ut et vita JESU manifestetur in corporibus nostris. XI. 44.
5. 14. Charitas Christi urget nos. XIII. 26.
15. Ut & qui vivunt, jam non sibi vivant, sed ei qui pro ipsis mortuus est. Ibid.
7. 4. Superabundo gaudio in omni tribulatione nostra. IV. 33.
12. 2. & 3. Sive in corpore, sive extra corpus nescio, Deus scit. Ibid. 37.

Ex Epistola ad Ephesios.

1. 3. BEnedixit nos in omni benedictione spirituali in cœlestibus in Christo. VIII. 35.
2. 4. Propter nimiam charitatẽ suam, quâ dilexit nos. XIII. 22.

5. Cum essemus mortui peccatis vivificavit nos in Christo. Ibid.

4. 10. Qui descendit ipse est & qui ascendit super omnes cœlos, ut impleret omnia. III. 29.

5. 15. Videte itaque, fratres, quomodo cautè ambuletis, non quasi insipientes. XI. 5.

16. Sed ut sapientes redimentes tempus. Ibid.

Ex Epistola ad Philippenses.

2. 7. SEmetipsum exinanivit formam servi accipiens in similitudinem hominum factus. VII. 34.

Ex Epistola ad Colossenses.

1. 24. Gaudeo in passionibus. IV. 33.

Ex Epistola secunda ad Timotheum.

4. 8. REposita est mihi corona justitiæ. II. 34.

Ex Epistola ad Titum.

2. 11. APparuit enim gratia Dei Salvatoris nostri omnibus hominibus. VIII. 30.

Ex Epistola ad Hebræos.

1. 2. LOcutus est nobis in Filio. XIII. 25.

4. 16. Adeamus ergo cum fiducia ad thronum gratiæ, ut misericordiam consequamur, & gratiam inveniamus in auxilio opportuno. XI. 41.

5. 7. Preces, supplicationesque cum clamore valido & lacrymis offerens, exauditus est pro sua reverentia. V. 46. X. 31. 36.

6. 6. Rursus crucifigentes sibimetipsis Filium Dei. VII. 39. X. 25 36. XIII. 31.

12. 2. Proposito sibi gaudio sustinuit crucem. V. 16. IX. 11.

Ex Epistola prima D. Petri.

1. 12. IN quem desiderant Angeli prospicere. XII. 15.

2. 24. Peccata nostra ipse pertulit in corpore suo super lignum. Ibid. 6.

Ex Epistola prima Joannis.

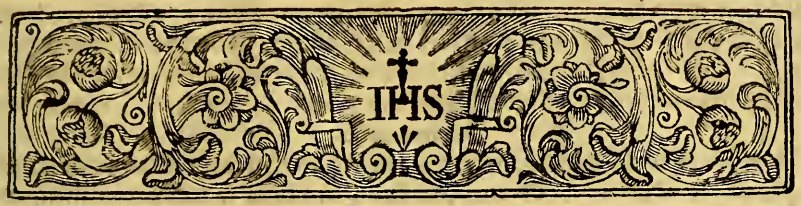
3. 2. CUm apparuerit, similes ei erimus, quoniam videbimus eum. XII. 12.

Ex

Ex Libro Apocalypſis.

1. 18. FUi mortuus, & ecce ſum vivens in ſæcula ſæculorum, & habeo claves mortis. IV. 13.
5. 6. Agnum ſtantem tanquam occiſum. Ibid. 11.
9. Occiſus es, & redemiſti nos in ſanguine tuo. XIII. 23.
12. Dignus eſt agnus qui occiſus eſt accipere virtutem, & Divinitatem, & ſapientiam, & fortitudinem, & honorem, & gloriam. Ibid. & IV. 13.
6. 2. Equus albus, & qui ſedebat ſuper illum habebat arcum, & data eſt ei corona. VI. 19.
11. 18. Advenit ira Dei, & tempus mortuorum judicari. III. 24.
19. Apertū eſt templum Dei in cœlo, & viſa eſt arca Teſtamēti ejus in templo ejus, & facta ſunt fulgura, & voces, & terremotus. Ibid. & I 13.
12. 1. In capite ejus corona ſtellarum duodecim. VI. 17.
2. In utero habens clamabat parturiens, & cruciabatur ut pariat. VIII. 39.
15. 1. Vidi aliud ſignum in cœlo magnum, & admirabile. IV. 12.
2. Mare vitreum, ... & eos qui vicerunt beſtiam, & imaginem ejus, & numerum nominis ejus ſtantes ſuper mare. Ibid.
7. Dedit ſeptem Angelis ſeptem phialas aureas, plenas iracundiâ Dei, viventis in ſæcula ſæculorum. XII. 26.
8. Et impletum eſt templum fumo, ... & nemo poterat introire in templum. Ibid.
18. 7. Quantum glorificavit ſe, & in deliciis fuit, tantum date illi tormentum. Ibid. 28.
21. 2. Vidi ſanctam civitatem Jeruſalem novam deſcendentem de cœlo. VI. 26.
4. Abſterget Deus omnem lacrymam ab oculis eorum, & mors ultra non erit, neque luctus, neque clamor, neque dolor erit ultra. Ibid.
22. Templum non vidi in ea. I. 13.

IN-



INDICE

Das couſas mais dignas de ſerem notadas.

A letra S. indica o Sermaõ: o ſeguinte num. aponta o paragrafo.

A

Aaraõ.

TEve na morte a conſolaçaõ de ver em ſucceſſor de ſua dignidade a ſeu filho Eleazaro, S.II. n.44. Eſtando para morrer ſe deſpio naõ ſó das veſtes Pontificaes, mas tambem dos encargos do ſeu officio. Ibid. 42 43. Vide *Moyſés.* V. *Morte.*

Abner.

Nem David, nem o ſeu exercito lamentaraõ a morte de Abner, ſenaõ depois que o deraõ á ſepultura: e porque, S. II. n. 4.

Abrahaõ.

Prometteo Deos o ſeu Unigenito Filho a Abraham, para na deſcendencia delle incarnar; porque Abraham offereceo a Deos o unico filho, que tinha, S.I. n. 22. 23.

Abſalaõ.

Levantou para ſi hum titulo; e qual foy, S. III n. 22.

Adam.

Deos lhe revelou no Paraiſo o myſterio da Incarnaçaõ, S. VII. n. 3. Tambem lhe revelou o da Trindade: Ibid. Razaõ de dizer a Igreja, que o peccado de Adam foy neceſſario, n. 20. Peccou no oitavo dia da creaçaõ do mundo, S.IX. n. 27. Com o ſeu peccado perdeo

perdeo o mundo a formoſura em que foy creado: e os aſtros perderaõ a mayor parte da luz que tinhaõ, n. 25. & ſeq. Tanto que peccou ſe eſcondia de Deos; e bem quizera que Deos naõ fora immenſo; ou que pudeſſe de alguma ſorte faltar-lhe com o caſtigo, S. X. n. 7. & ſeq.

Admiraçaõ.

A grandeza do Sacramento Euchariſtico ſó ſe explica com admiraçoens, S. VII. n. 5. O que por ſua grandeza ſe naõ póde comprehender, bem ſe explica com huma admiraçaõ, Ibid. Hum O he o termo com que a natureza, ainda entre barbaros, exprime a ſua admiraçaõ, Ibid. A figura deſta letra repreſenta huma infinidade, porque huma grandeza, ainda que infinita, cabe em huma admiraçaõ, Ibid.

Alma racional.

Fealdade de huma alma, que eſtá em peccado, S. IX. n. 17. & ſeq. o que obſervou Santa Thereza, vendo huma alma em peccado, n. 24. Quanto mais ſe conhece a formoſura de huma alma, tanto mais ſenſivel ſe faz a enormidade, em que a pôs o peccado, n. 28. Quanta, e quam admiravel ſeja a formoſura natural de huma alma, n. 29. & ſeq. Naõ ha comparaçoens, que o poſſaõ bem declarar, ou dar a conhecer, Ibid. Quem viſſe tanta formoſura, entenderia que nem Deos a excede na formoſura, n. 31. 32. E ſe á natural formoſura de huma alma ajuntarmos á ſobrenatural, que lhe provêm da graça, e mais habitos ſobrenaturaes, ſó comparando-a com a formoſura Divina, a explicaremos bem, n. 33. & ſeq. A fealdade a que huma alma ſe reduz pelo peccado, tanto ſe deve ſentir, e chorar, quanto ſe devia eſtimar a formoſura de ſua natural ſubſtancia, e da graça, que a ſantificava, n. 36. Pede a razaõ, que com lagrimas lavemos, e purifiquemos as manchas, e enormidades do peccado em noſſas almas, n. 37. & ſeq. Purificando-ſe huma alma com lagrimas de contriçaõ, ſe reſtitue á formoſura, que tinha antes de commetter a culpa, e perder a graça, n. 39.

Amor.

De dous amantes fingiraõ os humaniſtas, que derretidos na forja de Vulcano, ſahiraõ naõ mais de hum, ſem diſtinçaõ, S. VII. n. 25. Ferida do amor naõ mata, a quem ama; antes lhe augmenta a vida, S. IV. n. 23. Quem muito ama, naõ ſe eſquece; porque o amor lhe arrebata a vontade, para a empregar no amado: e a vontade lhe move a memoria, para ſe lembrar, S. V. n. 21. & ſeq. Jacob, porque muito amava a Raquel, naõ ſe podia della eſquecer, n. 22. Aſſim como a me-

memoria sempre desperta o coraçaõ, para se empregar no que ama; tambem o coraçaõ excita na memoria especies, para se naõ esquecer de quem ama, n. 23. Quando huma alma já em estado muy perfeito ama a Deos, he delle attrahida, e arrebatada para naõ amar outra alguma cousa fóra de Deos, S. XIII. n. 28. Estando huma alma neste gráo taõ alto de amor perfeitissimo, já se póde julgar em estado de alguma sórte igual ao dos Bemaventurados, Ibid.

Anjos.

Pelo arrependimento de hum peccador se alegraõ no Ceo os Anjos de Deos; vendo que se lucra huma alma, que eternamente o ha de louvar na Gloria, S. XIII. n. 2.

Santo Anselmo.

Dizia este Santo Doutor, que antes em graça de Deos no Inferno, do que em peccado no Ceo, S. XII. n. 17.

Arrependimento.

Santo Agostinho desconfiava da contriçaõ, e salvaçaõ dos que vivendo descuidados della, só na hora da morte davaõ sinaes de arrependimento, S. XI. n. 21. e S. Cypriano lhes prohibia o Sacramento da Penitencia: excepto caso de extraordinario arrependimento, Ibid. Antiocho parecia dar grandes sinaes de arrependimento na morte, e com tudo naõ conseguio de Deos misericordia, e perdaõ de seus crimes, n. 23. 24. Porque ignoramos a quanto tempo, ou até quando se estende o prazo, que Deos consignou a cada hum de nós, para se arrepender, e melhorar a vida, devemos naõ dilatar o nosso arrependimento hum só instante, n. 40.; principalmente porque passado esse prazo, ainda que os auxilios de Deos nos naõ faltem, faltaremos nós em os aproveitar, e abraçar, n. 40. & 41. Vid. *Anjos.*

Astros.

Perderaõ grande parte da luz com que foraõ formados, tanto que Adaõ peccou, S. IX. n. 25. & seq. No fim do mundo haverá hum geral incendio, com o qual se haõ de purificar os Ceos, e os Astros das impuridades, e manchas, com que as nossas culpas os contaminaraõ, n. 39. Purificados assim os Astros, se haõ de tornar, e restituir á primeva luz, e formosura de sua creaçaõ, Ibid.

Auxilios.

A resistencia, que em vida pomos aos auxilios, com que Deos nos chama, nos faz indignos de que os tenhamos na morte, S. XI. n. 18. Assim como Deos attende á opportunidade do tempo, para que a nossa liberdade abrace os auxilios de sua graça: assim observa o tempo

po em que ſolicitamos os ſeus auxilios, para os conceder, ou negar, Ibid. & ſeq. V. *Arrependimento.*

B

Bemaventurança. Bemaventurados.

A Noſſa Bemaventurança conſiſte na clara viſta de Deos, e he hum bem infinito, S. XII. n. 10. Naõ póde huma alma gozar da Bemaventurança, e ver a Deos, ſem que o tenha em ſi, por modo ſobrenatural, e ineffavel, n. 11. A alma bemaventurada vendo a Deos, eſtá poſſuida, e chea da Divindade: e ao meſmo paſſo eſtá poſſuindo a Divindade, que nella eſtá: e como, n. 11. Ainda que o eſtado beatifico de noſſa alma he ſobrenatural, e taõ admiravel, que ninguem o explicará cabalmente; bem ſe póde conjecturar, e inferir a excellẽcia delle, dizendo a Eſcritura, que os Bemaventurados ſe haõ de aſſimilhar, ou transformar em Deos, n. 12. 13. O gozo, e delicia, que ha na Gloria para os Bemaventurados, he infinito: e nelle eſtaõ como ſubmergidos os que vem a Deos; porque he o meſmo gozo, e delicia, em que Deos ſe eſtá deliciando, e gozando, n. 13. Os condẽnados bem conhecem que ſerá ineffavel a gloria, que eſtaõ gozando os Bemaventurados no Ceo, n. 14. e lá do Inferno muitas vezes chegaõ a ver aos Bemaventurados cheyos de gloria, para com eſta viſta ſe lhes augmentar a ſua pena, Ibid. Saõ os Bemaventurados impeccaveis: e qual he o immediato principio deſta impeccabilidade, n. 28. Se algum Bemaventurado entendéra, que por breviſſimo tempo deixaria de ver a Deos, ſe encheraria de tanta pena, que deixaria de ſer Bemaventurado, S. VII. 42. Naõ ha couſa que os Bemaventurados naõ poſſaõ ver na Eſſencia Divina: ſó o peccado naõ podem ver nella, S. IX. n. 7.

S. Bento.

Sabe-ſe o anno, e o dia em que morreo, porêm he difficultoſo conciliar-ſe eſſe dia com eſſe anno, S. IV. n. 2. Taõ prodigioſas circunſtancias teve a morte de S. Bento, que parecem incompativeis com a morte, Ibid. Morreo, como ſe naõ morrera, n. 3. 5. & ſeq n. 19. & ſeq. He S. Bento nomeado Sol do Occidente, e no ſeu occaſo foy com propriedade Sol, n. 3. & 6. Conſummou o curſo de ſua vida no meſmo dia, em que o Sol conſumma o ſeu curſo, n. 3. Naſceo para portento do mundo, e para portento do mundo morreo, Ibid. Viveo como ſe naõ vivera, Ibid, & n. 30. & ſeq. A ſua vida já neſte mundo começou a ſer eterna, n. 3. Eſperou a morte com tanto esforço, como

mo se milagrosamente se achara livre da enfermidade mortal, n. 5. Muito antes da sua morte lhe foy revelada a hora della, n. 6; e deo signaes certos aos seus Monges, q̃ viviaõ em França com Santo Amaro, para saberem o quando deste mundo partisse a sua alma para o Ceo, Ibid. Foy vista a alma de S. Bento subir ao Ceo, por huma estrada chea de luzes, e muy preciosamente ornada, n. 7. Foy S. Bento outro Moysés, comparado a elle na morte, e na vida em varios prodigios, n. 8. 9. Morreo S. Bento estando de pé, com as mãos levantadas ao Ceo, e orando, n. 9. & seq. 15. & seq. 24. & seq. De pé morreo, porque em vida nunca cahio em culpa, e havia ser columna que sustentasse a Igreja, n. 10. Christo temeo a morte, e S. Bento a esperou sem temor: e a razaõ desta differença, n. 10. Foy esta maravilha taõ grande, que excede as forças da natureza, n. 12. No primeiro passo que S. Bento dava para entrar no mundo, retirou o pé, por naõ tocar na terra, pois era todo do Ceo, n. 14. Seis dias antes do ultimo de sua vida, esteve S. Bento com a sepultura aberta, para que a morte naõ temesse tirar-lhe a vida, vendo-o taõ desejoso de se sepultar, n. 15. S. Bento morreo com as mãos levantadas ao Ceo, como querendo abarcá-lo com as mãos, n. 14. Chamou S. Bento a morte para que lhe tirasse a vida, porque a naõ temia; antes a morte o temeo a elle, n. 16. S. Bento resuscitou mortos, naõ como outros Santos, rogando a Deos que lhes désse vida; mas mandando-lhes com imperio, e potestade de Filho de Deos, que resuscitassem, n. 16. S. Bento foy assimilhado a Christo, n. 18. Foy na vida Anjo, n. 21. Hum intenso acto de amor de Deos lhe tirou a vida, Ibid. Ardia em amor de Deos, como o ferro na fragoa do ardente fogo, Ibid. Acabou a vida sem padecer a morte, Ibid. Costumava dizer a Christo, que por seu amor desejava morrer mil vezes: e ainda achava ser pouco, n. 15. Primeiro acabou de viver, do que acabasse de orar, n. 24. & seq. Louvou a Deos antes de nascer, e orou depois de morrer, n. 25. Já tinha expirado, e parecia assistir-lhe ainda o espirito no corpo, n. 26. & seq. Teve o espirito de todos os justos: e tambem teve em si o espirito do mesmo Deos, n. 27. Morto S. Bento, ainda que nelle naõ estivesse o seu espirito, para o animar, nelle assistia para lhe mover a lingua, continuando em orar, n. 28. & 29. Ainda em vida mortal vio S. Bento a Essencia Divina, n. 30. & seq. Vive o morto para a vontade propria, para os sentidos do corpo, e morto para o mundo, n. 32. A sua sagrada covade Sublaco era huma sepultura, e o seu corpo hum cadaver, Ibid. Em toda a sua vida naõ teve huma hora de recreaçaõ, n. 32. Taõ Angelica foy a vida

de

de S. Bento, que estando na terra, tinha já o espirito no Céo, n. 36. Na hora em que S. Bento estava para expirar, toda a sua Religiaõ (que por elle estava noticiada deste transito) se pôs em fervorosa oraçaõ, rogando a Deos lhe assistisse com a graça final, n. 39. Em premio de expirar S. Bento orando respira no Ceo hum halito taõ suave, que com elle se deleitaõ os Bemaventurados, n. 39. S. Bento foy o primeiro que instituhio a reza do Rosario, ou Psalterio Mariano de 150. Ave Marias, S. VI. n. 4.

Bispos.

O Bispo deve ser pay dos pobres, S. II. n. 8 & seq. Deve acodir ás necessidades corporaes, e espirituaes dos subditos, Ibid. V. *Prelado.*

C

Castigo.

JOb, sendo taõ pio, se gloriava da justiça que observava no castigo dos delinquentes, S. II. n. 32. Castigar a quem merece, alêm de ser acto de virtude da justiça punitiva, he acto de compaixaõ do proximo, que castigado naõ reincidirá no delicto, Ibid. Deos naõ se agrada dos Prelados, que dissimulaõ culpas; mas sim dos que tem o castigo prompto para os delinquentes, n. 33. Em sua vida suspendeo David o castigo, que mereceraõ Semei, e Joab; e estando para morrer, recõmendou a Salomaõ que os mataſſe, Ibid. A falta de castigo prompto he muitas vezes occasiaõ da reincidencia nas culpas, S. XIII. n. 8. A fé do como foraõ os Anjos castigados por huma só culpa, basta para que atemorizados os homens, se naõ atrevaõ a repetir tantas, n. 8. & seq. Exemplos de outros castigos tremendos, que igualmente nos ensinaõ a temer a Justiça Divina, n. 12. Deos em cada vez que castiga, levanta huma estatua, com que nos desperta a memoria, para o temor de sua justica, n. 14.

Christo.

Para a geraçaõ de Christo, e Incarnaçaõ do Verbo distillou Maria Santissima humas gottas de purissimo sangue de seu coraçaõ, do qual se formou o corpo, que o Verbo unio a si na Incarnaçaõ, S. I. n. 3. O preço especial da Redempçaõ, e preservaçaõ de Maria Santissima, para ser immaculada em sua Conceiçaõ, foy o sangue do coraçaõ de Christo, que lhe emanou do lado, quando lho abriraõ na Cruz, n. 4. & seq. Na geraçaõ de Christo deo a Mãy o sangue do coraçaõ para o Filho; e na Conceiçaõ da Mãy, para ser immaculada, offereceo o Filho o sangue do coraçaõ pela Mãy, Ibid. O sangue que Christo

derra

derramou no Horto, e em toda a Paixaõ buscava a terra, e para ella corria, como preço applicado por Adam, e toda a mais natureza humana, n. 10. Nas Chagas de Christo se representaõ as culpas dos homens, n. 12. Foraõ humas Chagas mais crueis, e mais penetrantes que outras, porque humas culpas seriaõ mais enormes, e mais aggravantes que outras, Ibid. O Corpo de Christo he o Templo, que S. Joaõ vio se abria no Ceo, n. 14. A Chaga do lado era a porta desse Templo, ibid. Os merecimentos de Christo saõ de infinito valor, S.I. n. 19. Ainda os que Christo especialmente applicava por alguns particularmente determinados, eraõ para todos os homens meritorios, n. 19. & 20. A lança que lhe abrio o lado, tambem lhe traspassou o coraçaõ de parte a parte, n. 4. & 21. Offereceo Christo o Sangue do coraçaõ, para remedio, e preservaçaõ de sua Mãy Santissima, para inteiramente conresponder ao intenso amor, com que a Senhora para elle deo o Sangue do coraçaõ, n. 21. & seq. Ainda que a Paixaõ de Christo para Deos foy de infinito agrado, e honra, a acçaõ dos executores della era ao mesmo Deos odiosa, pois era peccaminosa, e sacrilega, n. 35. Christo offereceo tambem por sua Mãy Santissima o Sangue do Sacramento com especialidade, para a preservar da culpa, para que o preço da Redempçaõ della fosse em todo o sentido gratissimo a Deos, sem que entrasse a cooperar a culpa, n. 34. & seq. No Horto quiz Christo dar, a impulsos de seu amor, o Sangue, que o odio lhe havia de tirar nos tormentos da Paixaõ, n. 37. Offerecendo Christo por sua Mãy Santissima o Sangue do coraçaõ, mostrou a excellencia da preservaçaõ della, n. 38. & seq. Dizendo o Texto Sagrado que Christo no Ceo está á maõ direita do Eterno Padre, denota o excellente lugar, que tem na Gloria, n. 39. Offerecendo Christo particularmente por sua Mãy Santissima o Sangue do coraçaõ, mostrou que a preservava, e remia com o dispendio mais precioso, n. 40. e que por sua Mãy Santissima principiava, e acabava a Redempçaõ do mundo, Ibid. Quiz tambem mostrar, que toda a sua vida, do primeiro alento até o ultimo, se empregava na preservaçaõ, e Redempçaõ de sua Mãy Santissima, Ibid. Christo no Horto temeo a morte, S.IV. n. 10. No Calvario, a morte temeo a Christo, e para lhe tirar a vida foy preciso que Christo a chamasse com a inclinaçaõ da cabeça, n. 17. Temeraõ os executores que Christo expirasse antes de ser crucificado; e Pilatos ouvindo que Christo expirou depois de estar tres horas na Cruz, se admirou de que taõ brevemente morresse, n. 19. Razaõ destes encontrados juizos, Ibid. Só depois de morto foy Christo ferido,

no coraçaõ, porque naõ ficasse em opinioens a sua morte, n. 23. De dous principios nascia a afflicçaõ de Christo no Horto: a saber, do horrendo aspecto das culpas, que sobre si tomava para satisfazer por nós; e da consideraçaõ das penas, que por ellas havia de padecer. S. V. n. 14. & S. IX. n. 10. & seq. Como podia hum Anjo consolar, e confortar a Christo no Horto, S. V. n. 15. & 16. Tantos poros tinha o Sagrado Corpo de Christo, quantos olhos se abriraõ nelle, para por todos chorar lagrimas de Sangue no Horto, n. 16. Christo solicitou, que a Senhora apartasse delle a memoria, para ter menos sentimento na Soledade, n. 19. V. *Lagrimas*. Christo ensinou, e deo principio á devoçaõ do Rosario, S. VI. n. 2. 3. Christo Filho de Deos he a Coroa do Eterno Padre, e tambem he a Coroa de sua Mãy Santissima, n. 13. As Ave Marias, de que se compõem o Rosario, saõ flores, das quaes tecemos a Coroa de Maria Santissima; e cada flor he o mesmo Christo, n. 14 & seq. V. *Rosario*. Rogou Christo ao Eterno Padre, que os filhos todos da Igreja sejaõ huma só cousa com elle, e com o mesmo Padre, S. VII. n. 31. Christo, naõ obstante a excellencia da uniaõ hypostatica, esteve subdito a Maria Santissima, em quanto sua Mãy: e consequentemente estavaõ sujeitos á patria potestade da Senhora a Graça, e mais bens sobrenaturaes de Christo, S. VIII. n. 32. & seq. Christo he o deposito de todas as Graças do Eterno Padre, para por elle nos serem communicadas, n. 35. Christo suou Sangue, e agonizou no Horto, vendo a enormidade horrenda de nossas culpas; sendo que naõ desfalleceo vendo os tormentos, que tinha para padecer, S. IX. n. 10. 11. Devendo o Sangue de Christo na agonia do Horto recolher-se lhe para o coraçaõ; sahia correndo para a terra; porque fugia do aspecto horrendo de nossas culpas, que estavaõ representadas na phantasia, e entendimento do mesmo Christo, n. 12. 13. Christo de tal sorte satisfez por nossas culpas, que se naõ acha nellas deformidade, para a qual naõ applicasse especial correspondencia na mesma satisfaçaõ, que por ellas offerecia, S. X. n. 12. Quem pecca crucifica segunda vez a Christo: e em que sentido, n 25. Christo, quanto he de sua parte, está prompto para ser novamente crucificado por qualquer dos homens, se naõ bastara para os salvar, o que por todos, e por cada hum delles padeceo, Ibid. Christo se mostrou em huma visaõ a Santa Gertrudes na fórma em que o açoutaraõ, n. 27. Até no rosto, e nos olhos o feriraõ com açoutes: e o mysterio, que elle revelou haver nisso, Ibid. Por reverencia, e honra de Christo dispôs a Providencia do Altissimo, que os Judeos lhe cobrissem o rosto, quando o escarneciaõ:

carneciaõ: e que o mundo se cobrisse de sombras, quando na Cruz estava cravado, n. 30. & seq. Christo se apressou a esperar a hora, em que havia de converter a Samaritana: e porque? S. XI. n. 34. Cada hum dos tormentos, que Christo padeceo, excedia aos que padeceraõ todos os Martyres, S. XII. n. 5. Na Cruz padeceo tantos tormentos, e affrontas, só se queixou da sede, e do seu desamparo: e porque? n. 5. & 6. Em sua Paixaõ padeceo algumas penas correspondentes ás do Inferno; e quaes foraõ, n. 6. & 7. Quam exacta foy a execuçaõ da Justiça Divina, que o Eterno Padre usou com seu Unigenito Filho por nossas culpas: e porque motivo? S. XIII. n. 20. 21. Todo o mundo, e todas as creaturas juntas, naõ daraõ tanto a conhecer o que he Deos, como Christo nos dá a entender, e a conhecer, n. 25.

Conceiçaõ de Maria Santissima.

A devoçaõ já confessa com Fé pia a Conceiçaõ immaculada de Maria Santissima, e dezeja confessá-la como artigo de Fé definida, S. I. n. 1. Razaõ porque a Igreja naõ definio ainda o mysterio da Conceiçaõ, posto que delle se tratou no Concilio Lateranense, sendo Papa Leaõ X. Ibid. num. 27. A Conceiçaõ de Maria Santissima foy talhada pela geraçaõ de Christo; e porque, ibid. n. 2. V. *Christo.* V. *Maria Santissima.* V. *Eucharistia* V. *Lado de Christo.*

Condemnados.

Como se deva entender, que a privaçaõ da vista de Deos he mayor pena para os condemnados, S. IX. n. 6. 7. Os condemnados bem conhecem as delicias, que estaõ gozando os Bemaventurados no Ceo, S. XII. n. 14. Lá do Inferno chegaõ a ver aos Bemaventurados cheyos de gloria, para com esta vista se lhes augmentar a pena, Ibid. Assim como os condemnados perderaõ hum bem infinito, assim se enchem de huma pena, e trifteza infinita, Ibid. Os condemnados tem tal odio a Deos, que o naõ querem ver: ao mesmo passo que o naõ ver a Deos lhes causa infinita pena, n. 15. & seq. Bem quizeraõ elles dar a Deos a morte, se puderaõ, Ibid. Este odio, que os condemnados tem a Deos, se verte na mayor pena que ha para elles no Inferno, n. 17. & seq. Tambem os condemnados experimentaõ em Deos misericordia, quando no Inferno saõ castigados, n. 34. O fumo, que de si exhalou hum condemnado, bastou para matar a todos os viventes de certo lugar, n. 25. V. *Fogo.* V. *Fumo.* V. *Inferno.*

Contriçaõ.

V. *Arrependimento.* V. *Templo.*

Coraçaõ.

He a parte mais nobre do corpo humano: he a fonte da vida: naõ admitte em ſi a minima corrupçaõ: he o primeiro movel do noſſo abbreviado mundo: e para elle deſtinou a natureza o lugar mais principal, S. I. n. 40 & S. IX. n. 1. Para o coraçaõ ſe diſtribue o ſangue mais puro, e mais precioſo, S. I. n. 40. He do corpo a parte, que primeiro vive, e a ultima que morre, Ibid. Nelle pôs o homem a origem de ſua morte; porque o coraçaõ he o primeiro delinquente em todas as operaçoens viciozas, S. IX. n. 1. Baſta ſer puro de coraçaõ neſta vida, para ver a Deos na outra, Ibid. n. 2. Cinco motivos efficazes para que o homem purifique o coraçaõ, n. 4. Em hum coraçaõ naõ cabem naturalmente dous affectos, ou duas paixoens oppoſtas, ſendo ambas muy intenſas, S. V. n. 32. 33. V. *Lagrimas.*

Coroa.

Debayxo do titulo de Roſario tacitamẽte celebra a Igreja a Coroaçaõ da Mãy de Deos, e Rainha do Ceo, S. VI. n. 5. 8. Naõ celebra a Igreja expreſſamente a celebridade deſta Coroaçaõ: e porque, n. 6. 7. O Roſario he para a Senhora huma coroa de que ella faz grande eſtimaçaõ; ainda que no Ceo eſtá coroada pela Santiſſima Trindade com tres coroas de mayor preço, n. 9. 10. & ſeq. O meſmo Deos quer que ſua Mãy Santiſſima eſtime ſer pelos homens coroada com o Roſario, quando no Ceo he coroada pela Santiſſima Trindade. Ibid.

V. *Roſario.*

Creatura.

Em qualquer peccado, que as creatuas commettem, tiraõ a honrá Deos, S. X. n. 1. Muitos ſaõ os titulos, que obrigaõ ás creaturas a honrar a Deos, Ibid. A deshonra, e injuria, que contra Deos cõmettem as creaturas peccando, he infinita, e por iſſo nunca ſe encarece tanto, que ſe naõ poſſa encarecer muito mais, n. 2. Qual ſeja o ponto ſummo, e mais encarecido deſta deshonra, e injuria, que as creaturas commettem contra Deos peccando, n. 3. 6. 16. Quanto offerece Deos ás creaturas, para que ſe abſtenhaõ de peccar: e quanto lhes promette o demonio, para que offendaõ a Deos, n. 3. Peccando a creatura, prefere o demonio, e ſuas promeſſas, a Deos, e ás ſuas offertas, Ibid. Por eſta preferencia taõ impia, eſtima, e honra a creatura ao demonio mais que a Deos, n. 4. & ſeq.

D

David.

EM sua vida naõ castigou a Semei, nem a Joab: e estando para morrer, ordenou a Salomaõ seu successor, que os mataſſe, S. II. 33.

Demonio.

Peccando algum homem, mostra o Demonio muito prazer, pela perdiçaõ de huma alma, que eternamente ha de blasfemar de Deos no Inferno, S. XIII. n. 2. Insultaçoens com que o demonio injuria a Deos, e blasfema de sua Justiça, e de sua Misericordia, quando vê aos homens peccar, n. 3. 4. V. *Homem.*

Deos

Naõ póde deixar de ver, e conhecer o que está vendo; porque a sua propria natureza he a especie que lho representa, e he entendimento, que conhece, S. V. n. 26. Tudo creou Deos para gloria sua, S. VII. n. 7. Se creara infinitos mundos, naõ resultaria de todos elles para Deos tanta gloria, quanta se lhe deve, e a de que elle he digno. n. 8. 9. Por isso decretou que incarnasse o seu Unigenito Filho; porque só huma Pessoa Divina lhe poderia dar toda a honra, que se deve a Deos, Ibid. Ainda supposta a Incarnaçaõ do Divino Verbo, se Christo naõ instituira o Sacrificio do Altar, naõ receberia Deos toda a honra, e toda a gloria, que lhe he devida, n. 11. A acçaõ mais principal, com que os homens em todas as idades do mundo honraraõ a Deos, he a offerta dos Sacrificios, Ibid. V. *Sacrificio do Altar.* O fim da Incarnaçaõ, e do Sacrificio do Altar he a gloria, que resulta a Deos de hum, e outro mysterio, S. VII. n. 14. & seq. V. *Creatura.* Sendo em Deos o attributo da Justiça indistincto da sua natureza; o acto desta Justiça, quando castiga, parece violento, e naõ natural ao mesmo Deos, S. X. n. 19. Para Deos nos perdoar, e usar comnosco de Misericordia, a sua propria natureza, e bondade o move; para nos castigar, naõ se move de si, sem ser movido, e provocado por nós, n. 17. Deos he taõ inclinado á Misericordia, que para castigar, parece que primeiro entra a lutar comsigo mesmo, até vencer em si a propria resistencia que tem, para executar o castigo, n. 19. & seq. Pareceo, que Deos estimou em mais a honra de seu Filho, que a vida delle, n. 36. 37. e os homens alêm de lhe tirarem a vida, lhe tiraõ a honra, em qualquer vez que peccaõ, Ibid. Deos, ainda quando castiga he pio, e até com os condemnados, que estaõ no Inferno, osten-

ta a sua Misericordia, S. XII. n. 34.

Deshonra.

Deshonra que se faz a Deos em qualquer peccado, V. *Christo.* V. *Peccado.*

S. Domingos.

Foy o mais insigne Propagador da devoçaõ do Rosario: e o primeiro que o distribuio pelos mysterios de Christo, e de sua Mãy Santissima, S. VI. n. 4. Antes deste glorioso Patriarcha já se rezava o Rosario, Ibid. A Mãy de Deos apparecendo a S. Domingos, lhe disse que a Santissima Trindade, para extinguir todos os peccados do mundo, naõ escolhera outras armas, senaõ o Rosario, n. 29. Prégando S. Domingos em Carcassona, fez aos Demonios confessar, que nenhum Catholico se condemna, perseverando na devoçaõ do Rosario, n. 32.

E

Ecclesiasticos.

OS das Minas do ouro no Brazil comparados às pedras preciosas, de que se ornava Aaram, quando se vestia Pontificalmente, *Elias, Elizeo.*

Mostrou Elizeo que nelle ficara o Espirito de Elias; porque, na ausencia deste, obrou Elizeo os prodigios que tinha obrado Elias, S. IV. n. 26.

Elvidio.

Negava este Heresiarca, que a Mãy de Deos fosse sempre Virgem, S. VIII. n. 9. Confessava haver na Senhora a graça necessaria para ser Mãy de Deos, negava-lhe a graça conservativa, unitiva da Virgindade com a Maternidade, Ibid.

Encarnaçaõ.

Para a Encarnaçaõ do Verbo distillou Maria Santissima humas gotas do sangue do seu purissimo coraçaõ, das quaes se formou o corpo, em que o Divino Verbo encarnou, S. I. n. 3. O Sacramento Eucharistico he huma perpetua, e continua repetiçaõ da Encarnaçaõ, n. 30. Na Encarnaçaõ tomou o Verbo para si as imperfeiçoens naturaes de nossa humanidade, e deo os attributos de sua Divindade, S. III. n. 8. O mysterio da Encarnaçaõ foy revelado a Adam, e a muitos dos Patriarchas, S. VII. n. 3. Decretou Deos, que encarnasse o seu Unigenito Filho: porque só huma Pessoa Divina lhe poderia dar toda a honra, que se deve a Deos, n. 8. 9. Disputaõ os Theologos, se Deos decre-

decretou a Encarnaçaõ do Divino Verbo, tẽdo por fim primario a excellencia de tal mysterio, ou a redempçaõ dos homens, n. 9. Isto he, se encarnaria o Verbo ainda que naõ peccasse Adam, Ibid. Fundamento principal pela parte affirmativa, Ibid. Nova questaõ: Se bastaria a Encarnaçaõ do Verbo, e existencia de Christo, para delle receber Deos toda a honra, que se lhe deve? n. 10. Resoluçaõ da duvida: n. 11. A Encarnaçaõ do Divino Verbo foy o fim, e motivo de crear Deos o mundo, n. 14. Porem o fim, ou motivo da Encarnaçaõ, foy a instituiçaõ do Sacrificio do Altar, Ibid. Razaõ porque tomou Deos a natureza humana para remir os homens, e naõ tomou alguma natureza angelica, para remir os Anjos.

Esmoler.

Hum animo compassivo, e esmoler, dando muito, julga que dispende pouco, S. II. n. 11. & seq. V. *Pobres.*

Estrella.

A que appareceo aos Magos, como lhes podia indicar o nascimento de Christo? S. III. n. 2. Porque he nomeada Estrella de Jacob, essa que appareceo aos Magos? n. 3. A estrella dos Magos, e tambem de Jacob, imitava a figura de hum pilar, ou columna, n. 5. & 6. Huma mesma estrella foy a que appareceo a Jacob, e aos Magos, n. 3. Representava a Mãy de Deos com o titulo do Pilar, n. 6. A Estrella dos Magos representava lá do Ceo, e descobria o que Christo occultava no Presepio, n. 6. 7.

Eternidade.

Na Senhora do Pilar ostenta Deos a sua eternidade, S. III. n. 9. Vide *Pilar da Mãy de Deos.* V. *Inferno.* V. *Fogo.*

Eva.

Em Eva se figurou Maria Santissima: e com que mysterio, S. I. n. 6. He interpretada Mãy dos viventes, Ibid.

Eucharistia.

Christo deo principio á obra da Redempçaõ instituindo o Sacrificio do Altar, e Sacramento Eucharistico, S. I. n. 29. Especialmente o applicou para preservaçaõ de sua Mãy Santissima, n. 30. & seq. Este Sacramento he huma continua repetiçaõ da Incarnaçaõ, n. 30. Foy instituido por Christo especialmente por amor de sua Mãy Santissima, Ibid. O Sangue de Christo Sacramentado fez que a casa da Sabedoria Divina fosse tambem fortaleza, n. 32. No Sacrificio da Missa ao vinho se ajunta agoa, em memoria do Sangue, e agoa, que sahiraõ do lado de Christo, n. 33. O mesmo Sangue de Christo Sacramẽ-

tado, melhor que o Sangue do lado exprime o myſterio da Conceiçaõ puriſſima da Senhora, n.34. & ſeq. V. *Lado de Chriſto.* V. *Sacramento*, e *Sacrificio do Altar.*

Expectaçaõ do Parto da Mãy de Deos.

Eſta feſta foy inſtituida em Heſpanha por S. Fulgencio, e Santo Ildefonſo, em deſaggravo da hereſia de Elvidio, que negava a perpetua Virgindade da Mãy de Deos, S. VIII. n.9.

F

FEaldade, Formoſura. V. *Alma racional.*

S. Fernando.

S. Fernando Rey de Caſtella, ſitiando a Sevilha, para a ganhar aos Mouros, em todas as noites entrava na Cidade a orar, e adorar a Senhora do Pilar, cuja imagem ſe conſervava em hum Templo della, S. III. n.19.

Fernando III. Imperador.

Fernando III. Imperador de Alemanha, na praça mais celebre de Viena de Auſtria, levantou huma imagem de N. Senhora, collocada ſobre huma columna taõ alta, que de toda a Cidade era viſta, S. III. n. 35.

Filhos.

A gloria dos filhos he honra para ſeus pays: e a gloria deſtes he honra para ſeus filhos, S.VI.n.22.

Fogo.

Porque Deos deſeja a ſalvaçaõ dos homens, caſtiga os reprobos com fogo eterno; para que a atrocidade da pena lhes cauſe horror, e temeroſos della ſe naõ condemnem, S.XII. 22. 34. Sendo tantos os tormentos do Inferno; na ſentença dos condemnados ſó ſe exprime a pena do fogo, porque todos os mais tormentos do Inferno tambem ſaõ fogo, n 23. Os peccados de cada hum dos condemnados ſaõ a materia do fogo eterno, n. 33. Deos inſtituio o fogo eterno para os demonios, e os homens o fazem para ſi, n.35. O fogo deſte mundo comparado ao do Inferno, he como o pintado, n.24. A mayor atrocidade do fogo do Inferno eſtá em que naõ ſeja voraz, nem conſumidor; e por iſſo he como ſe naõ fora fogo: mas por iſſo he eterno, n.27. & ſeq. o fogo do Inferno atormenta, e queima obſervando a ordem da juſtiça, mais ou menos, ſegundo o merito de cada hum dos condemnados, n.28. Se todo o mar concorrera para o Inferno, lhe naõ diminuiria a

minima

minima intensaõ de seu fogo; e huma lagrima basta para apagar o fogo todo do Inferno, n.39. V. *Inferno.* V. *Condemnados,*

S. Fulgencio.

V. *Expectaçaõ do Parto da Mãy de Deos.*

Fumo.

O fumo, que hum condemnado exhalou de si, bastou para matar quantos viventes se achavaõ em certo lugar, S.XII. n.25.

G

Santa Gertrudes.

CHristo se lhe representou na forma em que por nosso amor foy açoutado, S. X.n.27. Diz a mesma Santa Gertrudes, que tambem no rosto, e nos olhos, lhe vira feridas, e sinaes de açoutes; e porque mysterio, e razaõ. Ibid.

Graça.

Cada hum dos Sacramentos produz distincta, e diversa graça; e todos elles incluem alguma especialidade particular, sobre a graça santificante, naõ Sacramental, S. VIII. n. 22. A graça he huma participaçaõ da natureza divina: e porque, n. 26. Em Maria Santissima houve graça, cujo effeito foy corporal, n. 23. & seq. V. *Maria Mãy de Deos.*

H

Homem.

BAsta a fabrica do composto humano, para que se admire a sciencia do seu divino Author, S.IX. n. 1. o Homem he huma imagem, e similhança de Deos: e porque, n. 18. Pelo peccado se faz imagem do demonio: e fica sendo hum horrendo monstro com tres formas; e quaes saõ, n. 19. & seq. Os Homens cheyos de peccados, vivem muy descançados, porque naõ olhaõ para a enormidade delles, n. 15. & 16. Se algum Homem chegára a ver hum peccado, morrera logo assombrado, n. 9. Peccando se faz o Homem peyor que o demonio: e porque, S. XIII. n. 4. Dá occasiaõ ao Demonio para se alegrar, e blasfemar de Deos, n. 7. As blasfemias, que o Demonio profere contra Deos, peccando o Homem, a este tambem se devem attribuir, como author dellas, n. 33. 34. O Homem peccando faz liga com o demonio, para affrontarem ambos a Deos, n. 33. Naõ permitte Deos que os Homens sejaõ tentados sobre as forças, que cada hum tem para resistir, n. 11.

A in-

A ingratidaõ dos Homens para com Deos ſe faz intolleravel, por haver elle dado o ſeu Unigenito á morte, para os remir, naõ uzando eſta miſericordia com os Anjos, n. 22. & ſeq.

I

Jacob.

ESTrella de Jacob, qual foſſe, S. III. n. 3. Deos lutando com Jacob, lhe experimentou as forças, para lhe revelar os ſeus myſterios, n. 4. Na luta revelou Deos a Jacob o myſterio da Epiphania. Ibid. Mudou lhe o nome em Iſrael. Ibid. V. *Eſtrella*. V. *Magos*. Levantou Jacob hum titulo ſobre a ſepultura de Rachel: e qual foy, n. 22. Porque muyto amava a Rachel, ſe naõ podia eſquecer della, S. V. n. 22.

Igreja

Em Adaõ começou a Igreja de Deos; porque do principio do mundo começaraõ a haver eſcolhidos, que adoravaõ a Deos, e lhe offereciaõ Sacrificios, S. VII. n. 2. Na primeira Igreja de Adam até Chriſto, naõ havia Fé do Sacramento Euchariſtico. Ibid. A Igreja he comparada à Aurora, Lua, e Sol: e porque, n. 4.

S. Ildefonſo.

V. *Expectaçaõ do parto* de Maria Santiſſima Mãy de Deos.

Immenſidade.

V. *Pilar* da Mãy de Deos.

Inferno.

O Inferno naõ he taõ terrivel como he o peccado, S. IX. n. 6. Inferno inferior, qual ſeja, n. 6. 8. A memoria do Inferno ſuſpende nos homens a deliberaçaõ de peccar, S. XII. n. 1. & 39. Nenhuma lingua póde dizer os tormentos, e dores, que ſe padecem no Inferno, e porque, n. 2. O que do Inferno diſſe, depois que o vio, hum a quem S. Jeronymo reſuſcitou. Ibid. Chriſto relumirá na ſua final ſentença todos os tormentos do Inferno a dous pontos; a ſaber, privaçaõ da viſta de Deos, e fogo eterno, n. 3. & ſeq. Mil Infernos juntos atormentariaõ aos condenados menos, do que a eterna privaçaõ da viſta de Deos, n. 8. & ſeq. O Inferno ſe deve fazer horrivel a todas as creaturas racionaes; porque naõ cheguem a eſtado, em que precizamente haõ de ter odio a Deos ſeu Creador, e ſeu Redemptor, n. 20. & 21. Como Deos ſummamente deſeja a ſalvaçaõ dos homens, lhes inſtituio a pena do fogo eterno, para que a atrocidade della lhes cauſe horror ao Inferno, e ſe naõ

conde-

condenem, n. 22. & 34. O que faz as penas do Inferno mais horriveis, he a eternidade dellas, n. 27. & seq. Sendo no Inferno tantos os tormentos para os sentidos dos condenados, Christo só ha de exprimir o do fogo na sentença condenatoria; porque todos os mais tormentos tambem saõ fogo, n. 23. 24. Ainda que Christo ha de proferir a sentença de fogo eterno contra os reprobos; elles mesmos se faraõ executores da sua pena, n. 32. Os que se lembraõ do Inferno naõ peccaõ: o total esquecimento do Inferno he o que a elle leva tantas almas, n. 36. V. *fogo.*

Injuria.

Injuria, que se faz a Deos em qualquer peccado. V. *Deos.* V. *Peccado.*

Job.

Job, sendo taõ compassivo, se gloriava de haver castigado os delinquentes, S. II. n. 32.

Jozé

Em seu nascimento, a Estrella d'Alva mudou a propria figura, como indicando, que nascia o Grande V. Rey, que foy depois no Egypto, S. III. n. 5.

Justiça.

No Ceo ha especial coroa para os que na terra foraõ zelosos da justiça, S. II. n. 35.

Justiça divina.

Basta o castigo, que Deos deo aos Anjos por huma só culpa, para temermos a justiça divina, e naõ repetirmos tantas offensas contra Deos, S. XIII. n. 8. & seq. Exemplos de outros castigos, que nos admoestaõ a temer a justiça divina, n. 12. Quando Deos suspende a sua justica, e usa de misericordia, obra hum milagre notoriamente grande, n. 15. & seq. Differença de justiça, que Deos usou com os que se rebellaraõ contra Moysés, castigando mais severamente a huns, que a outros, sendo em todos hum mesmo o crime, e o delicto igual, n. 16. 17. Assim como Deos castigando, se naõ esquece de sua Misericordia; assim dá a ver a sua Justiça, quando usa de Misericordia, n. 20. V. *Deos.* V. *Peccado.*

L

Lado de Christo.

ESpecialmente se abrio a primeira vez, para Maria Santissima ser preservada da culpa: e segunda vez, para se convencer a obstinaçaõ, e incredulidade do Apostolo S. Thomé, S. I. n. 1. Do lado

lado de Chriſto ſahio o preço eſpecial da redempçaõ, e preſervaçaõ de Maria Santiſſima, n. 4. & ſeq. No meſmo lado foy Maria Santiſſima concebida, e gerada: como, e com que myſterio, n. 7. A Chaga do lado foy meritoria quando foy previſta, ainda antes que foſſe executada, n. 11. Por iſſo foy propriamente preço, e merecimento eſpecial, para a Mãy de Deos ſer preſervada da culpa, que nella ſó foy previſta, e naõ contrahida. Ibid. Eſta Chaga naõ cauſou dor, ou ſentimento a Chriſto, quando a recebeo; porque era eſpecialmente applicada para preſervaçaõ de huma culpa, que por naõ ſer contrahida, tambem naõ cauſou dor, ou ſentimento a Chriſto, n. 12. A Chaga do lado de Chriſto foy a porta do Templo, que S. Joaõ vio ſe abria no Ceo, n. 14. Agoa do lado de Chriſto, ſymbolo de Maria Santiſſima: Sangue do meſmo lado, ſymbolo de ſua preſervaçaõ, n. 14. 27. 28. Do lado de Chriſto primeiro ſahio o Sangue, e depois a agoa, n. 25. com que myſterio. Ibid.

Lagrimas.

Nem David, nem o ſeu exercito derramaraõ lagrimas morto Abner, ſenaõ depois que o deraõ á ſepultura: e porque razaõ, S. II. n. 4. Lagrimas aliviaõ muyto hum coraçaõ afflicto, S. V. n. 42. As de S. Pedro eraõ amargozas, porque levavaõ em ſi a amargura, que em ſeu coraçaõ havia. Ibid. As lagrimas que chorou Anna Mãy de Tobias, eraõ irremediaveis; mas a ſua pena, havendo lagrimas, era remediavel, n. 43. A afflicçaõ da Senhora em ſua Soledade, nem com lagrimas ſe podia remediar, ou aliviar, n. 45. porque a ſua afflicçaõ era na grandeza hum mar, n. 8. n. 45. & ſeq. As agoas, que em ſi trazem os rios, ao mar naõ diminuem a grandeza; porque para o mar tornaõ: e as lagrimas da Senhora outra vez tornavaõ a ſe lhe recolher no coraçaõ, n. 45. & ſeq. O coraçaõ de Chriſto chorou lagrimas de agoa, e ſangue, depois de morto, porque nelle ſe tornaraõ a recolher as que chorou em vida, n. 46. Naõ podia a Senhora reprimir as lagrimas, tanto que ſe lembrava das maons, e pés de Chriſto cravados na Cruz, n. 49. Huma lagrima baſta para apagar o fogo todo do Inferno, S. XII. n. 39. Exceſſo das lagrimas, com que S. Pedro chorou a ſua culpa em todo o reſto de ſua vida, S. XI. n. 44.

M

Magos.

DE que Regiaõ sahiraõ os Magos a adorar a Christo, S. III. n. 4. V. *Estrella.*

Maria Santissima Mãy de Deos.

Especialmente por amor de Maria Santissima se fez Homem o Filho de Deos: por amor della, mais que por todos os homens padeceo, e morreo, S. I. n. 30. Foy o fim mais particular da Incarnaçaõ do Verbo, e Redempçaõ do mundo, n. 40. Foy a caza, que a Sabedoria Divina edificou para si, n. 31. Com o titulo do Pilar foy representada na Estrella de Jacob, e dos Magos, S. III. n. 6. O Filho de Deos communicou a Maria Santissima (quanto era possivel) o que se comprehende na Divindade, n. 8. V. *Pilar* de Maria Santissima. Antes de conceber o Filho de Deos, já era venerada por Mãy de Deos, n. 17. & seq. Varios symbolos da Mãy de Deos, que se achaõ em hum, e outro Testamento, n. 20. Foy figurada em Rachel, n. 22. Maria Santissima padecia juntamente com Christo os tormentos, que elle em sua Paixaõ padeceo, S. V. n. 1. Nesta uniformidade ainda a Senhora vinha a padecer mais; porque padecia na alma o que Christo padecia no corpo, Ibid. Para a Senhora seria alivio, se expirara, morrendo Christo, n. 2. Morrendo elle, por especial milagre da Providencia, naõ expirou tambem, Ibid. Em sua Soledade estava sem vida, e nem por isso morta, Ibid. Como foraõ muy poucas as creaturas, que sentiraõ a morte, e ausencia de seu Creador, sentio Maria Santissima por todas as creaturas (ainda que insensiveis) a Soledade de Creador, n. 3. Sentio por todos os homens a soledade de Redemptor, Ibid. & seq. Daqui se vê, que a afflicçaõ de Maria Santissima em sua Soledade foy infinita, n. 7. & seq. Porque o Eterno Padre he incapaz de sentimento, e naõ podia sentir a morte de seu Unigenito Filho, por elle supprio a Mãy de Deos, padecendo em si o que o Eterno Padre naõ podia padecer, n. 9. Se por todas as creaturas se repartisse a pena que houve em Maria Santissima na Payxaõ, e Morte de Christo, subitamente acabariaõ todas, n. 7. Foy irremediavel a pena de sua Soledade, n. 10. & seq. Christo solicitou que a Senhora apartasse delle a memoria, para menos sentir a sua ausencia, n. 19. A mesma Soledade servia de estimulo á Mãy de Deos para lhe avivar a memoria do Filho ausente, n. 23. No coraçaõ de Maria Santissima estavaõ impressos os tormentos, e chagas, que Christo padeceo, n. 24.

24. Chriſto era o coraçaõ de ſua Mãy Santiſſima, Ibid. A Mãy de Deos eſtava convertida nas Chagas, e mais tormentos de Chriſto, e tranſmutada no meſmo Chriſto, n. 25. 26. Ponderaçoens, que affligiaõ a Mãy de Deos em ſua Soledade, n. 28. Tinha a Senhora viva Fé, e firme Eſperança da Reſurreiçaõ de Chriſto, e ſe affligia extremozamente no triduo de ſua morte, n. 29. 34. Mais ſe affligia a Senhora pela Soledade de Chriſto, que pela ſua propria Soledade, n 35. 36. A Senhora tinha por alivio padecer os meſmos tormentos, que padecia Chriſto; e lhe ſervia de grande pena naõ padecer a morte com elle, n. 38. & ſeq. Maria Santiſſima he univerſal diſpenſeira das graças, que recebemos de Deos, S. VI. n. 32. Maria ſe interpreta Senhora da Graça, S. VIII. n. 2. He Senhora da Graça, porque a achou, depois que Eva a perdeo, Ibid. Maria Santiſſima tem perfeito dominio, e ſenhorio na Graça, deſde que concebeo o Filho de Deos, n. 3. Achou para ſi, e para nós a Graça, n 3. & ſeq A Graça na Mãy de Deos foy de alguma ſorte infinita, immenſa, e incomprehenſivel, n. 6. & 34; porque devia ſer proporcionada á dignidade quaſi infinita de Mãy de Deos, Ibid. Só ſe Maria Santiſſima ſubiſſe a ſer juntamẽte Deos, como Chriſto he, poderia ter mais abundante Graça do que teve, n. 8. O ſer Mãy de Deos ſendo Virgem, foy na Senhora Graça eſpecial, ſobre immenſa, e infinita Graça, n. 9. 10. & ſeq. A virtude nocional, e particular do Eterno Padre, para ſendo Virgem gerar huma Peſſoa Divina, houve por eſpecial Graça em Maria Santiſſima, n. 12. & ſeq.; e eſta foy a eſpecial Graça, que a Senhora achou para ſi, n. 15. A Graça unitiva da Virgindade com a Maternidade na Senhora, he mayor, e mais admiravel, que a Graça preciza da Maternidade, Ibid. & ſeq. Só podia ſer Mãy ſendo Virgem a que era Mãy de Deos, n. 20. Para Maria Santiſſima ſer Mãy de Deos, teve toda a Graça poſſivel de que huma creatura he capaz, n. 19. A Graça unitiva da Virgindade com a Maternidade na Senhora, foy diſtincta Graça daquella que a dignificou, e ſantificou, para ſer Mãy de Deos, n. 21. & ſeq. Eſta Graça foy corporal, porque produzio effeito corporal, n. 23. & ſeq. Maria Santiſſima corporalmente participou a virtude do Eterno Padre, para gerar ſendo Virgem, n. 26. & ſeq. A Graça, que Maria Santiſſima achou para nós, foy o meſmo Chriſto Author da Graça, n. 29. Chriſto, naõ obſtante a excellencia da uniaõ hypoſtatica, eſtava ſubdito a ſua Mãy Santiſſima; e conſequentemente eſtavaõ ſujeitos á patria poteſtade da Senhora a Graça, e mais bens eſpirituaes de Chriſto, n. 32. & ſeq. Eſpecialmente exerce

exercē a Mãy de Deos esta potestade na distribuiçaõ da Graça de seu Filho, a qual a ninguem se communica sem ser por meyo desta Senhora, n. 34. Christo a fez deposito de todas as suas graças, para as dispender, n. 35. A Senhora deo mostras de que estimava em mais a graça para nós em seu parto, que para si na Incarnaçaõ; e em que sentido, n. 36. Dando-nos a Mãy de Deos no parto o Author da Graça, o fazia mais para si, n. 38. Os sette OO. de Maria Santissima, que a Igreja celebra nos sette dias antecedentes ao do seu parto, eraõ os intimos desejos de nos dar já o Filho, que trazia em seu purissimo ventre, n. 38. O ventre de Maria Santissima era hum Ceo fechado com sette circulos: e sette OO, ou sette aspiraçoens o abriraõ, sem o violar, para que o Filho nasceſſe, n. 39. Para conceber o Filho de Deos, se ouviraõ a Maria Santissima difficuldades, antes que desse o consentimento; e para o dar ao mundo no parto, tudo nella eraõ desejos de o ver nascido: e porque, n 39. Foy a Mãy de Deos ornada, e enriquecida com a Graça por tres differentes modos: e quaes elles foraõ, n. 40. V. *Conceiçaõ*. V. *Christo*. V. *Lagrimas*, V. *Rosario*. V. *Expectaçaõ do Parto*.

S. Maria Magdalena, e Egypciaca.

A Magdalena, ainda depois de restituida á Graça de Christo, chorava o tempo que perdeo, quando o naõ amou, S. XI. n. 2. Fez asperissimas penitencias, para com ellas recuperar esse tempo, que esperdiçou, e deo ao mundo, n. 45. S. Maria Egypciaca fez asperas, e horrendas penitencias, para com ellas recuperar o tempo perdido na vida que gastou em vicios, n. 45.

Merecimentos.

Os de Christo foraõ de infinito valor, S. I. n. 19. Ainda os que especialmente se applicavaõ por alguns particularmente determinados, eraõ meritorios para todos os homens, S. I. n. 19. 20.

Misericordia.

Posto que saõ muitos os exemplos da misericordia Divina em perdoar nossas culpas, naõ nos devem servir de confidencia para peccar, S. XIII. n. 13. Quando Deos detem a sua justiça, e usa de misericordia com os peccadores, obra hum milagre notoriamente grande, n. 15. & seq. Deos castigando mostra a sua misericordia; e quando desta usa, tambem dá mostras da sua justiça, n. 20. V. *Redemptor*.

Morte.

Christo temeo a morte; e S. Bento a esperou sem temor; S. IV. n. 10. Razaõ desta differença, Ibid. e foy maravilha grande, que excede

cede as forças da natureza, n. 12. A victoria que ſe conſegue do mundo, he arriſcada até o inſtante da morte. Ibid. Há de ſer mais que homem, e mais que ſanto, quem triunfar da morte, n. 12. 13. V. *S. Bento.* A morte temeo a Chriſto, e para lhe tirar a vida, foy precizo que Chriſto a chamaſſe com a inclinaçaõ da cabeça, n. 17. Os Santos, ainda que por virtude de ſua conformidade abraçaõ a morte, a naõ chamaõ, porque a temem, n. 16. S. Hilariaõ, depois de ſervir a Deos ſettenta annos, ainda temia a morte, e á ſua alma reprehendia, porque temia ſahir deſte mundo, Ibid. Vida que reſiſte a toda a recreaçaõ, he morte, n. 33. & ſeq. A morte dos peccadores he peſſima, n. 38. O meyo unico para ter morte de juſto, he viver como ſanto, Ibid. V. *Moyſes.* Os velhos naõ recuperaõ na morte o tempo que na mocidade perderaõ; porque para entaõ erradamente guardaraõ o arrependimento das culpas, S. XI. n. 15. Quem para a hora da morte reſerva a recuperaçaõ do tempo, que perdeo, mais certamente perderá tambem os annos da eternidade celeſtial, n. 16. S. Agoſtinho deſconfiava da ſalvaçaõ dos que vivendo deſconfiados della, ſó na hora da morte davaõ ſinaes de arrependimento, n. 21. S. Cypriano lhes prohibia o Sacramento da Penitencia: excepto cazo de contriçaõ extraordinaria, Ibid. Antiocho dava grandes ſinaes de arrependimento na morte, e com tudo naõ conſeguio de Deos miſericordia, n. 23. 24. V. *Tempo.*

Moyſés.

A morte de Moyſés foy delicioſa; e com tudo deſejou a ſorte de acabar como Aaraõ, S. II. n. 42. Da morte de Moyſés duvidaraõ muitos; porque morreo, como ſe naõ morrera, S. IV. n. 8. Moyſés foy figura de S. Bento, n 9.

Mundo.

Só vêce o mũdo quem o traz debaixo dos pés, S. IV. n. 12. A victoria que ſe alcança delle, he arriſcada até a hora da morte, n. 12. 13 No primeiro paſſo que S. Bento dava, para entrar no mundo, retirou o pé, n. 14. Tanto que Adaõ peccou, perdeo o mundo a formoſura com que foy creado, S. IX. n. 25. & ſeq. No fim do mundo haverá hum geral incendio: e para que, n. 39. V. *Deos.* V. *Peccado.*

N

Nero.

MAndava metter os homens em ſaccos de reſina, pez, e outras materias oleozas, e pondo-lhes de noite fogo, com elles ſe alumiavaõ as ruas, S. XII. n. 22.

Hum

O

HUm O, he termo com que a natureza, ainda entre Barbaros, exprime suas admiraçoens, S. VII. n. 5. A figura desta letra representa huma infinidade; porque huma grandeza, ainda que infinita, cabe em huma admiraçaõ, Ibid. Hum O, he huma aspiraçaõ, que se desfaz quando se forma, S. VIII. n. 39. Os sette OO de Maria Santissima, que a Igreja celebra nos sette dias immediate antecedentes ao seu parto, eraõ os ardentes desejos, que a Senhora tinha de dar aos homens o Filho, que trazia em seu ventre puriſſimo, n. 38. A virtude de sette OO, ou sete aspiraçoens de ardentissimos desejos, fizeraõ que do ventre de sua Mãy Santissima sahisse o Filho de Deos, a nascer temporalmente, n. 39.

Officio Divino.

A sua reza he a que nos Coros da Militante Igreja, faz consonancia com o louvor, que no Ceo perpetuamente se canta a Deos, S. VI. n. 4.

P

Padre Eterno.

NAõ podendo, por impassivel, sentir a morte de seu Unigenito Filho, por elle supprio Maria Santissima com o seu sentimento, S. V. n. 9. Carlos II. Rey de Hespanha supplicou á Sé Apostolica decreto; para nos seus Reynos se festejar com Officio, e Missa o Padre Eterno. Foy escuzada a supplica; e porque, S. VI. n. 7. He virtude particular, e nocional do Eterno Padre, gerar sendo Virgem huma Pessoa Divina, S. VIII. n. 12. & seq. Qual foy a virtude do Eterno Padre, que veyo sobre Maria Santissima no dia da Incarnaçaõ do Verbo, Ibid. Em Christo depositou o Eterno Padre todas as suas graças, para nos serem por elle communicadas, n. 35. V. *Rosario.*

Pays.

A gloria dos Pays he honra para os filhos, e a honra destes he gloria para seus Pays, S. VI. n. 22. V. *Pobres.* Naõ padecem os filhos, sem que se compadeçaõ os Pays. S. II. n. 19. & seq.

S. Paulo.

Confessa que naõ sabia, se na occasiaõ do seu rapto tinha a alma em seu corpo, ou se fóra delle, S. IV. n. 38. Os muitos, e gravissimos trabalhos, que padeceo por Christo, e pela Igreja, em satisfaçaõ de haver perseguido a Igreja, e a Christo, S. XI. n. 34.

Peccado. Peccador.

Ainda com a certeza, ſe a poderá haver, de que o peccado ha de ſer perdoado, baſta a enormidade delle, para que ninguem o commetta, S. IX. n. 5. Nem Deos poderá fazer que haja couſa mais fea, e mais horrenda, que o peccado, Ibid. Tanta he a fealdade da culpa, quanta he a fermoſura Divina. Ib. Sendo o Inferno a couſa mais horrivel, que concebe a noſſa imaginaçaõ, o peccado ainda he mais horrendo, e mais abominavel, n. 6. Quem chegaſſe a ver o horrendo aſpecto de hum peccado, ſegundo em ſi he; morreria de aſſombramento, n. 9. No Horto ſuou Chriſto ſangue, e agonizou, vendo a enormidade de noſſas culpas, n. 10. O ſangue lhe ſahio pelos poros a eſconder-ſe na terra, fugindo do horrendo aſpecto dos peccados, que eſtavaõ repreſentados na fantaſia, e entendimento de Chriſto, n. 12. 13. Vivem os homens muy deſcanſados, quando cheyos de peccados; porque naõ olhaõ para a enormidade delles, n. 15. Fealdade de huma alma, q eſtá em peccado, quam grande ſeja, n. 17. & ſeq. Aſpecto horrivel de hum Soldado, que eſtava em peccado, n. 22. Vio S. Thereza huma alma em peccado, e o que nella mais admiraçaõ lhe cauſou, n. 24. Todo o mundo perdeo a formoſura em que foy creado, e os aſtros a mayor parte da ſua luz, tanto que peccaraõ os primeiros Pays, n. 25. & ſeq. O peccado deſtes foy commettido no oitavo dia da creaçaõ do mundo, n. 27. V. *Adam*. V. *Alma racional*. V. *Aſtros*. V. *Creatura*. V. *Deos*. Todos os que peccaõ commutaõ a honra de filhos, e ſervos de Deos, pela deshonra, e vileza de ſerem eſcravos, e filhos do Demonio, S. X. n. 2. Com qualquer peccado mortal provocamos a juſtiça Divina a que por elle nos condene, logo que peccamos, n. 6. Quem pecca, quanto he da ſua parte, quizera que Deos naõ viſſe o ſeu peccado, e para iſſo naõ fora immenſo: e que naõ fora juſto, para que pudeſſe de algũa ſorte faltar lhe com o caſtigo, n. 6. 7. & ſeq. Finalmente quizera que Deos naõ fora Deos, Ibid. O peccador, quanto he da ſua parte, e da ſua vontade, tira a Deos a vida, quando pecca, n. 10. & ſeq. Eſcuſa frivola dos peccadores, quando aſſim ſaõ arguidos, n. 13. & ſeq. Quam temeraria, e injuſta he a confidencia, que fazem os peccadores na Miſericordia Divina, quando ſe deliberaõ a peccar, n. 13. & 14. Quam grave injuria, e deshonra commette o peccador contra Deos peccando, pois provoca a Juſtiça Divina para que o caſtigue, n. 17. e muito mais, porque naõ reſpeyta a preſença

lença de Deos, para deyxar de o offender, onde sabe que está Deos presente, e o está vendo, n. 27. O peccador faz que Deos no castigo das culpas proceda como se fora servo, e naõ supremo Senhor: e porque razaõ, n. 22. O peccador naõ só nega a Deos a gloria, e honra de ser ultimo fim de todas as creaturas; mas tambem lhe tira (para pôr em si) a excellencia de ser primeira causa, e primeiro principio, n. 23. & seq Quem pecca crucifica segunda vez a Christo; e em que sentido, n. 25. O vicio mais depravado, e mais solto se refrea, se entende que de alguem terá visto quando peccar, n. 28. e os homens naõ se refreaõ, nem se escondem de Deos, sabendo que os vê peccar, Ibid. V. *S. Gertrudes.* Consideraçaõ, e lembrança da presença de Deos, efficaz remedio para naõ peccar, n. 28. Mais temerario he quem pecca, sabendo que Deos o está vendo, que o Atheista peccando; porque nega haver Deos, &c. n. 29. Todos os que bem consideraõ o que he hum peccado, em quanto injuria, e deshonra feita a Deos, assentaõ que nella o que mais aggrava, he ser commettida em presença de Deos, n. 32. & seq. O mesmo peccado está persuadindo a quem o commette, que primeiro se retire da presença de Deos, antes que o execute por obra, Ibid. Com o arrependimento das culpas restituimos a Deos a honra, que lhe tiramos peccando, n. 38. O peccado ainda se faz para Deos mais abominavel do que em si he, pelas insultaçoens, e irrisoens que o demonio faz contra Deos, quando nos vê peccar, S XIII. n. 35. & seq.

S. Pedro.

Excesso de sua contriçaõ, e lagrimas, com que chorou a sua culpa, em todo o resto de sua vida, S. XI. n. 44.

Perda.

A certeza de se recuperar hum bem, que se perdeo, alivia a pena de sua perda, S. V. n. 29. & seq. Perda que se naõ póde remediar, pede lagrimas irremediaveis, S. XI. n. 2 V. *Tempo.*

Pilar de Maria Santissima Mãy de Deos.

Maria Santissima do Pilar se representou na Estrella, que appareceo a Jacob, e aos Magos, S. III. n. 6. Huma, e outra Estrella imitavaõ a figura de hum Pilar, n. 5. & 6. O Sacramento he Pilar, em que descança, e se sustenta a Igreja, n 9 Com o titulo do Pilar he Maria Santissima huma ostentaçaõ da Eternidade, e Immensidade Divina, Ibid. Este titulo do Pilar gozava a Mãy de Deos antes de todos os seculos, como se para ella naõ tivera principio este titulo, n. 11. & seq. Varios symbolos, que representavaõ a Senhora do Pilar,

antes que viesse ao mundo, n. 15. Maria Santissima, antes de conceber o Filho de Deos, já era venerada por Mãy de Deos; e por Senhora do Pilar, antes de ser exaltada nelle, n. 17. & seq. O titulo do Pilar naõ ha de ter fim, pois he eterno. n. 19. & seq. Com a invasaõ dos Mouros acabaraõ na Hespanha as Sagradas Imagens, e Templos santos, mas naõ o Templo do Pilar edificado por Santiago, nem outros, em que estavaõ collocadas Imagens deste titulo, Ibid. S. Fernando Rey de Castella sitiando a Sevilha, para a ganhar aos Mouros, todas as noites entrava na Cidade, a orar, e adorar a Senhora do Pilar, cuja Imagem se conservava em hum Templo della, Ibid. Differença que ha entre o titulo do Pilar, e os mais titulos, com que a Mãy de Deos he invocada, n. 21. O titulo, q̃ Jacob levantou sobre o sepulchro de Rachel, era hum Pilar, que já figurava o de Maria Santissima, n. 22. A Mãy de Deos subio ao Ceo exaltada em hum Pilar: e no Ceo está conservando o titulo de Senhora do Pilar, n. 23. Como pode ostentar-se na Senhora do Pilar o attributo da Immensidade, n. 26. & seq. A Senhora do Pilar enche o mundo com milagres, e maravilhas, n. 30. 31. A Mãy de Deos com outros titulos, e invocaçoens he prodigiosa em certos Reynos, e Provincias; com o do Pilar he milagrosa em̃ todo o mundo, e para com todos os que a invocaõ, n. 32. & seq. Ainda que a Mãy de Deos he a mesma com qualquer titulo, com o do Pilar he com mais razaõ, e quasi por obrigaçaõ milagrosa, n. 36. & seq. Imagem da Senhora collocada em hum altissimo Pilar na praça principal de Viena de Austria, n. 35. V. *Estrella*. V. *Magos*.

Pobres.

Quem he Pay dos pobres se dá a conhecer nas esmólas secretas, que faz a pessoas recolhidas, e necessitadas, S. II. n. 16. 17. Naõ necessita de ser rogado, para remediar a pobreza dos que reputa por filhos. Ibid. & seq. Quem se compadece dos pobres, e os remedêa sem que elles peçaõ, ou declarem a sua necessidade, mostra que he pay dos pobres, n. 20. 21.

Prelado.

Como devem prégar os Prelados, e os seus sermoens como devem ser, S. II. n. 8. Devem ser diligentes em examinar as vidas, acçoens, e causas do seus subditos, n. 23. & seq. Devem ter os subditos sempre como diante dos olhos; pois os tem sobre seus hombros para a conta, n. 25. Se o subdito se persuade que as suas acçoens se haõ de pôr na noticia do Prelado, logo se conthem de

todo

todo o reprehensivel procedimento, n. 27. & 28. A melhor prova da vigilancia do Prelado, he o theor da vida dos subditos, n. 29. 30. Naõ se agrada Deos dos Prelados, em cuja dissimulaçaõ achaõ os delictos abrigo; mas sim dos que para os crimes tem o castigo prompto, n. 33. Por reverencia de Deos, em cujas causas obraõ, devem os Prelados castigar com severidade os subditos delinquentes, sob pena de serem por Deos asperamente castigados, n. 35. & 36. Exemplos de santos Prelados, muy severos em castigar, n. 37. Para hum Prelado, ou Bispo Regular, he grande consolaçaõ acabar a vida entre os seus Religiosos, n. 41. Exemplos de grandes Prelados, que antes da morte se retiraraõ de seus Bispados, e puzeraõ de parte os negocios delles, n. 41.

Presença de Deos.

V. *Peccado.*

Providencia.

Muytas vezes parecem conselhos de prudencia humana, o que saõ disposiçoens da Providencia divina, S. II. n. 40.

R

Rapto, ou arrobamento.

NOs raptos, ou arrobamentos, naõ sabemos de certo se a alma fica no corpo, ou se está fóra delle, S. IV. n. 37. S. Paulo expondo o seu rapto, diz que naõ sabia se tinha a alma no corpo, ou fóra delle, n. 38.

Razias.

Razias e (segundo graves Authores) tambem Saul, por fim heroyco, e louvavel, tomaraõ justamente a morte por suas maons, naõ querendo que nelles fizessem os Idolatras alguns opprobrios, e irrizoens, em desprezo, e injuria do verdadeiro Deos, S. XIII. n 32.

Redempçaõ. Redemptor.

A ingratidaõ dos homens para com Deos se faz ainda mais aggravante, por lhes haver dado o seu Unigenito á morte para os remir, naõ usando desta misericordia com os Anjos, S. XIII. n. 22. & seq. Sendo Deos taõ digno de nossa adoraçaõ, e amor, só porque he Deos; por ser tambem nosso Redemptor, nos dá razoens mais fortes, e convincentes, para o amarmos, e servirmos, n. 24. O excesso da misericordia, que Deos usou com os homens, dando-lhes o seu Unigenito Filho para Redemptor, he sufficiente para de tal sorte lhes obrigar a vontade a servi-lo, e amá-lo, que

nem lhes fique liberdade para o offender, n. 26 & ſeq. & n. 29. & ſeq. Parece que falta a fé dos myſterios da Redempçaõ em quem offende ao Redemptor, n. 31. O Judeo ſe póde eſcandalizar, e o Gentio ſe póde rir da Fé dos Catholicos, vendo que offendem a Chriſto, a quem confeſſaõ por ſeu Redemptor, n. 31.

Roſario.

He o modo mais excellente de louvar a Chriſto, e a ſua Mãy Santiſſima, S. VI. n. 1. Chriſto enſinou, e deo principio a eſte excellente modo de orar, n 2. n. 3. As vozes do Roſario penetraõ o Ceo, até chegar aos ouvidos de Deos, n. 3. S. Domingos foy o mais inſigne propagador da devoçaõ do Roſario: e o primeiro que o deſtribuio pelos myſterios de que conſta, n. 4. Porêm antes delle já na Igreja havia a devoçaõ do Roſario, ou Pſalterio Mariano: e ſegundo ſe entende, foy S. Bento o ſeu primeiro inſtituidor. Ibid. Com o titulo do Roſario celebra a Igreja tacitamente o myſterio da Coroaçaõ de Maria Santiſſima no Ceo, n. 5. n. 8. O Roſario he para a Senhora huma coroa, de que ella faz grande eſtimaçaõ, ainda que no Ceo eſteja coroada pela Santiſſima Trindade com tres coroas de mais preço, n. 9. 10. & ſeq. O meſmo Deos quer que ſua Mãy Santiſſima eſtime ſer pelos homens coroada com o Roſario. Ibid. A Senhora algumas vezes foy viſta deſcer do Ceo, a coroar-ſe pelos ſeus devotos com o Roſario, que lhe rezavaõ, n. 10. O Roſario, e ſeus myſterios ſe repreſentaõ nos tres celebres montes da Paleſtina, a ſaber: Amaná, Sanir, e Hermon, n. 12. O Eterno Padre coroou a Maria Santiſſima com a coroa do Poder, o Filho com a coroa da Sabedoria, o Eſpirito Santo com a coroa do Amor; e a Senhora dá moſtras de que mais eſtima ſer coroada com o Roſario, n. 13. He Chriſto a coroa, que offerecemos á Mãy de Deos, quando lhe rezamos o Roſario. Ibid. Chriſto Filho de Deos he a coroa do Eterno Padre, e tambem he a coroa de ſua Mãy Santiſſima. Ibid. As Ave Marias, de que ſe compõem o Roſario, ſaõ flores de que tecemos a coroa de Maria Santiſſima, e cada flor he o meſmo Chriſto, n. 14. & ſeq. Ainda que nos tres ultimos myſterios do Roſario naõ meditamos em algum myſterio de Chriſto, baſta que os primeiros doze pertencaõ a Chriſto, para que com elles dezeje ſua Mãy Santiſſima coroar-ſe, n. 16. & ſeq. A eſtes doze myſterios ajuntou Chriſto mais tres, que pertencem a ſua Mãy Santiſſima, para que eſta com os ſeus proprios myſterios tambem foſſe coroada no Roſario, n. 18. & ſeq. O Roſario tambem he

coroa

coroa para Christo; porque se quer coroar com os mysterios de sua Mãy Santissima, incluidos no Rosario, n. 21. 22. A Santissima Trindade convidava a Maria Santissima para a coroar no Ceo com o Rosario, n. 11. n. 12. n. 22. O quanto a Senhora estima a coroa do Rosario se vê dos premios com que conresponde aos seus devotos que o rezaõ, n. 23. 24. Que premios sejaõ estes, n. 24. & seq. A Cidade santa, que S. Joaõ vio bayxar do Ceo, he a Congregaçaõ de todos os devotos do Rosario, n. 26. Esta he a Cidade ditosa, em que naõ entraõ lagrimas, trabalhos, nem molestias, n. 26. & seq. Com o Rosario se extinguem todos os peccados do mundo, n. 29. & seq. Os devotos do Rosario, ainda que dispersos por todo o mundo, compõem huma só Congregaçaõ, e hum só corpo, n. 31. Confessaraõ os Demonios, que os devotos do Rosario, perseverando na devoçaõ delle, se naõ condenaõ, n. 32. O Rosario com os seus quinze mysterios se representava na escada de Jacob, com quinze degráos, n. 34. Para o Rosario agradar á Mãy de Deos, ha de ser rezado com pureza da alma, e haõ de ser meditados os seus mysterios, n. 34.

S

Sacerdotes.

AS preciosas vestiduras do Summo Sacerdote no antigo Testamento denotavaõ a pureza, que devem ter os Sacerdotes da Igreja de Christo, S. VII. n. 38. Muytas vezes he Deos injuriado, e offendido no mesmo acto do santo Sacrificio da Missa, pela indignidade dos Sacerdotes, que o celebraõ, n. 38. & seq. Estes, quanto he de sua parte, novamente crucificaõ a Christo, quando indignamente o offerecem em sacrificio, n. 39.

Sacramentos.

Cada hum dos Sacramentos da Igreja produz distincta, e diversa graça da que produzem os outros Sacramentos: e esta graça sacramental inclue alguma especialidade sobre a graça santificante, naõ sacramental, S. VIII. n. 22.

Sacramento, e Sacrificio do Altar.

O Sacramento do Altar he huma columna, ou pilar, em que se sustenta, e descansa a Igreja, S. III. n. 9 Christo o instituio, e nelle se fez de alguma sorte immenso, e de alguma sorte eterno, Ibid. Nunca ha de acabar este Sacramento; porque antes que o mundo acabe, seraõ pelos Anjos trasladadas ao Ceo todas as Hostias Con-

 secradas,

ſecradas, que eſtiverem na terra: e lá ſe conſervaráõ eternamente; n. 24. Na primeira Igreja, de Adaõ até Chriſto, naõ houve Fé do Sacramento Euchariſtico, S. VII. n. 2. Quando os Judeos ouviraõ a Chriſto, que o ſeu corpo ſeria comida, e o ſeu ſangue bebida, o tiveraõ por impoſſivel; e muitos dos Diſcipulos de Chriſto ſe eſcandalizaraõ de iſto ouvir, e ſe apartaraõ delle, Ibid. Naõ revelou Deos eſte myſterio á ſua primeira, e antiga Igreja, porque ſe naõ diſpunhaõ os filhos della com a Fé neceſſaria, para crerem taõ alto myſterio, n. 3. Varias foraõ as figuras, que deſde o principio do mundo repreſentaraõ o Sacramento Euchariſtico, mas nem por iſſo era vulgar a intelligencia deſtas figuras, n. 4. E ainda que naõ havemos duvidar, que a alguns dos grandes Patriarchas foſſe revelado taõ alto Sacramento, entre elles andava como em ſegredo, porque naõ perigaſſe a Fé nos que o ouviſſem, n. 4. A grandeza deſte Sacramẽto ſó ſe explica com admiraçoens, n. 5. O myſterio do Sacramento he mais que incomprehenſivel, e mais que infinito; porque excede a toda a admiraçaõ, n. 5. No myſterio Euchariſtico ha razaõ de Sacramento, e de Sacrificio: e em que conſiſte huma, e outra razaõ, n. 6. Deſte Sacrificio reſulta para Deos infinita honra; e deſte Sacramento reſultaõ inexplicaveis bens para os homens, n. 16. Só o Sacrificio do Altar he offerta adequada para Deos, n. 11. Nem Deos he digno de mayor honra, da que por eſte Sacrificio recebe, n. 11. & ſeq. Hum meſmo foy o Sacrificio da Cruz, e do Altar, mas com differença da parte dos miniſtros de hum, e outro Sacrificio, n. 13. Por razaõ deſta differença o Sacrificio do Altar he o mais puro, o mais ſanto, e o mais excellente, que ſe podia offerecer a Deos Ibid. Tanto que Chriſto ſe offereceo no Sacrificio do Altar, deo por conſummada a obra, para q̃ veyo ao mundo, n. 16. & ſeq.: e entaõ julgou, que Deos eſtava plenamente glorificado, n. 17. & ſeq. Do peccado de Adaõ diz a Igreja, que foy neceſſario o houveſſe, n. 20; porque ſe eſte faltara, naõ haveria o Sacrificio do Altar, de que reſulta para Deos tanta gloria, n. 20. & ſeq. Chriſto, e o Homem ſaõ huma meſma couſa por virtude do Sacramento, n. 24. Quem communga a Chriſto Sacramentado vive pela ſua vida, n. 27. & ſeq. No Sacramento nos dá Chriſto a ſua Divindade, n. 32. O Sacramento do Altar he huma extenſaõ dos myſterios da Incarnaçaõ, e Trindade, n. 33. Parece que Chriſto, por honra ſua, tanto quiz exaltar os homens (cuja natureza unio a ſi na Incarnaçaõ) que os fez huma ſó couſa comſigo, por virtude do Sacramento Euchariſtico, n. 34. & ſeq.

Eſte

Este Sacramento he o coraçaõ de Deos, n. 36. Os que naõ frequentaõ a mesa do Sacramento, naõ tem Fé dos grandes bens, de q voluntariamente se privaõ, n. 40. & seq Summa desgraça, e temeridade he receber a Christo Sacramentado sem a devida preparaçaõ, n. 45. & seq.

Saul.

Está em opinioens se Saul se salvou, ou perdeo: e graves Authores entendem se salvou, S. XIII. n. 32. Como podia entrar a reynar, sendo de hum anno? S. XI. n. 8.

Serpente.

Qual era a virtude, com que vista a Serpente do deserto, exaltada por Moysés, sarava das mordeduras, S. III. n. 38.

Sol.

O Sol foy creado em o dia que corresponde a vinte e hum de Março, e no mais alto Zenit do quarto Ceo. No mesmo dia consumma o curso do gyro, S. IV. n. 3. O Sol só na apparencia nasce, e morre, Ibid.

Soledade.

Como se póde remediar a pena, e afflicaõ de huma soledade, S. V. n. 11. & seq. Quem se afflige na soledade, sente alivio perdendo a memoria do que está ausente, n. 18. O mayor tyranno para huma alma afflicta, e solitaria he o entendimento proprio, com os discursos, e põderaçoens que faz, n. 28. Quem suspender os discursos do entendimento, achará alivio em sua afflicçaõ, e soledade, Ibid. V. *Maria Santissimn Mãy de Deos.*

T

Tempo.

A Perda do tempo he a mais sensivel, a respeito de todos os bens da natureza: e tambem, em algum sentido, mais deploravel, que a perda da Graça, S. XI. n. 1. & 2. A Magdalena, ainda depois de restituida á Graça de Christo, chorava o tempo que naõ empregou em amá-lo, Ibid Questaõ celebre entre os Filosofos: Se poderá Deos fazer que o preterito naõ seja preterito, nem tenha já passado, n. 4. O tempo, que huma vez já foy, póde novamente tornar á ser, n. 4. & seq. e porque meyo, ou porque modo, n. 6. n. 8. & 11. Varios exemplos, com que se faz perceptivel a innovaçaõ, e recuperaçaõ do tempo já passado, n. 7. Saul era de hum anno quando começou a reynar; naõ porque naõ tivesse mais annos, mas porque a innocencia da vida o restituia ao tempo da infancia, n. 8. O mesmo póde

obrar

obrar em nós a innocencia, e a contriçaõ das culpas, n. 9. 10. O Prodigo melhorando a vida, inteyramente recuperou os annos, que deo aos vicios, Ibid. Quem inultilmente deyxou paſſar o tempo, por meyo da contriçaõ, e emenda da vida, póde impetrar de Deos outro tanto tempo, e mais ainda, n. 11. Os que dilataõ a recuperaçaõ, e reſtauraçaõ do tempo perdido, mais certamente perderàõ os annos da eternidade celeſtial, do que reſtaurem os annos temporaes perdidos: e porque, n. 15. & 16. & ſeq. Só do tempo, e hora preſente podemos diſpor para recuperarmos, e reſtaurarmos o preterito que eſperdiçámos, n. 32. E ſe eſte negocio puderamos nós anticipar a eſta hora em que eſtamos, o deveramos anticipar, n. 33. & ſeq. Os que pertendem recupérar o tempo, q̃ perderaõ, naõ baſta que aproveitem o preſente, e futuro de qualquer ſorte: he preciſo que entrem a obrar tambem o que deyxaraõ de obrar no tempo que perderaõ, n. 42. & ſeq. Exemplos que aſſim o provaõ, n. 44. & ſeq. V. *Auxilios*, V. *Morte*. V. *Vida*.

S. Thereza.

Vio huma alma em peccado: e o que neſta viſta mais admirou a Santa, S. IX. n. 24.

Tobias.

Tobias, e Anna, pays de Tobias o moço, com a eſperança de que tornariaõ a ver o filho, aliviaraõ a pena da ſua auſencia, S. V. n. 30. Naõ chegando o filho no tempo, em que o eſperavaõ, choraraõ ſem remedio a perda, que ſuppunhaõ, do filho, Ibid. As lagrimas, que chorou a Mãy de Tobias, eraõ irremediaveis; mas a ſua pena, havendo lagrimas, era remediavel, 43.

V

Velhice.

ENganaõ-ſe os moços, que guardaõ o ſeu arrependimento, e reformaçaõ de vida para a velhice, S. XI. n. 25. & ſeq. Principalmente quando ninguem tem certo chegar ao dia de amanhãa, n. 26. & ſeq. E quando a velhice nos eſtivera certa, ſempre ſeria reprehenſivel reſervar, para bem viver, humas reliquias da vida, que talvez nem ſervem para viver mal, Ibid. A meſma contingencia de ſe chegar, ou naõ, aos annos da velhice, nos incita a aproveitar para a ſalvaçaõ os annos da mocidade, n. 28.

Vida.

Vida, que recusa toda a recreaçaõ, he morte, S. IV. n. 33. & seq. Para tal vida he preciza muita graça de Deos, n. 36. Das Escrituras se colhe, que o viver ajustadamente he seguro meyo para se conseguir de Deos, que mais nos dilate a vida, S. XI. n. 11. O tempo da nossa vida ordinariamente he regulado pelo merecimento das nossas obras, n. 12. A vida se abbrevia em pena de se viver mal, n. 29. Ainda que a muitos vivendo mal, se lhes dilata a vida, para seu mayor castigo, n. 31. Em todo o tempo, fallando absolutamente, se póde o peccador arrepender; mas naõ devemos duvidar, que o prazo do arrependimento naõ he igual para todos: porque a huns quer Deos esperar em mais tempo de vida, e a outros em menos, segúdo os decretos de sua incomprehensivel vôtade, n. 37. & seq. Casos notaveis acõtecidos, que assim o provaõ, n. 39. V. *Arrependimento*. V. *Tempo*.

FINIS.

71-97
R.B. Rosenthal
17 Sept., 70

FINIS.

CA730
P645v
.v.3